

O LIVRO DOS MEDIUNS

Allan Kardec



TRADUÇÃO: **Ery Lopes**

LUZ ESPÍRITA

O Livro dos Médiuns
Ou guia dos médiuns e dos evocadores

Allan Kardec (1804-1869)

Título original em francês:

Le Livre des Médiuns ou guide des médiums et des évocateurs

Originalmente publicada em 15 de janeiro de 1861

Paris, França

Tradução: **Ery Lopes**

com base na 10ª edição, 1867 - [ebook](#)

Revisão: José Nunes Pereira Sobrinho

Versão digital: 1.2

Revisado em 9 de fevereiro., 2024

São Paulo – SP, Brasil

Não nos importamos com os direitos autorais.

Esta tradução pode ser copiada e reproduzida, impressa e até comercializada, sem prévia autorização ou mesmo sem citar a fonte.

Apenas pedimos que seja mantida a fidelidade do texto.

Distribuição gratuita:

Portal Luz Espírita



www.luzespirita.org.br

O LIVRO DOS MÉDIUNS

OU
GUIA DOS MÉDIUNS E DOS EVOCADORES

Allan Kardec

Tradução:
Ery Lopes



Não nos importamos com os direitos autorais.
Esta tradução pode ser copiada e reproduzida, impressa e até comercializada,
sem prévia autorização ou mesmo sem citar a fonte.
Apenas pedimos que seja mantida a fidelidade do texto.

Nota do tradutor

A necessidade de estudar constantemente a obra de Allan Kardec, para aprender e fortalecer nossos aprendizados doutrinários espíritas — o que, aliás, constitui uma satisfação para nós — serviu de ensejo para cuidarmos desta tradução, que também é motivada pelo desejo de ofertarmos mais uma opção aos nossos confrades e demais estudiosos do Espiritismo, especialmente aqueles que não disponham da fluência na leitura em francês, cumprindo assim o papel essencial do tradutor, qual seja a de ser um facilitador.

Não se ignora a dificuldade natural no trabalho de verter para outro idioma qualquer uma obra de fôlego, tal como esta; acrescente-se aí a gravidade das implicações de uma tradução de *O Livro dos Médiuns*, posto que se trata de um livro que contém fundamentos de uma doutrina de cunho científico, filosófico e religioso, doutrina essa tão complexa quanto importante para toda a humanidade. Em face disso, não ousaríamos propor uma tradução perfeita, mas tratamos tanto quanto nos é possível de buscar a máxima fidelidade da mensagem iluminadora e consoladora contida nesta obra monumental.

A revisão desta tradução é contínua, portanto, correções e sugestões de melhorias são bem-vindas. Por conseguinte, solicitamos que o leitor consulte periodicamente a existência de uma edição mais atualizada.

É então ciente desta responsabilidade que este trabalho vem para contribuir com a propagação desta doutrina que abraçamos com amor.

Ery Lopes

Observação: as notas de rodapé de autoria do tradutor estão sinalizadas no final com a inscrição “N. T.”; as demais, sem sinalização, correspondem à tradução das notas de Allan Kardec contidas na obra original.

Apresentação da obra

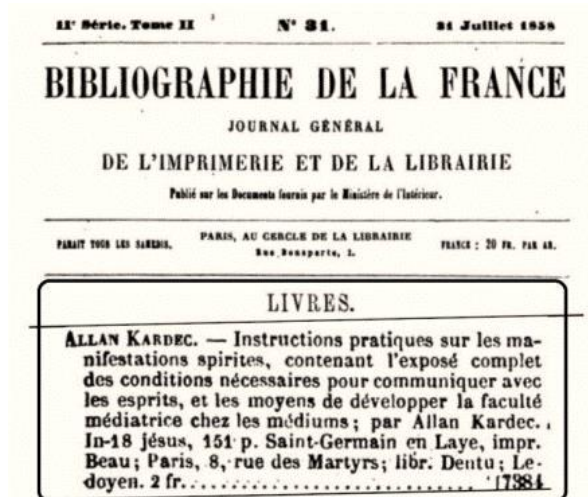
Os caminhos até a edição definitiva de *O Livro dos Médiuns* ou *Guia dos médiuns e dos evocadores*

Introdução

Após 160 anos de seu lançamento, *O Livro dos Médiuns* é o mais importante guia de estudos para a compreensão e entendimento dos fenômenos mediúnicos. Obra que desenvolve e aprofunda os ensinamentos constantes da Parte Segunda de *O Livro dos Espíritos: Do mundo espírita ou mundo dos Espíritos*, teve um caminho de muito amadurecimento até a publicação de sua edição definitiva. Vamos apresentar a trajetória até o lançamento do livro com os textos que conhecemos atualmente, mostrando algumas curiosidades e fatos.

Instrução Prática sobre as Manifestações Espíritas

Após o lançamento de *O Livro dos Espíritos* em 18 de abril de 1857 e da *Revista Espírita* em janeiro de 1858, Allan Kardec publica, em julho de 1858, a obra intitulada *Instruction Pratique sur les Manifestations Spiritiques* ou *Instrução Prática sobre as Manifestações Espíritas*, conforme informado no jornal especializado de obras publicadas na França: *Bibliographie de la France - Journal Général de l'Imprimerie et de la Librairie* de 31 de julho de 1858 [1]. A curiosidade que merece destaque nesta publicação do jornal se refere ao nome da obra como sendo: *Instructions Pratiques sur les Manifestations Spiritiques* (Figura ao lado).

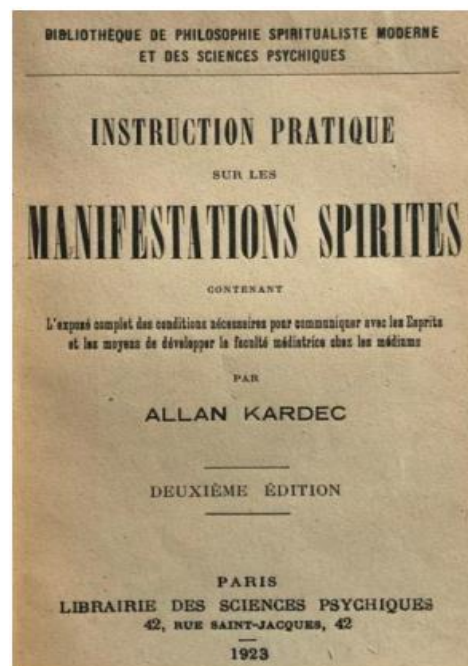
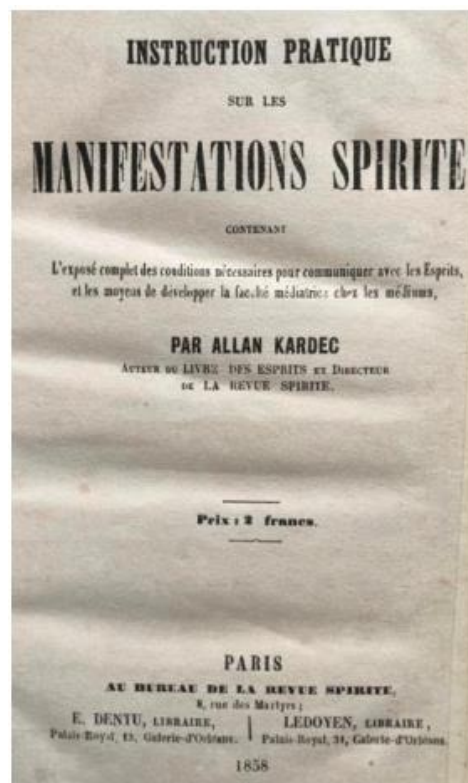


Na *Revista Espírita* de junho de 1858, no artigo “O Espírito Batedor de Bergzabern” [2, p. 241], encontramos a menção de Kardec sobre uma obra que seria lançada no mês subsequente. No final das edições originais em francês de junho a setembro e de novembro e dezembro de 1858 da *Revista Espírita* que circularam para os seus assinantes, encontramos páginas extras com a propaganda do lançamento do livro *Instrução Prática sobre as Manifestações Espíritas* [3].

Durante o ano de 1858, encontramos vários artigos que mencionam o conteúdo de textos com ensinamentos existentes nesta nova obra: no número de julho, no artigo “Espíritos Impostores - O falso padre Ambrósio” [2, p. 298]; em agosto, no artigo “Contradições na Linguagem dos Espíritos” [2, p. 332] e em dezembro, no artigo “Variedades” [2, p. 524].

Segundo a descrição de Kardec, a obra *Instrução Prática* publicada com 146 páginas (Imagem à direita) é uma exposição completa sobre as condições necessárias à comunicação com os Espíritos e os meios de desenvolver nos médiuns a faculdade mediúmica. Jean Meyer, um dos pioneiros do Espiritismo, quando assumiu a direção da *Revista Espírita* nos anos 20 do século passado, publicou a segunda edição desta obra em 1923 (Figura ao lado).

Este livreto seria uma versão preliminar do que viria a ser o *Livro dos Médiuns*, lançado em 1861. Composto de onze capítulos dedicados aos estudiosos do fenômeno mediúmico, a obra foi redigida às pessoas que solicitavam de Kardec indicações precisas sobre as condições necessárias a serem preenchidas, com instruções que a conduzissem a serem médiuns. A obra é composta



de uma Introdução (páginas 1 a 4); um Vocabulário Espírita (páginas 5 a 49) — com cerca de 160 verbetes abordando o vocabulário utilizado por Kardec; um Quadro Sinóptico (página 50) — contendo tópicos de uma forma sintética sobre a Nomenclatura Espírita Especial com onze capítulos (páginas 54 a 146).

Na introdução desta obra, Kardec escreve que as manifestações espíritas são originárias de uma multidão de ideias novas que não puderam encontrar representação na linguagem usual e, por este motivo, têm sido expressas por analogia, como acontece no início de toda ciência. Para evitar a ambiguidade dos vocábulos, efetuou em primeiro lugar o inventário de todas as palavras que se referem, direta ou indiretamente, à doutrina espírita, oferecendo, a respeito delas, explicações sucintas e suficientes para fixar e colocar em ordem essas ideias novas e ainda confusas. Informa que, para compreender uma ciência, é preciso, em primeiro lugar, compreender-lhe a terminologia; eis a primeira coisa que o mestre recomendou àqueles que desejam realizar um estudo sério do Espiritismo, além da leitura obrigatória de *O Livro dos Espíritos* e da *Revista Espírita*. *Instrução Prática sobre as Manifestações Espíritas* é, portanto, um dos mais importantes documentos históricos que marcam o início do movimento espírita, trazendo também o vocabulário espírita que é de grande utilidade como fonte de consulta para a compressão e estudo de toda a codificação.

O que é o Espiritismo? e O Livro dos Espíritos com cinco partes

Entre julho e agosto de 1859, é lançada a obra *Qu'est-ce que le Spiritisme* ou *O que é o Espiritismo* [5]. Na *Revista Espírita* de julho de 1859 encontramos o anúncio de seu lançamento. Segundo Kardec, o livro seria a introdução ao conhecimento do mundo invisível, pelas manifestações dos espíritos, contendo o resumo dos princípios da Doutrina Espírita e respostas às principais objeções que pudessem ser apresentadas. A curiosidade constante deste livro aparece nas páginas 97 a 100, onde encontramos o anúncio de uma nova edição de *O Livro dos Espíritos* — não mais formado por três partes como na 1ª edição de 1857, mas por cinco partes. O quinto livro desta nova edição de *O Livro dos Espíritos* era intitulado “Manifestação dos Espíritos” e

trazia oito capítulos que tratariam de diversos assuntos relativos à mediunidade, dentre eles: as diferentes naturezas de manifestações dos Espíritos; os diferentes modos de comunicação; os médiuns; as evocações etc. Em resumo, este capítulo trazia ensinamentos já abordados na obra *Instrução Prática sobre as Manifestações Espíritas*, mostrando que Kardec pretendia integrar estes ensinamentos em uma edição mais robusta de *O Livro dos Espíritos*.

Este mesmo anúncio sobre *O Livro dos Espíritos* — contendo cinco partes ou cinco livros — constou na segunda edição da obra *O que é o Espiritismo* lançada em 1860 [5].

Por algum motivo, ainda desconhecido, Allan Kardec mudou de ideia e lançou a segunda edição de *O Livro dos Espíritos* em março de 1860 contendo apenas quatro partes, como hoje as conhecemos. O conteúdo da quinta parte, ou o chamado quinto livro, passou a integrar uma obra lançada apenas em 1861, que seria chamada de *O Livro dos Médiuns*.

Encontramos na *Revista Espírita* de fevereiro de 1860, no artigo “Os Espíritos Glóbulos” [6, p. 71], uma curiosa informação quando Kardec escreve sobre a teoria das visões e das aparições. O mestre informa que essa teoria era perfeitamente conhecida e que já a havia desenvolvido em vários artigos, especialmente nos números da revista de dezembro de 1858, fevereiro e agosto de 1859, e no *O Livro dos Médiuns*, ou *Espiritismo Experimental*. Temos aqui a menção à obra que só seria lançada em 1861 e com um nome diferente, mostrando que Kardec já a estava escrevendo e tinha plano de lançá-la brevemente.

No número da revista de julho de 1860, em Bibliografia, Kardec anuncia a continuação de *O Livro dos Espíritos* através de uma obra que teria o título de *Espiritismo Experimental*, e que este deveria ter sido publicado em abril [6, p. 332]. Na *Revista Espírita* de agosto daquele ano encontramos a informação de que a obra *Instrução Prática sobre as Manifestações Espíritas* estava inteiramente esgotada e não seria reimpressa, e que ocorreria a substituição por um novo trabalho — que naquele momento estaria no prelo — que seria muito mais completo e que iria seguir um outro plano [6, p. 379]. No número de novembro da revista, encontramos novamente um aviso aos leitores que a

referida obra estava esgotada e seria substituída por outra, bem mais completa, sob o título de *Espiritismo Experimental*, que já se encontrava no prelo e iria aparecer no mês de dezembro daquele ano [6, p. 524].

O Livro dos Médiuns ou Guia dos médiuns e dos evocadores

O título deste livro, que originalmente seria *Espiritismo Experimental*, foi alterado para *O Livro dos Médiuns ou Guia dos médiuns e dos evocadores*. O trabalho foi retardado por algumas circunstâncias independentes da vontade de Kardec e, sobretudo, pela maior importância que ele julgava dever lhe dar. Apesar dos vários anúncios na *Revista Espírita*, a obra foi lançada apenas em janeiro de 1861, conforme a *Bibliographie de la France - Journal Général de l'Imprimerie et de la Librairie* de 19 de janeiro de 1861 [7].

Assim foi anunciada a chegada da nova obra de Allan Kardec na *Revista Espírita* de janeiro de 1861 [9, p. 22]:

“*O Livro dos Médiuns* - Anunciada há muito tempo, mas com a publicação retardada em virtude de sua própria importância, esta obra aparecerá entre os dias 5 e 10 de janeiro, na livraria do Sr. Didier, nosso editor, localizada no Quai des Augustins, 351. Representa o complemento de *O Livro dos Espíritos* e encerra a parte experimental do Espiritismo, assim como este último contém a parte filosófica.”

Segundo descrição de Kardec, a obra contém o ensino especial dos Espíritos sobre a teoria de todos os gêneros de manifestações, os meios de comunicação com o mundo invisível, o desenvolvimento da mediunidade, as dificuldades e os escolhos que se podem encontrar na prática do Espiritismo, em seguimento do *Livro dos Espíritos*. Lançado por Didier et Cie, Libraires-Éditeurs – 35, Quai des Augustins – e comercializado na Ledoyen, Libraire, Galerie d'Orléans, 31, no Palais-Royal, e no escritório da *Revista Espírita* – 59, rue et passage Sainte-Anne. O livro foi impresso com 494 páginas, no tamanho in-12 pela Imprimerie de P.A. Bourdier et Ce., 30, rue Mazarino, Paris [8]. Esta primeira edição é composta da seguinte divisão: Introdução; seis capítulos na Primeira Parte, sendo que o primeiro capítulo é composto do Vocabulário Espírita, com o detalhamento de cerca de 200 vocábulos com suas respectivas

definições; e vinte e oito capítulos na Segunda Parte.

Após esta edição, Kardec deixou de publicar o livreto *Instruction Pratique sur les Manifestations Spiritiques*, lançado em 1858.

O sucesso do lançamento desta obra parece ter sido muito grande, pois, na *Revista Espírita* de março de 1861 [9, p. 116], Kardec informa que estava pensando em preparar uma nova edição de *O Livro dos Médiuns*, e que o mesmo já havia sido requisitado na Rússia, na Alemanha, na Itália, na Inglaterra, na Espanha, nos Estados Unidos, no México, no Brasil, entre outros lugares. Em novembro de 1861 [9, p. 517], é dada a informação que a primeira edição havia se esgotado em poucos meses e é anunciada a segunda edição muito mais completa, com numerosas e importantes instruções e vários capítulos novos. No mês de dezembro de 1861 [9, p. 528], Kardec informa que a segunda edição de *O Livro dos Médiuns* contém observações importantes sobre a formação das sociedades espíritas. Uma curiosidade é que a segunda edição, apesar de ter sido anunciada na *Revista Espírita* de novembro de 1861, apresenta o ano de 1862 na sua capa [8], com as seguintes observações: *Revue et Corrigée avec le concours des Esprits, et Augmentée d'un grand nombre d'instructions nouvelles — Revista e corrigida com a concordância dos Espíritos, e aumentada de um grande número de novas instruções.*

A segunda edição — tida como a edição definitiva — foi impressa também no formato in-12, agora contendo 510 páginas. Kardec informa que toda a parte que concerne mais especialmente aos médiuns, à identidade dos Espíritos, à obsessão, às questões que podem ser dirigidas aos Espíritos, às contradições, aos meios de discernir os Espíritos bons dos maus, à formação de reuniões espíritas, às fraudes em matéria de Espiritismo, recebeu notáveis desenvolvimentos que foram frutos da experiência. No capítulo das dissertações espíritas foram adicionadas várias comunicações apócrifas, acompanhadas de observações pertinentes, de modo a facultar os meios de descobrir o embuste dos Espíritos enganadores, que se apresentam com falsos nomes. O mestre escreve que os Espíritos revisaram a obra inteiramente e trouxeram numerosas observações do mais alto interesse.

A segunda edição é composta de: uma Introdução; uma Primeira Parte

de Noções Preliminares — contendo quatro capítulos; e uma Segunda Parte de Manifestações Espíritas — contendo trinta e dois capítulos. O Vocabulário Espírita passou a constar do último capítulo — XXXII — contendo três páginas e com apenas vinte e cinco vocábulos e definições [8]. A terceira e a quarta edição de *O Livro dos Médiuns*, também foram publicadas em 1862 [8], mostrando o grande sucesso desta obra.

Conclusão

Como podemos constatar, a trajetória percorrida até a elaboração definitiva de uma das obras mais importantes da codificação espírita, contendo os fundamentos necessários para os estudos que auxiliam na compreensão das faculdades e fenômenos mediúnicos, ocorreu de uma forma gradativa e com mudanças de pensamento sobre sua estruturação por parte de seu autor. Após a publicação da primeira versão de *Instrução Prática*, que podemos afirmar ter sido um embrião do que viria a ser a obra final, Kardec inicialmente pensou em uma versão mais completa para *O Livro dos Espíritos* (com cinco partes), que contivesse também as instruções e um guia para os estudiosos da mediunidade. Mudou de ideia e lançou a segunda edição de *O Livro dos Espíritos* com quatro partes.

Sobre o quinto livro (ou quinta parte) — com o título de “Manifestação dos Espíritos” — que como vimos iria inicialmente integrar a versão robusta de *O Livro dos Espíritos*, Kardec decide utilizar estes ensinamentos e lançar outra obra em separado, que inicialmente estava recebendo o título de *O Livro dos Médiuns* ou *Espiritismo Experimental*. O título oficial acabou sendo alterado e passando a: *O Livro dos Médiuns ou Guia dos médiuns e dos evocadores*.

A primeira edição em português dessa obra é datada de 1875 e foi traduzida a partir da 12ª edição francesa por Joaquim Carlos Travassos, que adotou o pseudônimo de Fortúnio, e foi publicada por intermédio da Editora B. L. Garnier [10].

Fica para reflexão o ensinamento que Kardec nos deixou na introdução de sua obra inaugural de 1858, que culminou em 1862 como a publicação do maior tratado já escrito sobre os fenômenos e os estudos envolvendo a

mediunidade:

“As regras da poesia, da pintura e da música não fazem poetas, nem pintores, nem músicos daqueles que não possuem vocação; elas guiam no emprego das faculdades naturais. O mesmo se dá relativamente ao nosso trabalho. Seu objetivo é indicar os meios de desenvolver a faculdade mediúnica tanto quanto o permitam as disposições de cada pessoa e, sobretudo, quando essa faculdade existe, orientar o seu emprego de maneira útil.”

Adair Ribeiro Jr.

Referências:

[1] *Bibliographie de la France - Journal Général de l'Imprimerie et de la Librairie*, disponível em: https://books.google.com.br/books?id=f_9cOzII8jQC&pg=PA0&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false. Acesso em 22/06/2021.

[2] KARDEC, Allan. *Revista Espírita Jornal de Estudos Psicológicos*, ano primeiro - 1858, FEB, tradução de Evandro Noletto Bezerra.

[3] KARDEC, Allan. *Revue Spirite* de 1858 – pertencente ao acervo do museu AKOL – AllanKardec.online.

[4] KARDEC, Allan. *Instruction Pratique sur les Manifestations Spiritiques* – Obras que fazem parte do acervo do museu AKOL – AllanKardec.online. Para download: <https://www.allankardec.online/search?q=instru%C3%A7%C3%B5es;>

[5] KARDEC, Allan. *Qu'est-ce que le Spiritisme - O que é o Espiritismo*, 1ª edição de 1859 e 2ª edição de 1860 fazem parte do acervo do museu AKOL – AllanKardec.online.

[6] KARDEC, Allan. *Revista Espírita Jornal de Estudos Psicológicos*, ano primeiro - 1860, FEB, tradução de Evandro Noletto Bezerra.

[7] *Bibliographie de la France - Journal Général de l'Imprimerie et de la Librairie*. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=QRcDAAAAYAAJ&pg=PA0&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false, Acesso em 22/06/2021.

[8] KARDEC, Allan. *Le Livre des Médiuns* 1ª edição de 1861; 2ª edição de 1862; 3ª edição de 1862 e 4ª edição de 1862 fazem parte do acervo do museu AKOL – AllanKardec.online.

[9] KARDEC, Allan. *Revista Espírita Jornal de Estudos Psicológicos*, ano primeiro - 1861, FEB, tradução de Evandro Noletto Bezerra.

[10] *Tradutores históricos de O livro dos espíritos* – Antonio Cesar Perri de Carvalho, disponível em <https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=revreform&pagfis=47327>, Acesso em 22/06/2021.



Allan Kardec
(1804-1869)

SPIRITISME EXPÉRIMENTAL

LE LIVRE
DES MÉDIUMS

OU

GUIDE DES MÉDIUMS ET DES ÉVOCATEURS

CONTENANT

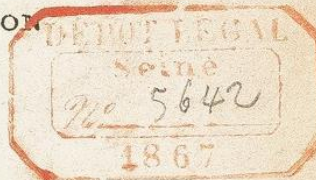
L'ENSEIGNEMENT SPÉCIAL DES ESPRITS SUR LA THÉORIE DE TOUS LES GENRES
DE MANIFESTATIONS, LES MOYENS DE COMMUNIQUER AVEC LE MONDE
INVISIBLE, LE DÉVELOPPEMENT DE LA MÉDIUMNITÉ, LES
DIFFICULTÉS ET LES ÉCUEILS QUE L'ON PEUT REN-
CONTREER DANS LA PRATIQUE DU SPIRITISME.

POUR FAIRE SUITE AU

Livre des Esprits

PAR ALLAN KARDEC

DIXIÈME ÉDITION



PARIS

DIDIER ET C^{ie}, LIBRAIRES-ÉDITEURS

35, QUAI DES AUGUSTINS

FRÉD. HENRI, DENTU, libraires, au Palais-Royal

CHEZ TOUS LES LIBRAIRES DES DÉPARTEMENTS

Et au bureau de la REVUE SPIRITE, 59, rue et passage Sainte-Anne

1867

Réserve de tous droits

Folha de rosto da 10^a edição francesa, de 1867, obra-base desta tradução
Ebook disponível no portal [Gallica](#)

ESPIRITISMO EXPERIMENTAL

O LIVRO DOS MÉDIUNS

OU

GUIA DOS MÉDIUNS E DOS EVOCADORES

CONTENDO

O ENSINAMENTO ESPECIAL DOS ESPÍRITOS SOBRE A TEORIA DE TODOS OS GÊNEROS
DE MANIFESTAÇÕES, OS MEIOS DE SE COMUNICAR COM O MUNDO INVISÍVEL,
O DESENVOLVIMENTO DA MEDIUNIDADE,
AS DIFICULDADES E OS PERIGOS QUE SE PODE ENCONTRAR NA PRÁTICA DO ESPIRITISMO

EM SEGUIMENTO A

O Livro dos Espíritos

POR **ALLAN KARDEC**

DÉCIMA EDIÇÃO

PARIS, 1867

Índice

INTRODUÇÃO – pág. 20

PRIMEIRA PARTE NOÇÕES PRELIMINARES

I – HÁ ESPÍRITOS? – pág. 25

II – O MARAVILHOSO E O SOBRENATURAL – pág. 31

III – MÉTODO – pág. 42

Maneira de se proceder com os materialistas; materialistas sistemáticos e materialistas por falta de coisa melhor — Incrédulos por ignorância, por má vontade, por interesse e má-fé, por pusilanimidade, por escrúpulos religiosos, por decepções — Três classes de espíritas: espíritas experimentadores, espíritas imperfeitos, espíritas cristãos ou verdadeiros espíritas — Ordem nos estudos espíritas

IV – SISTEMAS – pág. 54

Exame dos diferentes modos de encarar o espiritismo — Sistemas de negação: charlatanismo, loucura, alucinação, músculo estalante, causas físicas, reflexo — Sistemas afirmativos: teoria da alma coletiva; *idem* sonambúlico, pessimista, diabólico ou demoníaco, otimista, uniespírita ou monoespírita, multiespírita ou poliespírita; teoria da alma material

SEGUNDA PARTE MANIFESTAÇÕES ESPÍRITAS

I – AÇÃO DOS ESPÍRITOS SOBRE A MATÉRIA – pág. 73

II – MANIFESTAÇÕES FÍSICAS – MESAS GIRANTES – pág. 79

III – MANIFESTAÇÕES INTELIGENTES – pág. 83

IV – **TEORIA DAS MANIFESTAÇÕES FÍSICAS** – pág. 87

Movimentos e suspensões – Ruídos – Aumento e diminuição do peso dos corpos

V – **MANIFESTAÇÕES FÍSICAS ESPONTÂNEAS** – pág. 100

Ruídos, barulhos e perturbações – Objetos arremessados – Fenômeno de transporte

VI – **MANIFESTAÇÕES VISUAIS** – pág. 122

Questões sobre as aparições – Ensaio teórico sobre as aparições – Espíritos glóbulos – Teoria da alucinação

VII – **BICORPOREIDADE E TRANSFIGURAÇÃO** – pág. 142

Aparições de Espíritos de pessoas vivas – Homens duplos – Santo Afonso de Ligório e Santo Antônio de Pádua – Vespasiano – Transfiguração – Invisibilidade

VIII – **LABORATÓRIO DO MUNDO INVISÍVEL** – pág. 151

Vestuário dos Espíritos – Formação espontânea de objetos tangíveis – Modificação das propriedades da matéria – Ação magnética curadora

IX – **LUGARES ASSOMBRADOS** – pág. 159

X – **NATUREZA DAS COMUNICAÇÕES** – pág. 165

Comunicações grosseiras, frívolas, sérias ou instrutivas

XI – **SEMATOLOGIA E TIPTOLOGIA** – pág. 169

Linguagem dos sinais e das batidas – Tiptologia alfabética

XII – **PNEUMATOLOGIA OU ESCRITA DIRETA – PNEUMATOFONIA** – pág. 175

XIII – **PSICOGRAFIA** – pág. 181

Psicografia indireta: cestas e pranchetas – Psicografia direta ou manual

XIV – **OS MÉDIUNS** – pág. 186

Médiuns de efeitos físicos – Pessoas elétricas – Médiuns sensitivos, ou impressionáveis – Médiuns audientes – Médiuns falantes – Médiuns videntes – Médiuns sonambúlicos – Médiuns curadores – Médiuns pneumatógrafos

XV – **MÉDIUNS ESCRITORES OU PSICÓGRAFOS** – pág. 201

Médiuns mecânicos; intuitivos; semimecânicos; inspirados ou involuntários; de pressentimentos

XVI – **MÉDIUNS ESPECIAIS** – pág. 207

Aptidões especiais dos médiuns – Quadro resumido dos diferentes tipos de médiuns

XVII – FORMAÇÃO DES MÉDIUNS – pág. 225

Desenvolvimento da mediunidade – Mudança de caligrafia. – Perda e suspensão da mediunidade

XVIII – INCONVENIENTES E PERIGOS DA MEDIUNIDADE – pág. 241

Influência do exercício da mediunidade sobre a saúde – *Idem* sobre o cérebro – *Idem* sobre as crianças

XIX – PAPEL DOS MÉDIUNS NAS COMUNICAÇÕES ESPÍRITAS – pág. 244

Influência do próprio Espírito do médium – Teoria dos médiuns inertes – Aptidão de certos médiuns para coisas que eles não conhecem: línguas, música, desenho etc. – Dissertação de um Espírito sobre o papel dos médiuns

XX – INFLUÊNCIA MORAL DO MÉDIUM – pág. 258

Questões diversas – Dissertações de um Espírito sobre a influência moral

XXI – INFLUÊNCIA DO MEIO – pág. 268

XXII – MEDIANIMIDADE NOS ANIMAIS – pág. 271

XXIII – OBSESSÃO – pág. 278

Obsessão simples – Fascinação – Subjugação – Causas da obsessão – Meios de combatê-la

XXIV – IDENTIDADE DOS ESPÍRITOS – pág. 294

Provas possíveis de identidade – Distinção dos bons e dos maus Espíritos – Questões sobre a natureza e identidade dos Espíritos

XXV – EVOCAÇÕES – pág. 314

Considerações gerais – Espíritos que podemos evocar – Linguagem a ser usada com os Espíritos – Utilidade das evocações particulares – Questões sobre evocações – Evocações de animais – Evocações de pessoas vivas – Telegrafia humana

XXVI – PERGUNTAS QUE PODEMOS FAZER AOS ESPÍRITOS – pág. 341

Observações preliminares – Perguntas simpáticas ou antipáticas aos Espíritos – Questões sobre o futuro – Questões sobre as existências passadas e futuras – Questões sobre interesses morais e materiais – Questões sobre o destino dos Espíritos – Questões sobre saúde – Questões sobre invenções e descobertas – Questões sobre tesouros escondidos – Questões sobre outros mundos

XXVII – CONTRADIÇÕES E MISTIFICAÇÕES – pág. 358

XXVIII – CHARLATANISMO E EMBUSTE – pág. 369

Médiuns interesseiros – Fraudes espíritas

XXIX – REUNIÕES E SOCIEDADES ESPÍRITAS – pág. 381

Reuniões em geral – Sociedades propriamente ditas – Assuntos para estudos – Rivalidades entre as sociedades

XXX – REGULAMENTO DA SOCIEDADE PARISIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS – pág. 401

XXXI – DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS – pág. 411

XXXII – VOCABULÁRIO ESPÍRITA – pág. 441

INTRODUÇÃO

A experiência confirma todos os dias a nossa opinião de que as dificuldades e os desapontamentos que se encontram na prática do espiritismo têm sua fonte na ignorância dos princípios desta ciência, e nós estamos mesmo felizes por termos podido constatar que o trabalho que temos feito para precaver os adeptos contra os perigos de um noviciado produziu seus frutos e que muitas pessoas devem à leitura dessa obra o fato de terem conseguido evitar tais escolhos.

Um desejo muito natural, entre os que se ocupam com o espiritismo, é o de poder entrar em comunicação com os Espíritos; é para lhes aplainar o caminho que esta obra está destinada, fazendo-os tirar proveito do fruto dos nossos longos e laboriosos estudos, pois disso faria uma ideia muito falsa se alguém pensasse que, para ser especialista nessa matéria, bastasse saber colocar os dedos sobre uma mesa para fazê-la se mover, ou pegar um lápis para escrever.

Igualmente se enganaria quem pensasse em encontrar nesta obra uma receita universal e infalível para formar médiuns. Se bem que cada pessoa tenha em si mesma os germes das qualidades necessárias para se tornar um médium, essas qualidades existem em graus muito diferentes, e o seu desenvolvimento se deve a determinadas causas que não depende da vontade da pessoa fazê-las brotar. As regras da poesia, da pintura e da música não tornam nem poetas, nem pintores, nem músicos aqueles que não têm o talento para essas artes: as regras apenas orientam a aplicação das capacidades naturais. É o mesmo que ocorre com o nosso trabalho; seu objetivo consiste em indicar os meios de desenvolver a aptidão medianímica tanto quanto as disposições de cada um assim o permitam, e sobretudo

direcionar sua aplicação de uma maneira útil — desde que a faculdade exista. Mas este não é o único objetivo ao qual nos propusemos.

Ao lado dos médiuns propriamente ditos, há uma multidão que cresce a cada dia de pessoas que se ocupam com as manifestações espíritas; guiá-las nas suas observações, apontar-lhes os obstáculos que elas podem e hão de necessariamente encontrar numa coisa nova, iniciá-las na maneira de dialogar com os Espíritos, indicar-lhes os meios de conseguirem boas comunicações, tal é o círculo que temos de abranger, para não correremos o risco de fazer um trabalho incompleto. Então, que ninguém fique surpreso ao encontrar no nosso trabalho ensinamentos que à primeira vista possam lhes parecer estranhos: a experiência mostrará a utilidade desses ensinamentos. Quem tiver estudado esta obra cuidadosamente compreenderá melhor os fatos de que serão testemunhas; a linguagem de certos Espíritos parecerá menos estranha. Como instrução prática, a nossa obra então não se destina exclusivamente aos médiuns, mas a todos os que também possam ver e observar os fenômenos espíritas.

Algumas pessoas gostariam que publicássemos um manual prático muito sucinto, contendo em poucas palavras a indicação de procedimentos a serem seguidos para entrar em comunicação com os Espíritos; pensam eles que um livro pequeno desse tipo — podendo, por um preço modesto, ser difundido amplamente — seria um poderoso meio de propaganda, multiplicado os médiuns. Quanto a nós, consideraríamos tal obra mais prejudicial do que útil, ao menos por enquanto. A prática do espiritismo está rodeada de muitas dificuldades e nem sempre livre de inconvenientes, que só um estudo sério e completo pode prevenir. Portanto, seria de se temer que uma indicação muito resumida provocasse experiências feitas com pressa e das quais alguém poderia ter do que se arrepender. Estas são coisas com as quais não é *conveniente* nem prudente brincar, e nós acreditamos que prestaríamos um mau serviço colocando-as à disposição do primeiro insensato que achasse agradável conversar com os mortos. Endereçamo-nos às pessoas que enxergam no espiritismo um propósito sério, que compreendem toda a gravidade dele, e não fazem de passatempo as comunicações com o mundo invisível.

Publicamos uma ***Instrução prática*** com o objetivo de guiar os médiuns; essa obra já está esgotada e, embora a tenhamos feito com uma finalidade eminentemente grave e séria, não a reimprimiremos mais, porque ainda não a consideramos completa o bastante para esclarecer todas as dificuldades que possam ser encontradas a respeito. Nós a substituímos por esta, na qual reunimos todas as informações que uma longa experiência e um estudo consciencioso nos permitiram adquirir. Ela contribuirá — pelo menos assim o esperamos — para dar ao espiritismo o caráter sério, que é a sua essência, e para evitar que o vejam como objeto de ocupação fútil e de divertimento.

A essas considerações ainda acrescentamos outra muito importante, que é a má impressão que produz nas pessoas novatas ou despreparadas a visão de experiências feitas levemente e sem conhecimento de causa; elas apresentam o inconveniente de dar uma ideia muito falsa do mundo dos Espíritos e favorecer ensejo à zombaria e a uma crítica às vezes fundamentada. Eis por que os incrédulos raramente saem dessas reuniões convertidos e pouco dispostos a reconhecer alguma coisa séria no espiritismo. A ignorância e a leviandade de determinados médiuns têm feito mais mal do que se pensa, conforme a opinião de muita gente.

O espiritismo tem realizado grandes progressos nos últimos anos, mas sobretudo ele faz progressos ainda maiores depois que entrou na via filosófica, porque passou a ser apreciado por pessoas instruídas. Hoje, já não é um espetáculo: é uma doutrina de que não mais riem os que zombavam das mesas girantes. Esforçando-nos para levá-lo e mantê-lo nesse terreno, temos a convicção de que lhe conquistamos mais adeptos úteis do que provocando a torto e a direito manifestações de que se poderia abusar. Temos prova disso todos os dias pelo número dos adeptos resultantes apenas da leitura de ***O Livro dos Espíritos***.

Após termos exposto em ***O Livro dos Espíritos*** a parte filosófica da ciência espírita, damos nesta obra a parte prática, para uso das pessoas que queiram se ocupar com as manifestações — seja por elas mesmas, seja para se inteirarem dos fenômenos que sejam chamadas a testemunhar. Aí verão os obstáculos que poderão encontrar e assim terão um meio de evitá-los. Estas duas obras — conquanto uma seja a sequência da outra — são até um certo

ponto independentes uma da outra, mas a quem queira se ocupar seriamente do assunto, diremos que leia primeiramente ***O Livro dos Espíritos***, porque ele contém os princípios fundamentais, sem os quais talvez algumas partes deste livro aqui fiquem dificilmente compreensíveis.

Melhorias relevantes foram feitas nesta segunda edição, que é muito mais completa do que a primeira. Ela foi corrigida com um cuidado todo particular pelos Espíritos que lhe aditaram um número muito grande de notas e de instruções do mais alto interesse. Como eles revisaram tudo, aprovando ou modificando à sua vontade, podemos dizer que ela é em grande parte obra deles, pois sua intervenção não se limitou a alguns artigos assinados; nós indicamos os nomes somente quando isso nos pareceu necessário, para caracterizar algumas citações um tanto extensas, como emanadas deles textualmente. De outra forma, teríamos que citá-los quase que a cada página, especialmente em todas as respostas dadas às perguntas propostas — o que não nos pareceu útil. Como se sabe, os nomes pouco importam em tais assuntos; o essencial é que o conjunto do trabalho corresponda ao objetivo que nos propusemos. O acolhimento dado à primeira edição, ainda que imperfeita, faz-nos esperar que esta aqui não seja vista com menos apreço.

Como lhe acrescentamos bastante coisas, e vários capítulos inteiros, suprimimos alguns artigos que teriam dupla aplicação, dentre os quais a Escala espírita, que já se encontra em ***O Livro dos Espíritos***. Também suprimimos do ***Vocabulário*** o que não entrava especificamente no quadro desta obra, e que foi providencialmente substituído por coisas mais práticas. Esse vocabulário, aliás, não era suficientemente completo; nós o publicaremos mais tarde, em separado, sob o formato de um pequeno dicionário de filosofia espírita. Conservamos nesta edição somente as palavras novas ou especiais relativas ao assunto com o qual nos ocupamos.¹

¹ Pelo que nos consta, essa prometida edição especial do *Vocabulário Espírita* não chegou a ser publicada por Allan Kardec. — Nota do Tradutor (doravante: N. T.).

PRIMEIRA PARTE

**NOÇÕES
PRELIMINARES**

CAPÍTULO PRIMEIRO

HÁ ESPÍRITOS?

1. A dúvida com relação à existência dos Espíritos tem como causa principal a ignorância quanto à verdadeira natureza deles. Geralmente, imagina-se que eles sejam seres à parte na criação e cuja necessidade não foi demonstrada. Muitas pessoas não os conhecem senão pelos contos fantásticos com que foram acalentadas, tal como conhecemos a História através dos romances; sem verificar se esses contos — livres dos enfeites ridículos — estariam fundamentados em alguma verdade, unicamente o lado absurdo toca-as; não se dando ao trabalho de retirar a casca amarga para descobrir a amêndoa, elas rejeitam todo o conjunto, como fazem na religião aquele que, chocados por certos abusos, misturam tudo na mesma reprovação.

Qualquer que seja a ideia que se faça dos Espíritos, essa crença é necessariamente fundada na existência de um princípio inteligente além da matéria; ela é incompatível com a negação absoluta deste princípio. Por isso, tomamos como nosso ponto de partida a existência, a sobrevivência e a individualidade da alma, da qual o *espiritualismo* é a demonstração teórica e dogmática, e o *espiritismo* é a demonstração patente. Esqueçamos por um momento as manifestações propriamente ditas e, raciocinando por indução, vejamos a quais consequências chegaremos.

2. Desde que se admita a existência da alma e sua individualidade após a morte, é preciso admitir também que: 1º) que ela é de uma natureza diferente da do corpo, porque, uma vez separada, ela deixa de ter as propriedades deste; 2º) que ela tem consciência de si mesma, pois lhe é atribuída alegria ou sofrimento, caso contrário seria um ser inerte, e seria melhor para nós não o

possuirmos. Admitido isso, essa alma vai para alguma parte; o que será dela e para onde ela vai? Segundo a crença comum ela vai para o céu ou para o inferno; mas, onde ficam o céu e o inferno? Dizia-se outrora que o céu era em cima e o inferno embaixo; porém, o que são o alto e o baixo no Universo, visto que conhecemos a forma arredondada da Terra, o movimento dos astros que faz com que aquilo que é o topo em certo instante torne-se a base doze horas depois, a infinidade do espaço através do qual o olhar mergulha a distâncias imensuráveis? É verdade que por lugares baixos também entendemos as profundezas da Terra; mas, no que se tornou essas profundezas desde que foram escavadas pela geologia? Além disso, o que aconteceu com essas esferas concêntricas chamadas céu de fogo, céu das estrelas, já que sabemos que a Terra não é o centro dos mundos, que o nosso próprio Sol não é mais do que um dentre milhões de sóis a brilhar no Espaço, e cada um deles constitui o centro de um turbilhão planetário? Qual a importância da Terra, perdida nessa imensidade? Por qual privilégio injustificável este grão de areia imperceptível — que não se distingue nem pelo seu volume, nem pela sua posição, nem pelo papel particular — seria o único planeta povoado de seres racionais? A razão se recusa a admitir semelhante inutilidade do infinito, e tudo nos diz que esses mundos sejam habitados. Se são povoados, então eles fornecem seu contingente para o mundo das almas; porém, mais uma vez, o que se sucede com essas almas, já que a astronomia e a geologia destruíram as moradas que eram demarcadas para elas, e sobretudo depois que a teoria — tão racional — da pluralidade dos mundos as multiplicou ao infinito? Como a doutrina da localização das almas não pode se conciliar com os dados da ciência, outra doutrina mais lógica lhes atribui por domínio, não um lugar determinado e circunscrito, mas o espaço universal: é todo um mundo invisível no meio do qual vivemos, que nos cerca e nos abraça sem cessar. Haverá nisso alguma impossibilidade, alguma coisa que repugne a razão? De modo alguma; ao contrário, tudo nos diz que não pode ser de outra maneira. Mas então, o que será das penas e recompensas futuras se lhes tirarem os lugares específicos? Notem que a descrença quanto ao local dessas penas e recompensas geralmente é provocada porque elas são apresentadas em condições inadmissíveis. Mas digam, ao invés disso, que as almas haurem de

si mesmas a sua felicidade ou a sua desgraça; que sua sorte está subordinada ao seu estado moral; que a reunião das almas simpáticas e boas é uma fonte de felicidade; que, conforme seu grau de purificação, elas penetram e entreveem coisas que se ocultam diante de almas grosseiras, e todo mundo compreenderá sem dificuldade. Digam ainda que as almas não alcançam o grau supremo senão pelos esforços que façam para se melhorarem, e só depois de uma série de provações que servem para sua depuração; digam que os anjos são almas que chegaram ao derradeiro grau da escala, ao qual todos nós podemos atingir mediante a nossa boa vontade; digam que os anjos são os mensageiros de Deus, encarregados de velar pela execução de seus desígnios em todo o Universo, e que eles se sentem felizes com essas missões gloriosas, e assim vocês darão à felicidade deles um objetivo mais útil e mais atraente do que aquele de uma contemplação perpétua que não seria outra coisa senão uma perpétua inutilidade; digam, enfim, que os demônios são simplesmente as almas dos ímpios, ainda não purificadas, mas que podem se purificar igual às outras, e isto parecerá mais em conformidade com a justiça e a bondade de Deus do que a doutrina dos seres criados para o mal e perpetuamente devotados ao mal. Ainda uma vez mais, eis o que a mais severa razão, a mais rigorosa lógica e, em uma palavra, o bom senso podem admitir.

Ora, essas almas que povoam o espaço são precisamente aquilo que chamamos *Espíritos*; portanto, os Espíritos não são outra coisa senão as almas dos homens, libertas de sua vestimenta corporal. Se os Espíritos fossem criaturas à parte, sua existência seria mais hipotética; todavia, se admitirmos que existem almas, também será preciso admitir que os Espíritos não são outras coisas a não ser almas; se admitirmos que as almas estão por toda parte, será preciso admitir igualmente que os Espíritos estão por toda parte. Logo, não seria possível negar a existência dos Espíritos sem negar a das almas.

3. É certo que isto não passa de uma teoria mais racional do que a outra; mas já é muito que seja uma teoria que não contradiz nem a razão nem a ciência. Ademais, se ela é corroborada pelos fatos, ela tem por si mesma a sanção do raciocínio e da experiência. Esses fatos nós os encontramos no fenômeno das

manifestações espíritas, que, assim, constituem a prova evidente da existência e da sobrevivência da alma. Entretanto, para muitas pessoas, aí se encerra a crença; elas até admitem a existência das almas e, por consequência, a dos Espíritos, mas negam a possibilidade de comunicação com eles pela razão de que — dizem — os seres imateriais não podem agir sobre a matéria. Esta dúvida é fundada na ignorância da verdadeira natureza dos Espíritos, dos quais geralmente se faz uma ideia muito falsa, pois se supõe erradamente que eles sejam seres abstratos, vagos e indefinidos — o que não é o caso.

Primeiramente, imaginemos o Espírito em união com o corpo; o Espírito é o ser principal, porque é o ser ***pensante e sobrevivente***; o corpo não passa de um ***acessório*** do Espírito, um invólucro, uma veste que ele larga quando está gasta. Além desse envoltório material, o Espírito possui um segundo, semimaterial, que o prende ao primeiro; na morte, ele se desprende daquele envoltório, mas não do segundo, ao qual nós damos o nome de ***perispírito***. Esse envelope semimaterial, que tem a forma humana, constitui para ele um corpo fluídico, vaporoso, mas que, por ser invisível para nós, no seu estado normal, não deixa de ter algumas das propriedades da matéria. Logo, o Espírito não é um ponto vazio, uma abstração; é um ser demarcado e circunscrito, ao qual só falta ser visível e palpável para se assemelhar aos seres humanos. Por que então ele não agiria sobre a matéria? É por que o seu corpo é fluídico? Ora, não é entre os fluidos mais rarefeitos, até mesmo entre os que consideramos imponderáveis — a eletricidade, por exemplo —, que o homem encontra os seus mais potentes motores? Não é exato que a luz imponderável exerce uma ação química sobre a matéria ponderável? Nós não conhecemos a natureza íntima do perispírito; mas, suponhamos que ele seja formado de matéria elétrica, ou qualquer outra igualmente sutil, por que não teria a mesma propriedade quando fosse dirigida por uma vontade?

4. Como a existência da alma e existência de Deus — uma sendo a consequência da outra — é a base de todo o edifício, antes de travarmos qualquer discussão espírita, é importante nos assegurarmos se o nosso interlocutor admite essa base. Quanto a estas questões:

Você acredita em Deus?

Você acredita que tem uma alma?

Você crê na sobrevivência da alma após a morte?

Se ele responder negativamente, ou mesmo se disser simplesmente: ***Não sei; desejaria que assim fosse, mas não tenho certeza disso*** — o que quase sempre equivale a uma negação polida, disfarçada sob uma forma menos contundente, para evitar de ferir tão bruscamente aquilo que ele chama de preconceitos respeitáveis, então seria tão inútil ir adiante com a discussão quanto querer demonstrar as propriedades da luz a um cego que não admitisse a existência da luz; porque, definitivamente, as manifestações espíritas não são mais do que os efeitos das propriedades da alma. Com este interlocutor, é toda uma nova ordem de ideias, caso não queira perder tempo.

Se a base for admitida, não apenas como ***probabilidade***, mas como algo comprovado e incontestável, a existência dos Espíritos a acompanha muito naturalmente.

5. Resta agora a questão de saber se o Espírito pode se comunicar com o homem, quer dizer, se pode trocar ideias com este. E por que não? O que é o homem, senão um Espírito aprisionado num corpo? Por que o Espírito livre não poderia se comunicar com o Espírito cativo, tal como o homem livre pode falar com o encarcerado? Desde que se admite a sobrevivência da alma, seria racional não admitir a sobrevivência dos afetos? Já que as almas estão por toda parte, não é natural pensarmos que a alma de um ser que nos amou durante sua vida venha até nós e que deseje se comunicar conosco, e que para isso ele se sirva dos meios que estejam a sua disposição? Durante sua vida, ele não atuava sobre a matéria de seu corpo? Não era ele quem dirigia os movimentos corporais? Então, por qual razão depois da sua morte, em pleno acordo com outro Espírito ligado a um corpo, ele não poderia tomar emprestado esse corpo vivo para manifestar o seu pensamento, como um mudo pode se servir de uma pessoa falante para se expressar?

6. Deixemos de lado por um instante os fatos que, para nós, tornam essa comunicação incontestável e vamos admiti-la como mera hipótese; pedimos que os incrédulos nos provem — não por uma simples negação, pois suas

opiniões pessoais não podem ser lei; mas por razões peremptórias — que tal coisa não pode acontecer. Nós nos colocamos no lugar deles, e já que eles querem verificar os fatos espíritas com o auxílio das leis da matéria, que tirem então desse arsenal qualquer demonstração matemática, física, química, mecânica ou fisiológica, e provem por **a** mais **b**, sempre partindo do princípio da existência e da sobrevivência da alma:

- 1° Que o ser que pensa em nós durante a vida não pode mais pensar depois da morte;
- 2° Que, se ele pensa, não pode mais pensar naqueles a quem amou;
- 3° Que, se pensa naqueles a quem amou, ele não pode mais querer se comunicar com eles;
- 4° Que, se ele pode estar em toda parte, não pode estar ao nosso lado;
- 5° Que, podendo estar ao nosso lado, não pode se comunicar conosco;
- 6° Que, através do seu envoltório fluídico ele não pode agir sobre a matéria inerte;
- 7° Que, se ele pode agir sobre a matéria inerte, não pode agir sobre um ser animado;
- 8° Que, se pode agir sobre um ser animado, ele não pode dirigir sua mão para fazê-lo escrever;
- 9° Que, podendo fazê-lo escrever, não pode responder as suas perguntas nem lhe transmitir seus pensamentos.

Quando os adversários do espiritismo nos tiverem demonstrado que isso não é possível, por meio de razões tão patentes quanto aquelas pelas quais Galileu demonstrou que não é o Sol que gira em torno da Terra, então nós poderemos dizer que suas dúvidas são fundadas; infelizmente, até hoje toda a argumentação deles se resume nestas palavras: ***Não creio, logo isto é impossível.*** Eles dirão, com certeza, que cabe a nós provarmos a realidade das manifestações; nós lhes provamos isso pelos fatos e pelo raciocínio, mas se não admitem nem um nem outro, e se negam até mesmo o que enxergam, então é a eles que cabe provar que o nosso raciocínio é falso e que os fatos são impossíveis.

CAPÍTULO II

O MARAVILHOSO E O SOBRENATURAL

7. Se a crença nos Espíritos e nas suas manifestações fossem uma concepção individual, fruto de um sistema, ela poderia, com uma aparência de razão, ser suspeita de ilusão; contudo, que nos expliquem ainda por que nós a encontramos tão vivaz entre todos os povos, antigos e modernos, e nos livros santos de todas as religiões conhecidas? Alguns críticos dizem que é porque em todos os tempos o homem tem amado o maravilhoso. — Mas o que é o maravilhoso para vocês? — Aquilo que é sobrenatural. — O que querem dizer com sobrenatural? — Aquilo que é contrário às leis da natureza. — Por acaso vocês conhecem tão bem essas leis, para que possam assinalar um limite ao poder de Deus? Pois bem! Provem então que a existência dos Espíritos e suas manifestações são contrárias às leis da natureza; que isso não é e nem pode ser uma destas leis. Acompanhem a doutrina espírita e vejam se esse encadeamento não apresenta todas as características de uma admirável lei que resolve tudo o que as leis filosóficas não puderam resolver até hoje. O pensamento é um dos atributos do Espírito; a possibilidade de atuar sobre a matéria, de impressionar os nossos sentidos e, por conseguinte, de transmitir seus pensamentos — se assim podemos nos expressar — resulta da sua formação fisiológica: portanto, não há nesse fato nada de sobrenatural, nada de maravilhoso. Que um homem morto — e bem morto — torne a viver corporalmente e que seus membros dispersos sejam reunidos para novamente formar seu corpo, isso sim seria maravilhoso, sobrenatural, fantástico; aí haveria uma verdadeira derrogação que Deus não poderia

operar a não ser por um milagre, mas nisso não há nada de semelhante na doutrina espírita.

8. Alguns dirão: vocês admitem, portanto, que um Espírito pode levantar uma mesa e mantê-la no espaço sem um ponto de apoio; isto não é uma anulação da lei de gravidade? — Sim, mas da lei conhecida; contudo, a natureza já disse a sua última palavra? Antes que tivéssemos experimentado a força ascensional de certos gases, quem diria que uma pesada máquina, carregando muitos homens, pudesse superar a força de atração? Aos olhos do ignorante, isso não deveria parecer maravilhoso e diabólico? Qualquer pessoa que no século passado tivesse proposto transmitir um despacho a 500 léguas de distância e de receber a sua resposta em alguns minutos depois, essa pessoa seria tratada como um louco; se alguém tivesse feito isso, todo o mundo teria acreditado que essa pessoa teria o diabo às suas ordens, pois somente o diabo era capaz de andar tão depressa.² Então por que um fluido desconhecido não poderia, em dadas circunstâncias, ter a propriedade de contrabalançar o efeito da gravidade, como o hidrogênio contrabalança o peso do balão? Isso, diga-se de passagem, é uma comparação, mas não uma assimilação, e só para mostrar, por analogia, que o fato não é fisicamente impossível. Ora, foi exatamente quando os estudiosos quiseram — na observação desses tipos de fenômenos — proceder por meio de assimilação, que eles se perderam. Aliás, o fato está aí; todas as denegações não poderão fazer com que ele não exista, porque negar não é provar; para nós, não há nada de sobrenatural. Isso é tudo o que podemos dizer, para este momento.

9. Se o fato ficar comprovado — irão dizer — nós o aceitaremos; aceitaríamos até a causa a que vocês o atribuem, que é aquela de um fluido desconhecido; mas, quem prova a intervenção dos Espíritos? Aí é que está o maravilhoso, o sobrenatural.

² À época de Allan Kardec, todos ainda estavam bastante admirados com a rapidez das mensagens via telégrafo, razão pela qual ele faz essa comparação, inclusive com boa dose de ironia ao citar a figura do “Diabo”. E, por extensão, poderíamos figurar quão louco seria quem previsse no século XIX as maravilhosas possibilidades da televisão, inventada no século seguinte, e ainda mais as facilidades que hoje dispomos através da internet. — N. T.

Seria preciso fazer aqui toda uma demonstração, que, porém, estaria fora de lugar e, além disso, ficaria duplicada, pois ela ressalta de todas as outras partes do ensinamento. Todavia, para resumi-la em algumas palavras, diremos que, em teoria, ela se fundamenta neste princípio: todo efeito inteligente há de ter uma causa inteligente; na prática, nesta observação de que os fenômenos ditos espíritas, tendo dado provas de inteligência, deviam ter sua causa fora da matéria e que essa inteligência — não sendo a dos assistentes (e isso é um resultado da experiência) — devia estar fora deles; como não se enxergava o ser atuante, era então um ser invisível. Foi assim que de observação em observação se chegou a saber que esse ser invisível — ao qual deu-se o nome de Espírito — não é outro senão a alma daqueles que viveram corporalmente e que a morte arrebatou do seu grosseiro invólucro visível, deixando-lhes apenas um envoltório etéreo e invisível no seu estado normal. Eis, portanto, o maravilhoso e o sobrenatural reduzidos à sua expressão mais simples. Uma vez comprovada a existência de seres invisíveis, a ação deles sobre a matéria resulta da natureza do seu envoltório fluídico; essa ação é inteligente porque, ao morrerem, eles não perderam mais do que o seu corpo, mas conservaram a inteligência que é a essência deles. Aí está a chave de todos esses fenômenos erradamente reputados como sobrenaturais. Logo, a existência dos Espíritos não é uma teoria preconcebida, uma hipótese imaginada para explicar os fatos: é um resultado das observações e a consequência natural da existência da alma; negar essa causa é negar a alma e seus atributos. Que aqueles que pensam que podem apresentar para esses efeitos inteligentes uma solução mais racional, e sobretudo capaz de explicar ***todos os fatos***, que a apresentem, e então poderemos discutir o mérito de cada uma.

10. Para aqueles que consideram a matéria a única força da Natureza, ***tudo o que não pode ser explicado pelas leis da matéria é maravilhoso ou sobrenatural***, e, para eles, ***maravilhoso*** é sinônimo de ***superstição***. Nesse sentido, a religião — fundada na existência de um princípio imaterial — seria um tecido de superstições. Eles não ousam dizer isso em voz alta, mas o dizem levemente e acreditam manter as aparências admitindo que é preciso que

uma religião para o povo e para tornar as crianças educadas. Ora, de duas coisas, uma: ou o princípio religioso é verdadeiro ou falso. Se for verdadeiro, é para todo o mundo; se for falso, não é melhor para os ignorantes do que para os esclarecidos.

11. Aqueles que atacam o Espiritismo em nome do maravilhoso, portanto, geralmente se apoiam no princípio materialista, porque, negando qualquer efeito extramaterial, negam da mesma forma a existência da alma. Examinem o fundo do pensamento deles, analisem bem o sentido de suas palavras e encontrarão quase sempre esse princípio — se categoricamente formulado — emergindo sob o disfarce de uma pretensa filosofia racional com a qual o cobrem. Colocando na conta do maravilhoso tudo o que decorre da existência da alma, eles então são consequentes consigo mesmos: não admitindo a causa, não podem admitir os efeitos. Daí, entre eles, uma opinião preconcebida que os torna incapazes de julgar corretamente o Espiritismo, porque eles partem do princípio da negação de tudo o que não seja material. Quanto a nós, pelo fato de admitirmos os efeitos que são a consequência da existência da alma, será que aceitaríamos todos os fatos qualificados de maravilhosos? Será que seríamos defensores de todos os sonhadores, adeptos de todas as utopias, de todas as excentricidades sistemáticas? Teríamos que conhecer muito mal o espiritismo para pensar assim; mas os nossos adversários não observam isso muito de perto; a necessidade de conhecer aquilo de que falam é a menor de suas preocupações. Segundo eles, o maravilhoso é um absurdo; ora, o espiritismo se apoia em fatos maravilhosos, logo o espiritismo é um absurdo: isso para eles é um julgamento sem apelação. Acreditam se opor a um argumento inquestionável quando, depois de terem feito pesquisas eruditas acerca dos convulsionários de Saint-Médard³, dos camisardos de Cevenas⁴, ou

³ Referência a um episódio de convulsão coletiva ocorrido em Saint-Médard (França), cuja cura estaria supostamente condicionada ao contato com o túmulo de um famoso diácono (François Pâris) erguido naquela localidade, narrados na *Revista Espírita* de novembro de 1859 (E-book). — N. T.

⁴ Camisardos (*camisards*) eram protestantes franceses da linha teológica calvinista (de João Calvino), também chamados de “huguenotes”, que se concentraram na região francesa de Cevenas (*Cevennes*). Conta-se que eles organizavam sua resistência contra as perseguições religiosas mediante instruções espirituais recebidas por seus mestres, ditos profetas. — N. T.

das religiosas de Loudun⁵, chegaram à descoberta de flagrantes fraudes, que ninguém contesta; mas, tais histórias constituem o evangelho do espiritismo? Por acaso os espíritas negaram que o charlatanismo tem explorado alguns fatos em proveito próprio? Negaram que a imaginação tem criado fatos assim? E que o fanatismo tenha exagerado bastante quanto a outros desses fatos? O espiritismo não é solidário com as extravagâncias que se pode cometer em seu nome, assim como a verdadeira ciência não é solidária com os abusos da ignorância, nem a verdadeira religião é solidária com os excessos do fanatismo. Muitos críticos só julgam o espiritismo pelos contos de fadas e lendas populares que seriam ficções suas; do mesmo modo poderíamos julgar a História pelos romances históricos ou pelos dramas literários.

12. Em lógica elementar, para se discutir uma coisa, é preciso conhecê-la, pois a opinião de um crítico não tem valor senão quando ele fala com perfeito conhecimento de causa; só assim a sua opinião poderá ser levada em consideração — ainda que esteja errada. Porém, que peso terá sua opinião sobre um assunto que ele não conhece? O verdadeiro crítico deve demonstrar não apenas erudição, mas um profundo saber a respeito da matéria de que está tratando; demonstrar um juízo correto e imparcialidade à toda prova; do contrário, qualquer menestrel vulgar poderia arrogar-se o direito de julgar Rossini,⁶ bem como um aprendiz de ateliê qualquer viria censurar Rafael.⁷

13. Portanto, o Espiritismo não aceita todos os fatos reputados maravilhosos ou sobrenaturais; longe disso, ele demonstra a impossibilidade de um grande número deles e o ridículo de certas crenças que constituem a superstição propriamente dita. É verdade que, naquilo que ele admite, há coisas que para os incrédulos são puramente maravilhas — ou, dito de outro jeito, pura superstição. Que seja; mas, pelo menos, não discutam além desses pontos,

⁵ Loudun é uma comuna francesa do departamento de Vienne que se notabilizou pelo episódio conhecido como “Possessão das freiras de Loudun”, ocorrido em 1634, em que as religiosas de um convento ursulino daquela localidade estariam endemoniadas. — N. T.

⁶ Gioachino Antonio Rossini (1792-1868): célebre compositor italiano – N. T.

⁷ Rafael Sanzio (1483-1520): pintor italiano, um dos mestres do Renascimento. – N. T.

pois quanto aos demais não há nada a dizer, e vocês pregam em vão. Ao atacar aquilo que ele mesmo refuta, vocês estão provando a própria ignorância sobre o assunto e os vossos argumentos fracassam. Contudo, dirão: até onde vai a crença do espiritismo? — Leiam, observem e saberão. Não se adquire nenhuma ciência a não ser com tempo e estudo; ora, o espiritismo — que trata das questões mais graves de filosofia e de todos os ramos da ordem social, que abrange ao mesmo tempo o homem físico e o homem moral — é em si mesmo toda uma ciência, toda uma filosofia, que já não pode ser compreendida em algumas horas, assim como nenhuma outra ciência. Seria muita infantilidade querer ver todo o espiritismo numa mesa girante, tanto quanto ver toda a física em alguns brinquedos de criança. Para quem não quer ficar na superfície, são necessários, não algumas horas somente, mas sim meses e anos, para lhe sondar todos os mistérios. Calculemos, com isso, o grau de saber e o valor da opinião dos que se arrogam o direito de julgar, já que viram uma ou duas experiências — na maioria das vezes como distração ou divertimento. Certamente eles dirão que não dispõem de tanto lazer para dar todo o tempo necessário a tal estudo. Está bem; nada os obriga a fazer isso. Todavia, quando não temos tempo de aprender uma coisa, então não nos metemos a falar dela, e ainda menos de julgá-la, se não quisermos ser acusados de leviandade. Ora, quanto mais elevada seja a posição que alguém ocupe na ciência, menos desculpável ela será por tratar levemente de um assunto que ela não conhece.

14. Nós nos resumimos nas seguintes proposições:

- 1ª Todos os fenômenos espíritas têm por princípio a existência da alma, sua sobrevivência ao corpo e suas manifestações;
- 2ª Esses fenômenos, fundando-se numa lei da natureza, não têm nada de **maravilhoso** nem de **sobrenaturais**, no sentido comum dessas palavras.
- 3ª Muitos fatos só são considerados por sobrenaturais porque não se conhece a causa deles; ao lhes assinalar uma causa, o espiritismo os recoloca no domínio dos fenômenos naturais;
- 4ª Entre os fatos qualificados como sobrenaturais, há muitos que o

espiritismo demonstra serem impossíveis, e que os classifica entre as crenças supersticiosas;

- 5ª Embora o espiritismo reconheça em muitas crenças populares um fundo de verdade, de forma alguma ele aceita a solidariedade de todas as histórias fantásticas criadas pela imaginação;
- 6ª Julgar o espiritismo pelos fatos que ele não admite é dar prova de ignorância e tirar todo o valor da sua opinião;
- 7ª A explicação dos fatos admitidos pelo espiritismo — suas causas e suas consequências morais — constitui toda uma ciência e toda uma filosofia que requer um estudo sério, perseverante e aprofundado;
- 8ª O espiritismo não pode considerar um crítico sério senão aquele que tenha visto tudo, estudado e aprofundado tudo com a paciência e a perseverança de um observador consciencioso; aquele que soubesse do assunto tanto quanto qualquer adepto mais esclarecido; aquele que, por conseguinte, tivesse adquirido seus conhecimentos de algum lugar que não dos romances da ciência; aquele a quem não se poderia opor **nenhum fato** do qual ele não tivesse conhecimento, e nenhum argumento sobre o qual não tivesse meditado; que ele refutaria, não por negação, mas por outros argumentos mais concretos; que ele poderia, enfim, indicar uma causa mais lógica para os fatos averiguados. Tal crítico ainda não foi encontrado.

15. Acabamos de pronunciar a palavra **milagre**; uma ligeira observação sobre isso não seria inapropriada, neste capítulo sobre o maravilhoso.

Na sua acepção inicial, e pela sua etimologia, o termo milagre significa **coisa extraordinária, coisa admirável de se ver**; mas como tantas outras, essa palavra se afastou do sentido originário e hoje representa (segundo a Academia) **um ato do poder divino contrário às leis comuns da Natureza**. De fato, esse é a sua significação usual, e é apenas por comparação e por metáfora que a aplicamos às coisas triviais que nos surpreendem e cuja causa é desconhecida. De forma nenhuma é nossa intenção examinar se Deus poderia julgar útil em certas circunstâncias revogar as leis estabelecidas por ele mesmo; nosso objetivo é exclusivamente demonstrar que os fenômenos

espíritas — por mais extraordinários que sejam — jamais derogam essas leis e que eles não têm nenhum caráter de miraculoso e nem são maravilhosos ou sobrenaturais. O milagre não se explica; já os fenômenos espíritas, ao contrário, estes se explicam da maneira mais racional, e, portanto, não são milagres, mas simples efeitos que têm sua razão de ser nas leis gerais. O milagre apresenta ainda outra característica, que é o de ser insólito e excepcional. Ora, desde que um fato se reproduz — por assim dizer — à vontade e por diversas pessoas, não pode ser um milagre.

Todos os dias a ciência opera milagres aos olhos dos ignorantes; por isso é que em outros tempos aqueles que sabiam mais do que uma pessoa comum se passavam por feiticeiros; e como as pessoas acreditavam que toda ciência sobre-humana vinha do diabo, eles queimavam aqueles outros. Hoje, que já estamos muito mais civilizados, contentamo-nos em levá-los aos asilos.⁸

Como dissemos no começo, se um homem realmente morto voltasse à vida por uma intervenção divina, haveria aí verdadeiro milagre, pois isso é contrário às leis da Natureza; no entanto, se tal homem só tem as aparências da morte, se ainda há nele um resto de *vitalidade latente* que a ciência ou uma ação magnética pudesse reanimá-lo, para as pessoas instruídas isso seria um fenômeno natural; entretanto, aos olhos do vulgo ignorante esse fato passaria por milagroso e, conforme o caráter dos indivíduos, o autor seria apedrejado ou venerado. Que no meio de um campo um físico lance uma pipa elétrica e faça cair um raio sobre uma árvore, e esse novo Prometeu⁹ certamente será visto como alguém dotado de um poder diabólico. E, diga-se de passagem, Prometeu nos parece especialmente ter antecipado Franklin;¹⁰ mas Josué detendo o movimento do Sol, ou melhor, o movimento da Terra, eis aí o verdadeiro milagre, porque não conhecemos nenhum magnetizador

⁸ No original, Allan Kardec cita *Petites-Maisons*, muito provavelmente com referência ao centenário asilo dos alienados construído em Paris (1557) e transferido em 1863 para a comuna Issy-les-Moulineaux rebatizado como Hospital Corentin-Celton. Fonte: [Wikipédia](#) (em francês). — N. T.

⁹ Prometeu: personagem da mitologia grega, conhecido por ter roubado o fogo dos deuses para trazê-lo à humanidade, pelo que, ele passou a ser uma referência de alguém prodigioso, capaz de fazer coisas extraordinárias; é nesse sentido que Kardec o cita aqui. — N. T.

¹⁰ Aqui, o autor faz menção à experiência com a qual o cientista americano **Benjamin Franklin** (1706-1790) comprovou a eletricidade, exatamente empinando uma pipa em meio a uma tempestade, para que ela fossa atingida por um raio. — N. T.

dotado de uma potência tão grande capaz de realizar tal prodígio.¹¹ De todos os fenômenos espíritas, um dos mais extraordinários é incontestavelmente o da escrita direta, e um dos que demonstram de maneira mais evidente a ação das inteligências ocultas; mas, do fato desse fenômeno ser produzido por seres ocultos, não se segue que ele seja mais miraculoso do que todos os outros fenômenos oriundos de agentes invisíveis, porque esses seres ocultos que povoam os espaços são uma das potências da natureza, potências cuja ação é incessante — tanto no mundo material quanto no mundo moral.

Esclarecendo-nos com relação a essa potência, o espiritismo nos dá a chave de uma imensidade de coisas inexplicadas e inexplicáveis por qualquer outro meio, e que nos tempos antigos se passaram por prodígios. Do mesmo modo que o magnetismo, ele nos revela uma lei, se não desconhecida, pelo menos mal compreendida; ou, melhor dizendo, conhecíamos os efeitos — pois eles se produziram em todos os tempos —, mas não conhecíamos a lei, e é a ignorância dessa lei que gera a superstição. Uma vez compreendida essa lei, o maravilhoso desaparece e os fenômenos entram na ordem das coisas naturais. Eis por que os espíritas não fazem maior milagre ao fazer uma mesa se mover ou ao fazer os mortos escreverem, tanto quanto o médico ao fazer um moribundo voltar à vida, ou o físico ao fazer um raio cair. Aquele que pretendesse *fazer milagres* com a ajuda dessa ciência seria ou ignorante do assunto ou seria um enganador.

16. Os fenômenos espíritas, do mesmo modo que os fenômenos magnéticos, tiveram que se passar por prodígios antes que conhecêssemos sua causa. Ora, como os céticos, os espíritos fortes — quer dizer, aqueles que têm o privilégio exclusivo da razão e do bom senso — não acreditam que uma coisa seja possível desde que não a compreendam; eis por que todos os fatos reputados prodigiosos são alvos da zombaria deles. E como a religião contém grande número de fatos desse gênero, eles não creem na religião, e daí à incredulidade absoluta não há mais do que um passo. Ao explicar a maior

¹¹ Segundo a Bíblia (Josué, 10:12-14), Josué liderava o povo de Israel numa batalha contra os amorreus, quando então Javé, ouvindo as preces daquele servo, fez parar o movimento do Sol até a vitória dos israelitas, uma vez que a claridade do dia os favorecia. — N. T.

parte desses fatos, o espiritismo lhes dá uma razão de ser. Logo, o espiritismo vem em auxílio da religião, demonstrando a possibilidade de certos fatos que, não tendo mais o caráter miraculosos, não deixam de ser extraordinários, e Deus não fica nem menor e nem menos poderoso por não haver anulado suas leis. De quantas piadas não foram alvos as elevações de São Cupertino! Ora, a suspensão etérea dos corpos pesados é um fenômeno explicado pela lei espírita; fomos *pessoalmente testemunha ocular* dele, e o Sr. Home — assim como outras pessoas de nosso conhecimento — repetiram muitas vezes o fenômeno produzido por São Cupertino. Logo, este fenômeno pertence à ordem das coisas naturais.¹²

17. No número das ocorrências deste gênero, devemos colocar na primeira linha as aparições, porque são as mais frequentes. A de La Salette — que divide até mesmo o clero — não tem nada de insólito para nós¹³. Seguramente não podemos afirmar que o fato se deu, porque não temos prova material disso; mas, para nós, ele é possível, visto que conhecemos milhares de casos *recentes* semelhantes; acreditamos neles não só porque sua realidade é averiguada por nós, mas sobretudo porque nos damos conta perfeitamente de que maneira eles se produzem. Queiram se recorrer à teoria das aparições que daremos mais adiante e todos verão que este fenômeno se torna tão simples e plausível quanto um monte de fenômenos físicos que só parecem prodigiosos por falta de uma chave para sua compreensão. Quanto à personagem que se apresentou em La Salette, é outra questão; sua identidade não nos foi demonstrada de nenhum modo; constatamos simplesmente que pode ter havido uma aparição; o resto não é de nossa competência e cada um pode guardar suas convicções a respeito; o espiritismo não tem que se ocupar com isso. Dizemos somente que os fatos produzidos pelo espiritismo nos revelam novas leis e nos dão a chave para a explicação de uma imensidade de

¹² Kardec menciona aqui o fenômeno de levitação registrado na biografia de São José de Cupertino (1603-1663) e de outros médiuns, como o escocês Daniel Dunglas Home (1833-1886), considerado o médium de maiores efeitos em seu tempo. — N. T.

¹³ Menção à aparição de Nossa Senhora da La Salette. Reza a tradição que em 19 de setembro de 1846 Maria, mãe de Jesus, apareceu a um casal de jovens pastores da comuna de La Salette, França, exortando-os à prática da oração. — N. T.

coisas que pareciam sobrenaturais; se alguns daqueles que se passavam por miraculosos encontram aí uma explicação lógica, isso é um motivo para que ninguém se apresse a negar o que não compreende.

Os fenômenos espíritos são contestados por determinadas pessoas exatamente porque parecem escapar da lei comum e porque não nos damos conta disso. Deem a eles uma base racional e a dúvida cessa. Neste século, em que não nos contentamos com palavras, a explicação é então um poderoso motivo de convicção; por isso, todos os dias vemos pessoas que não testemunharam nenhum fato e que não observaram nem uma mesa se mover nem um médium escrever, mas que estão tão convencidas quanto nós, unicamente porque elas leram e compreenderam. Se devêssemos acreditar somente no que vemos com os nossos olhos, nossas convicções se reduziriam a pouquíssimas coisas.

CAPÍTULO III

MÉTODO

18. O desejo mais natural e louvável de todos os adeptos — e que nunca será demais encorajar — é o de fazer prosélitos. É visando facilitar a tarefa deles que nos propomos examinar aqui a caminhada mais segura, conforme nossa opinião, para alcançar esse objetivo, a fim de lhes pouparmos esforços inúteis.

Dissemos que o espiritismo é toda uma ciência, toda uma filosofia; portanto, quem queira conhecê-lo seriamente deve, como primeira condição, comprometer-se a um estudo sério e se convencer de que — não mais do que qualquer outra ciência — não podemos aprender espiritismo brincando. Também já dissemos que o espiritismo toca em todas as questões que interessam à humanidade; seu escopo é imenso e é principalmente nessas consequências que ele deve ser encarado. Sem dúvida, a crença nos Espíritos forma a sua base, mas essa crença não é o suficiente para se fazer um espírita esclarecido, assim como a crença em Deus não basta para se fazer um teólogo. Vejamos então, de que maneira convém proceder a esse ensinamento para se conduzir com mais segurança à convicção.

Que os adeptos não se espantem com esta palavra “ensinamento”; não existe tão somente o ensinamento dado do púlpito ou da tribuna; há também o da simples conversação. Todo aquele que procura persuadir a outro — seja por meio de explicações, seja por meio de experiências — já está dando um ensinamento; o que desejamos é que seu esforço produza frutos, e é por isso que acreditamos que devemos dar alguns conselhos, que beneficiarão igualmente aqueles que queiram se instruir por si mesmos; eles encontrarão aí o meio de chegar mais seguramente e mais prontamente à meta.

19. Acredita-se, geralmente, que para convencer basta apresentar os fatos; realmente, esse parece ser o caminho mais lógico e, entretanto, a experiência mostra que esse nem sempre é o melhor, porque frequentemente se vê pessoas que os fatos mais evidentes não as convencem de maneira nenhuma. A que isso se deve? É o que vamos tentar demonstrar.

No espiritismo, a questão dos Espíritos é secundária e consecutiva; não é o ponto de partida, e exatamente aqui está o erro no qual caímos, e que muitas vezes nos leva a fracassar com relação a certas pessoas. Já que os Espíritos não são outra coisa senão as almas dos homens, o verdadeiro ponto de partida é então a existência da alma. Ora, como o materialista poderia admitir que há seres vivos fora do mundo material, se ele acredita que ele mesmo não é mais do que matéria? Como ele poderia crer nos Espíritos fora dele, se não acredita ter um dentro de si? Seria em vão acumularmos diante dos seus olhos as provas mais palpáveis, pois ele contestaria todas, porque não admite o princípio. Todo ensino metódico deve proceder do conhecido para o desconhecido; para o materialista, o conhecido é a matéria; pois então, comecem pela matéria e, antes de tudo, tentem fazê-lo observá-la, de convencê-lo de que há nele alguma coisa que vai além das leis da matéria; numa palavra, antes de torná-lo ESPÍRITA cuidem de torná-lo ESPIRITUALISTA. Mas para isso, existe toda uma outra ordem de fatos, um ensinamento todo especial pelo qual é preciso proceder por outros meios; falar-lhe dos Espíritos antes que ele esteja convencido de ter uma alma, é começar por onde se deve terminar, porque ele não poderia admitir a conclusão sem admitir as premissas. Assim, antes de tentarmos convencer um incrédulo — mesmo através dos fatos — convém nos certificarmos de sua opinião referente à alma, isto é, se ele crê na existência da alma, na sua sobrevivência ao corpo e na sua individualidade após a morte; se a resposta dele for negativa, seria perda de tempo lhe falar dos Espíritos. Eis aqui a regra; nós não dizemos que ela não tenha exceções, mas então provavelmente haverá outra causa que torna o materialista menos intransigente.

20. Entre os materialistas, é preciso distinguir duas classes: na primeira nós colocamos os que são assim *por sistema*; nesses não há qualquer dúvida, há a

negação absoluta, raciocinada ao modo deles; aos seus olhos o homem é apenas uma máquina que funciona enquanto está bem ajustada, mas que se quebra e da qual, após a morte, só resta a carcaça. O número destes materialistas felizmente é muito pequeno e em nenhum lugar constitui uma escola altamente reconhecida. Não precisamos insistir sobre os deploráveis efeitos para a ordem social que resultariam da popularização de uma doutrina como essa; já nos estendemos o bastante sobre esse assunto em *O Livro dos Espíritos* (questão 147 e item III da Conclusão).

Quando dissemos que a dúvida dos incrédulos acaba na presença de uma explicação racional, de alguma forma devemos fazer exceção dos materialistas — aqueles que negam qualquer força e qualquer princípio inteligente fora da matéria. A maioria persiste na própria opinião por orgulho, crendo que seu amor-próprio fique prejudicado a persistir nisso, e persistem avessos a todas as provas contrárias, porque não querem dar o braço a torcer. Com essas pessoas, não há nada o que fazer; não se deve deixar ser iludido pelo falso semblante de sinceridade daqueles que dizem: “Mostre-me e eu acreditarei”. Há alguns deles que são mais francos e dizem abertamente: “Mesmo que eu visse, não acreditaria”.

21. A segunda classe de materialistas — e de longe a mais numerosa, pois o verdadeiro materialismo é um sentimento antinatural — inclui aqueles que são assim por indiferença, e podemos dizer: *por falta de coisa melhor*; eles não são assim por vontade própria e o que mais pedem é para acreditar, pois a incerteza é um tormento para eles. Neles há uma vaga aspiração ao futuro, mas esse futuro lhes foi apresentado sob as cores que a razão deles não pode aceitar; daí a dúvida e, como consequência da dúvida, a descrença. Portanto, a incredulidade neles não é sistemática; assim sendo, apresentem-lhes alguma coisa racional e eles a aceitarão ansiosamente; esses, portanto, podem nos compreender, pois estão tão perto de nós quanto provavelmente nem eles imaginam. Com o primeiro tipo de materialista, não falem nem de revelação, nem de anjos, nem do paraíso: eles não os compreenderiam; mas, colocando-se no terreno deles, provem-lhes primeiramente que as leis da fisiologia são impotentes para explicar tudo; o resto virá em seguida. Tudo ocorre diferente

quando a incredulidade não é preconcebida, porque então a crença não é absolutamente nula; há uma semente latente sufocada pelas ervas daninhas, mas que um impulso pode reanimar; é um cego a quem se restitui a visão e que se alegra por tornar a ver a luz; é um náufrago a quem se lança uma tábua de salvação.

22. Ao lado dos materialistas propriamente ditos, há uma terceira classe de incrédulos que, embora espiritualistas, pelo menos de nome, não são menos intransigentes; são aos ***incrédulos de má vontade***. Estes ficariam zangados se passassem a acreditar, pois isso perturbaria sua tranquilidade nos prazeres materiais; eles temem ver a condenação de suas ambições, de seu egoísmo e das vaidades humanas com que se deliciam, e fecham os olhos para não ver e tapam os ouvidos para não ouvir. Só podemos ter pena deles.

23. Falaremos, apenas para registro, de uma quarta categoria, que chamaremos de ***incrédulos interesseiros*** ou ***de má-fé***. Esses indivíduos sabem muito bem o que devem pensar do Espiritismo, mas ostensivamente o condenam por motivos de interesse pessoal. Não há o que dizer deles, como também não há o que fazer com eles. Se o materialista puro se engana, pelo menos ele tem a desculpa da boa-fé, e podemos resgatá-lo demonstrando-lhe o próprio erro; nestes outros, existe um preconceito contra o qual todos os argumentos fracassam; o tempo se encarregará de lhe abrir os olhos e de lhe mostrar — talvez às próprias custas — onde estavam seus verdadeiros interesses, pois, não podendo impedir a verdade de se expandir, eles serão arrastados pela torrente e como eles os interesses que julgavam salvaguardar.

24. Além dessas diversas categorias de opositores, há uma infinidade de nuances entre as quais podemos incluir ***os incrédulos por pusilanimidade***: a coragem deles virá quando virem que os outros não se queimam; ***os incrédulos por escrúpulos religiosos***: um estudo esclarecido lhes ensinará que o espiritismo se apoia sobre as bases fundamentais da religião, que respeita todas as crenças e que um dos seus efeitos é semear sentimentos religiosos naqueles que não os possuem, e os fortalecer naqueles que estejam

vacilantes; depois vêm os incrédulos por orgulho, por espírito de contradição, por negligência, por leviandade etc.

25. Não podemos omitir uma categoria que chamaremos de ***incrédulos por decepções***. Ela é constituída pelas pessoas que passaram de uma confiança exagerada à descrença porque provaram alguns desenganos; então, desanimados, elas abandonaram tudo e tudo rejeitaram. Estão na situação daquele que negaria a boa-fé por ter sido enganado. É também o resultado de um estudo incompleto do espiritismo e da falta de experiência. Aquele que é mistificado pelos Espíritos geralmente é por lhes demandar o que eles não devem ou não podem dizer, ou porque não é bastante instruído sobre o assunto para discernir a verdade da impostura. Aliás, muitos não veem no espiritismo senão um novo meio de adivinhação e imaginam que os Espíritos foram feitos para ler a sorte; ora, os Espíritos levianos e zombeteiros não perdem a ocasião de se divertir à custa dessas pessoas, e é assim que anunciarão maridos às moças; ao ambicioso prometerão honras, heranças, tesouros escondidos etc. Daí muitas vezes vêm desagradáveis decepções, das quais, entretanto, o homem sério e prudente sempre sabe se precaver.

26. Uma classe muito numerosa — a mais numerosa mesmo de todas — mas que não deveria ser classificada entre os opositores, é a dos ***indecisos***; geralmente eles são ***espiritualistas*** por princípio; na maioria deles há uma vaga intuição das ideias espíritas, uma aspiração a qualquer coisa que eles não sabem definir; não falta aos pensamentos deles senão serem coordenados e formulados; o espiritismo é para eles como que um traço de luz: é a claridade que dissipa o nevoeiro; por isso o acolhem com entusiasmo porque os livra das angústias da incerteza.

27. Se desse ponto projetarmos uma olhada sobre as diversas categorias de ***crentes***, encontraremos inicialmente ***os que são espíritas sem saber disso***; essa é, propriamente falando, uma variedade, ou uma nuance da classe precedente. Sem jamais terem ouvido falar da doutrina espírita, eles têm o sentimento inato dos grandes princípios que dela decorrem e esse sentimento

se reflete em algumas passagens de seus escritos e de seus discursos, a tal ponto que ao ouvi-los se pensaria que eles são completamente iniciados. Encontramos numerosos exemplos deles em escritores sagrados e profanos, poetas, oradores, moralistas, filósofos antigos e modernos.

28. Entre os que se convenceram por um estudo direto, podemos destacar:

- 1° Aqueles que creem pura e simplesmente nas manifestações. Para eles, o espiritismo é uma simples ciência de observação, uma série de fatos mais ou menos curiosos; nós os chamaremos de ***espíritas experimentadores***;
- 2° Aqueles que veem no espiritismo outra coisa além dos fatos; eles compreendem sua parte filosófica; admiram a moral que dela decorre, mas não a praticam. Sua influência sobre o caráter deles é insignificante ou nula; não mudam nada em seus hábitos e não se privariam de um único prazer: o avarento é sempre mesquinho, o orgulhoso continua cheio de si, o invejoso e o ciumento permanecem hostis; para eles a caridade cristã não passa de um belo provérbio; estes são os ***espíritas imperfeitos***.
- 3° Aqueles que não se contentam em admirar a moral espírita, mas que a praticam e aceitam todas as suas consequências. Convencidos de que a existência terrena é uma prova passageira, eles tratam de aproveitar os seus breves instantes para avançar pela senda do progresso — a única que pode elevá-los na hierarquia do mundo dos Espíritos — esforçando-se para fazer o bem e para reprimir suas más tendências; seus relacionamentos são sempre seguros, porque a convicção deles os afasta de todos os maus pensamentos. Em todas as coisas a caridade é a regra de conduta deles; estes são os ***verdadeiros espíritas***, ou melhor, os ***espíritas cristãos***.
- 4° Finalmente, há os ***espíritas exaltados***. A espécie humana seria perfeita se ela sempre tomasse o lado bom das coisas. O exagero é prejudicial em tudo; em espiritismo ele dá uma confiança bastante cega e muitas vezes infantil em relação às coisas do mundo invisível, e faz as pessoas aceitarem com demasiada facilidade e sem verificação aquilo que a reflexão e o exame demonstrariam ser absurdo e impossível. Por sua vez, o entusiasmo não transparece; ele deslumbra. Esta espécie de adeptos é mais prejudicial do

que útil à causa do espiritismo; eles são os menos convincentes porque — com razão — todos desconfiam dos seus julgamentos; de muita boa-fé, eles são ludibriados tanto por Espíritos mistificadores quanto por homens que procuram explorar a sua crença. Se tivessem que sofrer as consequências sozinhos, isso só seria meio ruim; mas o pior é que, mesmo sem querer, eles dão armas aos incrédulos que, antes de se convencerem, procuram uma ocasião para zombar e não deixam de imputar a todos o ridículo de alguns. Sem dúvidas que isso nem é justo nem racional; mas, como se sabe, os adversários do espiritismo só reconhecem sua própria razão como sendo de boa qualidade, e sabem bem que aquilo de que eles falam é a menor de suas preocupações.

29. Os meios de persuasão variam extremamente conforme os indivíduos; o que convence a uns nada produz em outros; um é convencido por certas manifestações materiais, outro por comunicações inteligentes, e a maior parte pelo raciocínio. Podemos até dizer que, para a maioria daqueles que não estão preparados pela racionalidade, os fenômenos materiais têm pouco peso; quanto mais extraordinários forem esses fenômenos e quanto mais se afastem das leis conhecidas, mais eles encontram oposição, e isto por uma razão muito simples: é que as pessoas são naturalmente inclinadas a duvidar de algo que não tem aprovação racional. Cada pessoa considera a coisa em questão do seu ponto de vista e a explica à sua maneira: alguém materialista vê nela ou uma causa puramente física ou uma fraude; um ignorante e supersticioso vê uma causa diabólica ou sobrenatural; enquanto uma prévia explicação tem por efeito deduzir ideias preconcebidas e de mostrar, senão a realidade, pelo menos a possibilidade da coisa, e assim nós a compreendemos antes de vê-la. Ora, desde que a possibilidade seja reconhecida, a convicção fica quase ganha.

30. Seria útil procurar convencer a um incrédulo teimoso? Já dissemos que isso depende das causas e do tipo da sua descrença. Com frequência a insistência em querer persuadi-lo o leva a crer em sua importância pessoal — o que é razão para ele teimar ainda mais. Se alguém não foi convencido nem

pelo raciocínio nem pelos fatos, é porque este ainda deve sofrer a prova da incredulidade; é preciso deixar que a Providência forneça para ele as circunstâncias mais favoráveis; se há tanta gente pedindo para receber a luz, não há por que perder tempo com quem a rejeita. Portanto, dirijam-se às pessoas de boa vontade, cujo número é maior do que se pensa, e o exemplo deles, ao se multiplicar, vencerá as resistências mais do que palavras. O verdadeiro espírita jamais deixará de fazer o bem; está é a sua missão: aliviar corações aflitos, consolar, acalmar desesperos, operar reformas morais; é assim que ele encontrará sua verdadeira satisfação. O espiritismo está no ar; ele se propaga pela força das coisas e porque torna felizes os que o professam. Quando seus adversários sistemáticos o ouvirem ressoar em torno deles, ou entre seus amigos, eles compreenderão o próprio isolamento e serão forçados ou a se calar ou a se render.

31. Para proceder no ensino do espiritismo, como se faria nas ciências convencionais, seria preciso revisar toda a série dos fenômenos que possam se produzir, começando pelos mais simples até chegar sucessivamente aos mais complexos; mas é justamente isso o que não pode ser feito, pois seria impossível fazer um curso de espiritismo experimental como se faz um curso de física ou de química: nas ciências naturais nós usamos a matéria bruta, que manipulamos à vontade e quase sempre com a certeza de podermos regular os efeitos; já no espiritismo, nós estamos lidando com inteligências que têm sua própria liberdade, e que a cada instante nos provam que elas não estão submetidas aos nossos caprichos. Logo, devemos observar, aguardar os resultados e os aproveitar oportunamente; por isso dissemos abertamente que ***quem se vangloriar de os obter quando bem queira não poderá ser mais do que um ignorante ou um impostor.*** Eis por que o espiritismo VERDADEIRO jamais se dará em espetáculo nem subirá aos palcos. Há até algo de ilógico em se supor que Espíritos venham desfilarem e se submeter a uma investigação como objetos de curiosidade. Então, os fenômenos podem ou falhar quando mais se precisaria deles ou se apresentar de um jeito totalmente diferente daquele que se desejaria. Acrescentemos ainda que, para obtê-los, é necessário pessoas dotadas de faculdades especiais e que essas

faculdades variam ao infinito, de acordo com as aptidões dos indivíduos; porém, como é extremamente raro que a mesma pessoa tenha todas as aptidões, isso é uma dificuldade a mais, pois seria necessário sempre ter à disposição uma verdadeira coleção completa de médiuns — o que nunca seria possível.

O meio de se evitar esta inconveniência é bem simples: é começar pela teoria; assim, todos os fenômenos são revistados, são explicados; pode-se apreciá-los, compreender sua possibilidade, conhecer as condições nas quais eles podem se produzir e quais obstáculos podem encontrar. Então, qualquer que seja a ordem em que as circunstâncias se apresentem, não há nada que possa surpreender. Este meio ainda oferece outra vantagem, que é livrar de muitas insatisfações aquele que queira operar os fenômenos; premunido contra as dificuldades, ele saberá manter-se vigilante e evitar adquirir uma experiência às próprias custas.

Desde que nos ocupamos com o espiritismo, seria difícil dizermos o número de pessoas que vieram ter conosco e quantas delas vimos que permaneceram indiferentes ou incrédulas mesmo diante dos fatos mais patentes e que só foram convencidas posteriormente mediante uma explicação racional; quantas outras ficaram predispostas à convicção pelo raciocínio; quantas, enfim, foram persuadidas sem nunca terem visto nada, mas unicamente porque haviam compreendido. Por conseguinte, falamos por experiência e é por isso que também dizemos que a melhor metodologia de ensino espírita consiste em se dirigir antes à razão do que aos olhos. Este é o método que seguimos em nossas lições, e só temos o que nos felicitar por isso.¹⁴

32. O estudo prévio da teoria tem outra vantagem: mostrar imediatamente a grandeza do objetivo e o alcance dessa ciência. Aquele que começa vendo uma mesa girar ou bater fica mais inclinado ao divertimento, pois dificilmente imaginará que de uma mesa possa sair uma doutrina regeneradora da humanidade. Temos notado sempre que aqueles que creem antes de ter visto, mas porque leram e compreenderam, longe de serem superficiais, são aqueles

¹⁴ Nosso ensinamento teórico e prático é sempre gratuito.

que, ao contrário, mais refletem; estão mais interessados pela essência do que pela forma; para estes a parte filosófica é a principal, os fenômenos propriamente ditos são o acessório, e declaram então para si mesmos que mesmo que esses fenômenos não existissem ainda restaria uma filosofia, sendo a única que resolve os problemas até hoje insolúveis, e que só ela apresenta a teoria mais racional sobre o passado e o futuro da humanidade. É claro, eles preferem uma doutrina que explique àquelas que não expliquem ou que expliquem mal. Qualquer um que reflita compreende perfeitamente bem que poderia ignorar as manifestações e a doutrina não deixaria de existir; as manifestações vêm corroborá-la e confirmá-la, mas não constituem a sua base essencial. O observador sério não a recusa; mas ao contrário, ele aguarda as circunstâncias favoráveis que lhe permitam testemunhá-las. A prova do que dissemos é que, antes de ouvirem falar das manifestações, muitas pessoas tinham a intuição dessa doutrina — que não fez mais do que dar corpo, um conjunto às suas ideias.

33. De resto, não seria exato dizer que aqueles que começam pela teoria careçam de assuntos para observações práticas; eles têm algumas questões que, ao contrário, devem ter aos seus olhos um peso até maior do que aqueles que poderiam ser produzidos diante deles: estão são os numerosos fatos de ***manifestações espontâneas***, de que falaremos nos próximos capítulos. São poucas as pessoas que não tenham conhecimento disso ao menos por ouvir dizer; muitas delas tiveram suas próprias experiências, às quais prestaram pouca atenção. A teoria tem por efeito lhes dar a explicação dos fatos, e nós dizemos que esses fatos têm um grande peso enquanto se apoiem nos testemunhos irrecusáveis, porque não se pode admitir nem premeditação nem conivência. Se os fenômenos provocados não existissem, os fenômenos espontâneos não deixariam de existir, e se o único resultado do espiritismo fosse apenas dar uma solução racional a esses fenômenos, só isso já seria muito. Ademais, a maioria dos que leem antecipadamente remetem suas lembranças para esses fatos, que são para eles uma confirmação da teoria.

34. Estaria estranhamente equivocado quanto à nossa maneira de ver aquele que supusesse que nós aconselhamos o desprezo dos fatos, pois é pelos fatos

que chegamos à teoria. É verdade que isso nos exigiu um trabalho assíduo de vários anos e de milhares de observações; mas desde que os fatos nos serviram e nos servem todos os dias, seríamos inconsequentes conosco mesmo se contestássemos a sua importância, sobretudo quando compomos um livro para torná-los conhecidos. Dizemos somente que, sem o raciocínio, eles não bastam para determinar a convicção, e que uma explicação prévia — destruindo os preconceitos e mostrando que os fatos não têm nada contrário à razão — *dispõe* todos a aceitarem esses fatos. Isto é tão verdade que em cada dez pessoas completamente novatas que assistam a uma sessão de experimentação, ainda que fosse das mais satisfatórias sob o ponto de vista dos adeptos, nove delas sairão sem estar convencidas e algumas sairão até mais incrédulas do que antes, pois as experiências não terão correspondido às expectativas dessas pessoas. Tudo será diferente com aquelas que puderem se dar conta dos fatos através de um prévio conhecimento teórico; para estas, é um meio de comprovação, mas nada as surpreende, nem mesmo o insucesso, porque elas sabem em que condições os fenômenos se produzem e que não se deve lhes pedir o que eles não podem dar. Desta forma, o conhecimento antecipado dos fatos as coloca em condições não só de perceberem todas as anomalias, como também lhes permite captar uma série de detalhes, de particularidades às vezes muito sutis, que para essas pessoas são meios de convicção, e que escapam ao observador ignorante. Tais são os motivos que nos levam a só admitir em nossas sessões experimentais quem possua noções preparatórias suficientes para compreender o que ali se faz, certos de que os outros perderiam ali o seu tempo ou nos fariam desperdiçar o nosso.

35. Aos que quiserem adquirir esses conhecimentos preliminares pela leitura das nossas obras, aqui está a ordem que lhes aconselhamos:

1^a ***O que é o espiritismo?*** – Essa brochura, de apenas uma centena de páginas, contém uma breve exposição dos princípios da doutrina espírita, uma visão geral que permite abarcar o conjunto num quadro restrito. Em poucas palavras se vê o objetivo e é possível avaliar o seu alcance. Nela também se encontram a resposta para as principais questões ou objeções

que os novatos naturalmente estão propensos a fazer. Essa primeira leitura, que requer pouquíssimo tempo, é uma introdução que facilita um estudo mais aprofundado.

- 2ª ***O livro dos Espíritos*** – Contém a doutrina completa ditada pelos próprios Espíritos, com toda a sua filosofia e todas as suas consequências morais; é a destinação desvelada do homem, a iniciação sobre a natureza dos Espíritos e os mistérios da vida no além-túmulo. Lendo-o, compreende-se que o espiritismo tem uma finalidade séria e não um é mero passatempo;
- 3ª ***O livro dos médiuns*** – É destinado a dirigir a prática das manifestações, pelo conhecimento dos meios apropriados para se comunicar com os Espíritos; é um guia, tanto para os médiuns quanto para os evocadores, e o complemento do ***Livro dos Espíritos***.
- 4ª ***Revista espírita*** – É uma coletânea variada de fatos, de explicações teóricas e de artigos destacados que completam aquilo que é dito nas duas obras anteriores, e que de certo modo é a sua aplicação. A leitura pode ser feita a qualquer momento, porém será mais proveitosa e sobretudo mais compreensível após a leitura do ***Livro dos Espíritos***.¹⁵

Eis aqui o que nos concerne. Os que queiram conhecer tudo numa ciência devem necessariamente ler tudo o que for escrito sobre tal assunto, ou pelo menos as coisas principais, e não se limitar a um único autor; devem até ler o pró e o contra, tanto as críticas quanto as apologias, inteirar-se das diferentes teorias a fim de poder julgar pela comparação. Nesse sentido, não recomendamos nem criticamos nenhuma obra, não querendo influenciar de nenhum modo a opinião que se possa formar dela; trazendo nossa pedra ao edifício, colocamo-nos nas fileiras: não nos cabe ser juiz e júri, nem temos a ridícula pretensão de ser o único emissor da luz; é ao leitor que cabe fazer a distinção do bom e do mau, do verdadeiro e do falso.

¹⁵ Além destas, recomendamos especialmente as seguintes obras do mesmo autor: ***O Evangelho segundo o Espiritismo; O Céu e o Inferno; A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo***. E-books disponíveis gratuitamente em www.luzespirita.org.br — N. T.

CAPÍTULO IV

SISTEMAS

36. Quando os estranhos fenômenos do espiritismo começaram a se produzir, ou, melhor dizendo, quando se renovaram nestes últimos tempos, o primeiro sentimento que eles despertaram foi o da dúvida quanto à sua própria realidade e, mais ainda, quanto à sua causa. Desde que foram averiguados por testemunhos irrecusáveis e pelas experiências que todos puderam fazer, aconteceu que cada pessoa os interpretou à sua maneira, de acordo com suas ideias pessoais, suas crenças ou seus preconceitos; daí as várias teorias que uma observação mais atenta reduziria ao seu justo valor.

Os adversários do espiritismo acreditaram encontrar um argumento nessa divergência de opiniões, dizendo que os próprios espíritas não estariam de acordo entre si. Essa foi uma razão bem pobre, se refletirmos que os passos de qualquer ciência nascente são necessariamente incertos, até que o tempo tenha permitido reunir e coordenar os fatos que possam firmar a opinião; à medida que os fatos se completam e sejam mais bem observados, as ideias prematuras desaparecem e a unidade se estabelece — pelo menos sobre os pontos fundamentais, quando não sobre todos os detalhes. Foi o que ocorreu com o espiritismo; ele não podia fugir da lei comum e, por sua natureza, tinha mesmo que se prestar, mais do que a qualquer outra coisa, à diversidade das interpretações. Podemos até dizer que, quanto a isso, ele foi mais rápido do que outras ciências mais antigas — como a medicina, por exemplo, que ainda divide os maiores estudiosos.

37. Na ordem metódica, para acompanhar a marcha progressiva das ideias, convém colocar na dianteira aqueles que podemos chamar de *sistemas de*

negação, ou seja, aqueles dos adversários do espiritismo. Já refutamos suas objeções na introdução e na conclusão do *Livro dos Espíritos*, assim como no opúsculo intitulado *O que é o espiritismo?* Seria supérfluo insistir nisso aqui; vamos nos limitar a recordar, em duas palavras, os motivos sobre os quais eles se fundam.

Os fenômenos espíritas são de duas espécies: efeitos físicos e efeitos inteligentes. Não admitindo a existência dos Espíritos — pela razão de não admitirem nada fora da matéria — é compreensível que esses sistemas neguem os efeitos inteligentes. Quanto aos efeitos físicos, eles comentam a respeito, do ponto de vista deles, e os seus argumentos podem ser resumidos nas quatro teorias seguintes:

38. Teoria do charlatanismo – Entre os antagonistas, muitos atribuem tais efeitos à fraude, porque alguns puderam ser imitados. Essa suposição transformaria todos os espíritas em ludibriados e todos os médiuns seriam ludibriadores, sem consideração pela posição, pelo caráter, pelo saber e pela honradez das pessoas. Se isto merecesse resposta, diríamos que certos fenômenos da física também são imitados pelos ilusionistas, e que isso nada prova contra a verdadeira ciência. Ademais, há pessoas cujo caráter afasta toda suspeita de fraude, e seria necessário ser desprovido de toda etiqueta e de toda educação para ousar vir lhes dizer na cara que elas são cúmplices de charlatanismo. Num salão muito respeitável, depois de um senhor supostamente bem-educado se permitir fazer uma reflexão desse tipo, a dona da casa lhe disse: “Senhor, já que não estais satisfeito, restituiremos vosso dinheiro na saída”, e com um gesto lhe indicou o que tinha de melhor a fazer. É de se afirmar com isso que jamais houve qualquer abuso? Para acreditar nisso, seria preciso admitir que os homens são perfeitos. As pessoas abusam de tudo, até das coisas mais sagradas; por que não abusariam do espiritismo? Contudo, o mau uso que se possa fazer de uma coisa não pode fazer nada para prejudicar a coisa em si; a noção que podemos ter da boa-fé das pessoas está nos motivos que as fazem agir. Onde não há exploração o charlatanismo não tem nada a ganhar.

39. Teoria da loucura – Alguns, por condescendência, até aceitam afastar a suspeita de fraude, mas afirmam que aqueles que não são enganadores estão iludindo a si mesmos — o que equivale a dizer que eles são imbecis. Quando os incrédulos se importam menos com as formalidades, eles simplesmente dizem que nós somos loucos, atribuindo então a si mesmos, e sem cerimônia, o privilégio do bom senso. Este é o grande argumento daqueles que não têm nenhuma boa razão para se opor. De resto, tal modo de ataque tornou-se ridículo pela sua banalidade e não merece que percamos tempo para lhe contestar. Os espíritas, aliás, não se alteram com isso e corajosamente tomam seu partido, consolando-se ao lembrar que eles têm por companheiros de infortúnio muitas pessoas cujo mérito não pode ser contestado. De fato, é preciso convir que essa loucura — se loucura existe — tem uma característica bem singular, que é a de atingir preferencialmente a classe instruída, dentro da qual, até ao presente momento, o espiritismo conta a imensa maioria de seus adeptos. Se nesse número encontram-se algumas excentricidades, elas não provam nada contra a doutrina, assim como os loucos religiosos nada provam contra a religião, nem os loucos melomaníacos contra a música, ou os loucos matemáticos contra a matemática. Todas as ideias tiveram fanáticos exagerados, e seria preciso ser dotado de um senso muito obtuso para confundir o exagero de uma coisa com a própria coisa. Para explicações mais amplas sobre esse assunto, recomendamos a nossa brochura *O que é o espiritismo?* e o *Livro dos Espíritos* (Introdução, questão 15).

40. Teoria da alucinação – Outra opinião — menos ofensiva, por trazer um ligeiro colorido científico — consiste em colocar os fenômenos na conta de ilusão dos sentidos; assim, o observador seria de muita boa-fé, e simplismente ele acreditaria estar vendo o que não vê. Quando ele vê uma mesa se elevar e se manter no ar sem ponto de apoio, não é que a mesa tenha se mexido de lugar, mas é que o observador a viu no ar por um tipo de miragem, ou por efeito de uma refração, como a que nos faz ver um astro ou um objeto qualquer refletido na água, fora da sua posição real. A rigor, isto seria possível, mas aqueles que presenciaram esse fenômeno puderam constatar a excepcionalidade do caso passando por baixo da mesa suspensa, o que parece

difícil de se conseguir caso a mesa não tivesse saído do chão. Por outro lado, muitas vezes tem ocorrido a mesa quebrar-se ao cair: vão dizer também que isso não é mais do que um efeito de ótica?

Uma causa fisiológica bem conhecida pode indubitavelmente fazer com que uma pessoa acredite ver mexer-se um objeto que não se moveu, ou crer que ela própria esteja se movendo, mesmo ela estando imóvel; mas quando várias pessoas em torno de uma mesa são levadas por um movimento tão rápido que elas mal conseguem acompanhar, e que algumas delas às vezes são jogadas no chão, então alguém poderia dizer que todas elas estariam sofrendo de vertigem, como o bêbedo que acredita estar vendo sua casa passar por ele?

41. Teoria do músculo estalante – Sendo assim no caso da visão, não poderia ser de outro modo para a audição, e quando as pancadas são ouvidas por toda uma assembleia, não há razoavelmente como atribuí-las a uma ilusão. Excluimos, é claro, qualquer ideia de fraude e presumimos que uma observação atenta tenha constatado que tais pancadas não se devem a nenhuma causa fortuita ou material.

É verdade que um sábio médico deu a esse fenômeno uma explicação categórica, segundo ele, dizendo que: “A causa disso está nas contrações voluntárias ou involuntárias do tendão do músculo fibular curto”.¹⁶ A propósito desse assunto ele entra nos mais completos detalhes anatômicos para demonstrar por qual mecanismo esse tendão pode produzir esses ruídos para imitar os rufos do tambor e até executar árias ritmadas, concluindo daí que aqueles que acreditam ouvir pancadas numa mesa estão sendo enganados ou por uma mistificação ou por uma ilusão. O fato em si não é novo; infelizmente para o autor dessa pretendida descoberta, sua teoria não pode explicar todos os casos. Digamos, primeiramente, que aqueles que gozam da estranha faculdade de fazer seu músculo fibular curto — ou qualquer outro — estalar à vontade, e executar árias por esse meio, são indivíduos excepcionais, enquanto o meio de produzir batidas nas mesas é

¹⁶ Sr. Jobert (de Lamballe). Para sermos justos, é preciso dizer que essa descoberta se deve ao Sr. Schiff; dela, o Sr. Jobert desenvolveu as consequências, perante a Academia de medicina, para dar o golpe fatal sobre os Espíritos batedores. Os detalhes disso encontram-se na *Revista Espírita* [artigo ‘Músculo estalante’] do mês de junho de 1859 [[E-book](#)].

mais comum, e que nem todos dispõem deste último modo dispõem do primeiro outro. Em segundo lugar, o sábio doutor esqueceu-se de explicar como o estalo muscular de uma pessoa inerte e isolada da mesa pode produzir nesse móvel vibrações sensíveis ao toque; como pode esse ruído repercutir à vontade dos assistentes nas diferentes partes da mesa, nos outros móveis, nas paredes, no teto etc. e, enfim, como a ação desse músculo pode atingir uma mesa em que ninguém toca, mas a faz se mover. Em suma, essa explicação — se fosse de fato uma explicação — não invalidaria senão o fenômeno das pancadas, mas não poderia responder a todos os outros modos de comunicação. Então vamos concluir que ele julgou sem ter observado, ou sem ter observado tudo ou observado bem. É sempre lamentável que homens de ciência se apressem a falar do que não conhecem, explicações que os fatos podem desmentir. O próprio conhecimento deles deveria torná-los ainda mais cautelosos em seus juízos, tanto quanto lhes recua os limites do desconhecido.

42. Teoria das causas físicas – Aqui, saímos do sistema da negação absoluta. Sendo averiguada a realidade dos fenômenos, o primeiro pensamento que naturalmente vem ao espírito daqueles que os reconheceram foi atribuir os movimentos ao magnetismo, à eletricidade, ou à ação de um fluido qualquer; numa palavra, a uma causa inteiramente física e material. Esta opinião nada tem de irracional, e ela teria prevalecido se o fenômeno ficasse limitado aos efeitos puramente mecânicos. Uma determinada circunstância até parecia corroborá-la: o crescimento da força por causa do número das pessoas; com isso, cada uma delas podia ser considerada como um dos elementos de uma pilha elétrica humana. O que caracteriza uma teoria verdadeira, nós já dissemos, é poder explicar tudo; mas se um só fato vier lhe contradizer, é que ela é falsa, incompleta ou bastante autoritária. Ora, foi o que não tardou a acontecer aqui. Esses movimentos e essas pancadas deram sinais inteligentes, obedecendo à vontade e respondendo ao pensamento; portanto, deviam vir de uma causa inteligente. Desde que o efeito deixou de ser puramente físico, por isso mesmo a causa tinha que ter outra fonte; sendo assim, o sistema da ação *exclusiva* de um agente material foi abandonado, e não é reconhecido senão pelos que julgam *a priori* e sem ter visto. O ponto capital consiste então

em constatar a ação inteligente, e é disso que pode ficar convencido qualquer pessoa que quiser se dar ao trabalho de observar.

43. Teoria do reflexo – Uma vez reconhecida a ação inteligente, restava saber qual era a fonte dessa inteligência. Pensou-se que podia ser a do médium ou a dos assistentes, que refletia como a luz ou os raios sonoros. Isso era possível: só a experiência poderia dizer a última palavra. Mas, antes de tudo, notemos que esse sistema já se afasta completamente da ideia puramente materialista; para que a inteligência dos assistentes pudesse se reproduzir por via indireta, seria preciso admitir no homem um princípio exterior ao organismo.

Se o pensamento externado fosse sempre o dos assistentes, a teoria da reflexão estaria confirmada; mas o fenômeno — mesmo que reduzido a essa proporção — já não seria do mais alto interesse? O pensamento repercutindo num corpo inerte e se traduzindo pelo movimento e pelo ruído, isso já não seria uma coisa muito notável? Já não haveria nisso o que atizar a curiosidade dos sábios? Por que então teriam desdenhado esse fato, eles que se esgotam à procura de uma fibra nervosa?

Somente a experiência — nós dizemos — poderia dizer se essa teoria tem ou não razão, e a experiência a reprovou, pois demonstra a cada instante e pelos fatos mais positivos que o pensamento expresso pode ser, não apenas estranho ao dos assistentes, mas que com frequência é totalmente contrário a eles; que vem contradizer todas as ideias preconcebidas e frustrar todas as previsões. Com efeito, quando eu penso branco e ele me responde preto, é difícil acreditar que a resposta venha de mim mesmo. Costuma-se apoiar-se em alguns casos de semelhança entre o pensamento manifestado e o dos assistentes; mas, o que isso prova, senão que os assistentes podem pensar igualmente à inteligência que se comunica? Eles não são obrigados a ter sempre uma opinião oposta. Quando numa conversação o interlocutor emite uma opinião semelhante à de vocês, hão de dizer por isso que esse pensamento venha de vocês? Bastam alguns exemplos contrários bem observados para comprovar que essa teoria não pode ser absoluta. Como explicar, aliás, pelo reflexo do pensamento, a escrita produzida por pessoas que não sabem escrever, respostas do mais alto alcance filosófico obtidas por

indivíduos iletrados, aquelas respostas dadas a perguntas mentais ou num idioma desconhecido do médium, e mil outros fatos que não podem deixar dúvidas sobre a independência da inteligência que se manifesta? A opinião contrária só pode ser o resultado de falta de observação.

Se a presença de uma inteligência estranha fica provada moralmente pela natureza das respostas, também está materialmente provada pelo fato da escrita direta, isto é, da escrita obtida espontaneamente, sem pena nem lápis, sem contato e não obstante todas as precauções tomadas para se garantir contra todo subterfúgio. O caráter inteligente do fenômeno não poderia ser posto em dúvida; logo, há outra coisa além de uma ação fluídica. Depois, a espontaneidade do pensamento expresso fora de toda expectativa, de toda questão formulada, não permite ver nele um reflexo daquele dos assistentes.

O sistema do reflexo é bastante indelicado em certos casos; numa reunião de pessoas honestas, quando surge repentinamente uma dessas revoltantes comunicações de grosseria, seria cometer uma grave indelicadeza para com os assistentes supor que tenha vindo de um deles, e é provável que cada qual se apressaria em repudiá-la. (Veja *Livro dos Espíritos*, Introdução, item XVI.)

44. Teoria da alma coletiva – É uma variação da anterior. Segundo este sistema, somente a alma do médium se manifesta, mas ela se identifica com a de vários outros indivíduos, presentes ou ausentes, formando um **todo coletivo**, reunindo as aptidões, a inteligência e os conhecimentos de cada um. Apesar da brochura onde esta teoria está exposta seja intitulada **a luz**,¹⁷ ela nos pareceu de um estilo muito obscuro; confessamos tê-la entendido pouco e dela falamos unicamente para registro. Além disso, como outras tantas, essa é uma opinião individual que tem poucos seguidores. O nome de **Emah Tirpsé** é aquele que o autor utiliza para designar o ser coletivo que ele representa. Ele toma por epígrafe: **Não há nada de oculto que não deva ser conhecido**. Esta

¹⁷ Communion. La lumière du phénomène de l'Esprit. Tables parlantes, somnambules, médiums, miracles. Magnétisme spirituel : puissance de la pratique de la foi [Comunhão. A luz do fenômeno do Espírito. Mesas falantes, sonâmbulos, médiuns, milagres. Magnetismo espiritual: força da prática da fé]. Por **Émah Tirpsé**, uma alma coletiva escrevendo pelo intermédio de uma prancheta. Bruxelas, 1858, na livraria Devroye.

proposição é evidentemente falsa, pois há uma imensidade de coisas que o homem não pode e não deve saber; bem presunçoso seria aquele que pretendesse penetrar todos os segredos de Deus.

45. Teoria sonambúlica – Este sistema teve mais apoiadores e ainda conta com alguns deles. Como a teoria anterior, ela admite que todas as comunicações inteligentes têm sua origem na alma ou Espírito do médium; mas, para explicar a aptidão do médium ao tratar de assuntos fora do âmbito de seus conhecimentos, ao invés de supor nele a existência de uma alma múltipla, atribui essa aptidão a uma sobre-excitação momentânea das faculdades mentais, a uma espécie de estado sonambúlico ou extático, que exalta e desenvolve a sua inteligência. Em certos casos, não se pode negar a influência desta causa; porém, basta ter visto como a maioria dos médiuns procede para se convencer que ela não pode resolver todas as ocorrências e que é uma exceção, e não a regra. Poderíamos acreditar que seria assim se o médium tivesse sempre a aparência de um inspirado ou de um extático, aparência que aliás ele poderia perfeitamente simular se quisesse representar uma comédia; mas como crer na inspiração quando o médium escreve como uma máquina, sem ter a menor noção do que está obtendo, sem a menor emoção, sem se importar com o que está fazendo, olhando para o outro lado, rindo e conversando sobre uma coisa ou outra? Concebe-se a sobre-excitação das ideias, mas não compreendemos que ela possa fazer uma pessoa escrever sem saber escrever, e menos ainda quando as comunicações são transmitidas por pancadas ou com o auxílio de uma prancheta ou de uma cesta. No transcorrer desta obra nós veremos a parte que devemos dar à influência das ideias do médium, mas os fatos em que a inteligência exterior se revela por sinais incontestáveis são tão numerosos e evidentes que eles não podem deixar dúvidas a esse respeito. O erro da maior parte das teorias levantadas na origem do espiritismo é o de se ter tirado conclusões gerais de alguns fatos isolados.

46. Teoria pessimista, diabólica ou demoníaca – Aqui nós entramos numa outra ordem de ideias. Sendo comprovada a intervenção de uma inteligência

estranha, tratava-se de saber qual era a natureza dessa inteligência. O meio mais simples era sem dúvidas perguntar a ela mesma; contudo, algumas pessoas não encontraram aí uma garantia suficiente e não quiseram ver em todas as manifestações nada além de uma obra diabólica; segundo essas pessoas, só o diabo ou os demônios podem se comunicar. Embora este sistema encontre pouca repercussão atualmente, mesmo assim ele gozou por um momento de algum crédito devido ao próprio caráter dos que tentaram fazê-lo prevalecer. No entanto, faremos notar que os partidários do sistema demoníaco não devem ser classificados entre os adversários do espiritismo, mas ao contrário. Que os seres que se comunicam sejam demônios ou anjos, eles são sempre seres incorpóreos; ora, admitir a manifestação dos demônios é admitir sempre a possibilidade da comunicação com o mundo invisível, ou pelo menos com uma parte desse mundo.

A crença na comunicação exclusiva dos demônios — por mais irracional que ela seja — poderia não parecer impossível senão quando se via os Espíritos como seres criados fora da humanidade; mas, já que sabemos que os Espíritos não são outra coisa a não ser as almas daqueles que viveram, esta crença perdeu todo o seu prestígio e, podemos até dizer, toda a sua verossimilhança, porque se seguiria que todas essas almas seriam demônios, fossem elas de um pai, de um filho ou de um amigo, e que nós mesmos ao morrermos nos tornaríamos demônios — doutrina pouco agradável e pouco consoladora para muita gente. Será bem difícil persuadir uma mãe de que o seu filho querido, que ela perdeu e que depois da morte lhe vem dar provas de sua afeição e de sua identidade, seja um suposto Satanás. É verdade que entre os Espíritos há alguns muito malignos e que não valem mais do que aqueles que chamamos de **demônios**, por uma razão bem simples: é que há homens muito malignos e que a morte não os torna imediatamente melhores; a questão é saber se estes são os únicos que podem se comunicar. Aos que pensem assim, nós dirigimos as seguintes perguntas:

1ª – Há Espíritos bons e malignos?

2ª – Deus é mais poderoso do que os Espíritos malignos — ou demônios, se assim quiserem lhes chamar?

- 3ª – Afirmar que apenas os maus Espíritos se comunicam é dizer que os bons não podem; se fosse assim, de duas coisas uma: isto ocorre pela vontade ou contra a vontade de Deus. Se for contra a sua vontade, é que os maus Espíritos são mais poderosos do que Deus; se for por sua vontade, por que Deus, na sua bondade, não permitiria aos bons contrabalancearem a influência dos outros?
- 4ª – Que provas vocês podem apresentar da impossibilidade dos bons Espíritos de se comunicarem?
- 5ª – Quando a sabedoria de certas comunicações se opõe a vocês, então vocês respondem que o demônio usa todas as máscaras para melhor seduzir. De fato, sabemos que há Espíritos hipócritas que dão à sua linguagem um falso tom de sabedoria; mas vocês admitiriam que a ignorância possa falsificar o verdadeiro saber e que uma má natureza falsifique a verdadeira virtude sem deixar nenhum vestígio que possa detectar a fraude?
- 6ª – Se somente o demônio se comunica, já que ele é inimigo de Deus e dos homens, por que ele recomendaria orar a Deus, submeter-se à vontade divina, suportar sem murmúrios as tribulações da vida, não ambicionar nem as honras nem as riquezas, praticar a caridade e todos os preceitos do Cristo; numa palavra: fazer tudo o que é preciso para destruir o império demoníaco? Se for o demônio quem dá tais conselhos, será preciso concordar que, por mais tinoso que seja, ele é bem atrapalhado para fornecer armas contra ele mesmo.¹⁸
- 7ª – Já que os Espíritos se comunicam, é que Deus permite isso; vendo as

¹⁸ Esse tema foi tratado no *Livro dos Espíritos* (questão 128 e seguintes) mas, a sobre isso nós recomendamos, como sobre tudo que toca à parte religiosa, a brochura intitulada *Carta de um católico sobre o espiritismo*, do Sr. Dr. Grand, antigo cônsul da França (na livraria Ledoyen. In-18; preço 1 franco) assim como aquela que nós vamos publicar sob o título de: **OS CONTRADITORES DO ESPIRITISMO sob o ponto de vista da religião, da ciência e do materialismo.**

[**Nota do tradutor:** na verdade, ao invés da publicação supramencionada, Allan Kardec acabou publicando três obras distintas: *O Evangelho segundo o Espiritismo*, tratando das contradições quanto à moral do Cristo; *O Céu e o Inferno*, tratando das contradições dos dogmas religiosos; e *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo*, cuidando especialmente das contradições científicas. Obras disponíveis em www.luzespirita.org.br.]

boas e as más comunicações, não é mais lógico pensar que Deus permite umas para nos experimentar e as outras para nos aconselhar ao bem?

8ª – O que vocês pensariam de um pai que deixasse o filho à mercê dos exemplos e dos conselhos perniciosos, e que o afastasse de si e o proibisse de ver as pessoas que pudessem desviá-lo do mal? O que um bom pai não faria, devemos supor que Deus faça? Ele que é a bondade por excelência, fazendo menos do que um homem faria?

9ª – A Igreja reconhece como autênticas certas manifestações da Virgem e de outros santos, em aparições, visões, comunicações orais etc. Esta crença não é contraditória com a doutrina da comunicação exclusiva dos demônios?

Acreditamos que algumas pessoas tenham professado essa teoria de boa-fé, mas também cremos que muitas o fizeram unicamente para evitar de se ocuparem com tais coisas, por causa das comunicações desagradáveis que estão expostas a receber; ao dizer que só o diabo se manifesta, elas queriam assustar, como quando se diz a uma criança diz: Não toques nisto, porque isso queima. A intenção pode ser louvável, mas o objetivo falhou, pois apenas proibição excita a curiosidade, e o medo do diabo inibe pouquíssimas pessoas: todos querem vê-lo, nem que seja para saber como ele é, e muitos ficam espantados por não o acharem tão feio quanto o imaginavam.

E não se poderia também ver outro motivo nessa teoria exclusiva do diabo? Há pessoas que acham que todos aqueles que não pensam como elas estão errados; ora, os que supõem que todas as comunicações são obra do demônio não seriam movidos pelo medo de não encontrar os Espíritos de acordo com eles sobre todos os pontos, principalmente sobre aqueles que se referem mais aos interesses deste mundo do que aos do outro? Não podendo negar os fatos, quiseram apresentá-los sob uma maneira apavorante; mas esse meio não produziu melhor resultado do que os outros. Onde o temor do ridículo é impotente, necessário se faz deixar as coisas passarem.

O muçulmano que ouvisse um Espírito falar contra certas leis do Alcorão seguramente pensaria que esse é um mau Espírito; aconteceria o mesmo com um judeu no que diz respeito a certas práticas da lei de Moisés. Quanto aos

católicos, ouvimos um deles afirmar que o Espírito que se comunica não podia deixar de ser o diabo, por ter se permitido pensar de modo diverso do dele acerca do poder temporal — se bem que, aliás, o Espírito tivesse pregado a caridade, a tolerância, o amor ao próximo e a abnegação das coisas deste mundo, preceitos todos ensinados pelo Cristo.

Como os Espíritos nada mais são do que as almas dos homens, e como os homens não são perfeitos, isso implica que há Espíritos igualmente imperfeitos, cujo caráter se reflete nas suas comunicações. É um fato incontestável que entre eles existem Espíritos malvados, astuciosos, profundamente hipócritas, e contra os quais devemos estar em guarda; mas só porque encontramos neste mundo homens perversos, isto é motivo para fugirmos de toda a sociedade? Deus nos deu a razão e o discernimento para apreciarmos tanto os Espíritos quanto os homens. O melhor meio de se prevenir contra os inconvenientes que a prática do espiritismo pode apresentar não é proibi-la, mas torná-la compreendida. Um medo imaginário só impressiona por um instante e não afeta todo mundo, enquanto a realidade claramente demonstrada é compreendida por todos.

47. Teoria otimista – Ao lado dos que não enxergam nesses fenômenos nada além da ação do demônio, há outros que só viram a ação de bons Espíritos; estes acharam que a alma, estando livre da matéria, não tinha mais nenhum véu a lhe encobrir, e que, portanto, ela devia dispor da suprema ciência e sabedoria. A confiança cega nessa superioridade absoluta dos seres do mundo invisível tem sido para muitos a causa de muitas decepções; eles aprenderam na prática a desconfiar de alguns Espíritos, como também de alguns homens.

48. Teoria uniespírita, ou monoespírita – Uma variedade da teoria otimista consiste na crença de que um único Espírito se comunica com os homens, sendo esse Espírito o **Cristo**, que é o protetor da Terra. Quando se vê comunicações da mais baixa trivialidade, de uma revoltante grosseria, repletas de malevolência e de maldade, seria profanação e impiedade supor que elas pudessem emanar do Espírito do bem por excelência. Mesmo que os que creem nisso só tivessem obtido mensagens irrepreensíveis, ainda assim

conceberíamos a sua ilusão; todavia, a maioria deles concorda em que eles têm recebido algumas comunicações muito ruins — pelo que eles explicam dizendo ser uma provação a que o bom Espírito os sujeita, ditando-lhes coisas absurdas: assim, enquanto uns atribuem todas as comunicações ao diabo, que pode dizer coisas boas para tentar, outros pensam que só Jesus se manifesta, e que ele pode dizer coisas detestáveis como experimentação. Entre estas duas opiniões tão inversas, quem decidirá? O bom senso e a experiência. Dizemos a experiência, pois é impossível que os que professam ideias tão exclusivas tenham visto tudo e observado bem.

Quando eles são contestados pelos fatos de identidade que atestam a presença de parentes, amigos ou conhecidos, através de manifestações escritas, visuais ou outras, então eles respondem que é sempre o mesmo Espírito — o diabo, segundo alguns; o Cristo, segundo outros — que assume todas as formas; mas não explicam por que os outros Espíritos não podem se comunicar, nem explicam com que objetivo o Espírito de verdade viria nos enganar ao se apresentar sob falsas aparências, abusar de uma pobre mãe lhe fazendo crer erradamente que ele é o filho dela, por quem essa mãe chora. A razão se recusa a admitir que o Espírito Santo desça entre todos para representar tal comédia. A propósito, negar a possibilidade de qualquer outra comunicação não seria privar o espiritismo daquilo que tem de mais doce, que é a consolação dos aflitos? Digamos apenas que esta teoria é irracional e não pode suportar um exame sério.

49. Teoria multiespírita ou poliespírita – Sobre os sistemas que revisamos, sem excluir aqueles que estão no sentido negativo, todos se fundamentam em algumas observações, porém incompletas ou mal interpretadas. Se uma casa for vermelha de um lado e branca do outro, aquele que tiver visto apenas um lado afirmará que ela é vermelha, ou que é branca: ambos estarão certos e errados ao mesmo tempo, mas aquele que tiver visto esta casa pelos dois lados dirá que ela é vermelha e branca, e apenas este estará com a verdade. O mesmo acontece com relação à opinião que se faz do espiritismo: ela pode ser verdadeira em certos casos e falsa se generalizarmos o que é apenas parcial, se tomarmos como regra o que não passa de exceção, como o todo por aquilo

que é apenas uma parte. É por isso que nós dizemos que quem queira estudar seriamente esta ciência deve observar bem e durante muito tempo; só o tempo lhe permitirá apreender os detalhes, notar os pormenores delicados, observar um monte de fatos característicos que lhe serão raios de luz; mas se ele ficar na superfície, estará exposto a formular um julgamento prematuro e, por consequência, errôneo. Eis as consequências gerais deduzidas de uma observação completa e que agora formam a crença — pode-se dizer — da universalidade dos espíritas, visto que os sistemas restritivos não passam de opiniões insuladas:

- 1^a – Os fenômenos espíritas são produzidos por inteligências extracorporais, isto é, por Espíritos;
- 2^a – Os Espíritos constituem o mundo invisível; eles estão por toda parte; os espaços são povoados por eles ao infinito; há muitos deles ao nosso redor com os quais estamos constantemente em contato;
- 3^a – Os Espíritos reagem incessantemente no mundo físico e no mundo moral, e são uma das potências da natureza;
- 4^a – Os Espíritos não são seres à parte da criação, mas sim as almas dos que viveram na Terra ou em outros mundos, e que deixaram seu invólucro corporal; donde se conclui que as almas dos homens são Espíritos encarnados e que, ao morrermos, nós nos tornamos Espíritos;
- 5^a – Há Espíritos de todos os graus de bondade e de malícia, de saber e de ignorância;
- 6^a – Todos eles estão submetidos à lei do progresso e todos podem chegar à perfeição; mas, como têm seu livre-arbítrio, eles chegam lá em um tempo mais ou menos longo conforme seus próprios esforços e vontade;
- 7^a – Eles são felizes ou infelizes de acordo com o bem ou o mal que praticaram durante a vida e com o grau de avanço que tiverem percorrido. A felicidade perfeita e sem mescla só é compartilhada pelos Espíritos que já chegaram ao grau supremo de perfeição;
- 8^a – Em certas circunstâncias, todos os Espíritos podem se manifestar aos homens; o número dos que podem se comunicar é infinito;

9ª – Os Espíritos se comunicam através dos médiuns, que lhes servem de instrumentos e intérpretes;

10ª – Reconhecemos a superioridade ou a inferioridade dos Espíritos pela linguagem deles; os bons só aconselham o bem e não dizem senão coisas boas: tudo neles confirma sua elevação; os maus enganam, e todas as suas palavras trazem o cunho da imperfeição e da ignorância.

Os diferentes graus que os Espíritos percorrem estão indicados na *Escala Espírita (Livro dos Espíritos, parte II, capítulo I, item 100)*. O estudo dessa classificação é indispensável para apreciar a natureza dos Espíritos que se manifestam, assim como suas boas e más qualidades.

50. Teoria da alma material – Consiste unicamente numa opinião particular sobre a natureza íntima da alma. Segundo esta opinião a alma e o perispírito não seriam duas coisas distintas, ou, melhor dizendo, o perispírito não seria mais do que a própria alma, a se depurar gradualmente por meio das diversas transmigrações, como o álcool se depura por meio de diversas destilações, ao passo que a doutrina espírita considera o perispírito simplesmente como o envoltório fluídico da alma, ou do Espírito. Como o perispírito é matéria — conquanto muito etérea — a alma também seria de uma natureza material mais ou menos essencial na proporção do grau da sua purificação.

Este sistema não desmente nenhum dos princípios fundamentais da doutrina espírita, pois ele não muda nada com relação à destinação da alma; as condições de sua felicidade futura são as mesmas; a alma e o perispírito formando uma unidade, sob o nome de Espírito, como o gérmen e o perisperma formam um conjunto sob o nome de fruto, então toda a questão se reduz a considerar a unidade como homogênea, em vez de ser formado de duas partes distintas.

Como se vê, isto não leva a nenhuma consequência e não teríamos falado dessa teoria se não tivéssemos encontrado pessoas levadas a ver uma nova escola no que definitivamente não é mais do que uma simples interpretação de palavras. Esta opinião — muito restrita, aliás, e ainda que fosse mais aceita — não constituiria uma cisão entre os espíritas, assim como as duas teorias

da emissão e das ondulações da luz não formam uma cisão entre os físicos. Os que quisessem formar um grupo à parte por uma questão tão pueril, só por isso, provariam que dão mais importância ao acessório do que à coisa principal, e que eles estariam empenhados à desunião por Espíritos que não podem ser bons, porque os bons Espíritos jamais incentivam a intriga e a cizânia; daí por que nós convocamos todos os verdadeiros espíritas a se manterem em guarda contra sugestões desse tipo, e a não darem a determinadas minúcias mais importância do que elas merecem; o essencial é o fundamento.

Entretanto, acreditamos ter a obrigação de dizer algumas palavras sobre em que se apoia a opinião daqueles que consideram a alma e o perispírito como duas coisas diferentes. Ela está fundada no ensino dos Espíritos que jamais divergiam a esse respeito; estamos falando dos Espíritos esclarecidos, porque entre eles há alguns que não sabem mais do que os homens, e alguns sabem até menos, enquanto a teoria contrária é uma concepção humana. Nós nem inventamos nem supomos o perispírito para explicar os fenômenos; sua existência nos foi revelada pelos Espíritos, e ela nos foi confirmada pela observação (*Livro dos Espíritos*, questão 93). Ela também se apoia no estudo das sensações dos Espíritos (*Livro dos Espíritos*, questão 257) e, sobretudo, no fenômeno das aparições tangíveis que, segundo a outra opinião, implicaria na solidificação e na desagregação das partes constitutivas da alma e, por consequência, na sua desorganização. Além disso, seria preciso admitir que essa matéria, que pode ser percebida pelos nossos sentidos, é ela própria o princípio inteligente, o que não nos parece mais racional do que confundir o corpo com a alma, ou a roupa com o corpo. Quanto à natureza íntima da alma, ela nos é desconhecida. Quando se diz que a alma é *imaterial*, deve-se entender isso em sentido relativo, e não em sentido absoluto, porque a imaterialidade absoluta seria o nada; ora, a alma, ou o Espírito, é alguma coisa; quer dizer que sua essência é tão superior que ela não tem nenhuma analogia com o que nós chamamos matéria, e que assim, para nós, ela é imaterial. (*Livro dos Espíritos*, questões 23 e 82).

51. Eis aqui a resposta que um Espírito deu sobre este assunto:

“Aquilo que alguns nomeiam *perispírito* não é outra coisa senão o que outros chamam envoltório material fluídico. Eu direi, para me fazer compreendido de um modo mais lógico, que esse fluido é a perfectibilidade dos sentidos, a extensão da vista e das ideias; falo aqui dos Espíritos elevados. Quanto aos Espíritos inferiores, os fluidos terrestres ainda lhe são completamente inerentes; portanto, é matéria, como vocês podem ver; daí vêm os sofrimentos da fome, do frio etc., sofrimentos que não podem atingir os Espíritos superiores, visto que os fluidos terrestres são purificados em torno do pensamento — isto é, da alma. Para progredir, a alma necessita sempre de um agente; a alma sem esse agente não é nada para vocês, ou, melhor dizendo, não pode ser concebida por vocês. O perispírito para nós, Espíritos errantes, é o agente pelo qual nos comunicamos convosco, seja indiretamente por vosso corpo ou vosso perispírito, seja diretamente à vossa alma; donde resultam as infinitas variedades de médiuns e de comunicações. Agora resta o ponto de vista científico, quer dizer, a própria essência do perispírito — o que é outra questão. Compreendam primeiro moralmente; então não resta mais do que uma discussão sobre a natureza dos fluidos, coisa inexplicável para este momento; a ciência ainda não conhece o bastante, mas nós chegaremos lá se a ciência quiser caminhar com o espiritismo. O perispírito pode variar e mudar infinitamente; a alma é o pensamento: não muda de natureza; neste aspecto, ele não vai mais longe; este é um ponto que não pode ser explicado. Por acaso vocês pensam que eu também não estou pesquisando, assim como vocês? Por vossa vez, vocês estão pesquisando o perispírito; por nossa vez, nós agora pesquisamos a alma. Então, esperem”.

LAMENNAIS

Desta maneira, se os Espíritos que podemos considerar como avançados ainda não puderam sondar a natureza da alma, como é que nós mesmos poderíamos conseguir isso? Portanto, é perder vosso tempo querer escrutinar o princípio das coisas que — como está dito em o *Livro dos Espíritos* (questões 17 e 49) — está nos segredos de Deus. Pretender explorar com o auxílio do espiritismo aquilo que ainda não está ao alcance da humanidade é desviá-lo do seu verdadeiro objetivo; é fazer como uma criança que quisesse

saber tanto quanto o ancião. Que o homem direcione o espiritismo para o seu melhoramento moral — isto é o essencial; o restante não passa de uma curiosidade estéril e muitas vezes orgulhosa, cuja satisfação não o faria adiantar um passo; o único meio de avançar é o de nos tornarmos melhores. Os Espíritos que ditaram o livro que traz os seus nomes demonstraram a sua sabedoria em se mantendo — no que se refere ao princípio das coisas — dentro dos limites que Deus não permite ultrapassar, deixando aos Espíritos sistemáticos e presunçosos a responsabilidade das teorias prematuras e equivocadas, mais sedutoras do que sólidas, e que um dia tombarão diante da razão, como tantas outras que saíram dos cérebros humanos. Eles só disseram justamente o que era preciso para fazer o homem compreender o futuro que o aguarda e, por isso, para encorajá-lo ao bem (Veja mais adiante nesta obra, 2^a parte, cap. I: Ação dos Espíritos sobre a matéria).

SEGUNDA PARTE

**MANIFESTAÇÕES
ESPÍRITAS**

CAPÍTULO PRIMEIRO

AÇÃO DOS ESPÍRITOS SOBRE A MATÉRIA

52. A opinião materialista estando descartada — depreciada tanto pela razão quanto pelos fatos — tudo se resume em saber se a alma depois da morte pode se manifestar aos vivos. A questão, sendo assim reduzida à sua expressão mais simples, fica singularmente esclarecida. De início, nós poderíamos indagar por que os seres inteligentes — que de certo modo vivem no nosso meio, embora invisíveis por natureza — não poderiam nos atestar sua presença de nenhuma maneira. A simples razão diz que não há absolutamente nada de impossível nisso, e isso já é alguma coisa. Além do mais, esta crença tem a seu favor a aceitação de todos os povos, pois a encontramos em toda parte e em todas as épocas; ora, uma intuição qualquer não poderia ser tão generalizada nem sobreviver ao tempo se não se fundamentasse sobre alguma coisa. E ela ainda é sancionada pelo testemunho dos livros sagrados e pelos pais da Igreja, tendo sido necessários o cepticismo e o materialismo do nosso século para relegá-la entre as ideias supersticiosas; se estivéssemos errados, aquelas autoridades igualmente estariam.

Mas, isso não vai além de considerações morais. Principalmente uma causa tem contribuído para fortalecer a dúvida numa época tão positiva como a nossa, em que se quer estar ciente de tudo, em que se quer saber o porquê e o como de cada coisa: essa causa é a ignorância da natureza dos Espíritos e dos meios pelos quais eles podem se manifestar. Uma vez adquirido o conhecimento, o fato das manifestações nada mais tem de surpreendente e entra na ordem dos fatos naturais.

53. A ideia que geralmente se faz dos Espíritos à primeira vista torna o fenômeno das manifestações incompreensível. Tais manifestações não podem acontecer a não ser por uma ação do Espírito sobre a matéria; é por isso que aqueles que acham que o Espírito é a ausência de toda matéria se perguntam com certa aparência de razão, como é que ele pode agir materialmente. Ora, aí está o erro, pois o Espírito não é uma abstração, mas é um ser definido, limitado e circunscrito. O Espírito encarnado no corpo constitui a alma; quando deixa o corpo físico após a morte, ele não sai daí despido de todo envoltório. Todos eles nos dizem que conservam a forma humana e, de fato, quando nos aparecem, é sob a forma que nós os conhecíamos.

Observemos atentamente no instante em que eles deixam a vida; eles estão num estado de perturbação e tudo é confuso no entorno deles; olham o corpo saudável ou mutilado dependendo do gênero da morte, mas por outro lado eles se veem e se sentem vivos; alguma coisa lhes diz que aquele corpo é deles, então não compreendem como podem estar separados dele. Continuam se vendo sob a sua forma anterior e, durante certo tempo, essa visão produz em alguns uma estranha ilusão: achar que ainda estão vivos. Falta-lhes a experiência de sua nova situação para se convencerem da realidade. Passado esse primeiro momento de perturbação, o corpo se torna para eles uma roupa velha da qual se despiram e da qual não sentem saudades; sentem-se mais leves e aliviados de um fardo, pois não experimentam mais as dores físicas e se ficam inteiramente felizes por poderem se elevar, transpor o espaço, assim como muitas vezes o fizeram enquanto vivos durante seus sonhos.¹⁹ Entretanto, apesar da ausência do corpo eles constatarem sua personalidade; eles têm uma forma, mas uma forma que não os incomoda nem os constrange; têm, enfim, a consciência de seu *eu* e de sua individualidade. O que podemos concluir daí? Que a alma não deixa tudo no caixão funerário, mas sim que ela leva alguma coisa consigo.

¹⁹ Se bem quiserem consultar o que dissemos no *Livro dos Espíritos* sobre os sonhos e o estado do Espírito durante o sono (questões 400 a 418) então entenderão que esses sonhos que quase tudo o mundo tem, nos quais a pessoa se vê atravessando o espaço como que voando, não são outra coisa além de uma lembrança da sensação experimentada pelo Espírito, enquanto, durante o sono, ele havia deixado momentaneamente seu corpo material, levando consigo apenas seu corpo fluídico, aquele que conservará após a morte. Portanto, esses sonhos podem nos dar uma ideia da situação do Espírito quando estiver desprendido dos entraves que o retêm ao chão.

54. Numerosas observações e fatos irrecusáveis (dos quais falaremos mais tarde) levaram a essa consequência, de que há no homem três coisas: 1º) a alma, ou Espírito, princípio inteligente onde reside o senso moral; 2º) O corpo, envoltório grosseiro, material, de que ele se revestiu temporariamente para o cumprimento de certos desígnios providenciais; 3º) o perispírito, envoltório fluídico, semimaterial, servindo de ligação entre a alma e o corpo.

A morte é a destruição, ou melhor, a desagregação do envoltório grosseiro, o qual a alma abandona; o outro se desliga deste e acompanha a alma, que então sempre fica com um envoltório; este último, ainda que fluídico, etéreo, vaporoso, invisível para nós em seu estado normal, não deixa de ser matéria, embora até hoje não tenhamos conseguido apanhá-lo para submetê-lo à análise.

Esse segundo invólucro da alma — o *perispírito* — existe então durante a vida corporal; é o intermediário de todas as sensações que o Espírito percebe e pelo qual o Espírito transmite sua vontade ao exterior e age sobre os órgãos. Para nos servirmos de uma comparação material, ele é o fio elétrico condutor que serve para a recepção e a transmissão do pensamento; enfim, é esse agente misterioso e imperceptível, designado pelo nome de fluido nervoso, que desempenha tão grande papel no organismo e que ainda não se leva muito em conta nos fenômenos fisiológicos e patológicos. Considerando tão somente o elemento material ponderável, a medicina se priva de uma causa incessante de ação na apreciação dos fatos. Porém, aqui não é o lugar de examinar essa questão; somente faremos notar que o conhecimento do perispírito é a chave de uma ruma de problemas até então inexplicados.

O perispírito não é uma dessas hipóteses das quais algumas vezes se recorre na ciência para a explicação de um fato; a sua existência não foi revelada apenas pelos Espíritos, mas é um resultado das observações, como teremos ocasião de demonstrar. Por ora, e para não nos anteciparmos aos fatos que havemos de relatar, vamos nos limitar a dizer que, seja durante a sua união com o corpo, seja após sua desunião, a alma nunca está separada do seu perispírito.

55. Dizemos que o Espírito é uma chama, uma centelha; isto deve ser

entendido com relação ao Espírito propriamente dito, como o princípio intelectual e moral, ao qual não poderíamos atribuir uma forma determinada; mas, qualquer que seja o grau em que se encontre, ele sempre é revestido de um envoltório, ou perispírito, cuja natureza se eteriza à medida que ele se depura e se eleva na hierarquia; de tal sorte que, para nós, a ideia de forma é inseparável da ideia do Espírito, e que não concebemos uma sem a outra. Portanto, o perispírito é parte integrante do Espírito, como o corpo faz parte do homem; mas o perispírito não é o Espírito, assim como o corpo não é o homem, porque o perispírito não pensa; ele é para o Espírito aquilo que o corpo é para o homem: é um agente, um instrumento de sua ação.

56. A forma do perispírito é a forma humana, e, quando ele nos aparece, geralmente é sob a forma pela qual conhecíamos o Espírito quando ele estava encarnado. A partir disso, poderíamos crer que, despreendido de todas as partes do corpo, o perispírito de certa maneira modela-se pelo corpo e conserva a sua impressão; mas não parece que seja assim. A forma humana — salvo algumas nuances de detalhes e salvo as modificações orgânicas necessárias para o meio no qual o ser é chamado a viver — é encontrada nos habitantes de todos os globos; pelo menos, é o que dizem os Espíritos; essa é igualmente a forma de todos os Espíritos não encarnados e que possuem apenas o perispírito; aquela sob a qual em todos os tempos nós temos representado os anjos, ou Espíritos puros. Disso devemos concluir que a forma humana é a forma típica de todos os seres humanos, seja qual for o grau a que pertençam. Mas a matéria sutil do perispírito não tem a constância nem a rigidez da matéria compacta do corpo; ela é — se assim podemos nos exprimir — é flexível e expansível; é por isso que a forma que ela assume, embora calcada pela forma do corpo, não é absoluta, mas ela obedece à vontade do Espírito, que lhe pode dar esta ou aquela aparência ao seu gosto, enquanto o invólucro sólido lhe oferece uma resistência intransponível. Livre desse entrave que o comprimia, o perispírito se expande ou se contrai, mudando sua forma; numa palavra, presta-se a todas as metamorfoses de acordo com a vontade que age sobre ele. Por consequência dessa propriedade do seu envoltório fluídico é que o Espírito que quer se fazer reconhecido —

quando isso for necessário — então assume a aparência exata que ele tinha quando estava vivo, até mesmo com os acidentes corporais que possam ser sinais para o reconhecimento.

Como se vê, os Espíritos são, pois, seres semelhantes a nós, formando à nossa volta toda uma população invisível no estado normal; dizemos no estado normal porque, conforme veremos, essa invisibilidade não é absoluta.

57. Voltemos à natureza do perispírito, porque isso é essencial para a explicação que temos de dar. Temos dito que, embora fluídico, o perispírito não deixa de ser uma espécie de matéria, e isso decorre do fato das aparições tangíveis, a qual voltaremos. Temos visto, sob a influência de certos médiuns, aparecerem mãos tendo todas as propriedades de mãos vivas, que tem o calor, que podem ser tocadas, que oferecem a resistência de um corpo sólido, que se agarram e que de repente desaparecem como uma sombra. A ação inteligente dessas mãos — que evidentemente obedecem a uma vontade, executando certos movimentos, tocando até melodias num instrumento musical — prova que elas são uma parte visível de um ser inteligente invisível. Sua tangibilidade, sua temperatura e, enfim, a impressão que causam aos sentidos — pois temos visto elas deixarem marcas na pele, dar pancadas dolorosas ou acariciar delicadamente — provam que essas mãos são de uma matéria qualquer. Seu desaparecimento instantâneo prova também que essa matéria é eminentemente sutil e se comporta como certas substâncias que podem alternativamente passar do estado sólido ao estado fluídico e reciprocamente.

58. A natureza íntima do Espírito propriamente dito, isto é, do ser pensante, nos é completamente desconhecida; ela só se revela para nós por seus atos, e seus atos não podem afetar nossos sentidos a não ser por um intermediário material. Portanto, o Espírito precisa de matéria para atuar sobre a matéria. Ele tem por instrumento direto o seu perispírito, assim como o homem tem o seu corpo; ora, seu perispírito é uma matéria, conforme acabamos de ver. Consequentemente, ele tem por agente intermediário o fluido universal — espécie de veículo sobre o qual ele atua, como nós atuamos sobre o ar para

produzir certos efeitos através da dilatação, da compressão, da propulsão ou das vibrações.

Encarando dessa maneira, a ação do Espírito sobre a matéria pode ser concebida facilmente; compreendemos desde então que todos os efeitos que daí resultam entram na ordem dos fatos naturais e nada têm de maravilhosos. Eles pareceriam sobrenaturais somente porque não conhecíamos sua causa; conhecida a causa, o maravilhoso desaparece, e essa causa está inteiramente nas propriedades semimateriais do perispírito. Essa é uma ordem nova de fatos que uma nova lei vem explicar e dos quais, em breve, ninguém mais se admirará, como ninguém hoje se admira de se corresponder à distância em alguns minutos por meio da eletricidade.

59. Talvez alguém pergunte como o Espírito, por meio de uma matéria tão sutil, pode atuar sobre corpos pesados e compactos, levantar mesas etc. Seguramente não seria um homem de ciência quem fizesse tal objeção, pois, sem falar das propriedades desconhecidas que esse novo agente pode ter, nós não temos sob nossas vistas alguns exemplos parecidos? Não é nos gases mais rarefeitos e nos fluidos imponderáveis que a indústria encontra os seus motores mais possantes? Quando vemos o ar derrubando edifícios, o vapor arrastando massas enormes, a pólvora gaseificada levantando rochas, a eletricidade lascando árvores e perfurando paredes, então não há mais nada de estranho em admitirmos que o Espírito — com o auxílio do seu perispírito — possa levantar uma mesa, e sobretudo quando sabemos que esse perispírito pode tornar-se visível, tangível e se comportar como um corpo sólido?

CAPÍTULO II

MANIFESTAÇÕES FÍSICAS – MESAS GIRANTES

60. Dá-se o nome de manifestações físicas àquelas que se traduzem por efeitos sensíveis, tais como ruídos, movimento e deslocamento de corpos sólidos. Algumas são espontâneas, quer dizer, independentes de qualquer vontade; outras podem ser provocadas. Primeiramente, só falaremos destas últimas.

O efeito mais simples e um dos primeiros que foram observados consiste no movimento circular empregado a uma mesa. Este efeito igualmente se produz com qualquer outro objeto, mas como a mesa é o que mais foi usado, porque era o mais cômodo, o nome de *mesas girantes* prevaleceu para a designação desse tipo de fenômeno.

Quando dizemos que esse efeito foi um dos primeiros que têm sido observados, queremos dizer nestes últimos tempos, porque é bem certo que todos os gêneros de manifestações eram conhecidos desde os tempos mais remotos — e não poderia ser de outra maneira. Tertuliano²⁰ fala das mesas girantes e falantes em termos explícitos.

Durante algum tempo esse fenômeno alimentou a curiosidade dos salões, depois o largaram para passar a outras distrações — pois não passava de uma distração. Duas causas contribuíram para o abandono das mesas girantes: a moda das pessoas frívolas, que raramente dedicam dois invernos ao mesmo divertimento, mas que para tais fenômenos ainda deram três ou

²⁰ Tertuliano (160-220) foi um importante teólogo cristão em Cartago (hoje, Tunísia) que muito influenciou a doutrina católica. — N. T.

quatro meses — uma coisa prodigiosa para eles! Já para as pessoas sérias e observadoras, dali saiu uma coisa grave que prevaleceu; se eles desprezaram as mesas girantes, foi porque se ocuparam com as consequências bem mais importantes em seus resultados: trocaram o alfabeto pela ciência; eis todo o segredo desse aparente abandono pelo qual os zombadores tanto fazem barulho.

Seja como for, as mesas girantes não deixam de ser o ponto de partida da doutrina espírita e, a esse respeito, devemos algumas explicações, ainda mais que, mostrando os fenômenos na sua maior simplicidade, o estudo das causas ficará mais fácil e a teoria, uma vez firmada, nos dará a chave dos efeitos mais complicados.

61. Para a realização do fenômeno é preciso a intervenção de uma ou muitas pessoas dotadas de uma aptidão, a quem designamos pelo nome de *médiuns*. O número dos cooperadores é indiferente, a não ser que nessa quantidade possam se encontrar alguns médiuns desconhecidos. Quanto àqueles cuja mediunidade seja nula, sua presença é sem nenhum efeito, e às vezes até mais prejudicial do que útil, pela disposição de espírito que eles trazem.

Nesse aspecto, os médiuns dispõem uma força maior ou menor e por isso produzem efeitos mais ou menos evidentes; às vezes uma pessoa, médium poderoso, produzirá sozinha mais do que outros vinte médiuns juntos; basta-lhe colocar as mãos na mesa para que no mesmo instante ela se mova, levante, vire-se, dê saltos, ou gire com violência.

62. Não existe nenhum indício para a capacidade medianímica; só a experiência pode reconhecê-la. Quando numa reunião alguém quer testá-la, basta simplesmente todos sentarem-se ao redor da mesa e colocarem as mãos espalmadas, sem pressão nem contenção muscular. No princípio, como se ignorava as causas do fenômeno, recomendava-se várias precauções depois reconhecidas absolutamente inúteis; tal era, por exemplo, a alternância dos sexos ou também o contato entre os dedos mínimos das diferentes pessoas, de modo a formar uma corrente ininterrupta. Esta derradeira precaução parecia necessária quando se acreditava na ação de uma espécie de corrente

elétrica; posteriormente a experiência demonstrou sua inutilidade. A única prescrição rigorosamente obrigatória é o recolhimento, um silêncio absoluto e, sobretudo, a paciência caso o efeito demorar. Pode acontecer que ele se produza em alguns minutos, como pode tardar meia hora ou uma hora; isso depende da força medianímica dos coparticipantes.

63. Digamos ainda que a forma da mesa, a substância da qual ela seja feita, a presença de metais, da seda nas roupas dos assistentes, os dias, as horas, a escuridão ou a luz etc., todas essas coisas são tão indiferentes quanto a chuva ou o bom tempo. Apenas o volume da mesa tem alguma coisa a ver, mas somente no caso em que a força medianímica seria insuficiente para vencer a sua resistência; no caso contrário, uma única pessoa, até uma criança, pode fazer levantar uma mesa de cem quilos, ao passo que, em condições menos favoráveis, doze pessoas não fariam mover a menor mesinha de centro.

Estando as coisas nessa situação, quando o efeito começa a se manifestar, geralmente se ouve um pequeno estalo na mesa; sente-se como que um tremor, que é o prelúdio do movimento; a mesa parece fazer esforços para dar partida, e depois o movimento de rotação se anuncia, acelera ao ponto de adquirir uma rapidez tal que os assistentes têm toda a dificuldade do mundo para acompanhá-lo. Uma vez estabelecido o movimento, pode-se até se afastar da mesa, que continua a se mover em diversas direções, sem contato.

Noutras circunstâncias, a mesa se ergue e fica apoiada ora num pé, ora em outro, depois retoma suavemente sua posição natural. Noutras vezes ela balança imitando o movimento do vai e vem de um navio. Doutras vezes, enfim — conquanto neste caso seja necessária uma força medianímica considerável — a mesa se destaca completamente do solo e se mantém em equilíbrio no espaço sem nenhum ponto de apoio, não raro se levantando até o teto, de tal modo que se possa passar por baixo dela; em seguida ela desce lentamente, balançando-se como faria uma folha de papel, ou então cai violentamente e se quebra, o que prova de uma maneira patente que não somos joguetes de uma ilusão de ótica.

64. Outro fenômeno que se produz muito habitualmente, de acordo com a natureza do médium, é o das pancadas no próprio tecido da madeira, sem nenhum movimento da mesa; essas pancadas — às vezes muito fracas, outras vezes bastante fortes — se fazem ouvir também nos outros móveis do apartamento, nas portas, nas paredes e no forro. Voltaremos a esta questão em breve. Quando acontecem na mesa, elas aí produzem uma vibração muito perceptíveis pelos dedos, e sobretudo muito distinta quando lhe aplicamos o ouvido.

CAPÍTULO III

MANIFESTAÇÕES INTELIGENTES

65. Pelo que acabamos de ver, é certo que nada revela a intervenção de uma força oculta, e esses efeitos poderiam perfeitamente ser explicados pela ação de uma corrente magnética ou elétrica, ou ainda pela de um fluido qualquer. Realmente, essa foi a primeira solução dada a tais fenômenos e que, com razão, podia passar por muito lógica. Sem dúvidas ela teria prevalecido se outros fatos não tivessem vindo demonstrar sua incapacidade; estes fatos são as provas da inteligência que eles deram. Agora, como todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente, ficou evidente que — mesmo admitindo que a eletricidade ou qualquer outro fluido desempenhasse algum papel nesses fenômenos — havia ali outra causa envolvida. Qual era ela? Qual era essa inteligência? Foi o que a sequência das observações mostrou.

66. Para que uma manifestação seja inteligente, não é necessário que ela seja eloquente, espirituosa ou sábia; basta que ela demonstre um ato livre e voluntário, expressando uma intenção ou respondendo a um pensamento. Seguramente, quando vemos uma ventoinha agitada pelo vento, estamos certos de que ela apenas obedece a uma impulsão mecânica; mas se nós víssemos nos movimentos dessa ventoinha quaisquer sinais intencionais — se ela girasse para a direita ou para a esquerda, rápida ou lentamente, obedecendo a um comando —, então seríamos forçados a admitir, não que a ventoinha seja inteligente, mas que ela estaria obedecendo a uma inteligência. Foi isso o que ocorreu com a mesa.

67. Nós vimos a mesa se mover, levantar-se e dar pancadas sob a influência de um ou de vários médiuns. O primeiro efeito inteligente observado foi o de esses movimentos obedecerem a um comando; assim, sem mudar de lugar, a mesa se erguia alternativamente sobre o pé que lhe era indicado; depois, caindo, ela batia um determinado número de pancadas, respondendo a uma questão. Doutras vezes, sem o contato de ninguém, a mesa passeava sozinha pelo aposento, indo para a direita ou para a esquerda, para diante ou para trás, executando diversos movimentos conforme a ordem dos assistentes. Está bem evidente que descartamos toda suposição de fraude; que admitimos a perfeita lealdade das testemunhas, atestada pela honra e absoluto desinteresse dessas pessoas. Falaremos mais tarde das fraudes contra as quais é prudente manter-se vigilante.

68. Por meio de pancadas, e sobretudo por meio dos estalos no interior da mesa de que acabamos de falar, obtivemos efeitos ainda mais inteligentes, como a imitação de vários rufos do tambor, da fuzilaria com tiros de fila ou de pelotão, de canhão; depois, o ranger da serra, golpes de martelo, o ritmo de diferentes árias etc. Como podemos compreender, era um vasto campo aberto a ser explorado. Disse-se que, já que havia ali uma inteligência oculta, ela devia ser capaz de responder às perguntas, e de fato ela respondeu, com um sim ou com um não, e por meio de uma série de batidas estabelecidas. Essas respostas eram muito insignificantes, por isso alguém teve a ideia de designar as letras do alfabeto para, desse modo, compor palavras e frases.

69. Estes fatos, repetidos à vontade por milhares de pessoas e em todos os países, não podiam deixar dúvidas quanto à natureza inteligente das manifestações. Foi então que surgiu uma nova teoria, segundo a qual essa inteligência seria a do médium, do interrogador ou mesmo dos assistentes. A dificuldade era explicar como aquela inteligência podia se refletir na mesa e se expressar por batidas; desde que se tinha averiguado que estas batidas não eram desferidas pelo médium, então elas eram pelo pensamento. Ora pois, um pensamento dando pancadas: isso era um fenômeno ainda mais prodigioso do que todos aqueles que já se tinha testemunhado. A experiência não tardou em

demonstrar a inadmissibilidade dessa opinião. Com efeito, as respostas encontravam-se com muito frequentemente em oposição formal às ideias dos assistentes, acima do alcance intelectual do médium e até em línguas que ele ignorava, além de relatar fatos desconhecidos por todos. Os exemplos são tão numerosos que é quase impossível que alguém que já tenha se ocupado um pouco com as manifestações espíritas não tenha sido testemunha disso várias vezes. Citaremos apenas um, que nos foi relatado por uma testemunha ocular.

70. Num navio da marinha imperial francesa, estacionado nos mares da China, toda a tripulação — desde os marinheiros até o comandante — se ocupava em fazer as mesas falarem. Tiveram a ideia de evocar o Espírito de um ex-tenente dessa mesma embarcação, morto há dois anos. Ele veio, e após várias comunicações que encheram a todos de espanto, disse o que segue, através de pancadas: “Peço a vocês neste instante que mandem pagar ao capitão a soma de... (ele indicou o valor) que lhe devo e que lamento não ter podido lhe reembolsado antes de minha morte.” Ninguém conhecia o fato: o próprio capitão havia esquecido essa dívida — um valor insignificante, aliás; mas, consultando nas suas contas, ele encontrou uma nota da dívida do tenente, cuja cifra indicada era perfeitamente exata. Perguntamos então do pensamento de quem aquela indicação poderia ser o reflexo?

71. Aperfeiçoou-se a arte de se comunicar através das pancadas alfabéticas, mas o processo era sempre muito demorado; entretanto, algumas delas foram obtidas com uma boa extensão, e com interessantes revelações sobre o mundo dos Espíritos. Foram os Espíritos que indicaram outros meios, e é a eles a quem devemos a indicação das comunicações escritas.

As primeiras comunicações desse gênero ocorrem adaptando-se um lápis ao pé de uma mesa leve colocada sobre uma folha de papel. Posta em movimento por influência de um médium, a mesa então começou a traçar caracteres, depois palavras e frases. Simplificou-se sucessivamente esse processo utilizando-se mesinhas do tamanho de uma mão, encomendadas para isso; depois, utilizou-se cestas, caixas de papelão e, finalmente, simples pranchetas. A escrita era tão corrente, tão rápida e tão fácil como se fosse com

uma mão; porém, reconheceu-se mais tarde que todos aqueles objetos definitivamente não passavam de acessórios, verdadeiros porta-lápis de que poderíamos dispensar simplesmente pegando o lápis com a própria mão; impulsionada por um movimento involuntário, a mão escrevia sob o impulso exercido pelo Espírito e sem o concurso da vontade e nem do pensamento do médium. A partir de então, as comunicações de além-túmulo não tiveram mais limites do que a correspondência habitual entre os seres vivos. Voltaremos a tratar desses diferentes meios e os explicaremos em detalhes; nós os esboçamos rapidamente aqui para mostrar a sucessão dos fatos que levaram a constatar, nesses fenômenos, a intervenção de inteligências ocultas — isto é, os Espíritos.

CAPÍTULO IV

TEORIA DAS MANIFESTAÇÕES FÍSICAS

Movimentos e suspensões – Ruídos – Aumento e diminuição do peso dos corpos

72. A existência dos Espíritos sendo demonstrada pelo raciocínio e pelos fatos, assim como a possibilidade para eles agirem sobre a matéria, agora é hora de conhecermos como essa ação se realiza e como os Espíritos procedem para fazer mover as mesas e outros corpos inertes.

Uma ideia se apresenta muito naturalmente, e é essa que nós tivemos; como ela foi combatida pelos Espíritos que nos deram outra explicação diferente, pela qual estávamos longe de esperar, isto é uma prova clara de que sua teoria não era a nossa opinião. Ora, aquela primeira ideia, qualquer um a podiam ter tido, como nós; quanto à teoria dos Espíritos, não cremos que ela tenha vindo ao pensamento de ninguém. Reconhecemos sem dificuldades o quanto ela é superior à nossa, conquanto menos simples, porque dá a solução para uma infinidade de outros fatos que não encontravam nenhuma explicação satisfatória.

73. Do momento em que conhecemos a natureza dos Espíritos, sua forma humana, as propriedades semimateriais do perispírito, a ação mecânica que este pode ter sobre a matéria; que, nos casos de aparição, viu-se mãos fluídicas e até tangíveis pegar objetos e os transportar, então é natural que acreditemos que o Espírito se servia muito simplesmente de suas próprias

mãos para fazer a mesa girar e que ele a levante no espaço manualmente. Mas então, nesse caso, qual é a necessidade de se ter um médium? O Espírito não poderia agir sozinho? De fato, o médium — que muitas vezes põe as mãos sobre a mesa em sentido contrário ao do seu movimento, ou até mesmo nem coloca as mãos nela — realmente não poderia ajudar o Espírito por uma ação muscular qualquer. Deixemos então que primeiro falem os Espíritos a quem interrogamos sobre esta questão.

74. As respostas seguintes nos foram dadas pelo Espírito de São Luís;²¹ elas foram confirmadas depois por muitos outros.

1) O fluido universal é uma emanção da divindade?

“Não.”

2) É uma criação da divindade?

“Tudo é criado, exceto Deus.”

3) O fluido universal é ao mesmo tempo o elemento universal?

“Sim, é o princípio elementar de todas as coisas.”

4) Ele tem alguma relação com o fluido elétrico, cujos efeitos nós conhecemos?

“É o seu elemento.”

5) Qual é o estado em que o fluido universal se apresenta para nós na sua maior simplicidade?

“Para o encontrarmos na sua simplicidade absoluta, precisaríamos remontar aos Espíritos puros; no vosso mundo ele é sempre mais ou menos modificado para formar a matéria compacta que vos cerca. Entretanto, vocês podem dizer que o estado em que se encontra mais próximo dessa simplicidade é o do fluido que vocês chamam *fluido magnético animal*.”

6) Já foi dito que o fluido universal é a fonte da vida; ele é ao mesmo

²¹ São Luiz, que em vida foi Luís IX (1214-1270), rei da França e canonizado pela Igreja Católica, como Espírito foi um dos que mais colaboraram na obra kardequiana para a codificação do Espiritismo, sendo inclusive o protetor da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos, criada e presidida por Allan Kardec justamente para servir de laboratório mediúnico e de centro de colaboração entre os encarnados e os desencarnados. — N. T.

tempo a fonte da inteligência?

“Não, esse fluido anima apenas a matéria.”

7) Já que esse é o fluido que compõe o perispírito, não parece que ele esteja neste numa espécie de estado de condensação que até certo ponto o aproxima da matéria propriamente dita?

“Até certo ponto, como dizem, porque esse fluido não tem todas as propriedades da matéria; ele é mais ou menos condensado, conforme os mundos.”

8) Como um Espírito pode produzir o movimento de um corpo sólido?

“Ele mistura uma parte do fluido universal com o fluido emitido pelo médium apropriado para esse efeito.”

9) Os Espíritos levantam a mesa com os seus próprios membros de algum modo solidificados?

“Esta resposta ainda não levará ao que vocês desejam. Quando uma mesa se mexe sob as vossas mãos, o Espírito evocado vai buscar no fluido universal o que é necessário para animar essa mesa com uma vida artificial. A mesa assim preparada, o Espírito a atrai e a movimenta sob a influência do seu próprio fluido, emitido por sua vontade. Quando a massa que ele deseja pôr em movimento é pesada demais, ele pede ajuda aos Espíritos que estejam nas mesmas condições que as suas. Em razão da sua natureza etérea, o Espírito propriamente dito não pode agir sobre a matéria grosseira sem um intermediário, quer dizer, sem o liame que o une à matéria; esse liame — que constitui o que chamam de perispírito — lhes dá a chave de todos os fenômenos espíritas materiais. Creio ter explicado muito claramente para ser compreendido.”

Nota – Chamamos a atenção para essa primeira frase: ***Esta resposta AINDA não levará ao que vocês desejam.*** O Espírito havia compreendido perfeitamente que todas as questões precedentes só tinham sido feitas para chegarmos a esta última, e ele faz alusão ao nosso pensamento que, de fato, esperava por outra resposta diferente, isto é, pela confirmação da nossa ideia sobre a maneira pela qual o Espírito faz a mesa se mover.

10) Os Espíritos que aquele chama em seu auxílio são inferiores a ele e

estão sob as suas ordens?

“Iguais, quase sempre; muitas vezes eles vêm espontaneamente.”

11) Todos os Espíritos estão aptos a produzir fenômenos desse gênero?

“Os Espíritos que produzem esse tipo de efeitos são sempre inferiores, que ainda não estão inteiramente livres de toda influência material.”

12) Compreendemos que os Espíritos superiores não se ocupem com coisas que estejam abaixo deles; mas perguntamos se, por eles serem mais desmaterializados, teriam força para tal, se tivessem vontade de fazer isso?

“Os Espíritos superiores têm a força moral, como os outros têm a força física; quando precisam dessa força, eles se servem dos que a possuem. Já não lhes dissemos que eles empregam os Espíritos inferiores como vocês utilizam os carregadores?”

Nota – Já foi dito que a densidade do perispírito — se assim podemos nos exprimir — varia conforme o estado dos mundos; parece que ela também varia no mesmo mundo conforme os indivíduos. Nos Espíritos avançados *moralmente* ela é mais sutil e se aproxima da dos Espíritos elevados; nos Espíritos inferiores, ao contrário, aproxima-se da matéria e é o que faz com que esses Espíritos de baixo nível conservem por muito tempo as ilusões da vida terrestre; eles pensam e agem como se ainda fossem vivos; têm os mesmos desejos e, poderíamos dizer, quase a mesma sensualidade. Essa grosseria do perispírito, dando-lhe mais *afinidade* com a matéria, torna os Espíritos inferiores mais aptos às manifestações físicas. Pela mesma razão é que um homem do mundo, habituado aos trabalhos da inteligência e cujo corpo é frágil e delicado, não pode levantar um pesado fardo tal como um carregador. A matéria nele é de certa maneira menos compacta, os órgãos são menos resistentes; há menos fluido nervoso. Como o perispírito é para o Espírito o que o corpo é para o homem, e como sua densidade corresponde à sua inferioridade espiritual, essa densidade substitui no Espírito a força muscular, isto é, quanto aos fluidos necessários para as manifestações, ela lhe dá uma potência maior do que a daqueles cuja natureza é mais etérea. Quando um Espírito elevado quer produzir tais efeitos, ele faz o que as pessoas delicadas fazem no nosso meio: ele o faz através de um *Espírito do ofício*.

13) Se compreendemos bem o que disse, o princípio vital reside no fluido universal; o Espírito extrai desse fluido o envoltório semimaterial que

constitui o seu perispírito, e é por meio desse fluido que ele atua sobre a matéria inerte. É assim mesmo?

“Sim; quer dizer que ele anima a matéria com uma espécie de vida fictícia: a matéria se anima da vida animal. A mesa que se move sob as vossas mãos vive como um animal; ela obedece por si mesma ao ser inteligente. Não é este quem a carrega, como um homem carrega com um fardo; quando a mesa se eleva, não é o Espírito quem a levanta com a força do braço: é a própria mesa animada que obedece à impulsão dada pelo Espírito.”

14) Qual é o papel do médium nesse fenômeno?

“Já dissemos, o fluido próprio do médium se mistura ao fluido universal acumulado pelo Espírito; é preciso a união desses dois fluidos, isto é, do fluido animalizado com o fluido universal, para dar vida à mesa. Mas notem bem que essa vida é apenas momentânea; ela se extingue com a ação — e às vezes antes do fim da ação — logo que a quantidade de fluido deixa de ser suficiente para animá-la.”

15) O Espírito pode atuar sem a cooperação de um médium?

“Ele pode agir a contragosto do médium; ou seja, que muitas pessoas servem de auxiliares aos Espíritos para certos fenômenos sem saber disso. Como que de uma fonte, o Espírito extrai delas o fluido animalizado de que necessita; é assim que o auxílio de um médium, tal como vocês entendem, nem sempre é preciso, o que ocorre sobretudo nos fenômenos espontâneos.”

16) A mesa animada age com inteligência? Ela pensa?

“Ela não pensa mais do que a bengala com a qual vocês fazem um sinal inteligente, mas a vitalidade com a qual ela está animada lhe permite obedecer à impulsão de uma inteligência. Portanto, saibam bem que a mesa que se move não se torna um *Espírito* e que não tem em si mesma nem pensamento nem vontade.”

Nota – Muitas vezes nós nos servimos de uma expressão análoga na linguagem usual; por exemplo, dizemos de uma roda que gira velozmente que ela está *animada* de um movimento rápido.

17) Qual é a causa preponderante na produção desse fenômeno: o

Espírito ou o fluido?

“O Espírito é a causa e o fluido é o instrumento, ambos são necessários.”

18) Que papel a vontade do médium desempenha nesse caso?

“Atrair os Espíritos e os ajudar na impulsão dada ao fluido.”

— A ação da vontade é sempre indispensável?

“Ela aumenta a força, mas nem sempre é necessária, porque o movimento pode produzir-se contra essa vontade, e isso é uma prova de que há alguma causa independente do médium.”

Nota – Nem sempre o contato das mãos é necessário para mover um objeto. Ele é mais frequentemente usado para dar o primeiro impulso, mas uma vez que o objeto esteja animado, ele pode obedecer à vontade sem contato material; isto depende ou da potencialidade do médium ou da natureza dos Espíritos. Até mesmo um primeiro contato nem sempre é indispensável; temos provas disso pelos movimentos e deslocamentos espontâneos que ninguém cogitou provocar.

19) Por que nem todo mundo pode produzir o mesmo efeito e por que nem todos os médiuns têm a mesma potencialidade?

“Isto depende da organização e da maior ou menor facilidade com a qual a combinação dos fluidos pode se realizar; além disso, o Espírito do médium simpatiza mais ou menos com os Espíritos estranhos que encontram nele a força fluídica necessária. Acontece com essa potencialidade como acontece com a dos magnetizadores, que é maior ou menor intensidade. Sobre isso, há pessoas que são totalmente refratárias; há outras com as quais a combinação não se opera senão por um esforço da sua vontade; noutras, finalmente, com as quais ela se efetua tão natural e facilmente que essas pessoas nem sequer suspeitam, e servem de instrumento — como já dissemos — sem que elas saibam.” (Veja adiante o capítulo das manifestações espontâneas.)

Nota – Sem dúvidas, o magnetismo é o princípio desses fenômenos, mas não como tal geralmente se entende; a prova é que existem magnetizadores muito poderosos que não moveriam uma mesinha, e pessoas que não conseguem magnetizar nem mesmo uma criança e que basta colocar os dedos sobre uma mesa pesada para fazê-la se agitar; portanto, se a força medianímica não tem relação com a força magnética, é porque existe outra causa.

20) As pessoas ditas elétricas podem ser consideradas médiuns?

“Essas pessoas tiram delas mesmas o fluido necessário à produção do fenômeno e podem agir sem o socorro de Espíritos externos. Logo, elas não são médiuns no sentido correspondente a esta palavra; mas pode ser também que um Espírito as ajude e se aproveite das disposições naturais delas.”

Nota – Aconteceria com essas pessoas como ocorre com os sonâmbulos que podem atuar com ou sem a assistência de um Espírito externo. (Veja, no capítulo dos médiuns, o artigo relativo aos médiuns sonambúlicos.)

21) O Espírito que age sobre os corpos sólidos, para movê-los, fica na própria substância dos corpos ou exatamente fora dessa substância?

“Numa e numa posição; já dissemos que a matéria não é nenhum obstáculo para os Espíritos; eles penetram tudo; por assim dizer, uma porção do perispírito se identifica com o objeto que ele penetra.”

22) Como o Espírito faz para bater? Ele usa algum objeto material?

“Não mais do que os braços para levantar a mesa. Vocês sabem bem que o Espírito não tem nenhum martelo à disposição. Seu martelo é o fluido misturado posto em ação pela sua vontade de mover ou de bater. Quando se move, a luz traz a visão dos movimentos; quando ele bate, o ar traz o som.”

23) Concebemos que seja assim quando o Espírito bate num corpo duro, mas como ele pode fazer ouvirmos ruídos ou sons articulados no vazio do ar?

“Como ele atua sobre a matéria, ele pode atuar sobre o ar assim como sobre a mesa. Quanto aos sons articulados, ele pode imitá-los como pode imitar todos os outros barulhos.”

24) Vocês dizem que o Espírito não se serve de suas mãos para remexer a mesa; entretanto, em certas manifestações visuais, temos visto aparecer mãos cujos dedos se movem sobre um teclado, tocando as teclas e produzindo sons. Neste caso, não parece que o movimento das teclas seja produzido pela pressão dos dedos? Essa pressão não seria também direta e real quando se faz sentir sobre nós mesmos quando essas mãos deixam marcas na pele?

“Vocês não podem compreender a natureza dos Espíritos e nem a maneira deles agirem a não ser por comparações, que lhes dão apenas uma

ideia incompleta, e é sempre um erro querer assimilar os procedimentos deles aos de vocês. Os procedimentos deles devem estar em conformidade com a própria organização deles. Nós não já lhes dissemos que o fluido do perispírito penetra a matéria e se identifica com ela, animando-a com uma vida artificial? Pois bem! Quando um Espírito põe os dedos sobre as teclas, ele realmente os põe, e de fato movimenta as teclas; mas não é pela força muscular que ele a pressiona; ele anima a tecla, como o faz com a mesa, e então a tecla que obedece à vontade dele se mexe e toca a corda. Aqui mesmo se passa uma coisa que vocês têm dificuldade de compreender: é que alguns Espíritos estão tão pouco avançados e tão materiais em comparação com os Espíritos elevados que eles ainda têm as ilusões da vida terrena e julgam agir como quando tinham seu corpo; eles não percebem a verdadeira causa dos efeitos que eles produzem, assim como um camponês não compreende a teoria dos sons que ele articula; perguntem-lhes como é que eles tocam piano e eles responderão que eles tocam com os dedos, porque julgam tocar; o efeito se produz instintivamente neles, sem que saibam como, e apesar da vontade deles. Quando eles fazem ouvir palavras, é a mesma coisa.”

Nota – Resulta destas explicações que os Espíritos podem produzir todos os efeitos que nós mesmos produzimos, mas por meios apropriados à sua organização; certas forças que lhes são próprias substituem os músculos que nos são necessários para agirmos; do mesmo modo que o gesto substitui a palavra que falta em um mudo.

25) Entre os fenômenos citados como provas da ação de uma força oculta, há alguns que são evidentemente contrários a todas as leis conhecidas da natureza; a dúvida então não parece admissível?

“É que o homem está longe de conhecer todas as leis da natureza; se conhecesse todas, ele seria um Espírito superior. Cada dia, pois, desmente os que, acreditando saber tudo, pretendem impor limites à natureza, e não ficam menos orgulhosos por isso. Então Deus, ao desvendar novos mistérios incessantemente, adverte o homem para que desconfie das próprias luzes, porque chegará o dia em que ***a ciência do mais sábio será confundida***. Vocês não têm diariamente exemplos de corpos animados de um movimento capaz de vencer a força da gravidade? Um projétil, atirado no ar, não supera

momentaneamente essa força? Pobres homens, que se consideram muito sábios e cuja tola vaidade é derrotada a cada instante, fiquem sabendo então que vocês ainda são muito pequenos.”

75. Estas explicações são claras, categóricas e sem ambiguidade; delas resultam esse ponto capital: o fluido universal — no qual reside o princípio da vida — é o agente principal das manifestações, e que esse agente recebe seu impulso do Espírito, esteja este encarnado ou errante. O fluido condensado constitui o perispírito, ou envoltório semimaterial do Espírito. No estado da encarnação, o perispírito fica unido à matéria do corpo; já no estado da erraticidade, ele fica livre. Quando o Espírito está encarnado, a substância do perispírito está mais ou menos ligada, mais ou menos aderente, se assim podemos nos expressar. Em certas pessoas há algum tipo de emanção desse fluido por consequência do organismo delas, e é isso, propriamente falando, o que constitui o médium de influências físicas. A emissão do fluido animalizado pode ser mais ou menos abundante, e sua combinação mais ou menos fácil; daí haver médiuns mais ou menos potentes. Essa emissão não é permanente, o que explica a intermitência da potência.

76. Citemos uma comparação: quando se tem vontade de agir materialmente sobre um ponto qualquer colocado à distância, é o pensamento quem deseja, mas o pensamento sozinho não irá atingir esse ponto; ele precisa de um intermediário que ele possa dirigir: uma vara, uma ferramenta, uma corrente de ar etc. Notem também que o pensamento não atua diretamente sobre a vara, porque se ninguém a tocar ela não se moverá. O pensamento — que não é outro senão o Espírito encarnado em nós — está unido ao corpo pelo perispírito; ora, o pensamento não pode agir sobre o corpo sem o perispírito, assim como não pode agir sobre a vara sem o corpo; ele age sobre o perispírito, por esta ser a substância com a qual ele tem mais afinidade; o perispírito atua sobre os músculos, os músculos pegam a vara e a vara toca no objeto. Quando o Espírito não está encarnado, ele requer um auxiliar externo; esse auxiliar é o fluido com o qual ele torna o objeto apto a seguir a impulsão da vontade do Espírito.

77. Desta forma, quando um objeto é posto em movimento, levantado ou atirado para o ar, não é que o Espírito o pegue, empurre ou o levante, como nós assim faríamos com a mão. Por assim dizer, ele **preenche** a coisa com o fluido dele, misturado com o fluido do médium, e essa coisa — então momentaneamente vivificada — age como faria um ser vivo, com a diferença que, não tendo vontade própria, ela segue a impulsão da vontade do Espírito.

Já que o fluido vital — que de alguma maneira é impulsionado pelo Espírito — produz uma vida artificial e momentânea aos corpos inertes, e que o perispírito não é outra coisa senão esse mesmo fluido vital, segue-se daí que quando o Espírito está encarnado é ele próprio quem dá vida ao seu corpo, através do seu perispírito; ele permanece unido a esse corpo enquanto a organização o permite; quando ele se retira, o corpo morre. Agora, se em vez de uma mesa nós talhássemos a madeira em uma estátua e agíssemos sobre essa estátua como agimos sobre a mesa, então teríamos uma estátua que se moveria, que bateria, que responderia com seus movimentos e pancadas; em suma, nós teríamos uma estátua momentaneamente animada com uma vida artificial; dissemos mesas falantes, mas poderíamos dizer estátuas falantes. Quanta luz esta teoria projeta sobre uma imensidade de fenômenos até então sem solução! Quantas alegorias e efeitos misteriosos ela explica!

78. Os incrédulos ainda objetam que o fato da elevação das mesas sem ponto de apoio é impossível, porque isso seria contrário à lei de gravidade. Responderemos primeiramente que a negativa deles não serve de prova; em segundo lugar, que se o fato existe, pouco importa que ele seja contrário a todas as leis conhecidas, isso só provaria uma coisa: que ele decorre de uma lei desconhecida, e que os negadores não podem ter a pretensão de conhecer todas as leis da natureza. Nós acabamos de explicar esta lei, mas isso não é razão para que ela seja aceita por eles, precisamente porque ela foi dada pelos Espíritos que deixaram sua roupa terrena, em vez de ser pelos Espíritos que ainda vestem a sua e que estão sentados na Academia. De tal modo que, se o Espírito de Arago²² — enquanto vivo — tivesse formulado essa lei, eles a teriam aceitado de olhos fechados; mas dada pelo Espírito de Arago, morto,

²² François Arago (1786-1853) foi um respeitado físico, astrônomo e político francês. — N. T.

ela é uma utopia. E por que isso? Porque os acadêmicos acreditam que, Arago tendo morrido, tudo nele está morto. Não temos a pretensão de dissuadi-los; entretanto, como essa objeção poderia confundir algumas pessoas, nós vamos tentar respondê-la colocando-nos no ponto de vista deles, isto é, ignorando por um instante a teoria da animação artificial.

79. Quando se produz um vácuo sob a redoma de uma máquina pneumática,²³ esta redoma adere com tanta força que se torna impossível suspendê-la, devido ao peso da coluna de ar que pesa sobre ela. Mas então, deixem o ar entrar e a redoma se levanta com a maior facilidade, porque o ar abaixo faz contrapeso com o ar acima; porém, larguem essa redoma e ela ficará sobre a travessa, em virtude da lei de gravidade. Agora, se o ar abaixo for comprimido e tenha uma densidade maior que a do que ar acima, então a redoma se levantará, apesar da gravidade; se a corrente de ar for rápida e violenta, ela poderá ficar suspensa no espaço sem nenhum ponto de apoio *visível*, de mesma maneira que esses bonecos que flutuam sobre um jato d'água. Por que então o fluido universal, *que é o elemento de toda a matéria*, e sendo acumulado em torno de uma mesa, não teria a propriedade de lhe diminuir ou aumentar o peso específico relativo, como o ar faz com a redoma da máquina pneumática e como o gás hidrogênio faz com os balões, sem que para isso seja anulada a lei de gravidade? Vocês, por acaso, conhecem todas as propriedades e todo o poder desse fluido? Não. Pois então, não neguem um fato só porque não sabem explicá-lo.

80. Voltemos à teoria do movimento da mesa. Pelo processo indicado, se o Espírito pode levantar uma mesa, igualmente pode levantar qualquer outra coisa: uma poltrona, por exemplo. Se pode levantar uma poltrona, com uma força suficiente ele também pode levantar uma pessoa sentada nela. Aqui está a explicação daquele fenômeno produzido centenas de vezes pelo Sr. Home²⁴

²³ Máquina pneumática: dispositivo mecânico usado para comprimir o ar e, a partir da liberação desse ar comprimido, gerar uma força a fim de exercer atividades tais como as de uma bomba de ar, freio, suspensão etc. — N. T.

²⁴ Menção ao escocês Daniel Dunglas Home (1833-1886), o mais notável médium de efeitos físicos de seu tempo, especialmente famoso por suas levitações. — N. T.

consigo mesmo e com outras pessoas; ela o repetiu durante uma viagem a Londres e, para provar que os espectadores não eram joguetes de uma ilusão de ótica, ele fez uma marca a lápis no forro; além disso as pessoas passavam por baixo dele. Sabe-se que o Sr. Home é um poderoso médium de efeitos físicos: naquele caso, era ao mesmo tempo a causa eficiente e o objeto.

81. Nós acabamos de falar do possível aumento de peso; efetivamente, esse é um fenômeno que se produz diversas vezes e que nada tem de mais anormal do que a prodigiosa resistência da redoma sob a pressão de uma coluna atmosférica. Por influência de certos médiuns, temos visto objetos muito leves oferecerem a mesma resistência e, de repente, cederem ao menor esforço. Pela experimentação acima, a redoma não pesa nem mais e nem menos do que ela realmente pesa, mas parece ser mais pesada por efeito da causa exterior que atua sobre ela; provavelmente o mesmo ocorre aqui: a mesa tem sempre o peso dela própria, pois sua massa não aumentou; mas uma força exterior se opõe ao seu movimento, e essa causa pode estar nos fluidos ambientes que a penetram, como aquele que aumenta ou diminui o peso aparente da redoma no ar. Façam a experiência da redoma pneumática diante de uma pessoa ignorante que não compreenda que é o ar que atua, e então não será difícil de convencê-lo de que é uma ação do diabo.

Talvez digam que, como esse fluido é imponderável, seu acúmulo não pode aumentar o peso de um objeto: de acordo, mas notem que se nos servimos da palavra **acúmulo**, é por comparação, e não por assimilação absoluta com o ar. Talvez digam que ele é imponderável, porém nada prova isso; sua natureza íntima nos é desconhecida e nós estamos longe de conhecer todas as suas propriedades. Antes que se tivesse experimentado a gravidade do ar, ninguém suspeitava dos efeitos dessa mesma gravidade. A eletricidade também é classificada entre os fluidos imponderáveis; no entanto, um corpo pode ser retido por uma corrente elétrica e oferecer grande resistência a quem queira suspendê-lo; ele tornou-se, portanto, aparentemente mais pesado. Pelo fato de não se ver o suporte, seria ilógico concluir que ele não exista. O Espírito pode então ter alavancas que nos sejam desconhecidas; a natureza nos prova diariamente que sua força não se detém no testemunho

dos sentidos.

Só uma causa semelhante a essa pode explicar o estranho fenômeno — do qual temos visto tantos exemplos — de um jovem fraco e delicado levantando com dois dedos, sem esforço, um homem forte e robusto juntamente com a cadeira em que esteja sentado, como se fosse uma pena. O que comprova uma causa externa à pessoa são as intermitências da faculdade.

CAPÍTULO V

MANIFESTAÇÕES FÍSICAS ESPONTÂNEAS

Ruídos, barulhos e perturbações – Objetos arremessados – Fenômeno de transporte.

82. Os fenômenos de que acabamos de falar são provocados; porém, acontece às vezes que eles se realizam espontaneamente, sem a participação da vontade; longe disso, pois frequentemente eles se tornam muito importunos. Além disso, o que exclui o pensamento que eles possam ser um efeito da imaginação sobreexcitada pelas ideias espíritas é que os fenômenos se produzem nas pessoas que nunca ouviram falar disso, e quando menos elas esperavam por isso. Tais fenômenos, que poderíamos chamar de espiritismo prático natural, são muito importantes, por não serem suspeitados de conivência; é por isso que recomendamos às pessoas que se ocupam com os fenômenos espíritas para que registrem todos os casos desse gênero que venham ao seu conhecimento, e sobretudo que constatem com cuidado a realidade deles através de um estudo minucioso das circunstâncias, a fim de se assegurarem de que não estão sendo joguetes de uma ilusão ou de uma mistificação.

83. De todas as manifestações espíritas, as mais simples e as mais frequentes são os ruídos e as pancadas; é aqui principalmente que se deve temer a ilusão, pois uma série de causas naturais pode produzi-los: o vento que sibila ou agita um objeto, algo que nós mesmos movemos sem percebermos, um efeito

acústico, um animal escondido, um inseto etc., ou mesmo as travessuras dos brincalhões de mau gosto. Aliás, os ruídos espíritas têm uma característica especial: tudo neles revela uma intensidade e um timbre muito variado que os tornam facilmente reconhecíveis e não permitem que sejam confundidos com os estalos da madeira, com as crepitações do fogo ou com o tique-taque monótono do pêndulo de um relógio; são batidas secas, algumas vezes surdas, fracas e leves, e noutras vezes claras, distintas e às vezes retumbantes, que mudam de lugar e se repetem sem nenhuma regularidade mecânica. De todos os meios de verificação, o mais eficaz — aquele que não pode deixar dúvida quanto à origem do fenômeno — é a obediência à vontade. Se as pancadas se fizerem ouvir num lugar designado, se responderem ao pensamento pela quantidade ou pela intensidade, então não se pode deixar de reconhecer neles uma causa inteligente; todavia, a falta de obediência nem sempre significa uma prova contrária.

84. Vamos por enquanto admitir que, por uma constatação meticulosa, se adquira a certeza de que os ruídos e todos os outros efeitos são manifestações reais: seria racional ter medo deles? Não, certamente, porque não há em nenhum caso o menor perigo; somente aqueles que estão convencidos de que é o diabo podem ser afetados de uma maneira tão lamentável — como as crianças a quem se mete medo do lobisomem ou do bicho-papão. É preciso convir que essas manifestações às vezes tomam proporções e persistências desagradáveis, das quais temos o desejo muito natural de nos livrarmos. Uma explicação se faz necessária sobre esta questão.

85. Temos dito que as manifestações físicas têm por objetivo chamar nossa atenção para alguma coisa e de nos convencer da presença de uma força superior ao homem. Também dissemos que os Espíritos elevados não se ocupam com manifestações desse tipo; eles se servem dos Espíritos inferiores para produzi-las, como nos servimos dos empregados para os trabalhos pesados, e isso com o propósito que acabamos de indicar. Depois de atingir esse propósito, a manifestação material cessa, porque ela não é mais desnecessária. Um ou dois exemplos farão melhor compreender a coisa.

86. Há alguns anos, no início dos meus estudos sobre o espiritismo, estando certa noite ocupado com um trabalho referente a esta matéria, pancadas se fizeram ouvir em torno de mim durante quatro horas consecutivas; era a primeira vez que tal coisa me acontecia; certifiquei-me de elas não tinham nenhuma causa acidental, mas naquele momento, não pude saber mais a respeito. Nessa época, eu tinha a oportunidade de ver frequentemente um excelente médium escrevente. Logo no dia seguinte, eu interroguei o Espírito que comunicava pelo seu intermédio sobre a causa daquelas batidas. Foi-me respondido: ***Era o teu Espírito familiar que desejava falar contigo.*** — E o que ele queria me dizer? Resposta: Pode perguntar a ele mesmo, pois ele está aqui. — Tendo então interrogado esse Espírito, ele se apresentou sob um nome alegórico (eu soube depois, por outros Espíritos, que ele pertence a uma ordem muito elevada e que tinha desempenhado um importante papel na Terra); ele me apontou erros no meu trabalho, indicando-me ***as linhas*** onde estavam esses erros; deu-me úteis e sábios conselhos e acrescentou que estaria sempre comigo e viria ao meu chamado todas as vezes que eu quisesse interrogá-lo. Desde então, de fato, esse Espírito nunca mais me deixou. Ele me deu muitas provas de uma grande superioridade e sua intervenção ***benevolente*** e ***eficaz*** ficou evidente para mim, tanto nos assuntos da vida material quanto no que toca às questões metafísicas. Mas desde a nossa primeira conversa as pancadas cessaram. O que ele realmente desejava? Entrar em comunicação comigo regularmente; para isso, ele precisava me avisar. Dado o aviso, depois explicado, e estabelecidas as relações regulares, as pancadas se tornaram inúteis; eis por que elas pararam. Não se toca mais o tambor para despertar os soldados uma vez estes já estejam de pé.

Um fato quase semelhante sucedeu a um de nossos amigos. Fazia algum tempo que seu quarto ressoava com ruídos diversos que já estavam ficando fatigantes. Tendo se apresentado a ocasião de interrogar o Espírito de seu pai, através de um médium escrevente, este amigo soube o que queriam dele, fez o que foi lhe recomendado e depois disso nada mais ouviu. Convém ressaltar que as pessoas que têm um meio regular e fácil de comunicação com os Espíritos experimentam muito mais raramente manifestações deste gênero, e isso é compreensível.

87. As manifestações espontâneas nem sempre se limitam a ruídos e batidas; às vezes elas degeneram em verdadeiro alvoroço e perturbações; móveis e objetos diversos são revirados, peças de todo tipo são atirados de fora, portas e janelas são abertas e fechadas por mãos invisíveis, vidraças são quebradas — o que não se pode ser colocado na conta da ilusão.

A perturbação às vezes é por demais efetiva, porém ocasionalmente não há mais do que aparências da realidade. Ouvem-se gritaria num cômodo vizinho, barulho de louça que cai e se quebra com estrondo, pedaços de madeiras que rolam pelo assoalho... Corre-se até lá e tudo se encontra calmo e em ordem; depois, mal saindo, o tumulto recomeça.

88. As manifestações assim não são nem raras nem novas; poucas crônicas locais não contêm alguma história desse gênero. O medo indubitavelmente tem exagerado muitas vezes os fatos que, passando de boca em boca, tomaram proporções gigantescamente ridículas; com a ajuda da superstição, as casas onde eles têm ocorrido foram reputadas como assombradas pelo diabo, e daí todos os contos maravilhosos ou terríveis de fantasmas. Por sua vez, a astúcia não deixou escapar tão bela ocasião de explorar a credulidade, e isso frequentemente em proveito de interesses pessoais. De resto, concebemos a impressão que os fatos desse tipo podem produzir, mesmo reduzidos à realidade, em pessoas de caráter fraco e predispostas pela instrução às ideias supersticiosas. O meio mais seguro de prevenir os inconvenientes que esses fatos possam ter — já que não se pode impedi-los — consiste em ensinar a verdade. As mais simples se tornam assustadoras quando a fonte é desconhecida. Quando todos estiverem familiarizados com os Espíritos, e quando as pessoas a quem eles se manifestam já não mais acreditem que ter uma legião de demônios nos seus calcanhares, então ninguém mais terá medo dos Espíritos.

Podemos ver na *Revista espírita* a narração de vários fatos autênticos desse gênero, dentre outros a história do Espírito batedor de Bergzabern, cujas perturbações duraram mais de oito anos (edições de maio, junho e julho de 1858); a de Dibbelsdorff (agosto, 1858); a do padeiro de Grandes-Vendas, perto de Dièppe (março, 1860); a da rua dos Noyers, em Paris (agosto, 1860);

a do Espírito de Castelnaudary, sob o título de *História de um danado* (fevereiro, 1860); a do fabricante de São Petersburgo (abril, 1860) e muitas outras.

89. Fatos dessa natureza muitas vezes tem o caráter de uma verdadeira perseguição. Conhecemos seis irmãs que moravam juntas e que durante vários anos todas as manhãs encontravam suas roupas esparramadas, escondidas no telhado, rasgadas e cortadas em pedaços — quaisquer que fossem as precauções que elas tomassem para trancá-las à chave. Algumas vezes chegou a acontecer que pessoas deitadas, mas **perfeitamente acordadas**, viam suas cortinas se sacudirem, seus cobertores e travesseiros sendo arrancados violentamente, levantados acima do colchão e por vezes jogados para fora da cama. Esses fatos são muito mais frequentes do que se imagina; mas na maioria das vezes, as vítimas não ousam contar nada sobre isso, por medo do ridículo. Até onde sabemos, acreditava-se poder curar certos indivíduos do que se considerava ser alucinações, submetendo-os ao tratamento dos alienados — o que os torna realmente loucos. A Medicina não consegue compreender essas coisas porque, nas causas, ela não admite nada além do elemento material, de que resultam equívocos frequentemente funestos. Um dia, a história contará certos tratamentos do século dezanove como hoje contamos certos procedimentos da Idade Média.

Admitimos perfeitamente que alguns casos são obra da malícia ou da malvadez; porém, feitas todas as comprovações, se ficar provado que esses fatos não são obra dos homens, devemos convir que eles são uma obra: alguns dirão, do diabo; e nós, nós diremos dos Espíritos. Mas de quais Espíritos?

90. Os Espíritos superiores, não mais do que os homens importantes e sérios entre nós, não gostam de dar espetáculos. Nós muitas vezes os trouxemos para lhes perguntar o motivo que os leva a perturbar assim o repouso alheio. A maior parte não tem outro objetivo além de se divertir; são Espíritos mais travessos do que malvados, que riem dos sustos que causam e das buscas inúteis que se faz para descobrir a causa do tumulto. Frequentemente eles vão atrás de um indivíduo a quem gostam de irritar, perseguindo-o de casa em

casa; de outras vezes eles se apegam a um lugar, sem qualquer motivo senão por capricho. Por vezes é também uma vingança que eles cultivam, como teremos ocasião de ver. Em alguns casos, a intenção deles é mais louvável: querem chamar a atenção e entrar em comunicação — seja para dar um aviso útil à pessoa a quem eles se dirigem, seja para pedir qualquer coisa para si mesmos. Também temos visto muitos pedirem preces, outros solicitarem o cumprimento em nome deles de promessas que não puderam cumprir; outros, enfim, no interesse do próprio repouso, querem reparar uma má ação que praticaram contra aquelas pessoas, enquanto eles estavam vivos. Em geral, é um erro ter medo dos Espíritos; a presença deles pode ser importuna, mas não perigosa. Aliás, compreendemos o desejo que se tem de se livrar deles; mas, para isso, geralmente se faz tudo ao contrário do que se deveriam fazer. Se estes são Espíritos que se divertem, quanto mais se leva as coisas a sério tanto mais eles persistem — como crianças traquinas, que implicam ainda mais com aqueles que veem se impacientar e que fazem medo aos medrosos. Se tomássemos a sábia decisão de também rirmos dos truques deles, eles acabariam se cansando e ficariam quietos. Conhecemos alguém que, longe de se irritar, provocava-os, desafiando a fazerem tal ou tal coisa, tanto que ao fim de poucos dias aqueles Espíritos nunca mais voltaram. Entretanto, como temos dito, há alguns deles cujo motivo é menos fútil. Daí vem que é sempre útil saber o que eles querem. Se pedem uma coisa, pode-se estar certo de que cessarão as visitas quando seu desejo for realizado. O melhor meio de estar informado a esse respeito é evocar o Espírito através de um bom médium escrevente; pelas suas respostas se verá imediatamente com quem se está lidamos e conseqüentemente como agir; se for um Espírito infeliz, a caridade quer que ele seja tratado com o respeito que merece; se for um zombeteiro malicioso, pode-se agir contra ele sem cerimônia; se for malvado, devemos rogar a Deus que o torne melhor. Qualquer que seja o caso, a prece nunca deixa de dar bom resultado. No entanto, a gravidade das fórmulas de exorcismo os faz rir e eles não dão nenhuma importância a isso. Sendo possível entrar em comunicação com eles, é preciso desconfiar dos qualificativos grotescos ou apavorantes que dão a si mesmos para se divertirem da credulidade.

Voltaremos com mais detalhes sobre esse assunto, bem como sobre as causas que muitas vezes tornam as preces ineficazes, nos capítulos dos ***lugares assombrados e obsessões***.

91. Esses fenômenos, embora executados por Espíritos inferiores, muitas vezes são provocados por Espíritos de uma ordem mais elevada, com o propósito de comprovar a existência dos seres incorpóreos e uma potência superior ao homem. O impacto que daí resulta e o próprio medo que causa despertam a atenção e acabarão abrindo os olhos dos mais incrédulos. Estes acham mais simples atribuir esses fenômenos à imaginação — explicação muito cômoda e que dispensa a necessidade de outras; no entanto, quando objetos são sacudidos ou jogados na cabeça de vocês, é preciso uma imaginação bem complacente para imaginar que tais coisas existem quando elas não existem. Quando notamos um efeito qualquer, esse efeito há de ter necessariamente uma causa; se uma observação ***fria e calma*** nos demonstra que esse efeito é independente de toda vontade humana e de toda causa material, e ele se nos dá sinais bastante ***evidentes*** de inteligência e de livre vontade — ***que é o sinal mais característico*** — então será forçoso atribuí-lo a uma inteligência oculta. Que seres misteriosos são esses? É o que os estudos espíritas nos ensinam da maneira menos contestável, pelos meios que nos dá de nos comunicarmos com eles. Esses estudos nos ensinam também a distinguir o que é real do que é falso ou exagerado nos fenômenos que não percebemos. Se um efeito incomum se produz (ruído, movimento, até mesmo aparição), o primeiro pensamento que se deve ter é ele que decorre de uma causa inteiramente natural, porque é a mais provável; é preciso então procurar essa causa com o maior cuidado e só admitir a intervenção dos Espíritos com sensatez; este é o meio de não ser iludido. Aquele que, por exemplo, sem estar próximo de ninguém, recebesse uma bofetada ou uma bengalada nas costas, como tem acontecido, não poderia duvidar da presença de um ser invisível.

Devemos ficar atentos, não somente contra relatos que possam estar minimamente contaminadas pelo exagero, mas também contra as próprias impressões, e não atribuímos uma origem oculta a tudo o que não

compreendemos. Uma infinidade de causas muito simples e muito naturais pode produzir efeitos estranhos à primeira vista, e seria uma verdadeira superstição ver por toda parte Espíritos ocupados em revirar móveis, quebrar louças e, enfim, suscitar as mil e uma importunações domésticas que é mais racional atribuímos à falta de jeito.

92. A explicação dada para o movimento dos corpos inertes se aplica naturalmente a todos os efeitos espontâneos que acabamos de ver. Os ruídos — embora mais fortes do que as pancadas na mesa — têm a mesma causa; os objetos atirados ou deslocados são movidos pela mesma força que levanta um objeto qualquer. Aqui vem uma circunstância especial em apoio a esta teoria. Poderíamos perguntar onde fica o médium nessa circunstância. Os Espíritos nos têm dito que em tal caso há sempre um alguém cujo poder se exerce sem o seu conhecimento. As manifestações espontâneas raramente se produzem em lugares isolados, mas é quase sempre nas casas habitadas onde elas ocorrem, e pelo fato da presença de certas pessoas que exercem uma influência involuntária; essas pessoas são verdadeiros médiuns, sem saber disso, e que por essa razão nós chamamos *médiuns naturais*. Com relação aos outros médiuns, eles são o que os sonâmbulos naturais são para os sonâmbulos magnéticos, e igualmente tão curiosos de se observar.

93. A intervenção voluntária ou involuntária de uma pessoa dotada de uma aptidão especial para a produção desses fenômenos parece ser necessária na maioria dos casos, embora haja alguns em que o Espírito pareça agir sozinho; mas então, poderia ser que ele tirasse o fluido animalizado de outro lugar, e não de uma pessoa presente. Isto explica por que os Espíritos que nos cercam constantemente não produzem perturbações a todo instante. Primeiro, é preciso que o Espírito queira, que tenha um objetivo, um motivo, sem o que ele não faz nada. Depois, é necessário muitas vezes que ele encontre, exatamente no lugar onde queira agir, uma pessoa apta a ajudá-lo — coincidência que só muito raramente acontece. De repente, aparecendo tal pessoa, o Espírito a aproveita. Malgrado a reunião de todas as circunstâncias favoráveis, ele ainda poderia ser impedido por uma vontade superior que não

lhe permitisse agir como bem quisesse. Pode ser que não lhe seja permitido produzir fenômenos a não ser dentro de certos limites, e no caso em que tais manifestações sejam consideradas úteis — seja como meio de convicção, seja como provação para a pessoa que com quem ocorra o fenômeno.

94. A este respeito, citaremos apenas o diálogo provocado a propósito dos fatos que se passaram em junho de 1860, na rua dos Noyers, em Paris. Encontraremos os detalhes desse caso na *Revista espírita*, edição de agosto de 1860.²⁵

1) [A são Luís] Poderia ter a gentileza de nos dizer se os fatos que contam ter ocorrido na rua dês Noyers são reais? Quanto à possibilidade, não duvidamos deles.

“Sim, esses fatos são reais; só a imaginação dos homens os exagerará, seja por medo, seja por ironia. Mas, repito, eles são verdadeiros. Essas manifestações são provocadas por um Espírito que se diverte um pouco à custa dos habitantes do lugar.”

2) Há naquela casa alguém que tenha causado tais manifestações?

“Elas são sempre causadas pela presença da pessoa a quem se ataca; é que o Espírito perturbador guarda algum rancor contra o habitante daquele lugar e lhe quer fazer maldades, ou então procura lhe fazer se mudar.”

3) Perguntamos se, entre os moradores da casa, há alguém que seja o causador desses fenômenos por uma influência medianímica espontânea ou involuntária?

“Tem que haver sim, pois *sem isso o fato não poderia ocorrer*. Um Espírito habita o lugar de sua predileção; ele permanece inativo até que uma circunstância que lhe seja favorável se apresente nesse lugar; quando essa pessoa surge, então ele se diverte o quanto pode.”

4) A presença dessa pessoa nesses lugares é realmente indispensável?

“Esse é o caso mais comum, e é o caso do episódio citado; foi por isso que eu disse que sem isso o fato não poderia ter acontecido. Mas, não pretendi

²⁵ Ebook disponível em www.luzespirita.org.br/index.php?lisPage=livro&livroID=76. — N. T.

generalizar; há casos em que a presença imediata não é necessária.”

5) Sendo esses Espíritos sempre de uma ordem inferior, a aptidão para lhes servir de auxiliar seria uma indicação desfavorável para a pessoa? Isso não significaria uma simpatia com os seres dessa natureza?

“Não, não exatamente, porque essa aptidão se liga a uma disposição física; contudo, muitas vezes denota uma tendência material que seria preferível que não existisse, pois quanto mais se eleva moralmente tanto mais se atrai para si os bons Espíritos, que necessariamente afastam os maus.”

6) Onde o Espírito vai buscar os objetos que ele arremessa?

“Esses diversos objetos são apanhados na maioria das vezes recolhidos nos próprios lugares ou na vizinhança; uma força vinda de um Espírito os lança no espaço e eles caem no ponto designado por esse Espírito.”

7) Já que as manifestações espontâneas costumeiramente são permitidas e até provocadas com o propósito de convencer, parece-nos que se determinados incrédulos fossem pessoalmente objeto desses fenômenos, então eles seriam forçados a se render diante das evidências. Eles se queixam algumas vezes de não poder testemunhar fatos conclusivos; não caberia aos Espíritos lhes dar uma prova sensível?

“A todo instante, os ateus e os materialistas não são testemunhas dos efeitos do poder de Deus e do pensamento? Isso não os impede que negar Deus e a alma. Por acaso os milagres de Jesus converteram todos os seus contemporâneos? Os fariseus que lhe disseram “Mestre, faça-nos ver algum prodígio” não se assemelham àqueles que ora pedem que lhes façam ver manifestações? Se não se convenceram pelas maravilhas da criação, também não se convenceriam mesmo que os Espíritos lhes aparecessem da maneira menos duvidosa, pois o próprio orgulho os torna iguais a jumentos empacados. Não lhes faltaria ocasião de ver se eles procurassem de boa-fé; por isso Deus não julga conveniente fazer por eles mais do que faz pelos que sinceramente buscam instruir-se, porque ele só recompensa os homens de boa vontade. A incredulidade deles não impedirá que a vontade de Deus se cumpra; vocês sabem bem que ela não impediu a doutrina de se disseminar. Portanto, parem de se inquietar com a oposição deles, que é para a doutrina o

que a sombra é para o quadro, e lhe dá um maior relevo. Que mérito eles teriam se fossem convencidos à força? Deus lhes deixa toda a responsabilidade pela própria teimosia, e essa responsabilidade será mais terrível do que pensam. Bem-aventurados os que creem sem ter visto — disse Jesus — porque estes não duvidam do poder de Deus.”

8) Seria útil evocar esse Espírito para lhe pedirmos algumas explicações?

“Evoquem-no, se quiserem; mas esse é um Espírito inferior, que não lhes dará senão respostas bastante insignificantes.”

95. Entrevista com o Espírito perturbador da rua dos Noyers:

1) Evocação.

“Por que me chamaram? Querem umas pedradas também? Aí é que vocês vão ver um belo salve-se quem puder, apesar do vosso ar de bravura.”

2) Mesmo que nos atirasse pedras aqui, isso não nos amedrontaria; nós até te pedimos concretamente, se puder, que nos atire algumas.

“Aqui talvez eu não possa, porque têm um guardião que vela por vocês.”

3) Na rua dos Noyers, havia uma pessoa que te servia de auxiliar para facilitar as peças que você pregava nos moradores daquela casa?

“Certamente; encontrei um bom instrumento, e nenhum Espírito doutor, sábio ou prudente para me impedir, porque eu sou alegre e às vezes gosto de me divertir.”

4) Qual foi a pessoa que te serviu de instrumento?

“Uma empregada.”

5) Foi sem ela querer que esta empregada te auxiliava?

“Ah, sim; coitada da moça! Ela era a mais assustada!”

6) Você estava agindo com algum propósito hostil?

“Não, eu não tinha nenhum propósito hostil, mas os homens que se apossam de tudo vão tirar bom proveito para eles.”

7) Que quer dizer com isso? Não estamos te compreendendo.

“Eu procurava me divertir, mas vocês, vocês estudarão o caso e terão um

fato a mais para mostrar que nós existimos.”

8) Você diz que não tinha nenhum propósito hostil, mas quebrou todas as vidraças do apartamento, causando assim um prejuízo real.

“Isso é só um detalhe.”

9) Onde você conseguiu os objetos que atirou?

“Eles são bastante comuns; achei-os no pátio e nos jardins vizinhos.”

10) Achou **todos** eles ou fabricou algum? (Ver adiante o cap. VIII)

“Não criei nada, não fiz coisa alguma.”

11) E se não os tivesse encontrado, poderia tê-los fabricado?

“Teria sido mais difícil; entretanto, a rigor, mistura-se materiais e faz qualquer coisa.”

12) Então nos diga como você atirou os objetos?

“Ah! Isto é mais difícil de explicar; eu me servi da natureza elétrica daquela moça, juntando com a minha, que é menos material; então nós pudemos mover os diversos objetos, nós dois.”

13) Bem que você poderia, penso eu, nos dá algumas informações sobre a tua pessoa. Diga-nos então, primeiramente: faz muito tempo que morreu?

“Faz muito tempo; faz uns cinquenta anos.”

14) Quem era você, quando estava vivo?

“Não era lá grande coisa; eu perambulava por esse bairro, e às vezes as pessoas me diziam bobagens, porque eu gostava muito do licor vermelho do bom velho Noé. Por isso eu queria colocar todos pra correr.”

15) Foi por você mesmo e de boa vontade que respondeu às nossas perguntas?

“Eu tinha um instrutor.”

16) Quem é esse instrutor?

“O vosso bom rei Luís.”

Nota – Essa pergunta foi motivada pela natureza de algumas respostas, que nos pareceram ultrapassar o alcance desse Espírito, pela substância das ideias e mesmo

pela forma da linguagem. Logo, não há nada de se admirar que ele tenha sido ajudado por um Espírito mais esclarecido que quisesse aproveitar dessa ocasião para nos dar alguma instrução. Este é um fato muito comum, mas uma notável particularidade nessa circunstância é que a influência do outro Espírito se reflete na própria escrita; a das respostas em que ele interveio é mais regular e mais corrente; a do brincalhão é angulosa, grossa, irregular, às vezes pouco legível, e tem uma letra muito diferente.

17) O que você faz agora? Ocupa-se com o teu futuro?

“Ainda não; eu perambulo. Pensam tão pouco em mim na Terra, que ninguém reza por mim: como não tenho quem me ajude, eu não trabalho.”

Nota – Veremos mais tarde o quanto podemos contribuir para o adiantamento e o alívio dos Espíritos inferiores através da prece e dos conselhos.

18) Qual era o teu nome em vida?

“Jeannet.”

19) Está bem, Jeannet! Oraremos por ti. Diga-nos se a nossa evocação te deu prazer ou se te contrariou?

“Foi um prazer, pois que são bons rapazes, viventes alegres, embora um pouco sérios; não importa: vocês me ouviram e estou contente.”

JEANNET.

Fenômenos de transporte

96. Este fenômeno não difere daquele de que acabamos de falar, a não ser pela intenção benevolente do Espírito autor da manifestação, pela natureza dos objetos — quase sempre graciosos — e pela maneira suave e muitas vezes delicada como são trazidos. Consiste no transporte espontâneo de objetos que não existem no lugar onde ocorre o fenômeno; geralmente são flores, algumas vezes frutas, doces, joias etc.

97. Digamos, antes de tudo, que este fenômeno é um dos que mais se prestam à imitação e que, por conseguinte, devemos estar atentos contra a fraude.

Sabemos até onde pode ir a arte da prestidigitação²⁶ em se tratando de experiências desse gênero; contudo, mesmo sem ter que lidar com um profissional, poderemos ser facilmente iludidos por uma manobra hábil e interesseira. A melhor de todas as garantias está ***no caráter, na notória honestidade e no absoluto desinteresse*** da pessoa que obtém tais efeitos; em segundo lugar, no exame atento de todas as circunstâncias nas quais os fatos se produzem; e, finalmente, no conhecimento esclarecido do espiritismo, o único que pode descobrir o que fosse suspeito.

98. A teoria do fenômeno dos transportes e das manifestações físicas em geral se acha resumida de uma maneira notável na seguinte dissertação, por um Espírito cujas todas as comunicações contêm um cunho incontestável de profundidade e lógica. Encontraremos várias delas no curso desta obra. Ele se apresentou pelo nome de ***Erasto***, discípulo de São Paulo, e como protetor do médium que lhe serviu de intérprete:

“Para se obter fenômenos dessa ordem, faz-se necessário ter consigo médiuns que chamarei de ***sensitivos***, quer dizer, dotados no mais alto grau das faculdades medianímicas de expansão e de penetrabilidade, porque o sistema nervoso desses médiuns — facilmente excitável — lhes permite, por meio de certas vibrações, projetar profusamente em torno deles seu fluido animalizado.

“As naturezas impressionáveis — as pessoas cujos nervos vibram com a menor emoção, a mais singela sensação; aquelas que se sensibilizam com a influência moral ou física, interna ou externa — são sujeitos muito aptos a se tornarem excelentes médiuns para os efeitos físicos de tangibilidade e de transporte. Efetivamente, o sistema nervoso dessas pessoas — quase inteiramente desprovido do invólucro refratário, que na maioria dos outros encarnados isola esse sistema nervoso — as torna apropriadas para o desenvolvimento desses diversos fenômenos. Como consequência, com um

²⁶ Prestidigitação: a técnica de iludir o espectador com truques de magia e ilusionismo. De fato, o advento do Espiritismo inspirou muitos mágicos e ilusionistas, muitos dos quais se passavam por médiuns para promover espetáculos e vender consultas particulares, supostamente se valendo de poderes medianímicos. — N. T.

indivíduo de uma natureza como essa e cujas outras faculdades não sejam hostis à medianimização, nós facilmente obteremos os fenômenos de tangibilidade, batidas nas paredes e nos móveis, os movimentos *inteligentes* e até mesmo a suspensão no espaço da mais pesada matéria inerte. *A fortiori*, obteríamos esses mesmos resultados se, em vez de um médium, tivéssemos à nossa disposição vários deles igualmente bem-dotados.

“Mas, da produção desses fenômenos até a obtenção dos de transporte há um mundo inteiro, pois neste caso não só o trabalho do Espírito é mais complexo e mais difícil, como ainda mais porque o Espírito apenas consegue operar por meio de um único aparelho medianímico; quer dizer, vários médiuns não podem contribuir simultaneamente para a produção do mesmo fenômeno. Acontece também que, ao contrário, a presença de certas pessoas antipáticas ao Espírito que realiza o fenômeno pode entrar radicalmente a operação. A estes motivos a que, como podem ver, não deixam de ter importância, acrescentemos que os transportes requerem sempre uma concentração maior e ao mesmo tempo uma maior difusão de certos fluidos, que somente podem ser obtidos com os médiuns mais dotados, enfim, com aqueles cujo aparelho *eletromedianímico* é o mais bem condicionado.

“Em geral, os casos de transporte são e continuarão extremamente raros. Não preciso lhes demonstrar porque eles são e serão menos frequentes do que os outros casos de tangibilidade; do que estou dizendo, vocês mesmos podem deduzir. Ademais, estes fenômenos são de uma natureza tal que não apenas nem todos os médiuns servem para produzi-los, mas que dentre os Espíritos nem todos podem operá-los. Com efeito, é necessário que exista entre o Espírito e o médium influenciado uma certa afinidade, uma certa analogia, em suma, uma certa semelhança que permita à parte expansível do fluido *perispirítico*²⁷ do encarnado se misturar, se unir e se combinar com o do Espírito que queira fazer um transporte. Essa fusão deve ser de um jeito tal que a força resultante se torne — por assim dizer — *uma*: do mesmo modo que uma corrente elétrica, agindo sobre o carvão, produz um só foco, uma

²⁷ Vê-se que, quando se trata de expressar uma ideia nova para a qual falta um termo na língua, os Espíritos sabem perfeitamente criar neologismos. Essas palavras *eletromedianímico* e *perispirítico* não são nossas. Aqueles que têm criticado de ter criado as palavras *espírita*, *espiritismo* e *perispirito*, que não tinham termos equivalentes, poderão então fazer a mesma crítica aos Espíritos.

única claridade. Por que essa união? Por que essa fusão? — vocês perguntarão. É que, para a produção destes fenômenos, é preciso que as propriedades essenciais do Espírito motor sejam aumentadas com algumas das propriedades do medianimizado; é que o *fluido vital* — indispensável à produção de todos os fenômenos medianímicos — é privilégio *exclusivo* do encarnado e que, por conseguinte, o Espírito operador fica obrigado a se impregnar dele. Só então é que, mediante certas propriedades do vosso meio ambiente e que vocês desconhecem, ele pode isolar, tornar invisíveis e fazer mover determinados objetos materiais e até os próprios encarnados.

“Não me é permitido, por enquanto, lhes desvendar essas leis particulares que regem os gases e os fluidos que vos cercam; mas, antes que alguns anos tenham decorrido, antes que uma existência de homem tenha se cumprido, a explicação destas leis e destes fenômenos vos será revelada e vocês verão surgir e se produzir uma nova variedade de médiuns, que cairão num estado cataléptico especial desde que sejam medianimizados.

“Vejam quantas dificuldades envolvem a produção dos transportes; vocês podem concluir daí muito logicamente que os fenômenos desta natureza são extremamente raros, como eu disse, e com tanto mais razão que os Espíritos se interessam muito pouco em produzi-los, porque isso exige da parte deles um trabalho quase material — o que é um tédio e uma fadiga para eles. Por outro lado, ocorre também isso: apesar da energia e da vontade deles, muito frequentemente o estado do próprio médium lhes opõe uma barreira intransponível.

“Portanto, é evidente — e o vosso raciocínio comprovará, eu não duvido — que os fatos tangíveis das batidas, dos movimentos e das suspensões são fenômenos simples, que se operam pela concentração e dilatação de certos fluidos e que podem ser provocados e obtidos pela vontade e pelo trabalho dos médiuns aptos a isso, quando estes são auxiliados por Espíritos amigos e benevolentes; ao passo que os fatos de transporte são múltiplos e complexos, exigindo um conjunto de circunstâncias especiais, não podendo ser operados senão por um único Espírito e um único médium, e requerem — além da necessidade da tangibilidade — uma combinação toda particular para isolar e tornar invisíveis os objetos que são alvos do transporte.

“Todos vocês, espíritas, vocês compreendem as minhas explicações e percebem perfeitamente essa concentração de fluidos especiais, para a locomoção e a tutilidade da matéria inerte; vocês acreditam nisso como acreditam nos fenômenos da eletricidade e do magnetismo, com os quais os fatos medianímicos estão cheios de semelhança e que são, por assim dizer, a consagração e o desenvolvimento daqueles. Quanto aos incrédulos e aos doutores, piores do que os incrédulos, não me compete convencê-los e não me ocupo com eles; um dia eles ficarão convencidos pela força da evidência, pois será obrigatório que se curvem diante do testemunho unanime dos fatos espíritas, como eles foram forçados a se curvar diante de tantos outros fatos que eles a princípio rejeitaram.

“Para resumir: se os casos de tangibilidade são frequentes, os de transporte são muito raros, porque as condições requeridas são muito difíceis; por conseguinte, nenhum médium pode dizer: A tal hora e em tal minuto eu obterei um transporte; pois frequentemente o próprio Espírito se encontra impedido dessa obra. Devo acrescentar que esses fenômenos são duplamente difíceis em público, porque aí quase sempre se encontram elementos energicamente refratários que paralisam os esforços do Espírito e, com mais forte razão, paralisam a ação do médium. Tenham como certo que, ao contrário, esses fenômenos se produzem quase sempre em particular, espontaneamente, e na maioria das vezes sem a percepção dos médiuns e sem premeditação, e, finalmente, muito raramente quando os médiuns estão prevenidos; do que vocês devem deduzir que há um legítimo motivo de suspeita todas as vezes que um médium se gaba de obter esses fenômenos à vontade, ou, de outra forma, de ditar ordens aos Espíritos como a seus servos — o que é simplesmente um total absurdo. Tenham também como regra geral que os fenômenos espíritas não são dados para se oferecer espetáculo e divertir os curiosos. Se alguns Espíritos se prestam a esse tipo de coisas, só pode ser para a produção de fenômenos simples, e não para os que exigem condições excepcionais, tais como os de transporte e outros semelhantes.

“Lembrem-se, espíritas, que se é um absurdo repelir sistematicamente todos os fenômenos de além-túmulo, também não é sábio aceitar todos eles cegamente. Quando um fenômeno de tangibilidade, de aparição ou de

transporte se manifesta espontaneamente e de um modo instantâneo, aceitem-no; porém, nunca seria demais repetir que não aceitem nada cegamente; que cada fato seja submetido a um exame minucioso, aprofundado e severo; pois, acreditem, o Espiritismo — que é tão rico em fenômenos sublimes e grandiosos — nada tem a ganhar com essas pequenas manifestações que trapaceiros hábeis podem imitar.

“Eu sei bem o que vão dizer: que esses fenômenos são úteis para convencer os incrédulos. Mas fiquem sabendo que: se não tivessem outros meios de convicção, vocês não contariam hoje a centésima parte dos espíritas que vocês têm. Falem ao coração; é por aí que farão mais conversões sérias. Se, para certas pessoas, vocês julgarem conveniente agir pelos fatos materiais, ao menos apresentem-nos em circunstâncias tais que não possam dar ensejo a nenhuma interpretação falsa e, sobretudo, não saiam das condições normais desses fatos, porque, os fatos apresentados em más condições fornecem argumentos aos incrédulos, em vez de convencê-los.

“ERASTO”

99. O fenômeno de transporte oferece uma particularidade assaz notável: certos médiuns só o obtêm em estado sonambúlico, e isso pode ser explicado facilmente. Há no sonâmbulo um desprendimento natural, uma espécie de isolamento do Espírito e do perispírito, que deve facilitar a combinação dos fluidos necessários. Tal é o caso dos transportes que temos testemunhado. As questões seguintes foram dirigidas ao Espírito que os produzira, mas suas respostas às vezes refletem sua insuficiência; nós as submetemos ao Espírito *Erasto*, que é muito mais instruído do ponto de vista teórico, e ele as completou com anotações muito judiciosas. Um é o artesão, o outro é o sábio; a própria comparação dessas inteligências forma um estudo instrutivo, pois prova que não basta ser um Espírito para saber de tudo.

1) Queira nos dizer, por favor, por que os transportes que você acabou de fazer não se produzem a não ser com o médium em estado sonambúlico?

“Isto tem a ver com a natureza do médium; os fatos que produzi quando o meu intermediário está adormecido, eu poderia produzi-los igualmente com outro médium em estado de vigília.”

2) Por que você demora tanto para trazer os objetos e por que atíça a cobiça do médium, excitando-lhe o desejo de obter o objeto prometido?

“Esse tempo é necessário para eu preparar os fluidos que servem ao transporte. Quanto à excitação, muitas vezes é só para divertir as pessoas presentes e o sonâmbulo.”

Nota de Erasto – O Espírito que respondeu não sabe além disso; ele não se dá conta do motivo dessa cobiça que ele aguça instintivamente sem compreender seu efeito; acredita estar divertindo, enquanto na realidade ele provoca, sem suspeitar, uma maior emissão de fluido. Essa é a consequência da dificuldade que o fenômeno apresenta, dificuldade sempre maior quando não é espontâneo, sobretudo com determinados médiuns.

3) A produção do fenômeno depende da natureza especial do médium e poderia se produzir por outros médiuns com mais facilidade e prontidão?

“A produção depende da natureza do médium e não pode se produzir senão com naturezas correspondentes; quanto à prontidão, o hábito que adquirimos, correspondendo frequentemente com o mesmo médium, é de uma grande vantagem para nós.”

4) A influência das pessoas presentes tem alguma coisa a ver com isso?

“Quando há incredulidade nelas, alguma oposição, pode nos prejudicar muito; preferimos apresentar nossas provas aos crentes e a pessoas versadas no espiritismo, mas não quero dizer com isso que a má vontade poderia nos paralisar completamente.”

5) Onde você foi buscar as flores e os doces que transportou?

“As flores eu peguei dos jardins, onde elas me agradam.”

6) E os doces? O comerciante deve ter percebido a falta deles.

“Eu os pego de onde me agrada; o comerciante não percebeu de nada, porque coloquei outros doces no seu lugar.”

7) Mas os anéis têm algum valor; de onde os tirou? Isso não teria causado prejuízo àquele de quem você pegou emprestado?

“Tirei-os de lugares que todos desconhecem e de uma maneira que ninguém possa ter nenhum prejuízo.”

Nota de Erasto – Creio que o fato foi explicado de uma maneira insatisfatória devido a condição do Espírito que respondeu. Sim, ele pode ter causado um prejuízo real, mas o Espírito não quis assumir ter desviado o que quer que fosse. Um objeto só pode ser substituído por outro objeto idêntico, da mesma forma e do mesmo valor; por conseguinte, se um Espírito tivesse a faculdade de substituir um objeto por outro parecido com aquele que pega, então ele não teria razão para pegá-lo, e devia dar aquele que serve de substituto.

8) Seria possível trazer flores de outro planeta?

“Não, isso não seria possível para mim.”

— [A Erasto] Outros Espíritos teria essa capacidade?

“Impossível, em razão da diferença do meio ambiente.”

9) Poderia nos trazer flores de outro hemisfério, por exemplo, dos trópicos?

“Desde que seja da Terra, eu posso.”

10) Os objetos que transportou, você poderia fazê-los desaparecer e reaparecer?

“Assim como os trouxe aqui, posso levá-los à vontade.”

11) A produção do fenômeno dos transportes te causa algum transtorno, um embaraço qualquer?

“Não nos causa nenhum transtorno quando temos permissão para produzi-los; até poderia nos causar sérios embaraços se quiséssemos produzir efeitos sem autorização para isso.”

Nota de Erasto – Ele não quer reconhecer que isso lhe é penoso, embora o seja realmente, porque é forçado a fazer uma operação, por assim dizer, material.

12) Quais são as dificuldades que você encontra?

“Nenhuma outra além das más disposições fluídicas que possam ser contrárias a nós.”

13) Como você carrega o objeto; segurando-o com as mãos?

“Não; nós o envolvemos nós mesmos.”

Nota de Erasto – Ele não explica claramente sua operação, pois ele não envolve o objeto com a sua própria personalidade; mas como o seu fluido pessoal é dilatável,

penetrável e expansível, ele combina uma parte desse fluido com uma parte do fluido animalizado do médium, e é nesta combinação que esconde e transporta o objeto do transporte. Portanto, não é correto dizer que o envolve em si.

14) Você traria com a mesma facilidade um objeto de um peso considerável, de 50 quilos, por exemplo?

“O peso não é nada para nós; trazemos flores, porque isso pode ser mais agradável do que um peso volumoso.”

Nota de Erasto – Está correto; ele pode carregar objetos de cem ou duzentos quilos, pois a gravidade que existe para vocês é anulada para ele; mas, ainda aqui, ele não percebe bem o que se passa. A massa dos fluidos combinados é proporcional à massa dos objetos; numa palavra, a força deve estar em proporção com a resistência; daí se segue que, se o Espírito traz apenas uma flor, ou um objeto leve, muitas vezes é porque não encontra no médium, ou em si mesmo, os elementos necessários para um esforço mais considerável.

15) Haveria algumas vezes desaparecimentos de objetos cuja causa é desconhecida e que poderiam ser obra de Espíritos?

“Ocorrem muito frequentemente, mais frequente do que vocês pensam, e poderíamos solucionar isso pedindo ao Espírito para repor o objeto desaparecido.”

Nota de Erasto – É verdade, mas às vezes o que é subtraído realmente é subtraído, pois esses objetos que não se encontram mais em casa com frequência são levados para muito longe. Entretanto, como a retirada dos objetos exige quase que as mesmas condições fluídicas que a trazida, ela só se pode dar com o auxílio de médiuns dotados de faculdades especiais. Por isso, quando uma coisa desaparece, é mais provável que seja o resultado do descuido de vocês do que dos Espíritos.

16) Haveria efeitos que consideramos como fenômenos naturais e que sejam devido à ação de certos Espíritos?

“Vossos dias são repletos desses fatos que vocês não compreendem, pois vocês não os sondam, mas que um pouco de reflexão os faria ver claramente.”

Nota de Erasto – Não atribuam aos Espíritos o que é obra da humanidade, mas creiam na influência deles — oculta e constante — que faz brotar em torno de vocês mil circunstâncias, mil incidentes necessários ao cumprimento dos vossos atos, da vossa existência.

17) Entre os objetos transportados, não haveria alguns que poderiam ser confeccionados pelos Espíritos, isto é, produzidos espontaneamente pelas modificações que os Espíritos podem fazer no fluido ou no elemento universal?

“Não, por mim, porque eu não tenho permissão para isso; só um Espírito elevado o poderia.”

18) Como outro dia você conseguiu introduzir aqueles objetos, já que o quarto estava fechado?

“Os fiz entrar comigo, por assim dizer, envolvidos na minha substância; quanto a vos dizer mais do que isso, não é explicável.”

19) Como tornou visíveis aqueles objetos que antes estavam invisíveis?

“Eu removi a matéria que os envolvia.”

Nota de Erasto – Não é a matéria propriamente dita que os envolve, mas um fluido tirado metade do perispírito do médium e metade do Espírito que opera.

20) [A Erasto] Um objeto pode ser transportado para um lugar inteiramente fechado? Numa palavra, o Espírito pode espiritualizar um objeto material, de maneira que possa penetrar a matéria?

“Esta questão é complexa. Quanto aos objetos transportados, o Espírito pode torná-los invisíveis, mas não penetráveis; ele não pode romper a agregação da matéria, o que seria a destruição do objeto. Tornando este objeto invisível, ele o pode transportar quando bem queira e não o largar senão no momento oportuno para fazê-lo aparecer. É diferente para aqueles que nós compomos; como só introduzimos os elementos da matéria, e como esses elementos são essencialmente penetráveis; que nós mesmos penetramos e atravessamos os corpos mais condensados com a mesma facilidade com que os raios solares atravessam uma vidraça, então nós podemos dizer perfeitamente que introduzimos o objeto num lugar, por mais fechado que esteja, mas isso somente neste caso.”

Nota – Quanto à teoria da formação espontânea dos objetos, veja adiante o capítulo intitulado: *Laboratório do mundo invisível*.

CAPÍTULO VI

MANIFESTAÇÕES VISUAIS

Questões sobre as aparições – Ensaio teórico sobre as aparições – Espíritos glóbulos – Teoria da alucinação

100. De todas as manifestações espíritas, sem contradição, as mais interessantes são aquelas em que os Espíritos podem se tornar visíveis. Pela explicação deste fenômeno. Veremos que ele não é mais sobrenatural do que os outros. Vamos apresentar primeiramente as respostas que foram feitas aos acerca desse assunto:

1) Os Espíritos podem se tornar visíveis?

“Podem sim, sobretudo durante o sono. Entretanto, algumas pessoas os veem também durante o estado desperto, mas isso é mais raro.”

Nota – Enquanto o corpo repousa, o Espírito se desprende dos laços materiais; fica mais livre e pode mais facilmente ver os outros Espíritos, com os quais ele entra em comunicação. O sonho é exatamente a recordação desse estado; quando as pessoas não se lembram de nada, elas dizem que não tiveram sonho, mas nem por isso a alma deixou de ver e de gozar da sua liberdade. Aqui nos ocupamos especialmente com as aparições no estado de vigília.²⁸

2) Os Espíritos que manifestam à vista pertencem mais a uma categoria do que a outra?

“Não; eles podem pertencer a todas as classes, desde as mais elevadas até as mais inferiores.”

²⁸ Para mais detalhes sobre o estado do Espírito durante o sono, ver *O Livro dos Espíritos*, cap. *Emancipação da alma*, questão 409.

3) É permitido a todos os Espíritos se manifestarem visivelmente?

“Todos podem, mas nem sempre eles têm permissão ou vontade de se manifestar.”

4) Qual é o objetivo dos Espíritos que se manifestam visivelmente?

“Isso depende; de acordo com a sua natureza, o objetivo pode ser bom ou mau.”

5) Como essa permissão pode lhes ser dada quando o propósito é mau?

“Nesse caso é para pôr em provação aqueles a quem eles aparecem. A intenção do Espírito pode ser má, mas o resultado pode ser bom.”

6) Qual pode ser a finalidade dos Espíritos que tem uma má intenção ao se deixar ser visto?

“Amedrontar, e muitas vezes se vingar.”

— Qual a finalidade dos Espíritos que vêm com uma boa intenção?

“Consolar as pessoas que sentem saudades deles, provar que existem e estão perto delas, dar conselhos e algumas vezes pedir assistência para si.”

7) Que inconveniência haveria para os homens que a possibilidade de ver os Espíritos fosse permanente e generalizada? Essa não seria uma forma de tirar a dúvida dos mais incrédulos?

“Estando o homem constantemente cercado de Espíritos, vê-los sem cessar o perturbaria, atrapalharia suas ações e lhe tiraria a iniciativa na maioria dos casos, ao passo que, acreditando estar sozinho ele age mais livremente. Quanto aos descrentes, estes já dispõem de meios o bastante para se convencerem — se quiserem aproveitá-los e se não estiverem cegos pelo orgulho. Vocês sabem muito bem que há pessoas que têm visto e que nem por isso creem, porque dizem que são ilusões. Não se inquietem com essa gente; Deus se encarrega deles.”

Nota – Haveria tanta inconveniência em estarmos constantemente na presença dos Espíritos quanto em vermos o ar que nos rodeia ou as miríades de animais microscópicos em torno de nós e em nós mesmos. Donde devemos concluir que aquilo que Deus faz é bem-feito e que ele sabe melhor do que nós o que nos convém.

8) Já que a visualização de Espíritos tem inconveniências, por que ela é permitida em alguns casos?

“É para dar uma prova de que nem tudo morre com o corpo, e que a alma conserva sua individualidade após a morte. Essa visualização passageira basta para dar essa prova e para atestar a presença de amigos ao vosso lado; mas ela não tem os inconvenientes da vidência permanente.”

9) Nos mundos mais adiantados que o nosso, a visualização de Espíritos é mais frequente?

“Quanto mais o homem se aproxima da natureza espiritual, mais facilmente ele entra em contato com os Espíritos; é a grosseria do envoltório de vocês que torna mais difícil e mais rara a percepção dos seres etéreos.”

10) É racional se assustar com a aparição de um Espírito?

“Aquele que reflete deve compreender que um Espírito — qualquer que seja — é menos perigoso do que uma pessoa viva. Aliás, os Espíritos vão a toda parte, e você não precisa vê-los para saber que pode ter alguns ao teu lado. O Espírito que quisesse fazer o mal poderia fazê-lo sem ser visto — e até com mais segurança; ele não é perigoso por ser um Espírito, mas sim pela influência que ele pode exercer sobre o pensamento, desviando-o do bem e levando-o ao mal.”

Nota – As pessoas que têm medo de ficar sozinhas ou da escuridão raramente percebem a causa de seu pavor; elas não seriam capazes de dizer do que têm medo, mas certamente elas deveriam temer mais o encontro com os homens do que com os Espíritos, porque um malfeitor é bem mais perigoso vivo do que morto. Certa noite, uma senhora de nosso conhecimento teve no seu quarto uma aparição tão bem caracterizada que ela acreditou estar na presença de alguém, e o seu primeiro movimento foi de medo. Certificando-se de que não havia ninguém, ela disse: Parece que *é apenas um Espírito*; então, posso dormir tranquila.

11) Aquele a quem um Espírito apareça poderia conversar com ele?

“Perfeitamente e é isso mesmo o que sempre se deve fazer em tal caso, perguntando ao Espírito quem ele é, o que deseja e o que se poderia fazer para lhe ser útil. Se o Espírito estiver infeliz e sofrendo, a compaixão que lhe dedicarmos o aliviará; se for um Espírito bondoso, pode vir na intenção de dar bons conselhos.”

— Nesse caso, como o Espírito poderia responder?

“Algumas vezes ele responde por sons articulados, como o faria uma pessoa viva; mas, na maioria dos casos, acontece uma transmissão dos pensamentos.”

12) Os Espíritos que aparecem com asas têm realmente essas asas, ou elas não passam de uma aparência simbólica?

“Os Espíritos não têm asas; eles não precisam delas, porque podem se transportar para qualquer lugar como Espíritos. Eles aparecem na forma com a qual queiram impressionar a pessoa a quem se mostram: uns aparecerão com uma roupa comum, outros aparecerão cobertos de lençóis, alguns com asas, como atributo da categoria de Espíritos à qual pertençam.”

13) As pessoas que vemos em sonho são sempre aquelas de quem elas têm o aspecto?

“Quase sempre são as mesmas pessoas que vosso Espírito vai encontrar ou as que vêm encontrar vocês.”

14) Os Espíritos zombeteiros não poderiam tomar a aparência das pessoas que nos são queridas para nos induzir em erro?

“Eles tomam aparências fantásticas só para se divertirem às custas de vocês; mas há coisas com as quais não lhes é permitido brincar.”

15) Sendo o pensamento uma espécie de evocação, compreendemos que ele provoque a presença do Espírito; entretanto, como é que muitas vezes as pessoas em quem mais pensamos e que ardentemente desejamos rever jamais se apresentam em nosso sonho, enquanto vemos outras indiferentes e nas quais nunca pensamos?

“Nem sempre os Espíritos têm a possibilidade de se manifestarem visivelmente, mesmo em sonho, e malgrado o desejo que se tenha de vê-los; causas acima da vontade deles podem impedir sua manifestação. Muitas vezes também é uma provação da qual o mais ardente desejo não consegue se livrar. Quanto às pessoas indiferentes, se vocês não pensam nelas, é possível que elas pensem em vocês. Ademais, vocês não fazem ideia das relações no mundo dos Espíritos; vocês aqui encontram uma série de conhecimentos

íntimos, antigos ou recentes, de que não têm ideia enquanto estão acordados.”

Nota – Quando não há nenhum meio de verificar as visões ou aparições, sem dúvida podemos colocá-las na conta da alucinação; porém, quando elas são confirmadas pelos fatos, não seria o caso de atribuí-las à imaginação. Tais são, por exemplo, as aparições no momento da morte — em sonho ou em estado de vigília — de pessoas em quem não pensávamos de forma algum e que, por diversos sinais, vêm revelar as circunstâncias totalmente inesperadas do seu fim. Têm-se visto muitas vezes cavalos empinarem e recusarem a avançar diante de aparições que assustam aqueles que os conduzem. Se a imaginação tem alguma coisa a ver com os homens, seguramente não tem nada a ver com os animais. Além disso, se as imagens que se vê em sonho fossem sempre um efeito das preocupações de véspera, nada explicaria por que normalmente nós nunca sonhamos com as coisas nas quais mais pensamos.

16) Por que algumas visões são mais frequentes na situação de doença?

“Elas ocorrem igualmente no perfeito estado de saúde, mas na doença os laços materiais são afrouxados; a fraqueza do corpo dá mais liberdade ao Espírito, que mais facilmente entra em comunicação com os outros Espíritos.”

17) As aparições espontâneas parecem ser mais frequentes em certos países. Será que alguns povos são mais dotados do que outros para receber esse tipo de manifestações?

“Por acaso vocês têm um registro histórico de cada aparição? As aparições, como os ruídos e todas as manifestações, enfim, estão igualmente espalhadas sobre toda a Terra, mas elas apresentam características distintas conforme os povos entre os quais elas se realizam. Por exemplo, naqueles onde a escrita está pouco disseminada, não há médiuns escreventes; noutros povos eles são abundantes; entre outros lugares geralmente há mais ruídos e movimentos do que manifestações inteligentes, porque estas manifestações são menos apreciadas e procuradas ali.”

18) Por que as aparições normalmente acontecem à noite? Isso não seria um efeito do silêncio e da escuridão sobre a imaginação?

“É pela mesma razão que faz vocês enxergarem as estrelas durante a noite e não as enxergarem em pleno dia. A grande claridade pode ofuscar uma aparição leve, mas é um erro acreditar que a noite tenha alguma coisa a ver

com isso. Interroguem todos aqueles que tiveram visões e vocês verão que a maioria delas acontece de dia.”

Nota – Os casos de aparições são muito mais frequentes e generalizados do que se pensa, mas muitas pessoas não as assumem por receio do ridículo, e outras as atribuem à ilusão. Se parecem mais numerosas entre alguns povos, isso é porque ali se conservam mais atentamente as tradições, verdadeiras ou falsas, quase sempre exageradas pela atração do maravilhoso, ao qual mais ou menos se preste o aspecto das localidades; a credulidade então faz ver efeitos sobrenaturais nos fenômenos mais simples: o silêncio da solidão, o escarpamento dos barrancos, o mugido da floresta, as rajadas da tempestade, o eco das montanhas, a forma fantástica das nuvens, as sombras, as miragens, tudo enfim se presta à ilusão para imaginações simples e ingênuas, que narram de boa-fé o que viram ou o que acreditaram ver. Porém, ao lado da ficção há a realidade; é para o desprendimento de todos esses acessórios ridículos da superstição que conduz o estudo sério do Espiritismo.

19) A visualização de Espíritos se produz no estado normal ou apenas num estado extático?

“Ela pode ser produzida nas condições perfeitamente normais, embora as pessoas que veem os Espíritos se encontram muitas vezes num estado especial, próximo do êxtase, que lhes dá uma espécie de dupla vista.” (Ver *O Livro dos Espíritos*, questão 447.)

20) Aqueles que veem os Espíritos, eles veem-nos com os olhos?

“Eles acreditam que sim, mas na realidade é a alma que vê, e o que prova isso é que eles podem ver os Espíritos mesmo com os olhos fechados.”

21) Como o Espírito pode se tornar visível?

“O princípio é o mesmo que aquele de todas as manifestações: tem a ver com as propriedades do perispírito, que pode sofrer diversas modificações conforme a vontade do Espírito.”

22) O Espírito propriamente dito pode se tornar visível ou somente com a ajuda do perispírito?

“No estado material de vocês, os Espíritos não podem se manifestar a não ser com a ajuda do envoltório semimaterial deles; é o intermediário pelo qual eles afetam vossos sentidos. Sob esse envoltório é que eles aparecem às

vezes com uma forma humana ou outra qualquer, seja nos sonhos ou no estado de vigília, tanto em plena luz como na escuridão.”

23) Poderíamos dizer que é pela condensação do fluido do perispírito que o Espírito se torna visível?

“Condensação não é a palavra exata: trata-se de uma comparação que pode lhes ajudar a compreender o fenômeno, porque não há de fato uma condensação. Pela combinação dos fluidos, produz-se no perispírito uma disposição particular que não se parece com nada do que vocês conhecem, e que o torna perceptível.”

24) Os Espíritos que aparecem são sempre inapreensíveis e imperceptíveis ao tato?

“Inapreensíveis como num sonho, no seu estado normal; entretanto, eles podem produzir uma impressão ao tato e deixar vestígios de sua presença, e até mesmo se tornar momentaneamente tangíveis em certos casos — o que prova que entre eles e vocês há uma matéria.”

25) Todo mundo está apto a ver os Espíritos?

“Durante o sono sim, mas não em estado de vigília. Durante o sono, a alma vê sem intermediário; no estado de vigília, ela sempre está mais ou menos influenciada pelos órgãos: é por isso que as condições não são totalmente as mesmas.”

26) A que se deve a capacidade de ver os Espíritos durante o estado de desperto?

“Essa capacidade depende do organismo; ela tem a ver com a maior ou menor facilidade com que o fluido do vidente tem de se combinar com o fluido do Espírito. Assim, não basta ao Espírito querer se mostrar; é preciso também que ele encontre a aptidão necessária na pessoa pela qual ele quer ser visto.”

— Essa faculdade pode ser desenvolvida pelo exercício?

“Pode, como todas as outras faculdades; mas essa é uma daquelas pelas quais é melhor esperar o desenvolvimento natural do que provocá-lo, para não excitar demais a imaginação. A capacidade generalizada e

permanentemente de ver os Espíritos é excepcional e não faz parte das condições normais do homem.”

27) Nós podemos provocar a aparição dos Espíritos?

“Isso algumas vezes é possível, mas muito raramente; ela é quase sempre espontânea. Para provocar tal aparição, é preciso ser dotado de uma faculdade especial.”

28) Os Espíritos podem se tornar visíveis sob outra aparência que não a forma humana?

“A forma humana é a forma normal; o Espírito pode variar sua aparência, mas é sempre do tipo humano.”

— Não podem se manifestar sob a forma de uma chama?

“Eles podem produzir chamas, clarões, como todos os outros efeitos, para atestar sua presença; mas essas coisas não são os próprios Espíritos. A chama muitas vezes não passa de uma miragem ou uma emanção do perispírito; em todos os casos, é apenas uma parte deste: o perispírito não aparece inteiramente senão nas visões.”

29) Que devemos pensar da crença que atribui os fogos-fátuos à presença de almas ou Espíritos?

“Superstição produzida pela ignorância. A causa física dos fogos-fátuos é bem conhecida.”²⁹

— A chama azul que, segundo dizem, apareceu sobre a cabeça de Sêrvio Túlio,³⁰ quando ele era uma criança, é uma fábula, ou foi real?

“Foi real; ela foi produzida por um Espírito familiar que queria advertir a mãe. Essa mãe — que era médium vidente — percebeu uma irradiação do Espírito protetor de seu filho. Nem todos os médiuns videntes veem num mesmo grau, assim como nem todos os médiuns escreventes escrevem a mesma coisa. Enquanto aquela mãe não viu mais

²⁹ Fogo-fátuo: fenômeno natural que produz uma luminosidade, geralmente emanada de superfícies aquosas ou de sepulturas, cuja causa é atribuída à combustão de gases provenientes da decomposição de matérias orgânicas. — N. T.

³⁰ Servius Tullius: sexto rei de Roma, cujo reinado durou entre 578 a.C. e 539 a.C. — N. T.

do que uma centelha, outro médium teria conseguido ver o próprio corpo do Espírito.”

30) Os Espíritos poderiam se apresentar sob a forma de animais?

“Isso pode acontecer, mas são sempre Espíritos muito inferiores que tomam essas aparências. Em todos os casos, isso não seria mais do que uma aparência momentânea, pois seria um absurdo acreditar que um animal verdadeiro qualquer pudesse ser a encarnação de um Espírito. Os animais são sempre animais e nada mais do que isso.”³¹

Nota – Somente a superstição pode fazer crer que certos animais sejam animados por Espíritos; é preciso uma imaginação bem complacente ou muito impressionada para ver qualquer coisa de sobrenatural nas circunstâncias um pouco bizarras em que eles se apresentam algumas vezes; o medo normalmente faz ver o que não existe. Mas o medo nem sempre é a fonte dessa ideia; conhecemos uma senhora — muito inteligente, aliás — que estimava demasiadamente um gatinho preto, porque acreditava que ele era de uma natureza *superanimal*; entretanto, essa senhora jamais tinha escutado falar do espiritismo; se ela o tivesse conhecido, ele lhe teria feito compreender o ridículo da causa de sua predileção, provando-lhe a impossibilidade de tal metamorfose.

Ensaio teórico sobre as aparições

101. As manifestações aparentes mais comuns ocorrem durante o sono, pelos sonhos: são as visões. Não está no nosso programa examinar todas as particularidades que os sonhos podem apresentar; resumiremos tudo dizendo que eles podem ser: uma visão atual das coisas presentes ou ausentes, uma visão retrospectiva do passado e, em alguns casos excepcionais, um pressentimento do futuro. Muitas vezes também são

³¹ O entendimento sobre a natureza e a destinação da alma animal passou por um processo de revisão ao longo da obra kardequiana, culminando com a abertura para a compreensão de que ela constitui uma fase evolutiva do princípio inteligente individualizado que, ao adquirir um determinado grau de desenvolvimento de certas faculdades intelectuais (senso moral e livre-arbítrio, especialmente), deixa a condição animal e ingressa no reino hominal, tornando-se um Espírito, e desde então passa a reencarnar na forma humana (Ver especialmente em *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec, cap. XI: ‘Gênese espiritual’). — N. T.

quadros simbólicos que os Espíritos fazem passar sob nossos olhos para nos dar avisos úteis e conselhos salutares — caso sejam Espíritos bons; ou para nos induzir ao erro e incitar nossas paixões — se forem Espíritos imperfeitos. A teoria a seguir se aplica tanto aos sonhos como a todos os outros casos de aparições. (Ver em *O Livro dos Espíritos*, questão 400 e seguintes).

Acreditamos que não faremos uma injúria ao bom senso dos nossos leitores ao refutar aquilo que há de absurdo e de ridículo no que vulgarmente se chama a interpretação dos sonhos.

102. As aparições propriamente ditas se dão em estado de vigília e quando se goza da plenitude e inteira liberdade das suas capacidades. Geralmente elas se apresentam sob uma forma vaporosa e transparente, algumas vezes vaga e imprecisa; à primeira vista, quase sempre ela consiste num brilho esbranquiçado cujos contornos se desenhavam pouco a pouco. Doutras vezes, as formas são nitidamente acentuadas e nós identificamos os mínimos traços da fisionomia, a ponto de podermos fazer uma descrição muito precisa dela. As aparências, o aspecto, tudo é semelhante ao que o Espírito era quando vivo.

Como o Espírito pode tomar todas as aparências, ele se apresenta sob a forma que melhor possa torná-lo reconhecido, se este for o seu desejo. Sendo assim, se bem que como Espírito ele não tenha nenhum defeito físico, ele se mostrará estropeado, coxo, corcunda, ferido ou com cicatrizes, se isso for necessário para constatar sua identidade. Por exemplo, como Espírito, Esopo³² não é deformado; porém, se o evocarem como sendo Esopo, ainda que ele tenha tido muitas existências depois, ele aparecerá feio e corcunda, com sua vestimenta tradicional. Uma coisa curiosa é que, salvo em circunstâncias particulares, as partes menos definidas são os membros inferiores, enquanto a cabeça, o tronco, os braços e as mãos são sempre claramente delineados: daí quase nunca os vemos andando, mas deslizando como sombras. Quanto ao traje, compõem-se muito comumente de um lençol, terminando em longas pregas esvoaçantes; com uma cabeleira ondulante e graciosa, esta é a aparência pelo menos dos Espíritos que não conservaram

³² Esopo: escritor grego, considerado o pai da fábula (gênero literário). Diz-se que ele viveu por volta do século VI a.C., e que era gago e corcunda — N. T.

nada das coisas terrestres; mas os Espíritos comuns, aqueles que nós conhecemos, geralmente têm o traje que usavam no último período de sua existência. Eles frequentemente carregam atributos característicos da sua elevação, como uma auréola, ou asas, para aqueles que possam ser considerados como anjos, ao passo que outros trazem aquilo que lembra suas ocupações terrestres: dessa forma, um guerreiro poderá aparecer com a sua armadura, um sábio com livros, um assassino com um punhal etc. Os Espíritos superiores têm uma figura bela, nobre e serena; os mais inferiores têm qualquer coisa de feroz e bestial, e algumas vezes ainda portam os vestígios dos crimes que cometeram ou dos suplícios que sofreram. A questão da vestimenta e de todos esses objetos acessórios talvez seja a que mais surpreenda; voltaremos a essa questão num capítulo especial, porque ela está ligada a outros fatos muito importantes.

103. Nós temos dito que as aparições têm algo de vaporoso; em certos casos, poderíamos compará-las à imagem refletida num espelho unidirecional, e que, apesar da sua nitidez, não impede que se veja através dele os objetos que estão por detrás. Geralmente é assim que os médiuns videntes as percebem; tais médiuns as veem ir e vir, entrar num aposento ou sair dele, andar entre a multidão dos vivos, tendo a aparência — pelo menos para os Espíritos comuns — de fazer parte ativa de tudo o que se faz ao redor deles, de se interessarem por tudo, de escutarem o que se diz. Muitas vezes eles são vistos se aproximando de uma pessoa, para lhe insuflar ideias, influenciá-la, consolá-la, se forem bons Espíritos; ou para perturbá-la, se forem malignos, a se mostrar tristes ou contentes com os resultados obtidos. Numa palavra: é como uma outra versão do mundo corpóreo. Tal é esse mundo oculto que nos cerca, no meio do qual nós vivemos sem suspeitar dele, assim como vivemos, também sem saber disso, no meio da imensidão do mundo microscópico. O microscópio nos revelou o mundo dos seres infinitamente pequenos do qual não suspeitávamos; o Espiritismo, auxiliado pelos médiuns videntes, nos tem revelado o mundo dos Espíritos, que, também esse mundo, constitui uma das forças ativas da natureza. Com a ajuda dos médiuns videntes, nós estamos podendo estudar o mundo invisível, conhecer os seus costumes, como um

povo de cegos poderia estudar o mundo visível com o auxílio de alguns homens que gozassem da visão. (Veja adiante, no capítulo dos médiuns, o artigo referente aos médiuns videntes.)

104. O Espírito que quer ou pode aparecer às vezes se reveste com uma forma ainda mais nítida, tendo todas as aparências de um corpo sólido, ao ponto de causar uma ilusão completa e de fazer crer que se tenha diante de si um ser corpóreo. Em alguns casos, finalmente, e sob a força de certas circunstâncias, a tangibilidade pode se tornar real, isto é, que se possa tocar, palpar, sentir a mesma resistência e o mesmo calor que de um corpo vivo — o que não impede que a tangibilidade se desvaneça com a rapidez do relâmpago. Então, já não é somente pelos olhos que se constata a presença dos Espíritos, mas também pelo tato. Com relação a uma aparição simplesmente visual, ainda que pudéssemos atribuí-la a uma ilusão ou a uma espécie de fascinação, a mesma dúvida já não é permitida quando se consegue segurá-la, apalpá-la, quando ela própria te toca e te abraça. Os casos de aparições tangíveis são os mais raros, mas aqueles que têm acontecido nestes últimos tempos, pela influência de alguns médiuns potentes³³ e que foram totalmente autenticados por testemunhas irrecusáveis, provam e explicam o que a História relata acerca de pessoas que se mostraram depois de sua morte com todas as aparências da realidade. De resto, conforme temos dito, por mais extraordinários que sejam esses fenômenos, todo o maravilhoso desaparece quando se conhece a maneira pela qual eles se produzem e quando se compreende que, longe de ser uma derrogação das leis da natureza, eles não são mais do que uma nova aplicação dessas leis.

105. Por sua natureza e em seu estado normal, o perispírito é invisível, e isso ele tem em comum com uma série de fluidos que nós sabemos que existem sem que, entretanto, jamais os tenhamos visto. Mas, do mesmo modo que alguns desses fluidos, ele também pode sofrer modificações que o tornem perceptível à vista — seja por uma espécie de condensação, seja por uma

³³ Entre outros, o Sr. Home.

[Menção ao médium escocês Daniel Dunglas Home (1833-1886). — N. T.]

mudança na disposição de suas moléculas; é então que ele nos aparece sob uma forma vaporosa. A condensação (é preciso que não tomar esta palavra ao pé da letra; nós aqui a empregamos apenas por falta de outra e a título de comparação), a condensação — dizemos — pode ser de tal maneira que o perispírito adquira as propriedades de um corpo sólido e tangível; mas ele pode retomar instantaneamente seu estado etéreo e invisível. Podemos nos dar conta desse efeito por aquele do vapor, que pode passar da invisibilidade ao estado enevoadado, depois líquido, depois sólido e *vice-versa*. Esses diferentes estados do perispírito resultam da vontade do Espírito e não de uma causa física exterior, como nos nossos gases. Quando o Espírito nos aparece, é que ele põe o seu perispírito na condição necessária para se tornar visível; mas, para isso, não basta a sua vontade, porque a modificação do perispírito se opera pela sua combinação com o fluido particular do médium; ora, nem sempre essa combinação é possível, o que explica por que a visibilidade dos Espíritos não é generalizada. Assim, não basta que o Espírito queira se mostrar; não basta tampouco que uma pessoa queira vê-lo: é necessário que os dois fluidos possam se combinar, que entre eles tenha havido uma espécie de afinidade; talvez também que a emissão do fluido da pessoa seja abundante o bastante para operar a transformação do perispírito, e ainda, provavelmente, outras condições que desconhecemos; enfim, é preciso que o Espírito tenha a permissão de se fazer visível a tal pessoa — o que nem sempre lhe é concedido ou só é permitido em certas circunstâncias, por motivos que não podemos apreciar.

106. Outra propriedade do perispírito, e que tem a ver com a sua natureza etérea, é a penetrabilidade. Nenhuma matéria lhe impõe obstáculo: ele atravessa todas as matérias, como a luz atravessa os corpos transparentes. É por isso que não há barreira que possa se opor à penetração dos Espíritos; eles vão visitar o prisioneiro no seu cárcere tão facilmente quanto visitam uma pessoa que esteja no meio do campo.

107. As aparições no estado de vigília não são nem raras nem novas; elas têm se manifestado em todos os tempos, e a História registra em grande número delas. Mas, sem ir tão longe no tempo, nos dias de hoje elas são tão frequentes

e tantas pessoas já as viram que, num primeiro momento, elas foram tomadas pelo que se convencionou chamar de alucinações. Elas são comuns sobretudo nos casos de morte de pessoas ausentes que vêm visitar seus parentes ou amigos. Muitas vezes, as aparições não têm um objetivo bem determinado, mas pode se dizer que, em geral, os Espíritos que assim aparecem são atraídos pela simpatia. Que cada um interrogue bem suas lembranças e veremos que são poucas as pessoas que não tenham conhecimento de alguns fatos desse gênero, cuja autenticidade não se poderia pôr em dúvida.

108. Às considerações precedentes nós acrescentaremos o exame de alguns efeitos de ótica que deram ensejo à singular teoria dos *Espíritos glóbulos*.

O ar nem sempre é de uma limpidez absoluta, e há circunstâncias em que as correntes das moléculas aeriformes e sua agitação produzida pelo calor são perfeitamente visíveis. Algumas pessoas tomaram isto por aglomerações de Espíritos se agitando no espaço; basta citar esta opinião para refutá-la. Mas eis aqui outro gênero de ilusão, não menos bizarra, contra a qual é bom igualmente estarmos precavidos.

O humor aquoso do olho contém pontos quase imperceptíveis que têm perdido sua transparência. Esses pontos são como corpos opacos em suspensão no líquido cujos movimentos eles acompanham. Eles produzem no ar ambiente e à distância, por efeito do aumento e da refração, a aparência de pequenos discos, variando de um a dez milímetros de diâmetros e que parecem nadar na atmosfera. Temos visto pessoas tomando esses discos por Espíritos que as seguiam e as acompanhavam por toda parte, e, no seu entusiasmo, tomar como figuras os matizes da irisação, o que é quase tão racional como ver uma figura na Lua. Uma simples observação, fornecida por essas mesmas pessoas, vai reconduzi-las ao terreno da realidade.

Esses discos, ou medalhões — dizem elas — não só as acompanham, como também lhes seguem em todos os movimentos; vão para a direita, para a esquerda, para cima, para baixo, ou param conforme o movimento da cabeça. Isso não é surpreendente; uma vez que a sede da aparência está no globo ocular, então ela deve acompanhar todos os movimentos do olho. Se fossem Espíritos, seria preciso admitirmos que eles estariam forçados a um

papel mecânico demais para seres inteligentes e livres — papel bem fastidioso, até mesmo para Espíritos inferiores e, portanto, com mais forte razão, incompatível com a ideia que fazemos dos Espíritos superiores. É verdade que alguns confundem Espíritos maus com os pontos escuros ou moscas volantes.³⁴ Esses discos, do mesmo modo que as manchas negras, têm um movimento ondulatório que jamais se desvia da amplitude de um certo ângulo, e o que aumenta a ilusão é que eles não acompanham imediatamente os movimentos da linha visual. A razão disso é bem simples: os pontos opacos do humor aquoso — que é a causa primária do fenômeno — ficam mantidos em suspensão, como dissemos, e têm sempre uma tendência a descer: quando eles sobem, é que foram solicitados pelo movimento do olho, de baixo para cima; mas chegando a uma certa altura, se o olho se fixa, nota-se que os discos descem por si mesmos e depois estacionam. A mobilidade deles é extrema, pois basta um movimento imperceptível do olho para fazê-los mudar de direção e percorrer rapidamente toda a amplitude do arco no espaço onde se produz a imagem. Enquanto não ficar provado que uma imagem possui um movimento próprio, espontâneo e inteligente, ninguém pode enxergar nisso mais do que um simples fenômeno ótico ou fisiológico.

O mesmo acontece com as faíscas que se produzem algumas vezes em um feixe ou em feixes mais ou menos compactos pela contração do músculo do olho, e que provavelmente se devem à eletricidade fosforescente da íris, já que elas geralmente ficam circunscritas à circunferência do disco desse órgão.

Semelhantes ilusões não podem ser senão o resultado de uma observação incompleta. Quem tenha estudado seriamente a natureza dos Espíritos, por todos os meios fornecidos pela ciência prática, então compreenderá tudo o que essas ilusões têm de infantil. Por mais que combatamos as teorias fortuitas com as quais se atacam as manifestações, quando essas teorias se fundamentam na ignorância dos fatos, mais ainda devemos procurar destruir as ideias falsas que demonstram mais entusiasmo do que reflexão, e que, por isso mesmo, fazem mais mal do que bem para os incrédulos — já tão dispostos a procurar o lado ridículo.

³⁴ Mosca volantes, esvoaçantes ou amauróticas (no original, em francês: *mouches amaurotiques*); pontos cegos produzidos pela condensação de partículas do humor vítreo do olho. — N. T.

109. Como se vê, o perispírito é o princípio de todas as manifestações; o conhecimento dele deu a chave de uma série de fenômenos; ele deu um passo imenso para a ciência espírita, colocando-a numa nova senda, tirando-lhe todo o caráter maravilhoso. Pelos próprios Espíritos — pois, notem bem que foram eles que nos colocaram no caminho — tivemos a explicação da ação do Espírito sobre a matéria, do movimento dos corpos inertes, dos ruídos e das aparições. Também no perispírito encontraremos a solução de vários outros fenômenos que nos restam examinar antes de passarmos ao estudo das comunicações propriamente ditas. Nós as entenderemos melhor quanto mais nos dermos conta das causas primárias. Se compreendermos bem esse princípio, facilmente faremos a aplicação dele nos diversos fatos que possam se apresentar ao observador.

110. Estamos longe de considerar a teoria que apresentamos como absoluta e como sendo a última palavra; sem dúvidas ela será completada ou retificada mais tarde através de novos estudos, mas por mais incompleta ou imperfeita que ainda seja hoje, ela sempre pode ajudar a reconhecer a possibilidade dos fatos pelas causas que nada têm de sobrenatural; se for uma hipótese, não se pode contudo lhe negar o mérito da racionalidade e da probabilidade, e ela pelo menos vale por todas as explicações que os negadores dão, para provar que não é tudo ilusão, fantasmagoria e subterfúgios nos fenômenos espíritas.

Teoria da alucinação

111. Aqueles que não admitem o mundo incorpóreo e invisível creem explicar tudo com a palavra **alucinação**. A definição desta palavra é conhecida; é esta: um erro, uma ilusão de uma pessoa que crê ter percepções que realmente não tem (do latim *hallucinari*, errar, que vem de *ad lucem*); mas pelo que sabemos, os sábios ainda não apresentaram a sua razão fisiológica.

Como a ótica e a fisiologia parecem não ter mais segredos para eles, como é que ainda não explicaram a natureza e a origem das imagens que se formam no Espírito em certas circunstâncias?

Querem explicar tudo pelas leis da matéria; que seja! Que eles então ofereçam por essas leis uma teoria sobre a alucinação! Boa ou ruim, pelo menos será uma explicação.

112. A causa dos sonhos nunca foi explicada pela ciência; ela lhes atribui a um efeito da imaginação, mas não diz o que é a imaginação, nem como esta produz essas imagens tão claras e tão nítidas que às vezes nos aparecem. Isso é explicar uma coisa que não é conhecida por outra que é menos conhecida ainda. Então a questão continua. Dizem que é uma recordação das preocupações da véspera; porém, mesmo que se admita esta solução — que não é uma solução — ainda restaria saber qual o espelho mágico que conserva assim a impressão das coisas. Como se explicarão sobretudo essas visões de coisas reais que a pessoa jamais viu enquanto despertada, e nas quais jamais sequer havia pensado? Só o Espiritismo poderia nos dar a chave desse estranho fenômeno, que passa despercebido por causa da sua própria normalidade, como todas as maravilhas da natureza que menosprezamos.

Os estudiosos deixaram de se ocupar com a alucinação; que ela seja ou não real, não deixa de ser um fenômeno que a fisiologia tem que saber explicar, sob pena de admitir sua incapacidade. Se um dia algum sábio se lançar a lhe dar, não uma definição — entendamo-nos bem —, mas uma explicação fisiológica, veremos se a sua teoria resolve todos os casos; que ele não omita principalmente os fatos tão comuns de aparições de pessoas no momento da sua morte; que ele diga donde vem a coincidência da aparição com a morte da pessoa. Se fosse um fato isolado, poderíamos atribuí-lo ao acaso; mas como é muito frequente, o acaso não tem dessas recorrências. Se ao menos aquele que visse a aparição tivesse a imaginação afetada pela ideia de que a pessoa estava para morrer, vá lá; mas aquele que aparece quase sempre é em quem menos ele pensa: logo, a imaginação não tem nada a ver com isso. Ainda menos podemos explicar pela imaginação as circunstâncias da morte, das quais não se tinha nenhuma ideia. Por acaso, os alucinacionistas dirão que a alma (se é que eles admitem uma alma) tem momentos de superexcitação em que suas potencialidades ficam exaltadas? Estamos de acordo; mas quando o que a alma vê é real, então não é uma ilusão. Se, na sua

exaltação, a alma vê algo que não está presente, é porque ela se transporta; porém, se nossa alma pode se transportar para junto de uma pessoa ausente, por que então a alma dessa pessoa não poderia se transportar para junto de nós? Que eles, na sua teoria da alucinação, queiram por bondade levar em conta estes fatos, e não esqueçam que uma teoria à qual se possam opor fatos contrários é necessariamente falsa ou incompleta.

Enquanto aguardamos a explicação deles, vamos tentar emitir algumas ideias a esse respeito.

113. Os fatos provam que há aparições verdadeiras que a teoria espírita explica perfeitamente, e que só podem ser negadas pelos que não admitem nada fora do organismo; todavia, ao lado das visões reais, haveria alucinações no sentido relativo a esta palavra? Quanto a isso não há dúvida. Qual é a fonte disso? São os Espíritos que vão nos esclarecer sobre isso, pois nos parece que a explicação está toda nas respostas dadas às questões seguintes:

— As visões são sempre reais? Elas não seriam algumas vezes um efeito da alucinação? Por exemplo, quando, em sonho ou de outro modo qualquer, se vê o diabo ou outras coisas fantásticas que não existem, isso não seria um produto da imaginação?

“Algumas vezes sim, quando a pessoa está afetada por certas leituras ou por histórias de feitiçaria que impressionam, então ela se recorda dessas coisas e acredita ver o que não existe. Mas nós também temos dito que o Espírito, sob o seu envoltório semimaterial, pode tomar todos os tipos de formas para se manifestar. Portanto, um Espírito zombeteiro pode aparecer com chifres e garras, se isso lhe agrada, para zombar da credulidade, do mesmo modo que um bom Espírito pode se mostrar com asas e uma figura radiosa.”

— Poderíamos considerar como aparições as figuras e outras imagens que muitas vezes se manifestam quando cochilamos ou simplesmente quando fechamos os olhos?

“Desde que os sentidos se entorpecem, o Espírito se desprende e pode ver ao longe ou perto aquilo que ele não poderia ver com os olhos. Muito

frequentemente essas imagens são visões, mas também podem ser um efeito de impressões que a vista de certos objetos tenha deixado no cérebro, que conserva os seus vestígios como conserva os dos sons. Desprendido, o Espírito então vê no seu próprio cérebro aquelas impressões que ali se fixaram, como numa chapa de daguerreótipo.³⁵ A variedade e a mistura das impressões formam os conjuntos estranhos e fugazes que se apagam quase imediatamente, apesar dos esforços que se faça para retê-los. É a uma causa semelhante que devemos atribuir certas aparições fantásticas que nada têm de real e que muitas vezes se produzem em estado de enfermidade.”

É consenso que a memória é resultado das impressões conservadas pelo cérebro; mas, por que singular fenômeno essas impressões tão variadas e tão múltiplas não se confundem? Eis aqui um mistério impenetrável, porém não mais estranho do que o das ondulações sonoras que se cruzam no ar e que não permanecem menos distintas. Num cérebro sadio e bem-organizado, essas impressões são nítidas e precisas; num estado menos favorável, elas se enfraquecem e se confundem; daí a perda da memória ou a confusão das ideias. Isto parece ainda menos extraordinário caso se admita — como se admite na frenologia³⁶ — uma destinação especial para cada parte, e mesmo para cada fibra do cérebro.

As imagens que chegam no cérebro através dos olhos então deixam lá uma impressão, que faz com que a pessoa se lembre de um quadro, como se ela o tivesse diante de si, mas que é sempre uma questão de memória, pois ela não vê o quadro realmente; agora, em um certo estado de emancipação a alma vê o que está no cérebro e reencontrar aquelas imagens, sobretudo as que mais o afetaram, segundo a natureza das preocupações ou as disposições de espírito; é assim que ela reencontra lá a impressão de cenas religiosas, diabólicas, dramáticas, mundanas, figuras de animais esquisitos que ela tenha visto noutra época, em pinturas ou mesmo em narrações, pois também as

³⁵ Relativo ao daguerreótipo, o primeiro processo fotográfico usado largamente e com grande êxito comercial; foi inventado pelo físico e pintor francês Daguerre (1788-1851), consistindo em fixar as imagens obtidas na câmara escura numa folha de prata sobre uma placa de cobre. — N. T.

³⁶ Teoria segundo a qual cada faculdade mental se localiza em uma parte do córtex cerebral e o tamanho de cada parte é diretamente proporcional ao desenvolvimento da faculdade correspondente, sendo este tamanho indicado pela configuração externa do crânio. — N. T.

narrativas deixam impressões. Dessa forma a alma realmente vê, mas só vê uma imagem fotografada no cérebro. No estado normal essas imagens são frágeis e passageiras, porque todas as partes cerebrais funcionam livremente; mas no estado de doença o cérebro sempre está mais ou menos enfraquecido, não existe equilíbrio entre todos os órgãos, alguns deles conservando somente a sua atividade, enquanto outros ficam de certa forma paralisados; daí a permanência de determinadas imagens que, como no estado normal, não são mais apagadas pelas preocupações da vida exterior. Essa é a verdadeira alucinação e a causa primária das ideias fixas.

Como se vê, nós explicamos esta anomalia por uma lei inteiramente fisiológica muito bem conhecida: a das impressões cerebrais; mas sempre tivemos que envolver a alma. Ora, se os materialistas ainda não puderam apresentar uma solução satisfatória deste fenômeno, é porque eles não querem admitir a alma; por isso, dirão que a nossa explicação é ruim, porque postulamos em princípio aquilo que é contestado. Contestado por quem? Por eles, mas admitido pela imensa maioria desde que existem homens na Terra, e a negação de alguns não pode representar a lei.

Nossa explicação é boa? Damo-la pelo que possa valer na falta de outra, e se a quiserem, a título de simples hipótese, na espera de outra melhor. Do jeito que está, ela dá conta de todos os casos de visão? Certamente que não, mas convocamos todos os fisiologistas ao desafio de apresentar uma única, do seu ponto de vista exclusivo, que resolva todos os casos, pois quando eles pronunciam suas palavras sacramentais de superexcitação e exaltação, eles não disseram nada. Portanto, se todas as teorias de alucinação forem insuficientes para explicar todos os fatos, é que há outra coisa além da alucinação propriamente dita. Nossa teoria seria falsa se a aplicássemos a todos os casos de visão, porque há alguns que a contradizem; ela pode ser justa se for restringida a alguns efeitos.

CAPÍTULO VII

BICORPOREIDADE E TRANSFIGURAÇÃO

**Aparições de Espíritos de pessoas vivas – Homens duplos
– Santo Afonso de Ligório e santo Antônio de Pádua –
Vespasiano – Transfiguração – Invisibilidade**

114. Estes dois fenômenos são variedades daquele das manifestações visuais e, por mais maravilhosos que eles pareçam à primeira vista, pela explicação que deles se pode dar, nós reconheceremos facilmente que eles não saem da ordem dos fenômenos naturais. Ambos se fundamentam sobre esse princípio, que tudo o que foi dito das propriedades do perispírito após a morte se aplica ao perispírito dos vivos. Sabemos que durante o sono o Espírito readquire parcialmente a sua liberdade, isto é, isola-se do corpo, e é nesse estado que em muitas ocasiões temos a oportunidade de observá-lo. Mas o Espírito — que o homem esteja morto ou vivo — sempre traz o envoltório semimaterial, que, pelas mesmas causas que já descrevemos, pode adquirir a visibilidade e a tangibilidade. Fatos muito evidentes não podem deixar nenhuma dúvida a esse respeito; não citaremos mais do que alguns exemplos que são do nosso conhecimento pessoal e cuja exatidão podemos garantir, cada um podendo colher outros casos similares ao consultar suas próprias memórias.

115. A esposa de um de nossos amigos viu durante a noite — que houvesse luz ou não — repetidas vezes entrar no seu quarto uma vendedora de frutas da vizinhança, que ela conhecia de vista, mas com quem ela jamais havia

falado. Essa aparição lhe causou um pavor muito maior porque naquela época essa senhora ainda não tinha nenhum conhecimento do Espiritismo, e porque esse fenômeno repetiu-se com muita frequência. Ora, a comerciante estava perfeitamente viva, e provavelmente estava dormindo naquela hora; enquanto seu corpo material estava em sua casa, seu Espírito e seu corpo fluídico estavam na casa daquela senhora. Por qual motivo? Isso é o que não sabemos. Em casos parecidos com este, um espírita iniciado nesse tipo de coisas teria perguntado a ela; mas ela não tinha nenhuma ideia disso. Toda vez a aparição sumia sem que ela soubesse como, e toda vez também, após a desapareção, ela ia se certificar de que todas as portas estavam perfeitamente fechadas e que ninguém poderia ter entrado no seu quarto. Essa precaução lhe provou que ela estava bem acordada e que não tinha sido joguete de um sonho. De outras vezes, ela viu da mesma maneira um homem que lhe era desconhecido, mas um dia ela viu seu próprio irmão, que então estava na Califórnia; tanto ele tinha a aparência de uma pessoa real que no primeiro momento ela acreditou que ele tivesse retornado e quis lhe dirigir a palavra; mas ele se foi sem lhe dar tempo. Uma carta recebida posteriormente lhe provou que seu irmão não estava morto. Essa senhora era o que se pode chamar um médium vidente natural, mas naquela época, como já dissemos, ela nunca tinha ouvido falar em médiuns.

116. Outra senhora que habita a província, estando gravemente enferma, certa noite, por volta das dez horas, viu um senhor idoso, habitante da mesma cidade, e que ela tinha visto algumas vezes na sociedade, porém sem qualquer relação próxima. Esse senhor estava sentado numa poltrona, perto da cama, e de vez em quando inalava uma pitada de rapé; parecia vigiá-la. Surpresa com a tal visita àquela hora, ela quis lhe perguntar o motivo, mas o senhor fez um sinal para ela não falar e ir dormir; por várias vezes ela quis lhe dirigir a palavra, e toda vez era a mesma recomendação. Ela acabou adormecendo. Alguns dias depois, estando restabelecida, ela recebeu a visita daquele mesmo senhor, mas numa hora mais conveniente, e dessa vez era realmente ele; estava com a mesma roupa, a mesma tabaqueira e exatamente os mesmos gestos. Convencida de que ele a tinha visitado durante sua enfermidade, ela

lhe agradeceu pelo esforço que ele fizera. O homem, bastante surpreso, disse que há muito tempo não tinha a satisfação de vê-la. A senhora — que conhecia os fenômenos espíritas — compreendeu o que se passava; mas, não querendo se explicar com ele, contentou-se a dizer que provavelmente havia sonhado.

Isso é o mais provável — dirão os incrédulos, os espíritos fortes, o que para eles é sinônimo de gente de espírito; mas o certo é que essa senhora não estava totalmente adormecida, não mais do que a anterior. — Então foi porque ela estava sonhando acordada; noutras palavras, ela havia tido uma alucinação. — Aqui está a grande solução, a explicação universal de tudo o que se não compreende. Como nós já rebatemos suficientemente essa objeção, prosseguiremos nos dirigindo àqueles que conseguem nos entender.

117. Eis, entretanto, outro fato ainda mais característico, e nós teríamos curiosidade de ver como se poderia explicá-lo só pelo jogo da imaginação:

Um determinado senhor habitante da província jamais quis se casar, apesar da insistência de família. Insistia-se principalmente em favor de uma pessoa residente numa cidade próxima, mas que ele nunca havia visto. Um dia, estando no seu quarto, ele ficou todo espantado ao se ver na presença de uma jovem donzela, vestida de branco e com a cabeça ornada com uma coroa de flores. Ela lhe disse que era sua noiva, estendeu-lhe a mão, que ele tomou com a sua, na qual ele viu um anel. Ao final de alguns instantes tudo desapareceu. Surpreso com aquela aparição, e se assegurando que estava bem acordado, ele perguntou se alguém tinha aparecido durante o dia; mas lhe disseram que não tinham visto ninguém. Um ano depois, cedendo a novos apelos de uma parenta, ele decidiu ir ver aquela moça que estavam lhe indicando. Chegou lá no dia de Corpus Christi; todos voltavam da procissão e uma das primeiras pessoas que surgiram diante dos seus olhos ao entrar na casa foi uma jovem donzela que ele reconheceu como sendo aquela que lhe havia aparecido; ela estava vestida do mesmo jeito, pois o dia da aparição também era numa festa de Corpus Christi. Ele ficou paralisado, e a moça, por sua vez, soltou um grito de surpresa e passou mal. Voltando a si, ela disse já ter visto aquele senhor na mesma data um ano antes. O casamento foi concretizado. Isso foi em 1835; nessa época ainda se falava em Espíritos, além

disso ele e ela são pessoas de um positivismo³⁷ extremo e de uma imaginação menos exaltada que haja no mundo.

Alguém pode dizer que ambos tinham o espírito impressionado pela ideia da união proposta e que essa preocupação causou uma alucinação; mas é preciso não esquecer que o marido estava tão indiferente a isso que deixou passar um ano sem ir ver a sua pretendida. Mesmo admitindo esta hipótese, ainda restaria explicar a aparição dupla, a coincidência do traje com o dia de Corpus Christi e, enfim, o reconhecimento físico entre pessoas que nunca tinham se visto — circunstâncias que não podem ser produto da imaginação.

118. Antes de irmos mais adiante, devemos responder imediatamente a uma questão que não deixará de ser feita, que é a de saber como o corpo pode viver enquanto o Espírito está ausente. Poderíamos dizer que o corpo vive da vida orgânica, que é independente da presença do Espírito, e a prova é que as plantas vivem e não têm Espírito; mas devemos acrescentar que durante a vida o Espírito nunca fica completamente separado do corpo. Do mesmo modo que alguns médiuns videntes, os Espíritos reconhecem o Espírito de uma pessoa viva por um rastro luminoso que conduz ao seu corpo — um fenômeno que não nunca ocorre quando o corpo está morto, porque então a separação está completa. É por essa comunicação que, a qualquer distância que esteja, o Espírito é avisado instantaneamente da necessidade que o corpo possa ter da sua presença, e então ele retorna ao corpo com a rapidez do relâmpago. Disso resulta que o corpo jamais pode morrer durante a ausência do Espírito e que nunca pode acontecer que este, em seu retorno, encontre a porta fechada, assim como dizem alguns romancistas nas histórias escritas para entreter. (*Livro dos Espíritos*, questão 400 e seguintes).

119. Voltemos ao nosso assunto. Isolado do corpo, o Espírito de uma pessoa viva pode aparecer com o corpo de uma pessoa morta e ter todas as aparências da realidade; além do mais, pelas mesmas causas que temos exposto, o Espírito pode adquirir uma tangibilidade momentânea. Foi este fenômeno, designado pelo nome de *bicorporeidade*, que deu ensejo às

³⁷ Positivismo: ideia que propõe que tudo seja explicado a partir da experiência prática (concreta) humana e conforme as regras das ciências, excluindo qualquer alternativa espiritual e teológica. — N. T.

histórias de homens duplos, isto é, de indivíduos cuja presença simultânea foi constatada em dois lugares diferentes. Aqui vão dois exemplos tirados, não das lendas populares, mas da história eclesiástica.

Santo Afonso de Ligório foi canonizado antes do tempo previsto por se mostrar simultaneamente em dois lugares — o que passou por milagre.

Santo Antônio de Pádua estava na Espanha, e enquanto ali pregava, seu pai, que estava em Pádua, foi ao suplício acusado de um assassinato. Nesse momento, Santo Antônio aparece, demonstra a inocência do seu pai aponta o verdadeiro criminoso, que, mais tarde, sofreu o castigo. Foi comprovado que naquele momento santo Antônio não havia deixado a Espanha.

Evocado e interrogado por nós a respeito do fato mencionado, eis as respostas que santo Afonso deu:

1) Poderia nos dar a explicação desse fenômeno?

“Sim; quando o homem está completamente desmaterializado, por suas virtudes, tendo elevado sua alma a Deus, ele pode aparecer em dois lugares ao mesmo tempo. Eis como: o Espírito encarnado, ao sentir o sono chegar, então pode pedir a Deus para se transportar a um lugar qualquer. Seu Espírito — ou, sua alma, como quiserem chamar — abandona o corpo, acompanhado de uma *parte* do seu perispírito, e deixa a matéria imunda num estado próximo do da morte. Digo *próximo* do da morte, porque ficou no corpo um liame que liga o perispírito e a alma à matéria, liame este que não pode ser definido. O corpo então aparece no lugar desejado. Creio que isso seja tudo o que querem saber.”

2) Isso não nos dá a explicação da visibilidade e da tangibilidade do perispírito...

“Estando desprendido da matéria, conforme o seu grau de sua elevação, o Espírito pode se tornar tangível à matéria.”

3) O sono do corpo é indispensável para que o Espírito apareça em outros lugares?

“A alma pode se dividir quando se sinta atraída para um lugar diferente daquele onde seu corpo se encontra. Pode acontecer que o corpo não esteja adormecido, conquanto isto seja muito raro; mesmo assim o corpo nunca fica

num estado perfeitamente normal, pois ele sempre está num estado mais ou menos extático.”

Nota – A alma não se divide, no sentido literal do termo: ela se irradia para diversos lados e pode assim se manifestar em muitos pontos sem ser fragmentada; ocorre o mesmo com a luz, que pode refletir-se simultaneamente em vários espelhos.

4) Estando um homem mergulhado no sono enquanto seu Espírito aparece noutra parte, o que aconteceria se ele fosse despertado subitamente?

“Isso não aconteceria, porque se alguém tivesse a intenção de despertá-lo, o Espírito retornaria ao corpo e preveria a intenção, já que o Espírito lê os pensamentos.”

Uma explicação inteiramente idêntica nos foi dada várias vezes por Espíritos de pessoas mortas ou vivas. Santo Afonso explica o fato da presença dupla, mas não deu a teoria da visibilidade e da tangibilidade.

120. Tácito³⁸ conta um caso semelhante:

Durante os meses que o imperador Vespasiano passou em Alexandria, aguardando o retorno periódico dos ventos do verão e a estação em que o mar se torna seguro, vários prodígios ocorreram, pelos quais se manifestaram a proteção do céu e o interesse que os deuses pareciam ter por aquele príncipe...

Esses prodígios redobraram em Vespasiano o desejo de visitar a sagrada morada do deus, para consultá-lo acerca do império. Então ele ordenou que o templo fosse fechado a todo mundo; tendo entrado nele e todo atento ao que o oráculo iria pronunciar, ele percebeu atrás de si um dos principais Egípcios, chamado Basíledes, que ele sabia ter ficado doente há vários dias distante de Alexandria. Ele perguntou aos sacerdotes se Basíledes viera naquele dia ao templo; perguntou aos transeuntes se o tinham visto na cidade; enfim, enviou alguns homens a cavalo, e se certificou de que naquele momento ele estava a oitenta milhas de distância. Então não duvidou mais de que a visão fosse sobrenatural e o nome de Basíledes ficou sendo para ele um oráculo. (TÁCITO. *Histórias*, livro IV, caps. LXXXI e LXXXII. *Tradução de Burnouf*).

³⁸ Tácito (55 - 120): famoso político, orador e historiador romano — N. T.

121. Portanto, o indivíduo que se mostra simultaneamente em dois lugares diferentes tem dois corpos; mas, desses dois corpos, só um é real, e o outro é apenas uma aparência. Podemos dizer que o primeiro tem a vida orgânica e que o segundo tem a vida da alma; ao despertar, os dois corpos se reúnem e a vida da alma volta ao corpo material. Não parece possível — pelo menos não conhecemos nenhum exemplo disso, e a razão parece assim demonstrar — que no estado de separação os dois corpos possam, simultaneamente e no mesmo nível, desfrutar da vida ativa e inteligente. Aliás, ressalta do que acabamos de dizer que o corpo real não poderia morrer enquanto o corpo aparente estivesse visível: a aproximação da morte sempre chama o Espírito para o corpo, nem que seja por um instante. Daí resulta igualmente que o corpo aparente não poderia ser morto, porque não é orgânico e nem formado de carne e osso; ele desapareceria, no momento em que quisessem matá-lo.³⁹

122. Passemos ao segundo fenômeno, o da *transfiguração*. Ele consiste na mudança do aspecto de um corpo vivo. A esse respeito, aqui está um fato do qual nós podemos garantir a perfeita autenticidade, e que se passou nos anos 1858 e 1859 nos arredores de Saint-Etienne. Uma mocinha de uns quinze anos de idade gozava da singular faculdade de se transfigurar, quer dizer, de algumas vezes tomar todas as aparências de certas pessoas mortas; a ilusão era tão completa que se acreditava ter a pessoa diante de si, tal era a semelhança dos traços do rosto, do olhar, do som da voz e até o jeito de falar. Esse fenômeno se repetiu centenas de vezes sem que a vontade da jovem tivesse nada a ver com isso. Várias vezes ela tomou a aparência de seu irmão, morto alguns anos antes; ela não apenas tinha o semblante dele, mas também a estatura e o volume do corpo. Um médico do lugar muitas vezes testemunhou esses efeitos estranhos, e querendo se certificar de que não estava sendo vítima de uma ilusão, fez a experiência seguinte. Tomamos os fatos narrados por ele mesmo, pelo pai da moça e por diversas outras

³⁹ Veja a *Revista Espírita*, janeiro de 1859: *O Duende de Baiona*; fevereiro de 1859: *Os agêneres: meu amigo Hermann*; maio de 1859: *O laço entre o Espírito e o corpo*; novembro de 1859: *A alma errante*; janeiro de 1860: *O Espírito de um lado e o corpo do outro*; março de 1860: *Estudos sobre o Espírito de pessoas vivas: o doutor V. e a senhorita I.*; abril de 1860: *O Fabricante de São Petersburgo: aparições tangíveis*; novembro de 1860: *História de Marie d'Agreda*; julho de 1861: *Uma aparição providencial*.

testemunhas oculares muito honradas e dignas de crédito. Veio a esse médico a ideia de pesar a mocinha no seu estado normal e depois no seu estado de transfiguração, quando ela apresentava a aparência do irmão, que tinha vinte e tantos anos, e era muito mais alto do que ela. Pois bem! Constatou-se que nesse segundo estado o peso era quase o dobro. A experiência foi conclusiva, e era impossível atribuir aquela aparência a uma simples ilusão de ótica. Tentemos explicar esse fato — que noutra tempo seria chamado milagre, e que nós chamamos tão somente de fenômeno.

123. A transfiguração, em certos casos, pode ter como causa uma simples contração muscular, capaz de dar à fisionomia uma expressão toda diferente, ao ponto de tornar a pessoa quase irreconhecível. Temos observado isso frequentemente em alguns sonâmbulos, mas nesse caso a transformação não é radical; uma mulher poderá parecer jovem ou idosa, bela ou feia, mas será sempre uma mulher e, sobretudo, seu peso não aumentará nem diminuirá. No caso em questão, é evidente que há alguma coisa a mais; a teoria do perispírito vai nos colocar no caminho certo.

Admite-se, em princípio, que o Espírito pode dar ao seu perispírito todas as aparências; que por uma modificação na disposição molecular ele pode lhe dar a visibilidade, a tangibilidade e conseqüentemente a **opacidade**; que o perispírito de uma pessoa viva, isolado do corpo, pode ser submetido às mesmas transformações; que essa alteração de estado se dá pela combinação dos fluidos. Imaginemos agora o perispírito de uma pessoa viva, não isolado, mas se irradiando em volta do corpo, de maneira a envolvê-lo com uma espécie de vapor; nessa situação, ele pode sofrer as mesmas modificações que sofreria se estivesse separado do corpo; se ele perde sua transparência, o corpo pode desaparecer, tornar-se invisível e ficar oculto, como se estivesse mergulhado numa bruma. O perispírito poderá até mudar de aspecto, fazer-se brilhante, se essa for a vontade do Espírito, e se o Espírito tiver esse poder. Outro Espírito, combinando seus fluidos com os do primeiro, poderá aí substituir sua própria aparência, de tal modo que o corpo verdadeiro desapareça sob um envoltório fluídico exterior, cuja aparência pode variar conforme a vontade do Espírito. Esta parece ser a verdadeira causa daquele

estranho e raro fenômeno — que devemos dizer, da transfiguração. Quanto à diferença de peso, ela se explica da mesma maneira que dos corpos inertes. O peso intrínseco do corpo não variou, porque a quantidade de matéria não aumentou; ele sofreu a influência de um agente exterior, que pode aumentar ou diminuir o seu peso relativo, conforme já explicamos no item 78 e seguintes. Portanto, é provável que se a transformação tivesse ocorrido sob o aspecto de uma criança pequena, o peso diminuísse proporcionalmente.

124. Compreende-se que o corpo possa tomar outra aparência de dimensão maior ou igual, mas como poderia tomar uma dimensão menor — como a de uma criancinha — como acabamos de dizer? Neste caso, o corpo real não deveria ultrapassar os limites do corpo aparente? Também nós não dizemos que o fato seja produzido; apenas quisemos mostrar, reportando-nos à teoria do peso específico, que o peso aparente pudesse diminuir. Quanto ao fenômeno em si, não afirmamos nem a sua possibilidade nem a sua impossibilidade; mas na hipótese que ele tenha ocorrido, do que não poderíamos oferecer uma solução satisfatória, isso não anularia a coisa; não devemos esquecer que estamos nos primórdios da ciência e que ela está longe de ter dito sua última palavra sobre esse ponto, como sobre muitos outros. E mais, as partes excedentes poderiam perfeitamente ser tornadas invisíveis.

A teoria do fenômeno da invisibilidade ressalta muito naturalmente das explicações precedentes e das que foram fornecidas a respeito do fenômeno dos transportes, nos itens 96 e seguintes.

125. Resta-nos falar do estranho fenômeno dos *agêneres* que, por muito extraordinário que pareça à primeira vista, não é mais sobrenatural do que os outros. Mas como o explicamos na *Revista Espírita* (fevereiro de 1859), julgamos inútil reproduzir aqui seus detalhes; diremos apenas que é uma variedade da aparição tangível; é o estado de certos Espíritos que podem revestir momentaneamente as formas de uma pessoa viva, ao ponto de causar completamente uma ilusão. (Do grego *a* privativo, e *gèine, gèinomai*, gerar: o que não foi gerado).

CAPÍTULO VIII**LABORATÓRIO DO
MUNDO INVISÍVEL****Vestuário dos Espíritos – Formação espontânea de objetos tangíveis
– Modificação das propriedades da matéria –
Ação magnética curadora**

126. Temos dito que os Espíritos se apresentam vestidos de túnicas, de lençóis ou até mesmo com roupas comuns. Os lençóis parecem ser um traje habitual no mundo dos Espíritos; mas, pergunta-se, onde eles vão buscar roupas semelhantes em tudo às que vestiam quando vivos, com todos os acessórios do vestuário. Muito certamente que não levaram consigo esses objetos, pois os objetos reais ainda estão aqui sob os nossos olhos. Então, de onde vêm os que eles usam no outro mundo? Essa questão sempre foi intrigante, e para muita gente isso era uma simples questão de curiosidade; porém, ela confirmava uma questão de princípio de grande importância, pois sua solução nos colocou no caminho de uma lei geral que também encontra aplicação no nosso mundo corporal. Inúmeros fatos vieram complicar e demonstrar a insuficiência das suas teorias com que tentaram explicá-la.

Até certo ponto, poderíamos compreender o traje, porque podemos considerá-lo como de algum modo fazendo parte do indivíduo; mas não é o mesmo caso dos objetos acessórios, como por exemplo a caixa de rapé do visitante da senhora doente, de quem falamos no item 116.⁴⁰ Notemos, a

⁴⁰ No original, consta o número 117, porém o item respectivo é de fato este que apontamos: 116. — N. T.

respeito disso, que não se tratava de um morto, mas de um vivo, e que aquele senhor, quando voltou em pessoa, tinha uma caixa de rapé semelhante em tudo. Portanto, onde seu Espírito havia encontrado a que ele tinha consigo quando estava sentado ao pé da cama da enferma? Poderíamos citar vários casos em que Espíritos — de mortos ou de vivos — apareceram com diversos objetos, tais como bengalas, armas, cachimbos, lanternas, livros, etc.

Então nos veio uma ideia, que os corpos inertes poderiam ter seus correspondentes etéreos no mundo invisível; que a matéria condensada que forma os objetos poderia ter uma parte quintessenciada oculta aos sentidos. Esta teoria não era desprovida de verossimilhança, mas era impotente para explicar todos os fatos. Havia um caso em particular que parecia desafiar todas as interpretações. Até então, não se tratava senão de imagens ou aparências; vimos claramente que o perispírito pode adquirir as propriedades da matéria e se tornar tangível, mas essa tangibilidade é apenas momentânea e o corpo sólido se desvanece como uma sombra. Isso já é um fenômeno muito extraordinário, mas outro que é ainda mais extraordinário é o de ver se produzir a matéria sólida persistente, assim comprovado por numerosos fatos autênticos, e principalmente o da escrita direta, de que falaremos em detalhes num capítulo especial. Todavia, como este fenômeno se liga intimamente ao assunto de que agora tratamos, e que ele constitui uma de suas aplicações mais concretas, anteciparemos a ordem em que deveria vir.

127. A escrita direta, ou *pneumatografia*, é aquela que se produz espontaneamente, sem a ajuda nem da mão do médium nem do lápis. Basta pegar uma folha de papel em branco — o que se pode fazer com todas as precauções necessárias para se certificar de não ser enganado por nenhuma fraude —, dobrá-la e depositá-la em algum lugar, numa gaveta ou simplesmente sobre um móvel, e se tudo estiver nas devidas condições, ao fim de um período mais ou menos longo se encontrarão traçados no papel letras, sinais diversos, palavras, frases e até dissertações, muitas vezes com uma substância acinzentada igual a grafite, e doutras vezes com lápis vermelho, tinta comum e até tinta de imprimir. Eis o fato em toda a sua simplicidade e cuja reprodução, se bem pouco comum, também não é muito rara, pois há

quem a obtenha com bastante facilidade. Se colocássemos um lápis junto do papel, poderíamos crer que o Espírito o usaria para escrever; porém, a partir do momento em que o papel esteja inteiramente só, é evidente que a escrita seja formada por um material depositado; de onde o Espírito tirou esse material? Esta é a questão para cuja solução nós fomos levados pela caixa de rapé a que há pouco nos referíamos.

128. Foi o Espírito de São Luís quem nos deu essa solução, pelas respostas seguintes:

1) Citamos um caso de aparição do Espírito de uma pessoa viva. Esse Espírito tinha uma tabaqueira e tomava pitadas. Ele realmente experimentava a sensação que uma pessoa experimenta cheirando rapé?

“Não.”

2) Aquela caixa de rapé tinha a forma da que ele habitualmente usava e que estava na casa dele. Que tabaqueira era aquela nas mãos desse homem?

“Uma aparência; era para que a circunstância fosse notada, como foi, e que a aparição não fosse tomada como uma alucinação produzida pelo estado de saúde da vidente. O Espírito queria que essa senhora acreditasse na realidade da sua presença, e tomou todas as aparências da realidade.”

3) Disse que era uma aparência, mas uma aparência nada tem de real, é como uma ilusão de ótica; desejáramos saber se essa tabaqueira era apenas uma imagem sem realidade, ou se havia nela alguma coisa de material?

“Certamente; é com o apoio desse princípio material que o perispírito toma a aparência de trajes iguais aos que o Espírito usava quando vivo.”

Nota – É evidente que precisamos entender aqui a palavra aparência no sentido de aspecto, imitação. A tabaqueira real não estava lá; a que o Espírito tinha era apenas a representação daquela: era, portanto, uma aparência comparada à original, embora formada de um princípio material.

A experiência nos ensina que nem sempre devemos tomar ao pé da letra certas expressões empregadas pelos Espíritos; interpretando-as de acordo com as nossas ideias, nós nos expomos a grandes equívocos; por isso é necessário aprofundar o sentido de suas palavras todas as vezes que se apresente a menor ambiguidade. É esta uma recomendação que os próprios Espíritos constantemente nos fazem. Sem a

explicação que provocamos, o vocábulo *aparência* — constantemente reproduzido nos casos semelhantes — poderia ocasionar uma interpretação falsa.

4) Seria isso um desdobramento da matéria inerte? Haveria no mundo invisível uma matéria essencial que revestiria a forma dos objetos que vemos? Resumindo, esses objetos teriam o seu *duplo etéreo* no mundo invisível, como os homens ali são representados pelos Espíritos?

“Não é assim que acontece; o Espírito tem um poder sobre os elementos materiais dispersos por toda a parte no espaço na atmosfera de vocês, poder esse que vocês estão longe de suspeitar. Ele pode — conforme a própria vontade — concentrar esses elementos e lhes dar a forma aparente apropriada aos seus propósitos.”

Nota – Como podemos ver, essa questão era a tradução do nosso pensamento, isto é, da ideia que tínhamos formado sobre a natureza desses objetos. Se as respostas, como alguns pretendem, fossem o reflexo do pensamento, nós teríamos obtido a confirmação da nossa teoria, em vez de uma teoria contrária.

5) Eu coloco novamente a questão, de uma maneira categórica, a fim de evitar qualquer equívoco:

As roupas com as quais os Espíritos se cobrem constituem alguma coisa?

“Parece-me que a minha resposta precedente resolve a questão. Vocês não sabem que o próprio perispírito é alguma coisa?”

6) Resulta desta explicação que os Espíritos submetem a matéria etérea às transformações segundo a vontade deles, e que assim, por exemplo com a tabaqueira, o Espírito não a encontrou pronta, mas que ele mesmo a fez para o momento em que ele precisou dela, por um ato de sua vontade; e que ele pôde desfazê-la. Deve ser da mesma maneira com todos os outros objetos, como roupas, joias etc...

“Evidentemente que sim.”

7) Essa tabaqueira era tão visível a essa senhora, a ponto de lhe produzir uma ilusão. O Espírito conseguiria tornar aquele objeto tangível para ela?

“Conseguiria.”

8) Se fosse o caso, essa senhora poderia pegar esse objeto nas mãos,

crendo ter uma caixa de rapé verdadeira?

“Sim.”

9) Se ela a abrisse, provavelmente teria encontrado fumo ali; então se ela tivesse cheirado esse rapé, ele a faria espirrar?

“Sim.”

10) Então o Espírito pode dar não só a forma, mas também as propriedades especiais do objeto?

“Se ele quiser, pode; é em virtude neste princípio que eu respondi afirmativamente às perguntas anteriores. Vocês terão provas da poderosa ação que os Espíritos exercem sobre a matéria, e que vocês estão longe de suspeitar, como eu já disse.”

11) Suponhamos então que ele quisesse fazer uma substância venenosa e que uma pessoa a tomasse; ela seria envenenada?

“Ele poderia, mas não o faria; isso não lhe seria permitido.”

12) Ele teria o poder de fazer uma substância saudável e apropriada a curar em caso de enfermidade? Já aconteceu um caso assim?

“Sim, muitas vezes.”

13) Então ele também poderia fazer uma substância alimentar; vamos supor que tenha feito uma fruta, uma comida qualquer: alguém poderia comer essa iguaria e ficar saciado?

“Ficaria, sim; mas não procure tanto para encontrar o que é tão fácil de compreender. Basta um raio de sol para tornar perceptíveis aos seus órgãos grosseiros essas partículas materiais que enchem o espaço no meio do qual vocês vivem; não sabem que o ar contém vapores d’água? Condensem essas partículas e os farão voltar ao estado normal; privem-nas de calor e eis que essas moléculas impalpáveis e invisíveis se tornarão um corpo sólido, e bem sólido, e com isso muitas outras substâncias de que os químicos tirarão maravilhas ainda mais espantosas. Só que o Espírito possui instrumentos mais perfeitos do que os vossos: a vontade e a permissão de Deus.”

Nota – A questão da saciedade é aqui muito importante. Como pode ser que uma substância cuja existência e propriedades sejam apenas temporárias, por algum tipo

de convenção, consiga produzir a saciedade? Essa substância, pelo seu contato com o estômago, produz *a sensação* de saciedade, mas não a saciedade resultante da plenitude. Desde que tal substância possa agir sobre o organismo e modificar um estado mórbido, também pode perfeitamente agir sobre o estômago e produzir ali a sensação de saciedade. Rogamos aos senhores farmacêuticos e donos de restaurantes que não fiquem enciumados, nem creiam que os Espíritos venham lhes fazer concorrência: esses casos são raros, excepcionais, e não dependem jamais da vontade; doutro modo, todo mundo se alimentaria e se curaria por um preço baixo demais.

14) Os objetos, tornados tangíveis pela vontade do Espírito, poderiam ter um caráter de permanência e estabilidade, e se tornar usuais?

“Seria possível, *mas não se faz isso*; está fora das leis.”

15) Todos os Espíritos têm o mesmo grau de poder para produzir objetos tangíveis?

“É certo que quanto mais o Espírito for elevado, mais facilmente ele obtém o fenômeno; porém, isso depende também das circunstâncias: os Espíritos inferiores podem dispor desse poder.”

16) O Espírito sempre se dá conta da maneira pela qual produz suas roupas e objetos que ele torna visível?

“Não; muitas vezes ele contribui para a formação delas por um ato instintivo que ele próprio não compreende, se não for bastante esclarecido para isso.”

17) Já que o Espírito pode extrair do elemento universal os materiais para fazer todas essas coisas e dar a essas coisas uma realidade temporária com suas propriedades, ele também pode muito bem tirar dali o que é necessário para escrever, e por conseguinte isso parece nos dar a explicação do fenômeno da escrita direta, não é?

“Até que enfim vocês chegaram ao ponto.”

Nota – Com efeito, era aí que queríamos chegar com todas as nossas questões preliminares; a resposta prova que o Espírito havia lido nosso pensamento.

18) Se a matéria de que o Espírito se serve não tem persistência, como é que os traços da escrita direta não desaparecem?

“Não tirem conclusões das palavras. Primeiramente, eu não disse: nunca;

lá se tratava de um objeto material volumoso e aqui se trata de sinais traçados que é útil conservar, e então eles são conservados. O que eu quis dizer foi que os objetos assim compostos pelos Espíritos não poderiam se tornar objetos usuais, pois na realidade não havia neles uma agregação material como nos vossos corpos sólidos.”

129. A teoria aqui oferecida pode ser resumida assim: o Espírito atua sobre a matéria; ele tira da matéria cósmica universal os elementos necessários para formar, como bem queiram, objetos com a aparência dos diversos corpos existentes na Terra. Ele também pode, por sua vontade, operar na matéria elementar uma transformação íntima que lhe dá determinadas propriedades. Esta capacidade é inerente à natureza do Espírito, que muitas vezes a exerce como um ato instintivo quando se faz necessário, e sem se dar conta disso. Os objetos formados pelo Espírito têm uma existência temporária, subordinada à vontade ou à necessidade do Espírito, que pode fazê-los e desfazê-los à vontade. Em certos casos, esses objetos podem ter aos olhos de pessoas vivas todas as aparências da realidade, ou seja, tornar-se momentaneamente visíveis e até mesmo tangíveis. Há formação, mas não criação, já que o Espírito não pode tirar nada do nada.

130. A existência de uma matéria elementar única é quase geralmente admitida hoje em dia pela ciência, e confirmada pelos Espíritos — como nós vimos. Essa matéria gera todos os corpos da natureza; pelas transformações que recebe, ela também produz as diversas propriedades desses mesmos corpos; é assim que uma substância saudável pode se tornar venenosa por uma simples modificação; a química nos oferece numerosos exemplos disso. Todo mundo sabe que duas substâncias inocentes misturadas em determinadas proporções podem gerar uma que seja deletéria. Um átomo de oxigênio e dois de hidrogênio — ambos inofensivos — formam a água; acrescente um átomo de oxigênio e você terá um líquido corrosivo. Sem mudar as proporções, basta às vezes uma simples alteração no modo da agregação molecular para mudar as propriedades; assim é que um corpo opaco pode se tornar transparente e *vice-versa*. Já que o Espírito tem, apenas

através da sua vontade, uma ação tão poderosa sobre a matéria elementar, concebe-se que ele possa não somente formar substâncias, mas também desnaturar as propriedades — a vontade fazendo aqui o efeito de um reativo.

131. Esta teoria nos dá a solução de um fato bem conhecido em magnetismo, mas inexplicado até hoje: o da mudança das propriedades da água através da vontade. O Espírito atuante é o do magnetizador, quase sempre ajudado por outro Espírito; ele opera uma transmutação por meio do fluido magnético que, como dissemos, é a substância que mais se aproxima da matéria cósmica, ou elemento universal. Se ele pode operar uma modificação nas propriedades da água, também pode produzir um fenômeno igual nos fluidos do organismo, e daí o efeito curativo da ação magnética, convenientemente dirigida.

Todos conhecem o papel capital que a vontade desempenha em todos os fenômenos do magnetismo; porém, como explicar a ação material de um agente tão sutil? A vontade não é um ser, uma substância qualquer; não é sequer uma propriedade da matéria mais etérea; a vontade é o atributo essencial do Espírito, isto é, do ser pensante. Através dessa alavanca, ele age sobre a matéria elementar e, por uma ação consecutiva, reage sobre seus componentes, cujas propriedades íntimas podem assim ser transformadas.

A vontade é o atributo do Espírito encarnado bem como do Espírito errante; daí o poder do magnetizador, e nós sabemos que esse poder é proporcional à força de vontade. Podendo o Espírito encarnado agir sobre a matéria elementar, pode igualmente variar as propriedades dela, dentro de certos limites; é assim que se explica a faculdade de curar pelo contato e pela imposição das mãos, capacidade que algumas pessoas possuem em grau mais ou menos elevado. (Veja, no capítulo dos *médiuns*, o artigo referente aos *médiuns curadores*. Veja também a **Revista espírita** de julho de 1859: *O zuavo de Magenta; Um oficial do exército da Itália.*)

CAPÍTULO IX

LUGARES ASSOMBRADOS

132. As manifestações espontâneas produzidas em todos os tempos e a persistência de alguns Espíritos em dar mostras ostensivas de sua presença em certas localidades constituem a fonte da crença em locais assombrados. As respostas seguintes foram dadas às perguntas feitas sobre este assunto:

1) Os Espíritos só se apegam às pessoas ou também se apegam às coisas?

“Isso depende da elevação deles. Alguns Espíritos podem se apegar a objetos terrenos; os avarentos, por exemplo, que esconderam seus tesouros e que ainda não estão bastante desmaterializados, podem ainda ficar a vigiar e guardar esses bens.”

2) Os Espíritos errantes têm lugares prediletos?

“Ainda aqui o princípio é o mesmo. Os Espíritos que não estão mais apegados à Terra vão aonde eles encontram amor, e são atraídos mais pelas pessoas do que pelos objetos materiais; entretanto, pode ser que alguns deles tenham momentaneamente uma preferência por determinados lugares, mas estes são sempre Espíritos inferiores.”

3) Já que o apego dos Espíritos a um determinado local é um sinal de inferioridade, seria igualmente uma prova de que sejam Espíritos maus?

“Seguramente que não; um Espírito pode ser pouco avançado sem que por isso seja mau. Não é o mesmo caso dos homens?”

4) A crença de que os Espíritos frequentam preferencialmente as ruínas tem algum fundamento?

“Nenhum; os Espíritos vão a esses lugares como vão a todos os outros,

mas a imaginação fica impressionada pelo aspecto lúgubre de certos locais e atribui à presença dos Espíritos aquilo que quase sempre não passa de um efeito muito natural. Quantas vezes o medo não fez alguém confundir a sombra de uma árvore com um fantasma, e confundir um grito de um animal ou o sopro do vento com uma assombração? Os Espíritos gostam da presença dos homens, e por isso eles preferem lugares habitados aos lugares desertos.”

— Porém, pelo que sabemos da diversidade das características dos Espíritos, deve haver misantropos dentre eles, e que preferam a solidão...

“Por isso que não respondi à questão de maneira absoluta; eu disse que eles podem ir aos lugares desertos como a toda parte, e é bem óbvio que se alguns se mantêm isolados, é porque isso lhes agrada — o que não é uma razão para que as ruínas sejam forçosamente lugares de predileção para eles, pois, com certeza, há muito mais deles nas cidades e nos palácios do que no interior das matas.”

5) As crenças populares geralmente têm um fundo de verdade; qual pode ser a fonte da crença em lugares assombrados?

“O fundo de verdade é a manifestação dos Espíritos na qual o homem tem acreditado instintivamente desde todos os tempos; mas, como já disse, o aspecto dos lugares lúgubres afeta a sua imaginação e o homem naturalmente coloca ali seres que ele considera como sobrenaturais. Essa crença supersticiosa é alimentada pelas narrativas dos poetas e pelos contos fantásticos com os quais acalentamos a infância.”

6) Os Espíritos que se reúnem têm dias e horas prediletas para reuniões?

“Não; os dias e as horas são controles do tempo para uso dos homens e para a vida corporal: são coisas do que os Espíritos não têm nenhuma necessidade e com o que eles não se preocupam.”

7) Qual é a origem da ideia de que os Espíritos vêm preferencialmente durante a noite?

“A impressão produzida na imaginação pelo silêncio e pela escuridão. Todas essas crenças são superstições que o conhecimento racional do espiritismo deve destruir. É o mesmo caso dos dias e das horas que as pessoas

acreditam serem mais propícias para os Espíritos. Estejam certos de que a influência da meia-noite jamais existiu a não ser nos contos.”

— Sendo assim, por que então alguns Espíritos anunciam sua chegada e suas manifestações exatamente para aquela hora e para determinados dias, como a sexta-feira, por exemplo?

“São Espíritos que se aproveitam da credulidade para se divertirem com isso. É pela mesma razão que há Espíritos que dizem ser o diabo ou se dão nomes infernais. Mostrem-lhes que vocês não são suas presas e eles não voltarão mais.”

8) Os Espíritos preferem voltar aos túmulos onde jazem seus corpos?

“O corpo não era mais do que uma roupa; os Espíritos não ligam para o envoltório que os fez sofrer mais do que o prisioneiro para as suas correntes. A lembrança das pessoas queridas é a única coisa a que eles dão valor.”

— Para os Espíritos, as preces feitas sobre os túmulos deles são mais agradáveis e os atraem para lá mais do que a outros lugares?

“A prece é uma evocação que atrai os Espíritos, vocês sabem bem disso. Tanto maior ação terá a prece quanto mais ela for fervorosa e sincera; ora, diante de um túmulo venerado nós podemos ficar mais concentrados, e a conservação de estimadas relíquias é um testemunho de carinho que oferecemos ao Espírito, e ao qual ele sempre é sensível. É sempre o pensamento que age sobre o Espírito, e não os objetos materiais; esses objetos têm mais influência sobre aquele que ora, fixando sua atenção, do que sobre o Espírito.”

9) À vista disso, a crença em lugares mal-assombrados não parece absolutamente falsa?

“Nós temos dito que certos Espíritos podem ser atraídos por coisas materiais; eles podem ser atraídos por determinados lugares onde parecem fixar domicílio, até que cessem as circunstâncias que ali os levaram.”

— Quais são as circunstâncias que podem levá-los a esses lugares?

“A simpatia deles por algumas das pessoas que frequentam tais lugares ou o desejo de se comunicar com elas. No entanto, nem sempre

suas intenções são tão louváveis; quando são Espíritos maus, eles podem querer exercer uma vingança contra as pessoas de quem eles tiveram do que se queixar. Para alguns, a permanência em um determinado lugar pode ser também uma punição que lhes é infligida, sobretudo se ali eles cometeram um crime, a fim de que constantemente tenham esse crime diante dos olhos⁴¹.”

10) Os lugares mal-assombrados são sempre assombrados por seus antigos habitantes?

“Às vezes, mas não sempre, porque se o antigo habitante for um Espírito elevado, ele não se apegará à sua habitação terrena mais do que ao seu corpo. Os Espíritos que assombram determinados lugares muitas vezes não têm outro motivo além de um capricho, a menos que eles sejam atraídos até lá pela sua simpatia por certas pessoas.”

— Eles podem se fixar num lugar desses com o propósito de proteger uma pessoa ou a própria família?

“Seguramente, se forem Espíritos bons; porém, neste caso, eles nunca manifestam sua presença com coisas desagradáveis.”

11) Há alguma coisa de real na história da dama Branca?

“Isso é um conto tirado de mil fatos que são verdadeiros.”⁴²

12) É racional temermos lugares assombrados pelos Espíritos?

“Não; os Espíritos que assombram certos lugares e neles fazem alvoroço procuram muito mais se divertir às custas da credulidade e da covardia do que mesmo fazer o mal. Aliás, imaginem que há Espíritos em toda parte e que onde quer que vocês estejam, vocês terão incessantemente Espírito ao vosso lado — ainda que nas casas mais tranquilas. Muitas vezes eles aparecem para assombrar certas casas só porque encontram nelas uma ocasião para manifestar a própria presença deles.”

⁴¹ Veja a *Revista Espírita* de fevereiro de 1860; *História de um condenado*.

⁴² Dama Branca (*Dame Blanche*) é uma típica personagem do folclore francês, geralmente caracterizada como uma espécie de fada-madrinha, um tipo de guardiã familiar; esta lenda tem inspirado de superstições a obras de arte e de ficção, por exemplo, a ópera *La Dame Blanche* de Eugène Scribe e François Adrien Boieldieu, estreada em Paris no ano de 1825. — N. T.

13) Existe algum meio de expulsá-los?

“Sim, mas normalmente o que se faz para isso os atrai em vez de os afastar. O melhor meio de afugentar os maus Espíritos é atrair os bons. Portanto, atraíam os bons Espíritos fazendo o máximo do bem possível e os maus irão embora, pois o bem e o mal são incompatíveis. Sejam sempre bons e vocês só terão bons Espíritos ao vosso lado.”

— No entanto, não há pessoas muito boas que estão sujeitas às perseguições dos maus Espíritos?

“Se essas pessoas forem realmente boas, isso talvez seja uma prova para exercitar sua paciência e as estimular a se tornarem ainda melhores; mas creiam bem que não são aqueles que falam constantemente das virtudes os que mais as possuem. Aquele que tem qualidades verdadeiras muitas vezes desconhece propriamente isso ou nunca fala delas.”

14) No que devemos acreditar com relação à eficácia dos exorcismos para expulsar os maus Espíritos dos lugares assombrados?

“Já viram esse meio realmente dar algum resultado? Mas, ao contrário, vocês não têm visto o estardalhaço redobrar após as cerimônias de exorcismo? É que os Espíritos se divertem ao serem tomados como o diabo.

“Os Espíritos que não vêm com uma má intenção também podem manifestar sua presença por ruídos, e até se tornando visíveis, mas jamais fazem uma travessura incômoda. Quase sempre, são Espíritos sofredores, que vocês podem aliviar orando por eles; outras vezes, são até Espíritos bondosos, que querem lhes provar que estão convosco; ou, enfim, são Espíritos brincalhões que estão vadiando. Já que quem perturbam o repouso com um alarido quase sempre são Espíritos que se divertem, o melhor a fazer é rir; eles se cansarão quando perceberem que não conseguem nem amedrontar nem tirar a paciência de ninguém.” (Veja, lá atrás, o cap. V: *Manifestações físicas espontâneas.*)

Das explicações anteriores resulta que existem Espíritos que se prendem a certas localidades e nelas permanecem preferencialmente, mas que nem por isso tenham necessidade de manifestar sua presença por efeitos sensíveis.

Qualquer lugar pode ser uma morada forçada ou predileta de um Espírito, mesmo maligno, sem que ali jamais seja produzida qualquer manifestação.

Os que se ligam a localidades ou a coisas materiais nunca são Espíritos superiores; mas, mesmo sem serem superiores, pode ser que não sejam malvados e que não tenham nenhuma má intenção; algumas vezes são até companheiros mais úteis do que nocivos, porque se eles se interessam pelas pessoas, então eles podem protegê-las.

CAPÍTULO X

NATUREZA DAS COMUNICAÇÕES

Comunicações grosseiras, frívolas, sérias ou instrutivas

133. Dissemos que todo efeito que revela na sua causa um ato de livre vontade — por mais insignificante que seja este ato — por isso mesmo acusa uma causa inteligente. Assim, um simples movimento de mesa que responda ao nosso pensamento ou apresente um caráter intencional pode ser considerado como uma manifestação inteligente. Se o resultado tivesse se limitado a isso, ele não teria para nós senão um interesse muito secundário; todavia, isso já seria alguma coisa a nos dar a prova de que nesses fenômenos há mais do que uma ação puramente material. Mas a utilidade prática que daí decorreria para nós seria nula, ou pelo menos muito restrita; tudo se modifica quando essa inteligência adquire um desenvolvimento tal que permite uma troca de ideias regular e contínua: então, já não são simples manifestações inteligentes, mas verdadeiras **comunicações**. Os meios de que hoje nós dispomos permitem obtê-las tão extensas, tão explícitas e tão rápidas quanto as que mantemos com os homens.

De acordo com a **escala espírita** (*Livro dos Espíritos*, questão nº 100), quem tiver entendido bem sobre a variedade infinita que existe entre os Espíritos, sob o duplo aspecto da inteligência e da moralidade, então facilmente conceberá a diferença que deve existir nas suas comunicações; elas não de refletir a elevação ou a baixeza de suas ideias, sua sabedoria e sua ignorância, seus vícios e suas virtudes; em suma, elas devem se assemelhar às dos homens, desde os selvagens até o europeu mais esclarecido. Todas as nuances que elas apresentam podem ser agrupadas em quatro categorias

principais; segundo suas características mais acentuadas, elas são: ***grosseiras, frívolas, sérias e instrutivas.***

134. As ***comunicações grosseiras*** são aquelas que se traduzem por expressões que chocam a decência. Elas não podem vir senão de Espíritos de baixa categoria, ainda repletos de todas as impurezas da matéria, e em nada diferem das que os homens viciosos e grosseiros poderiam oferecer. Elas causam repugnância a qualquer pessoa que tenha a mínima delicadeza de sentimentos, porque elas são, segundo o caráter dos Espíritos, triviais, ignóbeis, obscenas, insolentes, arrogantes, malévolas e mesmo ímpias.

135. As ***comunicações frívolas*** emanam de Espíritos levianos, zombeteiros e brincalhões, mais travessos do que perversos, e que não dão nenhuma importância ao que dizem. Como não há nada de impróprio neles, essas comunicações agradam a certas pessoas que se divertem com elas e encontram prazer nas conversações fúteis em que muito se fala e nada se diz. Esses Espíritos algumas vezes atacam com tiradas sarcásticas e mordazes, mas no meio de gracejos banais frequentemente dizem duras verdades que quase sempre atingem o alvo certo. Esses Espíritos levianos pululam em torno de nós e aproveitam todas as ocasiões para se intrometer nas comunicações; a verdade é a menor das suas preocupações e por isso eles sentem um prazer maligno em mistificar aqueles que têm a fraqueza, e por vezes a presunção, de crer na palavra deles. As pessoas que se deleitam com esses tipos de comunicações naturalmente dão acesso aos Espíritos levianos e enganadores; já os Espíritos sérios se afastam delas, assim como entre nós os homens sérios se afastam dos círculos dos tolos.

136. As ***comunicações sérias*** são importantes quanto ao assunto e à maneira como são feitas. Toda comunicação que exclui a frivolidade e a grosseria, e que tem um objetivo útil — mesmo que seja de interesse particular — é, portanto, uma comunicação séria; mas nem por isso ela está isenta de erros. Os Espíritos sérios não são todos igualmente esclarecidos; há muita coisa que eles ignoram e sobre as quais eles podem se enganar de boa-fé, e é por isso

que os Espíritos verdadeiramente superiores sempre nos recomendam submeter todas as comunicações ao controle da razão e da mais severa lógica.

É preciso então distinguir as comunicações **sérias e verdadeiras** das comunicações **sérias e falsas** — o que nem sempre é fácil, pois é exatamente graças à seriedade da linguagem que certos Espíritos presunçosos ou pseudossábios procuram fazer prevalecer as ideias mais falsas e as mais absurdas teorias; e para se darem mais créditos e importância eles não se envergonham de enfeitarem com os mais respeitáveis nomes e até com os mais venerados. Eis aqui um dos maiores desafios da ciência prática; dele trataremos mais adiante com todos os desenvolvimentos que um assunto tão importante como esse necessita, ao mesmo tempo em que ensinaremos os meios de se prevenir contra o perigo das falsas comunicações.

137. As **comunicações instrutivas** são as comunicações sérias que têm por objetivo principal um ensinamento qualquer dado pelos Espíritos sobre as ciências, a moral, a filosofia etc. Elas são mais ou menos profundas, conforme o grau de elevação e de **desmaterialização** do Espírito. Para se retirar dessas comunicações um fruto positivo, é preciso que elas sejam regulares e continuadas com perseverança. Os Espíritos sérios se apegam aos que querem se instruir e os ajudam, enquanto deixam aos Espíritos levianos a tarefa de divertir aqueles que não veem nessas manifestações mais do que uma distração passageira. É somente pela regularidade e frequência dessas comunicações que podemos apreciar o valor moral e intelectual dos Espíritos com quem dialogamos e o nível de confiança que eles merecem. Se é preciso experiência para julgar os homens, certamente é preciso ainda muito mais para julgar os Espíritos.

Ao dar a essas comunicações a qualificação de **instrutivas**, supomos que sejam **verdadeiras**, pois uma coisa que não fosse **verdadeira** não poderia ser **instrutiva**, ainda que seja dita na mais imponente linguagem. Logo, não poderíamos classificar nessa categoria certos ensinamentos que de sério só têm a forma muitas vezes empoladas e enfática com a qual os Espíritos mais presunçosos do que cultos ditam esperando iludir; mas esses Espíritos, não podendo repor a substância que lhes falta, não conseguiriam sustentar por

muito tempo o seu papel; eles logo traem o seu lado fraco, por pouco que suas comunicações tenham de continuidade ou que saibamos levá-los aos seus últimos limites.

138. Os meios de comunicação são bastante variados. Agindo sobre os nossos órgãos e sobre todos os nossos sentidos, os Espíritos podem se manifestar à visão, nas aparições; ao tato, pelas impressões tangíveis ocultas ou visíveis; à audição pelos ruídos; ao olfato, pelos odores sem causa conhecida. Este último modo de manifestação, se bem que muito real, é incontestavelmente o mais incerto, pelas múltiplas causas que podem induzir em erro; então, nós não vamos parar por aí. O que devemos examinar com cuidado são os diversos meios de se obter comunicações, quer dizer, é uma troca regular e continuada de pensamentos. Esses meios são: *as pancadas, a palavra e a escrita*. Nós vamos estudá-los em capítulos especiais.

CAPÍTULO XI

SEMATOLOGIA E TIPTOLOGIA

Linguagem dos sinais e das batidas – Tiptologia alfabética

139. As primeiras comunicações inteligentes foram obtidas por batidas, ou a tiptologia⁴³. Esse meio primitivo, que parecia a infância da arte, não oferecia mais do que recursos limitadíssimos, e com ele, as comunicações ficavam reduzidas a respostas monossilábicas, para sim ou para não, mediante um número convencional de batidas. Depois o sistema foi aperfeiçoado, como já dissemos. As pancadas eram obtidas de duas maneiras através de médiuns especiais; para esse modo de operar geralmente é preciso uma certa aptidão para as manifestações físicas. A primeira, que poderíamos chamar **tiptologia por báculo**, consiste no movimento da mesa, que se levanta de um lado e desce novamente batendo um pé.⁴⁴ Basta para isso que o médium ponha as mãos na borda da mesa; caso queira conversar com um determinado Espírito, é necessário evocá-lo; no caso contrário, manifesta-se o primeiro que chegar ou aquele que tenha o hábito de vir. Estando convencionalizado, por exemplo: que uma batida para **sim** e duas para **não**, isso é indiferente, e então se dirige ao Espírito as perguntas que se deseja; nós veremos adiante quais das questões devemos nos abster. O inconveniente está na abreviação das respostas e na dificuldade de formular a interrogação de modo a resultar em

⁴³ Tiptologia (do grego *tipto* = pancada, batida + *logos* = linguagem): método de comunicação obtida por expressões representadas por certa sequência de batidas; sistema variante da sematologia, da semântica e da semasiologia, que estuda a significação das palavras e expressões dentro de um enunciado, e que, no caso da tiptologia, aplica-se à interpretação das manifestações espirituais. — N. T.

⁴⁴ Para fazer um de seus pés bater, a mesa se apoia em outro pé, estabelecendo assim uma espécie de alavanca, ou seja, um báculo; daí a designação **tiptologia por báculo**, ou **basculante**. — N. T.

um sim ou a um não. Suponhamos que se pergunte ao Espírito: O que deseja? Ele não poderia responder senão com uma frase; é preciso então dizer: deseja isto? — Não. — Aquilo? — Sim. E assim por diante.

140. É notável que para o emprego desse meio o Espírito também use de um tipo de *mímica*, isto é, que ele exprime a energia da afirmação ou da negação pela força das pancadas. Ele igualmente expressa a natureza dos sentimentos que o animam: a violência, pela brutalidade dos movimentos; a cólera e a impaciência, batendo com força repetidos golpes, como uma pessoa que bate o pé com raiva, às vezes atirando a mesa ao chão. Quando o Espírito é amável e educado, no começo e no fim da sessão ele inclina a mesa em forma de saudação; quando quer se dirigir diretamente a uma pessoa da reunião, encaminha a mesa para ele com doçura ou violência, conforme queira lhe testemunhar sua afeição ou antipatia. Essa é, propriamente falando, a *sematologia*⁴⁵, ou linguagem dos sinais, como a *tiptologia* é a linguagem das batidas. Eis aqui um exemplo notável do emprego espontâneo da sematologia:

Um senhor que conhecemos, estando certo dia no seu salão, onde várias pessoas se ocupavam com as manifestações, recebeu ele naquele momento uma carta nossa. Enquanto a lia, o gueridom⁴⁶ que servia para as experiências veio repentinamente em sua direção. Concluída a leitura da carta, ele foi colocá-la numa mesa na outra extremidade do salão; o gueridom o seguiu e se dirigiu à mesa onde estava a carta. Surpreso com essa coincidência, ele pensou que havia alguma relação entre aquele movimento e a carta; ele interroga o Espírito, que respondeu ser o nosso Espírito familiar. Quando este senhor nos informou essa ocorrência, por nossa vez, rogamos a esse Espírito que nos dissesse o motivo da visita que havia feito àquele senhor; ele respondeu: “É natural que eu venha ver as pessoas com quem você tem

⁴⁵ Sematologia (do grego *semat* ou *semato* = sinal + *logos* = linguagem; estudo da significação das palavras e expressões dentro de um enunciado; mesmo que semântica e semasiologia; a tiptologia é uma variante da sematologia, no caso em que se aplica à interpretação das comunicações espirituais obtidas por meio de batidas. — N. T.

⁴⁶ Gueridom (*guéridon*, em francês): espécie de mesa pequena, com tampo arredondado (geralmente de mármore) e sustentada por um único pé central, tipicamente usado para exposição de objetos (um vaso de flores, por exemplo) ou para serviço de buffet (iguarias e bebidas). — N. T.

relações, a fim de, quando for preciso, poder dar avisos necessários, tanto a ti quanto a elas.”

Portanto, é evidente que o Espírito queria chamar a atenção daquele senhor, e procurava uma ocasião de lhe demonstrar que estava lá. Um mudo não teria se saído melhor.

141. A tiptologia não tardou para ser aperfeiçoada, e se enriqueceu com um meio de comunicação mais completo: o da **tiptologia alfabética**, que consiste em designar as letras do alfabeto de acordo com as batidas; podemos então obter palavras, frases e até discursos inteiros. Segundo certo método, a mesa dá quantas batidas forem necessárias para indicar cada letra; quer dizer, uma pancada para **a**, duas para **b** e assim por diante; durante esse tempo uma pessoa escreve as letras à medida que elas forem designadas. Quando o Espírito finaliza, ele avisa através de algum sinal combinado.

Como se vê, este modo de proceder é muito lento e demanda um tempo enorme para comunicações de certa extensão; entretanto, há pessoas que têm tido a paciência de se servirem dele para obter ditados de várias páginas. Porém, a prática levou à descoberta de meios abreviativos, que permitiam fluir com certa rapidez. O mais usado deles consiste em ter diante de si um alfabeto inteiro escrito, assim como a série de números marcando as unidades. Enquanto o médium esteja à mesa, outra pessoa percorre sucessivamente as letras do alfabeto, quando se tratar de obter uma palavra, ou a série dos algarismos, quando se trata de um número; chegando na letra necessária, a mesa por si mesma bate uma pancada, e então a letra é escrita; depois, recomeça-se, para a segunda letra, para a terceira e daí por diante. Se alguma letra estiver errada, o Espírito adverte por repetidas pancadas ou por um movimento com a mesa, e tudo se recomeça. Com o hábito, vai-se bem depressa; mas é possível acelerar bastante sobretudo adivinhando o fim de uma palavra iniciada, e que o sentido da frase a revela; na dúvida, pergunta-se ao Espírito se ele quis dizer tal palavra, e ele responde sim ou não.

142. Todos os efeitos que acabamos de indicar podem ser obtidos de uma maneira ainda mais simples através de pancadas produzidas na própria

madeira da mesa, sem nenhuma espécie de movimento, e que já descrevemos no capítulo das manifestações físicas, item 64: é a *tiptologia interna*. Nem todos os médiuns são igualmente apropriados a este último gênero de comunicação, pois alguns deles só obtêm as batidas por básculo; não obstante, com o exercício, os médiuns, em sua maioria, podem consegui-lo, e esse sistema tem a dupla vantagem de ser mais rápido e menos sujeito a suspeitas do que o básculo, que pode ser atribuída a uma pressão voluntária. É verdade que as batidas internas também podem ser imitadas por médiuns de má-fé. As melhores coisas podem ser falsificadas — o que não prova nada contra elas. (Veja no fim deste volume o capítulo intitulado: *Fraudes e mistificações*.⁴⁷)

Quaisquer que sejam os aperfeiçoamentos que se possam introduzir nessa maneira de proceder, ela jamais conseguirá alcançar a rapidez e a facilidade que tem a escrita, e por isso a empregamos tão pouco atualmente; contudo, às vezes ela é muito interessante do ponto de vista do fenômeno, principalmente para os novatos, e sobretudo ela tem a vantagem de provar de uma maneira peremptória a absoluta independência do pensamento do médium. Assim, obtêm-se respostas normalmente tão inesperadas e tão surpreendentemente apropriadas que seria preciso um preconceito bastante determinado para não se render à evidência; portanto, para muitas pessoas é um motivo forte de convicção. Mas, por esse sistema, mais do que pelos outros, os Espíritos não gostam de se prestar aos caprichos dos curiosos que querem colocá-los à prova por questões inapropriadas.

143. Com a finalidade de melhor assegurar a independência do pensamento do médium, imaginou-se diversos instrumentos consistindo em mostradores sobre os quais são traçadas as letras, à maneira dos mostradores dos telégrafos elétricos:⁴⁸ as letras são indicadas por uma agulha móvel, posta em movimento pela influência do médium com a ajuda de um fio condutor e uma polia. Nós não conhecemos esses instrumentos senão pelos desenhos e pelas descrições que foram publicados na América; por conta disso, não podemos

⁴⁷ Veja os capítulos XXVII: *Contradições e mistificações* e XXVIII: *Charlatanismo e embuste*. — N. T.

⁴⁸ Um exemplo bem comum de um mostrador é o de um relógio analógico, sobre o qual giram os ponteiros indicando as horas e minutos mediante a numeração gravada no mostrador. — N. T.

dizer nada de sua eficiência, mas pensamos que a sua própria complicação é um inconveniente; que a independência do médium é tão bem comprovada pelas pancadas internas, e ainda bem mais pelo imprevisto das respostas do que por todos os meios materiais. Por outro lado, os incrédulos — sempre dispostos a ver truques e arranjos por toda parte — estão ainda mais inclinados a supô-los num mecanismo especial do que na primeira mesa vinda desprovida de qualquer acessório.

144. Um aparelho mais simples, mas do qual a má-fé pode abusar facilmente, conforme veremos no capítulo das Fraudes, é o que designaremos sob o nome de *Mesa-Girardin*, em lembrança do uso que fazia dele a senhora Émile de Girardin⁴⁹ nas numerosas comunicações que ela obteve como médium; porque, embora fosse uma mulher de personalidade, madame de Girardin tinha a fraqueza de crer nos Espíritos e nas suas manifestações. Esse instrumento consiste num tampo móvel de gueridom, de trinta a quarenta centímetros de diâmetro, girando livre e facilmente sobre seu eixo, como uma roleta. Na superfície em circunferência, como num mostrador, são traçadas as letras do alfabeto, a numeração e as palavras *sim* e *não*. Ao centro fica uma agulha fixa. Quando o médium põe seus dedos na borda deste disco, este gira e para, se a letra desejada estiver sob a agulha. Toma-se nota das letras indicadas e assim se formam muito rapidamente as palavras e as frases.

É interessante notar que não é que o disco desliza sob os dedos do médium, mas que os seus dedos ali apoiados acompanham o movimento do tampo. Talvez um médium poderoso conseguiria obter um movimento independente; acreditamos que possível, mas nunca testemunhamos isso. Se a experiência pudesse ser feita dessa maneira, ela seria infinitamente mais conclusiva, porque descartaria toda possibilidade de mistificação.

145. Resta-nos corrigir um erro bastante divulgado e que consiste em confundir todos os Espíritos que se comunicam por meio de pancadas com os

⁴⁹ Delphine Gay (1804-1855) foi uma extraordinária poetisa, escritora e jornalista francesa, mais conhecida como Delphine de Girardin, por ser a esposa do também famoso Émile de Girardin, jornalista e político da França. Amiga íntima de Victor Hugo, foi Madame Girardin que o apresentou às sessões de Mesas Girantes e à crença na mediunidade. — N. T.

Espíritos batedores. A tiptologia é um meio de comunicação como qualquer outro, e que não é mais indigno dos Espíritos elevados do que a escrita ou a palavra. Portanto, todos os Espíritos — bons e maus — podem se servir dele tanto quanto de outros modos. O que caracteriza os Espíritos superiores é a elevação do pensamento, e não o instrumento de que eles se sirvam para transmiti-lo. Sem dúvida, eles preferem os meios mais cômodos e sobretudo os mais rápidos; mas, na falta de lápis e papel, eles usarão sem cerimônia da vulgar mesa falante, e a prova disso é que já foram obtidas por esse modo as coisas mais sublimes. Se não nos servimos dele, não é porque então o desprezamos, porém unicamente porque, como fenômeno, ele já nos ensinou tudo o que poderíamos saber, porque ele não poderia acrescentar mais nada às nossas convicções, e porque a extensão das comunicações que recebemos exige uma rapidez incompatível com a tiptologia.

Nem todos os Espíritos que batem são, portanto, batedores; este nome deve ser reservado para aqueles que poderíamos chamar batedores profissionais e que, por este meio, se deleitam em pregar peças para divertir uma assembleia, ou para atormentar com as suas importunações. Da parte deles, podemos esperar coisas engraçadas, mas nunca coisas profundas; logo, seria perder tempo lhes dirigir questões de certo cunho científico ou filosófico, pois a ignorância e a inferioridade deles fariam jus ao título, da parte de outros Espíritos, a qualificação de Espíritos palhaços ou de saltimbancos do mundo espírita. Acrescentemos que, se muitas vezes eles agem por conta própria, muitas vezes eles também são instrumentos usados pelos Espíritos superiores, quando estes querem produzir efeitos materiais.

CAPÍTULO XII

PNEUMATOLOGRAFIA OU ESCRITA
DIRETA – PNEUMATOFONIA*Escrita direta*

146. A *pneumatografia*⁵⁰ é a escrita produzida diretamente pelo Espírito, sem nenhum intermediário; difere da *psicografia* por esta ser a transmissão do pensamento do Espírito mediante a escrita através da mão do médium.

O fenômeno da escrita direta é sem contradição um dos mais extraordinários do espiritismo; mas, por mais anormal que pareça à primeira vista, ele hoje é um fato averiguado e incontestável. Se a teoria é necessária para nos inteirarmos da possibilidade dos fenômenos espíritas em geral, ela talvez seja ainda mais necessária neste caso — que é, incontestavelmente, um dos mais estranhos que se possam apresentar, mas que deixa de parecer sobrenatural desde que se compreenda o seu princípio.

Na primeira revelação desse fenômeno, a impressão dominante foi a da dúvida; a ideia de uma mistificação veio logo ao pensamento. De fato, todo mundo conhece a ação das tintas chamadas simpáticas, cujos traços, a princípio completamente invisíveis, aparecem ao fim de algum tempo. Podia ser então que alguém tivesse abusado da credulidade, e nós não afirmaríamos que isso nunca tenha acontecido; estamos até convencidos de que algumas pessoas — seja com um objetivo mercenário, seja apenas por orgulho e para fazer acreditar nas suas capacidades — têm empregado trapaças. (Veja o capítulo das *Fraudes*.)

⁵⁰ Pneumatografia vem do grego: *pneuma* = espírito + *graphein* = grafia, escrita; portanto: escrita espiritual, quer dizer, escrita produzida diretamente por um Espírito. — N. T.

Porém, de se poder imitar uma coisa, seria um absurdo concluir que a coisa não exista. Nestes últimos tempos, já não encontraram um meio de imitar a lucidez sonambúlica ao ponto de criar uma ilusão? E pelo fato dessa prática de escamoteador ter percorrido todas as feiras, deveríamos concluir que não haja sonâmbulos verdadeiros? Por que certos comerciantes vendem vinho falsificado, seria uma razão para que não exista vinho puro? É a mesma coisa da escrita direta; aliás, as precauções para garantir a realidade do fato eram bem simples e bem fáceis, e graças a essas precauções hoje ele já não pode mais ser objeto de nenhuma dúvida.

147. Visto que a possibilidade de escrever sem intermediário é um dos atributos do Espírito, que os Espíritos existiam desde todos os tempos e que em todos os tempos eles também produziram os diversos fenômenos que conhecemos, eles puderam igualmente produzir a escrita direta tanto na Antiguidade quanto nos nossos dias; e é assim que se pode explicar o aparecimento das três palavras na sala do banquete de Baltazar.⁵¹ A Idade Média — tão fértil em prodígios ocultos, mas que eram sufocados pelas fogueiras⁵² — também pôde conhecer a escrita direta, e é até possível que na teoria das modificações que os Espíritos podem operar na matéria, e que nós desenvolvemos no capítulo III, nós pudéssemos encontrar o princípio da crença na transmutação dos metais.

Quaisquer que sejam os resultados obtidos em diversas épocas, somente depois da popularização das manifestações espíritas a escrita direta foi seriamente questionada. O primeiro que parece ter tido conhecimento dela em Paris nestes últimos anos foi o Sr. barão de Guldenstubbe,⁵³ que publicou

⁵¹ O banquete de Baltazar (às vezes denominado Belsazar) é um episódio bíblico narrado no livro Daniel, cap. 5, em que uma mão se materializou e escreveu uma mensagem ao rei babilônico (Baltazar) por estas palavras: *Mene, Mene, Tequel, Ufarsim*, que o profeta judeu Daniel interpretou como uma advertência da soberba que havia se apoderado do reino da Babilônia, então fadado a ser dividido; o rei foi morto naquela noite e seu reinado foi tomado por Dario. – N. T.

⁵² Referência ao Tribunal da Inquisição, pelo qual os médiuns (e outros ditos hereges) eram processados e geralmente sentenciados à morte, acusados pela Igreja de bruxaria e satanismo, e então eram queimados vivos numa fogueira, em praça pública. – N. T.

⁵³ Ludwig von Guldenstubbe. (1820-1873) foi um proeminente pesquisador do Magnetismo (Mesmerismo) e dos fenômenos espirituais. — N. T.

sobre esse assunto uma obra muito interessante, contendo um grande número de *fac-símiles* das escritas que ele obteve.⁵⁴ O fenômeno já era conhecido na América desde algum tempo. A posição social do Sr. de Guldenstubbe, sua independência e a consideração de que ele goza no mundo mais elevado descartam incontestavelmente toda suspeita de fraude voluntária, pois ele não podia ser motivo por nenhum motivo de interesse. Poderíamos até crer, no máximo, que ele próprio fosse vítima de uma ilusão; mas, quanto a isto, um fato responde peremptoriamente: a obtenção do mesmo fenômeno por outras pessoas, rodeando-se de todas as precauções necessárias para evitar qualquer trapaça e qualquer causa de erro.

148. A escrita direta é obtida, como em geral a maior parte das manifestações espíritas *não espontâneas*, pelo recolhimento, pela prece e pela evocação. Ela tem sido obtida muitas vezes nas igrejas, sobre os túmulos, no pé de estátuas ou de imagens das pessoas evocadas; mas é evidente que o local não tem nenhuma outra influência exceto permitir um maior recolhimento espiritual e maior concentração do pensamento, porque está provado que o fenômeno é obtido igualmente sem esses acessórios e nos lugares mais comuns, sobre um simples móvel doméstico — desde que se esteja nas devidas condições morais e que se possua a faculdade medianímica necessária.

No início, achava-se que fosse preciso depositar um lápis com um papel; o fato então podia ser explicado até certo ponto. Sabemos que os Espíritos operam o movimento e a deslocação dos objetos, que os agarram e algumas vezes os atiram no espaço; logo, eles bem poderiam também pegar o lápis e usá-lo para traçar os caracteres. Já que eles dão ao lápis a impulsão através da mão do médium, de uma prancheta etc., eles também poderiam fazer de uma maneira direta. Não tardou, porém, para se reconhecer que a presença do lápis não era necessária, e que bastava um simples pedaço de papel — dobrado ou não — sobre o qual, depois de alguns minutos, podem ser encontrados caracteres traçados. Aqui o fenômeno muda completamente de

⁵⁴ *A realidade dos Espíritos e de suas manifestações*, demonstrada pelo fenômeno da escrita direta. Pelo barão de Guldenstubbe. 1 vol. in-8º, com 15 estampas e 93 *fac-símiles*. Preço: 8 francos, na livraria Franz, rua Richelieu. Também disponível na livraria Ledoyen.

face e nos leva a uma ordem inteiramente nova de coisas: essas letras foram traçadas com uma substância qualquer e, a partir do momento em que ninguém tenha fornecido essa substância ao Espírito, é então que ele próprio a constituiu. De onde ele a tirou? Esse era o problema.

Quem quiser se reportar às explicações dadas no capítulo VIII, itens 127 e 128, ali encontrará a teoria completa desse fenômeno. Nessa escrita, o Espírito não se serve das nossas substâncias, nem dos nossos instrumentos; ele mesmo fabrica a matéria e os instrumentos de que precisa, pegando esses materiais no elemento primitivo universal que, pela sua vontade, ele faz passar pelas modificações necessárias para produzir o efeito que deseja. Portanto, ele pode muito bem fabricar tanto o lápis vermelho, a tinta de imprimir ou a tinta comum, assim como o lápis preto, ou até caracteres tipográficos bastante resistentes para dar um relevo à impressão, conforme temos visto alguns exemplos. A filha de um senhor que conhecemos, uma criança de 12 a 13 anos, obteve páginas inteiras escritas com uma substância igual ao pastel.

149. Tal é o resultado ao qual nos conduziu o fenômeno da tabaqueira, descrito no capítulo VII, nº 116, e sobre o qual nos estendemos longamente, porque nele nós encontramos a ocasião para sondar uma das leis mais importantes do espiritismo, lei cujo conhecimento pode esclarecer mais de um mistério, até mesmo do mundo visível. É assim que de um fato aparentemente vulgar pode sair a luz; tudo consiste em observar com cuidado e é isso o que cada qual pode fazer, como nós, desde que não se limite a observar os efeitos sem procurar as suas causas. Se a nossa fé se fortalece dia a dia, é porque compreendemos; então, tratem de compreender, se quiserem fazer prosélitos sérios. A compreensão das causas tem outro resultado, que é o de traçar uma linha divisória entre a verdade e a superstição.

Se encararmos a escrita direta sob o ponto de vista das vantagens que ela possa oferecer, diremos que, até o presente, a sua principal utilidade foi a constatação material de um fato sério: a intervenção de uma potência oculta que encontra nesse fenômeno uma nova forma de se manifestar. Todavia, as comunicações que se obtêm por esse modo raramente são extensas;

geralmente elas são espontâneas e reduzidas a algumas palavras ou frases, às vezes a sinais ininteligíveis. Elas têm sido obtidas em todas as línguas: em grego, em latim, em sírio, em caracteres hieroglíficos etc., mas ainda se não prestaram a essas conversações seguidas e rápidas, como permite a psicografia, ou escrita através de um médium.

Pneumatofonia

150. Podendo produzir ruídos e batidas, os Espíritos também podem muito bem fazer que se ouça gritos de todo tipo, assim como sons vocais imitando a voz humana, ao nosso lado ou no vazio do ar; é este fenômeno que designamos pelo nome de ***pneumatofonia***. Pelo que sabemos da natureza dos Espíritos, podemos pensar que alguns dentre eles — quando são de uma ordem inferior — se iludem e acreditam falar como quando estavam vivos. (Ver ***Revista espírita***, fevereiro de 1858: *História do fantasma da senhorita Clairon*).

Por isso, devemos nos preservar de tomar por vozes ocultas todos os sons que não tenham causa conhecida, ou simples zumbidos nos ouvidos, e sobretudo de acreditar que haja a menor verdade na crença vulgar de que o ouvido que zumbe nos adverte que estejam falando de nós em algum lugar. Aliás, esses zumbidos — cuja causa é puramente fisiológica — não têm nenhum significado, ao passo que os sons pneumatofônicos exprimem pensamentos e é somente por isso que podemos reconhecer que eles tenham uma causa inteligente e não accidental. Podemos estabelecer em princípio que os efeitos ***notoriamente inteligentes*** são os únicos capazes de atestar a intervenção dos Espíritos; quanto aos outros, existem no mínimo cem chances contra uma de que eles sejam devidos a causas fortuitas.

151. Acontece muito frequentemente que quando estamos meio adormecidos nós escutamos distintamente pronunciarem palavras, nomes, às vezes até frases inteiras, e tão alto a ponto de nos despertar de susto. Embora possa ser que em certos casos isso seja realmente uma manifestação, não há nada de

bastante concreto nesse fenômeno para que se possa atribuí-lo também a uma causa análoga àquela que estudamos na teoria da alucinação, capítulo VI, itens 111 e seguintes. O que escutamos dessa maneira não resulta em nenhuma consequência; contudo, não é a mesma coisa quando se está inteiramente acordado, porque então, se for um Espírito que se faz ouvir, quase sempre é possível trocar ideias com ele e manter uma conversação regular.

Os sons espíritos, os pneumatofônicos, têm duas maneiras bem distintas de se produzir: às vezes é uma voz íntima que ressoa no foro interior; mas, se bem que as palavras sejam claras e distintas, elas não têm nada de material; de outras vezes elas são exteriores e tão nitidamente articuladas, como se viessem de uma pessoa que estivesse ao nosso lado.

Qualquer que seja o modo como ele se produza, o fenômeno da pneumatofonia é quase sempre espontâneo e só muito raramente pode ser provocado.

CAPÍTULO XIII

PSICOGRAFIA

Psicografia indireta: cestas e pranchetas – Psicografia direta ou manual

152. A ciência espírita tem progredido como todas as outras, e mais rapidamente do que estas; apenas alguns anos nos separam daqueles meios primitivos e incompletos que trivialmente chamavam de mesas falantes, e já podemos nos comunicar com os Espíritos tão fácil e rapidamente como os homens o fazem entre si, e pelos mesmos meios: a escrita e a palavra. Sobretudo a escrita tem a vantagem de demonstrar mais materialmente a intervenção de uma força oculta, e de deixar traços que podemos conservar, como o fazemos pela nossa própria correspondência. O primeiro método empregado foi o das pranchetas e das cestas equipadas com um lápis. Vejamos aqui o formato delas.

153. Já dissemos que uma pessoa dotada de uma aptidão especial pode provocar um movimento de rotação a uma mesa ou a outro objeto qualquer; tomemos, no lugar de uma mesa, uma pequena cesta de quinze a vinte centímetros de diâmetro (seja ela de madeira ou de vime, pouco importa, o material é indiferente). Agora, se pelo fundo dessa cesta fizermos passar um lápis bem preso, com a ponta de fora e para baixo, e se mantivermos tudo em equilíbrio sobre a ponta do lápis, ele próprio colocado sobre uma folha de papel, então, apoiando os dedos nas bordas da cesta, ela fará seu movimento; mas em vez de girar, ela conduzirá o lápis em diversos sentidos sobre o papel,

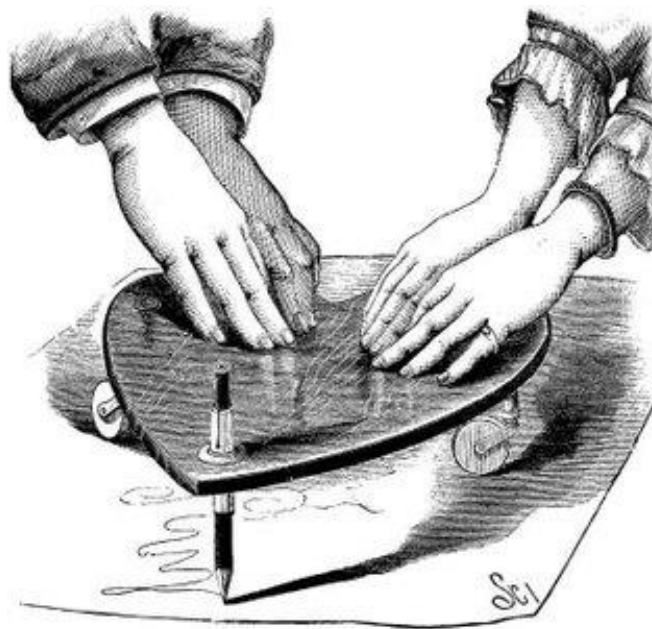
de maneira a formar desde riscos insignificantes a caracteres de um texto. Se um Espírito for evocado, e se ele quiser se comunicar, ele responderá não mais por meio de pancadas — como na tiptologia —, mas sim palavras escritas. O movimento da cesta já não é automático como no caso das mesas girantes; ele se torna inteligente. Nesse sistema, o lápis, ao chegar à extremidade da linha, não volta sobre si mesmo para começar outra linha; ele continua circularmente, de tal sorte que a linha escrita forma uma espiral, e é necessário virar o papel várias vezes para se ler o que está escrito. O texto obtido assim nem sempre é muito legível, pois as palavras não ficam bem separadas; entretanto, por uma espécie de intuição, o médium facilmente decifra a escrita. Por uma questão de economia, pode-se substituir o papel e o lápis comum por uma lousa e um lápis respectivo. Designaremos essa cesta pelo nome de **cesta-pião**. A cesta às vezes é substituída por um papelão muito semelhante às caixas de pastilhas; o lápis forma o seu eixo, como no brinquedo chamado **carrapeta**.

154. Muitos outros dispositivos foram imaginados para atender ao mesmo objetivo. O mais conveniente é aquele que chamaremos de **cesta de bico** e que consiste em adaptar à cesta uma haste de madeira inclinada, ultrapassando de dez a quinze centímetros de um lado, na posição do mastro de gurupés de um navio. Por um buraco aberto na extremidade dessa haste, ou bico, passa-se um lápis bastante comprido para que a ponta se apoie sobre o papel. Estando o médium com os dedos nas bordas da cesta, o aparelho todo se agita e o lápis escreve como no caso anterior, mas com a diferença de que geralmente a escrita é mais legível, com as palavras separadas e as linhas não mais em espiral, agora seguindo como na escrita comum, já que o médium pode facilmente conduzir o lápis de uma linha a outra. Obtêm-se assim dissertações de várias páginas tão rapidamente como se fossem escritas à mão.

155. A inteligência que age muitas vezes se manifesta por outros sinais inequívocos. Chegando ao fim da página, o lápis faz espontaneamente um movimento para revirar a folha; quando quer se reportar a um trecho

anterior na mesma página ou noutra, ele o procura com a ponta do lápis — como nós assim faríamos com o dedo — e depois a sublinha. Se, enfim, o Espírito quer se dirigir a um dos assistentes, a extremidade da haste de madeira vira-se para esse alguém. Por abreviar, frequentemente ele exprime as palavras **sim** e **não** pelos sinais de afirmação e de negação que fazemos com a cabeça; quando quer expressar raiva ou impaciência, ele bate repetidas pancadas com a ponta do lápis — e às vezes até quebra o lápis.

156. No lugar de cesta, algumas pessoas usam um tipo de mesa pequenina, feita por encomenda, de doze a quinze centímetros de comprimento por cinco a seis de altura, com três pés, e um dos quais carrega o lápis; os outros dois são arredondados ou servidos de uma bolinha de marfim, para deslizar facilmente sobre o papel. Outras pessoas se servem simplesmente de uma **prancheta** de quinze a vinte centímetros quadrados, triangular, alongada ou oval; num dos bordos fica um orifício **oblíquo** onde se coloca o lápis; postada para escrever, ela fica inclinada e se apoia por um dos seus lados sobre o papel; o lado que se apoia no papel é algumas vezes guarnecido de dois pequenos rolamentos, para facilitar o movimento. Em suma, concebe-se que todos esses dispositivos não têm nada de absoluto; o mais prático é o melhor.



Com todos esses aparatos, quase sempre é preciso estar em dupla; mas não é necessário que a segunda pessoa seja dotada da aptidão medianímica: ela serve unicamente para manter o equilíbrio e diminuir a fadiga do médium.

157. Chamamos **psicografia indireta** a escrita assim obtida em oposição à **psicografia direta** ou **manual**, obtida pelo próprio médium. Para entender este último processo, é preciso se dar conta do que se passa nessa operação. O Espírito exterior que se comunica age sobre o médium; este, sob aquela

influência, conduz **maquinalmente** o braço e a mão para escrever, sem ter (pelo menos é o caso mais comum) a menor consciência do que escreve; a mão atua sobre a cesta e a cesta sobre o lápis. Assim, **não é a cesta que se torna inteligente**, pois ela é um instrumento guiado por uma inteligência; na realidade, ela não passa de um porta-lápis, um apêndice da mão, um intermediário entre a mão e o lápis. Suprimam esse intermediário e coloquem o lápis na mão, e vocês terão o mesmo resultado, com um mecanismo muito mais simples, já que o médium escreve como o faz nas condições normais; então, toda pessoa que escreve com o auxílio de uma cesta, prancheta ou qualquer outro objeto, pode escrever diretamente. De todos os meios de comunicação, a **escrita à mão**, designada por algumas pessoas pelo nome **escrita involuntária**, é, sem contradição, a mais simples, a mais fácil e a mais cômoda, porque não exige nenhuma preparação e que, como a escrita corrente, serve para os trabalhos mais extensos. Voltaremos a ela quando falarmos dos médiuns.

158. No início das manifestações, quando não tínhamos ideias precisas sobre esse assunto, muitos textos foram publicados com esta designação: **Comunicações de uma cesta, de uma prancheta, de uma mesa** etc. Hoje, compreendemos o tanto que tais expressões têm de impróprias ou errôneas, além do seu caráter pouco sério. Com efeito, como acabamos de ver, as mesas, pranchetas e cestas não são mais do que instrumentos **sem inteligência**, embora animados momentaneamente de uma vida fictícia, e que nada podem comunicar por si mesmos; ou então seria tomar o efeito pela causa, o instrumento pelo princípio; valeria tanto quanto um autor colocar no título da sua obra que a escreveu com uma pena metálica ou com uma pena de ganso. Esses instrumentos, aliás, não são absolutos; conhecemos alguém que em vez da **cesta-pião**, que já descrevemos, se servia de um funil por cujo gargalo ele passava o lápis. Poderíamos então ter tido comunicações de um funil, do assim como de uma caçarola ou de uma saladeira. Se elas ocorrem por meio de batidas, e essas batidas são desferidas por uma cadeira ou uma bengala, então já não é mais uma mesa falante, mas uma cadeira ou uma bengala falante. O que importa saber não é a natureza do instrumento, e sim o modo

de obtenção. Se a comunicação for por escrita, não importa o que seja o portapluma, para nós isso é **psicografia**; se for por batidas, é **tiptologia**. Tomando o espiritismo as proporções de uma ciência, ele precisa de uma linguagem científica.

CAPÍTULO XIV

OS MÉDIUNS

Médiuns de efeitos físicos – Pessoas elétricas

- Médiuns sensitivos, ou impressionáveis – Médiuns audientes –
- Médiuns falantes – Médiuns videntes – Médiuns sonambúlicos
- Médiuns curadores – Médiuns pneumatógrafos

159. Toda pessoa que sinta num grau qualquer a influência dos Espíritos é — por isso mesmo — um médium. Esta faculdade é inerente ao homem e, por conseguinte, não é um privilégio exclusivo; logo, são poucas as pessoas entre as quais não encontramos rudimentos dessa faculdade. Pode-se então dizer que quase todo mundo é médium. Todavia, na prática, esta qualificação não se aplica a não ser àqueles em quem a faculdade medianímica é nitidamente caracterizada e se traduz por efeitos evidentes de certa intensidade, o que depende então de um organismo mais ou menos sensitivo. É notável também que essa faculdade não se revela em todos da mesma maneira; os médiuns geralmente têm uma aptidão especial para esta ou aquela ordem de fenômenos — o que estabelece tantas variedades de médiuns quanto existe de espécies de manifestações. Os principais são: *médiuns de efeitos físicos; médiuns sensitivos ou impressionáveis; audientes; falantes; videntes; sonambúlicos; curadores; pneumatógrafos e escreventes, ou psicógrafos.*

Médiuns de efeitos físicos

160. *Os médiuns de efeitos físicos* são mais especialmente aptos a produzir fenômenos materiais, tais como movimentos de corpos inertes, ruídos etc.

Podemos dividi-los em *médiuns facultativos* e *médiuns involuntários*. (Veja a 2ª parte, caps. II e IV.)

Os *médiuns facultativos* são os que têm consciência do seu poder e que produzem fenômenos espíritas por ato da própria vontade. Esta faculdade — se bem que seja inerente à espécie humana, como já dissemos — está longe de existir em todos no mesmo grau; mas se há poucas pessoas em quem ela seja absolutamente nula, ainda mais raras são aquelas que estão aptas a produzir grandes efeitos, tais como a suspensão de corpos pesados no espaço, a translação aérea e sobretudo as aparições. Os efeitos mais simples são a rotação de um objeto, batidas pelo levantamento desse objeto ou na sua própria substância. Mesmo sem darmos uma importância capital a esses fenômenos, recomendamos não os desprezar, pois eles podem proporcionar a observações interessantes e ajudar à convicção. Porém é de se notar que a capacidade de produzir efeitos materiais raramente existe nos que dispõem de meios de comunicação mais perfeitos, como a escrita e a palavra. Em geral, a faculdade diminui num sentido à medida que ela se desenvolve em outro.

161. Os *médiuns involuntários* ou *naturais* são aqueles cuja influência se exerce sem o conhecimento deles. Eles não têm nenhuma consciência do seu poder e muitas vezes o que se passa de anormal em torno deles não lhes parece de modo algum extraordinário; isso faz parte deles, exatamente como as pessoas dotadas da segunda vista e que nem suspeitam disso. Esses indivíduos são muito dignos de observação e não podemos deixar de coletarmos e estudarmos os fatos desse gênero que possam vir ao nosso conhecimento; eles se manifestam em todas as idades e frequentemente em crianças muito pequenas. (Veja lá atrás, capítulo V, *Manifestações espontâneas*.)

Esta faculdade não é em si mesma o indício de um estado patológico, pois não é incompatível com uma saúde perfeita. Se aquele que a possui está sofrendo, isso é devido a uma causa estranha; sendo assim, os meios terapêuticos são impotentes para fazê-la parar. Em alguns casos, ela pode ser conseqüente de uma debilidade orgânica, porém nunca é uma causa efetiva. Não seria razoável, pois, conceber qualquer preocupação com ela do ponto de vista da saúde; esta faculdade só poderia ser inconveniente se o sujeito,

tornando-se médium facultativo, fizesse dela um uso abusivo, porque então haveria nele uma emissão excessivamente abundante de fluido vital e, conseqüentemente, o enfraquecimento dos órgãos.

162. A razão se revolta à ideia das torturas morais e corporais a que a ciência algumas vezes submetia os seres fracos e delicados para se certificar de que não havia mistificação da parte deles; essas *experimentações* — na maioria das vezes feitas com malvadeza — são sempre nocivas aos organismos sensitivos; isso poderia resultar em graves desordens no organismo; fazer semelhantes experiências é brincar com a vida. O observador de boa-fé não precisa empregar tais meios; aliás, aquele que está familiarizado com esses tipos de fenômenos sabe que eles pertencem mais à ordem moral do que à ordem física, e que seria inútil procurar uma solução para eles nas nossas ciências exatas.

Já que esses fenômenos se ligam à ordem moral, deve-se evitar com um cuidado não menos escrupuloso tudo o que possa superexaltar a imaginação. Conhecemos os acidentes que o medo pode ocasionar e seríamos menos imprudentes se conhecêssemos todos os casos de loucura e de epilepsia que têm sua origem nos contos de lobisomem e de bicho-papão; como seria então se estivéssemos convencidos de que é o *diabo*? Os que apoiam tais ideias não sabem a responsabilidade que assumem: *eles podem matar*. Ora, o perigo não é só para o sujeito, mas também para os que o cercam e que podem ficar aterrorizados com a ideia de que sua casa seja um covil de demônios. Foi esta crença funesta que causou tantos atos de atrocidade nos tempos de ignorância. Com um pouco mais de discernimento, pois, teria sido possível imaginar que ao queimar corpos supostamente possuídos pelo diabo não estariam queimando o próprio diabo. Se queriam se livrar do diabo, era ele quem deveria ser morto. Esclarecendo-nos sobre a verdadeira causa de todos esses fenômenos, a doutrina espírita lhe dá o golpe final. *Portanto, longe de promover esse pensamento, devemos então — e este é um dever de moralidade e de humanidade — combatê-lo onde quer que exista.*

O que é preciso fazer quando uma faculdade semelhante se desenvolve espontaneamente num indivíduo é deixar o fenômeno seguir o seu curso

natural: a natureza é mais prudente do que os homens; além disso, a Providência tem seus desígnios, e o menor pode ser o instrumento dos maiores propósitos. Porém, é preciso convir, esse fenômeno algumas vezes assume proporções fatigantes e importunas para todo mundo;⁵⁵ então, aqui está o que deve ser feito em todos os casos. No capítulo V, *Manifestações físicas espontâneas*, já demos alguns conselhos a este respeito dizendo ser preciso entrar em contato com o Espírito para sabermos dele o que ele quer. O meio seguinte também se funda na observação.

Os Seres invisíveis que revelam sua presença por efeitos sensíveis são geralmente Espíritos de uma ordem inferior e que podem ser dominados pelo ascendente moral; é essa ascendência que devemos procurar adquirir.

Para obter essa superioridade, é preciso que o sujeito passe do estado de *médium natural* ao de *médium facultativo*. Produz-se então o efeito igual ao que acontece no sonambulismo. Sabe-se que o sonambulismo natural cessa geralmente quando é substituído pelo sonambulismo magnético. Não se bloqueia a faculdade emancipadora da alma; dá-se outro curso a ela. É a mesma coisa da faculdade medianímica. Para tanto, ao invés de entravar os fenômenos — coisa que raramente se consegue e que nem sempre deixa de ser um perigo — é preciso encorajar o médium a produzi-los à vontade, impondo-se ao Espírito; dessa forma, ele consegue controlá-lo e, de um dominador às vezes tirânico, faz dele um ser subordinado e por vezes muito dócil. Um fato digno de nota e confirmado pela experiência é que em um caso desse uma criança tem igual e às vezes até mais autoridade do que um adulto: mais uma prova em apoio a este ponto capital da doutrina, que o Espírito só é

⁵⁵ Um dos acontecimentos mais extraordinários dessa natureza, pela variedade e estranheza dos fenômenos, é incontestavelmente o que ocorreu em 1852 no Palatinado (Baviera renana), em Bergzabern, perto de Wissembourg. É tanto mais notável porque reúne num mesmo sujeito quase todos os gêneros de manifestações espontâneas: ruídos a sacudir a casa, reviravoltas nos móveis, objetos atirados ao longe por uma mão invisível, visões e aparições, sonambulismo, êxtase, catalepsia, atração elétrica, gritos e sons aéreos, instrumentos tocando sem contato, comunicações inteligentes etc., e, o que não é de pouca importância, a constatação desses fatos, durante quase dois anos, por inúmeras testemunhas oculares dignas de crédito pelo seu conhecimento e pela sua posição social. O relato autêntico foi publicado naquela época em vários jornais alemães e, em particular, numa brochura hoje esgotada e muito rara. A tradução completa desta brochura encontra-se na *Revista espírita* de 1858, com os comentários e explicações necessárias. Pelo que sabemos, esta é a única publicação francesa que foi feita sobre o caso. Além do notável interesse ligado a estes fenômenos, eles são eminentemente instrutivos do ponto de vista do estudo prático do espiritismo.

infantil pelo corpo, e que ele tem por si mesmo um desenvolvimento necessariamente anterior à sua encarnação atual, desenvolvimento que pode lhe dar ascendente sobre os Espíritos que lhe são inferiores.

A moralização do Espírito pelos conselhos de uma terceira pessoa influente e experiente — se o médium não estiver em condições de fazer isso — é com frequência um meio muito eficaz; voltaremos a tratar disso depois.

163. É a essa categoria de médiuns que parece pertencer as pessoas dotadas de uma certa dose de eletricidade natural, verdadeiros *torpedos humanos*, produzindo pelo simples contato todos os efeitos de atração e repulsão. Mas seria errado considerá-las como *médiuns*, pois a verdadeira mediunidade supõe a intervenção direta de um Espírito; ora, no caso de que falamos, experiências concludentes têm provado que a eletricidade é o único agente desses fenômenos. Esta estranha faculdade — que quase se poderia chamar uma enfermidade — pode às vezes se aliar à mediunidade, como podemos verificar na história do *Espírito batedor de Bergzabern*; porém, muitas das vezes ela é completamente independente. Assim como temos dito, a única prova da intervenção dos Espíritos é a característica inteligente das manifestações; todas as vezes que não houver esta característica, é uma razão para lhes atribuir a uma causa puramente física. A questão é saber se as *pessoas elétricas* teriam uma aptidão maior para se tornarem *médiuns de efeitos físicos*; cremos que sim, mas isso será um resultado da experiência.

2. Médiuns sensitivos, ou impressionáveis

164. Designa-se assim as pessoas capazes de sentir a presença dos Espíritos por uma vaga impressão, uma sensação de toque em todos os membros, o que elas não conseguem explicar. Esta variedade não tem uma característica bem definida; todos os médiuns são necessariamente impressionáveis, e essa impressionabilidade é então mais uma qualidade geral do que específica: é a faculdade rudimentar indispensável ao desenvolvimento de todas as outras; ela difere da impressionabilidade puramente física e nervosa, com a qual não se pode confundir, pois há pessoas que não têm nervos delicados e que

sentem mais ou menos o efeito da presença dos Espíritos, do mesmo modo que outras muito irritáveis absolutamente não os pressentem.

Esta faculdade se desenvolve pelo hábito e pode adquirir sutileza tal que aquele que é dela dotado, pela impressão que sente, reconhece não só a natureza boa ou má do Espírito que está ao seu lado, mas também sua individualidade, como o cego reconhece, por um certo não sei o que, a aproximação dessa ou daquela pessoa; ele se torna um verdadeiro sensitivo com relação aos Espíritos. Um bom Espírito sempre causa uma impressão suave e agradável; a de um mau Espírito, ao contrário, é penosa, angustiosa e desagradável; há como que um odor de impureza.

3. Médiuns audientes

165. Estes escutam a voz dos Espíritos; como dissemos ao falar da pneumatofonia, às vezes é uma voz interior que se faz ouvir no foro íntimo; doutras vezes é uma voz exterior, clara e distinta igual a de uma pessoa viva. Os médiuns audientes podem então conversar com os Espíritos. Quando têm o hábito de se comunicar com determinados Espíritos, eles os reconhecem imediatamente pela característica da voz. Quem não for dotado desta faculdade também pode comunicar com um Espírito através de um médium audiente que cumpra a função de intérprete.

Esta habilidade é muito agradável quando o médium só escuta Espíritos bons, ou unicamente aqueles por quem ele chama; entretanto, não é o mesmo caso quando um Espírito mau teima em lhe seguir e o faz ouvir a todo minuto as coisas mais desagradáveis, e por vezes as mais inconvenientes. Ele deve então procurar se livrar desses Espíritos pelos meios que indicaremos no capítulo da *Obsessão*.

4. Médiuns falantes

166. Os médiuns audientes que não fazem além do que transmitir aquilo que escutam não são exatamente *médiuns falantes*; estes últimos, na maioria das

vezes, não ouvem nada; neles, o Espírito age sobre os órgãos da palavra como age sobre a mão dos médiuns escreventes. Quando quer se comunicar, o Espírito se serve do órgão que acha mais flexível no médium; em um ele toma da mão, no outro ele toma a palavra e num terceiro o ouvido. O médium falante geralmente se expressa sem ter consciência do que diz, e muitas vezes ele diz coisas completamente fora de suas ideias habituais, dos seus conhecimentos e até mesmo fora do alcance de sua inteligência. Embora esteja perfeitamente acordado e num estado normal, ele raramente guarda a lembrança do que disse. Resumindo, nele a fala é um instrumento de que o Espírito se serve e com o qual uma pessoa exterior pode entrar em comunicação, como o faria através de um médium audiente.

Porém, nem sempre a passividade do médium falante é completa; há alguns que têm a intuição do que dizem no mesmo momento em que pronunciam as palavras. Nós voltaremos a esta variedade quando tratarmos dos médiuns intuitivos.

5. Médiuns videntes

167. Os médiuns videntes são dotados da capacidade de ver os Espíritos. Alguns dispõem dessa faculdade no estado normal, quando estão perfeitamente acordados, e conservam uma lembrança exata disso; outros só a dispõem num estado sonambúlico ou próximo do sonambulismo. Esta disposição raramente é permanente; quase sempre ela é o efeito de um transe momentâneo e breve. Podemos colocar na categoria dos médiuns videntes todas as pessoas dotadas da segunda vista. A possibilidade de ver os Espíritos em sonho sem dúvidas resulta de uma espécie de mediunidade, mas, propriamente falando, não constitui os médiuns videntes. Explicamos esse fenômeno no capítulo VI, das *Manifestações visuais*.

O médium vidente crê enxergar com os olhos, como aqueles que têm a dupla vista; mas na realidade é a alma que vê e esta é a razão pela qual eles veem tão bem com os olhos fechados quanto com os olhos abertos; daí se conclui que um cego pode ver os Espíritos, igual a quem tem a vista intacta.

Sobre este último ponto, haveria um estudo interessante a fazer, que seria o de saber se essa faculdade é mais frequente nos cegos. Alguns Espíritos que foram cegos nos disseram que, quando vivos, eles tinham, pela alma, a percepção de certos objetos, e que não estavam imersos na escuridão **total**.

168. Cabe-nos distinguir as aparições acidentais e espontâneas da capacidade propriamente dita de ver os Espíritos. As primeiras são frequentes, sobretudo no momento da morte de pessoas amadas ou conhecidas, e que vêm informar que já não são deste mundo. Há numerosos exemplos de fatos desse gênero, sem falar das visões durante o sono. Doutras vezes, também são parentes ou amigos que, mesmo mortos há mais ou menos tempo, aparecem para advertir sobre um perigo, para dar um conselho ou para pedir um favor. O favor que um Espírito pode solicitar geralmente consiste no cumprimento de uma coisa que ele não pôde fazer quando estava vivo, ou consiste no auxílio das preces. Essas aparições são fatos isolados que sempre têm um caráter individual e pessoal, e não constitui uma faculdade propriamente dita. A faculdade consiste na possibilidade, senão permanente, pelo menos muito frequente de enxergar qualquer Espírito que apareça, mesmo aquele que nos seja o mais estranho. É esta capacidade que constitui propriamente os médiuns videntes.

Entre os médiuns videntes, há alguns que só veem os Espíritos evocados e dos quais podem fazer a descrição com uma minuciosa exatidão; descrevem nos mínimos detalhes os gestos, a expressão da fisionomia, os traços do rosto, a roupa e até os sentimentos de que eles parecem animados. Há outros em quem essa faculdade é ainda mais ampla: eles veem toda a população espírita ambiente indo e vindo, e — poderíamos dizer — cuidando de seus afazeres.

169. Certa noite nós assistimos à representação da ópera ***Oberon***⁵⁶ com um médium vidente muito bom. Havia na sala um grande número de lugares vazios, mas muitos dos quais estavam ocupados por Espíritos que pareciam fazer parte do espetáculo; alguns iam para junto de certos espectadores e pareciam escutar a conversa deles. No palco se passava outra cena: atrás dos

⁵⁶ *Oberon*, ópera romântica em três atos do compositor alemão Carl Maria von Weber para um libreto de James Robinson Planché, inspirado no poema de Christoph Martin Wieland. Sua estreia ocorreu no Covent Garden, Londres em 12 de abril de 1826. — N. T.

atores vários Espíritos de humor jovial se divertiam ao contracenar com eles, imitando os gestos de uma maneira grotesca; outros, mais sérios, pareciam inspirar os cantores e fazer esforços por lhes dar energia. Um deles ficou constantemente perto de uma das principais cantoras; achamos que suas intenções eram um tanto frívolas e então nós o evocamos após as cortinas baixarem; ele veio até nós e com certa severidade repreendeu nosso julgamento precipitado: Não sou o que vocês pensam — disse ele —; eu sou o guia e o Espírito protetor dela; sou eu que está encarregado de dirigi-la. Depois de alguns minutos de um discurso muito sério, ele nos deixou dizendo: Adeus; ela está em seu camarim; é preciso que eu vá velar por ela. Em seguida, evocamos o Espírito Weber — o autor da ópera — e lhe perguntamos o que ele pensava da execução da sua obra. “Não tão ruim; porém, fraca; os atores cantam, e é só; não há inspiração.” Acrescentou ele: “Espere, vou tentar lhes dar um pouco de fogo sagrado.” Então nós o vimos no palco, pairando acima dos atores; um eflúvio parecia partir dele e se derramava sobre os atores; nesse momento, houve neles um notável recrudescimento de energia.

170. Eis aqui outro fato que prova a influência que os Espíritos exercem sobre os homens, ocultamente: como naquela noite, estávamos numa representação teatral com outro médium vidente. Travando conversação com um ***Espírito espectador***, este nos disse: Vejam bem aquelas duas damas sós, naquele camarote das primeiras filas; pois bem, estou me esforçando para fazê-las deixar a sala. Dito isso, viu-se o Espírito ir se colocar no referido camarote e falar às duas damas; subitamente, elas, que estavam muito atentas ao espetáculo, se entreolharam, parecendo discutir entre si, e depois se vão e não mais voltaram. O Espírito nos fez então um gesto cômico para mostrar que tinha cumprido a palavra; mas nós não o tornamos a ver para lhe pedir explicações mais amplas. É assim que muitas vezes fomos testemunhas do papel que os Espíritos desempenham entre os vivos; nós os observamos em diversos lugares de reunião, em bailes, concertos, sermões, funerais, casamentos etc., e por toda parte os encontramos atijando as más paixões, insuflando a discórdia, incitando rixas e se rejubilando com suas proezas; outros, ao contrário, combatiam essa influência perniciosa, porém raramente

eles eram levados em conta.

171. Sem dúvida, a faculdade de ver os Espíritos pode ser desenvolvida, mas essa é uma daquelas cujo desenvolvimento natural convém esperar sem provocá-la, se ninguém quiser se expor a ser um joguete da própria imaginação. Quando o germe de uma faculdade já existe, ela se manifesta por si mesma; em princípio, devemos nos contentar com as que Deus nos concedeu, sem procurarmos o impossível; por isso, querendo ter demais, corremos o risco de perder o que já temos.

Quando dissemos que os casos de aparições espontâneas são frequentes (item 107), não quisemos dizer que eles sejam muito comuns. Quanto aos médiuns videntes propriamente ditos, eles são mais raros ainda, e há muito o que desconfiar dos que afirmam gozar dessa faculdade; é prudente não lhes dar crédito, a não ser diante de provas concretas. Não estamos nem falando dos que se prestam à ridícula ilusão dos Espíritos glóbulos, que descrevemos no item 108, mas apenas dos que dizem ver os Espíritos de uma maneira racional. Algumas pessoas indubitavelmente podem se enganar de boa-fé, mas outras podem também simular esta faculdade por orgulho ou por interesse. Neste caso, é preciso particularmente levar em conta o caráter, a moralidade e a sinceridade habituais; porém, é sobretudo nas circunstâncias do detalhe que podemos encontrar a prova mais certa, pois há alguns que não podem deixar dúvidas, como por exemplo a exatidão da descrição dos Espíritos que o médium jamais conheceu quando eles estavam vivos. O fato seguinte faz parte dessa categoria:

Uma senhora viúva, cujo marido se comunica frequentemente com ela, estava certa vez na companhia de um médium vidente que não a conhecia, e nem conhecia a família dela; o médium lhe disse: — Vejo um Espírito perto da senhora. — Ah! Com certeza é o meu marido que quase nunca me deixa — respondeu ela. O médium retrucou: — Não, é uma mulher de certa idade; ela está penteada de um modo diferente; tem uma faixa branca na testa.

Por esta particularidade e por outros detalhes descritos, a senhora reconheceu a sua avó, sem sombra de dúvidas, e em quem ela nem pensava naquele momento. Se o médium quisesse simular a faculdade, seria fácil para

ele pender para o pensamento da dama, ao passo que no lugar do marido, com quem ela estava preocupada, ele viu uma mulher com uma peculiaridade no penteado da qual ele podia fazer nenhuma ideia. Este fato prova outra coisa: que a vidência no médium não era reflexo de qualquer pensamento externo. (Veja o item 102.)

6. Médiuns sonambúlicos

172. O sonambulismo pode ser considerado uma variedade da faculdade medianímica, ou para dizer melhor, existem duas ordens de fenômenos que frequentemente se encontram reunidas. O sonâmbulo age sob a influência do seu próprio Espírito; é sua alma que nos momentos de emancipação vê, ouve e percebe além dos limites dos sentidos; o que ele expressa ele tira de si mesmo; em geral, suas ideias são mais justas do que no estado normal, seus conhecimentos mais abrangentes, já que sua alma está livre. Numa palavra, ele vive por antecipação a vida dos Espíritos. O médium, ao contrário, é o instrumento de uma inteligência exterior; é passivo, e o que diz não vem de si. Em resumo, o sonâmbulo exprime o seu próprio pensamento e o médium exprime o pensamento de outrem. Mas o Espírito que se comunica com um médium comum também pode fazer o mesmo com um sonâmbulo; muitas vezes, durante o sonambulismo, até mesmo o estado de emancipação da alma torna essa comunicação mais fácil. Muitos sonâmbulos enxergam os Espíritos perfeitamente e os descrevem com tanta precisão quanto os médiuns videntes; podem conversar com eles e nos transmitir seus pensamentos; com frequência, o que eles dizem além do limite de seus conhecimentos pessoais lhes é sugerido por outros Espíritos. Aqui está um exemplo notável, em que a dupla ação do Espírito do sonâmbulo e de outro Espírito se revela da maneira mais inequívoca:

173. Um de nossos amigos tinha um jovem rapaz sonâmbulo de 14 a 15 anos, de uma inteligência bem comum e de uma instrução extremamente limitada. Entretanto, em sonambulismo, ele deu provas de uma lucidez extraordinária e

de uma grande perspicácia. Excelia sobretudo no tratamento de enfermidades e operou um grande número de curas consideradas impossíveis. Certo dia, ele atendia a uma consulta de um doente cujo mal ele descreveu com uma perfeita exatidão. Disseram a ele: — Isso não é tudo, agora trate de indicar o remédio. Ele respondeu: — Não posso, **meu anjo doutor não está aqui**. — A quem você chama de anjo doutor? — Aquele que me dita os remédios. — Então não é você que vê os remédios? — Oh, não; por isso é que eu lhe digo que é o meu anjo doutor quem os prescreve.

Assim, nesse sonâmbulo, a ação de **ver** a doença era feita pelo seu próprio Espírito, que para isso não precisava de nenhuma assistência; mas a indicação dos remédios lhe era dada por outro; como este outro Espírito não estava presente, ele não podia dizer nada. Sozinho, ele não era mais do que um **sonâmbulo**; assistido por aquele a quem chamava seu anjo doutor, ele era **sonâmbulo-médium**.

174. A lucidez sonambúlica é uma capacidade relacionada ao organismo e que é totalmente independente da elevação, do adiantamento e até mesmo do estado moral do sujeito. Logo, um sonâmbulo pode ser muito lúcido e ser incapaz de resolver certas questões se seu Espírito for pouco adiantado. Portanto, aquele que fala por si próprio pode dizer coisas boas ou más, exatas ou falsas, demonstrar mais ou menos delicadeza e escrúpulo nos seus procedimentos, conforme o grau de elevação ou de inferioridade do seu próprio Espírito; então é aí que a assistência de outro Espírito pode suprir a sua insuficiência. Mas um sonâmbulo pode ser ajudado por um Espírito mentiroso, leviano ou mesmo mau — assim como os médiuns; é aqui principalmente que as qualidades morais têm uma grande influência para atrair os bons Espíritos. (Veja **O Livro dos Espíritos**, *Sonambulismo*, questão 425, e neste livro, o capítulo sobre a *Influência moral do médium*).

7. Médiuns curadores

175. Não falaremos aqui desta variedade de médiuns senão para deixar registrado, porque esse assunto exigiria desenvolvimentos extensos demais

para a estrutura desta nossa obra; além do mais, sabemos que um médico amigo nosso se propõe a tratar disso numa obra especial sobre a medicina intuitiva. Diremos unicamente que este gênero de mediunidade consiste principalmente no dom que certas pessoas possuem de curar pelo simples toque, pelo olhar ou até por um gesto, sem o auxílio de nenhuma medicação. Dirão certamente que isso não é outra coisa a não ser magnetismo. É evidente que o fluido magnético desempenha aqui um importante papel; porém, quando se examina esse fenômeno com cuidado, reconhece-se sem dificuldade que há algo a mais. A magnetização comum é um verdadeiro tratamento consecutivo, regular e metódico; mas aqui as coisas se passam de modo todo diferente. Todos os magnetizadores são mais ou menos aptos a curar, se eles souberem se encarregar disso convenientemente, ao passo que nos médiuns curadores a faculdade é espontânea, e alguns até a possuem sem jamais terem ouvido falar de magnetismo. A intervenção de uma potência oculta — o que constitui a mediunidade — torna-se evidente em certas circunstâncias, sobretudo quando consideramos que a maioria das pessoas que realmente podem ser qualificadas de médiuns curadores recorre à prece, que é uma verdadeira evocação. (Veja, lá atrás, o item 131.)

176. Eis aqui as respostas que nos foram dadas, sobre este assunto, para as seguintes perguntas endereçadas aos Espíritos:

1) Podemos considerar que as pessoas dotadas da força magnética formam uma variedade de médiuns?

“Não tenham a menor dúvida disso.”

2) No entanto, o médium é um intermediário entre os Espíritos e o homem; ora, o magnetizador, tirando sua força de si mesmo, não parece ser o intermediário de nenhuma potência exterior.

“Isso é um erro; a força magnética certamente reside no homem, mas ela é aumentada pela ação dos Espíritos que ele chama em seu auxílio. Se magnetiza com o propósito de curar, por exemplo, e então evoca um bom Espírito que se interessa por ti e pelo teu paciente, ele aumenta a tua força e a tua vontade, e dirige o teu fluido e lhe dá as qualidades necessárias.”

3) Mas, não existem bons magnetizadores que não creem nos Espíritos?

“Você pensa então que os Espíritos só agem sobre os que creem neles? Os que magnetizam para o bem são auxiliados por bons Espíritos. Todo homem que tem o desejo do bem os atrai sem perceber; do mesmo modo, pelo desejo do mal e pelas más intenções, ele atrai os maus Espíritos.”

4) Será que, tendo a força magnética, quem acreditasse na intervenção dos Espíritos agiria mais eficazmente?

“Ele faria coisas que vocês considerariam como milagres.”

5) Certas pessoas realmente possuem o dom de curar pelo simples toque, sem aplicar passes magnéticos?

“Seguramente; vocês não têm inúmeros exemplos disso?”

6) Nesse caso, há uma ação magnética ou só a influência dos Espíritos?

“As duas coisas. Estas pessoas são verdadeiros médiuns, porque agem sob a influência dos Espíritos; mais isso não quer dizer que elas sejam médiuns escreventes,⁵⁷ conforme o entendem.”

7) Esse poder pode ser transmitido?

“O poder não, mas sim o conhecimento das coisas necessárias para exercê-lo, se a pessoa o tiver. Tal pessoa não suspeitaria que tem esse poder se não acreditasse que ele lhe foi transmitido.”

8) Pode-se obter curas somente através da prece?

“Sim, algumas vezes, quando Deus permite; mas pode ser que o melhor para o doente seja continuar a sofrer, e aí vocês pensam que a vossa prece não foi ouvida.”

9) Para isso, há fórmulas de prece mais eficazes do que outras?

“Só a superstição pode atribuir alguma virtude a certas palavras, e apenas os Espíritos ignorantes ou mentirosos podem alimentar tais ideias, prescrevendo fórmulas. Todavia, pode acontecer que, para pessoas pouco esclarecidas e incapazes de compreender as coisas puramente espirituais, o

⁵⁷ Traduzimos “médiuns escreventes” conforme o original (*médiuns écrivains*), mas, pelo contexto, muito provavelmente a intenção era a de que o texto se referisse a “médiuns curadores”. — N. T.

uso de uma determinada fórmula contribua para lhes dar confiança; neste caso, não é a fórmula que é eficácia, mas a fé que é aumentada pela ideia associada ao emprego da fórmula.”

8. Médiuns pneumatógrafos

177. Dá-se este nome aos médiuns aptos a obter a escrita direta, o que não é dado a todos os médiuns escreventes. Até o presente momento, essa faculdade é bastante rara; ela se desenvolve provavelmente pelo exercício, mas, como dissemos, sua utilidade prática se limita a uma constatação patente da intervenção de uma força oculta nas manifestações. Só a experiência pode mostrar se pessoa a possui; pode-se então experimentar, como também, a respeito disso, perguntar a um Espírito protetor, por outros meios de comunicação. Conforme seja maior ou menor o poder do médium, obtêm-se simples traços, sinais, letras, palavras, frases e até páginas inteiras. Basta normalmente colocar uma folha de papel dobrada num lugar qualquer ou indicado pelo Espírito, durante dez ou quinze minutos, às vezes mais. A prece e o recolhimento são condições essenciais; é por isso que podemos considerar impossível se obter alguma coisa numa reunião de pessoas pouco sérias ou não animadas de sentimentos simpáticos e benevolentes. (Veja a teoria da escrita direta, capítulo VIII, *Laboratório do mundo invisível*, item 127 e seguintes, e capítulo XII, *Pneumatografia*).

Trataremos de uma maneira especial dos médiuns escreventes nos capítulos adiantes.

CAPÍTULO XV

MÉDIUNS ESCRIVENTES OU PSICÓGRAFOS

Médiuns mecânicos; intuitivos; semimecânicos; inspirados ou involuntários; de pressentimentos.

178. De todos os meios de comunicação, a escrita manual é a mais simples, a mais cômoda e sobretudo a mais completa. É para ela que devemos dedicar todos os esforços, pois ela permite estabelecer com os Espíritos relações tão consecutivas e tão regulares quanto as que existem entre nós. Devemos nos apegar a ela ainda mais porque é dessa forma que os Espíritos revelam melhor sua natureza e seu grau de perfeição ou inferioridade. Pela facilidade que eles têm de se exprimir, eles nos revelam seus pensamentos mais íntimos e assim nos permitem julgar e apreciar o seu valor. A faculdade de escrever, para o médium, é também a mais possível de ser desenvolvida pelo exercício.

Médiuns mecânicos

179. Se examinarmos certos efeitos que se produzem nos movimentos da mesa, da cesta, ou da prancheta que escreve, então não poderemos duvidar de uma ação exercida diretamente pelo Espírito sobre esses objetos. A cesta se agita às vezes com tanta violência que ela escapa das mãos do médium; algumas vezes ela até se dirige a certas pessoas da reunião para bater nelas; em outras ocasiões, seus movimentos demonstram um sentimento afetuoso. A

mesma acontece quando o lápis está na mão do médium; com frequência é atirado longe com força, ou então a própria mão, assim como a cesta, agita-se convulsivamente e bate na mesa com raiva, mesmo quando o médium está na maior calma, e fica admirado de não ser senhor de si. Digamos, de passagem, que esses efeitos denotam sempre a presença de Espíritos imperfeitos; os Espíritos realmente superiores são constantemente calmos, dignos e benévolos; se não são escutados convenientemente, eles se retiram, e outros tomam o lugar deles. Portanto, o Espírito pode expor suas ideias diretamente, seja pelo movimento de um objeto para o que a mão do médium não passa de apoio, seja pela sua ação sobre a própria mão do médium.

Quando o Espírito aciona diretamente a mão, ele dá a esta mão uma impulsão completamente independente da vontade do médium. Ela se move sem interrupção e sem interferência do médium, enquanto o Espírito tenha alguma coisa a dizer, e então para, quando ele termina.

Nessa circunstância, o que caracteriza o fenômeno é que o médium não tem a menor consciência do que escreve; a inconsciência absoluta nesse caso constitui o que chamamos de *médiuns passivos* ou *mecânicos*. Esta faculdade é preciosa por não deixar nenhuma dúvida sobre a independência do pensamento daquele que escreve.

Médiuns intuitivos

180. A transmissão do pensamento também se efetua através do Espírito do médium, ou melhor, da sua alma, porque designamos por esse nome o Espírito encarnado. Neste caso, o outro Espírito não atua sobre a mão para fazê-la escrever; ele não a toma e nem a guia, mas atua sobre a alma com a qual ele se identifica. A alma, sob essa impulsão, dirige a mão e esta mão dirige o lápis. Notemos aqui uma coisa importante a saber: é que o outro Espírito não substitui a alma, pois ele não pode deslocá-la: ela a domina, independentemente da vontade dela, e lhe imprime a sua vontade. Nessa circunstância, o papel da alma não é absolutamente passivo; é ela que recebe o pensamento do outro Espírito e o transmite. Em tal situação, o médium tem

consciência do que escreve, embora não seja o seu próprio pensamento; isso é o que chamamos *médium intuitivo*.

Mas, se assim for, irão dizer que nada prova que seja mesmo um Espírito exterior quem escreve e não o do médium. De fato, a distinção às vezes é bastante difícil de ser feita, mas pode ser que isso tenha pouca importância. Todavia, podemos reconhecer o pensamento sugerido em virtude de ele nunca ser preconcebido; ele surge à medida que se escreve, e muitas vezes é contrário à ideia anteriormente formulada; inclusive ele pode estar fora dos conhecimentos e das capacidades do médium.

O papel do médium mecânico é o de uma máquina; o médium intuitivo procede como faria um intermediário, ou um intérprete. Este, para transmitir o pensamento, deve compreendê-lo, apropriar-se dele de alguma forma, para então o traduzir fielmente, e, no entanto, esse pensamento não é seu: ele só passa pelo seu cérebro. Este é exatamente o papel do médium intuitivo.

Médiuns semimecânicos

181. No médium puramente mecânico, o movimento da mão é independente da vontade; no médium intuitivo, o movimento é voluntário e facultativo. O médium semimecânico participa dos dois casos; ele sente uma impulsão dada à sua mão, fora de sua vontade, mas ao mesmo tempo ele tem consciência daquilo que escreve à medida que as palavras se formam. No primeiro, o pensamento vem depois do ato da escrita; no segundo, ele o precede; no terceiro, ele o acompanha. Estes últimos médiuns são os mais numerosos.

Médiuns inspirados

182. Toda pessoa que recebe pelo pensamento comunicações exteriores às suas ideias preconcebidas — seja no estado normal, seja em estado de êxtase — pode ser colocada na categoria dos médiuns inspirados; esta é, como podemos ver, uma variedade da mediunidade intuitiva, com a diferença de

que a intervenção de uma força oculta aqui é bem menos sensível, pois, no médium inspirado, é ainda mais difícil distinguir o próprio pensamento daquele que é sugerido. O que caracteriza este último é principalmente a espontaneidade. A inspiração nos vem dos Espíritos que nos influenciam para o bem ou para o mal, porém ela é mais obra daqueles que querem o nosso bem, e cujos conselhos quase sempre cometemos o erro de não seguir; essa inspiração se aplica a todas as circunstâncias da vida em que devemos tomar decisões. A respeito disso, podemos dizer que todo mundo é médium, pois não há ninguém que não tenha seus Espíritos protetores e familiares que façam todos os esforços para sugerir ideias proveitosas aos seus protegidos. Se estivéssemos bem compenetrados desta verdade, nós recorreríamos com mais frequência à inspiração do nosso anjo guardião nos momentos em que não sabemos o que dizer ou fazer. Então, que o invoquemos com **fervor** e **confiança** em caso de necessidade, e muito frequentemente ficaremos admirados com as ideias que surgirão como que por encantamento — seja porque temos uma decisão a tomar, seja porque temos alguma coisa a realizar. Se nenhuma ideia vier, é porque é preciso esperar. A prova de que a ideia que surge é de fato um pensamento externo ao nosso é que, se ela fosse nossa, nós a teríamos a qualquer momento e não haveria razão para que ela não se manifestasse à vontade. Quem não é cego não precisa mais do que abrir os olhos para ver quando quiser; do mesmo modo, aquele que tem ideias próprias, sempre as tem à disposição; se elas não lhes vêm quando ele bem queira, é que ele é obrigado a ir buscá-las em algum lugar que não seja no seu íntimo.

Podemos ainda incluir nesta classe as pessoas que, sem serem dotadas de uma inteligência fora do comum e sem saírem do estado normal, têm flashes de uma lucidez intelectual que lhes dá momentaneamente uma incomum facilidade de concepção e de elocução, e em certos casos o pressentimento de coisas futuras. Nesses momentos que justamente chamamos de inspiração, as ideias transbordam, sucedem-se e se encadeiam por assim dizer por si mesmas e por uma impulsão involuntária e quase febril; parece que uma inteligência superior vem nos ajudar e que o nosso espírito está desembaraçado de um fardo.

183. Os homens geniais de todas as espécies (artistas, sábios, literatos etc.) sem dúvida são Espíritos avançados, capazes por eles mesmos de compreender e de conceber grandes coisas; ora, é precisamente porque eles são considerados capazes que os Espíritos que querem o cumprimento de certos trabalhos lhes sugerem as ideias necessárias, e é assim que na maioria das vezes eles são *médiuns sem saberem disso*. No entanto, eles têm uma vaga intuição de uma assistência externa, pois quem apela à inspiração não faz outra coisa senão uma evocação; se ele não esperasse ser atendido, não exclamaria tão frequentemente: Meu bom gênio, venha em meu auxílio!

As respostas seguintes confirmam esta asserção:

— Qual é a causa originária da inspiração?

“O Espírito que se comunica pelo pensamento.”

— A inspiração tem por objeto somente a revelação das grandes coisas?

“Não, muitas vezes ela está relacionada com as circunstâncias mais comuns da vida. Por exemplo, você quer ir a algum lugar: uma voz secreta te diz que não vá porque haveria perigo para ti; ou então ela te diz para fazer uma coisa na qual você não pensava: isso é inspiração. Há poucas pessoas que não tenham sido mais ou menos inspiradas em determinados momentos.”

— Por exemplo, um autor, um pintor ou um músico, nos momentos de inspiração, poderiam ser considerados médiuns?

“Sim, porque nesses momentos a alma deles fica mais livre e como que desprendida da matéria; ela recobra uma parte das suas faculdades de Espírito e recebe mais facilmente as comunicações dos outros Espíritos que a inspiram.”

Médiuns de pressentimentos

184. O pressentimento é uma intuição vaga das coisas futuras. Algumas pessoas têm essa capacidade mais ou menos desenvolvida; elas podem ser devido a uma espécie de dupla vista, que lhes permite entrever as

consequências das coisas atuais e a correlação dos acontecimentos; mas muitas vezes também é fruto de comunicações ocultas, e é neste caso sobretudo que podemos dar àqueles que são dotados desta faculdade o nome de *médiuns de pressentimentos*, que são uma variedade dos *médiuns inspirados*.

CAPÍTULO XVI

MÉDIUNS ESPECIAIS

Aptidões especiais dos médiuns – Quadro resumido dos diferentes tipos de médiuns

185. Além das categorias de médiuns que acabamos de enumerar, a mediunidade apresenta uma variedade infinita de nuances que constituem o que chamamos de médiuns especiais, e que dizem respeito a aptidões particulares ainda não definidas, abstração feita das qualidades e dos conhecimentos do Espírito que se manifesta.

A natureza das comunicações é sempre relativa à natureza do Espírito e traz a marca de sua elevação ou de sua inferioridade, de seu saber ou de sua ignorância; mas com igual mérito, do ponto de vista hierárquico, há nele incontestavelmente uma propensão a se ocupar mais com uma coisa do que com outra; os Espíritos batedores, por exemplo, dificilmente saem das manifestações físicas, e entre aqueles que dão comunicações inteligentes há Espíritos poetas, músicos, desenhistas, moralistas, sábios, médicos etc. Falamos dos Espíritos de uma ordem mediana, porque, quando eles chegam a um determinado estágio, as aptidões se misturam na unidade da perfeição. Porém, ao lado da aptidão do Espírito há a do médium, que é para ele um instrumento mais ou menos cômodo, mais ou menos flexível, e no qual ele descobre qualidades particulares que nós não podemos apreciar.

Façamos uma comparação: um músico muito hábil dispõe em suas mãos de vários violinos que, para alguém comum, seriam todos bons instrumentos, mas entre os quais um artista consagrado faria uma grande diferença, e notaria neles nuances de uma extrema delicadeza que o levariam a escolher

uns e rejeitar outros, nuances que ele percebe por intuição antes que ele as pudesse definir. É a mesma coisa a respeito dos médiuns: havendo igualdade na força medianímica, o Espírito dará preferência a um ou a outro conforme o gênero da comunicação que queira transmitir. Assim, por exemplo, vemos pessoas que como médiuns escrevem admiráveis poesias, enquanto em condições normais elas jamais puderam ou souberam fazer dois versos; há outros, ao contrário, que são poetas e que como médiuns nunca puderam escrever a não ser prosas, malgrado o desejo delas. É o mesmo caso do desenho, da música etc. há alguns que, sem terem em si mesmos conhecimentos científicos, possuem uma aptidão mais específica para receber comunicações eruditas; outros para os estudos históricos; outros servem mais facilmente de intérpretes para os Espíritos moralistas; numa palavra, qualquer que seja a flexibilidade do médium, as comunicações que ele recebe com mais facilidade geralmente tem um cunho especial; existem até alguns que não saem de um certo círculo de ideias e quando se afastam delas eles só conseguem comunicações incompletas, curtas e às vezes incorretas. Além das causas de aptidão, os Espíritos também se comunicam mais ou menos preferentemente por este ou aquele intermediário, segundo a sua simpatia. Assim, sendo todas as coisas iguais, o mesmo Espírito será muito mais explícito com certos médiuns unicamente porque estes lhe convêm melhor.

186. Estaria em erro, portanto, aquele que — só porque tem ao seu alcance um bom médium e porque este tivesse a maior facilidade para escrever — quisesse obter através deste médium boas comunicações de todos os gêneros. A primeira condição é, sem dúvidas, assegurar-se da fonte donde elas emanam, quer dizer, das qualidades do Espírito que as transmite; porém, não menos necessário é ter em vista as qualidades do instrumento fornecido ao Espírito; é preciso então estudar a natureza do médium como se estuda a natureza do Espírito, pois são esses os dois fatores essenciais para se obter um resultado satisfatório. Há um terceiro fator, que desempenha um papel igualmente importante: é a intenção, o pensamento íntimo, o sentimento mais ou menos louvável daquele que interroga; e isso é compreensível: ***para que uma comunicação seja boa, ela deve emanar de um Espírito bom; para***

que esse bom Espírito POSSA transmiti-la, ele carece de um bom instrumento; para que ele a QUEIRA transmitir, é necessário que o objetivo lhe convenha. O Espírito — que pode ler o pensamento — julga se a questão que lhe foi proposta merece uma resposta séria, e se a pessoa que lhe dirige essa questão é digna de receber a resposta; em caso contrário, ele não perde seu tempo em lançar boas sementes sobre pedras, e é aí que os Espíritos levianos e zombeteiros aproveitam, porque, pouco se importando com a verdade, eles não a levam em consideração e são geralmente pouco escrupulosos quanto aos fins e quanto aos meios.

Vamos resumir aqui as principais variedades de mediunidade, a fim de apresentar, de alguma forma, o seu quadro resumido, contendo as que já descrevemos nos capítulos precedentes, indicando o número dos itens em que elas foram tratadas com mais detalhes.

Agrupamos as diferentes categorias de médiuns por analogia de causas e efeitos, sem que esta classificação tenha nada de absoluto. Algumas são encontradas frequentemente; outras, ao contrário, são raras e até mesmo excepcionais, o que tivemos o cuidado de indicar. Estas últimas indicações foram todas fornecidas pelos Espíritos que, aliás, revisaram esse quadro com um cuidado todo especial e o completaram com numerosas observações e novas categorias, de tal sorte que, por assim dizer, é uma obra inteiramente deles. Indicamos suas observações textuais com aspas quando achamos que deveríamos destacá-las. Elas são, na sua maioria, de *Erasto* e de *Sócrates*.

187. Podemos dividir os médiuns em duas grandes categorias:

- **MÉDIUNS DE EFEITOS FÍSICOS:** aqueles que têm o poder de provocar efeitos materiais ou manifestações ostensivas. (Item 160.)
- **MÉDIUNS DE EFEITOS INTELECTUAIS:** os que são mais especialmente dedicados a receber e a transmitir comunicações inteligentes. (Item 65 e seguintes.)

Todas as outras variedades se relacionam mais ou menos diretamente com uma ou outra dessas duas categorias; algumas têm relações com ambas. Se analisarmos os diferentes fenômenos produzidos sob a influência

medianímica, veremos que há em todos eles um efeito físico e que aos efeitos físicos quase sempre se junta um efeito inteligente. Muitas vezes é difícil estabelecer o limite entre os dois, mas isso não leva a nenhuma consequência. Nós chamamos pela denominação de **médiuns de efeitos intelectuais** aqueles que mais especialmente podem servir de intermediários para as comunicações regulares e contínuas. (Item 133.)

188. Variedades comuns a todos os gêneros de mediunidade.

Médiuns sensitivos: pessoas suscetíveis de sentir a presença dos Espíritos por uma impressão geral ou local, vaga ou material. A maioria dessas pessoas distingue os Espíritos bons dos maus pela natureza da impressão. (Item 164.)

“Os médiuns delicados e bastante sensitivos devem se abster das comunicações dos Espíritos violentos ou cuja impressão é penosa, devido à fadiga que daí resulta.”

Médiuns naturais ou **inconscientes:** os que produzem os fenômenos espontaneamente, sem nenhuma participação da própria vontade e, as mais das vezes, sem conhecimento disso. (Item 161.)

Médiuns facultativos ou **voluntários:** os que têm a capacidade de provocar os fenômenos por um ato de sua própria vontade. (Item 160.)

“Qualquer que seja essa vontade, eles nada podem se os Espíritos se recusam a se manifestar, o que prova a intervenção de uma força externa.”

189. Variedades especiais para efeitos físicos

Médiuns tiptólogos: aqueles sob cuja influência se produzem ruídos e batidas. Variedade bem comum, com ou sem intenção.

Médiuns motores: os que produzem o movimento dos corpos inertes. Bastante comuns. (Item 61.)

Médiuns de translações e de suspensões: aqueles que produzem a translação aérea e a suspensão dos corpos inertes no espaço sem ponto de apoio. Entre eles há os que podem elevar a si mesmos. Mais ou menos raros,

conforme o desenvolvimento do fenômeno; muito raros no último caso. (Item 75 e seguintes; item 80.)

Médiuns de efeitos musicais: provocam a execução de determinados instrumentos musicais sem contato. Muito raros. (Item 74, pergunta 24.)

Médiuns de aparições: os que podem provocar aparições fluídicas ou tangíveis, visíveis para os assistentes. Bastante excepcionais. (Item 100, pergunta 27; item 104.)

Médiuns de transporte: os que podem servir de auxiliares aos Espíritos para o transporte de objetos materiais. Variedade dos médiuns motores e de translações. Excepcionais. (Item 96.)

Médiuns noturnos: os que só obtêm certos efeitos físicos na escuridão. Aqui está a resposta de um Espírito à questão sobre se podemos considerar esses médiuns como formando uma variedade:

“Pode-se certamente fazer disso uma especialidade, mas esse fenômeno é devido mais às condições ambientes do que à natureza do médium ou dos Espíritos. Devo acrescentar que alguns deles escapam a essa influência do meio e que a maior parte dos médiuns noturnos poderia conseguir, através do exercício, a atuar tanto na claridade quanto no escuro. Esta variedade de médiuns é pouco numerosa e, é bom que se diga, é graças a essa condição — que deixa plena liberdade para o emprego dos truques, da ventriloquia e dos tubos acústicos — que os charlatões têm fartamente abusado da credulidade fazendo-se passar por médiuns, a fim de coletar moedas. Mas, que importa? Os mágicos de salão, como os mágicos da praça pública, serão cruelmente desmascarados e os Espíritos lhes provarão que não faz bem se imiscuir nos trabalhos deles. Sim, eu repito: alguns charlatões receberão o castigo de um modo tão rude que perderão o gosto da profissão de falsos médiuns. Aliás, tudo isso vai durar pouco.”

ERASTO

Médiuns pneumatógrafos: os que obtêm a escrita direta. Fenômeno raríssimo e sobretudo muito fácil de ser imitado pelos ilusionistas. (Item 177.)

Nota – Os Espíritos insistiram, contra nossa opinião, em classificar a escrita direta entre os fenômenos de ordem física, pela razão de que, disseram eles: “Os efeitos inteligentes são aqueles pelos quais o Espírito se serve dos materiais cerebrais do médium, o que não é o caso da escrita direta; a ação do médium aqui é toda material, enquanto no médium escrevente, ainda que completamente mecânico, o cérebro desempenha sempre um papel ativo.”

Médiuns curadores: aqueles que têm o poder de curar ou de aliviar pela imposição das mãos ou pela prece.

“Esta faculdade não é essencialmente medianímica; ela pertence a todos os verdadeiros crentes, que eles sejam médiuns ou não; muitas vezes ela não é senão uma exaltação da potência magnética fortalecida pelo auxílio de bons Espíritos, quando necessário.” (Item 175.)

Médiuns excitadores: pessoas que, por sua influência, têm o poder de desenvolver nas outras a faculdade de escrever.

“Trata-se aqui mais de um efeito magnético do que um caso de mediunidade propriamente dita, pois nada prova a intervenção de um Espírito. Em todo o caso, pertence à ordem dos efeitos físicos.” (Veja o capítulo da *Formação dos médiuns*.)

190. **Médiuns especiais para efeitos intelectuais. Aptidões diversas.**

Médiuns audientes: os que ouvem Espíritos. Muito comuns. (Item 165.)

“Há muitos que imaginam ouvir o que só existe na sua imaginação.”

Médiuns falantes: aqueles que falam sob a influência dos Espíritos. Bastante comuns. (Item 166.)

Médiuns videntes: os que enxergam os Espíritos no estado desperto. A visão accidental e fortuita de um Espírito numa circunstância particular é bem frequente; mas a visão habitual ou intencional de Espíritos, sem distinção, é excepcional. (Item 167.)

“Esta é uma aptidão à qual se opõe o estado atual dos órgãos; por isso é útil nem sempre acreditar na palavra dos que dizem ver os Espíritos.”

Médiuns inspirados: aqueles cujos pensamentos são sugeridos pelos

Espíritos, quase sempre sem que eles saibam — seja para os atos comuns da vida, seja para os grandes trabalhos da inteligência. (Item 182.)

Médiuns de pressentimentos: pessoas que em dadas circunstâncias têm uma vaga intuição de coisas comuns do futuro. (Item 184.)

Médiuns proféticos: variedade de médiuns inspirados ou de pressentimentos; eles recebem, com a permissão de Deus e com mais precisão do que os médiuns de pressentimentos, a revelação de coisas futuras de um interesse geral, e de que eles são incumbidos de transmitir aos homens, para a instrução destes.

“Se há verdadeiros profetas, há ainda mais os falsos, e que tomam os sonhos da própria imaginação como revelações, quando não são enganadores que, por ambição, se apresentam como tais.” (Veja em *O Livro dos Espíritos*, questão 624, *características do verdadeiro profeta*.)

Médiuns sonâmbulos: aqueles que são assessorados por Espíritos em estado de sonambulismo. (Item 172.)

Médiuns extáticos: os que, em estado de êxtase, recebem revelações da parte dos Espíritos.

“Muitos extáticos são joguetes da própria imaginação e dos Espíritos zombeteiros que se aproveitam da sua exaltação. Os que merecem uma inteira confiança são raríssimos.”

Médiuns pintores e desenhistas: quem pinta ou desenha sob a influência dos Espíritos. Falamos daqueles que obtêm coisas sérias, pois não podemos dar esse nome a certos médiuns a quem os Espíritos brincalhões levam a fazer coisas grotescas que o aprendiz mais atrasado recusaria a fazer.

Os Espíritos levianos são imitadores. Na época em que apareceram os notáveis desenhos de Júpiter, surgiu um grande número de pretensos médiuns desenhistas, com os quais os Espíritos levianos se divertiram levando-os a fazer as coisas mais ridículas. Um deles, entre outros — querendo superar os desenhos de Júpiter, ao menos pelas dimensões, se não pela qualidade —, fez um médium desenhar um monumento que ocupava um

grande número de folhas para chegar à altura de dois andares. Muitos outros fizeram que se desenhasse supostos retratos que eram verdadeiras caricaturas. (*Revista espírita*, agosto de 1858.)

Médiuns músicos: aqueles que executam, compõem ou escrevem músicas sob a influência dos Espíritos. Há médiuns músicos mecânicos, semimecânicos, intuitivos e inspirados, como para as comunicações literárias. (Veja: *Médiuns de efeitos musicais*.)

VARIEDADES DOS MÉDIUNS ESCRIVENTES

191. 1º) Segundo o modo de execução.

Médiuns escreventes ou **psicógrafos:** aqueles que têm a faculdade de escrever por si mesmos sob a influência dos Espíritos.

Médiuns escreventes mecânicos: aqueles cuja mão recebe um impulso involuntário e que não têm nenhuma consciência do que escrevem. Muito raros. (Item 179.)

Médiuns semimecânicos: aqueles cuja mão se move involuntariamente, mas que têm consciência instantânea das palavras ou das frases à medida que eles escrevem. São os mais comuns. (Item 181.)

Médiuns intuitivos: aqueles com quem os Espíritos se comunicam pelo pensamento e cuja mão é guiada voluntariamente. Eles diferem dos médiuns inspirados pelo fato destes últimos não terem necessidade de escrever, enquanto o médium intuitivo escreve o pensamento que lhe é sugerido instantaneamente sobre um assunto determinado e proposto. (Item 180.)

“Eles são muito comuns, mas também muito sujeitos a erro, porque muitas vezes não podem discernir o que vêm dos Espíritos e o que emana deles próprios.”

Médiuns polígrafos: aqueles cuja caligrafia muda conforme o Espírito que se comunica ou que são aptos a reproduzir a caligrafia que o Espírito

tinha em vida. O primeiro caso é bem comum; o segundo, o da identidade da caligrafia, é mais raro. (Item 219.)

Médiuns políglotas: os que têm a capacidade de falar ou escrever em línguas que lhe são desconhecidas. Bem raros.

Médiuns iletrados: os que escrevem, como médiuns, sem saber ler nem escrever no estado comum.

“Mais raros do que os anteriores, pois há uma maior dificuldade material a ser vencida.”

192. 2º) *Segundo o desenvolvimento da faculdade*

Médiuns novatos: aqueles cujas capacidades ainda não estão completamente desenvolvidas e que carecem da experiência necessária.

Médiuns improdutivos: os que não chegam a obter mais do que coisas insignificantes, monossílabos, traços ou letras sem conexão. (Veja o capítulo da *Formação dos médiuns.*)

Médiuns feitos* ou *formados: são aqueles cujas aptidões medianímicas estão completamente desenvolvidas, que transmitem as comunicações que recebem com facilidade e prontidão, sem hesitação. Concebe-se que este resultado só pode ser alcançado pelo hábito, tanto que, nos *médiuns novatos*, as comunicações são lentas e difíceis.

Médiuns lacônicos: aqueles cujas comunicações, embora fáceis, são breves e sem desenvolvimento.

Médiuns explícitos: as comunicações que estes recebem têm toda a amplitude e a extensão que podemos esperar de um escritor consagrado.

“Esta aptidão resulta da expansão e da facilidade de combinação dos fluidos; os Espíritos os procuram para tratar de assuntos que requerem grandes desenvolvimentos.”

Médiuns experimentados: a facilidade de execução é uma questão de hábito que muitas vezes se adquire em pouco tempo, enquanto a experiência

é o resultado de um estudo sério de todas as dificuldades que se apresentam na prática do espiritismo. A experiência dá ao médium o tato necessário para apreciar a natureza dos Espíritos que se manifestam, para julgar suas qualidades boas ou más pelos sinais mais minuciosos, para discernir a falsidade dos Espíritos brincalhões que se acobertam com as aparências da verdade. Compreende-se facilmente a importância desta qualidade, sem a qual todas as outras ficam sem uma real utilidade; o problema é que muitos médiuns confundem a experiência (fruto do estudo) com a aptidão (produto do organismo); eles se julgam mestres elevados porque escrevem facilmente e repudiam todos os conselhos e se tornam presas de Espíritos mentirosos e hipócritas que os seduzem lisonjeando o orgulho deles. (Veja adiante o capítulo da *Obsessão*.)

Médiuns flexíveis: aqueles cuja faculdade se presta mais facilmente aos diversos gêneros de comunicações e pelos quais todos os Espíritos — ou quase todos — podem se manifestar, espontaneamente ou por evocação.

“Esta variedade de médiuns parece muito com a dos médiuns sensitivos.”

Médiuns exclusivos: aqueles por quem um Espírito se manifesta de preferência, até mesmo com a exclusão de todos os demais, e responde por aqueles que chamamos através do médium.

“Isto resulta sempre de falta de flexibilidade; quando o Espírito é bom, ele pode se apegar ao médium por simpatia e por uma intenção louvável; quando ele é mau, é sempre à vista de pôr o médium sob sua dependência. É mais um defeito do que uma qualidade, e muito próximo da obsessão.” (Veja o capítulo da *Obsessão*.)

Médiuns para evocações: os médiuns flexíveis são naturalmente os mais apropriados para este gênero de comunicação, e para as questões de detalhes que podemos endereçar aos Espíritos. Sob este aspecto, há médiuns inteiramente específicos.

“Suas respostas se limitam quase sempre a um quadro restrito, incompatível com o desenvolvimento dos assuntos generalizados.”

Médiuns para ditados espontâneos: estes recebem preferencialmente comunicações espontâneas da parte dos Espíritos que se apresentam sem serem chamados. Quando esta faculdade é especial num médium, é difícil — às vezes até impossível — fazer uma evocação por ele.

“Entretanto, eles são mais bem aparelhados que os da variedade anterior. Saibam que o aparelhamento aqui tratado é o de materiais do cérebro, pois frequentemente se faz necessário — eu diria até sempre — uma maior soma de inteligência para os ditados espontâneos do que para as evocações. Aqui, entendam por ditados espontâneos aqueles que merecem verdadeiramente essa denominação, e não algumas frases incompletas ou pensamentos banais que se encontram em todos os escritos humanos.”

193. 3º) *Segundo o gênero e a especialidade das comunicações.*

Médiuns versificadores: mais facilmente do que os outros, estes obtêm comunicações em verso. Muito comuns para versos ruins e raríssimos para bons versos.

Médiuns poéticos: sem obter versos, as comunicações que eles recebem têm qualquer coisa de sutileza, de sentimental; nada neles cheira a rudeza; mais do que os outros, eles são próprios para a expressão de sentimentos ternos e afetuosos. Tudo neles é vago, e seria inútil lhes pedir algo preciso. Muito comuns.

Médiuns positivos: suas comunicações geralmente têm um caráter de clareza e de exatidão que se presta espontaneamente aos detalhes circunstanciados e informações exatas. Muito raros.

Médiuns literários: estes não têm nem a imprecisão dos médiuns poéticos nem a trivialidade dos médiuns positivos; porém, dissertam com sagacidade e seu estilo é correto, elegante e frequentemente de uma notável eloquência.

Médiuns incorretos: podem obter coisas excelentes, pensamentos de uma moralidade impecável, mas seu é estilo difuso, incorreto, sobrecarregado de repetições e de termos impróprios.

“A incorreção material do estilo decorre geralmente de falta de cultura intelectual do médium que, sob esse aspecto, não é um bom instrumento para o Espírito, que, aliás, dá pouca importância a isso; para ele o pensamento é a coisa essencial, e ele vos deixa livre para lhe dar a forma que convenha. O mesmo não acontece com relação às ideias falsas e ilógicas que uma comunicação possa conter; elas são sempre um indício de inferioridade do Espírito que se manifesta.”

Médiuns historiadores: aqueles que têm uma aptidão especial para os desenvolvimentos históricos. Esta faculdade, como todas as outras, independe dos conhecimentos do médium, porque vemos pessoas sem instrução, e até crianças, a tratar de temas bem acima do seu alcance. Variedade rara dos médiuns positivos.

Médiuns científicos: não dizemos sábios porque eles podem ser muito ignorantes, e apesar disso eles são mais especialmente aptos a comunicações relativas às ciências.

Médiuns médicos: sua especialidade é a de servirem mais facilmente de intérpretes aos Espíritos para as prescrições médicas. É importante não os confundir com os *médiuns curadores*, pois eles absolutamente não fazem mais do que transmitir o pensamento do Espírito, e não exercem por si mesmos nenhuma influência. Bastante comuns.

Médiuns religiosos: estes recebem mais particularmente comunicações de um caráter religioso, ou que tratam de questões de religião, não obstante suas crenças ou seus hábitos.

Médiuns filósofos e moralistas: suas comunicações têm geralmente como objetivo as questões de moral e de alta filosofia. Muito comuns para as questões morais.

“Todas essas nuances constituem variedades de aptidões de bons médiuns. Quanto aos que têm uma aptidão especial para determinadas comunicações científicas, históricas, médicas e outras — acima de seu alcance atual — fiquem certos de que eles possuíram esses conhecimentos numa

outra existência, e que esses conhecimentos ficaram neles em estado latente, fazendo parte dos materiais cerebrais necessários para o Espírito que se manifesta; são elementos que lhe facilitam o caminho para comunicar suas próprias ideias, já que esses médiuns são para ele instrumentos mais inteligentes e mais flexíveis do que um ignorante poderia ser.”

ERASTO

Médiuns de comunicações triviais e obscenas: estas palavras indicam o gênero de comunicações que determinados médiuns recebem habitualmente e a natureza dos Espíritos que as dão. Qualquer um que tenha estudado o mundo espírita, com todos os graus da escala, sabe que há Espíritos cuja perversidade iguala à dos homens mais depravados e que se comprazem em expor seus pensamentos nos mais grosseiros termos. Outros, menos detestáveis, contentam-se com expressões triviais. Compreende-se que esses médiuns devam ter o desejo de se livrarem da preferência que esses Espíritos lhes dão, e que devam invejar aqueles que jamais tiveram uma palavra inconveniente nas comunicações que recebem. Seria preciso uma estranha aberração de ideias e estar divorciado do bom senso para acreditar que uma linguagem como essa possa ser obra dos Espíritos bons.

194. 4º) *Segundo as qualidades físicas do médium.*

Médiuns calmos: estes escrevem sempre com certa lentidão e sem experimentar a menor agitação.

Médiuns velozes: escrevem com uma rapidez maior do que poderiam voluntariamente no estado normal. Os Espíritos se comunicam por meio deles com a prontidão de um relâmpago; diríamos que há neles uma superabundância de fluido que lhes permite se identificar instantaneamente com o Espírito. Esta qualidade às vezes tem sua desvantagem, que é a de que a celeridade da escrita a torna muito difícil de ser lida por outra pessoa que não seja o médium.

“Ele é mesmo muito fatigante, porque gasta muito fluido inutilmente.”

Médiuns convulsivos: estes ficam num estado de superexaltação quase febril; a mão, e algumas vezes toda a pessoa, fica agitada com um tremor que eles não conseguem dominar. A causa primária disso, sem dúvidas, está no organismo, mas ela também depende muito da natureza dos Espíritos que se comunicam por eles; os Espíritos bons e benévolos produzem sempre uma impressão suave e agradável; os maus, ao contrário, produzem uma penosa.

“É preciso que esses médiuns não utilizem sua faculdade medianímica de não ser raramente, porque seu uso muito frequente poderia afetar o sistema nervoso.” (Capítulo da *Identidade dos Espíritos*, diferenciação dos bons e dos maus Espíritos).

195. 5º) *Segundo as qualidades morais dos médiuns.*

Vamos mencioná-las rapidamente, para registro e para completar o quadro, posto que elas serão desenvolvidas adiante, nos capítulos específicos: *Influência moral do médium*, *Obsessão*, *Identidade dos Espíritos* e outros, para os quais pedimos uma atenção especial; neles veremos a influência que as qualidades e os defeitos dos médiuns podem exercer sobre a segurança das comunicações, e quais são os que podemos com razão considerar ***médiuns imperfeitos*** ou ***bons médiuns***.

196. *Médiuns imperfeitos*

Médiuns obsidiados: aqueles que não podem se desembaraçar de Espíritos importunos e enganadores, mas que não se iludem com eles.

Médiuns fascinados: os que são iludidos por Espíritos enganadores e se iludem quanto à natureza das comunicações que recebem.

Médiuns subjugados: quem sofrem uma dominação moral e muitas vezes material da parte de maus Espíritos.

Médiuns levianos: os que não levam sua faculdade a sério e só se servem dela para divertimento ou para coisas fúteis.

Médiuns indiferentes: os que não tiram nenhum proveito moral das instruções que recebem e não modificam em nada sua conduta e seus hábitos.

Médiuns presunçosos: aqueles que têm a pretensão de estar em contato somente com Espíritos superiores. Eles creem na própria infalibilidade e consideram inferior e errôneo tudo o que não venha deles.

Médiuns orgulhosos: os que se envaidecem das comunicações que recebem; eles acham que não têm mais nada a aprender sobre espiritismo e não tomam para si as lições que colhem frequentemente da parte dos Espíritos. Não se contentam com as faculdades que têm; querem todas elas.

Médiuns suscetíveis: variedade dos médiuns orgulhosos; irritam-se com as críticas de que suas comunicações possam ser alvo; zangam-se com a menor contradição e, quando mostram o que obtêm, é para causar admiração e não para pedir a opinião de ninguém. Geralmente eles tomam aversão às pessoas que não os aplaudem sem restrições e fogem das reuniões em que não possam se impor e dominar.

“Deixem-lhes irem se exhibir noutros lugares e procurar ouvidos mais complacentes, ou se retirarem ao isolamento; as reuniões que se privam da presença deles não sofrem nenhuma grande perda.”

ERASTO

Médiuns mercenários: aqueles que comercializam suas faculdades.

Médiuns ambiciosos: os que, embora não vendam suas faculdades, esperam tirar quaisquer vantagens dela.

Médiuns de má-fé: são os que, possuindo algumas aptidões verdadeiras, simulam aquelas que não eles têm para se darem importância. Não podemos conceder o título de médium às pessoas que, não possuindo nenhuma faculdade medianímica, só produzem efeitos por meio da enganação.

Médiuns egoístas: aqueles que não utilizam suas faculdades a não ser para seu interesse pessoal e guardam para si as comunicações que recebem.

Médiuns ciumentos: os que veem com inveja outros médiuns mais admirados e que são superiores a eles.

Todas estas más qualidades têm necessariamente sua contraparte boa.

197. *Bons médiuns*

Médiuns sérios: aqueles que só se servem de suas faculdades para o bem e para as coisas realmente úteis; estes acreditam que seria uma profanação usá-las para satisfação dos curiosos e dos indiferentes, ou para futilidades.

Médiuns modestos: os que não atribuem a si mesmos nenhum mérito das comunicações que recebem, por mais belas que elas sejam; reconhecem que elas não lhes pertencem e não se julgam a salvo das mistificações. Longe de fugir das opiniões sinceras, eles as solicitam.

Médiuns devotados: são aqueles que compreendem que o verdadeiro médium tem uma missão a cumprir e deve, quando for necessário, sacrificar seus gostos, seus hábitos, seus prazeres, seu tempo e até seus interesses materiais em favor dos outros.

Médiuns seguros: os que, além da facilidade de execução, merecem toda a confiança, pelo seu caráter, pela natureza elevada dos Espíritos que os auxiliam, e que são os menos expostos a serem iludidos. Veremos mais tarde que esta segurança não depende de modo algum dos nomes mais ou menos respeitáveis que os Espíritos adotam.

“É incontestável, vocês bem sabem, que resumindo assim as qualidades e os defeitos dos médiuns, isto suscitará contrariedades e até a adversidade de alguns deles; mas que importa? A mediunidade se espalha cada dia mais, e o médium que levasse a mal estas reflexões provaria uma coisa: que ele não é um bom médium, isto é, que ele é assistido por maus Espíritos. De resto, como eu já disse, tudo isto não vai durar muito, e os maus médiuns — os que abusam ou mal-usam suas faculdades — sofrerão tristes consequências, como já aconteceu com alguns deles; eles aprenderão às próprias custas o quanto lhes custa reverterem em proveito de suas paixões terrenas um dom que Deus lhes tinha concedido para o adiantamento moral deles. Se vocês não puderem reconduzi-los ao bom caminho, lamentem por eles, porque — eu posso garantir — eles serão reprovados por Deus.”

“Este quadro é de uma grande importância, não só para os médiuns sinceros que, lendo-o, procurarem de boa-vontade se preservar dos perigos a que estão expostos, mas também para todos aqueles que se servem dos médiuns, porque lhes dará a medida do que eles racionalmente podem esperar. Ele deverá estar constantemente sob os olhos de todo aquele que se ocupa com as manifestações, do mesmo modo que a *escala espírita*, da qual ele é o complemento; esses dois quadros resumem todos os princípios da doutrina, e contribuirão — mais do que vocês imaginam — para reconduzir o espiritismo ao verdadeiro caminho.”

SÓCRATES

198. Todas essas variedades de médiuns apresentam graus infinitos em sua intensidade; há várias delas que, propriamente falando, não constituem mais do que nuances, mas que nem por isso deixam de ser aptidões especiais. Cremos que deva ser bastante raro que a faculdade de um médium esteja rigorosamente circunscrita a um só gênero; sem dúvida um médium pode ter diversas aptidões, mas sempre há uma que seja dominante, e é esta que ele deve cultivar, se ela for útil. Seria um grave erro alguém querer forçar de todo modo o desenvolvimento de uma faculdade que ele não possui; deve-se cultivar todas aquelas de que se reconheça possuir o princípio; mas perseguir as outras é, em primeiro lugar, perder tempo, e em segundo lugar, perder talvez — e com certeza enfraquecer — aquelas das quais a pessoa já é dotada.

“Quando existe o princípio — o gérmen de uma faculdade —, ela se manifesta sempre por sinais inequívocos. Limitando-se à sua especialidade, o médium pode se sobressair e obter coisas grandes e belas; ocupando-se de todo, ele não conseguirá nada de bom. Notem, a propósito, que o desejo de ampliar indefinidamente o âmbito de suas capacidades é uma pretensão orgulhosa que os Espíritos nunca deixam impune: os bons sempre abandonam o presunçoso, que então se torna joguete dos Espíritos mentirosos. Infelizmente não é raro vermos médiuns não se contentarem com os dons que receberam e, por orgulho ou ambição, aspirarem possuir aptidões excepcionais capazes de chamar a atenção para eles. Essa pretensão lhes tira a qualidade mais preciosa: a de *médiuns seguros*.”

SÓCRATES

199. O estudo da especialidade dos médiuns é necessário, não só para eles, mas também para o evocador. Conforme a natureza do Espírito que se deseja chamar e as perguntas que se quer dirigir a eles, convém escolher o médium mais apto ao objetivo; dirigir-se ao primeiro que apareça é se expor a respostas incompletas ou errôneas. Façamos uma comparação com os fatos usuais: ninguém confiará uma redação — mesmo que seja uma simples cópia — ao primeiro que apareça só porque ele sabe escrever. Imaginemos que um músico queira executar uma peça de canto de sua composição, e que ele tenha à sua disposição vários cantores, todos hábeis; mesmo assim, ele não decidiria ao acaso, mas escolheria para seu intérprete aquele cuja voz, expressão e todas as qualidades enfim correspondessem melhor à natureza da peça. Os Espíritos fazem o mesmo com relação aos médiuns, e nós devemos fazer como os Espíritos.

Além disso, devemos notar que as nuances que a mediunidade apresenta e às quais outras mais poderíamos acrescentar, nem sempre têm relação com o caráter do médium. Assim, por exemplo, um médium naturalmente alegre e jovial pode obter normalmente comunicações sérias, até mesmo severas, e *vice-versa*. Essa é também uma prova evidente de que ele age sob a impulsão de uma influência externa. Voltaremos a este assunto no capítulo que trata da *Influência moral do médium*.

CAPÍTULO XVII

FORMAÇÃO DOS MÉDIUNS

Desenvolvimento da mediunidade – Mudança de caligrafia – Perda e suspensão da mediunidade

Desenvolvimento da mediunidade

200. Vamos nos ocupar aqui especialmente com os médiuns escreventes, porque esse é o gênero de mediunidade mais popular e, além disso, porque é ao mesmo tempo o mais simples, o mais cômodo e aquele que dá os resultados mais satisfatórios e completos; é também aquele que todo mundo almeja. Infelizmente, até agora, não existe nenhum diagnóstico que possa indicar — ainda que aproximadamente — que alguém possua essa faculdade; os sinais físicos pelos quais certas pessoas acreditam ver indícios nada têm de exatos. Ela está presente nas crianças e nos idosos, nos homens e nas mulheres, quaisquer que sejam o temperamento, o estado de saúde, o grau de desenvolvimento intelectual e moral. Só há um meio de constatar a sua existência: é experimentar.

Como já vimos, podemos obter a escrita por meio das cestas e das pranchetas ou diretamente com a mão; este último meio sendo o mais fácil e — podemos dizer — o único empregado atualmente, é aquele ao qual recomendamos que se preferença. O processo é dos mais simples: consiste unicamente em se pegar lápis e papel e se colocar na posição de uma pessoa que escreve, sem qualquer outra preparação; no entanto, para ter sucesso, várias recomendações são indispensáveis.

201. Como disposição material, recomendamos evitar tudo aquilo que possa

dificultar o livre movimento da mão; é até preferível que esta não se apoie totalmente no papel. A ponta do lápis deve encostar o suficiente para rabiscar, mas não tanto para oferecer resistência. Todas essas precauções se tornam inúteis uma vez que se tenha chegado a escrever fluentemente, pois então nenhum obstáculo pode mais detê-lo. São só preliminares para o aprendiz.

202. É indiferente usar pena ou lápis; alguns médiuns preferem a pena, mas ela só é adequada para os que já estejam acostumados e escrevem pausadamente; há outros que escrevem com tanta velocidade que o uso da pena seria quase impossível, ou pelo menos muito incômodo. É o mesmo caso quando a escrita é entrecortada e irregular, ou quando se trata de Espíritos violentos, que batem com a ponta do lápis e a quebram, rasgando o papel.⁵⁸

203. O desejo de todo médium aspirante é naturalmente poder conversar com o Espírito das pessoas queridas, mas ele deve moderar a sua impaciência, porque a comunicação com um determinado Espírito muitas vezes oferece dificuldades materiais que a tornam impossível para o principiante. Para que um Espírito possa se comunicar é preciso haver entre ele e o médium relações fluídicas que nem sempre se estabelecem instantaneamente; só à medida que a faculdade se desenvolve é que o médium adquire pouco a pouco a aptidão necessária para entrar em comunicação com o primeiro Espírito que aparecer. Portanto, pode ser que aquele com quem o médium deseja se comunicar não esteja em condições propícias para isso, ***embora esteja presente***, como pode ser também que ele não tenha nem a possibilidade nem a permissão para responder ao chamado que lhe seja feito. Por isso, convém inicialmente não insistir em chamar um determinado Espírito com exclusão de qualquer outro, pois muitas vezes acontece que não seja com este que as relações fluídicas se estabeleçam com mais facilidade — por mais simpatia que se tenha por ele. Então, antes de pensar em obter comunicações de este ou aquele Espírito, deve-se impulsionar o desenvolvimento da faculdade, e

⁵⁸ A escrita à pena (escrita com *caneta bico de pena*) ainda era uma forma comum de escrever e de desenhar no século XIX, época de Allan Kardec, cujos recursos eram tão simples quanto caros, em comparação com os aparatos do século seguinte, quando surgiram as canetas esferográficas, que então dominaram o mercado e o gosto popular. — N. T.

para isso é preciso fazer um chamado generalizado e se dirigir sobretudo ao próprio anjo guardião.

Não há aqui nenhuma fórmula sacramental; qualquer um que pretendesse receitar uma alguma seguramente pode ser tachado de mistificador, pois para os Espíritos a forma não vale nada. Todavia, a evocação sempre deve ser feita em nome de Deus; ela pode ser feita nos termos seguintes, ou em outros termos equivalentes: ***Rogo a Deus todo-poderoso que permita que um bom Espírito se comunique comigo e me faça escrever; peço também ao meu anjo guardião que bem queira me ajudar e afastar os maus Espíritos.*** Então, deve-se esperar que um Espírito se manifeste e escreva alguma coisa. Pode ser que seja aquele Espírito pretendido, como também pode ser um desconhecido ou o anjo guardião; em todo o caso, ele se revelará geralmente escrevendo o próprio nome. Mas então surge a questão da ***identidade***, uma das quais exigem mais experiência, porque há poucos principiantes que não estejam expostos a ser enganados. Trataremos disso adiante num capítulo especial.

Quando se quer chamar determinados Espíritos, realmente é essencial começar se dirigindo somente àqueles que sabemos serem bons e simpáticos, e que possam ter um motivo para vir — como parentes ou amigos. Neste caso, a evocação pode ser formulada assim: ***Em nome de Deus todo-poderoso, peço que tal Espírito se comunique comigo;*** ou então: ***Peço a Deus todo-poderoso que permita que tal Espírito se comunique comigo;*** ou qualquer outro modelo que corresponda ao mesmo pensamento. Não menos necessário é que as primeiras perguntas sejam feitas de tal maneira que a resposta seja simplesmente ***sim*** ou ***não***, como por exemplo: ***Você está aqui? — Poderia me responder? — Poderia me fazer escrever?*** Etc. Mais tarde essa precaução se torna inútil; trata-se inicialmente de estabelecer uma relação, e o essencial é que a questão não seja fútil, que não trate de coisas de interesse particular e, sobretudo, que seja a expressão de um sentimento de bondade e simpatia para com o Espírito a quem se dirige. (Veja adiante o capítulo especial sobre as *Evocações*.)

204. Uma coisa ainda mais importante a ser observada do que o modo de

chamar é a calma e o recolhimento juntos a um desejo ardente e à firme vontade de alcançar o objetivo; e por vontade, não entendemos aqui uma vontade passageira que age esporadicamente e que a cada minuto é interrompida por outras preocupações; mas sim uma vontade séria, perseverante, contínua, *sem impaciência nem desejo febril*. A concentração é favorecida pelo recolhimento, pelo silêncio e o afastamento de tudo o que possa causar distrações. Logo, só uma coisa resta a fazer: renovar todos os dias as suas tentativas, durante dez ou quinze minutos no máximo a cada vez, e isso durante quinze dias, um mês, dois meses ou mais, se for preciso. Conhecemos médiuns que não se formaram senão depois de seis meses de exercício, enquanto outros escrevem fluentemente desde a primeira vez.

205. Para evitar tentativas inúteis, é possível interrogar um Espírito sério e adiantado, através de outro médium; porém, devemos lembrar que, quando levamos aos Espíritos a questão de saber se alguém é médium ou não, eles respondem quase sempre afirmativamente — o que não impede que os ensaios muitas vezes sejam infrutíferos. Isso se explica naturalmente: ao fazermos uma pergunta genérica a um Espírito, ele responde de uma maneira genérica; ora, como nós sabemos, nada é mais flexível do que a faculdade medianímica, pois ela pode se apresentar sob as mais variadas formas e em graus muito diferentes. Portanto, uma pessoa pode ser médium sem se aperceber disso e num sentido que não é aquele que imaginamos. A esta pergunta vaga: “Será que eu sou médium?”, o Espírito pode responder que sim; a esta outra mais precisa: “Eu sou um médium escrevente?”, ele pode responder que não. É preciso ter em conta também a natureza do Espírito a quem interrogamos; há os que são tão levianos e ignorantes que respondem a torto e a direito, como verdadeiros atordoados. Por isso nós aconselhamos a se dirigir aos Espíritos esclarecidos, que geralmente respondem a essas perguntas de boa vontade e indicam o melhor caminho a seguir — se houver uma possibilidade de sucesso.

206. Um método que muito frequentemente é bem-sucedido consiste em empregar como um auxiliar temporário um bom médium escrevente, flexível

e experiente. Quando ele põe a mão ou os dedos sobre a mão de quem deseja escrever, é raro que este último não escreva imediatamente. Compreende-se o que acontece em tal circunstância: a mão que segura o lápis de alguma forma se torna uma extensão da mão do médium, como seria uma cesta ou uma prancheta; mas isso não impede que esse exercício seja muito útil, quando se pode empregá-lo, no sentido de que, repetido sequencial e regularmente, ele ajuda a superar o obstáculo material e provoca o desenvolvimento da faculdade. Algumas vezes, basta apenas que ele magnetize fortemente com essa intenção o braço e a mão daquele que quer escrever; não raro o magnetizador se limita mesmo a colocar sua mão no ombro dele, e então temos visto o principiante escrever prontamente sob essa influência. O mesmo efeito pode se produzir igualmente sem nenhum contato, só pelo ato da vontade. Concebe-se sem dificuldade que a confiança do magnetizador na sua própria força para produzir tal resultado deva aqui desempenhar um papel importante, e que um magnetizador incrédulo teria pouca, senão nenhuma ação.

Além disso, o auxílio de um guia experimentado às vezes é muito útil para apontar ao iniciante uma porção de pequenas precauções que ele frequentemente negligencia em detrimento da rapidez do progresso, sobretudo para esclarecê-lo sobre a natureza das primeiras questões e a maneira de propô-las. Seu papel é o de um professor que o aprendiz dispensa quando já está hábil o bastante.

207. Outro meio que também pode contribuir substancialmente para o desenvolvimento da faculdade consiste em reunir um certo número de pessoas, todas animadas com o mesmo desejo e com a comunhão de intenção; dessa forma, num absoluto silêncio e com um religioso recolhimento, que todas elas tentem simultaneamente escrever, cada qual fazendo um apelo ao seu anjo guardião ou a qualquer Espírito simpático. Uma delas também pode fazer — sem designação especial e por todos os membros da reunião — um apelo geral aos bons Espíritos, dizendo, por exemplo: ***Em nome de Deus todo-poderoso, rogamos aos bons Espíritos que se disponham a se comunicar pelas pessoas aqui presentes.*** É raro que entre estas não haja algumas que

prontamente mostrem sinais de mediunidade ou mesmo que escrevam correntemente em pouco tempo.

Compreende-se facilmente o que se passa em tal circunstância: as pessoas unidas por uma comunhão de intenções formam um todo coletivo, cuja força e sensibilidade se encontram robustecidas por uma espécie de influência magnética, que ajuda no desenvolvimento da faculdade. Entre os Espíritos atraídos por esse concurso de vontades, há alguns que encontram nos assistentes o instrumento que lhes convém; se não for um, será outro, e então eles o aproveitam.

Este meio deve ser empregado principalmente nos grupos espíritas que careçam de médiuns ou que não os possuam em número suficiente.

208. Procura-se procedimentos para a formação dos médiuns como se têm procurado diagnósticos; mas, até hoje, não conhecemos nenhum mais eficaz do que aqueles que indicamos. Convencidas de que o obstáculo para o desenvolvimento da faculdade é uma resistência totalmente material, algumas pessoas pretendem vencê-la através de um tipo de ginástica que quase desloca o braço e a cabeça. Não descreveremos esse processo, que vem do outro lado do Atlântico, não somente porque não temos nenhuma prova de sua eficácia, mas por estarmos convictos de que ele pode oferecer perigo para os organismos delicados, devido ao estremecimento do sistema nervoso. Se não houver rudimentos da faculdade, nada poderia produzi-los, nem mesmo a eletrização — que já foi empregada sem êxito com o mesmo objetivo.

209. A fé do médium aprendiz não é uma condição rigorosa; ela sem dúvida apoia os esforços, mas não é indispensável: a pureza de intenção, o desejo e a boa vontade bastam. Têm-se visto pessoas inteiramente incrédulas ficarem espantadas de escrever a contragosto, enquanto crentes sinceros não conseguem o mesmo — o que prova que esta capacidade é inerente a uma predisposição orgânica.

210. O primeiro indício de uma disposição para escrever é uma espécie de tremido no braço e na mão; pouco a pouco, a mão é tomada por uma impulsão

que ela não pode conter. Muitas vezes ela inicialmente não rabisca senão traços insignificantes; depois, os caracteres se desenham cada vez mais nitidamente e a escrita acaba adquirindo a rapidez da escrita comum. Em todos os casos, deve-se entregar a mão ao seu movimento natural e não fornecer nem resistência nem propulsão.

Alguns médiuns escrevem fluentemente e com facilidade desde o início, às vezes até já na primeira sessão — o que é muito raro. Outros, durante longo tempo, fazem traçam e verdadeiros exercícios caligráficos; os Espíritos dizem que é para destravar a mão. Se esses exercícios se prolongarem demais ou degenerarem em sinais ridículos, não há dúvidas de que se trata de um Espírito que está se divertindo, pois os bons Espíritos nunca fazem nada de inútil; nesse caso, é preciso redobrar o fervor para apelar à assistência destes. Se, apesar disso, não houver mudança, deve-se parar, desde que se reconheça que não consegue obter nada de sério. A tentativa pode ser recomeçada todos os dias, mas convém parar a partir dos primeiros sinais duvidosos, a fim de não dar satisfação aos Espíritos zombeteiros.

A essas observações, um Espírito acrescenta: “Há médiuns cuja faculdade não pode ir além desses sinais; quando, ao fim de alguns meses, eles não obtêm nada mais do que coisas insignificantes, um *sim* ou um *não*, ou letras sem conexão, é inútil persistir em gastar papel à toa; eles são médiuns, mas *médiuns improdutivos*. De resto, as primeiras comunicações obtidas só devem ser consideradas como meros exercícios, confiados apenas a Espíritos secundários; isso é porque não se deve lhes dar muita importância, devido aos Espíritos que — por assim dizer — são empregados como instrutores da escrita, para desembaraçarem o médium debutante. Portanto, não creiam que sejam sempre Espíritos elevados os que aplicam aos médiuns esses exercícios preparatórios; só acontece que, se o médium não tem um objetivo sério, esses Espíritos continuam e se ligam a ele. Quase todos os médiuns passaram por essa prova para se desenvolverem; cabe-lhes fazer o que for preciso para conquistar a simpatia dos Espíritos verdadeiramente superiores.”

211. O problema da maioria dos médiuns novatos é ter de lidar com Espíritos inferiores, e devem se considerar felizes quando se trata apenas de Espíritos

levianos. Toda a sua atenção deve tender em não lhes deixar tomar conta, pois, uma vez ancorados, nem sempre é fácil se livrar deles. Este é um ponto tão importante, sobretudo no começo, que, sem as precauções necessárias, pode-se perder os frutos das mais belas faculdades.

A primeira coisa consiste em colocar-se com uma fé sincera sob a proteção de Deus e solicitar a assistência do anjo guardião; este é sempre bom, enquanto os Espíritos familiares — simpatizando-se com as boas ou as más qualidades do médium — podem ser levianos ou até mesmo maus.

O segundo ponto é procurar, com um rigoroso cuidado, reconhecer por todos os indícios que a experiência fornece a natureza dos primeiros Espíritos que se comunicam, e dos quais a prudência sempre manda desconfiar. Se esses indícios forem suspeitos, é necessário fazer um apelo fervoroso ao anjo guardião e repelir com todas as forças o Espírito maldoso, provando-lhe que não é sua presa, a fim de lhe desencorajar. Eis porque o estudo prévio da teoria é indispensável, quando se quer evitar os inconvenientes inseparáveis da inexperiência; a este respeito, encontramos instruções bem desenvolvidas nos capítulos da *Obsessão* e da *Identidade dos Espíritos*. Vamos nos limitar aqui a dizer que, além da linguagem, podemos considerar como comprovações *infallíveis* da inferioridade dos Espíritos: todos os sinais, figuras, emblemas inúteis ou pueris; toda escrita bizarra, irregular, intencionalmente torta, de dimensões exageradas ou apresentando formas ridículas e incomuns; a escrita pode ser muito má, até mesmo pouco legível, o que tem a ver mais com o médium do que com o Espírito, sem que isso nada tenha de estranho. Temos visto médiuns tão enganados que eles medem a superioridade dos Espíritos pelas dimensões dos caracteres, e que dão grande importância às letras bem moldadas, como os caracteres de impressão — infantilidade evidentemente incompatível com uma real superioridade.

212. Se é importante não cair, sem querer, na dependência dos maus Espíritos, ainda mais importante é não cair nisso voluntariamente, e é preciso que um desejo imoderado de escrever não leve a crer que é indiferente se dirigir ao primeiro que apareça, a não ser para mais tarde se livrar dele, caso ele não seja conveniente, porque — seja para o que for — não se pede

gratuitamente a assistência de um Espírito mau, o qual pode cobrar caro pelos seus serviços.

Algumas pessoas, ansiosas para verem se desenvolver nelas a faculdade medianímica — lento demais para o seu gosto —, tiveram a ideia de apelar à ajuda de um Espírito qualquer, **mesmo que fosse mau**, contando despedi-lo logo em seguida. Muitas delas foram atendidas conforme desejavam e escreveram imediatamente; porém o Espírito, não se incomodando em ter sido chamado na pior condição, foi menos dócil para ir embora do que para vir. Conhecemos pessoas que foram punidas pela sua presunção de se acharem bastante fortes para afastá-los quando bem quisessem, por anos de obsessões de todo tipo, pelas mais ridículas mistificações, por uma fascinação persistente e até por desgraças **materiais** e as mais cruéis decepções. A princípio o Espírito se mostra abertamente mau, e depois hipócrita, a fim de fazer crer na sua conversão, ou na pretendida força do seu subjugado para expulsá-lo à vontade.

213. A escrita algumas vezes é bem legível, as palavras e as letras perfeitamente destacadas; mas com determinados médiuns ela é difícil de ser decifrada por outro que não seja aquele que escreve: é preciso se acostumar com ela. Muito frequentemente ela é formada de grandes traços; os Espíritos são pouco econômicos com papel. Quando uma palavra ou uma frase é quase toda ilegível, pede-se ao Espírito a bondade de recomeçar, o que geralmente ele faz voluntariamente. Quando a escrita é habitualmente ilegível mesmo para o médium, este quase sempre consegue obter uma mais nítida através de exercícios frequentes e sucessivos, **colocando nisso uma forte vontade** e rogando com fervor ao Espírito que seja mais preciso. Às vezes, alguns Espíritos adotam sinais convencionais que passam a ser usados nas reuniões habituais. Para indicar que uma questão lhes desagrada e que não a querem responder, eles fazem, por exemplo, um risco longo ou algo equivalente.

Quando o Espírito termina o que tinha a dizer ou não quer mais responder, a mão fica imóvel e o médium — quaisquer que sejam sua força e sua vontade — não consegue obter nenhuma palavra a mais. Ao contrário, enquanto o Espírito não terminar, o lápis se move sem que a mão consiga

pará-lo. Se o Espírito quer espontaneamente dizer alguma coisa, a mão toma convulsivamente o lápis e se põe a escrever sem poder fazer oposição. O médium, inclusive, quase sempre sente em si mesmo alguma coisa que lhe indica se houve só uma pausa ou se o Espírito já terminou. É raro que o médium não sinta quando o Espírito já partiu.

Estas são as explicações mais essenciais que temos a dar no tocante ao desenvolvimento da psicografia; a experiência mostrará na prática alguns detalhes que seria inútil relatar aqui, e para os quais nos guiaremos através dos princípios gerais. Que muitos experimentem, e teremos mais médiuns do que se pensa.

214. Tudo o que acabamos de dizer se aplica à escrita mecânica; esta é a que, com razão, todos os médiuns procuram obter. Mas o mecanismo puro é raríssimo, e muito frequentemente ela se mistura mais ou menos com a intuição. Tendo consciência do que escreve, o médium é naturalmente levado a duvidar da sua faculdade; ele não sabe se o texto vem dele ou de outro Espírito. Ele não tem que se inquietar com nada disso e deve continuar do mesmo jeito; que ele observe a si mesmo com cuidado e facilmente descobrirá naquilo que escreve um monte de coisas que não estava na sua mente, quando não lhes eram contrárias; prova evidente que elas não vêm dele. Portanto, que ele continue, e a dúvida se dissipará com a experiência.

215. Se não é permitido ao médium ser exclusivamente mecânico, todas as tentativas para obter esse resultado serão infrutíferas e, conseqüentemente, seria errado se julgar deserdado; se ele é dotado apenas da mediunidade intuitiva, que se contente com isso e ela não deixará de lhe render grandes serviços, se ele souber aproveitar e não a rejeitar.

Se, após tentativas inúteis sucessivas durante algum tempo, nenhum indício de movimento involuntário se produzir ou se esses movimentos forem fracos demais para dar resultados, ele não deve hesitar em escrever a primeira ideia que lhe for sugerida, sem se preocupar se ela vem dele ou de uma fonte diferente: a experiência lhe ensinará a fazer a distinção. Aliás, acontece muitíssimo que o movimento mecânico se desenvolva mais tarde.

Dissemos ainda há pouco que há casos em que é indiferente o médium saber se o pensamento vem dele mesmo ou de um outro Espírito; isso ocorre especialmente quando um médium puramente intuitivo ou inspirado faz um trabalho de imaginação por si mesmo; pouco importa que ele atribua a si próprio um pensamento que lhe foi sugerido; se lhe vierem boas ideias, que ele agradeça ao seu bom gênio, e ele lhe serão sugeridas outras. Tal é a inspiração dos poetas, dos filósofos e dos sábios.

216. Suponhamos agora a faculdade medianímica totalmente desenvolvida; que o médium escreva com facilidade; que ele seja, enfim, o que chamamos um médium feito, seria um grande erro de parte dele crer-se dispensado de novas instruções, pois ele teria vencido apenas uma resistência material, mas aí então é que começam para ele as verdadeiras dificuldades, e quando ele mais do que nunca precisa dos conselhos da prudência e da experiência, se não quiser cair nas mil armadilhas que lhe serão preparadas. Se ele pretender voar muito cedo com as suas próprias asas, então não tardará para ele ser uma presa de Espíritos mentirosos que procurarão explorar a sua presunção.

217. Uma vez desenvolvida a faculdade no médium, é essencial que ele não abuse dela. A satisfação que ela dá a alguns principiantes lhes incita um entusiasmo que é importante moderar; eles devem lembrar que ela lhes foi dada para o bem e não para satisfação de vã curiosidade. Portanto, convém que não se utilizem dela senão nos momentos oportunos, e não a todo instante; como os Espíritos não estão constantemente ao seu dispor, eles correm o risco de ser enganados por mistificadores. Para tais fins, é bom adotar determinados dias e horas, porque assim trazem mais condições de recolhimento e para que os Espíritos que quiserem vir estejam prevenidos e se preparem adequadamente.

218. Se — malgrado todas as tentativas — a mediunidade não se revelar de nenhuma forma, é preciso desistir dela, como se renuncia ao canto quando a pessoa não tem voz. Aquele que não sabe uma língua se serve de um tradutor; então, devemos fazer o mesmo, isto é, recorrer a outro médium. Na falta de

um médium, nem por isso devemos nos considerar privados da assistência dos Espíritos. A mediunidade para eles é um meio de se expressarem, mas não um meio exclusivo de atração; os que nos têm afeição estão perto de nós — que sejamos ou não médiuns. Um pai nunca abandona um filho porque este é surdo e cego e não pode ouvi-lo e nem o ver; ao contrário; ele o envolve com toda a sua solicitude, como os bons Espíritos fazem conosco: se eles não podem nos transmitir seus pensamentos materialmente, eles vêm nos ajudar através da inspiração.

Mudança de caligrafia

219. Um fenômeno muito comum nos médiuns escreventes é a mudança de caligrafia de acordo com os Espíritos que se comunicam, e o que há de mais notável nisso é que a mesma caligrafia se reproduz constantemente com o mesmo Espírito, e algumas vezes ela é idêntica àquela que este tinha em vida. Veremos mais tarde as consequências que podemos tirar daí com relação à identidade. A mudança de letra só acontece com os médiuns mecânicos ou semimecânicos, porque neles o movimento da mão é involuntário e guiado pelo Espírito; não ocorre o mesmo com os médiuns puramente intuitivos, visto que, neste caso, o Espírito atua somente sobre o pensamento, e a mão é dirigida pela vontade do médium, como nas circunstâncias comuns. Mas, mesmo num médium mecânico, a uniformidade da caligrafia não prova absolutamente nada contra a sua faculdade, já que a mudança da letra não é uma condição absoluta na manifestação dos Espíritos; ela depende de uma aptidão especial de que nem sempre os médiuns mais mecânicos são dotados — nem mesmo os mais mecânicos. Designamos aqueles que possuem essa aptidão como *médiuns polígrafos*.

Perda e suspensão da mediunidade

220. A faculdade medianímica está sujeita a intervalos e a suspensões temporárias — seja para as manifestações físicas, seja para a escrita. Aqui

estão as respostas dos Espíritos a algumas perguntas feitas a respeito disso:

1) Os médiuns podem perder a sua faculdade?

“Isso acontece às vezes, qualquer que seja o gênero dessa faculdade; mas também, frequentemente não passa de uma interrupção momentânea que cessa com a causa que a produziu.”

2) A causa da perda da mediunidade estaria no esgotamento do fluido?

“Qualquer que seja a faculdade de que o médium seja dotado, ele não pode nada sem a cooperação simpática dos Espíritos, e quando ele nada obtém, nem sempre é porque lhe falta a faculdade: são os Espíritos que às vezes não querem ou não podem mais se servir dele.”

3) Que causa pode levar os Espíritos a abandonarem o médium?

“O uso que os médiuns fazem da sua faculdade é a causa mais importante para os bons Espíritos. Podemos abandoná-lo quando ele se serve dela para coisas banais ou para fins ambiciosos, e quando ele se recusa a transmitir as nossas palavras ou nossas ações aos encarnados que clamam ou precisam ver para se convencerem. Esse dom de Deus não é concedido ao médium para seu bel-prazer, e menos ainda para satisfazer sua ambição, mas para sua própria melhoria e para revelar a verdade aos homens. Se o Espírito vê que o médium já não corresponde aos seus propósitos e não aproveita mais as instruções e as advertências que ele lhe dá, então se retira, para procurar um protegido mais digno.”

4) O Espírito que se retira não pode ser substituído? E neste caso, não se conceberia a suspensão da mediunidade?

“Não faltam Espíritos que não desejam nada melhor do que se comunicar e que, portanto, estão sempre prontos a substituir os que se retiram; mas quando é um bom Espírito que larga o médium, ele pode muito bem deixá-lo apenas momentaneamente e lhe privar por um certo tempo de toda comunicação, a fim de servir como lição e lhe provar que a sua faculdade **não depende dele**, e que não deve se envaidecer disso. Essa impossibilidade temporária também é para dar ao médium a prova de que ele escreve sob uma influência externa, caso contrário não haveria intermitência.

“Além disso, a interrupção da faculdade nem sempre é uma punição;

muitas vezes ela demonstra o cuidado do Espírito para com o médium a quem se afeiçoa, querendo lhe propiciar um repouso material que ele julgou necessitado, e nesse caso ele não permite que outros Espíritos o substituam.”

5) No entanto, vemos médiuns de muito mérito — moralmente falando — que não sentem nenhuma necessidade de repouso e que ficam muito contrariados com interrupções, cuja finalidade eles não compreendem.

“É para pôr à prova a paciência e a perseverança do médium; por isso os Espíritos geralmente não demarcam nenhum término para essa suspensão; eles querem ver se o médium vai desanimar. De outras tantas vezes é para lhe dar tempo para meditar as instruções que lhe foram dadas, e é por essa meditação sobre os nossos ensinamentos que nós reconhecemos os espíritos verdadeiramente sérios; não podemos dar essa denominação àqueles que na realidade não passam de amadores de comunicações.”

6) Nesse caso, é necessário que o médium prossiga suas tentativas para escrever?

“Se o Espírito lhe aconselhar isto, sim; se lhe disser para se abster, ele deve acatar.”

7) Há algum meio de abreviar essa prova?

“A resignação e a prece. De resto, basta fazer todo dia uma tentativa de alguns minutos, pois seria inútil perder tempo em ensaios infrutíferos. A tentativa não tem outro objetivo senão verificar se a faculdade já retornou.”

8) A suspensão implica no distanciamento dos Espíritos que se comunicam habitualmente?

“De jeito nenhum; o médium fica então na posição de uma pessoa que perdesse momentaneamente a visão e nem por isso deixaria de estar rodeada de seus amigos, embora ela não pudesse lhes ver. Portanto, o médium pode e até mesmo deve continuar a se comunicar pelo pensamento com os seus Espíritos familiares, e ficar certo de que é ouvido por eles. Se a falta da mediunidade pode privar as comunicações materiais com determinados Espíritos, não pode privar das comunicações morais.”

9) Assim, a interrupção da faculdade medianímica nem sempre implica

numa reprovação da parte do Espírito?

“Não, sem dúvida, pois ela pode ser uma prova de benevolência.”

10) Por qual sinal podemos reconhecer reprovação nesta interrupção?

“Que o médium interrogue sua consciência e avalie a utilização que tem feito da sua faculdade, o bem que ela tem resultado para os outros, **o proveito que ele tem tirado dos conselhos que lhe deram**, e então terá a resposta.”

11) O médium que não pode mais escrever poderia recorrer a outro médium?

“Depende da causa da interrupção, que muitas vezes tem por motivo lhes deixar algum tempo sem comunicações após vos ter dado conselhos, a fim de que vocês não fiquem habituados a não fazer nada sem nós; neste caso, ele não ficará mais satisfeito se servindo de outro médium, e isso também tem uma finalidade: prová-los que os Espíritos são livres e que não depende de vós fazê-los caminhar como vocês queiram. É ainda por esta razão que os que não são médiuns nem sempre recebem todas as comunicações que desejam.”

Nota – De fato, deve-se observar que aquele que recorre a terceiros em favor de comunicações, não obstante a qualidade do médium, muitas vezes não consegue nada de satisfatório, ao passo que doutras vezes as respostas são muito explícitas. Isso depende tanto da vontade do Espírito que não adianta nada mudar de médium; parece que os próprios Espíritos dão a palavra de ordem a esse respeito, pois o que não obtivermos de um, não obteremos de mais nenhum outro. Devemos então evitar de insistir e de nos impacientar, se não quisermos ser vítimas dos Espíritos enganadores, que responderão, se quisermos uma resposta à toda a força, e os bons deixarão que eles o façam, para nos punirem pela nossa insistência.

12) Com que intuito a Providência concedeu a determinados indivíduos o dom da mediunidade de uma maneira especial?

“É uma missão da qual eles se encarregaram e com a qual estão felizes; eles são os intérpretes entre os Espíritos e os homens.”

13) Mas não há médiuns que só empregam sua faculdade com relutância?

“São médiuns imperfeitos; eles não sabem o preço do favor que lhes foi concedido.”

14) Se é uma missão, como pode ser que ela não seja um privilégio dos homens de bem e que essa faculdade seja dada a pessoas que não merecem nenhuma estima e que podem abusar dela?

“Ela lhes é dada porque eles carecem dela para o seu próprio melhoramento, e a fim de que também estejam em condições de receber bons ensinamentos; se não a aproveitam, então sofrerão as consequências. Jesus não pregava de preferência aos pecadores, dizendo ser preciso dar àquele que não tem?”

15) As pessoas que têm um grande desejo de escrever como médiuns e que não conseguem poderiam concluir disso que há alguma coisa contra elas, no tocante à benevolência dos Espíritos para com elas?

“Não, pois Deus podes lhes ter negado essa faculdade como poderia ter negado o dom da poesia ou da música; porém, se elas não gozam desse favor, podem gozar de outros.”

16) Como um homem pode se aperfeiçoar através do ensino dos Espíritos desde que ele não tenha — nem por si mesmo, nem por outros médiuns — os meios de receber diretamente esse ensinamento?

“Ele não tem os livros, como os cristãos têm o Evangelho? Para praticar a moral de Jesus, os cristãos não precisam ter ouvido suas palavras saírem da própria boca dele.”

CAPÍTULO XVIII

INCONVENIENTES E PERIGOS DA MEDIUNIDADE

Influência do exercício da mediunidade sobre a saúde – *Idem sobre o cérebro – Idem sobre as crianças*

221. 1) A faculdade medianímica seria um indício de algum estado patológico ou simplesmente anormal?

“Anormal às vezes, mas não patológico, pois existem médiuns de uma saúde robusta; aqueles que são doentes estão assim por outras causas.”

2) O exercício da faculdade medianímica pode causar fadiga?

“O exercício muito prolongado de qualquer faculdade causa fadiga; a mediunidade está no mesmo caso, principalmente a que se aplica aos efeitos físicos; ela ocasiona necessariamente um gasto de fluido que leva à fadiga, mas se repara pelo repouso.”

3) A prática da mediunidade pode ter inconvenientes em si mesma, do ponto de vista da saúde, com exceção do abuso?

“Há casos em que é prudente — e até necessário — abster-se dela, ou pelo menos moderar a sua utilização; isso depende do estado físico e moral do médium. Aliás, geralmente o médium percebe isso, e quando sente a fadiga, ele deve parar.”

4) Há pessoas para quem esse exercício tenha mais inconvenientes do que para outras?

“Eu já disse que isso depende do estado físico e moral do médium. Existem pessoas para as quais é preciso evitar toda causa de superexcitação, e

este é um desses casos.” (Item 188 e 194.)

5) A mediunidade poderia produzir a loucura?

“Não mais que qualquer outra coisa, quando não há predisposição para isso, pela fraqueza do cérebro. A mediunidade não produzirá loucura desde que não haja um princípio dela; mas se o princípio já existe — o que é fácil de reconhecer, pelo estado moral —, o bom senso diz que é preciso ter cautela sob todos os sentidos, pois toda causa de abalo pode ser prejudicial.”

6) Há inconveniente em desenvolver a mediunidade nas crianças?

“Certamente, e eu defendo que isso é muito perigoso, porque esses organismos frágeis e delicados seriam bastante abalados e suas imaginações juvenis ficariam superexcitadas demais. Sendo assim, os pais prudentes deverão afastá-las dessas ideias, ou pelo menos só falarão com elas do ponto de vista das conseqüências morais.”

7) Porém, há crianças que são médiuns naturalmente — seja para efeitos físicos, seja para a escrita e para visões; isto tem o mesmo inconveniente?

“Não; quando a faculdade é espontânea numa criança, é que está na sua natureza e que a sua constituição se presta a isso; não é a mesma coisa quando ela é estimulada e superexcitada. Notem que a criança que tem visões geralmente fica pouco impressiona; isso lhe parece uma coisa bem natural, à qual ela dá pouquíssima atenção e muitas vezes esquece; mais tarde, o fato volta à sua memória e ela entende facilmente, quando conhece o Espiritismo.”

8) Com que idade se pode praticar a mediunidade sem inconvenientes?

“Não existe uma idade exata; isso dependendo inteiramente do desenvolvimento físico e ainda mais do desenvolvimento moral. Há crianças de doze anos que são menos afetadas com isso do que pessoas adultas. Falo da mediunidade em geral, mas a que se aplica aos efeitos físicos é mais fatigante corporalmente; a escrita tem outro inconveniente, que diz respeito à inexperiência da criança, no caso em que ela quisesse praticá-la sozinha e fazer disso uma brincadeira.”

222. Como veremos mais adiante, a prática do Espiritismo demanda muito tato para bloquear as artimanhas dos Espíritos enganadores; se pessoas

maduras são enganadas por eles, a infância e a juventude ficam ainda mais expostas a isso, por sua inexperiência. Ademais, sabemos que o recolhimento é uma condição sem a qual não se pode lidar com Espíritos sérios; evocações feitas desordenadamente e por brincadeira são uma verdadeira profanação que abre um acesso fácil aos Espíritos zombeteiros ou malfazejos; como não podemos esperar de uma criança a seriedade necessária em tal ato, é de se temer que ela faça disso um brinquedo se ela for deixada por conta própria. Mesmo nas condições mais favoráveis, é de se desejar que uma criança dotada da faculdade medianímica não a exercite senão sob os olhos de pessoas experientes que lhe ensinem, pelo exemplo, o respeito que devemos às almas dos viveram. A partir disso, vemos que a questão de idade está subordinada às circunstâncias tanto de temperamento como de caráter. Todavia, o que ressalta claramente das respostas anteriores é que não se deve forçar o desenvolvimento dessa faculdade nas crianças quando ela não é espontânea, e que em todos os casos é preciso usá-la com grande circunspeção; que não se pode nem a excitar e nem a estimular nas pessoas débeis. Devemos, por todos os meios possíveis, desviar aquelas que tenham dado os menores sintomas de excentricidade nas ideias ou de enfraquecimento das capacidades mentais, porque há nessas pessoas uma predisposição evidente para a loucura, que toda causa superexcitante pode desenvolver. Sobre esse aspecto, as ideias espíritas não têm uma influência maior, mas surgindo a loucura, ela assumirá a questão da preocupação dominante, como uma questão religiosa assumiria se a pessoa se entregasse em excesso às práticas de devoção, e então iriam atribuir ao Espiritismo a responsabilidade. O que há de melhor a se fazer com todo indivíduo que demonstre uma tendência à ideia fixa é direcionar suas preocupações para outro lado, a fim de proporcionar repouso aos órgãos enfraquecidos.

Sobre isso, chamamos a atenção dos nossos leitores para o parágrafo XII da introdução de *O Livro dos Espíritos*.

CAPÍTULO XIX

PAPEL DOS MÉDIUNS NAS COMUNICAÇÕES ESPÍRITAS

Influência do próprio Espírito do médium

- **Teoria dos médiuns inertes – Aptidão de certos médiuns para coisas que eles não conhecem: línguas, música, desenho etc.**
- **Dissertação de um Espírito sobre o papel dos médiuns.**

223. 1) No momento em que pratica a sua faculdade, o médium está em estado perfeitamente normal?

“Às vezes, ele está num estado mais ou menos acentuado de crise.⁵⁹ É isso o que o fadiga e é por isso que ele necessita de repouso; porém, quase sempre seu estado não difere significativamente do estado normal, sobretudo nos médiuns escreventes.”

2) As comunicações escritas ou verbais também podem vir do próprio Espírito encarnado no médium?

“A alma do médium pode se comunicar como qualquer outra; se ela desfruta de um certo grau de liberdade, então ela recobra suas qualidades de Espírito. Vocês têm a prova disso na alma de pessoas vivas que vem lhes visitar e que se comunicam convosco pela escrita, muitas vezes sem que vocês as chamem. Fiquem sabendo, pois, que entre os Espíritos que vocês evocam,

⁵⁹ Segundo sua definição clássica, o termo *crise* (mesma escrita em francês) refere-se a um estado de choque emocional vindo de forma repentina e forte, capaz de alterar o estado de consciência do indivíduo. No sentido aplicado ao que acontece no fenômeno mediúnic, representa o que atualmente nós chamamos normalmente de *transe*, palavra que doravante empregaremos aqui para nos referirmos ao que Allan Kardec descreve como *crise*. — N. T.

há alguns que estão encarnados na Terra; ***então eles vos falam como Espíritos, e não como homens***. Por que não poderia ser da mesma forma com um médium?”

— Esta explicação não parece confirmar a opinião daqueles que creem que todas as comunicações venham do Espírito do médium, e não de Espíritos exteriores?

“Eles só estão errados por entenderem que tudo seja absoluto, porque é certo que o Espírito do médium pode agir por si mesmo; mas isso não é razão para que outros não ajam igualmente por seu intermédio.”

3) Como saber se o Espírito que responde é o do médium ou de outro Espírito?

“Pela natureza das comunicações. Estudem as circunstâncias e a linguagem e vocês distinguirão. É sobretudo no estado de sonambulismo ou de êxtase que o Espírito do médium se manifesta, porque então ele está mais livre; no estado normal é mais difícil. Aliás, há respostas que não podem ser atribuídas a ele; por isso eu digo que estudem e observem.”

Nota – Quando uma pessoa nos fala, nós distinguimos facilmente o que vem dela ou aquilo de que ela é apenas o eco. Acontece o mesmo com os médiuns.

4) Já que o Espírito do médium pôde, em existências anteriores, adquirir os conhecimentos que esqueceu sob o envoltório corporal, mas do que ele se lembra como Espírito, ele não poderia buscar no seu próprio íntimo as ideias que parecem ultrapassar o limite de sua instrução?

“Isso acontece frequentemente no estado de crise sonambúlica ou de extático; porém, mais uma vez, há circunstâncias que não permitem dúvida: estudem ***bastante*** e meditem.”

5) As comunicações provenientes do Espírito do médium são sempre inferiores às que possam ser dadas por outros Espíritos?

“Sempre não, pois o outro Espírito pode até ser de uma ordem inferior à do médium e então falar menos sensatamente. Vemos isso no sonambulismo; lá, é quase sempre o Espírito do sonâmbulo quem se manifesta e que às vezes diz coisas muito boas.”

6) O Espírito que se comunica através de um médium transmite diretamente seu pensamento, ou este pensamento teria como intermediário o Espírito encarnado no médium?

“É o Espírito do médium que é o intérprete, porque ele está ligado ao corpo que serve para falar, e porque é preciso uma corrente entre vocês e os Espíritos exteriores que se comunicam, como é preciso um fio elétrico para transmitir uma notícia ao longe e, na extremidade do fio, uma pessoa inteligente que a receba e a transmita.”

7) O Espírito encarnado no médium exerce alguma influência sobre as comunicações que deva transmitir e que venham de outros Espíritos?

“Sim, porque se o médium não simpatizar com os Espíritos, ele pode alterar as respostas deles e misturá-las com as suas próprias ideias e tendências; ***mas o médium não influencia diretamente os Espíritos***: ele não é mais do que um mau intérprete.”

8) Essa é a causa da preferência dos Espíritos por certos médiuns?

“Não há outra causa; os Espíritos procuram o intérprete que mais simpatize com eles e que transmita com mais exatidão os pensamentos deles. Se não existir simpatia entre eles, o Espírito do médium seria um antagonista a oferecer uma certa resistência e se tornaria um intérprete de má vontade e muitas vezes infiel. É o que ocorre entre vocês quando o ensino de um sábio é transmitido pela voz de um estonteado ou de uma pessoa de má-fé.”

9) Compreende-se que seja assim com os médiuns intuitivos, mas não com aqueles que sejam médiuns mecânicos.

“Vocês ainda não entenderam bem o papel que o médium desempenha; existe aí uma lei que vocês ainda não assimilaram. Lembrem-se de que para produzir o movimento de um corpo inerte, o Espírito precisa de uma porção de fluido animalizado que ele pega do médium para animar a mesa momentaneamente, a fim de que esta mesa lhe obedeça. Pois bem, compreendam também que para uma comunicação inteligente ele precisa de um intermediário inteligente, e que esse intermediário é o Espírito do médium.”

— Isso não parece aplicável ao que chamamos de mesas falantes, pois

quando os objetos *inertes* (como as mesas, pranchetas e cestas) dão respostas inteligentes, parece que o Espírito do médium não tem nada a ver com isso.

“Isso é um erro; o Espírito pode dar ao corpo inerte uma vida fictícia momentânea, mas não a inteligência; jamais um corpo inerte foi inteligente. Então, é o Espírito do médium que involuntariamente recebe o pensamento e o transmite pouco a pouco com a ajuda de diversos intermediários.”

10) Parece resultar dessas explicações que o Espírito do médium nunca é completamente passivo, não parece?

“É passivo quando o médium não mistura suas próprias ideias com as do Espírito comunicante, mas nunca é absolutamente nulo; sua participação é sempre necessária como intermediário, mesmo naqueles que vocês chamam de médiuns mecânicos.”

11) Não há mais garantia de independência no médium mecânico do que no médium intuitivo?

“Sem dúvida alguma, e para certas comunicações é preferível um médium mecânico; mas quando se conhece as capacidades de um médium intuitivo, isso se torna indiferente, conforme as circunstâncias. Quero dizer que há comunicações que exigem menos exatidão.”

12) Entre as diferentes teorias que se tem emitido para explicar os fenômenos espíritas há uma que consiste em crer que a verdadeira mediunidade esteja num corpo completamente inerte (na cesta ou no papelão, por exemplo) que serve de instrumento; que o Espírito exterior se identifica com esse objeto e o torna não somente vivo, mas também inteligente; daí o nome de *médiuns inertes* dado a esses objetos. O que pensam dessa teoria?

“Só há uma palavra a dizer sobre isso: é que, se o Espírito transmitisse ao papelão inteligência ao mesmo tempo que vida, o papelão escreveria tudo sozinho, sem a ajuda do médium. Seria estranho que o homem inteligente se tornasse máquina e que um objeto inerte se tornasse inteligente. Esse é um dos numerosos sistemas nascidos de uma ideia preconcebida e que — como tantos outros — tombam diante da experiência e da observação.”

13) Um fenômeno bem conhecido poderia dar crédito à opinião de que nos corpos inertes animados haveria mais do que vida: também haveria inteligência; seria o fenômeno das mesas, das cestas etc. que, pelos seus movimentos, exprimem raiva ou afeição.

“Quando um homem agita uma bengala com raiva, não é a bengala que está com raiva, nem mesmo a mão que segura a bengala, mas sim o pensamento que move a mão. As mesas e as cestas não são mais inteligentes do que a bengala; elas não têm nenhum sentimento inteligente, mas apenas obedecem a uma inteligência. Resumindo, não é que o Espírito se transforma numa cesta, nem que a defina como domicílio.”

14) Se não é racional atribuir inteligência a esses objetos, poderíamos considerá-los como uma variedade de médiuns designando-lhes pelo nome de *médiuns inertes*?

“Isso é uma questão de palavras que pouco nos importa, desde que vocês se entendam. Vocês são livres para chamar o homem de marionete.”

15) Os Espíritos só têm a linguagem do pensamento; eles não têm uma linguagem articulada, e por isso só há um idioma para eles. De acordo com isso, um Espírito poderia se expressar por via medianímica numa língua que ele jamais falou quando vivo? E nesse caso, de onde ele tira as palavras de que se serve?

“Você mesmo acabou de responder a vossa pergunta ao dizer que os Espíritos só têm uma língua — que é a do pensamento. Essa língua é compreendida por todos, tanto pelos homens como pelos Espíritos. O Espírito errante, dirigindo-se ao Espírito encarnado do médium, não lhe fala em francês nem em inglês, mas na língua universal que é a do pensamento. Para traduzir suas ideias numa língua articulada, transmissível, ele usa as palavras no vocabulário do médium.”

16) Sendo assim, o Espírito só deveria poder se expressar no idioma do médium; entretanto, temos visto ele escrever em línguas desconhecidas do médium. Não há aqui uma contradição?

“Notem primeiramente que nem todos os médiuns são igualmente aptos

a esse gênero de exercício e, por conseguinte, que os Espíritos só se manifestam assim raramente, quando julgam que isso pode ser útil; mas, para as comunicações comuns e de uma certa extensão, eles preferem se servir de uma língua familiar ao médium, porque ela lhe oferece menos dificuldades materiais a serem vencidas.”

17) A aptidão de certos médiuns para escrever numa língua que lhes é estranha não viria do fato de que essa língua era familiar para eles em outra existência e que eles tenham conservado a intuição dela?

“Isso certamente pode acontecer, mas não é uma regra. Com alguns esforços, o Espírito pode superar momentaneamente a resistência material que encontra; é o que acontece quando o médium escreve, no seu próprio idioma, palavras que ele não conhece.”

18) Uma pessoa que não saiba escrever poderia escrever como médium?

“Sim, mas é compreensível que isso teria também uma grande dificuldade mecânica a ser vencida, já que a mão não tem o hábito do movimento necessário para formar as letras. É o mesmo caso dos médiuns desenhistas que não sabem desenhar.”

19) Um médium muito pouco inteligente poderia transmitir comunicações de uma ordem elevada?

“Sim, pela mesma razão que um médium pode escrever numa língua que ele desconhece. A mediunidade propriamente dita é independente da inteligência, bem como das qualidades morais, e na falta de instrumento melhor o Espírito pode se servir daquele que ele tem à disposição. Mas é natural que, para as comunicações de uma certa ordem, ele prefira o médium que lhe ofereça menos obstáculos materiais. E tem mais um detalhe: a pessoa com deficiência mental muitas vezes só é assim pela imperfeição de seus órgãos, mas seu Espírito pode ser mais adiantado do que vocês pensam. A prova disso está em certas evocações dessas pessoas — mortas ou vivas.”

Nota – Este é um fato comprovado pela experiência; várias vezes nós temos evocado pessoas com deficiência mental que estão vivas e que têm dado provas patentes de sua identidade e que responderam de um modo muito sensato e até

mesmo superior. Essa situação é uma punição para o Espírito, que sofre com o constrangimento em que se encontra. Logo, um médium com deficiência mental pode algumas vezes oferecer ao Espírito que queira se manifestar mais recursos do que se imagina. (Ver na *Revista espírita*, julho de 1860, o artigo sobre a *Frenologia* e a *Fisiognomia*.)

20) De onde vem a aptidão de alguns médiuns para escrever em verso, apesar de sua ignorância em matéria de poesia?

“A poesia é uma linguagem; eles podem escrever em verso como podem escrever num idioma que eles não conheçam. Além disso, pode ser que eles tenham sido poetas em outra existência e, como já te dissemos, os conhecimentos adquiridos jamais são perdidos pelo Espírito, que deve chegar à perfeição em todas as coisas. Então, o que eles aprenderam lhes dá — sem que percebam — uma facilidade que eles não têm no estado comum.”

21) Acontece o mesmo com aqueles que têm uma aptidão especial para o desenho e para a música?

“Sim; o desenho e a música também são maneiras de expressar o pensamento; os Espíritos se servem dos instrumentos que mais oferecem facilidade para eles.”

22) A expressão do pensamento pela poesia, pelo desenho ou pela música depende unicamente da aptidão especial do médium ou da do Espírito que se comunica?

“Algumas vezes do médium, outras vezes do Espírito. Os Espíritos superiores têm todas as aptidões; os Espíritos inferiores têm conhecimentos limitados.”

23) Por que um homem que tem um extraordinário talento numa existência não a tem numa existência seguinte?

“Nem sempre é assim, pois comumente ele aperfeiçoa numa existência aquilo que começou numa precedente; mas pode ser que uma faculdade transcendente fique adormecida durante um certo tempo para deixar outra mais livre para se desenvolver; é um gérmen latente que retornará mais tarde e do qual sempre ficam alguns traços, ou pelo menos uma vaga intuição.”

224. Sem dúvida, o Espírito comunicante compreende todas as línguas, pois as línguas são a expressão do pensamento, e que o Espírito compreende pelo pensamento; mas, para exprimir esse pensamento, falta-lhe um instrumento: esse instrumento é o médium. A alma do médium que recebe a comunicação exterior não pode transmiti-la senão pelos órgãos do corpo; ora, esses órgãos não podem ter para uma língua desconhecida a flexibilidade que eles têm para uma língua que lhes é familiar. Um médium que só saiba francês poderia ocasionalmente dar uma resposta em inglês, por exemplo, se o Espírito assim quiser fazer; mas os Espíritos — que já acham a linguagem humana muito lenta, em comparação à rapidez do pensamento, tanto que eles a abreviam o quanto podem — ficam impacientes com a resistência mecânica que eles enfrentam; daí por que nem sempre o fazem. Essa também é a razão pela qual um médium noviço — que escreve mal e lentamente, mesmo na sua língua nativa — geralmente não obtém mais do que respostas breves e sem desenvolvimento; por isso os Espíritos recomendam que só façam perguntas simples por seu intermédio. Para pessoas de um grande alcance, é preciso um médium experiente que não ofereça nenhuma dificuldade mecânica ao Espírito. Nós não tomaríamos para ser nosso leitor um estudante que apenas sabe soletrar. Um bom operário não gosta de se servir de maus instrumentos. Acrescentemos outra consideração de uma gravidade muito grande no que se refere às línguas estrangeiras: os ensaios deste gênero são sempre feitos com um objetivo de curiosidade e de experimentação; ora, nada mais antipático aos Espíritos do que as provas às quais tentem submetê-los. Os Espíritos superiores jamais se sujeitam a isso, e se afastam logo que se pretenda entrar por esse caminho. Tanto eles se comprazem com as coisas úteis e sérias quanto lhes repugna ocuparem-se com coisas fúteis e sem finalidade. Os incrédulos dirão que é para nos convencerem, e que esse propósito é útil, já que isso pode ganhar adeptos para a causa dos Espíritos. A isto os Espíritos respondem: “A nossa causa não precisa dos que têm orgulho o bastante para se suporem indispensáveis; nós chamamos para nós **os que nós queremos**, e estes são quase sempre os mais pequeninos e os mais humildes. Jesus fez os milagres que os escribas lhe pediam? E de que homens ele se serviu para revolucionar o mundo? Se quiserem se convencer, vocês têm outros meios

que não o da força; comecem primeiramente por se submeterem: não é correto que o discípulo imponha sua vontade ao mestre.”

Daí decorre que, salvo algumas exceções, o médium repassa o pensamento dos Espíritos pelos meios mecânicos que estão a sua disposição, e que a expressão desse pensamento pode — e deve, na maioria das vezes — ser afetada pela imperfeição desses meios; sendo assim, o homem inculto, o camponês⁶⁰, poderia dizer as mais belas coisas, expressar as mais elevadas e as mais filosóficas ideias, falando como camponês, porque, como nós sabemos, para os Espíritos o pensamento domina tudo. Isto responde a certas críticas a respeito das incorreções de estilo e de ortografia que podem ser atribuídas aos Espíritos, mas que podem vir tanto do médium como do Espírito. Só há futilidade em se apegar a essas coisas. Não menos pueril é insistir em reproduzir essas incorreções com uma exatidão minuciosa, como o temos visto fazerem algumas vezes. Portanto, podemos corrigi-las sem nenhum constrangimento, a menos que essas incorreções sejam um tipo característico do Espírito que se comunica — caso em que é útil conservá-las, como prova de identidade. É assim, por exemplo, que temos visto um Espírito escrever constantemente **Jule** (sem o **s**), falando de seu neto, porque quando vivo ele escrevia dessa maneira, embora o neto, que lhe servia de médium, soubesse escrever perfeitamente seu próprio nome.

225. A dissertação seguinte, dada espontaneamente por um Espírito superior que se revelou por comunicações de uma ordem das mais elevadas, resume da maneira mais clara e completa a questão do papel dos médiuns:

“Qualquer que seja a natureza dos médiuns escreventes, que eles sejam mecânicos, semimecânicos ou simplesmente intuitivos, nossos procedimentos de comunicação com eles não variam essencialmente. De fato, nós nos comunicamos com os próprios Espíritos encarnados assim como com os Espíritos propriamente ditos, somente pela irradiação do nosso pensamento.

⁶⁰ O autor aqui toma a figura do *camponês* como exemplo de alguém *iletrado*, obviamente que não por preconceito, mas porque era o exemplo clássico naquela época (século XIX), em razão das mínimas condições que o homem do campo tinha de acesso à escola, especialmente em comparação com quem vivia na zona urbana. — N. T.

“Os nossos pensamentos não têm necessidade do revestimento da palavra para serem compreendidos pelos Espíritos, e todos os Espíritos percebem o pensamento que desejamos lhes comunicar, bastando para isso que dirijamos esses pensamentos até eles, e isso em razão de suas faculdades intelectuais; quer dizer, que tal pensamento pode ser compreendido por todos eles, de acordo com o avanço deles, enquanto em outros tais — como esse pensamento não desperta nenhuma lembrança, nenhum conhecimento no fundo do seu coração ou do seu cérebro — ele não lhes é perceptível. Neste caso, o Espírito encarnado que nos serve de médium é mais apto a exprimir o nosso pensamento para os outros encarnados, embora ele não o compreenda, do que poderia um Espírito desencarnado e pouco avançado fazer, se fôssemos forçados a recorrer à sua mediação; porque o ser terreno põe seu corpo como instrumento à nossa disposição, o que o Espírito errante não pode fazer.

“Assim, quando encontramos em um médium o cérebro munido de conhecimentos adquiridos na sua vida atual e seu Espírito rico de conhecimentos anteriores latentes, adequados a facilitar as nossas comunicações, então nos servimos preferencialmente dele, porque com ele o fenômeno da comunicação se torna para nós muito mais fácil do que com um médium cuja inteligência fosse limitada e cujos conhecimentos anteriores se mostrassem insuficientes. Vamos nos fazer compreender através de algumas explicações nítidas e precisas.

“Com um médium cuja inteligência atual ou anterior se ache desenvolvida, nosso pensamento se comunica instantaneamente de Espírito para Espírito por uma capacidade da própria essência do Espírito. Nesse caso, encontramos no cérebro do médium os elementos apropriados para dar ao nosso pensamento a vestidura da palavra correspondente a esse pensamento, e isso, que o médium seja intuitivo, semimecânico ou puramente mecânico. É por isso que, qualquer que seja a diversidade de Espíritos que se comunicam com um médium, os ditados obtidos por ele — embora procedendo de Espíritos diferentes — trazem um cunho da forma e do estilo pessoal desse médium. Sim, ainda que o pensamento lhe seja totalmente estranho, ainda que o assunto saia do quadro no qual o médium habitualmente se mova, ainda

que queiramos dizer que de alguma forma não provenha dele, ele não deixa de influenciar a forma, pelas qualidades e propriedades que são adequadas ao seu indivíduo. É exatamente como quando vocês observam diferentes horizontes com lentes coloridas, verdes, brancas ou azuis; ainda que os horizontes, ou objetos observados, sejam totalmente opostos e totalmente independentes uns dos outros, nem por isso deixam de ser afetados por uma tonalidade que vem da cor das lentes. Ou melhor: comparemos os médiuns a esses potes cheios de líquidos coloridos e transparentes que vemos nos mostruários dos laboratórios farmacêuticos; pois bem, nós somos como luzes que clareiam certos pontos de vista morais, filosóficos e internos, através dos médiuns azuis, verdes ou vermelhos, de tal sorte que nossos raios luminosos, obrigados a passar através de vidros mais ou menos bem lapidados, mais ou menos transparentes, isto é, através de médiuns mais ou menos inteligentes, só chegam aos objetos que desejamos iluminar tomando a tonalidade, ou melhor, a forma própria e particular desses médiuns. Enfim, para terminar com uma última comparação, nós, os Espíritos, somos como compositores de música compuseram ou querem improvisar uma ária e que só dispõem de um piano, um violino, uma flauta, um fagote ou um apito barato. É incontestável que com o piano, a flauta ou o violino nós executaremos nossa peça musical de um modo muito compreensível para os ouvintes; embora os sons vindos do piano, do fagote ou do clarinete sejam essencialmente diferentes uns dos outros, nem por isso nossa composição deixará de ser identicamente a mesma, exceto pelos timbres dos instrumentos. Mas, se só tivermos à nossa disposição um apito barato ou um funil, aí ficaremos em dificuldade.

“Com efeito, quando somos obrigados a nos servir de médiuns pouco avançados, nosso trabalho se torna bem mais demorado e bem mais penoso porque nos vemos obrigados a recorrer a formas incompletas, o que é uma complicação para nós, pois então somos forçados a decompor nossos pensamentos e a ditar palavra por palavra, letra por letra, o que para nós é um aborrecimento e uma fadiga, além de um entrave real à prontidão e ao desenvolvimento das nossas manifestações.

“É por isso que ficamos felizes em encontrar médiuns bem preparados, bem equipados, munidos de materiais prontos a serem utilizados; bons

instrumentos, numa palavra, porque então o nosso perispírito, agindo sobre o perispírito daquele que nós **medianimizamos**, não tem mais do que dar o impulso à mão que nos serve de porta-lápis, ou porta-caneta; enquanto com os médiuns insuficientes, somos obrigados a fazer um trabalho igual ao que fazemos quando nos comunicamos por batidas, quer dizer, designando letra por letra, palavra por palavra, cada uma das frases que formam a tradução dos pensamentos que queiramos comunicar a vocês.

“É por estas razões que preferencialmente nos endereçamos às classes esclarecidas e instruídas, para a divulgação do Espiritismo e para o desenvolvimento das faculdades medianímicas escreventes — se bem que seja nessas classes que se encontrem os indivíduos mais incrédulos, os mais rebeldes e os mais imorais. É que, assim como hoje nós largamos o exercício das comunicações tangíveis de pancadas e de transportes aos Espíritos brincalhões e pouco avançados, assim também os homens pouco sérios entre vocês preferem o espetáculo dos fenômenos que impressionam os olhos ou os ouvidos aos fenômenos puramente espirituais, puramente psicológicos.

“Quando queremos proceder por ditados espontâneos, nós agimos sobre o cérebro, sobre os arquivos do médium, e montamos nossos materiais com os elementos que ele nos fornece, e isso tudo feito sem o conhecimento dele; é como se pegássemos da sua carteira as somas que ele ali tivesse e organizássemos as diferentes moedas conforme a ordem que nos parecesse mais útil.

“Mas quando o próprio médium quiser nos interrogar desse ou daquele modo, é bom que ele reflita seriamente sobre isso a fim de nos questionar de um jeito metódico, facilitando-nos assim o trabalho de resposta. Porque, como já te dissemos numa instrução anterior, o vosso cérebro está frequentemente numa desordem inextrincável, e para nós é tão penoso quanto difícil nos mover no labirinto dos vossos pensamentos. Quando as questões devam ser feitas por terceiros, é bom e útil que a série de perguntas seja comunicada previamente ao médium, para que este se identifique com o Espírito do evocador e fique — por assim dizer — impregnado dele, porque então nós teremos mais facilidade para responder, pela afinidade existente entre nosso perispírito e o do médium que nos serve de intérprete.

“Certamente, podemos falar de matemática através de um médium a quem essa matéria pareça totalmente estranha; porém, com frequência o Espírito desse médium possui conhecimento dessa matéria em estado latente, ou seja, pertencente ao ser fluídico e não ao ser encarnado, porque seu corpo atual é um instrumento rebelde ou contrário a esse conhecimento. É o mesmo caso da astronomia, da poesia, da medicina e das diversas línguas, assim como de todos os outros conhecimentos particulares da espécie humana. Enfim, nós ainda dispomos do meio penoso de elaboração em uso com médiuns completamente estranhos ao assunto tratado, juntando letras e palavras, como numa tipografia.⁶¹

“Conforme já dissemos, os Espíritos não precisam revestir os seus pensamentos; eles percebem e transmitem o pensamento pelo simples fato de que ele existe neles. Os seres corporais, ao contrário, não podem perceber os pensamentos senão quando revestidos. Enquanto a letra, a palavra, o substantivo, o verbo — a frase em suma — são necessários para vocês perceberem, mesmo mentalmente, para nós não é necessária nenhuma forma visível ou tangível.”

ERASTO e TIMÓTEO.

Nota – Esta análise sobre o papel dos médiuns e sobre os processos pelos quais os Espíritos se comunicam é tão clara quanto lógica. Daí decorre este princípio que o Espírito extrai, *não suas ideias*, mas os materiais necessários para expressá-las no cérebro do médium, e que, por mais que esse cérebro seja rico em materiais, mais a comunicação será fácil. Quando o Espírito se expressa num idioma familiar ao médium, ele encontra neste as palavras todas formadas para revestir a ideia; se for numa língua estranha ao médium, o Espírito não encontrará as palavras, mas apenas as letras. É por isso que o Espírito é obrigado a ditar, por assim dizer, letra a letra, exatamente como se nós quiséssemos fazer que uma pessoa escrevesse em alemão sem que ela conhecesse uma só palavra desse idioma. Se o médium não sabe nem ler nem escrever, então ele não possui sequer as letras; portanto, será preciso guiar a sua mão, como se faz com um analfabeto, e isso é uma dificuldade material ainda maior a ser vencida. Estes fenômenos são possíveis sim, e nós temos numerosos exemplos

⁶¹ Allan Kardec faz alusão ao processo pelo qual, na sua época, as tipografias (gráficas) montavam as placas de impressão ao juntar os tipos (caracteres: letras, números, sinais de pontuação), peça por peça, como que formando um quebra-cabeça, até completar a página a ser impressa. — N. T.

disso; no entanto, compreende-se que essa maneira de proceder combina pouco com a extensão e a rapidez das comunicações, e que os Espíritos devam preferir os instrumentos mais fáceis, ou, como eles dizem, os médiuns bem aparelhados do ponto de vista deles.

Se as pessoas que pedem esses fenômenos como meio de convencimento tivessem previamente estudado a teoria, elas saberiam em que condições excepcionais esses fenômenos se produzem.

CAPÍTULO XX

INFLUÊNCIA MORAL DO MÉDIUM

Questões diversas

- Dissertações de um Espírito sobre a influência moral

226. 1) Será que o desenvolvimento da mediunidade é proporcional ao desenvolvimento moral dos médiuns?

“Não, a mediunidade propriamente dita é inerente ao organismo e é independente da moral; o mesmo não ocorre com o seu uso, que pode ser mais ou menos bom, conforme as qualidades do médium.”

2) Sempre foi dito que a mediunidade é um dom de Deus, uma graça, um favor; por que então ela não é um privilégio dos homens de bem e por que vemos pessoas indignas que são dotadas de mediunidade no mais alto grau e que fazem mau uso dela?

“Todas as faculdades são favores pelos quais devemos render graças a Deus, pois que há pessoas que estão privadas delas. Vocês igualmente poderiam perguntar por que Deus concede uma boa visão a malfeitores, destreza aos ladrões, eloquência aos que se servem dela para dizer coisas malignas. É o mesmo caso da mediunidade; pessoas indignas são dotadas dela, porque elas a necessitam mais do que as outras para se melhorarem. Vocês acham que Deus recusa os meios de salvação aos culpados? Não, ele os multiplica no caminho deles; **coloca nas mãos deles**, e cabe a eles aproveitarem esses meios. Judas, o traidor, não fez milagres e curou doentes como apóstolo? Deus permitiu que ele tivesse esse dom para tornar sua traição mais odiosa.”

3) Os médiuns que fazem mau uso da sua faculdade, que não a utiliza para o bem, ou que não a aproveita para sua própria instrução, sofrerão as consequências disso?

“Se a usarem mal, eles serão duplamente punidos, porque eles desfrutam de um meio a mais para se esclarecerem e não o aproveitam. Aquele que vê claramente e tropeça é mais culpado do que o cego que cai no fosso.”

4) Há médiuns a quem são dadas espontaneamente — e quase constantemente — comunicações sobre um mesmo assunto, sobre certas questões morais, por exemplo, sobre determinados defeitos; isso tem algum propósito?

“Sim, e esse propósito é o de lhes esclarecer sobre um assunto frequentemente repetido, ou de corrigi-los de certos defeitos; é por isso que a uns se falará sem cessar do orgulho e a outros se falará da caridade; é que só a abundância poderá enfim lhes abrir os olhos. Não há médiuns que fazem mau uso do seu dom por ambição ou interesse, ou que a comprometam por causa de um defeito capital, como o orgulho, o egoísmo, a leviandade etc., e que de tempos a tempos não receba advertências da parte dos Espíritos? O pior é que na maioria das vezes eles não tomam isso para si mesmos.”

Nota – Os Espíritos muitas vezes são reservados em suas lições; eles as ensinam de uma maneira indireta para deixarem mais mérito àquele que souber aplicá-las a si mesmo e as aproveitar; mas a cegueira e o orgulho são tais em algumas pessoas que elas não se reconhecem no quadro que se põe diante dos seus olhos. Ainda mais: se o Espírito lhes dá a entender que é delas de que se trata, então elas se zangam e tratam o Espírito como mentiroso ou zombeteiro. Isso só prova que o Espírito tem razão.

5) Nas lições que são ditadas ao médium de uma maneira geral e sem aplicação pessoal, ele não atua como um instrumento passivo para servir à instrução dos outros?

“Muitas vezes esses avisos e conselhos não são ditados para ele pessoalmente, mas sim para os outros a quem não podemos nos dirigir a não ser através desse médium; entretanto ele deve tomar sua parte nisso, se não estiver cego pelo egoísmo.

“Não creiam que a faculdade medianímica tenha sido dada para corrigir

somente uma ou duas pessoas; não, o objetivo é bem maior: trata-se de corrigir a humanidade. Um médium é um instrumento muito pouco importante como indivíduo; por isso é que, quando damos instruções que devam beneficiar à generalidade, nós nos servimos daqueles que possuem as facilidades necessárias. Mas, tenham como certo que virá o tempo em que os bons médiuns serão bastante comuns, porque os bons Espíritos não precisarão se servir de maus instrumentos.”

6) Já que as qualidades morais do médium afastam os Espíritos imperfeitos, como é que um médium dotado de boas qualidades transmite respostas falsas ou grosseiras?

“Por acaso você conhece todos os recantos da alma dele? Aliás, ele pode ser leviano e frívolo sem ser vicioso, e algumas vezes ele também necessita de uma lição, a fim de se manter em guarda.”

7) Por que os Espíritos superiores permitem que pessoas dotadas de um grande poder como médiuns, e que poderiam fazer muita coisa boa, sejam instrumentos de erro?

“Eles procuram influenciá-las, mas quando elas se deixam ser arrastadas para um mau caminho eles lhes deixam ir. Eis por que eles se servem delas com repugnância, pois ***a verdade não pode ser interpretada pela mentira.***”

8) Será absolutamente impossível ter boas comunicações através de um médium imperfeito?

“Um médium imperfeito algumas vezes pode obter coisas boas, porque se ele tem uma bela faculdade, na falta de um outro, os bons Espíritos podem utilizá-lo em circunstâncias especiais; mas isso é sempre momentaneamente, porque quando os Espíritos encontrem um que lhes convenha mais, eles lhes dão preferência.”

Nota – É de se observar que quando os bons Espíritos julgam que um médium deixa de ser bem assistido e, pelas suas imperfeições, se torna presa dos Espíritos enganadores, eles quase sempre provocam circunstâncias que desvendam os seus defeitos e o distancia das pessoas sérias e bem-intencionadas, cuja boa-fé poderia ser abusada. Neste caso, quaisquer que sejam suas faculdades, não há o que lamentar.

9) Qual seria o médium que poderíamos chamar de perfeito?

“Perfeito? Ah! Vocês bem sabem que a perfeição não existe na Terra, senão vocês não estariam nela. Portanto, digam bom médium e isso já é demais, por isso que eles são raros. O médium perfeito seria aquele contra o qual os maus Espíritos jamais **ousassem** fazer uma tentativa para enganá-lo. O melhor é aquele que, simpatizando somente com os bons Espíritos, tem sido o menos enganado.”

10) Se ele só simpatiza com os bons Espíritos, por que estes permitem que o médium possa ser enganado?

“Os bons Espíritos permitem que isso às vezes aconteça com os melhores médiuns para lhes exercitar o julgamento e para ensiná-los a discernir o verdadeiro do falso; e mais, por melhor que um médium seja, ele jamais é tão perfeito que não possa ser pego por algum ponto fraco; isso deve lhe servir de lição. As comunicações falsas que ele recebe de tempos a tempos são advertências para que ele não se considere infalível e não se envaideça, pois o médium que obtém as coisas mais notáveis não deve se glorificar disso mais do que o tocador de realejo⁶² que obtém belas árias movendo a manivela do seu instrumento.”

11)⁶³ Quais são as condições necessárias para que a mensagem dos Espíritos superiores chegue pura até nós, sem qualquer alteração?

“Querer o bem; afastar o **egoísmo** e o **orgulho**: estas duas condições são necessárias.”

12) Se a mensagem dos Espíritos superiores não chega pura até nós senão em condições difíceis de ocorrer, isso não é um obstáculo à propagação da verdade?

“Não, pois a luz sempre chega àquele que a deseja receber. Quem quiser se iluminar deve fugir das trevas, e as trevas estão na impureza do coração.

“Os Espíritos que vocês consideram como a personificação do bem não

⁶² Realejo é uma espécie de caixa de música automática que é executada à medida que se gira uma manivela. A comparação aqui é feita para ressaltar que *quem executa o realejo* não está realmente tocando a música, no sentido de executar as notas musicais; está apenas acionando o mecanismo que faz reproduzir mecanicamente a melodia pré-configurada. — N. T.

⁶³ No original, esta pergunta foi equivocadamente enumerada como sendo a 12, repetindo o número da pergunta seguinte. Nesta tradução, fizemos a correção, obedecendo a sequência lógica. — N. T.

atendem de boa vontade ao apelo daqueles cujo coração estiver manchado pelo orgulho, pela ganância e pela falta de caridade.

“Portanto, que aqueles que desejem se esclarecer despojem-se de toda vaidade humana e humilhem sua razão perante o poder infinito do Criador, e esta será a melhor prova de sua sinceridade; e esta condição qualquer, pessoa pode cumprir.”

227. Do ponto de vista da execução, se o médium não é mais do que um instrumento, do ponto de vista moral ele exerce uma influência muito grande. Já que para se comunicar o Espírito manifestante se identifica com o Espírito do médium, esta identificação não pode acontecer até que haja entre eles uma simpatia e — se assim podemos dizer — afinidade. A alma exerce sobre o Espírito comunicante um tipo de atração ou de repulsão, conforme o grau da semelhança ou dissemelhança entre eles; ora, os bons têm afinidade com os bons e os maus com os maus, donde se segue que as qualidades morais do médium têm uma influência capital sobre a natureza dos Espíritos que se comunicam por seu intermédio. Se o médium é vicioso, os Espíritos inferiores vêm se agrupar em torno dele e ficam sempre prontos a tomar o lugar dos bons Espíritos evocados. As qualidades que preferencialmente atraem os bons Espíritos são: a bondade, a benevolência, a simplicidade do coração, o amor ao próximo, o desprendimento das coisas materiais; os defeitos que os repulsam são: o orgulho, o egoísmo, a inveja, o ciúme, o ódio, a cupidez, a sensualidade e todas as paixões pelas quais o homem se prende à matéria.

228. Todas as imperfeições morais são outras tantas portas abertas que dão acesso aos maus Espíritos; mas a que eles exploram com mais habilidade é o orgulho, porque esta é imperfeição que as pessoas menos admitem ter. O orgulho pôs a perder numerosos médiuns dotados das mais belas faculdades e que, se não fosse isso, poderiam se tornar sujeitos notáveis e muito úteis, ao passo que, tendo se tornado presas de Espíritos mentirosos, suas capacidades primeiro foram pervertidas, depois foram aniquiladas, e mais de um médium se viu humilhado pelas mais amargas decepções.

O orgulho se manifesta nos médiuns por sinais inequívocos, para os

quais é muito necessário que se chame a atenção, porque é um dos defeitos que mais deve inspirar desconfiança da veracidade de suas comunicações. Começa com uma confiança cega na superioridade dessas comunicações e na infalibilidade do Espírito que lhes dita; daí um certo desdém por tudo que não venha deles, porque eles creem ter o privilégio da verdade. O prestígio dos grandes nomes com os quais se enfeitam os Espíritos encarregados de lhes proteger os deslumbra, e como o seu amor-próprio sofreria ao confessar que eles estão sendo enganados, então rejeitam todo tipo de conselho; até os evitam, afastando-se de seus amigos e de qualquer um que possa lhes abrir os olhos; quando fazem o favor de escutá-los, não dão nenhuma importância às suas admoestações, pois duvidar da superioridade do seu Espírito seria quase uma profanação. Eles se ofendem com a menor contradição, com uma simples observação crítica, e às vezes vão ao ponto de tomar ódio das próprias pessoas que lhes prestaram serviço. Graças a esse isolamento provocado pelos Espíritos que não querem ter contraditores, esses mesmos Espíritos se comprazem em mantê-los em suas ilusões, por isso eles facilmente os fazem considerar os mais grosseiros absurdos como coisas sublimes. Portanto, estas são as características dos médiuns orgulhosos: confiança absoluta na superioridade daquilo que eles obtêm, menosprezo pelo que não venha deles, consideração irrefletida pelos grandes nomes, rejeição aos conselhos, má aceitação de crítica, distanciamento daqueles que podem dar opiniões imparciais, crédito em suas capacidades, apesar da sua falta de experiência.

É preciso admitir também que o orgulho muitas vezes é despertado no médium pelos que estão à sua volta. Se ele tem potencialidades um pouco extraordinárias, então é procurado e admirado; daí ele se julga indispensável, e logo assume um ar de presunção e desdém quando presta serviço. Mais de uma vez nós já tivemos motivo de lamentar os elogios que fizemos a determinados médiuns com o intuito de lhes incentivar.

229. Ao lado disso, coloquemos em evidência a figura do médium verdadeiramente bom, aquele em que podemos depositar confiança. Vamos supor antes de tudo uma facilidade de execução suficientemente grande para permitir aos Espíritos comunicarem-se livremente e sem serem prejudicados

por nenhuma dificuldade material. Dito isto, o mais importante a considerar é a natureza dos Espíritos que o auxiliam habitualmente, e para isso não é ao nome que precisamos reportar, mas sim à linguagem. O médium jamais deve perder de vista que a simpatia que ele conquistar dos bons Espíritos será proporcional ao que ele fará para afastar os maus. Convencido de que a sua faculdade é um dom que lhe foi concedida para o bem, ele não procura tiver vantagem dela de forma alguma, e não se atribui nenhum mérito por isso. Aceita as boas comunicações que lhe são transmitidas como uma graça da qual ele deve se esforçar para tornar-se digno pela sua bondade, pela sua benevolência e pela sua modéstia. O primeiro se orgulha de suas relações com os Espíritos superiores; este aqui se humilha, por se considerar sempre abaixo desse favor.

230. A seguinte instrução sobre esse assunto nos foi dada por um Espírito de quem já reproduzimos várias comunicações:

“Nós já dissemos: os médiuns, exatamente como médiuns, têm apenas uma influência secundária nas comunicações dos Espíritos; seu papel é o de uma máquina elétrica, que transmite os despachos telegráficos de um ponto distante a outro ponto distante na Terra. Assim, quando queremos ditar uma comunicação, nós agimos sobre o médium como o empregado do telégrafo age sobre o seu aparelho, isto é, do mesmo modo que o *tique-taque* do telégrafo, a milhares de léguas, traça numa tira de papel os sinais reprodutores do despacho, do mesmo modo nós nos comunicamos através das distâncias incomensuráveis que separam o mundo visível do mundo invisível, o mundo imaterial do mundo carnal, aquilo que queremos vos ensinar, por meio do aparelho medianímico. Mas também, assim como as influências atmosféricas atuam e muitas vezes perturbam as transmissões do telégrafo elétrico, igualmente a influência moral do médium age e às vezes perturba a transmissão dos nossos despachos de além-túmulo, porque somos obrigados a fazê-los passar por um meio que lhes é contrário. Entretanto, na maioria das vezes essa influência é anulada pela nossa energia e nossa vontade, e nenhum ato perturbador se manifesta. Com efeito, os ditados de

um alto teor filosófico, as comunicações de uma perfeita moralidade, são transmitidos frequentemente por médiuns pouco propícios a esses ensinamentos superiores; enquanto, por outro lado, comunicações pouco edificantes também chegam algumas vezes por médiuns completamente envergonhados de terem servido como seus condutores.

“Em tese geral, pode-se afirmar que os Espíritos similares atraem Espíritos similares, e que raramente os Espíritos das plêiades elevadas se comunicam por aparelhos maus condutores quando eles têm à disposição bons aparelhos medianímicos — ou seja, bons médiuns.

“Os médiuns levianos e pouco sérios atraem então Espíritos da mesma natureza; é por isso que suas comunicações são cheias de banalidades, frivolidades, ideias desconexas e com frequência muito heterodoxas, espiriticamente falando. Com certeza, eles podem dizer — e às vezes dizem — coisas boas; mas é principalmente nesse caso que precisamos fazer um exame severo e escrupuloso, pois no meio dessas coisas boas, alguns Espíritos hipócritas insinuam, com habilidade e calculada perfídia, fatos controversos, asserções mentirosas, a fim de iludir a boa-fé dos seus seguidores. Devemos então eliminar sem piedade toda palavra, toda frase equívoca, e só conservar do ditado aquilo que a lógica aceita ou o que a doutrina já ensinou. As comunicações desta natureza só devem ser temidas para os espíritas isolados, para os grupos recentes ou pouco esclarecidos, pois, nas reuniões em que os adeptos estão mais adiantados e já adquiriram experiência, a gralha pode até se enfeitar com as penas do pavão, mas ela sempre é impiedosamente desmascarada.

“Não falarei dos médiuns que se comprazem em solicitar e ouvir comunicações obscenas; deixemos que se satisfaçam na companhia dos Espíritos cínicos. Aliás, as comunicações dessa ordem procuram por si só a solidão e o isolamento; em qualquer situação, elas só poderiam despertar desprezo e nojo entre os membros dos grupos filosóficos e sérios. Porém, onde a influência moral do médium realmente se faz sentir, é quando ele substitui suas ideias pessoais por aquelas que os Espíritos se esforçam para lhe sugerir; é também quando ele tira da sua imaginação teorias fantásticas que ele mesmo, de boa-fé, acredita resultarem de uma comunicação intuitiva.

Então, muitas vezes há mil a apostar contra um que isso não passa de reflexo do Espírito pessoal do médium, e chega até a esse fato curioso: a mão do médium se move algumas vezes quase que mecanicamente, possuída como ela está por um Espírito de segunda classe e zombeteiro. É contra essa pedra de toque imaginações ardentes acabam se quebrando, porque, levados pelo ímpeto de suas próprias ideias e pelo verniz de seus conhecimentos literários, os médiuns interpretam mal o ditado modesto de um Espírito sábio e, deixando a presa pela sombra, o substituem por uma versão empolada. É contra este temível escolho que igualmente acabam se chocando as personalidades ambiciosas que, na falta das comunicações que os bons Espíritos lhes recusam, apresentam suas próprias obras como sendo desses mesmos Espíritos. É por isso que é preciso que os dirigentes de grupos espíritas sejam dotados de um fino tato e uma rara sagacidade, para discernir as comunicações autênticas das que não o são, e para não magoar os que iludem a si mesmos.

“Na dúvida, abstenha-se — diz um dos vossos antigos provérbios. Portanto, não admitam senão o que seja para vocês uma evidência certa. Desde que uma opinião nova venha a ser levantada, por pouco que lhes pareça duvidosa, submetam-na ao crivo da razão e da lógica; aquilo que a razão e o bom senso reprovarem, rejeitem sem medo. Vale mais repelir dez verdades do que admitir uma única falsidade, uma única teoria errada. De fato, sobre essa teoria vocês poderiam edificar todo um sistema que desmoronaria ao primeiro sopro da verdade, como um monumento edificado sobre areia movediça, ao passo que, se rejeitarem hoje algumas verdades — porque não lhes são demonstradas clara e logicamente —, logo mais um fato brutal ou uma demonstração irrefutável virá vos afirmar a sua autenticidade.

“Lembrem-se, no entanto, ó espíritas, de que para Deus e para os bons Espíritos não há o impossível, a não ser a injustiça e a iniquidade.

“O espiritismo já está bastante difundido entre os homens e tem moralizado suficientemente os adeptos sinceros da sua santa doutrina, para que os Espíritos já não estejam mais constrangidos a usar maus instrumentos, os médiuns imperfeitos. Todavia, se agora um médium, qualquer que seja ele, der um motivo legítimo de suspeita, pela sua conduta ou seus costumes, pelo

seu orgulho, pela sua falta de amor e de caridade, então rejeitem, rejeitem suas comunicações, porque aí haverá uma serpente oculta entre as ervas. Aqui está a minha conclusão sobre a influência moral dos médiuns.”

ERASTO

CAPÍTULO XXI

INFLUÊNCIA DO MEIO

231. 1) O meio no qual o médium encontra exerce alguma influência sobre as manifestações?

“Todos os Espíritos que rodeiam o médium o auxiliam tanto para o bem como para o mal.”

2) Os Espíritos superiores não poderiam triunfar sobre a má vontade do Espírito encarnado que lhes serve de intérprete e sobre os que o cercam?

“Podem sim, quando julgam útil e conforme a intenção da pessoa que se dirige a eles. Nós já dissemos: os Espíritos mais elevados podem algumas vezes se comunicar por uma graça especial, apesar da imperfeição do médium e do ambiente, mas então estes ficam completamente alheios a isso.”

3) Os Espíritos superiores procuram conduzir as reuniões fúteis para as de ideias mais sérias?

“Os Espíritos superiores não vão às reuniões em que sabem que a presença deles é inútil. Nos ambientes pouco instruídos, mas onde há sinceridade, nós vamos de boa vontade, mesmo que neles só encontremos instrumentos medíocres; todavia, nos ambientes eruditos onde a ironia domina, aí nós não vamos. Nestes meios, é preciso falar aos olhos e aos ouvidos: esse é o papel dos Espíritos batedores e zombeteiros. É bom que as pessoas que se orgulham da sua ciência sejam humilhadas pelos Espíritos menos instruídos e menos adiantados.”

4) O acesso às reuniões sérias é interdito aos Espíritos inferiores?

“Algumas vezes eles comparecem a elas com a finalidade de aproveitar

os ensinamentos que são dados a vocês; mas eles ficam calados, **como ignorantes numa assembleia de sábios.**”

232. Seria um erro acreditar que é preciso ser médium para atrair a si os seres do mundo invisível. O espaço é repleto deles; nós os temos constantemente em torno de nós, ao nosso lado, vendo-nos, observando-nos, participando das nossas reuniões, seguindo-nos ou nos evitando conforme os atraímos ou os repelimos. A faculdade medianímica nada tem a ver com isto: ela não é mais do que um meio de comunicação. De acordo com o que vimos a respeito das causas de simpatia ou antipatia dos Espíritos, facilmente se compreenderá que devemos estar cercados daqueles que têm afinidade com o nosso próprio Espírito conforme este seja elevado ou degradado. Consideremos agora o estado moral do nosso planeta e compreenderemos qual é o gênero de Espíritos que deve predominar entre os Espíritos errantes. Se tomarmos cada povo em particular, poderemos julgar — pelo caráter dominante dos habitantes, pelas suas preocupações e seus sentimentos mais ou menos morais e **humanitários** — os tipos de Espíritos que preferencialmente nele se encontram.

Partindo deste princípio, suponhamos uma reunião de homens levianos, inconsequentes, ocupados com seus prazeres; quais serão os Espíritos que os cercarão de preferência? Com certeza não serão Espíritos superiores, muito menos os nossos sábios e filósofos iriam gastar o seu tempo aí. Portanto, todas as vezes que os homens se reúnem, eles têm com eles uma assembleia oculta que simpatiza com suas qualidades ou com seus defeitos, e isso **sem nenhuma ideia de evocação**. Admitamos agora que estes homens tenham a possibilidade de se conversar com os seres do mundo invisível por meio de um intérprete, ou seja, por um médium; quais serão os que vão lhes responder ao chamado? Evidentemente, aqueles que estão lá, bem próximos, e que não perdem uma ocasião para se comunicar. Se um Espírito superior for chamado numa assembleia fútil, ele poderá vir e até mesmo proferir algumas palavras razoáveis, como um bom pastor que vem para o meio de suas ovelhas desgarradas; mas desde que ele não se veja nem compreendido nem ouvido, ele vai embora dali, como vocês o fariam no lugar deles, e os outros

ficam com o campo livre.

233. Nem sempre basta que uma assembleia seja séria para receber comunicações de uma ordem elevada; há pessoas que não riem jamais e cujo coração nem por isso é mais puro. Ora, é o coração principalmente que atrai os bons Espíritos. Nenhuma condição moral exclui as comunicações espíritas; mas se estivermos em más condições, estaremos em contato com os nossos semelhantes, que não deixam de nos enganar, e muitas vezes lisonjeando nossos preconceitos.

Por aí se vê a enorme influência do ambiente sobre a natureza das manifestações inteligentes; entretanto, essa influência não se exerce como algumas pessoas afirmaram, quando ainda se não conhecia o mundo dos Espíritos igual conhecemos hoje, e antes que experiências mais conclusivas viessem esclarecer as dúvidas. Quando as comunicações concordam com a opinião dos assistentes, não é que essa opinião se reflita no Espírito do médium como num espelho, mas porque vocês têm convosco Espíritos que são simpáticos a vocês — tanto para o bem quanto para o mal — e que se sintonizam com o vosso sentido; e a prova disso é que se vocês tiverem a força para atrair outros Espíritos além daqueles que vos cercam, esse mesmo médium vai usar uma linguagem totalmente diferente e vos dirá as coisas mais distantes dos vossos pensamentos e convicções. Em resumo, as condições do meio serão tanto melhores quanto mais houver homogeneidade para o bem, mais sentimentos puros e elevados, e mais desejo sincero de se instruir sem ideias preconcebidas.

CAPÍTULO XXII

MEDIANIMIDADE NOS ANIMAIS

234. Os animais podem ser médiuns? Muitas vezes tem sido levantada essa questão, e alguns fatos parecem respondê-la afirmativamente. O que poderia dar crédito a essa opinião são principalmente os notáveis sinais de inteligência de alguns pássaros domésticos que parecem adivinhar o pensamento e tiram de um maço de cartas aquelas que podem dar a resposta exata a uma pergunta formulada. Temos observado essas experiências com um cuidado todo especial e do que mais ficamos admirados foi a arte que precisou ser empregada para a instrução desses pássaros. Sem dúvidas, não podemos recusar neles uma certa dose de inteligência relativa, mas é preciso convir que nesta circunstância a perspicácia deles ultrapassaria e muito a do homem, pois não há ninguém que possa se gabar de fazer o que eles fazem; seria necessário até mesmo lhes supor, para determinadas experiências, um dom de segunda vista superior ao dos sonâmbulos mais clarividentes. Com efeito, sabe-se que a lucidez é essencialmente variável e sujeita a frequentes intervalos, enquanto nesses animais ela seria permanente e funcionaria, nesse caso, com uma regularidade e uma precisão que não se vê em nenhum sonâmbulo; numa palavra, ela nunca estaria em falta neles. A maior parte das experiências que nós vimos é do tipo das que os prestidigitadores fazem, e não podiam nos deixar em dúvida sobre o emprego de alguns dos seus artifícios, notadamente o das cartas marcadas. A arte da prestidigitação consiste em dissimular esses truques, sem o que o efeito não teria graça. O fenômeno, mesmo reduzido a estas proporções, não é menos interessante e há sempre que se admirar o talento do instrutor, tanto quanto a inteligência do aluno, pois a dificuldade a ser vencida é bem maior do que seria se o

pássaro agisse apenas em virtude de suas próprias capacidades; agora, levá-lo a fazer coisas que excedem o limite do possível para a inteligência humana, isso por si só é provar o emprego de um procedimento secreto. Aliás, é um fato constante que esses pássaros só chegam a tal grau de habilidade ao fim de um certo tempo e através de cuidados particulares e perseverantes, o que não seria necessário se bastasse apenas a inteligência deles para realizar tal feito. Não é mais extraordinário treiná-los para tirar cartas do que os adestrar a repetir canções ou palavras.

Aconteceu o mesmo quando a prestidigitação quis imitar a segunda vista; exigia-se bastante do sujeito para que a ilusão tivesse longa duração. Desde a primeira vez que assistimos a uma sessão deste gênero, não vimos nada mais do que uma imitação muito imperfeita do sonambulismo, revelando a ignorância das condições essenciais desta faculdade.

235. Quaisquer que sejam as experiências referidas, a questão principal permanece sem solução de outro ponto de vista; pois, assim como a imitação do sonambulismo não impede que a faculdade exista, também a imitação da mediunidade por meio dos pássaros nada prova contra a possibilidade de uma faculdade análoga neles ou em outros animais. Trata-se, portanto, de saber se os animais, assim como os homens, são aptos a servir de intermediários aos Espíritos para suas comunicações inteligentes. Parece até bastante lógico supor que um ser vivo, dotado de uma certa dose de inteligência, seja mais apropriado a esse efeito do que um corpo inerte, sem vitalidade, como uma mesa, por exemplo; no entanto, não é o que acontece.

236. A questão da medianimidade dos animais se acha completamente resolvida na dissertação seguinte, dada por um Espírito de quem podemos apreciar a profundidade e sagacidade pelas citações que já tivemos a ocasião de fazer. Para bem apreendermos o valor da sua demonstração, é essencial nos reportarmos à explicação que ele deu sobre o papel do médium nas comunicações, e que nós reproduzimos lá atrás. (Item 225.)

Esta comunicação foi dada após uma discussão ocorrida sobre esse assunto na Sociedade parisiense de estudos espíritas:

“Abordarei hoje a questão da medianimidade dos animais, levantada e sustentada por um dos vossos mais fervorosos adeptos. Em virtude deste ditado: ***Quem pode o mais pode o menos***, ele pretende que podemos medianimizar os pássaros e os outros animais para nos servirmos deles nas nossas comunicações com a espécie humana. É o que em filosofia — ou antes, em lógica — vocês chamam pura e simplesmente de um sofisma. Diz ele: ‘Vocês podem animar a matéria inerte, ou seja, uma mesa, uma cadeira, um piano; conseqüentemente vocês devem poder animar a matéria já animada e particularmente os pássaros.’ Pois bem! No estado normal do espiritismo, não é assim, não pode ser assim.

“Primeiramente, vamos entender bem nossos fatos. O que é um médium? É o ser, é o indivíduo que serve de traço de união com os Espíritos para que estes possam se comunicar facilmente com os homens — que são Espíritos encarnados. Por conseguinte, sem médium, não há comunicações tangíveis, mentais, escritas, físicas nem de qualquer tipo que seja.

“Estou certo de que há um princípio que é admitido por todos os espíritas: que os semelhantes agem com seus semelhantes e como seus semelhantes. Então, quais são os semelhantes dos Espíritos senão os Espíritos encarnados ou desencarnados? Será preciso lhes repetir incessantemente? Pois bem! Repetirei ainda: vosso perispírito e o nosso são tirados do mesmo meio, são de uma natureza idêntica, quer dizer: são semelhantes; eles possuem uma propriedade de assimilação mais ou menos desenvolvida, de imantação mais ou menos vigorosa que nos permite — Espíritos e encarnados — nos colocarmos em contato muito pronta e facilmente. Enfim, o que é próprio nos médiuns, o que é da essência íntima da sua individualidade, é uma afinidade especial e, ao mesmo tempo, uma força de expansão particular que anula neles toda refratariedade e estabelecem entre eles e nós uma espécie de corrente, uma espécie de fusão que facilita nossas comunicações. De resto, é essa refratariedade da matéria que se opõe ao desenvolvimento da medianimidade na maior parte dos que não são médiuns.

“Os homens sempre são inclinados a exagerar tudo; uns (não falo aqui dos materialistas) negam uma alma aos animais, enquanto outros querem lhes dar uma — por assim dizer — igual à nossa. Por que querer assim

confundir o perfectível com o imperfectível? Não, não, fiquem certos disso; o fogo que anima as feras, o sopro que os faz agir, mover e falar na linguagem deles, não tem quanto ao presente nenhuma aptidão para se misturar, se unir, se fundir com o sopro divino, a alma etérea, isto é, o Espírito, que anima o ser essencialmente perfectível: o homem, o rei da criação. Ora, não é essa condição essencial de perfectibilidade que dá a superioridade da espécie humana sobre as outras espécies terrestres? Portanto, reconheçam que ao homem — o único perfectível em si mesmo e nas suas obras — não se pode assimilar nenhum indivíduo das outras raças que vivem na Terra.⁶⁴

“Será que o cão — cuja inteligência superior entre os animais o transformou em amigo e companheiro do homem — é perfectível por si mesmo e por sua iniciativa pessoal? Ninguém ousaria defender isso, pois o cão não faz o cão progredir, e aquele dentre eles que é o mais adestrado sempre foi adestrado pelo seu dono. Desde que o mundo é mundo, a lontra sempre construiu sua cabana sobre as águas, seguindo as mesmas proporções e uma regra invariável; os rouxinóis e as andorinhas jamais construíram seus ninhos de modo diferente daquele que seus pais fizeram. Um ninho de pardais de antes do dilúvio, como um ninho de pardais dos tempos modernos, é sempre um ninho de pardais, edificado nas mesmas condições e com o mesmo sistema de entrelaçamento das palhas e detritos apanhados na primavera, na época do acasalamento. As abelhas e as formigas, essas pequeninas repúblicas organizadas, jamais variaram seus hábitos de abastecimento, seus afazeres, seus costumes, suas produções. A aranha, finalmente, tece a sua teia sempre da mesma maneira.

“Por outro lado, se procurarem as cabanas de folhagens e as tendas das primeiras eras da Terra, em lugar de umas e outras vocês encontrarão os palácios e os castelos da civilização moderna; às vestes de peles brutas

⁶⁴ Num primeiro entendimento, cogitava-se que o desenvolvimento da alma animal jamais ultrapassaria o próprio escopo da animalidade: os animais seriam sempre animais; posteriormente, Allan Kardec começa a sondar a hipótese de progressão da alma animal para a condição de Espírito. Em ***A Gênese, os Milagres as Predições segundo o Espiritismo***, cap. X, item 28, ele vai dizer: “acompanhando passo a passo a série dos seres, diríamos que cada espécie é um aperfeiçoamento, uma transformação da espécie imediatamente inferior. Visto que o corpo do homem está nas condições idênticas às dos outros corpos, na sua química e constituição física, e que ele nasce, vive e morre da mesma maneira, ele há de ter sido formado nas mesmas condições.” — N. T.

sucederam os tecidos de ouro e seda. Enfim, a cada passo vocês acham a prova dessa marcha incessante da humanidade rumo ao progresso.

“Desse progresso constante, invencível e irrecusável da espécie humana e dessa estagnação indefinida das outras espécies animais, vocês concluirão comigo que se existem princípios comuns ao que vive e se move na Terra — o sopro e a matéria — não é menos certo que somente vocês, Espíritos encarnados, estão submetidos a essa inevitável lei do progresso que os leva fatalmente adiante e sempre avante. Deus colocou os animais ao lado de vocês como auxiliares para vos nutrirem, para vos vestirem e para vos ajudarem. Foi dada a eles uma certa dose de inteligência porque, para vos servirem, eles precisavam compreender, proporcionando a inteligência deles aos serviços que são chamados a prestar. Mas, em sua sabedoria, Deus não quis que os animais fossem submetidos à mesma lei do progresso; assim como foram criados, eles se conservaram e se conservarão até a extinção de suas raças.

“Disseram: os Espíritos medianimizam e fazem mover a matéria inerte, cadeiras, mesas, pianos; fazem mover sim, mas medianimizam não! Portanto, mais uma vez: sem médium, nenhum desses fenômenos pode se produzir. O que há de extraordinário em que, com a ajuda de um ou de vários médiuns, façamos mover a matéria inerte, passiva, que justamente em virtude da sua passividade e de sua inércia é apropriada para realizar os movimentos e impulsões que queiramos lhes imprimir? Para isso precisamos de médiuns, é fato; mas não é necessário que o médium esteja presente ou **consciente**, pois podemos operar com os elementos que ele nos fornece, malgrado sua vontade e sem a sua presença, sobretudo nos casos de tangibilidade e o de transportes. O nosso envoltório fluídico — que é mais imponderável e mais sutil do que o mais sutil e o mais imponderável dos gases do vosso mundo — unindo-se, casando-se, misturando-se com o envoltório fluídico, porém **animalizado**, do médium, e cuja propriedade de expansão e de penetrabilidade é inapreciável para os vossos sentidos grosseiros e quase inexplicável para vocês, nos permite mover móveis e até quebrá-los em aposentos desabitados.

“Certamente os Espíritos podem se tornar visíveis e tangíveis para os animais, e muitas vezes o medo súbito que eles tomam, e que parece sem motivo para vocês, é causado pela visão de um ou de diversos desses Espíritos

mal-intencionados para com os indivíduos presentes ou para com os donos dos animais. Muito frequentemente vocês percebem cavalos que não querem nem avançar nem recuar, ou que empinam diante de um obstáculo imaginário. Pois bem! Tenham como certo que o obstáculo imaginário é quase sempre um Espírito ou um grupo de Espíritos que se divertem impedindo-os de prosseguir. Lembrem-se da mula de Balaão que, vendo um anjo diante dela e temendo a sua espada flamejante, teimava em não se mexer; é que antes de se manifestar visivelmente a Balaão, o anjo quis se tornar visível somente para o animal.⁶⁵ Mas repito, não medianimizamos diretamente nem os animais nem a matéria inerte; precisamos sempre da assistência *consciente* ou *inconsciente* de um médium humano, porque carecemos da união de fluidos similares — o que não encontramos nem nos animais nem na matéria bruta.

“Dizem que o Sr. T... magnetizou o seu cão; a que resultado chegou? Ele o matou, pois esse infeliz animal morreu depois de cair numa espécie de atonia, de languidez, em consequência de sua magnetização. De fato, inundando-o de um fluido extraído de uma essência superior à essência particular da sua natureza de cão, ele o esmagou, agindo sobre o animal como um raio, embora mais lentamente. Portanto, como não há assimilação possível entre o nosso perispírito e o envoltório fluídico dos animais propriamente ditos, nós os aniquilaríamos instantaneamente ao lhes medianimizar.

“Estabelecido isto, reconheço perfeitamente que nos animais existem aptidões diversas; que certos sentimentos, certas paixões idênticas às paixões e aos sentimentos humanos se desenvolvem neles; que eles são sensíveis e gratos, vingativos e odientos, conforme se age bem ou mal com eles. É que Deus — que não faz nada de incompleto — deu aos animais companheiros ou servidores do homem qualidades de sociabilidade, que faltam inteiramente aos animais selvagens que habitam a solidão. Mas daí a poder servir de intermediários para a transmissão do pensamento dos Espíritos há um abismo: a diferença das naturezas.

“Vocês sabem que nós pegamos no cérebro do médium os elementos necessários para dar ao nosso pensamento uma forma sensível e apreensível

⁶⁵ Episódio narrado no livro bíblico Números, 22 — N. T.

para vocês; é com a ajuda dos materiais que possui que o médium traduz o nosso pensamento numa linguagem comum; pois bem! Quais elementos encontraríamos no cérebro de um animal? Ele teria ali palavras, números, letras, sinais quaisquer semelhantes aos que existem no homem, mesmo o menos inteligente? Entretanto, dirão que os animais entendem o pensamento do homem, e até o adivinham; sim, os animais domesticados compreendem certos pensamentos, mas vocês já os viram alguma vez reproduzi-los? Não! Então, concluem que os animais não podem nos servir de intérpretes.

“Para resumir: os fatos medianímicos não podem se manifestar sem a cooperação consciente ou inconsciente dos médiuns; e é somente entre os encarnados — Espíritos como nós — que podemos encontrar aqueles que podem nos servir de médiuns. Quanto a adestrar cães, pássaros ou outros animais, para fazerem este ou aquele exercício, isso é trabalho de vocês e não nosso.”

ERASTO

Nota — Encontramos na *Revista espírita* de setembro de 1861 os detalhes de um processo empregado pelos adestradores de pássaros sábios, para fazê-los tirar de um baralho as cartas desejadas.

CAPÍTULO XXIII

OBSESSÃO

Obsessão simples – Fascinação – Subjugação – Causas da obsessão – Meios de combatê-la

237. Entre os perigos que a prática do Espiritismo apresenta, devemos colocar na primeira linha a **obsessão**, quer dizer, o domínio que alguns Espíritos tomam sobre certas pessoas. Ela nunca surge a não ser através dos Espíritos inferiores que procuram dominar; os bons Espíritos não causam nenhum constrangimento, mas aconselham e combatem a influência dos maus, e se não os escutam, eles se retiram. Os maus, ao contrário, se agregam àqueles em quem eles encontram apoio; quando conseguem assumir o controle de alguém, eles se identificam com o Espírito deste e o conduzem como se ele fosse uma verdadeira criança.

A obsessão apresenta diversos tipos que precisamos distinguir bem, e que resultam do grau do constrangimento e da natureza dos efeitos que ela produz. De certo modo, a palavra **obsessão** é um termo genérico pelo qual se designa essa espécie de fenômeno cujas principais variedades são: a **obsessão simples**, a **fascinação** e a **subjugação**.

238. A **obsessão simples** ocorre quando um Espírito malfazejo se impõe ao médium e, a contragosto deste, intromete-se nas comunicações que ele recebe, impedindo-o de se comunicar com outros Espíritos e substitui aqueles que são evocados.

Ninguém está obsidiado apenas por ser enganado por um Espírito mentiroso; até mesmo o melhor médium está exposto a isso, sobretudo no

início, quando ainda lhe falta a experiência necessária, do mesmo modo que, entre nós, as pessoas mais honestas podem ser enganadas por canalhas. Podemos então ser ludibriados sem estarmos obsidiados; a obsessão consiste na perseguição de um Espírito do qual não se consegue desembaraçar-se.

Na obsessão simples o médium sabe muito bem que se trata de um Espírito mentiroso, e este não se disfarça; ele não esconde de forma alguma as suas más intenções e o seu desejo de contrariar. O médium reconhece sem dificuldade a falsidade e, como se mantém em guarda, raramente é enganado. Este gênero de obsessão é, portanto, apenas desagradável e não tem outro inconveniente além de oferecer um obstáculo às comunicações que desejaríamos receber dos Espíritos sérios ou de quem gostamos.

Podemos incluir nessa categoria os casos de **obsessão física**, isto é, aquela que consiste nas manifestações barulhentas e obstinadas de alguns Espíritos que nos fazem ouvir pancadas ou outros ruídos espontaneamente. Sobre este fenômeno, veja-se novamente o capítulo das *Manifestações físicas espontâneas*. (Item 82.)

239. A **fascinação** tem consequências muito mais graves. É uma ilusão produzida pela ação direta do Espírito sobre o pensamento do médium, e que de certa maneira paralisa o seu julgamento a respeito das comunicações. O médium fascinado não acredita que esteja sendo iludido: o Espírito tem a arte de lhe inspirar uma confiança cega que o impede de ver a mistificação e de compreender o absurdo daquilo que ele escreve, ainda quando esse absurdo salte aos olhos de todo mundo; a ilusão pode até mesmo fazê-lo ver algo sublime na linguagem mais ridícula. Estaríamos em erro se acreditássemos que esse tipo de obsessão só atinge as pessoas simples, ignorantes e desprovidas de raciocínio; nem os homens mais espiritualizados, nem os mais instruídos e nem os mais inteligentes sob outros aspectos não estão isentos dela — o que prova que tal aberração é efeito de uma causa externa de cuja influência eles sofrem.

Já dissemos que as consequências da fascinação são muito mais graves; realmente, através dessa ilusão que decorre dela, o Espírito conduz aquele que conseguiu dominar como conduziria um cego, e pode levá-lo a aceitar as

doutrinas mais bizarras e as teorias mais falsas como se fossem a única expressão da verdade; ainda mais, ele pode colocá-lo em situações ridículas, comprometedoras e até perigosas.

Compreende-se facilmente toda a diferença que existe entre a obsessão simples e a fascinação; compreende-se também que os Espíritos que produzem esses dois efeitos devem diferir de caráter. Na primeira, o Espírito que se agarra a vocês não passa de um ser importuno pela sua tenacidade e de quem aquela se impacienta por se desembaraçar. Na segunda, a coisa é totalmente diferente; para chegar a tais fins, é preciso um Espírito esperto, astuto e profundamente hipócrita, porque não pode enganar e fingir ser aceito senão com a ajuda da máscara que ele sabe pôr e de um falso semblante de virtude. As grandes palavras caridade, humildade, amor de Deus são para ele como que carta de crédito; porém, através de tudo isso, ele deixa escapar sinais de inferioridade que é preciso estar *fascinado* para não perceber. Assim, ele teme acima de tudo as pessoas que veem muito claramente; é por isso que a sua tática é quase sempre inspirar no seu intérprete o afastamento de qualquer um que poderia lhe abrir os olhos; por esse meio, evitando toda contradição, ele fica certo de ter sempre razão.

240. A *subjugação* é uma opressão que paralisa a vontade daquele que a sofre e o faz agir a contragosto. Em suma: ele está sob um verdadeiro *jugo*.

A subjugação pode ser *moral* ou *corporal*. No primeiro caso, a pessoa subjugada é obrigada a tomar decisões frequentemente absurdas e comprometedoras que, por uma espécie de ilusão, ele julga sensatas: é um tipo de fascinação. No segundo caso, o Espírito afeta os órgãos materiais e provoca movimentos involuntários. Ela se manifesta no médium escrevente como uma necessidade incessante de escrever, mesmo nos momentos mais inoportunos. Temos visto alguns que, na falta de uma pena ou de um lápis, simulavam escrever com o dedo, em toda parte onde se encontrassem, mesmo nas ruas, nas portas e nas paredes.

A subjugação corporal algumas vezes vai ainda mais longe; ela pode levar a atos mais ridículos. Conhecemos um homem, que não era jovem nem belo e que, sob o domínio de uma obsessão dessa natureza, encontrava-se

constrangido por uma força irresistível a pôr-se de joelhos diante de uma jovem, de quem não tinha a menor ideia, e a pedir em casamento. Doutras vezes, ele sentia nas costas e nas pernas uma pressão enérgica que o forçava a se ajoelhar e a beijar o chão nos lugares públicos e na presença da multidão — apesar da sua vontade de se opor a esses constrangimentos. Esse homem se passava por louco para os seus conhecidos, mas nós estamos convencidos de que ele não era totalmente louco, pois tinha plena consciência do ridículo daquilo que fazia contra a sua vontade, e sofria horrivelmente com isso.

241. Antigamente, dava-se o nome de **possessão** ao domínio exercido por maus Espíritos, quando a influência deles ia até a aberração das faculdades. A **possessão** seria para nós um sinônimo da **subjugação**. Se nós não adotamos esse termo, é por dois motivos: primeiro, porque implica a crença de seres criados para o mal e perpetuamente devotados ao mal, enquanto realmente só há seres mais ou menos imperfeitos, e que todos podem se melhorar; segundo, porque requer igualmente a ideia da tomada de posse de um corpo por outro Espírito, de uma espécie de coabitação, ao passo que ocorre apenas um constrangimento. A palavra **subjugação** traduz perfeitamente essa ideia. Assim, para nós, não há **possessos** no sentido comum do termo; há somente **obsidiados, subjugados e fascinados**.⁶⁶

⁶⁶ No artigo “Um caso de **possessão**”, publicado na *Revista Espírita*, de dezembro de 1863, Allan Kardec analisa um grave caso de obsessão e então passa a considerar que um Espírito obsessivo possa atuar diretamente sobre sua vítima, como que a possuía, uma vez que a vítima não dispunha de forças para resistir ao ataque. Depois, desenvolveu mais ideias sobre essa questão na obra *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo*, cap. XIV, do qual extraímos o seguinte recorte (item 47):

Na **possessão**, em vez de agir exteriormente, por assim dizer, o Espírito livre substitui o Espírito encarnado; toma o seu corpo como domicílio sem que, no entanto, o encarnado abandone seu corpo definitivamente — o que só acontece na morte. Portanto, a **possessão** é sempre temporária e intermitente, pois um Espírito desencarnado não pode tomar e ocupar definitivamente o lugar de um Espírito encarnado, visto que a união molecular entre o perispírito e o corpo não pode se efetivar senão no momento da concepção.

Na posse momentânea do corpo do encarnado, o Espírito se serve dele como se fosse o seu: fala pela boca dele, vê pelos seus olhos e age com seus braços conforme o faria se estivesse vivo. Não é como na mediunidade falante, em que o Espírito encarnado fala transmitindo o pensamento de um desencarnado; é este último mesmo quem fala e quem age, e quem o tiver conhecido em vida reconhecerá nele a sua linguagem, a sua voz, os seus gestos e até a expressão da fisionomia.

De fato, o que não se verifica mesmo é a crença vulgar de **possessão demoníaca**, visto que o demônio (ou diabo) — tal qual sua concepção clássica — não passa de uma figura de linguagem, não validando assim a ideia vulgar de alguém estar realmente **possesso, possuído, endemoniado**. — N. T.

242. A obsessão, como temos dito, é um dos maiores escolhos da mediunidade, e é também um dos mais frequentes; assim sendo, nunca será demais tomar todos os cuidados para combatê-la, porque além dos inconvenientes pessoais que resultam dela, é um obstáculo absoluto à bondade e à veracidade das comunicações. A obsessão, qualquer grau que seja, sendo sempre o efeito de um constrangimento, e esse constrangimento não podendo jamais ser exercido por um bom Espírito, segue-se que toda comunicação dada por um médium obsidiado é de origem suspeita e não merece nenhuma confiança. Se alguma vez houver algo de bom numa dessas comunicações, devemos recolhê-lo e rejeitar tudo o que for simplesmente duvidoso.

243. Reconhece-se a obsessão pelas seguintes características:

- 1ª) Insistência de um Espírito em se comunicar, de boa ou de má vontade, pela escrita, pela audição, pela tipologia etc., opondo-se a que outros Espíritos também possam se comunicar;
- 2ª) Ilusão que, não obstante a inteligência do médium, o impede de reconhecer a falsidade e o ridículo das comunicações que recebe;
- 3ª) Crença na infalibilidade e na identidade absoluta dos Espíritos que se comunicam e que, sob nomes respeitáveis e venerados, dizem coisas falsas ou absurdas;
- 4ª) Confiança do médium nos elogios recebidos dos Espíritos que por ele se comunicam;
- 5ª) Intenção de se afastar de pessoas que podem dar conselhos úteis;
- 6ª) Levar a mal as críticas a respeito das comunicações que recebe;
- 7ª) Necessidade incessante e inoportuna de escrever;
- 8ª) Constrangimento físico qualquer, dominando-lhe a vontade e o forçando a agir ou a falar contra sua vontade;
- 9ª) Ruídos e transtornos persistentes em torno de si, dos quais o médium é a causa ou o alvo.

244. Diante do perigo da obsessão, pergunta-se: não é uma coisa lamentável ser médium? Não é a faculdade que provoca isso tudo? Portanto, isso não é

uma prova de inconveniência das comunicações espíritas? Nossa resposta é fácil, e pedimos que a meditem com cuidado.

Não foram nem os médiuns e nem os espíritas que criaram os Espíritos, mas, ao contrário, foram os Espíritos que fizeram que houvesse espíritas e médiuns. Como os Espíritos não são mais do que as almas dos homens, então há Espíritos desde quando há homens, e conseqüentemente em todos os tempos eles têm exercido uma influência saudável ou perniciosa sobre a humanidade. A faculdade medianímica não é para eles senão um meio de se manifestar; na falta desse recurso, eles se manifestam de mil outras maneiras, mais ou menos ocultas. Logo, seria um erro crer que os Espíritos exercem sua influência só por meio das comunicações escritas ou verbais; essa influência é a todo instante e mesmo os que não se ocupam com os Espíritos ou até não acreditam neles estão sujeitos a ela, igual aos outros, e até mais do que os outros, porque não têm um contrapeso. A mediunidade é para o Espírito um meio de se fazer conhecido; quando ele é mau, ele sempre se trai, por mais hipócrita que seja, e então podemos dizer que a mediunidade permite ver o inimigo face a face — se assim nos podemos exprimir — e combatê-lo com suas próprias armas. Sem essa faculdade, ele age na sombra e, graças à sua invisibilidade, ele pode fazer e realmente faz muito mal. A quantos atos o homem é levado à sua desgraça, e que ele teria evitado se tivesse um meio de se esclarecer! Os incrédulos não imaginam dizer uma grande verdade quando eles dizem de um homem que se transvia com teimosia: “É o seu mau gênio que o leva à sua perdição”. Então, o conhecimento do Espiritismo, longe de dar domínio aos maus Espíritos, como resultado, num tempo mais ou menos próximo e quando estiver propagado, há de **destruir esse império**, dando a cada um os meios de se pôr em guarda contra as sugestões desses maus Espíritos, e aquele que sucumbir só poderá se queixar de si mesmo.

Regra geral: quem quer que receba más comunicações espíritas — escritas ou verbais — está sob uma má influência; essa influência se exerce sobre ele, que ele escreva ou não escreva, quer dizer, que ele seja ou não um médium, que ele creia ou não creia. A mensagem fornece um meio de se verificar a natureza dos Espíritos que agem sobre ele, e de combatê-los, se forem maus, o que se consegue ainda com mais êxito quando se chega a

conhecer os motivos que os faz agir. Se ele for cego o bastante para não compreender, outros podem lhe abrir os olhos.

Em resumo: o perigo não está propriamente no espiritismo, já que este pode, por sua vez, servir de controle e nos preservar do risco que constantemente nós corremos sem sabermos; o perigo está na orgulhosa propensão de certos médiuns em achar muito levemente que sejam instrumentos exclusivos de Espíritos superiores, e nessa espécie de fascinação que não lhes permite compreender as tolices de que são intérpretes. Mesmo aqueles que não são médiuns podem se deixar levar por isso. Façamos uma comparação: um homem tem um inimigo secreto a quem não conhece, mas que espalha secretamente contra ele a calúnia e tudo o que a mais sombria maldade possa inventar; ele vê a sua fortuna se perder, seus amigos se afastarem e sem bem-estar íntimo ser perturbado; não podendo descobrir a mão que o fere, não pode se defender e sucumbe; mas um belo dia, esse inimigo secreto lhe escreve e, apesar de sua astúcia, ele se trai. Eis então o seu inimigo descoberto; daí ele pode desmascará-lo e se reabilitar. Tal é o papel dos maus Espíritos que o Espiritismo nos dá a possibilidade de conhecer e frustrar.

245. As causas da obsessão variam conforme o caráter do Espírito; às vezes é uma vingança que ele exerce sobre um indivíduo de quem teve algo de que se queixar durante a sua vida ou numa outra existência; com frequência também não há outra razão senão o desejo de fazer mal: já que ele sofre, quer fazer os outros sofrerem, e descobre uma espécie de prazer em atormentá-los e perturbá-los; além disso, a impaciência que se demonstra o incita ainda mais, porque esse é o objetivo dele, ao passo que o cansamos pela paciência; ao se irritar, mostrando ressentimento, faz-se exatamente o que ele quer. Esses Espíritos agem às vezes por ódio e inveja do bem; é por isso que eles lançam suas críticas maldosas sobre as pessoas mais honestas. Um deles se apegou como uma traça a uma honrada família do nosso conhecimento, à qual, aliás, não teve a satisfação de conseguir enganar; interrogado acerca do motivo pelo qual tinha atacado pessoas sérias, em vez de homens maus como ele, o Espírito respondeu: *Esses outros não me causam inveja*. Outros são guiados

por um sentimento de covardia que os induz a se aproveitarem da fraqueza moral de certos indivíduos que eles sabem que são incapazes de lhes resistir. Um destes últimos, que subjugava um rapaz de inteligência muito limitada, interrogado sobre os motivos dessa escolha, respondeu: ***Tenho uma necessidade muito grande de atormentar alguém; uma pessoa racional me rejeitaria; atrelo-me a um idiota, que não me opõe nenhuma virtude.***

246. Há Espíritos obsessores sem maldade, que até têm algo de bom, mas que têm orgulho do falso saber; eles têm suas ideias e suas teorias sobre ciências, economia social, moral, religião, filosofia, e querem fazer prevalecer suas opiniões; para isso, eles procuram médiuns bastante crédulos para lhes aceitar de olhos fechados, e a quem eles fascinam para lhes impedir de discernir o verdadeiro do falso. São os mais perigosos, porque os sofismas não lhes custam nada, e porque podem dar crédito às mais ridículas utopias. Como conhecem o prestígio dos grandes nomes, eles não se envergonham de se passar por eles diante dos quais todos se inclinam, e não recuam sequer ante o sacrilégio de se denominarem Jesus, a Virgem Maria, ou um santo venerado. Tentam impressionar através de uma linguagem pomposa, mais pretensiosa do que profunda, cheia de termos técnicos e enfeitada de palavras fortes de caridade e de moral. Eles evitarão dar um mau conselho, porque bem sabem que seriam rechaçados; então aqueles que eles enganam os defendem exageradamente, dizendo: Vocês vejam bem que eles não dizem nada de mal. Porém, a moral para eles não é mais do que um passaporte, é a menor de suas preocupações; o que querem acima de tudo é dominar e impor suas ideias, por mais irracionais que sejam.

247. Os Espíritos dados a teorias geralmente são bastante escrevinhadores; é por isso que procuram os médiuns que escrevem com facilidade e os quais eles tratam de fazer instrumentos dóceis e principalmente entusiastas, fascinando-os. São quase sempre verbosos, muito prolixos, procurando compensar a qualidade pela quantidade. Comprazem-se em ditar aos seus intérpretes volumosos textos indigestos e por vezes pouco compreensíveis, que felizmente têm por antídoto a impossibilidade material de serem lidos pelas multidões. Os Espíritos verdadeiramente superiores são sóbrios de

palavras; eles dizem muita coisa em poucas palavras; então, essa fecundidade prodigiosa deve sempre ser suspeita.

Nunca será prudência demais quando se trata de publicar semelhantes textos; as utopias e as excentricidades de que muitas vezes estão cheios, e que chocam o bom senso, causam uma desagradável impressão nas pessoas novatas, dando-lhes uma ideia falsa do espiritismo, sem contar que são armas de que seus inimigos se servem para torná-lo ridículo. Entre tais publicações, há algumas que, sem serem más e sem provirem de uma obsessão, podem ser consideradas como imprudentes, *intempestivas* ou desajeitadas.

248. Acontece muito frequentemente que um médium só possa se comunicar com um único Espírito, que se liga a ele e responde pelos que são chamados por seu intermédio. Isso nem sempre é uma obsessão, porque isso pode vir da falta de flexibilidade do médium e de uma afinidade especial da sua parte com determinado Espírito. Somente há obsessão propriamente dita quando o Espírito se impõe e intencionalmente afasta os outros — o que jamais é obra de um bom Espírito. Geralmente, o Espírito que se apodera do médium para dominá-lo não suporta o exame crítico das suas comunicações; quando vê que elas não são aceitas e discutidas, então ele não se retira, mas inspira ao médium o pensamento de se isolar, e às vezes até o ordenar que assim faça. Todo médium que se melindra com a crítica das comunicações que obtém é o eco do Espírito que o domina, e esse Espírito não pode ser bom a partir do momento em que lhe inspira um pensamento ilógico — o de se negar ao exame. O isolamento do médium é sempre algo desagradável para ele, porque fica sem um controle para as suas comunicações. Não somente ele deve se esclarecer através da opinião de terceiros como também lhe é necessário estudar todos os gêneros de comunicações para compará-las; restringindo-se àquelas que ele obtém, por melhores que lhes pareçam, ele se expõe a se iludir sobre o valor delas, sem considerar que ele não pode saber de tudo, e que elas quase sempre rondam num mesmo círculo. (Item 192: *Médiuns exclusivos*).

249. Os meios de se combater a obsessão variam de acordo com o caráter que ela reveste. O perigo realmente não existe para todo médium bem convencido

de que está lidando com um Espírito mentiroso, como ocorre na obsessão simples; para ele, isso não passa de uma coisa desagradável. Mas, justamente por lhe ser desagradável, é uma razão a mais para o Espírito se encarniçar contra ele para perturbá-lo. Há duas coisas essenciais a se fazer nesse caso: provar ao Espírito que não estamos iludidos por ele e que é **impossível** ele nos enganar; e segundo, esgotar sua paciência mostrando-se mais paciente do que ele. Quando ele estiver bem convencido de que está perdendo tempo, acabará se retirando, como fazem os importunos a quem não damos ouvidos.

Mas nem sempre isso basta, e pode durar muito tempo, porque há Espíritos que são teimosos, para os quais os meses e os anos significam pouca coisa. Além do mais, o médium deve fazer um apelo fervoroso ao seu bom anjo, assim como aos bons Espíritos que sejam simpáticos a ele, pedindo-lhes que o ajudem. Quanto ao Espírito obsessor, por mais malvado que seja, é preciso tratá-lo com severidade, porém com benevolência, e vencê-lo pelos bons procedimentos, orando por ele. Se ele for realmente perverso, a princípio zombará disso, mas em se moralizando com perseverança, ele acabará por se emendar: é uma conversão a ser empreendida — tarefa muitas vezes penosa, ingrata, até desagradável, mas cujo mérito está na dificuldade, e que, se for bem desempenhada, sempre traz a satisfação de se ter cumprido um dever de caridade e, quase sempre, a de ter-se reconduzido ao bom caminho uma alma perdida.

Convém igualmente interromper toda comunicação escrita desde que se reconheça que ela vem de um Espírito mau, que não quer ouvir a razão a fim de não lhe dar o prazer de ser ouvido. Em certos casos, pode até ser útil parar de escrever por algum tempo, regulando-se segundo as circunstâncias. Mas se o médium escrevente pode evitar esses contatos abstendo-se de escrever, já não é o mesmo caso do médium audiente, que o Espírito obsessor às vezes persegue a todo instante com as suas proposições grosseiras e obscenas, e que nem sequer tem o recurso de tapar os ouvidos. De resto, devemos admitir que algumas pessoas se divertem com a linguagem trivial desse tipo de Espíritos, e que os incentivam e os provocam rindo de suas tolices, em vez de lhes impor silêncio e de os moralizar. Nossos conselhos não podem se aplicar àqueles que desejam se afogar.

250. Portanto, só há dissabor, mas não perigo para todo médium que não se deixe iludir, porque ele não poderá ser enganado. Tudo é muito diferente com a *fascinação*, pois então o domínio que o Espírito assume sobre aquele de quem ele se apodera não tem limites. A única coisa a fazer com ele é tentar convencê-lo de que está sendo usado e lhe reverter sua obsessão ao caso da obsessão simples; mas isso nem sempre é fácil, se não for algumas vezes até impossível. A influência do Espírito pode ser tal que torne o fascinado surdo a todo tipo de raciocínio, podendo chegar até a fazê-lo duvidar se não é a ciência que está errada quando o Espírito comete alguma grave heresia científica. Como já dissemos, ele geralmente acolhe muito mal os conselhos; a crítica o aborrece, o irrita e o faz tomar ira daqueles que não compartilham da sua admiração. Suspeitar do seu Espírito é quase uma profanação aos seus olhos e isso é tudo o que o Espírito pede, pois tudo o que ele quer é que todos se curvem diante da sua palavra. Um deles exercia uma fascinação extraordinária sobre uma pessoa do nosso conhecimento; nós o evocamos e depois de algumas fanfarrices, vendo que não conseguia nos tapear quanto à sua identidade, ele findou por confessar que não era aquele de quem havia tomado o nome. Perguntando-lhe por que enganava desse modo aquela pessoa, ele respondeu com estas palavras, que ilustram claramente o caráter desse tipo de Espírito: ***Eu procurava um homem que eu pudesse manejar; eu o encontrei e ficarei com ele.*** — Mas se nós lhe fizermos ver claramente, ele vos largará: — ***Isso é o que nós veremos!*** Como não há cego pior do que aquele que não quer ver, quando nós reconhecemos a inutilidade de toda tentativa para abrir os olhos do fascinado, o que há de melhor a fazer é lhe deixar com as suas ilusões. Não se pode curar um doente que teima em conservar a sua doença e se contenta com ela.

251. A subjugação corporal muitas vezes tida do obsidiado a energia necessária para dominar o mau Espírito; por isso, é preciso a intervenção de uma terceira pessoa agindo, seja pelo magnetismo, seja pela força da sua vontade. Na falta da cooperação do obsidiado, essa pessoa deve tomar o domínio do Espírito; mas como essa ascendência só pode ser moral, ela não pode ser exercida senão por um ser ***moralmente superior*** ao Espírito, e seu

poder será tanto maior quanto maior for a sua superioridade moral, porque então ele se impõe ao Espírito, que se vê forçado a se inclinar diante dele. Por isso é que Jesus tinha um poder tão grande para expulsar aqueles a quem naquela época se chamavam demônios, ou seja, maus Espíritos obsessores.

Não podemos aqui dar mais do que conselhos gerais, pois não há nenhum procedimento material, sobretudo nenhuma fórmula, nem qualquer palavra sacramental que tenha o poder de afastar os Espíritos obsessores. O que às vezes falta ao obsidiado é uma força fluídica suficiente; nesse caso, a ação magnética de um bom magnetizador pode vir utilmente a ajudar. Ademais, é sempre bom tomar os conselhos de um Espírito superior ou do anjo guardião, através de um médium confiável.

252. As imperfeições morais do obsidiado frequentemente são um obstáculo à sua libertação. Aqui vai um exemplo notável que pode servir para a instrução de todos:

Várias irmãs eram vítimas desde alguns anos de depredações muito desagradáveis. Suas roupas eram incessantemente espalhadas por todos os cantos da casa e até pelos telhados; eram cortadas, rasgadas e crivadas de furos, por mais cuidado que elas tivessem em guardá-las à chave. Essas senhoras, relegadas numa pequena localidade de província, jamais tinham ouvido falar de espiritismo. O primeiro pensamento foi naturalmente o de que crer que eram alvo com brincalhões de mau gosto, mas essa persistência e as precauções que elas tomavam afastaram essa ideia. Só muito tempo depois foi que, devido alguns indícios, elas acharam que deviam nos procurar para saber a causa desses transtornos e os meios de remediá-los, se isso fosse possível. Não havia dúvida quanto à causa, mas o remédio era mais difícil. O Espírito que se manifestava por tais atos era evidentemente malvado. Durante a evocação, ele se mostrou de uma grande perversidade e inacessível a qualquer sentimento bom. Mesmo assim, a prece pareceu exercer uma influência salutar; contudo, após algum tempo de descanso, as depredações recomeçaram. Eis aqui, a propósito, o conselho que um Espírito superior deu:

“O que essas senhoras têm de melhor a fazer é rogar aos seus Espíritos protetores que não as abandonem, e não tenho nenhum conselho melhor a

lhes dar senão o de descer à própria consciência para se confessarem a si mesmas e examinarem se elas sempre praticaram o amor ao próximo e à caridade; não falo da caridade de dar e distribuir, mas da caridade da língua, pois infelizmente elas não sabem conter a língua delas, e não demonstram por atos de piedade o desejo que têm de se libertarem daquele que as atormenta. Elas gostam muito de caluniar o próximo, e o Espírito que as obsidia está se vingando, porque ele foi seu bode expiatório quando estava vivo. Elas só precisam vasculhar a memória, e logo descobrirão com o que estão lidando.

“Entretanto, se conseguirem se melhorar, seus anjos guardiões se aproximarão delas e a simples presença deles bastará para afugentar o mau Espírito, que não se agarrou a uma delas em particular senão porque o seu anjo guardião teve que se afastar diante de atos repreensíveis ou maus pensamentos. O que lhe faltam é preces fervorosas pelos que sofrem e principalmente a prática as virtudes impostas por Deus a cada um, de acordo com a sua condição.”

Sobre a observação que essas palavras nos pareciam um tanto severas e que talvez fosse necessário adoçá-las para serem transmitidas, o Espírito acrescentou:

“Devo dizer o que digo, e como digo, porque as pessoas em questão têm o hábito de supor que elas não fazem mal com a língua, quando o fazem muitíssimo. Eis por que é preciso ferir o Espírito delas, de maneira que lhes sirva de advertência séria.”

Disso resulta um ensinamento de um grande alcance, o de que as imperfeições morais dão ensejo aos Espíritos obsessores, e que o método mais seguro de se desembaraçar deles é atrair os bons, pela prática do bem. Os bons Espíritos sem dúvidas têm mais poder do que os maus, e a vontade deles é o suficiente para afastar estes últimos; porém, eles só auxiliam os que colaboram, pelos esforços que fazem para se melhorar; do contrário, eles se afastam e deixam o campo livre para os maus, que se tornam assim, em certos casos, instrumentos de punição, pois os bons lhes deixam agir para esse fim.

253. Nós devemos também ter o cuidado de não atribuir à ação direta dos

Espíritos todos os desagradados que possam ocorrer; esses desagradados muitas vezes são as consequências da incúria e da imprevidência. Um agricultor nos escreveu um dia que há doze anos lhe ocorria todo tipo de infortúnio em relação aos seus animais; ora eram suas vacas que morriam ou não davam mais leite; ora morriam seus cavalos, ovelhas ou porcos. Ele fez várias novenas, que não remediaram o mal, assim como as missas que mandou celebrar, nem os exorcismos que encomendou. Então, seguindo o preconceito rural, ele ficou convencido de que haviam lançado um feitiço contra os animais. Ele — acreditando que nós fôssemos dotados de um poder de exorcizar maior do que o do sacerdote da sua vila — pediu-nos um conselho. Aqui está a resposta que obtivemos:

“A mortalidade ou enfermidades dos animais desse homem decorre de seus currais estarem infetados, e ele não cuida porque *isso tem um custo.*”

254. Terminaremos este capítulo com as respostas dadas pelos Espíritos a algumas questões, e que vêm em apoio ao que temos dito.

1) Por que alguns médiuns não podem se desembaraçar de Espíritos maus que se ligam a eles, e como é que os bons Espíritos que eles chamam não sejam bastante poderosos para afastar os outros e se comunicar diretamente?

“Não é que falte poder ao bom Espírito; é o médium que muitas vezes não é bastante forte para ajudá-lo; sua natureza se presta melhor a determinadas relações; seu fluido se identifica mais com um Espírito do que com outro; é isso o que dá um domínio tão grande àqueles que querem abusar dele.”

2) Parece-nos, todavia, que há pessoas muito meritórias, de uma impecável moralidade e que, não obstante, são impedidas de se comunicar com os bons Espíritos.

“Isso é uma provação; e quem te diz, aliás, que o coração não esteja manchado de um pouco de maldade? Que o orgulho não domine um pouco a aparência de bondade? Essas provações, mostrando ao obsidiado a sua fraqueza, devem fazê-lo se inclinar para a humildade.

“Haverá alguém na Terra que possa se dizer perfeito? E algum que tenha

todas as aparências da virtude pode ter ainda muitos defeitos ocultos, um velho fermento de imperfeição. Assim, por exemplo, vocês dizem daquele que não faz nada de mal, que é leal em suas relações sociais: é um homem bom e digno; mas, será que vocês sabem se nele as boas qualidades não estejam mascaradas pelo orgulho? Se não há nele um fundo de egoísmo? Se ele não é avarento, ciumento, rancoroso, maledicente e cem outras coisas que vocês não percebem, porque as vossas relações com ele não vos colocaram nessa situação? O meio mais poderoso de combater a influência dos maus Espíritos é se aproximar o mais possível da natureza dos bons.”

3) A obsessão que impede que um médium obtenha as comunicações que deseja é sempre um sinal de indignidade da sua parte?

“Eu não disse que era um sinal de indignidade, mas que um obstáculo pode se opor a certas comunicações; cabe a ele dever se aplicar para remover o obstáculo; sem isso, suas preces e suas súplicas não servirão para nada. Não basta a um enfermo dizer ao seu médico: Dê-me saúde que eu quero ficar bom. O médico não pode fazer nada se o doente não faz o que é necessário.”

4) A privação de se comunicar com os bons Espíritos seria então uma espécie de punição?

“Em certos casos, isso pode ser uma verdadeira punição, como a possibilidade de se comunicar com eles é uma recompensa que vocês devem se esforçar para merecer.” (Veja: *Perda e suspensão da mediunidade*, nº 220.)

5) Nós não poderíamos também combater a influência dos maus Espíritos moralizando-os?

“Sim, mas isso é o que não tem sido feito e o que não podemos negligenciar, porque muitas vezes isso é uma tarefa que vos é confiada, e que vocês devem realizar caridosa e religiosamente. Através de sábios conselhos, podemos estimulá-los ao arrependimento e acelerar o progresso deles.”

— Como pode, a esse respeito, um homem ter mais influência do que os próprios Espíritos?

“Os Espíritos perversos se aproximam mais dos homens que eles procuram atormentar do que dos Espíritos dos quais se distanciam o máximo possível. Nessa aproximação com os humanos, quando eles

encontram quem os moralizem, a princípio eles não lhes escutam e até riem deles; depois, se souberem cativá-los, eles acabam se deixando sensibilizar. Os Espíritos elevados só podem falar com eles em nome de Deus, e isso os apavora. O homem com certeza não tem mais poder do que os Espíritos superiores, mas sua linguagem se identifica melhor com a natureza dos Espíritos inferiores e, vendo a superioridade que pode exercer sobre estes, então ele compreende melhor a solidariedade que existe entre o céu e a terra.

“Além disso, a ascendência que o homem pode exercer sobre os Espíritos é proporcional à sua superioridade moral. Ele não domina os Espíritos superiores, nem mesmo os que — sem serem superiores — são bons e benevolentes, mas ele pode dominar os Espíritos que lhe são inferiores em moralidade.” (Veja o item 279.)

6) Levada a um determinado grau, a subjugação corporal poderia ter como consequência a loucura?

“Sim, a uma espécie de loucura cuja causa é desconhecida no mundo, mas que não tem nada a ver com a loucura comum. Entre os que são tratados como loucos há muitos que estão apenas subjugados; eles precisariam de um tratamento moral, ao passo que os tratamentos corporais os tornam loucos de verdade. Quando os médicos conhecerem bem o Espiritismo, eles saberão fazer essa distinção e curarão mais doentes do que com as duchas.” (Item 221.)

7) O que devemos pensar daqueles que, vendo um perigo qualquer no espiritismo, acham que o meio de o prevenir seria proibir as comunicações espíritas?

“Se eles podem proibir certas pessoas de se comunicar com os Espíritos, não podem impedir as manifestações espontâneas feitas a essas mesmas pessoas, pois não podem suprimir os Espíritos, nem impedir a influência oculta deles. Parece aquelas crianças que tapam os olhos e acham que não se vêem. Seria loucura querer suprimir uma coisa que oferece grandes vantagens só porque alguns imprudentes podem abusar dela; a maneira de prevenir esses inconvenientes é, ao contrário, fazer que se conheça profundamente essa coisa.”

CAPÍTULO XXIV

IDENTIDADE DOS ESPÍRITOS

Provas possíveis de identidade – Distinção dos bons e dos maus Espíritos – Questões sobre a natureza e identidade dos Espíritos

Provas possíveis de identidade

255. A questão da identidade dos Espíritos é uma das mais controvertidas, mesmo entre os adeptos do espiritismo; é que, na prática, os Espíritos não nos trazem um ato de notoriedade, e sabemos com que facilidade alguns dentre eles tomam determinados nomes emprestados; assim, depois da obsessão, esta é uma das maiores dificuldades do espiritismo prático; além do mais, em muitos casos a identidade concreta é uma questão secundária e sem real importância.

A identidade do Espírito das personagens antigas é a mais difícil de constatar, e muitas vezes até impossível, limitando-se a uma apreciação puramente moral. julga-se os Espíritos, assim como se julga os homens, pela sua linguagem; se um Espírito se apresenta com o nome de Fénelon⁶⁷, por exemplo, e não diz nada além de trivialidades e infantilidades, fica claro que não pode ser ele; porém, se ele diz somente coisas dignas do caráter de Fénelon e que este não recusaria, então há, senão uma prova material, pelo menos toda a probabilidade moral de que deva ser ele. É nesse caso sobretudo que a identidade real se torna uma questão secundária; do momento em que o Espírito só diz coisas boas, pouco importa o nome sob o

⁶⁷ Menção a François Fénelon (1651-1715), foi um importante teólogo, poeta, escritor francês que então desencarnado também contribui com a obra do Espiritismo. — N. T.

qual elas sejam dadas.

Questionarão, sem dúvida, que o Espírito que tomasse um suposto nome — mesmo que só para dizer coisas boas — não deixaria de cometer uma fraude, e por isso não poderia ser um bom Espírito. Aqui há delicadezas de nuances bastante difíceis de determinar, mas que tentaremos desenvolver.

256. À medida que os Espíritos se purificam e se elevam na hierarquia, as características distintivas de sua personalidade de algum modo se apagam na uniformidade da perfeição e, no entanto, nem por isso eles conservam menos sua individualidade; é o que acontece com os Espíritos superiores e os Espíritos puros. Nessa posição, o nome que tiveram na Terra, numa das mil existências corporais *efêmeras* pelas quais eles passaram, é uma coisa totalmente insignificante. Notemos ainda que os Espíritos são atraídos uns para os outros pela semelhança de suas qualidades, e assim formam grupos ou famílias simpáticas. Por outro lado, se considerarmos o número imenso de Espíritos que desde a origem dos tempos devem ter chegado às primeiras fileiras, e se o compararmos com o número tão restrito dos homens que deixaram um nome importante na Terra, então compreenderemos que entre os Espíritos superiores que podem se comunicar a maioria não deve ter nomes para nós; mas como precisamos de nomes para fixar as nossas ideias, eles podem tomar o de um personagem conhecido, cuja natureza se identifica mais com a deles; é por isso que os nossos anjos guardiões normalmente se apresentam sob o nome de um dos santos que nós veneramos, e geralmente sob o nome daquele pelo qual temos mais simpatia. Segue-se daí que se o anjo guardião de uma pessoa se revela como sendo são Pedro, por exemplo, não há nenhuma prova material de que seja exatamente o apóstolo desse nome; tanto pode ser ele como pode ser um Espírito completamente desconhecido, pertencente à família de Espíritos de que são Pedro faça parte. Segue-se ainda que, seja qual for o nome sob o qual se invoque o anjo guardião, este atenderá ao apelo que lhe é feito, porque ele é atraído pelo pensamento, e o nome é indiferente para ele.

O mesmo ocorre todas as vezes que um Espírito superior se comunica espontaneamente sob o nome de um personagem famoso; nada prova que

seja precisamente o Espírito desse personagem; mas se ele não diz nada que desminta a elevação do caráter deste nome, existe o *indício* de que seja ele, e em todos os casos podemos dizer que, se não for ele, deve ser um Espírito do mesmo padrão, ou talvez até alguém enviado por ele. Em resumo, a questão de nome é de segunda ordem, já que o nome pode ser considerado como um simples indicativo da classe que o Espírito ocupa na escala espírita.

A situação é totalmente diferente quando um Espírito de uma ordem inferior se disfarça de um nome respeitável para dar crédito às suas palavras, e este caso é tão frequente que nunca será demais se precaver contra esses tipos de substituições, pois é graças a esses nomes emprestados, e com o apoio sobretudo da fascinação, que alguns Espíritos sistemáticos — mais orgulhosos do que sábios — procuram validar as ideias mais ridículas.

Como dissemos, a questão da identidade é, portanto, quase indiferente quando se trata de instruções gerais, já que os melhores Espíritos podem se substituir mutuamente sem que isso tenha consequências. Por assim dizer, os Espíritos superiores formam um conjunto coletivo cujas individualidades nos são — salvo raras exceções — completamente desconhecidas. O que nos interessa não é a própria pessoa, mas o seu ensinamento; ora, desde que esse ensinamento seja bom, pouco importa que aquele que o deu se chame Pedro ou Paulo; ele deve ser julgado pela sua qualidade e não pela sua assinatura. Se um vinho for ruim, não será a etiqueta que o tornará melhor. Porém não é o caso das comunicações íntimas, porque aqui é o indivíduo — a sua pessoa mesma — que nos interessa, e é com razão que nessas circunstâncias nós procuramos nos assegurar se o Espírito que atende ao nosso chamado é realmente aquele que desejamos.

257. A identidade é muito mais fácil de ser comprovada quando se trata de Espíritos contemporâneos, de quem conhecemos as características e os hábitos, pois é exatamente através desses hábitos — dos quais eles ainda não tiveram tempo de se desfazer — que eles se tornam reconhecíveis, e vamos dizer desde já que este é mesmo um dos sinais mais certos de identidade. Sem dúvidas o Espírito pode dar provas disso mediante um pedido que for feito, mas ele só faz isso quando lhe convém, e geralmente tal pedido o constrange;

é por isso que devemos evitá-lo. Logo ao deixar o seu corpo, o Espírito não terá perdido sua suscetibilidade; ele se ofende com toda questão que tenha por objetivo colocá-lo à prova. ***Há perguntas que não ousaríamos lhe dirigir se ele estivesse vivo***, pelo receio de faltar com a delicadeza; por que então poderíamos ter menos consideração por ele depois da sua morte? Vamos supor que um homem que se apresente num salão declarando o seu nome; será que alguém iria lhe pedir à queima-roupa para provar ser quem ele diz que é, sob o pretexto de haver impostores? Esse homem seguramente teria o direito de lembrar ao interrogador as regras de boas maneiras. É o que fazem os Espíritos, não respondendo ou se retirando. Tomemos um exemplo para comparação: suponhamos que o astrônomo Arago, quando vivo, se apresentasse numa casa onde sua pessoa não fosse conhecida, e que o tratassem assim: Você diz que é Arago, mas como não o conhecemos; tenha a bondade de nos provar sua identidade respondendo às nossas perguntas; resolva tal problema de astronomia; diga-nos o seu nome, sobrenome, os de seus filhos, o que fazia em tal dia, a tal hora etc. O que ele responderia? Pois bem: como Espírito, ele fará o que teria feito em vida, e os outros Espíritos fazem a mesma coisa.

258. Embora os Espíritos se recusem a responder perguntas tolas e absurdas que teríamos vergonha de remeter à sua pessoa viva, eles normalmente dão por si mesmos, espontaneamente, provas irrecusáveis de sua identidade, pelas características que se revelam na linguagem deles, pelo emprego das palavras que lhes eram familiares, pela citação de certos fatos, de particularidades de suas vidas às vezes desconhecidas dos assistentes e cuja exatidão pode ser verificada. As provas de identidade surgem também de uma série de circunstâncias imprevistas que nem sempre se apresentam à primeira vista, mas sim com a sequência das conversas. Portanto, convém esperá-las sem provocar, observando cuidadosamente todas as que possam decorrer da natureza das comunicações. (Veja o fato referido no item 70.)

259. Um meio empregado às vezes com sucesso para verificar a identidade, quando o Espírito que se comunica é suspeito, consiste em lhe fazer afirmar,

em nome de Deus todo-poderoso, que é de fato quem ele diz ser. Acontece normalmente que aquele que usurpou um nome então recue diante de tal sacrilégio e que, após ter começado a escrever: **Afirmo, em nome de...**, ele pare e, irado, rabisque traços sem sentido ou quebre o lápis; se for mais hipócrita, ele disfarça a questão mediante uma restrição mental, escrevendo, por exemplo: **Certifico a vocês que digo a verdade**, ou então: **Atesto, em nome de Deus, que sou eu mesmo quem vos fala** etc. Entretanto, há alguns que não são nada escrupulosos, e que juram tudo o que se queira. Um desses se comunicou com um médium se dizendo ser Deus, e o médium, muito honrado com tão alta graça, não hesitou em acreditar nele. Evocado por nós, ele não ousou sustentar sua impostura, e disse: Não sou Deus, mas sou seu filho. — Então você é Jesus? Isto não é possível, porque Jesus é muito elevado para empregar um subterfúgio. Então, você ousa afirmar em nome de Deus que é o Cristo? — Não digo que sou Jesus; digo que sou o filho de Deus, porque sou uma de suas criaturas.

Devemos concluir com isso que a recusa da parte de um Espírito em afirmar a sua identidade em nome de Deus é sempre uma prova evidente de que o nome que ele tomou é uma impostura, mas que a afirmação não passa de uma presunção, e não uma prova certa.

260. Podemos também incluir entre as provas de identidade a semelhança da caligrafia e da assinatura, mas, além de que não é dado a todos os médiuns obter esse resultado, isso nem sempre é uma garantia suficiente; há falsários no mundo dos Espíritos como há neste mundo; então isso é apenas uma presunção de identidade, que só adquire valor pelas circunstâncias que a acompanhem. O mesmo ocorre com todos os sinais materiais que alguns dão como talismãs inimitáveis pelos Espíritos mentirosos. Para os que ousam perjurar ao nome de Deus, ou falsificar uma assinatura, nenhum sinal material poderia lhe oferecer um obstáculo maior. A melhor de todas as provas de identidade está na linguagem e nas circunstâncias fortuitas.

261. Com certeza, vão dizer que se um Espírito pode imitar uma assinatura, também pode perfeitamente imitar a linguagem. Isso é verdade; temos visto

alguns que tomaram afrontosamente o nome do Cristo e, para enganar, simularam o estilo evangélico e proferiram a torto e a direito estas expressões bem conhecidas: ***Em verdade, em verdade eu vos digo***; mas quando estudamos o conjunto da mensagem ***sem preconceito***, quando analisando o fundo das ideias e o alcance das expressões, quando ao lado de belas máximas de caridade nós vemos as recomendações pueris e ridículas, seria preciso estar ***fascinado*** para se enganar com isso. Sim, certas partes da forma material da linguagem podem ser imitadas, mas não o pensamento; jamais a ignorância imitará a verdadeira sabedoria, e jamais o vício imitará a verdadeira virtude. Em algum momento, a farsa sempre será descoberta. É então que o médium, assim como o evocador, precisa de toda a perspicácia e de todo o discernimento para separar a verdade da falsidade. Eles devem se convencer de que os Espíritos perversos são capazes de todas as artimanhas, e que quanto mais elevado for o nome com o qual o Espírito se anuncie, mais deve inspirar desconfiança. Quantos médiuns têm recebido comunicações apócrifas assinadas por Jesus, Maria, ou um santo venerado!

Distinção dos bons e dos maus Espíritos

262. Se a identidade absoluta dos Espíritos em muitos casos é uma questão acessória e sem importância, já não ocorre o mesmo com a distinção dos bons e dos maus Espíritos; para nós, a individualidade deles pode ser indiferente, mas suas qualidades jamais. Em todas as comunicações instrutivas, é então sobre este ponto que se deve concentrar toda a atenção, porque só ele nos pode dar a medida da confiança que podemos conceder ao Espírito que se manifesta — seja qual for o nome sob o qual o faça. O Espírito que se comunica é bom ou mau? A qual grau da escala espírita ele pertence? Eis a questão capital. (Veja: *Escala espírita*, em ***O Livro dos Espíritos***, questão 100.)

263. Como já foi dito, nós julgamos os Espíritos, assim como julgamos os homens, pela sua linguagem. Suponhamos que um homem receba vinte cartas de pessoas que lhe são desconhecidas; pelo estilo, pelas ideias, por uma série de indícios, enfim, ele julgará se aquelas pessoas são instruídas ou ignorantes,

polidas ou mal-educadas, superficiais, profundas, frívolas, orgulhosas, sérias, levianas, sentimentais etc. Da mesma forma é com os Espíritos: devemos considerá-los como correspondentes que nós nunca vimos, e se perguntar o que pensar da sabedoria e do caráter de um homem que dissesse ou escrevesse tais coisas. Podemos estabelecer como regra invariável e sem exceção que ***a linguagem dos Espíritos é sempre proporcional ao grau da elevação deles***. Os Espíritos realmente superiores não só dizem unicamente coisas boas como também as dizem em termos que excluem da maneira mais absoluta toda trivialidade; por melhores que sejam essas coisas, se elas estiverem manchadas por uma única expressão que denote baixeza, isto é um sinal inquestionável de inferioridade, ainda mais se o conjunto da mensagem fere a decência por sua grosseria. A linguagem sempre revela a sua origem, seja pelo pensamento que expressa, seja pela forma; e até mesmo quando um Espírito queira nos ludibriar quanto à sua pretensa superioridade, bastará conversar algum tempo com ele para o avaliarmos.

264. A bondade e a gentileza são também atributos essenciais dos Espíritos depurados; eles não têm ódio nem aos homens nem aos outros Espíritos; lamentam as fraquezas e criticam os erros, mas sempre com moderação, sem fel e sem rancor. Caso se admita que os Espíritos verdadeiramente bons não possam querer senão o bem e dizer senão coisas boas, então se concluirá que tudo o que denote na linguagem dos Espíritos qualquer falta de bondade e de gentileza não pode emanar de um bom Espírito.

265. A inteligência está longe de ser um sinal certo de superioridade, porque a inteligência e a moral nem sempre andam lado a lado. Um Espírito pode ser bom, gentil e ter conhecimentos limitados, ao mesmo tempo em que outro Espírito, inteligente e instruído, pode ser muito inferior em moralidade.

Muito frequentemente, acredita-se que interrogando o Espírito de um homem que foi sábio numa determinada especialidade na Terra, seja possível obter a verdade com mais segurança; isto é lógico, mas nem sempre está correto. A experiência demonstra que os sábios, assim como os outros homens — sobretudo os que deixaram a Terra há pouco tempo — ainda estão

sob o império dos preconceitos da vida corporal; eles não se despojam imediatamente do espírito de sistema. Portanto, pode ser que, sob a influência das ideias que eles acalentaram em vida, e das quais fizeram para si um título de glória, eles então vejam menos claramente do que imaginamos. Não damos este princípio como regra, longe disso: dizemos apenas que isso ocorre e que, por consequência, a sua ciência humana nem sempre é uma prova da sua infalibilidade como Espíritos.

266. Ao submeter todas as comunicações a um exame escrupuloso, ao averiguar e ao analisar o pensamento e as expressões como se faz quando se trata de julgar uma obra literária, rejeitando *sem hesitar* tudo o que peca pela lógica e pelo bom senso, tudo o que desminta o caráter do Espírito que se supunha se manifestar, então desencorajamos os Espíritos mentirosos, que acabam por se retirar, desde que estejam bem convencidos de que não conseguem nos enganar. Nós repetimos: este meio é o único, mas é infalível, pois não há comunicação má que possa resistir a uma crítica rigorosa. Os bons Espíritos nunca se ofendem com ela, já que eles próprios a aconselham e porque eles nada têm que temer do exame; somente os maus se melindram com isso e procuram evitar as críticas, porque eles tudo têm a perder e porque elas provam aquilo que eles são.

A propósito, aqui está o conselho dado por São Luís:

“Qualquer que seja a confiança legítima que em vós inspirem os Espíritos que presidem os vossos trabalhos, há uma recomendação que nós nunca cansaremos de repetir e que vocês deveriam ter sempre presente na mente ao se entregar aos estudos: é a de pesar e medir, de submeter ao controle da razão mais severa todas as comunicações que receberem; de não deixar de pedir as explicações necessárias — desde que um ponto lhes pareça suspeito, duvidoso ou obscuro — até ficarem seguros.”

267. Podemos resumir os meios de se reconhecer a qualidade dos Espíritos nos princípios seguintes:

1º) Não existe outro critério para discernir o valor dos Espíritos além do bom senso. Qualquer fórmula dada a esse respeito pelos próprios

Espíritos é absurda e não pode vir dos Espíritos superiores.

- 2º) Julgamos os Espíritos pela sua linguagem e pelas suas ações. As ações dos Espíritos são os sentimentos que eles inspiram e os conselhos que oferecem.
- 3º) Sendo admitido que os bons Espíritos só podem dizer e fazer o bem, então tudo o que é mal não pode vir de um Espírito bom.
- 4º) Os Espíritos superiores têm uma linguagem sempre digna, nobre, elevada, sem mistura com nenhuma trivialidade; eles dizem tudo com simplicidade e modéstia, jamais se vangloriam nem se gabam de sua sabedoria ou de sua posição entre os outros. Já a linguagem dos Espíritos inferiores ou vulgares sempre trazem um reflexo das paixões humanas; toda expressão que tenha baixeza, pretensão, arrogância, fanfarronice, grosseria, é um indício característico de inferioridade, ou de falsidade, se o Espírito se apresenta com um nome respeitável e venerado.
- 5º) Não se deve julgar os Espíritos pela forma material e pela correção do estilo, mas sim sondar o seu significado íntimo, escrutinar suas palavras, pesá-las friamente, maduramente e sem preconceito. Qualquer desvio da lógica, da razão e da sabedoria não pode deixar dúvida quanto à sua origem, seja qual for o nome com o qual o Espírito se enfeite. (Item 224.)
- 6º) A linguagem dos Espíritos elevados é sempre idêntica — senão na forma, pelo menos na essência. As ideias são as mesmas, em qualquer tempo e lugar; elas podem ser mais ou menos desenvolvidas, conforme as circunstâncias, as necessidades e as facilidades para se comunicar; mas não serão contraditórias. Se duas comunicações que trazem o mesmo nome estiverem em oposição uma com a outra, uma delas é evidentemente falsa, e a verdadeira será aquela em que NADA desminta o caráter conhecido do personagem. Entre duas comunicações assinadas, por exemplo, por São Vicente de Paulo e que uma delas pregasse a união e a caridade, e a outra tendesse a semear a discórdia, não há ninguém sensato que pudesse se confundir a respeito.

- 7º) Os bons Espíritos só dizem o que sabem; eles se calam ou confessam sua ignorância sobre o que desconhecem. Os maus falam de tudo com confiança, sem se preocupar com a verdade. Toda heresia científica flagrante e todo princípio que choca o bom senso revela a fraude quando o Espírito se considera um Espírito esclarecido.
- 8º) Reconhecemos ainda os Espíritos levianos pela facilidade com a qual eles predizem o porvir e especificam fatos materiais que não nos é permitido conhecer. Os bons Espíritos podem fazer pressentir as coisas futuras, quando esse pressentimento pode ser útil, porém nunca determinam datas; qualquer anúncio de eventos para uma certa época é um indício de mistificação.
- 9º) Espíritos superiores se expressam com simplicidade, sem prolixidade; seu estilo é conciso, sem excluir a poesia das ideias e das expressões, claro, compreensível para todos e não demandar esforço para ser entendido; eles têm a arte de dizer muitas coisas em poucas palavras, porque cada palavra tem a sua aplicação. Os Espíritos inferiores, ou falsos sábios, escondem sob o enfeite e a ênfase o vazio de suas ideias. Sua linguagem comumente é pretensiosa, ridícula ou obscura, à força de querer parecer sofisticada.
- 10º) Os bons Espíritos nunca ordenam: eles não se impõem, mas aconselham, e se não são escutados, retiram-se. Os maus são imperiosos; dão ordens, querem ser obedecidos e persistem de toda forma. Todo Espírito que se impõe trai a sua procedência. Eles são exclusivistas e absolutos em suas opiniões, e pretendem que só eles tenham o privilégio da verdade. Exigem crença uma cega e não recorrem à razão, porque sabem que a razão os desmascararia.
- 11º) Os bons Espíritos não bajulam ninguém; aprovam quando fazemos o bem, mas sempre com reserva; já os maus fazem elogios exagerados, estimulam o orgulho e a vaidade, embora pregando a humildade, e procuram **exaltar a importância pessoal** dos que eles querem cooptar.
- 12º) Os Espíritos superiores estão acima da infantilidade da forma **em todas as coisas**. Só os Espíritos vulgares dão importância a detalhes

mesquinhos, incompatíveis com as ideias verdadeiramente elevadas. **Toda prescrição meticulosa** é um sinal certo de inferioridade e de misticismo da parte de um Espírito que tome um nome imponente.

- 13º) É preciso desconfiar dos nomes estranhos e ridículos que alguns Espíritos adotam quando querem se impor à fé; seria extremamente absurdo levar tais nomes a sério.
- 14º) Devemos igualmente desconfiar daqueles Espíritos que se apresentam muito facilmente sob nomes extremamente venerados, e não aceitar suas mensagens senão com bastante cuidado; é aí sobretudo que se faz indispensável uma verificação severa, pois isso muitas vezes não passar de uma máscara que eles usam para fazer as pessoas acreditarem em alegadas relações íntimas com os Espíritos excepcionais. Por esse meio, eles bajulam a vaidade do médium e se aproveitam disso para induzi-lo com frequência a atitudes lamentáveis e ridículas.
- 15º) Os bons Espíritos são bastante zelosos quanto às atitudes que eles possam aconselhar; em todos os casos, eles não têm nada além de um objetivo **sério e eminentemente útil**. Por isso, devemos olhar como suspeitas todas as atitudes que não tenham esse caráter ou que sejam condenáveis pela razão, e então refletir maduramente antes de as adotar, senão ficaríamos expostos a mistificações desagradáveis.
- 16º) Também reconhecemos os bons Espíritos pelo seu prudente cuidado com todas as coisas que possam comprometer; eles repugnam expor o mal, ao passo que os Espíritos levianos ou maliciosos gostam de os exhibir. Enquanto os bons buscam atenuar os erros e pregam a indulgência, os maus exageram os erros e sopram a discórdia com insinuações traiçoeiras.
- 17º) Os bons Espíritos só sugerem o bem. Qualquer máxima ou qualquer conselho que não for **estritamente conforme a mais pura caridade evangélica** não pode ser obra de bons Espíritos.
- 18º) Jamais os bons Espíritos aconselham algo que não seja perfeitamente racional; qualquer recomendação que se afaste da **linha reta do bom senso ou das leis imutáveis da natureza** revela um Espírito limitado e,

por conseguinte, pouco digno de confiança.

19º) Os Espíritos maus ou simplesmente imperfeitos se traem também por sinais materiais com os quais ninguém poderia se confundir. A sua ação sobre o médium algumas vezes é violenta e provoca, no médium, movimentos bruscos e intermitentes, uma agitação febril e convulsiva que contrasta com a calma e a doçura dos bons Espíritos.

20º) Os Espíritos imperfeitos se aproveitam bastante dos meios de comunicação de que eles dispõem para dar conselhos traiçoeiros; eles excitam a desconfiança e a ira contra aqueles que lhes são antipáticos; sobretudo os que podem lhes desmascarar as imposturas são objeto de sua maior repulsa.

Os homens fracos são seus alvos, para lhes induzir ao mal. Empregando alternadamente sofismas, sarcasmos, injúrias e até sinais materiais do seu poder oculto, para melhor convencê-los, eles tratam de desviá-los da senda da verdade.

21º) Os Espíritos dos homens que na Terra tiveram uma única preocupação — material ou moral —, se não tiverem se desprendido da influência da matéria, ainda continuam sob o império das ideias terrenas e trazem consigo uma parte dos preconceitos, das predileções **e até das manias** que tinham neste mundo. É isso o que é fácil de reconhecer pela sua linguagem.

22º) Os conhecimentos de que alguns Espíritos se enfeitam — às vezes com uma espécie de ostentação — não são um sinal da superioridade deles. A inalterável pureza dos sentimentos morais a esse respeito é a referência verdadeira.

23º) Não basta interrogar um Espírito para conhecer a verdade; precisamos antes de tudo saber a quem nos dirigimos, pois os Espíritos inferiores — ignorantes como eles são — tratam com frivolidade as questões mais sérias.

Também não basta que um Espírito tenha sido um grande homem na Terra para ter no mundo espírita a suprema ciência. Só a virtude, purificando-o, pode aproximá-lo de Deus e ampliar sua sabedoria.

24º) Da parte dos Espíritos superiores, o humor muitas vezes é fino e agudo, porém nunca vulgar. Nos Espíritos gaiatos que não são grosseiros, a sátira mordaz é frequentemente muito inoportuna.

25º) Ao estudar cuidadosamente o caráter dos Espíritos que se apresentam — sobretudo do ponto de vista moral —, reconhecemos sua natureza e o grau de confiança que podemos lhe conceder. O bom senso não poderia enganar.

26º) Para julgar os Espíritos, assim como para julgar os homens, é preciso primeiramente saber julgar-se a si mesmo. Infelizmente, há muita gente que toma sua própria opinião como parâmetro exclusivo do bem e do mal, do verdadeiro e do falso; tudo o que contradiga sua maneira de ver, suas ideias e a teoria que conceberam ou adotaram é mau aos olhos deles. Para essas pessoas falta evidentemente a qualidade primordial para uma correta apreciação: a retidão do julgamento. Mas eles nem suspeitam disso; esse é o defeito com o qual os homens mais se iludem.

Todas estas instruções decorrem da experiência e do ensino dado pelos Espíritos; nós as completamos com as próprias respostas que eles deram sobre os pontos mais importantes.

268. Questões sobre a natureza e a identidade dos Espíritos

1ª) Por quais sinais nós podemos reconhecer a superioridade ou a inferioridade dos Espíritos?

“Pela sua linguagem, como vocês distinguem um tolo de um homem sensato. Já dissemos que os Espíritos superiores não se contradizem nunca e só dizem coisas boas; só querem o bem; esta é a sua preocupação.

“Os Espíritos inferiores ainda se encontram sob o império das ideias materiais; seus discursos se ressentem de sua ignorância e sua imperfeição. Somente aos Espíritos superiores é permitido conhecer todas as coisas e as julgar sem paixão.”

2ª) A ciência é sempre um sinal certo da elevação de um Espírito?

“Não, pois ele ainda está sob a influência da matéria e pode ter os vícios e os preconceitos de vocês. Há pessoas que neste mundo são excessivamente

invejosas e orgulhosas; vocês acham que elas perdem esses defeitos logo que deixam a Terra? Depois que partem daqui, resta-lhes — sobretudo naquelas que tiveram paixões bem definidas — um tipo de atmosfera que lhes envolve e lhes deixa todas essas coisas más.

“Esses Espíritos semi-imperfeitos são mais temíveis do que os maus Espíritos, porque a maioria deles combina a astúcia e o orgulho com a inteligência. Pelo seu pretense saber, eles se impõem às pessoas simples e aos ignorantes, que aceitam suas teorias absurdas e mentirosas sem verificação. Embora essas teorias não possam prevalecer contra a verdade, nem por isso deixam de produzir um mal momentâneo, pois entravam a marcha do espiritismo, e os médiuns cegam-se voluntariamente sobre o mérito do que lhes é comunicado. Esse é o ponto que demanda um estudo muito profundo da parte dos espíritas esclarecidos e dos médiuns; é para distinguir o verdadeiro do falso que se deve direcionar toda a atenção.”

3ª) Muitos Espíritos protetores se designam pelos nomes de santos ou de personagens conhecidas; o que devemos pensar disso?

“Todos os nomes de santos e de personagens conhecidas bastariam para fornecer um protetor a cada homem; entre os Espíritos, há poucos que tenham um nome conhecido na Terra: é por isso que com muita frequência eles não se dão nenhum nome, mas na maioria das vezes vocês querem um nome e então, para vos satisfazer, os espíritos adotam o de um homem que vocês conheceram e respeitam.”

4ª) Esse nome emprestado não poderia ser considerado uma fraude?

“Seria uma fraude da parte de um Espírito mau que quisesse enganar, mas quando é para o bem, Deus permite que seja assim entre os Espíritos da mesma ordem, pois entre eles há solidariedade e igualdade de pensamentos.”

5ª) Assim, quando um Espírito protetor diz ser são Paulo, por exemplo, não é certo que seja o Espírito mesmo ou a alma do apóstolo desse nome?

“De modo algum, pois vocês podem encontrar milhares de pessoas a quem foi dito que seu anjo guardião é são Paulo, ou qualquer outro. Mas, que importa isso, se o Espírito que vos protege é tão elevado quanto são Paulo? Eu já o disse: como vocês precisam de um nome, eles adoram um para ser

chamado e reconhecido, assim como vocês tomam os nomes de batismo para se distinguirem dos outros membros da família. Também os Espíritos podem usar os nomes dos arcanjos (Rafael, são Miguel etc.), sem que isso tenha consequências.

“Além do mais, quanto mais elevado é o Espírito, maior é sua irradiação. Portanto, creiam que um Espírito protetor de uma ordem muito elevada pode ter sob sua tutela centenas de encarnados. Entre vocês na Terra, vocês têm pessoas notáveis que se encarregam dos negócios de cem e de duzentas famílias; por que, espiritualmente falando, vocês haveriam de querer que nós fôssemos menos aptos para a direção moral dos homens, do que os homens para a direção material dos seus próprios interesses?”

6ª) Por que os Espíritos que se comunicam frequentemente usam nomes dos santos?

“Eles se identificam com os hábitos daqueles a quem falam e adotam os nomes mais apropriados para causar uma maior impressão nos homens em razão de suas crenças.”

7ª) Certos Espíritos superiores que nós evocamos vêm sempre pessoalmente ou, como algumas pessoas acreditam, eles enviam um representante encarregado de transmitir o pensamento deles?

“Por que não viriam pessoalmente, se puderem? Mas se o Espírito não puder vir, obviamente será um mensageiro.”

8ª) O mensageiro é sempre suficientemente esclarecido para responder como faria o Espírito que o envia?

“Os Espíritos superiores sabem a quem eles confiam o cuidado de lhes substituir. Aliás, quanto mais os Espíritos são elevados, mais eles se fundem num pensamento comum, de tal sorte que para eles a personalidade é uma coisa indiferente — e deve ser o mesmo para vocês. Então vocês acham que no mundo dos Espíritos superiores só há aqueles que vocês conheceram na Terra capazes de vos instruírem? Vocês são tão levados a se considerarem como os tipos do universo que sempre supõem que fora do vosso mundo não haja mais nada. Vocês realmente se assemelham a esses selvagens que nunca saíram de sua ilha e acreditam que o mundo não vai além dela.”

9ª) Compreendemos que seja assim quando se trata de um ensinamento sério; mas como os Espíritos elevados podem permitir que Espíritos de baixo nível se enfeitem com nomes respeitáveis para induzir os homens ao erro por meio de máximas geralmente perversas?

“Não é com a permissão dos Espíritos superiores que eles fazem isso; o mesmo não ocorre entre vocês? Aqueles que assim enganam serão punidos também, acreditem, e a punição deles será proporcional à gravidade da impostura. Ademais, se vocês não fossem imperfeitos, teriam ao vosso redor somente bons Espíritos, e se são enganados, devem se queixar só de vocês mesmos. Deus permite que seja assim para provar vossa perseverança e vosso discernimento, ensinando-lhes a distinguir a verdade do erro; se não o fazem, é que não estão bastante elevados e ainda têm necessidade das lições da experiência.”

10ª) Espíritos pouco adiantados, porém animados de boas intenções e do desejo de progredir, podem às vezes ser designados para substituir um Espírito superior, a fim de lhes fornecer a ocasião de exercer o ensino?

“Jamais nos grandes centros; quero dizer, nos centros sérios e para um ensino geral. Os que aí se apresentam o fazem sempre por conta própria, e como vocês dizem, para se exercitar. Eis por que suas comunicações — ainda que boas — trazem sempre os traços de sua inferioridade. Quando eles são designados, é somente para as comunicações pouco importantes e para aquelas que podemos chamar de pessoais.”

11ª) As comunicações espíritas ridículas algumas vezes se mostram entremeadas de citações muito boas; como conciliar essa anormalidade, que parece indicar a presença simultânea de bons e maus Espíritos?

“Os Espíritos malvados ou levianos também se metem a enunciar sentenças sem perceberem bem o alcance ou a significação delas. Todos aqueles que entre vocês fazem isso, por acaso são homens superiores? Não; os bons e os maus Espíritos não andam juntos; é pela uniformidade constante das boas comunicações que reconhecerão a presença dos bons Espíritos.”

12ª) Espíritos que induzem ao erro sempre o fazem conscientemente?

“Não; há Espíritos bons, mas ignorantes, que podem se iludir de boa-fé;

quanto eles têm consciência de sua incapacidade, eles a admitem e só dizem o que sabem.”

13ª) Quando um Espírito dá uma comunicação falsa, ele faz isso sempre com uma intenção maléfica?

“Não; se for um Espírito leviano, ele apenas se diverte a mistificar, e não tem outro intuito.”

14ª) Já que alguns Espíritos podem enganar pela sua linguagem, eles também poderiam tomar uma falsa aparência aos olhos de um médium vidente?

“Isso acontece, porém muito dificilmente. Em todo o caso, isso nunca ocorreu senão com uma finalidade que nem os próprios Espíritos maus conhecem. Eles servem de instrumentos para dar uma lição. O médium vidente pode ver Espíritos levianos e mentirosos como outros os ouvem ou escrevem sob a influência deles. Os Espíritos levianos podem se aproveitar dessa disposição para enganá-lo por aparências enganosas; isso depende das qualidades do Espírito do próprio médium.”

15ª) Para não ser enganado, basta estar cheio de boas intenções? E os homens sérios, que não misturam nenhum sentimento de vã curiosidade com os seus estudos; também eles estão sujeitos a ser enganados?

“Menos do que os outros, evidentemente; mas o homem tem sempre alguns pontos fracos que atraem os Espíritos brincalhões; ele se julga forte e muitas vezes não o é; portanto, ele deve desconfiar da fraqueza que nasce do orgulho e dos preconceitos. Ninguém leva bastante em conta estas duas causas de que os Espíritos se beneficiam; lisonjeando as manias, eles estão certos do sucesso.”

16ª) Por que Deus permite que maus Espíritos se comuniquem e digam coisas más?

“Mesmo naquilo que há de mais maligno, sempre há um ensinamento; cabe a vocês saber colhê-lo. Faz-se necessário que haja comunicações de todos os tipos para vocês aprenderem a distinguir os bons Espíritos dos maus, e para que se sirvam de espelho a vocês mesmos.”

17ª) Os Espíritos podem, por meio de comunicações escritas, inspirar injustas desconfianças contra determinadas pessoas e separar amigos?

“Espíritos perversos e invejosos podem fazer tudo de mal que os homens fazem; é por isso que se deve estar atento. Os Espíritos superiores são sempre prudentes e reservados quando têm o que censurar; eles não dizem por mal: eles advertem cautelosamente. Se querem, no seu interesse, que duas pessoas deixem de se ver, eles farão surgir incidentes que as separarão de uma maneira natural. Uma linguagem própria para semear a discórdia e a desconfiança é sempre obra de um Espírito mau, qualquer que seja o nome que adote. Então, não aceitem senão com muita cautela quando um Espírito falar mal de um de vocês, sobretudo quando um bom Espírito já tiver falado bem dessa pessoa, e desconfiem também de si mesmos e de vossas próprias prevenções. Das comunicações dos Espíritos, recebam apenas o que houver de bom, de elevado, de racional e o que a vossa consciência aprova.”

18ª) Pela facilidade com a qual os maus Espíritos se intrometem nas comunicações, não parece que nunca temos certeza da verdade?

“Não é bem assim, pois vocês têm um senso crítico para analisar as comunicações. Pela leitura de uma carta, vocês sabem muito bem reconhecer se foi um mal-educado ou um cavalheiro, um tolo ou um sábio que a escreveu; por que não poderiam fazer o mesmo quando são os Espíritos quem vos escreve? Se vocês receberem uma carta de um amigo ausente, o que vos prova que a carte vem dele? Sua caligrafia, vocês dirão; mas, não há falsificadores que imitam todas as letras e malandros que podem conhecer os assuntos de vocês? Entretanto, há sinais com os quais vocês não se confundirão; é o mesmo caso com relação aos Espíritos. Então, imaginem que é um amigo quem escreve, ou que vocês estejam lendo a obra de um escritor, e julguem pelos mesmos meios.”

19) Os Espíritos superiores poderiam impedir os maus Espíritos de tomar falsos nomes?

“Certamente que eles podem; porém, quanto mais os Espíritos forem maldosos, mais teimosos eles serão, e muitas vezes eles resistem às injunções. Também é preciso que vocês saibam que há pessoas pelas quais os Espíritos

superiores se interessam mais do que por outras, e quando eles julgam necessário, eles sabem protegê-las do alcance da mentira; contra essas pessoas os Espíritos enganadores são impotentes.”

20ª) Qual é o motivo dessa parcialidade?

“Não é questão de parcialidade, mas sim de justiça; os bons Espíritos se interessam pelos que aproveitam os seus conselhos e trabalham seriamente para o seu próprio melhoramento; os Espíritos preferem estes e os ajudam; mas pouco se preocupam com aqueles com os quais perdem tempo com belas palavras.”

21ª) Por que Deus permite que os Espíritos cometam o sacrilégio de usarem falsamente nomes venerados?

“Vocês também poderiam perguntar por que Deus permite que os homens mintam e blasfemem. Assim como os homens, os Espíritos têm o seu livre-arbítrio para o bem tanto quanto para o mal; mas nem aos Espíritos nem aos homens faltará a justiça de Deus.”

22ª) Há fórmulas eficazes para afastar os Espíritos enganadores?

“Fórmula é matéria; pensamento bom dirigido a Deus vale muito mais.”

23ª) Alguns Espíritos dizem possuir sinais gráficos inimitáveis, espécies de emblemas, que podem revelar e comprovar sua identidade; isso é verdade?

“Os Espíritos superiores não têm nenhum outro sinal para serem reconhecidos além da superioridade das suas ideias e da sua linguagem. Todos os Espíritos podem imitar um sinal material. Quanto aos Espíritos inferiores, esses se traem de tantas maneiras que seria preciso ser cego para se deixar enganar.”

24ª) Espíritos enganadores também não podem imitar o pensamento?

“Imitam o pensamento como os cenários do teatro imitam a natureza.”

25ª) Será que é sempre tão fácil descobrir a fraude por um estudo atento?

“Não duvidem disso; os Espíritos só enganam os que se deixam enganar. Mas é preciso ter olhos de mercador de diamantes para distinguir a pedra verdadeira da falsa. Ora, aquele que não sabe diferenciar a pedra preciosa da pedra falsa se dirige ao lapidário.”

26ª) Há pessoas que se deixam seduzir por uma linguagem enfática, que valorizam as palavras mais do que as ideias, que até tomam ideias falsas e vulgares por sublimes; como essas pessoas, que não estão aptas a julgar nem as obras dos homens, podem julgar as dos Espíritos?

“Quando essas pessoas têm modéstia o bastante para reconhecer a sua incapacidade, elas não respondem por si mesmas; quando por orgulho elas se julgam mais capazes do que são, acabam pagando o preço da sua tola vaidade. Os Espíritos trapaceiros sabem bem a quem se dirigem; há pessoas simples e pouco instruídas mais difíceis de enganar do que outras que têm pose e saber. Ao lisonjear as paixões, os Espíritos fazem do homem tudo o que querem.”

27ª) Na escrita, algumas vezes os maus Espíritos se traem por sinais materiais involuntários?

“Os hábeis, não; mas os desajuizados se perdem. Todo sinal inútil e infantil é um indício certo de inferioridade; já os Espíritos elevados, estes não fazem nada de inútil.”

28ª) Muitos médiuns reconhecem os bons e os maus Espíritos pela impressão agradável ou penosa que sentem ao se aproximar deles. Perguntamos se a impressão desagradável, a agitação convulsiva, o mal-estar, enfim, sempre são indícios da má natureza dos Espíritos que se manifestam?

“O médium experimenta as sensações do estado em que se encontra o Espírito que vem até ele. Quando o Espírito está feliz, ele fica tranquilo, leve, calmo; quando está infeliz, ele fica agitado, febril, e essa agitação passa naturalmente para o sistema nervoso do médium. Aliás, é assim também com o homem na Terra: aquele que é bom vive calmo e tranquilo; aquele que é mau vive constantemente agitado.”

Nota – Existem médiuns de maior ou menor impressionabilidade nervosa e por isso a agitação não poderia ser considerada como uma regra absoluta; aqui, como em tudo, devemos levar em conta as circunstâncias. O caráter doloroso e desagradável da impressão é um efeito de contraste, pois se o Espírito do médium simpatiza com o mau Espírito que se manifesta, ele será pouco ou nada afetado. De resto, é preciso não confundir a rapidez da escrita — que depende da extrema flexibilidade de certos médiuns — com a agitação convulsiva que os médiuns mais lentos podem experimentar ao contato dos Espíritos imperfeitos.

CAPÍTULO XXV

EVOCAÇÕES

**Considerações gerais – Espíritos que podemos evocar
– Linguagem a ser usada com os Espíritos –
Utilidade das evocações particulares – Questões sobre evocações
– Evocações de animais – Evocações de pessoas vivas –
Telegrafia humana.**

Considerações gerais

269. Os Espíritos podem se comunicar espontaneamente ou atender ao nosso chamado, ou seja, por evocação. Algumas pessoas pensam que todos devem evitar evocar este ou aquele Espírito e que é preferível esperar aquele que bem queira se comunicar. Elas se baseiam naquela opinião que, chamando um determinado Espírito, não se pode ter certeza de que seja ele quem se apresenta, ao passo que aquele que vem espontaneamente e por sua própria ação prova melhor a sua identidade, pois assim mostra o desejo que tem de estar em contato conosco. Na nossa opinião, isso é um erro: primeiramente porque sempre há em torno de nós Espíritos — na maioria das vezes de baixo nível — que não querem outra coisa senão se comunicar; em segundo lugar e até por esta última razão, não chamar nenhum em particular é abrir a porta para todos os que queiram entrar. Numa reunião, não dar a palavra a ninguém é deixá-la livre a todo mundo, e nós sabemos o que isso resulta. O chamado direto feito a um determinado Espírito representa um laço entre ele e nós: nós o chamamos pelo nosso desejo e assim impomos uma espécie de barreira aos intrusos. Sem um chamado direto, um Espírito normalmente não teria nenhum motivo para vir até nós, se não for um Espírito familiar nosso.

Cada uma destas duas maneiras de proceder tem suas vantagens, e a desvantagem estaria apenas na exclusão absoluta de uma delas. As comunicações espontâneas não trazem nenhum inconveniente quando se tem controle sobre os Espíritos e a certeza de não deixar nenhuma brecha aos maus; então, muitas vezes é útil esperar a boa vontade dos que desejam se comunicar, porque seu pensamento não sofre nenhum constrangimento, e dessa maneira podemos obter coisas admiráveis; enquanto pode ser que o Espírito chamado não esteja disposto a falar ou não seja capaz de fazê-lo no sentido desejado. O exame cuidadoso que temos aconselhado é, aliás, uma garantia contra as más comunicações. Nas reuniões regulares, sobretudo naquelas onde se realiza um trabalho continuado, sempre há Espíritos frequentadores que comparecem sem serem chamados, e que, exatamente por causa da regularidade das sessões, já estão cientes dessas reuniões: com frequência eles tomam a palavra espontaneamente para tratar de um assunto qualquer, desenvolver uma ideia ou recomendar o que se deva fazer, e então eles são facilmente reconhecidos, seja pela forma da linguagem que é sempre idêntica, seja pela escrita, seja por certos hábitos que lhes são familiares.

270. Quando desejamos nos comunicar com um **determinado** Espírito, é absolutamente necessário evocá-lo (Item 203). Se ele pode vir, geralmente nós obtemos como resposta: **Sim**; ou: **Eu estou aqui**; ou ainda: **O que querem de mim?** Às vezes ele entra diretamente no assunto, respondendo por antecipação às questões que queríamos lhes propor.

Quando um Espírito é evocado pela primeira vez, convém designá-lo com alguma precisão. Nas perguntas que lhe são endereçadas, é preciso evitar as formas secas e imperativas, que seriam para ele um motivo de afastamento. Essas formas devem ser afetuosas e respeitadas, conforme o Espírito, e em todos os casos devem demonstrar a gentileza do evocador.

271. Muitas vezes ficamos surpresos com a prontidão com que um Espírito evocado se apresenta — mesmo na primeira vez: é como se ele já estivesse preparado; de fato, é o que acontece quando preparamos de antemão a sua evocação. Essa preparação é uma espécie de evocação antecipada, e como nós

sempre temos conosco os nossos Espíritos familiares que se identificam com o nosso pensamento, eles preparam os caminhos de tal sorte que, se não se opuser, o Espírito que desejamos chamar já se acha presente. Em caso contrário, é o Espírito familiar do médium, do interrogador ou ainda o de um dos frequentadores que vai buscá-lo — o que não leva muito tempo. Se o Espírito evocado não pode vir imediatamente, o mensageiro (os pagãos diriam *Mercúrio* ⁶⁸) marca um prazo, às vezes de cinco minutos, quinze minutos, uma hora e meia ou até vários dias; quando ele chega, o mensageiro diz: ***Ele está aqui***; e então podemos começar as perguntas que queremos lhe fazer.

O mensageiro nem sempre é um intermediário necessário, pois o chamado do evocador pode ser escutado diretamente pelo Espírito, assim como será dito adiante (item 282, 5ª pergunta) sobre o modo de transmissão do pensamento.

Quando dizemos para que se faça a evocação em nome de Deus, esperamos que a nossa recomendação seja levada a sério e não levianamente; aqueles que não vissem nisso nada mais do que uma fórmula sem consequências fariam melhor abstendo-se.

272. Frequentemente, as evocações oferecem mais dificuldades aos médiuns do que os ditados espontâneos, sobretudo quando se trata de obter respostas precisas a questões circunstanciadas. Para isto, precisamos de médiuns especiais, ao mesmo tempo *flexíveis* e *positivos*, e já vimos (item 193) que estes últimos são bastante raros, pois, assim como nós dissemos, as relações fluídicas nem sempre se estabelecem instantaneamente com o primeiro Espírito que apareça. Daí por que é útil que os médiuns não se entreguem às evocações detalhadas senão depois de estarem seguros do desenvolvimento de sua faculdade e da natureza dos Espíritos que os auxiliam, visto que com aqueles que são mal auxiliados as evocações podem não ter nenhum caráter de autenticidade.

273. Os médiuns são geralmente muito mais procurados para as evocações de

⁶⁸ Mercúrio: menção ao personagem da mitologia latina designado como o mensageiro dos deuses, equivalente a Hermes, na mitologia grega. — N. T.

interesse particular do que para comunicações de um interesse geral; isto se explica pelo desejo muito natural que nós temos de conversar com os nossos entes queridos. Quanto a isso, acreditamos que devemos fazer algumas recomendações importantes aos médiuns. Primeiramente, que não atendam a esse desejo a não ser com muita reserva diante de pessoas de cuja sinceridade não estejam completamente seguros, e que tomem cuidado com as armadilhas que pessoas malvadas posam lhes preparar. Em segundo lugar, que não utilizem tais evocações sob nenhum pretexto se perceberem um objetivo de simples curiosidade ou de interesse, e não uma intenção séria da parte do evocador; que se recusem a fazer qualquer pergunta inútil ou que saia do âmbito daquelas que podemos racionalmente remeter aos Espíritos. As perguntas devem ser feitas com clareza, com honestidade e sem segundas intenções, caso se queira respostas categóricas. Portanto, é necessário rejeitar todas aquelas que tenham um caráter insidioso, porque sabemos que os Espíritos não gostam das que têm por finalidade lhes pôr à prova; insistir em questões desta natureza é querer ser enganado. O evocador deve ir direto ao ponto de forma franca e aberta, sem subterfúgios e sem rodeios; se receia se explicar, será melhor que se abstenha.

E ainda, na ausência das pessoas que pedem evocações, convém só fazer essas evocações com muita prudência, e muitas vezes é até preferível abster-se totalmente de fazê-las, já que só essas pessoas são aptas a analisar as respostas, a julgar a identidade, a pedir esclarecimentos se for oportuno, e a formular questões ocasionais suscitadas pelas circunstâncias. Além disso, a presença delas é um laço que atrai o Espírito, por vezes pouco disposto a se comunicar através de estranhos com quem ele não tem nenhuma intimidade. O médium, enfim, deve evitar tudo o que possa transformá-lo em agente de consulta, o que, aos olhos de muita gente, é sinônimo de cartomante.

Espíritos que se podem evocar

274. Podemos evocar todos os Espíritos, qualquer que seja o grau da escala a que eles pertençam: tanto os bons quanto os maus, desde os que deixaram a vida a pouco tempo como aqueles que viveram nas épocas mais antigas, dos

homens ilustres aos mais obscuros, os nossos parentes e amigos, assim como os que não conhecemos; mas isto não quer dizer que sempre eles queiram ou possam atender ao nosso chamado. Independente da própria vontade deles ou da permissão — que lhes pode ser recusada por uma força superior — eles podem ser impedidos de atender à evocação, por motivos que nem sempre nos é permitido saber. Queremos dizer que não há impedimento absoluto que se oponha às comunicações, salvo o que diremos adiante; os obstáculos que podem impedir um Espírito de se manifestar são quase sempre individuais e muitas vezes têm a ver com as circunstâncias.

275. Entre as causas que podem se opor à manifestação de um Espírito, algumas têm a ver com dele e outras são questões externas. Entre as primeiras, devemos colocar suas ocupações ou as missões que ele esteja cumprindo e das quais ele não pode se afastar para ceder aos nossos desejos; neste caso, sua visita é apenas adiada.

Há também a sua própria situação. Se bem que o estado de encarnação não seja um obstáculo absoluto, pode ser um impedimento em certos momentos, sobretudo quando essa encarnação ocorre nos mundos inferiores e quando o próprio Espírito está pouco desmaterializado. Nos mundos superiores, naqueles em que os laços entre o Espírito e a matéria são muito fracos, a manifestação é quase tão fácil quanto no estado errante, e em todos os casos mais fácil do que nos mundos onde a matéria corporal é mais compacta.

As causas externas têm a ver principalmente com a natureza do médium, com a da pessoa que evoca, com o meio no qual se faz a evocação e, enfim, com a finalidade a que se propõem. Alguns médiuns recebem mais particularmente comunicações de seus Espíritos familiares, que podem ser mais ou menos elevados; outros são aptos a servir de intermediários a todos os Espíritos; isso depende da simpatia ou da antipatia, da atração ou da repulsão que o Espírito pessoal do médium exerce sobre o outro Espírito, que pode tomá-lo por intérprete com prazer ou com repugnância. Isso também depende — com exceção das qualidades íntimas do médium — do desenvolvimento da faculdade medianímica. Os Espíritos vêm mais

voluntariamente e sobretudo são mais explícitos com um médium que não lhes ofereça nenhum obstáculo físico. Aliás, havendo total igualdade de condições morais, quanto mais facilidade tenha o médium para escrever ou para se expressar mais suas relações com o mundo espírita se generalizam.

276. É preciso ainda levar em conta a facilidade que deve proporcionar o hábito de ser comunicar com esse ou aquele Espírito; com o tempo, o Espírito estranho se identifica com o do médium e ainda com aquele que o chama. Fora a questão da simpatia, estabelecem-se entre eles relações fluídicas que tornam as comunicações mais rápidas; é por isso que uma primeira conversa nem sempre é tão satisfatória quanto poderíamos desejar, e é por isso também que os próprios Espíritos pedem frequentemente para serem chamados de novo. O Espírito que vem habitualmente se sente em casa: familiariza-se com seus ouvintes e intérpretes; ele fala e age mais livremente.

277. Resumindo, do que acabamos de dizer, resulta que a faculdade de evocar todo e qualquer Espírito não implica para o Espírito a obrigação de estar às nossas ordens; que ele pode vir num momento e não vir em outro, com um médium ou um evocador que lhe agrade e não com outro; que ele pode dizer o que quer sem poder ser constrangido a dizer o que ele não queira; que ele pode ir embora quando lhe agradar; que, finalmente, por causas dependentes ou não da sua vontade, depois de se mostrar assíduo durante algum tempo, ele pode de repente deixar de vir.

É por todos esses motivos que, quando se deseja chamar um novo Espírito, é necessário perguntar ao seu guia protetor se a evocação é possível; caso não seja, ele geralmente explica os motivos, e então é inútil insistir.

278. Uma questão importante se apresenta aqui: a de saber se existe ou não alguma inconveniência em evocar maus Espíritos. Isso depende do objetivo almejado e da superioridade que se possa ter sobre eles. A inconveniência é nula quando os chamamos com um propósito sério, instrutivo e tendo em vista melhorá-los; mas, ao contrário, a inconveniência é muito grande quando se trata de mera curiosidade ou divertimento, e ainda quando nos colocamos

sob a dependência deles, pedindo-lhes um serviço qualquer. Neste caso, os bons Espíritos podem muito bem lhes dar o poder de fazer o que pedimos, exceto punir severamente mais tarde o temerário que tivesse ousado invocar seus auxílios acreditando que eles fossem mais poderosos do que Deus. Seria em vão prometer a si mesmo fazer dali em diante bom uso desses auxílios e despedir o servidor depois do serviço prestado; esse mesmo serviço solicitado — por mínimo que seja — é um verdadeiro pacto firmado com o Espírito mau e este não larga facilmente a sua presa. (Veja o item 212.)

279. A ascendência não pode ser exercida sobre os Espíritos inferiores a não ser pela *superioridade moral*. Os Espíritos perversos reconhecem os homens de bem como seus mestres; diante daquele que os enfrenta apenas com a energia da vontade, com uma espécie de força bruta, eles lutam e muitas vezes são os mais fortes. Alguém assim já procurou domar um Espírito rebelde, pela sua vontade, e o Espírito lhe respondeu: ***Então me deixe em paz, com teus ares de valentão, você que não vale mais do que eu; não pareceria um ladrão dando sermão a outro ladrão?***

É de se espantar que o nome de Deus, invocado contra eles, muitas vezes seja impotente; são Luís nos deu razão na resposta seguinte:

“O nome de Deus só tem influência sobre os Espíritos imperfeitos na boca daquele que possa se servir desse nome com autoridade através das suas próprias virtudes; na boca de quem não teria sobre tais Espíritos nenhuma superioridade moral, é um nome como qualquer outro. O mesmo acontece com as coisas santas que opomos contra aqueles Espíritos. A mais terrível das armas é inofensiva em mãos inábeis para usá-la ou incapazes de carregá-la.”

Linguagem a ser usada com os Espíritos

280. O grau de superioridade ou inferioridade dos Espíritos indica naturalmente o tom que convém ter com eles. É evidente que quanto mais eles sejam elevados mais eles têm direito ao nosso respeito, às nossas

atenções e à nossa submissão. Não devemos lhes demonstrar menos consideração do que demonstraríamos se estivessem vivos, mas embora por outros motivos: na Terra, nós levaríamos em consideração a categoria e a posição social deles; no mundo dos Espíritos, a nossa deferência só se refere à superioridade moral. A própria elevação deles os põe acima das infantilidades das nossas fórmulas adulações. Não é com palavras que podemos angariar a benevolência deles, mas pela sinceridade dos sentimentos. Portanto, seria ridículo lhes dar os títulos que os nossos padrões consagram à distinção das classes, e que, se vivos, inflariam a vaidade deles; como eles são realmente superiores, não somente eles não dão importância a isso como também deploram isso. Um bom pensamento é mais agradável para eles do que os epítetos mais elogiosos; se fosse de outro modo, eles não estariam acima da humanidade. O Espírito de um venerável eclesiástico que foi na Terra um príncipe da Igreja, homem de bem e um praticante da lei de Jesus, certa vez respondeu a alguém que o tinha evocado dando-lhe o título de Monsenhor: “Você deveria pelo menos dizer ex-monsenhor, porque aqui só há Deus como o Senhor. Saiba bem que eu vejo muitos que se ajoelhavam diante de mim na Terra, diante dos quais hoje eu me inclino.”

Quanto aos Espíritos inferiores, o caráter deles nos traça a linguagem que devemos usar com eles. Dentre eles há os que, embora sejam inofensivos e até gentis, são levianos, ignorantes e aturdidos; tratá-los igual aos Espíritos sérios, assim como certas pessoas fazem, seria o mesmo que se curvar diante de um colegial ou de um asno que se vestisse de doutor. O tom de familiaridade não poderia ser descabido para com eles, e eles não se importam com isso; ao contrário, eles o aceitariam de boa vontade.

Entre os Espíritos inferiores existem muitos que são infelizes. Quaisquer que sejam as faltas que eles estejam expiando, seus sofrimentos são razões ainda maiores para nossa comiseração tanto quanto é certo que ninguém pode se orgulhar de escapar destas palavras do Cristo: “Que atire a primeira pedra aquele que estiver sem pecado”. A bondade que lhes testemunhemos significa um alívio para eles; na falta de simpatia, eles devem encontrar a indulgência que nós gostaríamos que todos tivessem para conosco.

Os Espíritos que revelam sua inferioridade pelo cinismo da sua

linguagem, suas mentiras, a baixeza dos seus sentimentos e a perfídia dos seus conselhos são seguramente menos dignos do nosso interesse do que aqueles cujas palavras demonstram arrependimento; nós lhes devemos pelo menos a piedade que devotamos aos maiores criminosos, e o meio de os reduzir ao silêncio consiste em mostrar-se superiores a eles: eles só se entregam às pessoas de quem eles acreditam não ter nada a temer; pois os Espíritos perversos reconhecem como seus mestres os homens de bem — como os Espíritos elevados.

Em resumo, seria tão desrespeitoso tratar de igual para igual os Espíritos superiores quanto seria ridículo ter a mesma veneração por todos sem exceção. Tenhamos veneração para com aqueles que a merecem, reconhecimento pelos que nos protegem e nos auxiliam, e para todos os demais uma benevolência de que talvez um dia nós mesmos tenhamos necessidade. Ao penetrar no mundo incorpóreo nós aprendemos a conhecê-lo e esse conhecimento deve nos guiar nas nossas relações com os que o habitam. Os Antigos, na sua ignorância, levantaram altares para eles; para nós, eles são apenas criaturas mais ou menos perfeitas, e nós só levantamos altares a Deus.

Utilidade das evocações particulares

281. As comunicações que obtemos dos Espíritos muito superiores ou dos que animaram os grandes personagens da Antiguidade são preciosas pelos altos ensinamentos que elas contêm. Esses Espíritos adquiriam um grau de perfeição que lhes permite abranger uma esfera de ideias mais ampla e penetrar mistérios que ultrapassam o escopo comum da humanidade e, por isso, nos iniciar melhor do que outros em certas coisas. Não se segue daí que as comunicações dos Espíritos de uma ordem menos elevada sejam inúteis: o observador colhe delas muita instrução. Para conhecermos os costumes de um povo, é preciso estudá-lo em todos os graus da escala. Quem o tenha visto apenas por uma face o conhece mal. A história de um povo não é a dos seus reis, nem a das suas sumidades sociais; para julgá-lo, faz-se necessário vê-lo

na vida íntima, nos seus hábitos particulares. Ora, os Espíritos superiores são as sumidades do mundo espírita; sua própria elevação os coloca bem acima de nós, que nos espantamos com a distância que nos separa. Espíritos mais burgueses (nos perdoem por esta expressão) nos tornam mais acessíveis as circunstâncias de sua nova existência. Neles, a ligação entre a vida corporal e a vida espírita é mais íntima, e a compreendemos melhor, porque ela está mais perto de nós. Aprendendo com eles mesmos em que se tornaram, o que pensam e o que experimentam os homens de todas as condições e de todos os caracteres, tanto os homens de bem como os viciosos, os grandes e os pequenos, os felizes e os desafortunados do século, numa palavra: os homens que viveram entre nós, os que vimos e conhecemos, dos quais sabemos a vida real, as virtudes e as fraquezas, então nós compreendemos suas alegrias e sofrimentos, nos associamos a eles e deles tiramos um ensinamento moral tanto mais proveitoso quanto mais íntimas forem as nossas relações com eles. Nós nos colocamos no lugar daquele que foi nosso igual mais facilmente do que no lugar de outro que apenas vemos através da miragem de uma glória celeste. Os Espíritos comuns nos mostram a aplicação prática das grandes e sublimes verdades, das quais os Espíritos superiores nos ministram a teoria. A propósito, no estudo de uma ciência nada é inútil: Newton descobriu a lei das forças do Universo no mais simples dos fenômenos.⁶⁹

A evocação dos Espíritos comuns tem como outra vantagem nos pôr em contato com Espíritos sofredores, a quem nós podemos aliviar e cujo adiantamento pode ser facilitado através de bons conselhos. Então, todos podem se tornar úteis enquanto se instruem; é egoísmo procurar no contato com os Espíritos somente a própria satisfação, e aquele que deixa de estender uma mão socorrista aos que estão infelizes demonstra ao mesmo tempo uma prova de orgulho. De que lhe serve obter belas recomendações dos Espíritos de elite se isso não o torna melhor para si mesmo, nem mais caridoso e benevolente para com seus irmãos deste mundo e do outro? O que seria dos pobres doentes se os médicos se recusassem a tratar de suas chagas?

⁶⁹ Allan Kardec aqui se refere ao cientista inglês Isaac Newton (1643-1727) que, de acordo com a versão histórica tradicional, chegou ao estudo da Lei de Gravidade através do simples fenômeno da queda de uma maçã que o atingiu enquanto ele estudava sob a sombra da uma macieira, – N. T.

282. *Questões sobre evocações*

1ª) Podemos evocar os Espíritos sem ser médium?

“Todo mundo pode evocar os Espíritos, e se aqueles que vocês chamarem não puderem se manifestar materialmente, nem por isso eles deixarão de estar junto de vocês e de vos escutar.”

2ª) O Espírito evocado sempre atende ao chamado feito a ele?

“Isso depende das condições nas quais ele se encontre, porque há circunstâncias em que o Espírito não pode atender.”

3ª) Quais são as causas que podem impedir um Espírito de atender ao nosso chamado?

“Primeiro, a sua própria vontade; depois, o seu estado corporal, se estiver encarnado, as missões de que possa estar encarregado, ou ainda a permissão que lhe pode ser recusada.

“Há Espíritos que jamais podem se comunicar; são aqueles que, por sua natureza, ainda pertencem aos mundos inferiores à Terra. Muito menos os que estão nas esferas de punição — a menos que com uma permissão superior, que não é concedida a não ser para uma utilidade geral. Para que um Espírito possa se comunicar é necessário que ele tenha atingido o grau de avanço do mundo ao qual é chamado, pois do contrário ele será estranho às ideias desse mundo e não terá nenhuma base de comparação. Não é o mesmo caso dos que são enviados em missão ou em expiação nos mundos inferiores: esses têm as ideias necessárias para responder.”

4ª) Por quais motivos a permissão para se comunicar pode ser negada a um Espírito?

“Pode ser uma prova ou uma punição para ele ou para quem o chama.”

5ª) Como os Espíritos dispersos no espaço ou nos diferentes mundos podem ouvir as evocações que lhes são feitas de todos os pontos do Universo?

“Muitas vezes, eles são avisados pelos Espíritos familiares que cercam vocês e que os vão procurar; mas aqui se passa um fenômeno que é difícil de vos explicar, porque vocês ainda não podem compreender o modo de transmissão do pensamento entre os Espíritos. O que posso dizer é que o

Espírito evocado, por mais distante que esteja, por assim dizer recebe o impulso do pensamento como uma espécie de choque elétrico que lhe chama a atenção para o lado de onde vem o pensamento endereçado a ele. Podemos dizer que ele escuta o pensamento, como na Terra vocês escutam a voz.”

— O fluido universal é o veículo do pensamento, como o ar é o do som?

“Sim, com a diferença de que o som não pode se fazer ouvir senão dentro de um raio muito limitado, enquanto o pensamento alcança o infinito. O Espírito no espaço é como um viajante em meio a uma vasta planície, e que de repente, ouvindo seu nome ser pronunciado, dirige-se para o lado de onde o chamam.”

6ª) Sabemos que a distância não é nada para os Espíritos; contudo, nos admiramos de vê-los algumas vezes responder tão prontamente ao chamado, como se estivessem muito perto.

“É que de fato às vezes eles realmente estão perto. Se a evocação é premeditada, o Espírito é avisado de antemão e normalmente fica por perto antes do momento em que o chamem.”

7ª) O pensamento do evocador pode ser captado de forma mais ou menos fácil conforme certas circunstâncias?

“Sem nenhuma dúvida; o Espírito chamado por um sentimento simpático e afetuoso fica tocado mais vivamente: é como uma voz amiga que ele reconhece; sem isso, acontece muitas vezes que a evocação *não serve*. O pensamento que brota da evocação toca o Espírito; se for mal dirigido, fica perdido no vazio. Ocorre com os Espíritos o que ocorre com os homens; se aquele que os chama é indiferente ou antipático para eles, os Espíritos podem ouvi-lo, mas muitas vezes não o atendem.”

8ª) O Espírito evocado vem voluntariamente ou é constrangido a vir?

“Ele obedece à vontade de Deus, ou seja, à lei geral que rege o Universo e, portanto, a palavra constrangido não é o termo certo, pois o Espírito julga se é útil vir: e nesse caso ele ainda tem o livre-arbítrio. O Espírito superior vem sempre quando é chamado com um propósito útil; não se recusa a responder a não ser a pessoas pouco sérias e que tratam as coisas como divertimento.”

9ª) O Espírito evocado pode se negar a atender ao apelo que lhe é feito?

“Perfeitamente; onde estaria o seu livre-arbítrio se não fosse assim? Vocês pensam que todos os seres do Universo estejam às vossas ordens? E quanto a vocês mesmos? Consideram-se obrigados a responder a todos os que pronunciam vossos nomes? Quando digo que o Espírito pode se recusar, refiro-me ao pedido do evocador, pois um Espírito inferior pode ser forçado a vir por um Espírito superior.”

10ª) Existe para o evocador algum meio de obrigar um Espírito a vir a contragosto?

“Nenhum, se tal Espírito for igual ou superior a vocês em moralidade — digo em *moralidade*, e não em inteligência — porque então vocês não têm nenhuma autoridade sobre ele; mas se ele for inferior, vocês podem obrigá-lo, desde que seja para o bem dele, pois nesse caso outros Espíritos vos auxiliarão.” (Item 279.)

11ª) Há algum mal em evocar Espíritos inferiores, e podemos temer, ao chamá-los, nos colocar sob o domínio deles?

“Eles não dominam senão os que se deixam dominar. Aquele que é assistido por bons Espíritos nada tem a temer; ele se impõe aos Espíritos inferiores, e estes não se impõem a ele. No isolamento, os médiuns devem evitar esses tipos de evocação — sobretudo os médiuns que estejam começando.” (Item 278.)

12ª) É necessário trazer algumas disposições especiais nas evocações?

“Quando se deseja ter contato com os Espíritos sérios, a mais essencial de todas as disposições é o recolhimento. Com fé e o desejo do bem, tem-se mais força para evocar os Espíritos superiores. Elevando sua alma por alguns instantes de recolhimento no momento da evocação, a pessoa se identifica com os bons Espíritos e os dispõe a virem.”

13ª) A fé é necessária para as evocações?

“A fé em Deus, sim; a fé virá para o resto se vocês desejarem o bem e se tiverem o desejo de se instruir.”

14ª) Reunidos numa comunhão de pensamentos e de intenções, os

homens têm mais poder para evocar os Espíritos?

“Quando todos estão reunidos pela caridade e para o bem, eles obtêm grandes coisas. Nada é mais prejudicial ao resultado das evocações do que a divergência de pensamentos.”

15ª) O cuidado de formar uma corrente, dando-se as mãos durante alguns minutos antes de começar a reunião, é útil?

“A corrente é um meio material que não estabelece a união entre vocês se esta união não existir no pensamento; o que é mais útil do que tudo isso é se unirem num pensamento comum, cada um chamando do seu lado os bons Espíritos. Vocês não imaginam tudo o que se poderia obter numa reunião séria, de onde estivesse banido todo sentimento de orgulho e de vaidade, e onde reinasse um perfeito sentimento de mútua cordialidade.”

16ª) Evocações em dias e horas determinados são preferíveis?

“Sim, e se for possível no mesmo lugar: os Espíritos aí comparecem mais voluntariamente; é o desejo constante que vocês têm que ajuda os Espíritos a virem se colocar em comunicação convosco. Os Espíritos têm ocupações que não podem deixar *de improviso* em favor da vossa satisfação pessoal. Digo no mesmo lugar, mas não creiam que isso seja uma obrigação absoluta, pois os Espíritos vão a toda parte; quero dizer que um lugar reservado para isso é preferível, porque nele o recolhimento é mais perfeito.”

17ª) Certos objetos (como medalhas e talismãs) têm a propriedade de atrair ou afastar os Espíritos assim como alguns acreditam?

“Esta pergunta é inútil, pois vocês bem sabem que a matéria não exerce nenhuma ação sobre os Espíritos. Fiquem bem certos de que nunca um bom Espírito aconselhará semelhantes absurdos; a virtude dos talismãs — de qualquer natureza que eles sejam — jamais existiu senão na imaginação das pessoas crédulas.”

18ª) O que pensar dos Espíritos que marcam encontros em lugares lúgubres e a horas indevidas?

“Esses Espíritos se divertem à custa dos que lhes dão ouvidos. É sempre inútil e muitas vezes perigoso ceder a tais sugestões: inútil, porque não se

ganha absolutamente nada além de ser mistificado; perigoso, não pelo mal que os Espíritos possam fazer, mas pela influência que isso pode exercer sobre as mentes fracas.”

19ª) Há dias e horas mais propícios para as evocações?

“Para os Espíritos isso é completamente indiferente, como tudo o que é material, e seria uma superstição acreditar na influência dos dias e das horas. Os momentos mais propícios são aqueles em que o evocador possa estar menos distraído com suas ocupações habituais, e quando seu corpo e seu espírito estejam mais calmos.”

20ª) Para os Espíritos, a evocação é uma coisa agradável ou penosa? Eles vêm de boa vontade quando os chamamos?

“Isso depende do caráter deles e do motivo pelo qual são chamados. Quando o objetivo for louvável e quando o meio lhes for simpático, a evocação será para eles uma coisa agradável e até mesmo atraente; os Espíritos sempre ficam contentes com a afeição que lhes for dedicada. Há alguns para os quais é uma grande felicidade se comunicar com os homens e que sofrem com o abandono em que são deixados. Mas, como eu já disse, isso depende também do caráter deles; entre os Espíritos ainda há misantropos, que não gostam de ser incomodados e cujas respostas se ressentem do seu mau humor, principalmente quando são chamados por pessoas indiferentes, pelas quais eles não se interessam. Muitas vezes, um Espírito não tem nenhum motivo para vir ao chamado de um desconhecido, que lhe é indiferente e que quase sempre tem age por curiosidade; quando vem, em geral ele faz aparições curtas, a menos que tenha havido um objetivo sério e instrutivo na evocação.”

Nota – Vemos pessoas que evocam seus parentes só para lhes perguntar as coisas mais vulgares da vida material, por exemplo: um, para saber se deve alugar ou vender sua casa; outro, para saber que lucro tirará da sua mercadoria, o lugar em que o dinheiro foi depositado ou se tal negócio será ou não vantajoso. Nossos parentes de além-túmulo só se interessarão por nós em razão da afeição que tivermos por eles. Se todo o nosso pensamento se limitar a achar que eles sejam feiticeiros e se pensarmos neles apenas para lhes pedir informações, eles não poderão ter uma grande simpatia por nós, e não se deve estranhar a pouca benevolência que eles demonstrem.

21ª) Há alguma diferença entre os bons e os maus Espíritos, com relação à disponibilidade para atender ao nosso chamado?

“Há uma diferença, e bem grande: os Espíritos malignos não vêm de boa vontade senão quando pretendem dominar e fazer alguém de todo; mas eles experimentam uma viva contrariedade quando são forçados a vir para confessar suas faltas, e só pedem para ir embora, como um estudante chamado para correção. Eles podem ser constrangidos a isso por Espíritos superiores, como castigo, e para a instrução dos encarnados. A evocação é penosa para os bons Espíritos quando eles são chamados inutilmente, por futilidades; então, ou eles não vêm ou logo se retiram.

“Vocês podem dizer que em princípio os Espíritos — sejam quem forem — não gostam de servir de distração para os curiosos, assim como vocês também não gostam. Frequentemente, vocês não têm outra intensão ao evocar um Espírito senão ver o que ele vos dirá, ou interrogá-lo sobre particularidades de sua vida, que ele não vos quer revelar, pois ele não tem nenhum motivo para lhes fazer confidências. E vocês acham que ele vai se expor para lhes dar prazer? Desenganem-se; o que ele não faria em vida muito menos fará como Espírito.”

Nota – A experiência prova que de fato a evocação é sempre agradável aos Espíritos quando ela é feita com um objetivo sério e útil; os bons vêm com prazer nos instruir; os que sofrem encontram alívio na simpatia demonstrada para com eles; os que conhecemos ficam satisfeitos com a nossa lembrança. Os levianos gostam de ser evocados pelas pessoas frívolas, porque isso lhes proporciona uma ocasião de se divertirem à custa delas, mas se sentem desconfortáveis com pessoas sérias.

22ª) Para se manifestarem, os Espíritos sempre têm necessidade de ser evocados?

“Não; eles se apresentam muitas vezes sem serem chamados, e isso prova que eles vêm de boa vontade.”

23ª) Quando um Espírito se apresenta por si mesmo, podemos estar mais certos de sua identidade?

“De maneira alguma, pois os Espíritos enganadores muitas vezes empregam esse meio para melhor mistificar.”

24ª) Quando evocamos pelo pensamento o Espírito de uma pessoa, esse Espírito vem a nós, mesmo que não haja manifestação pela escrita ou por outro modo?

“A escrita é um meio material para o Espírito atestar a sua presença, mas é o pensamento que o atrai e não o fato da escrita.”

25ª) Quando um Espírito inferior se manifesta, podemos obrigá-lo a se retirar?

“Sim, não lhe dando atenção. Mas como vocês querem que ele se retire enquanto se divertem com as torpezas dele? Os Espíritos inferiores se ligam aos que os escutam com complacência, como os tolos entre vocês.”

26ª) A evocação feita em nome de Deus é uma garantia contra a intromissão dos maus Espíritos?

“O nome de Deus não é um freio para todos os Espíritos perversos, mas retém muitos deles; por esse meio vocês sempre afastarão alguns, e afastarão muitos mais se ela for feita do fundo do coração e não como fórmula banal.”

27ª) Poderíamos evocar nominalmente vários Espíritos de uma só vez?

“Não há nenhuma dificuldade nisso, e se vocês tivessem três ou quatro mãos para escrever, então três ou quatro Espíritos vos responderiam ao mesmo tempo; é o que ocorre quando existem diversos médiuns.”

28ª) Quando vários Espíritos são evocados simultaneamente e só tem um médium disponível, qual é aquele que responde?

“Um deles responde por todos e exprime o pensamento coletivo.”

29ª) O mesmo Espírito poderia se comunicar ao mesmo tempo, na mesma sessão, por dois médiuns diferentes?

“Tão facilmente assim como entre vocês os homens que ditam várias cartas de uma vez.”

Nota – Nós vimos um Espírito responder ao mesmo tempo através de dois médiuns, às perguntas que lhe foram dirigidas, para um em inglês e para o outro em francês, e as respostas sendo idênticas quanto ao sentido; algumas eram até a tradução literal uma da outra.

Dois Espíritos evocados simultaneamente por dois médiuns podem estabelecer

entre si uma conversação; esse modo de comunicação não sendo necessário para eles, já que liam reciprocamente o pensamento, eles se prestam a isso às vezes para nossa instrução. Se forem Espíritos inferiores, como ainda estão imbuídos das paixões terrenas e das ideias corporais, pode acontecer que disputem e se discutam com palavras pesadas, que se acusem mutuamente os erros e até que atirem um contra o outro os lápis, as cestas, as pranchetas, etc.

30ª) O Espírito evocado ao mesmo tempo em vários lugares pode responder simultaneamente às questões que lhe são endereçadas?

“Pode sim, se for um Espírito elevado.”

— Nesse caso, o Espírito se divide ou ele tem o dom da ubiquidade?

“O Sol é um só e, no entanto, irradia a todo o seu redor, levando ao longe seus raios sem se dividir; é o mesmo caso dos Espíritos. O pensamento do Espírito é como uma centelha que projeta longe a sua claridade e pode ser vista de todos os pontos do horizonte. Quanto mais o Espírito for puro mais o seu pensamento *irradia* e se estende como a luz. Os Espíritos inferiores são bastante materiais; eles não podem responder senão a uma única pessoa de cada vez, nem podem vir se são chamados em outro lugar.

“Um Espírito superior, chamado ao mesmo tempo em diferentes pontos, responderá às duas evocações se ambas forem igualmente sérias e fervorosas; em caso contrário, ele dará preferência à mais séria.”

Nota – É assim que acontece com um homem que, sem mudar de lugar, pode transmitir seu pensamento por sinais vistos de diferentes lados.

Numa sessão da Sociedade parisiense de estudos espíritas, na qual a questão da ubiquidade havia sido discutida, um Espírito ditou espontaneamente a comunicação seguinte:

“Vocês perguntaram esta noite qual seria a hierarquia dos Espíritos quanto à ubiquidade. Comparem-nos a um aeróstato⁷⁰ que se eleva pouco a pouco nos ares. Enquanto ele rasteja na terra, somente um círculo muito pequeno pode percebê-lo, mas à medida que ele se eleva o círculo se alarga

⁷⁰ Aeróstato: veículo que se eleva e se mantém no espaço por efeito da ação da força ascensional de um gás mais leve que o ar, como os balões e dirigíveis – N. T.

para ele e, quando chega a uma certa altura ele aparece a um número infinito de pessoas. É assim conosco; um mau Espírito que ainda esteja preso à Terra permanece num círculo restrito, no meio das pessoas que o veem. Que ele cresça em virtudes e poderá conversar com muitas pessoas; e quando tiver se tornado um Espírito superior, ele poderá irradiar como a luz do Sol, mostrando-se a várias pessoas e em diversos lugares ao mesmo tempo.”

CHANNING

31ª) Podemos evocar os Espíritos puros, aqueles que terminaram a série de suas encarnações?

“Sim, mas muito raramente; eles só se comunicam com os corações puros e sinceros, e não *com os orgulhosos e egoístas*; por isso, é preciso desconfiar dos Espíritos inferiores que fingem essa qualidade para se darem mais importância aos vossos olhos.”

32ª) Como é que os Espíritos dos homens mais ilustres vêm tão facilmente e tão familiarmente ao chamado dos homens mais obscuros?

“Os homens julgam os Espíritos por si mesmos — e isso é um erro. Depois da morte do corpo, as classes terrenas não existem mais; não há distinção entre os Espíritos senão pela bondade, e os que são bons vão a toda parte onde haja um bem a se fazer.”

33ª) Quanto tempo depois da morte podemos evocar um Espírito?

“Pode-se fazer até no instante da morte, mas como nesse momento o Espírito ainda está na perturbação, ele só responde imperfeitamente.”

Nota – Como a duração da perturbação é muito variável, não pode haver um prazo fixo para fazer a evocação; entretanto, é raro que ao fim de oito dias o Espírito ainda não se reconheça o suficiente para poder responder; algumas vezes ele pode muito bem responder dois ou três dias depois da morte. Em todos os casos, pode-se experimentar com cuidado.

34ª) A evocação no instante da morte é mais penosa para o Espírito do que algum tempo depois?

“Algumas vezes; é como se arrancássemos vocês do sono antes que estivessem completamente acordados. Todavia, há alguns que de nenhum

modo ficam contrariados com isso, e a evocação até os ajuda a sair da perturbação.”

35ª) Como pode o Espírito de uma criança morta com pouca idade responder com conhecimento de causa, se quando encarnado ainda não tinha consciência de si mesmo?

“A alma da criança é um Espírito *ainda envolvido nas faixas da matéria*; porém, desprendido da matéria, ele desfruta de suas faculdades de Espírito, pois os Espíritos não têm idade — o que prova que o Espírito da criança já viveu. Entretanto, até que esteja completamente desligado, ele pode conservar na linguagem alguns traços do caráter da criança.”

Nota – A influência corpórea que se faz sentir por mais ou menos tempo sobre o Espírito da criança é igualmente notada às vezes no Espírito dos que morreram em estado de loucura. O Espírito em si mesmo não é louco, mas sabemos que certos Espíritos acreditam durante algum tempo que ainda pertencem a este mundo; portanto, não é de se admirar que no louco o Espírito ainda se ressinta dos entraves que, durante a vida, se opunham à sua livre manifestação até que fique completamente desprendido. Este efeito varia conforme as causas da loucura, pois há loucos que recobram toda a sua lucidez de suas ideias imediatamente após a morte.

283. Evocação de animais

36ª) Podemos evocar o Espírito de um animal?

“Depois da morte do animal, o princípio inteligente que havia nele fica num estado latente; ele é logo utilizado por certos Espíritos encarregados dessa tarefa para animar novos seres nos quais ele continua a obra de sua elaboração. Assim, no mundo dos Espíritos, não há Espíritos de animais errantes, mas somente Espíritos humanos. Isso responde à vossa questão.”

— Como é então que, tendo evocado animais, algumas pessoas têm obtido resposta?

“Evoquem uma rocha e ela vos responderá. Há sempre uma multidão de Espíritos prontos a tomar a palavra para tudo.”

Nota – É pela mesma razão que se evocarmos um mito ou um personagem alegórico, ele responderá; quer dizer, que responderão por ele, e o Espírito que se

apresentar tomará o caráter e as maneiras. Certo dia alguém teve a ideia de evocar *Tartufo* e *Tartufo* veio prontamente; mais ainda: ele falou de Orgon, de Elmira, de Dâmis e de Valéria, de quem deu notícias⁷¹. Quanto a si próprio, imitou o hipócrita com tanta arte como se Tartufo fosse um personagem de verdade. Mais tarde ele disse ser o Espírito de um ator que havia encanado esse papel. Os Espíritos levianos se aproveitam sempre da inexperiência dos interrogadores, mas evitam se dirigir àqueles que eles reconhecem serem bastante esclarecidos para descobrir suas fraudes e que não dariam crédito aos contos. O mesmo acontece com os homens.

Um senhor tinha em seu jardim um ninho de pintassilgos pelos quais se interessava bastante; certo dia o ninho desapareceu; certificando-se de que ninguém de casa era culpado do delito, como esse senhor era médium, ele teve a ideia de evocar a mãe dos passarinhos; ela veio e lhe disse em muito bom francês: “Não acuse ninguém e fique tranquilo quanto ao destino de meus pequeninos; foi o gato que, ao saltar, derrubou o ninho; o encontrará debaixo dos arbustos, assim como os filhotes, que não foram comidos.” Feita a verificação, tudo foi encontrado exatamente como dito. Deveríamos concluir daí que foi o pássaro quem respondeu? Não, certamente; mas simplesmente que um Espírito conhecia a história. Isso prova o quanto se deve desconfiar das aparências e o quanto é preciosa a resposta acima: Evoquem uma rocha e ele vos responderá. (Veja lá atrás o capítulo da *Medianimidade nos animais*, item 234.)

284. *Evocação de pessoas vivas*

37^a) A encarnação do Espírito é um obstáculo absoluto à sua evocação?

“Não, mas é necessário que o estado do corpo permita ao Espírito se desprender no momento da evocação. O Espírito encarnado vem tanto mais facilmente quanto mais o mundo onde ele se encontre for de uma ordem mais elevada, porque os corpos nesses mundos são menos materiais.”

38^a) Podemos evocar o Espírito de uma pessoa viva?

“Sim, visto que se pode evocar um Espírito encarnado. Em seus momentos de liberdade, o Espírito de um vivo também pode se apresentar **sem ser evocado**; isso depende da sua simpatia pelas pessoas com quem se comunica.” (Ver o item 116, *História do homem da tabaqueira*.)

⁷¹ Tartufo, Orgon, Dâmis e Valéria: personagens da peça *Tartuffe*, do famoso dramaturgo francês Molière (1622-1673). — N. T.

39ª) Em qual estado fica o corpo da pessoa cujo Espírito é evocado?

“Ele dorme ou cochila; é então que o Espírito fica livre.”

— O corpo poderia despertar enquanto o Espírito está ausente?

“Não; o Espírito é forçado a **reentrar no seu corpo**; se nesse momento ele estiver conversando com vocês, ele vos deixa, e às vezes diz o motivo.”

40ª) Como é que o Espírito ausente do corpo é avisado da necessidade da sua presença?

“O Espírito jamais é completamente separado de um corpo vivo; a qualquer distância que ele se transporte, ele fica ligado ao corpo por um laço fluídico que serve para chamá-lo, quando isso se faz necessário; esse laço só é rompido com a morte.”

Nota – Esse laço fluídico tem sido muitas vezes percebido por médiuns videntes. É uma espécie de cauda fosforescente que se perde no Espaço e na direção do corpo. Alguns Espíritos dizem que é dessa forma que eles reconhecem os que ainda pertencem ao mundo corporal.

41ª) O que aconteceria se durante o sono e na ausência do Espírito o corpo fosse ferido mortalmente?

“O Espírito seria avisado e voltaria antes que a morte fosse consumada.”

— Assim, não poderia ser que o corpo morra na ausência do Espírito e que este, ao voltar, não pudesse retornar?

“Não; isso seria contrário à lei que rege a união da alma e do corpo.”

— Mas, e se o golpe fosse dado subitamente e de improviso?

“O Espírito seria prevenido antes que o golpe mortal fosse dado.”

Nota – Interrogado sobre este fato, o Espírito de um vivo respondeu: “Se o corpo pudesse morrer na ausência do Espírito, isso seria um meio muito cômodo de se cometerem suicídios hipócritas.”

42ª) O Espírito de uma pessoa evocada durante o sono é tão livre para se comunicar quanto o de uma pessoa morta?

“Não; a matéria sempre o influencia mais ou menos.”

Nota – Uma pessoa nesse estado, a quem foi feita essa pergunta, respondeu:

Estou sempre acorrentado à grilheta que arrasto comigo.

— Nesse estado, o Espírito poderia ser impedido de vir, por estar em outro lugar?

“Sim, pode acontecer que o Espírito esteja num lugar onde ele queira permanecer, e então não responde à evocação, sobretudo quando ela é feita por quem não o interesse.”

43ª) É absolutamente impossível evocar o Espírito de uma pessoa acordada?

“Conquanto seja difícil, isso não é absolutamente impossível, pois se a evocação **funcionar**, pode ser que a pessoa adormeça; mas o Espírito não pode se comunicar como Espírito, senão nos momentos em que a sua presença não seja necessária para a atividade inteligente do corpo.”

Nota – A experiência prova que a evocação feita durante o estado de vigília pode provocar o sono, ou pelo menos uma absorção próxima do sono, mas esse efeito não pode se produzir senão por uma vontade muito enérgica e se existirem laços de simpatia entre as duas pessoas; de outro modo, a evocação **não funciona**. Mesmo no caso em que a evocação pudesse provocar o sono, se o momento é inoportuno, a pessoa não querendo dormir resistirá e, se caindo no sono, seu Espírito ficará perturbado e dificilmente responderá. Disso resulta que o momento mais favorável para a evocação de uma pessoa viva é o do sono natural, porque, estando livre, seu Espírito pode vir até aquele que o chama, assim como poderia ir a outro lugar.

Quando a evocação for feita com consentimento da pessoa e quando esta pessoa tenta dormir com esse objetivo, pode acontecer que essa preocupação retarde o sono e perturbe o Espírito; é por isso que o sono não forçado é sempre preferível.

44ª) Uma pessoa viva evocada tem consciência disso ao despertar?

“Não; vocês mesmos frequentemente são mais evocados do que pensam. Só o Espírito sabe, e às vezes ele pode deixar uma vaga impressão disso, como se fosse um sonho.”

— Quem poderia nos evocar, já que nós somos seres obscuros?

“Em outras existências vocês podem ter sido pessoas conhecidas, neste mundo ou em outros; além de vossos pais e vossos amigos, igualmente neste mundo ou em outros. Suponhamos que teu Espírito tenha animado o corpo do pai de outra pessoa; pois bem, quando essa

pessoa evocar seu pai, é teu Espírito que será evocado e quem responderá.”

45ª) O Espírito de uma pessoa viva, sendo evocado, responde como Espírito ou com as ideias que tem no estado de vigília?

“Isso depende da sua elevação; porém ele sempre julga mais sensatamente e com menos preconceitos, exatamente como os sonâmbulos; é um estado quase semelhante.”

46ª) Se o Espírito de um sonâmbulo fosse evocado no estado de sono magnético, ele seria mais lúcido do que o de qualquer outra pessoa?

“Sem dúvidas ele responderia mais facilmente, por ele estar mais desprendido; tudo depende do grau de independência do Espírito e do corpo.”

— O Espírito de um sonâmbulo poderia responder a uma pessoa que o evocasse à distância, ao mesmo tempo em que respondesse verbalmente a outra pessoa?

“A faculdade de se comunicar simultaneamente em dois pontos diferentes só pertence aos Espíritos completamente livres da matéria.”

47ª) Poderíamos modificar as ideias de uma pessoa no estado de vigília, agindo sobre o seu Espírito durante o sono?

“Sim, algumas vezes. Não estando mais preso à matéria por laços tão íntimos, o Espírito fica mais acessível às impressões morais, e essas impressões podem influenciar sua maneira de ver no estado normal. Infelizmente, acontece com frequência que, ao despertar, a natureza corporal predomine e lhe faça esquecer as boas resoluções que possa ter recebido.”

48ª) O Espírito de uma pessoa viva é livre para dizer ou não dizer aquilo que ele queira?

“Ele tem as suas faculdades de Espírito, e conseqüentemente tem o seu livre-arbítrio; então, como tem mais perspicácia, ele é até mais reservado do que no estado desperto.”

49ª) Poderíamos obrigar uma pessoa, ao evocá-la, a dizer o que ela quisesse guardar em segredo?

“Eu disse que o Espírito tem o seu livre-arbítrio; porém, pode ser que,

como Espírito, a pessoa dê menos importância a certas coisas do que no estado comum; sua consciência pode falar mais livremente. Aliás, se ela não quiser falar, ela poderá sempre fugir das importunações indo embora, pois não podemos reter seu Espírito como poderíamos reter o seu corpo.”

50ª) O Espírito de uma pessoa viva poderia ser forçado por outro Espírito a vir e falar, assim como ocorre com os Espíritos errantes?

“Entre os Espíritos — estejam mortos ou vivos — só existe supremacia pela superioridade moral, e vocês devem compreender bem que um Espírito superior jamais prestaria apoio a uma indiscrição covarde.”

Nota – Este abuso de confiança seria efetivamente uma má ação, mas que não poderia ter nenhum resultado, pois não se pode arrancar um segredo que o Espírito queira guardar, a menos que, dominado por um sentimento de justiça, ela admitisse o que esconderia em outras circunstâncias.

Por esse modo, uma pessoa quis saber de um de seus parentes se o testamento feito por este parente a beneficiava. O Espírito respondeu: “Sim, minha cara sobrinha, e em breve você terá a prova disso.” O fato era verdadeiro; mas poucos dias depois o parente destruiu seu testamento e teve a maldade de avisar à pessoa, sem que, entretanto, ele soubesse que tinha sido evocado. Com certeza, um sentimento instintivo o levou a cumprir a decisão que seu Espírito havia tomado com base na pergunta que lhe foi feita. É uma covardia perguntar ao Espírito de um morto ou de um vivo aquilo que não ousaríamos perguntar à sua pessoa, e essa covardia nem mesmo tem por compensação o resultado que se pretende.

51ª) Podemos evocar um Espírito cujo corpo ainda esteja no ventre da mãe?

“Não; vocês sabem muito bem que nesse momento o Espírito está em uma completa perturbação.”

Nota – A encarnação só ocorre definitivamente no momento em que a criança respira, mas desde a concepção o Espírito designado para animá-lo é tomado por uma perturbação que aumenta à medida que se aproxima o nascimento e lhe tira a consciência de si mesmo — e conseqüentemente a capacidade de responder. (Veja em *O Livro dos Espíritos: Retorno à vida corporal; União da alma e do corpo*, questão 344.)

52ª) Um Espírito mistificador poderia tomar o lugar de uma pessoa viva

que nós evocássemos?

“Não há dúvidas, e isso acontece muito frequentemente, sobretudo quando a intenção do evocador não é pura. No mais, a evocação das pessoas vivas só é interessante como estudo psicológico; convém evitá-la sempre que não possa ter um resultado instrutivo.”

Nota – Se a evocação dos Espíritos errantes nem sempre **dá resultado**, para nos servir da expressão deles, isso é muito mais frequente para aqueles que estão encarnados; é aí principalmente que os Espíritos mistificadores tomam o lugar dos evocados.

53ª) A evocação de uma pessoa viva tem algum inconveniente?

“Ela nem sempre é sem perigo; isso depende da posição da pessoa, porque se ela estiver doente, pode-se aumentar seus sofrimentos.”

54ª) Em que situação a evocação de uma pessoa viva pode ter mais inconveniências?

“Deve-se abster-se de evocar crianças de pouca idade, pessoas gravemente doentes e os velhos enfermos; em suma, ela pode ter inconvenientes todas as vezes que o corpo estiver muito enfraquecido.”

Nota – A brusca suspensão das qualidades intelectuais durante o estado de vigília também poderia oferecer perigo se a pessoa estivesse nesse momento precisando de toda a sua presença de espírito.

55ª) Durante a evocação de uma pessoa viva, seu corpo experimenta fadiga por efeito do trabalho a que se entrega seu Espírito, ainda que ausente?

Uma pessoa nesse estado, e que afirmava que seu corpo estava ficando cansado, respondeu a essa pergunta:

“Meu Espírito é como um balão cativo amarrado a um poste; meu corpo é o poste, que é abalado pelas sacudidas do balão.”

56ª) Visto que a evocação de pessoas vivas pode ter inconvenientes quando feita sem precaução, haveria algum perigo em evocarmos um Espírito que não sabemos se ele está encarnado e que poderia não se encontrar em condições favoráveis?

“Não, as circunstâncias não são as mesmas; ele só virá se estiver em

condições de vir, e aliás, eu já não disse para perguntar, antes de fazer uma evocação, para saber se ela é possível?”

57ª) Quando sentimos uma vontade irresistível de dormir nas horas mais inoportunas, seria por estarmos sendo evocados em algum lugar?

“Isso pode acontecer, sem dúvidas; porém, o mais comum é que seja um efeito puramente físico — seja porque o corpo tenha necessidade de repouso, seja porque o Espírito tenha necessidade da sua liberdade.”

Nota – Uma senhora de nosso conhecimento, médium, teve um dia a ideia de evocar o Espírito do seu neto que dormia no mesmo quarto. A identidade foi comprovada pela linguagem, pelas expressões familiares da criança e pela narração exatíssima de várias coisas que lhe tinham acontecido na pensão; mas outra circunstância veio confirmá-la: de repente, a mão da médium se deteve no meio de uma frase, sem que fosse possível obter mais nada; nesse momento, semiadormecida, a criança fez diversos movimentos na sua cama; alguns instantes depois, tendo novamente adormecido, a mão moveu-se outra vez, continuando aquela conversa interrompida. Feita em boas condições, a evocação das pessoas vivas prova da maneira menos contestável a ação distinta do Espírito e do corpo, e por conseguinte a existência de um princípio inteligente independente da matéria. (Ver na *Revista espírita* de 1860, páginas 11 e 81, vários exemplos notáveis de evocação de pessoas vivas.)

285. *Telegrafia humana*

58ª) Duas pessoas, evocando-se reciprocamente, poderiam transmitir de uma para outra seus pensamentos e se corresponder?

“Certamente, *e essa telegrafia humana será um dia um meio universal de correspondência.*”

— Por que ela não é praticada desde o presente?

“Ela já é praticada por certas pessoas, mas não para todo mundo; é preciso que os homens *se depurem* para que seu Espírito se livre da matéria, e isso ainda é uma razão a mais para fazer a evocação em nome de Deus. Até lá, ela fica limitada *às almas de elite* e desmaterializadas, o que raramente se encontra no estado atual dos habitantes da Terra.”

CAPÍTULO XXVI

PERGUNTAS QUE PODEMOS FAZER AOS ESPÍRITOS

Observações preliminares – Perguntas simpáticas ou antipáticas aos Espíritos – Questões sobre o futuro – Questões sobre as existências passadas e futuras – Questões sobre interesses morais e materiais – Questões sobre o destino dos Espíritos – Questões sobre saúde – Questões sobre invenções e descobertas – Questões sobre tesouros escondidos – Questões sobre outros mundos

Observações preliminares

286. Nunca será demais dar importância à maneira de fazer as perguntas e, ainda mais, ao tipo das perguntas. Duas coisas devem ser consideradas nas que endereçamos aos Espíritos: a forma e a essência. Com relação à forma, as perguntas devem ser redigidas com clareza e precisão, evitando as questões complexas. Mas há outro ponto não menos importante: a ordem que deve presidir a sua disposição. Quando um assunto requer uma série de questões, é essencial que elas se encadeiem metodicamente de modo a decorrerem naturalmente umas das outras; nessa ordem, os Espíritos respondem muito mais facilmente e mais claramente do que quando elas são colocadas ao acaso, passando sem transição de um assunto para outro. É por esta razão que é sempre muito útil prepará-las antes, salvo inserir durante a sessão aquelas que decorram das circunstâncias. Além de que a redação será melhor quando feita com a cabeça tranquila, esse trabalho preparatório, como já dissemos, é uma espécie de evocação antecipada, à qual o Espírito pode ter assistido e

estar disposto a responder. É notável que muito frequentemente o Espírito responda por antecipação a algumas perguntas — o que prova que ele já as conhecia.

A essência da questão exige uma atenção ainda mais séria, pois muitas vezes é a natureza da pergunta que provoca uma resposta correta ou falsa; há algumas às quais os Espíritos não podem ou não devem responder, por motivos que desconhecemos: logo, seria inútil insistir. Porém, o que devemos evitar acima de tudo são as perguntas feitas com o fim de lhes pôr à prova a esperteza deles. Dizem que quando uma coisa existe, eles a conhecem. Ora, precisamente porque coisa é conhecida de vocês, ou porque vocês têm os meios de verificá-la, é que eles não se dão ao trabalho de responder; essa suspeita os ofende, e então não se obtém nada de satisfatório. Não temos todos os dias exemplos disso entre nós? Homens superiores, e conscientes do seu valor, gostariam de responder a todas as perguntas tolas que tentassem submetê-los a um exame como se fossem escolares? O desejo de conquistar um adepto nessa ou naquela pessoa não é, para os Espíritos, um motivo de satisfazer a uma vã curiosidade; eles sabem que a convicção chegará cedo ou tarde, e os métodos que eles empregam para conduzi-la nem sempre são os que nós pensamos.

Vamos supor um homem sério, ocupado com coisas úteis e importantes, incessantemente importunado por perguntas bobas de uma criança, e assim vocês terão uma ideia do que os Espíritos superiores devem pensar de todas as bobagens que lhes são contadas. Não se segue daí que não possamos obter da parte dos Espíritos esclarecimentos úteis e principalmente bons conselhos, mas eles respondem mais ou menos bem, conforme os conhecimentos que eles próprios possuem, o interesse que deles merecemos e a afeição que nos dedicam e, finalmente, o objetivo a que nos propomos e a utilidade que eles veem na coisa; mas se todo o nosso pensamento se limita a crer que eles sejam mais capazes do que outros a nos esclarecerem melhor sobre as coisas deste mundo, então eles não poderão ter por nós uma simpatia profunda; desde então, eles só fazem aparições curtas e muitas vezes, conforme o grau da imperfeição deles, mostrarão mau humor por terem sido inutilmente incomodados.

287. Algumas pessoas pensam que é preferível se abster de fazer perguntas, e que convém esperar o ensinamento dos Espíritos sem pedi-lo; isso é um erro. É indubitável que os Espíritos dão instruções espontâneas de um altíssimo nível, e que seria errado desprezar; mas há muitas explicações pelas quais esperaríamos por um longo tempo se não as solicitássemos. Sem as questões que propusemos, *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns* ainda estariam por serem escritos, ou pelo menos estariam muito incompletos, e uma série de problemas de grande importância ainda estaria sem solução. Longe de causarem qualquer inconveniente, as questões são de grandíssima utilidade do ponto de vista da instrução, quando se sabe mantê-las nos devidos limites. Elas ainda têm outra vantagem, que é a de ajudar a desmascarar os Espíritos mistificadores que, sendo mais vaidosos do que sábios, raramente suportam em seu proveito a provação de perguntas com uma lógica precisa, pelas quais os leva aos seus últimos redutos. Como os Espíritos verdadeiramente superiores nada têm a temer de tal provação, eles são os primeiros a provocar explicações sobre os pontos obscuros; os outros, ao contrário, temendo ter que lidar com coisas mais sérias, então tomam muito cuidado para as evitar. Por isso, recomenda-se geralmente àqueles médiuns que os Espíritos enganadores desejam dominar e a quem querem impor suas utopias que se abstenham de toda controvérsia a respeito de seus ensinamentos.

Quem tiver compreendido bem o que temos dito até aqui nesta obra já pode fazer uma ideia do círculo no qual convém manter as questões que podemos fazer aos Espíritos; de qualquer forma, para maior segurança, colocamos adiante as respostas que foram dadas para os assuntos principais sobre os quais as pessoas pouco experientes geralmente estão dispostas a interrogar os Espíritos.

288. Perguntas simpáticas ou antipáticas aos Espíritos

1ª) Os Espíritos respondem de boa vontade às perguntas que lhes são endereçadas?

“Depende das perguntas. Os Espíritos sérios sempre respondem com prazer às perguntas que têm por objetivo o bem e os meios de fazer vocês progredirem. Eles não atendem às questões fúteis.”

2ª) Basta que uma pergunta seja séria para obter uma resposta séria?

“Não, isso depende do Espírito que responde.”

— Mas, uma questão séria não afasta os Espíritos levianos?

“Não é a questão que afasta os Espíritos levianos, *é o caráter daquele que levanta a questão.*”

3ª) Quais as perguntas particularmente antipáticas aos bons Espíritos?

“Todas aquelas que sejam inúteis ou que sejam feitas só por curiosidade e experimentação; então eles não respondem e se afastam.”

— Há questões que sejam antipáticas aos Espíritos imperfeitos?

“Há aquelas que possam revelar a ignorância deles ou a fraude, quando eles procuram enganar; de outra forma, eles respondem a tudo sem se preocuparem com a verdade.”

4ª) O que pensar das pessoas que veem nas manifestações espíritas apenas uma distração e um passatempo, ou uma maneira de obter revelações interesseiras?

“Essas pessoas agradam muito aos Espíritos inferiores que, do mesmo modo que elas, querem se divertir, e ficam contentes quando as enganam.”

5ª) Quando os Espíritos não respondem a certas perguntas, é por que eles não querem ou por que uma força superior se opõe a certas revelações?

“Por uma coisa ou por outra; existem coisas que não podem ser reveladas e outras que o próprio Espírito não conhece.”

— Insistindo-se fortemente, o Espírito acabaria respondendo?

“Não; o Espírito que não quer responder sempre tem a facilidade de ir embora. É por isso que se faz necessário esperar quando dizemos para vocês esperarem, e principalmente para não insistirem em querer nos fazer responder. Insistir para obter uma resposta que não queremos vos dar é um meio certo de ser enganado.”

6ª) Todos os Espíritos estão aptos a compreender as questões que lhes são propostas?

“Bem longe disso; os Espíritos inferiores são incapazes de compreender

certas questões, o que não os impede de responder bem ou mal, como acontece entre vocês.”

Nota – Em certos casos, e quando seja útil, ocorre com frequência que um Espírito mais esclarecido venha em auxílio do Espírito ignorante e lhe sobre o que ele deva dizer. Reconhece-se isso facilmente pelo contraste de certas respostas e, além do mais, porque o próprio Espírito muitas vezes concorda com o que foi dito. Isso só ocorre com os Espíritos ignorantes de boa-fé, mas nunca com os que fazem alarde de um falso saber.

289. Perguntas sobre o futuro

7ª) Os Espíritos podem nos revelar o futuro?

“Se o homem conhecesse o futuro, ele negligenciaria o presente.

“Esse também é um ponto sobre o qual vocês sempre insistem para obter uma resposta precisa; isso é um grande erro, pois a manifestação dos Espíritos não é um meio de adivinhação. Se realmente quiserem uma resposta, ela vos será dada por um Espírito tolo, como temos dito a todo o instante.” (Ver *O Livro dos Espíritos, Conhecimento do futuro*, questão 868.)

8ª) Algumas vezes, porém, não há certos eventos futuros que são anunciados pelos Espíritos, espontaneamente e com exatidão?

“Pode ser que o Espírito preveja coisas que ele julgue útil revelar, ou que ele tenha por missão vos tornar conhecidas; mas há ainda mais motivos para desconfiar dos Espíritos enganadores, que se divertem fazendo previsões. Só o conjunto das circunstâncias permite apreciar o grau de confiança que elas merecem.”

9ª) Qual é o tipo das predições de que mais devemos desconfiar?

“Todas as que não tiverem um propósito de utilidade *geral*. As predições pessoais podem quase sempre ser consideradas como apócrifas.”

10ª) Qual é o objetivo dos Espíritos que anunciam espontaneamente eventos que não se realizam?

“Na maioria das vezes, é para se divertir com a fé, o medo ou a alegria que eles causam; depois, eles riem do desapontamento. No entanto, essas predições mentirosas às vezes trazem um fim sério, que é o de pôr à prova

aquele a quem elas são feitas, para ver a maneira pela qual ele a recebe e para ver a natureza dos sentimentos bons ou maus que ela faz brotar nele.”

Nota – Tal seria, por exemplo, o anúncio daquilo que possa lisonjear a vaidade ou a ambição, como a morte de uma pessoa, a perspectiva de uma herança etc.

11ª) Por que os Espíritos sérios, quando fazem pressentir um evento, geralmente não fixam a sua data? Por não poderem ou por falta de vontade da parte deles?

“Por uma coisa ou por outra; em certos casos eles podem fazer **pressentir** um acontecimento: nesse caso é um aviso que dão a vocês. Quanto a especificar a época, muitas vezes eles não devem fazer isso; também acontece com frequência eles não poderem dizer, por eles próprios não saberem. O Espírito pode prever que algo acontecerá, mas o momento preciso pode depender de eventos que ainda se não cumpriram e que só Deus conhece. Os Espíritos levianos, que não se importam em vos enganar, esses indicam os dias e as horas, sem se preocuparem com o resultado. Por isso, toda predição **detalhada** deve ser suspeita para vocês.

“Mais uma vez: nossa missão consiste em vos fazer progredir; para isso auxiliamos o tanto que podemos. Aquele que pedir sabedoria aos Espíritos superiores jamais será enganado; porém, não creiam que vamos perder o nosso tempo ouvindo todas as vossas futilidades e a ler a sorte para vocês; nós deixamos isso para os Espíritos levianos, que se divertem com isso, como crianças travessas.

“A Providência pôs limite às revelações que podem ser feitas ao homem. Os Espíritos sérios guardam silêncio sobre tudo aquilo que lhes é proibido revelar. Insistindo em ter uma resposta, a pessoa se expõe às mistificações dos Espíritos inferiores, sempre prontos a se aproveitarem das ocasiões que tenham de explorar a vossa credulidade.”

Nota – Os Espíritos veem ou pressentem os eventos futuros por indução; eles os veem se realizar num tempo que eles não medem como nós. Para especificar a sua época, seria preciso que eles se identificassem com a nossa maneira de calcular a duração, o que nem sempre consideram necessário; daí vem muitas vezes uma causa de erros aparentes.

12ª) Não há homens dotados de uma faculdade especial que os faz antever o futuro?

“Sim, aqueles cuja alma se desprende da matéria; então, é o Espírito que vê, e quando isso é útil, Deus lhes permite revelarem certas coisas para o bem; mas entre eles existem ainda mais impostores e charlatães. Essa faculdade será mais comum futuramente.”

13ª) O que pensar dos Espíritos que gostam de predizer a alguém sua morte, com dia e hora fixados?

“São Espíritos de mau gosto, de muito mau gosto mesmo, que não têm outro pretexto a não ser se divertir com o medo que eles causam. Ninguém deve se preocupar com isso.”

14ª) Como é então que certas pessoas são avisadas por pressentimento da época de sua morte?

“Muitas vezes, é o próprio Espírito delas que fica sabendo disso em seus momentos de liberdade e que conservam sua intuição ao acordar. É porque essas pessoas, estando preparadas para isso, não se amedrontam nem se comovem. Elas não veem nessa separação do corpo e da alma mais do que uma mudança de situação ou, se preferirem e para sermos mais simples, a troca de uma roupa de pano grosseiro por uma roupa de seda. O temor da morte diminuirá na medida em que se propaguem as crenças espíritas.”

290. Questões sobre as existências passadas e futuras

15ª) Os Espíritos podem nos revelar nossas existências passadas?

“Deus permite algumas vezes que elas sejam reveladas, conforme o objetivo; se for para a vossa edificação e instrução, as revelações serão verdadeiras e, nesse caso, a revelação quase sempre é feita espontaneamente e de uma maneira inteiramente imprevista; mas ele nunca a permite para satisfazer uma vã curiosidade.”

— Por que é que alguns Espíritos nunca se recusam a fazer revelações desse tipo?

“São Espíritos brincalhões, que se divertem às custas de vocês. Em geral, vocês devem considerar como falsas, ou pelo menos suspeitas,

todas as revelações dessa natureza que não tenham um propósito eminentemente sério e útil. Os Espíritos zombeteiros gostam de inflar o orgulho por pretensas procedências. Há médiuns e crentes que aceitam como coisa valiosa o que lhes é dito a respeito disso, e que não enxergam que o estado atual do seu Espírito em nada justifica a categoria que pretendem ter ocupado; pequena vaidade da qual se divertem tanto os Espíritos brincalhões quanto os homens. Seria mais lógico e mais de acordo com a marcha progressiva dos seres que eles tivessem subido, em vez de terem descido — o que seria mais honroso para eles. Para que pudéssemos acreditar nessa espécie de revelações, seria necessário que elas fossem feitas espontaneamente, por diversos médiuns estranhos uns aos outros e àquele que tivesse sido revelado anteriormente; então, nesse caso, haveria razão evidente para crermos.”

— Se não podemos conhecer nossa individualidade anterior, será que também não podemos saber o gênero de existência que tivemos, da posição social que ocupamos, das qualidades e dos defeitos que predominaram em nós?

“Isso pode ser revelado, porque vocês podem tirar proveito disso para o vosso melhoramento; mas, aliás, estudando a vossa situação atual, vocês mesmos podem deduzir o passado.” (Ver *O Livro dos Espíritos, Esquecimento do passado*, questão 392.)

16ª) Alguma coisa nos poderia ser revelada sobre as nossas existências futuras?

“Não; tudo o que alguns Espíritos vos disserem a respeito disso não passará de uma brincadeira, e isso é compreensível: a existência futura de vocês não pode ser definida antecipadamente, porque ela será conforme o que tiverem feito através da vossa conduta na Terra e das resoluções que tomarem quando forem Espíritos. Quanto menos tiverem que expiar tanto mais ela será feliz; mas, saber onde e como será essa existência, repetimos: é impossível, salvo o caso especial e raro dos Espíritos que só estão na Terra para cumprir uma missão importante, porque então, de certo modo, o caminho deles está traçado de antemão.”

291. Questões sobre interesses morais e materiais

17ª) Podemos pedir conselhos aos Espíritos?

“Sim, certamente; os bons Espíritos jamais recusam ajudar aqueles que os evocam com confiança, principalmente no que se refere à alma; mas eles têm aversão aos hipócritas, ***aqueles que simulam pedir a luz e se comprazem nas trevas.***”

18ª) Os Espíritos podem dar conselhos sobre coisas de interesse privado?

“Algumas vezes, conforme o motivo. Isso também depende daqueles a quem se pede conselhos. Os conselhos referentes à vida privada são dados com mais exatidão pelos Espíritos familiares, porque eles se ligam à pessoa e se interessam pelo que diz respeito a ela: é o amigo, o confidente dos seus pensamentos mais secretos; mas muitas vezes vocês os cansam com questões tão banais que eles vos abandonam. Seria tão absurdo perguntar coisas íntimas a Espíritos estranhos quanto perguntá-las ao primeiro indivíduo que encontrar no seu caminho. Vocês jamais deveriam esquecer que a puerilidade das perguntas é incompatível com a superioridade dos Espíritos. É necessário ainda levar em conta as qualidades do Espírito familiar, que pode ser bom ou mau, segundo sua simpatia pela pessoa a quem se ligue. O Espírito familiar de um homem mau é um Espírito mau, cujos conselhos podem ser perniciosos, mas que se afasta e cede o lugar a um Espírito melhor, se o próprio homem se melhorar. Os semelhantes se atraem.”

19ª) Os Espíritos familiares podem favorecer os interesses materiais através de revelações?

“Podem, e o fazem algumas vezes, de acordo com as circunstâncias; mas tenham certeza de que os bons Espíritos nunca se prestam a servir à ganância. Os maus fazem cintilar diante dos seus olhos mil atrativos para lhes incitar, e depois vos mistificar pela decepção. Fiquem sabendo também que se a prova de vocês for passar por essa ou aquela dificuldade, vossos Espíritos protetores poderão ajudar a suportá-la com mais resignação, e às vezes até suavizá-la; mas, no próprio interesse do futuro de vocês, não lhes é permitido isentá-los dessa provação. É assim que um bom pai não concede ao filho tudo o que este deseja.”

Nota – Em muitas circunstâncias os nossos Espíritos protetores podem nos indicar o melhor caminho, entretanto, sem nos carregar nos braços, caso contrário, perderíamos toda a iniciativa e não ousaríamos dar um passo sem recorrermos a eles — e isso, com prejuízo para o nosso aperfeiçoamento. Para progredir, o homem tem que muitas vezes adquirir experiência às suas próprias custas; é por isso que os Espíritos sábios, sempre nos aconselhando, frequentemente nos deixam livres às nossas próprias forças, como um educador hábil faz com os seus alunos. Nas circunstâncias comuns da vida, eles nos aconselham através da inspiração e assim nos deixam todo o mérito do bem, como também deixam toda a responsabilidade pelas más escolhas.

Seria abusar da condescendência dos Espíritos familiares e se equivocar quanto à sua missão interrogá-los a cada instante sobre as coisas mais vulgares, como certos médiuns fazem. Há alguns que, por um sim ou por um não, tomam o lápis e pedem conselho para a coisa mais simples. Esta mania revela a pequenez nas ideias; ao mesmo tempo, há nisso uma presunção de acreditar que sempre temos um Espírito servindo às suas ordens, não tendo outra coisa a fazer senão cuidar de nós e dos nossos pequenos interesses. Além disso, isso significa aniquilar a própria consciência e se reduzir a um papel passivo, sem proveito para a vida presente e certamente prejudicial ao progresso futuro. Se há infantilidade em interrogar os Espíritos sobre coisas fúteis, não há menos infantilidade da parte dos Espíritos que se ocupam espontaneamente com o que se pode chamar de detalhes caseiros; estes Espíritos podem ser bons, mas seguramente ainda são muito terrestres.

20ª) Se, ao morrer, uma pessoa deixar seus negócios embaraçados, poderíamos pedir ao seu Espírito que ajude a resolvê-los? Poderíamos também interrogá-lo sobre o quanto de bens tenha deixado, no caso em que essa quantidade não seja conhecida, se isso for no interesse da justiça?

“Vocês esquecem que a morte é a libertação das preocupações terrenas. Então vocês acreditam que o Espírito que está feliz com a própria liberdade venha de boa vontade retomar sua prisão e se ocupar com coisas que já não o interessam mais, apenas para satisfazer à ambição de seus herdeiros, que talvez tenham se alegrado com a sua morte, na esperança de que ela lhes fosse lucrativa? Vocês falam de justiça, mas a justiça está na decepção da cobiça desses herdeiros; é o começo das punições que Deus reserva para a sua avidez pelos bens da Terra. Além do mais, os embaraços em que às vezes a morte de uma pessoa deixa fazem parte das provas da vida, e não está no

alcance de nenhum Espírito vos libertar disso, porque esses embaraços estão nos decretos de Deus.”

Nota – Esta resposta sem dúvida desapontará os que imaginam que os Espíritos não têm nada de melhor a fazer do que nos servir de auxiliares clarividentes para nos ajudarem, não rumo ao céu, mas sobre a Terra. Outra consideração vem em apoio a essa resposta: se um homem, durante a vida, deixou seus negócios em desordem por descuido, não é verossímil que depois da morte ele tenha mais cuidado com eles, porque deve estar feliz por se livrar das inquietações que os negócios lhe causavam, e por pouco elevado que seja, ainda menos importância lhes dará como Espírito do que como homem. Quanto aos bens desconhecidos que ele pudesse deixar, não haveria nenhuma razão para se interessar por herdeiros gananciosos que provavelmente não pensariam mais nele se não esperassem lucrar alguma coisa, e se o Espírito ainda for imbuído das paixões humanas, poderá sentir um malicioso prazer no desapontamento dos herdeiros.

Se um Espírito considera útil fazer revelações deste gênero, no interesse da justiça e das pessoas com quem ele se preocupa, ele o faz espontaneamente, e para isso ninguém precisa ser médium, nem recorrer a um médium; ele revela as coisas por meio de circunstâncias fortuitas, mas nunca a pedido de quem o faça, visto que esse pedido não pode mudar a natureza das provas que se deva sofrer e provavelmente as agravaria ainda mais, pois quase sempre é um indício de cupidez e demonstra ao Espírito que só se ocupam com ele por interesse. (Veja o item 295.)

292. Questões sobre o destino dos Espíritos

21ª) Podemos pedir aos Espíritos informações sobre a situação deles no mundo espiritual?

“Sim, e eles dão essas informações de boa vontade quando o pedido é feito por simpatia ou por desejo de ser útil, e não por curiosidade.”

22ª) Os Espíritos podem descrever a natureza dos sofrimentos ou da felicidade deles?

“Perfeitamente e revelações desse tipo são um grande ensinamento para vocês, pois elas vos iniciam na verdadeira natureza das penalizações e das recompensas futuras; ao destruir as falsas ideias que vocês formaram sobre essa questão, elas tendem a reanimar a vossa fé e confiança na bondade de

Deus. Os bons Espíritos ficam jubilosos em vos descrever a felicidade dos eleitos; já os maus Espíritos, estes podem ser forçados a descrever seus sofrimentos, a fim de provocar neles o arrependimento. Nisso, às vezes eles encontram até um tipo alívio: é o infeliz que lamenta seu pranto na esperança de compaixão.

“Não esqueçam que o fim essencial e exclusivo do espiritismo é o vosso melhoramento, e é para que alcancem isso que é permitido aos Espíritos vos introduzirem na vida futura ao vos oferecer exemplos dos quais vocês podem se beneficiar. Quanto mais se identificarem com o mundo que os espera, tanto menos sentirão falta deste mundo onde estão agora. Em suma, eis o objetivo atual da revelação.”

23ª) Evocando uma pessoa cujo destino seja desconhecido, poderíamos saber dela mesma se ainda está viva?

“Sim, se a incerteza de sua morte não for uma necessidade ou uma provação para aqueles que tenham interesse em saber dela.”

— Se estiver morta, ela poderia revelar as circunstâncias do seu falecimento, de maneira a poder provar sua morte?

“Se ela der alguma importância a isso, então revelará; de outro modo, pouco se interessará pelo ocorrido.”

Nota – A experiência prova que nesse caso o Espírito não fica de nenhum modo empolgado com os motivos do interesse que se possa ter para conhecer as circunstâncias de sua morte; se as quiser revelar, então fará por si mesmo, seja por via medianímica ou por meio de visões ou aparições, e assim pode dar as informações mais precisas. Caso contrário, um Espírito mistificador pode perfeitamente enganar e se divertir levando as pessoas a fazerem buscas inúteis.

Acontece frequentemente que o desaparecimento de uma pessoa, cuja morte não pode ser oficialmente constatada, traz entraves aos negócios da família. Só em casos muito raros e muito excepcionais é que vimos os Espíritos indicarem o caminho da verdade, de acordo com o pedido que lhes foi feito; se eles quisessem, sem dúvidas que eles poderiam indicar; porém muitas vezes isso não lhes é permitido, quando tais embaraços forem provas para aqueles que estariam interessados em se livrar deles.

Portanto, é se enganar com uma esperança quimérica prosseguir por esse meio de obtenção de heranças, cujo resultado mais concreto é dinheiro gasto para esse fim.

O que não falta é Espíritos dispostos a alimentar tais esperanças e que não têm nenhum escrúpulo em induzir os interessados a buscas das quais muitas vezes é de se contentar bastante em sair com um pouco de ridículo.

293. Questões sobre saúde

24ª) Os Espíritos podem dar conselhos sobre saúde?

“A saúde é uma condição necessária para o trabalho que se deve cumprir na Terra, e é por isso que os Espíritos se ocupam de boa vontade com ela; mas, como entre eles há ignorantes e sábios, convém que para isso, como para qualquer outra coisa, ninguém se dirija ao primeiro que apareça.”

25ª) Em se dirigindo ao Espírito de uma celebridade médica, estaríamos mais certos de obter um bom conselho?

“As celebridades terrenas não são infalíveis e muitas vezes têm ideias sistemáticas que nem sempre são justas e das quais a morte não as liberta imediatamente. A ciência terrestre é insignificante em comparação à ciência celeste; só os Espíritos superiores dominam esta última ciência: sem terem nomes conhecidos para vocês, eles podem saber sobre todas as coisas muito mais do que os sábios humanos. Só ciência não faz os Espíritos se tornarem superiores, e vocês ficarão espantados com a categoria que alguns doutores ocupam entre nós. O Espírito de um sábio pode então não saber mais do que quando estava na Terra, se não tiver progredido como Espírito.”

26ª) O doutor, ao se tornar Espírito, reconhece seus erros científicos?

“Se tiver chegado a um grau bastante elevado para estar livre de sua vaidade e compreender que seu o desenvolvimento não está completo, então ele reconhece e os confessa sem constrangimento; mas se ainda não estiver se desmaterializado o bastante, ele pode conservar alguns dos preconceitos de que estava imbuído na Terra.”

27ª) Poderia um médico, evocando seus pacientes que morreram, obter esclarecimentos sobre a causa da morte deles, sobre as faltas que ele possa ter cometido no tratamento e assim ganhar um pouco mais de experiência?

“Pode, e isso lhe seria muito útil, sobretudo se ele fosse assistido por Espíritos esclarecidos, que suprissem a falta de conhecimentos sobre

determinados doentes. Mas para isso seria preciso que ele fizesse esse estudo de um modo sério, assíduo, com um fim humanitário e não como uma maneira de adquirir conhecimento e fortuna sem sacrifício.”

294. Questões sobre as invenções e descobertas

28ª) Os Espíritos podem guiar pesquisas científicas e descobertas?

“A ciência é obra do gênio; ela não deve ser adquirida senão pelo trabalho, pois é só pelo trabalho que o homem avança no seu caminho. Que mérito ele teria se bastasse só interrogar os Espíritos para saber de tudo? Qualquer imbecil poderia se tornar sábio por esse preço. O mesmo ocorre com as invenções e descobertas da indústria. Ainda tem outra consideração: é que cada coisa tem que vir a seu tempo e quando as ideias estejam maduras para recebê-la; se o homem tivesse esse poder, ele subverteria a ordem das coisas, fazendo os frutos brotarem antes da estação.

“Deus disse ao homem: colherás teu alimento da terra com o suor do teu rosto; admirável ilustração que pinta a condição na qual ele se encontra neste mundo. Ele deve progredir em tudo pelo esforço no trabalho; se lhe déssemos as coisas inteiramente prontas, de que lhe serviria a inteligência? Seria como o escolar para quem um outro estudante faria o dever de casa.”

29ª) Os doutores e os inventores nunca são auxiliados pelos Espíritos em suas pesquisas?

“Ah, isto é bem diferente! Quando é chegado o tempo de uma descoberta, os Espíritos encarregados de dirigir o seu progresso procuram o homem capaz de levá-la a efeito e lhe inspiram as ideias necessárias, de maneira a lhe deixar todo o mérito da obra, pois é preciso que ele elabore essas ideias e as ponha em prática. É assim com todos os grandes trabalhos da inteligência humana. Os Espíritos deixam cada homem na sua esfera; daquele que só é apto a cavar a terra eles não farão depositários dos segredos de Deus; mas eles sabem tirar da obscuridade o homem capaz de realizar os seus desígnios. Portanto, não deixem a curiosidade ou a ambição vos arrastar por um caminho que não representa o propósito do espiritismo, e que os levaria às mais ridículas mistificações.”

Nota – O conhecimento mais esclarecido do espiritismo acalmou a febre das descobertas que no princípio as pessoas se vangloriavam de poder fazer por meio dele. Chegou-se até a pedir aos Espíritos receitas para tingir e fazer brotar cabelos, curar os calos dos pés etc. Vimos gente que acreditou que sua fortuna estava feita, e não conseguiram nada além de resultados mais ou menos ridículos. O mesmo acontece quando se pretende penetrar os mistérios de origem das coisas com a ajuda dos Espíritos; sobre essas questões, alguns Espíritos têm suas teorias, que muitas vezes não valem mais do que as teorias dos homens e que é prudente não acolher a não ser com a maior reserva.

295. Questões sobre tesouros escondidos

30ª) Os Espíritos podem revelar tesouros escondidos?

“Os Espíritos superiores não se ocupam com essas coisas; mas os Espíritos zombeteiros frequentemente indicam tesouros que não existem, ou então podem fazer que se veja um em algum lugar, enquanto o tesouro esteja no lado oposto; e isso tem a sua utilidade, para mostrar que a verdadeira riqueza está no trabalho. Quando a Providência destina riquezas ocultas a alguém, este as encontrará naturalmente; caso contrário, não.”

31ª) O pensar da crença nos Espíritos guardiães de tesouros escondidos?

“Os Espíritos que não estão desmaterializados se apegam às coisas. Os avarentos que esconderam seus tesouros ainda podem vigiá-los e guardá-los após a morte, e a perplexidade deles em ver esses bens serem levados é um de seus castigos, até que compreendam a sua inutilidade para eles. Também há os Espíritos da Terra responsáveis por dirigirem as suas transformações interiores, e então, por alegoria, fez-se deles guardiões das riquezas naturais.”

Nota – A questão dos tesouros escondidos está na mesma categoria da das heranças desconhecidas; seria bem louco aquele que contasse com as pretendidas revelações que os brincalhões do mundo invisível lhe possam fazer. Nós já dissemos que, quando os Espíritos querem ou podem fazer semelhantes revelações, eles fazem espontaneamente, sem necessidade de médiuns para isso. Aqui vai um exemplo:

Uma dama tinha acabado de perder o marido após trinta anos de casamento, e se encontrava sem nenhum recurso e prestes a ser despejada do seu domicílio pelos enteados, para os quais ela tinha sido uma mãe. Seu desespero chegou ao ápice

quando seu marido lhe apareceu certa noite e disse que ela o acompanhasse até seu escritório; lá, ele lhe mostrou a escrivaninha, que ainda estava selada, e por um efeito de segunda vista, o Espírito fez a mulher ver o interior da escrivaninha, indicando-lhe uma gaveta secreta que ela não conhecia e cujo chave ele lhe explicou, acrescentando: Eu previ o que está acontecendo e quis assegurar a tua sorte; nessa gaveta estão minhas últimas disposições; deixei para ti os direitos desta casa e uma renda de..., e depois desapareceu. No dia de levantar os selos, ninguém pôde abrir a gaveta; então a senhora narrou o que lhe tinha acontecido. Ela abriu a gaveta seguindo as indicações de seu marido, e lá estava o testamento, conforme o que ele lhe tinha anunciado.

296. Questões sobre outros mundos

32ª) Que grau de confiança podemos ter nas descrições que os Espíritos fazem dos vários mundos?

“Depende do grau de avanço **verdadeiro** dos Espíritos que dão essas descrições, pois vocês bem devem compreender que os Espíritos vulgares são tão incapazes de vos informarem a esse respeito quanto entre vós um ignorante é incapaz de descrever todos os países da Terra. Sobre esses mundos, vocês muitas vezes formulam questões científicas que tais Espíritos não podem resolver; se eles forem de boa-fé, falarão deles conforme suas ideias pessoais; se forem Espíritos levianos, eles vão se divertir vos dando descrições bizarras e fantásticas; tanto melhor que esses Espíritos — que na erraticidade não são menos providos de imaginação do que na Terra — vocês extraem dessa faculdade a narração de tantas coisas que nada têm de real. Entretanto, não creiam na impossibilidade absoluta de terem sobre esses mundos alguns esclarecimentos, pois os bons Espíritos até se alegram em descrever os que eles habitam, a fim de servir de instrução para vos melhorar e vos incentivar a seguir o caminho que vos conduzirá até lá; este é um meio de fixar vossas ideias sobre o futuro e de não vos deixarem na incerteza.”

— Que comprovação podemos ter da exatidão dessas descrições?

“A melhor verificação consiste na concordância que possa haver entre elas; porém, lembrem-se de que essas descrições têm por objetivo o vosso melhoramento moral e que, por conseguinte, é através do estado moral dos habitantes que vocês podem ser mais bem informados, e não pelo estado

físico ou geológico desses globos. Com os vossos conhecimentos atuais, vocês não poderiam mesmo compreender; tal estudo de nada serviria para o vosso progresso na Terra, e vocês terão toda a possibilidade de fazer esse estudo quando estiverem nesses mundos.”

Nota – As questões sobre a constituição física e os elementos astronômicos dos mundos pertencem ao âmbito das pesquisas científicas, das quais os Espíritos não devem nos poupar; sem isso, um astrônomo acharia muito cômodo pedir que os Espíritos lhe fizessem seus cálculos — o que, sem dúvida, ele teria o cuidado de não confessar. Se os Espíritos pudessem poupar o trabalho de uma descoberta por meio de uma revelação, é provável que eles fariam isso através de um sábio bastante modesto que reconhecesse abertamente a fonte, e não em proveito dos orgulhosos que negam os Espíritos, e para quem, ao contrário, os Espíritos frequentemente reservam as decepções da vaidade.

CAPÍTULO XXVII

CONTRADIÇÕES E MISTIFICAÇÕES

Contradições

297. Os adversários do espiritismo não deixam de objetar que seus adeptos não estão de acordo entre si; que nem todos partilham das mesmas crenças; numa palavra: que se contradizem. Dizem: se o ensinamento lhes é dado pelos Espíritos, como é que ele não é idêntico? Só um estudo sério e aprofundado da ciência pode reduzir esse argumento ao seu justo valor. Apressemos-nos em dizer primeiramente que essas contradições — de que algumas pessoas fazem um grande alarde — são geralmente mais aparentes do que reais; que elas muitas vezes têm mais a ver com a superfície do que mesmo com o fundo das coisas, e que, conseqüentemente, elas não têm importância. As contradições vêm de duas fontes: dos homens e dos Espíritos.

298. As contradições de origem humana já foram suficientemente explicadas no capítulo dos *Sistemas*, item 36, ao qual nos reportamos. Todo mundo compreenderá que no início, quando as observações ainda eram incompletas, surgiram opiniões divergentes sobre as causas e as conseqüências dos fenômenos espíritas, opiniões das quais três quartos já caíram diante de um estudo mais sério e mais aprofundado. Com pouquíssimas exceções, e fora aquelas pessoas que não se desprendem facilmente das ideias que elas acalentaram ou mesmo geraram, podemos dizer que hoje há uma unidade na imensa maioria dos espíritas, ao menos quanto aos princípios gerais, com exceção talvez de alguns detalhes insignificantes.

299. Para compreender a causa e o valor das contradições de origem espírita,

é preciso estar familiarizado com a natureza do mundo invisível e tê-lo estudado por todas as faces. À primeira vista, pode parecer estranho que os Espíritos não pensem todos da mesma maneira, mas isso não pode surpreender a quem quer que tenha percebido o número infinito de degraus que eles devem percorrer antes de chegar ao alto da escada. Supor que eles tivessem uma apreciação igual das coisas seria imaginar que todos estivessem num mesmo nível; pensar que todos devam ver com justeza seria supor que todos já tivessem atingido a perfeição — o que não é verdade, e nem pode ser, se considerarmos que eles não são mais do que a humanidade despida do envoltório corporal. Já que Espíritos de todas as classes podem se manifestar, o resultado é que as suas comunicações trazem o cunho de sua ignorância ou de seu saber, de sua inferioridade ou de sua superioridade moral. É para distinguir o verdadeiro do falso e o bom do mau que as instruções que nós temos dado devem conduzir.

Não devemos esquecer que há entre os Espíritos — assim como há entre os homens — os falsos sábios e os semissábios, os orgulhosos, os presunçosos e os sistemáticos. Como o conhecimento de tudo só é dado aos Espíritos perfeitos, há para os outros — como há para nós — mistérios que eles explicam à sua maneira, segundo suas próprias ideias, e sobre as quais eles podem formar opiniões mais ou menos corretas, que por orgulho eles se metem a fazer prevalecer e que gostam de reproduzir em suas comunicações. O erro está em alguns de seus intérpretes terem abraçado muito rapidamente opiniões contrárias ao bom senso e terem feito de si mesmos seus editores responsáveis. Assim, as contradições de origem espírita não têm outra causa a não ser a diversidade de inteligência, conhecimentos, senso crítico e moralidade de alguns Espíritos que ainda não estão aptos a conhecer tudo e nem compreender tudo. (Ver *O Livro dos Espíritos*, *Introdução*, item XIII; *Conclusão*, item IX.)

300. De que serve o ensinamento dos Espíritos — dirão algumas pessoas — se ele não nos oferece mais certeza do que o ensinamento humano? A resposta é fácil: nós não aceitamos com igual confiança o ensino de todos os homens e, entre duas doutrinas, damos preferência àquela cujo autor nos

pareça mais esclarecido, mais capaz, mais judicioso, menos sujeito às paixões; logo, é preciso agir do mesmo modo com os Espíritos. Se entre eles há os que não estão acima da humanidade, também há muitos que a ultrapassaram e estes podem nos dar instruções que em vão procuraríamos entre os homens mais instruídos. É em distingui-los da turba dos Espíritos inferiores que devemos nos concentrar, se queremos nos esclarecer, e é para essa distinção que conduz o conhecimento aprofundado do espiritismo. Mas mesmo essas instruções têm um limite, e se não é dado aos Espíritos saberem de tudo, com mais forte razão deve ser assim entre os homens. Portanto, há coisas sobre as quais será inútil interrogar os Espíritos — seja porque lhes seja proibido revelá-las, seja porque eles próprios as ignoram e sobre as quais eles só podem nos dar suas opiniões pessoais; então, são essas opiniões pessoais que os Espíritos orgulhosos apresentam como verdades absolutas. É justamente acerca do que deva permanecer oculto (como o futuro e o princípio das coisas) que eles mais insistem, a fim de darem a impressão de ter a posse dos segredos de Deus; também é sobre esses pontos que há mais contradições. (Veja o capítulo anterior.)

301. Eis as respostas dadas pelos Espíritos para as questões seguintes, com relação às contradições:

1ª) O mesmo Espírito, comunicando-se em dois centros diferentes, poderia transmitir sobre um mesmo assunto respostas contraditórias?

“Se os dois centros diferirem entre si em opiniões e pensamentos, a resposta poderá chegar deformada, porque eles estariam sob a influência de diferentes colunas de Espíritos: não é a resposta que é contraditória, mas a forma como ela é reproduzida.”

2ª) É compreensível que uma resposta possa ser alterada; mas quando as qualidades do médium excluem toda ideia de má influência, como é que os Espíritos superiores tenham uma linguagem diferente e contraditória sobre o mesmo assunto com pessoas perfeitamente sérias?

“Os Espíritos realmente superiores não se contradizem jamais, e sua linguagem é sempre a mesma *com as mesmas pessoas*. Ela pode ser

diferente conforme as pessoas e os lugares, mas aqui é preciso prestar atenção: a contradição muitas vezes é apenas aparente, estando mais nas palavras do que nas ideias, pois, refletindo, veremos que a ideia fundamental é a mesma. E mais: o mesmo Espírito pode responder a mesma questão de diversas formas, segundo o grau de perfeição daqueles que o evocam, pois nem sempre é bom que todos recebam a mesma resposta, já que não estão todos igualmente avançados. É exatamente como se uma criança e um sábio te fizessem a mesma pergunta; com certeza você responderia a um e ao outro de modo a ser compreendido e a satisfazer a ambos; cada resposta, embora diferente, também teria o mesmo significado.”

3ª) Com que objetivo os Espíritos sérios parecem defender junto de certas pessoas ideias e até preconceitos que eles combatem junto de outras?

“Devemos nos fazer compreensíveis: se uma pessoa tem uma convicção bem firmada sobre uma doutrina, mesmo falsa, precisamos afastá-la dessa convicção, mas pouco a pouco; é por isso que muitas vezes nos servimos dos *seus termos* e então damos a entender que concordamos com as ideias dela, para que ela não se ofenda subitamente, e para que ela não deixe de aprender conosco.

“Aliás, não é bom atacar bruscamente os preconceitos; esse seria o melhor meio de não ser ouvido, e essa é a razão pela qual os Espíritos muitas vezes falam no sentido da opinião daqueles que os ouvem, para conduzi-los pouco a pouco à verdade. Eles apropriam sua linguagem às pessoas, como você mesmo faz, se for um orador minimamente hábil; eis por que eles não falarão a um chinês ou a um maometano como falarão a um francês ou a um cristão, pois estariam certos de serem repelidos.

“Não se deve tomar como contradição aquilo que normalmente é apenas uma parte da elaboração da verdade. Todos os Espíritos têm a sua tarefa marcada por Deus; eles a cumprem nas condições que julgam convenientes para o bem dos que recebem as suas comunicações.”

4ª) As contradições, mesmo aparentes, podem lançar dúvidas no Espírito de algumas pessoas; qual controle podemos ter para conhecer a verdade?

“Para discernir o erro da verdade é preciso aprofundar as respostas e as

meditar seriamente por um longo tempo; é todo um estudo a ser feito. É necessário tempo para isso, como para estudar todas as coisas.

“Estudem, comparem, aprofundem! Nós vos dizemos incessantemente: o conhecimento da verdade custa esse preço. E como é que vocês querem chegar à verdade se vocês interpretam tudo segundo as vossas ideias estreitas e tomadas como grandes ideias? Porém, não está longe o dia em que o ensinamento dos Espíritos será igual em toda parte, tanto nos detalhes quanto nas coisas principais. A missão deles é destruir o erro, mas isso não acontecerá senão progressivamente.”

5ª) Há pessoas que não têm nem tempo e nem a aptidão necessária para um estudo sério e aprofundado, e que aceitam sem exame o que lhes é ensinado. Não haveria para elas o inconveniente em acreditar nos erros?

“Que eles pratiquem o bem e não façam o mal, isso é o essencial; para tanto, não há duas doutrinas: o bem é sempre o bem, que vocês o façam em nome de Alá ou de Jeová, porque só existe um mesmo Deus para o Universo.”

6ª) Como é que os Espíritos, que parecem desenvolvidos em inteligência, podem ter ideias claramente falsas sobre certas coisas?

“Eles têm sua doutrina. Os que não são bastante avançados, e que acreditam que sejam, tomam suas ideias como verdade. É como entre vocês.”

7ª) O que pensar de doutrinas segundo as quais um só Espírito poderia se comunicar, e que esse Espírito seria Deus ou Jesus?

“O Espírito que ensina isso é um Espírito que quer dominar, e por isso procura fazer com que acreditem que ele seja o único; mas o infeliz que ousa tomar o nome de Deus pagará caro pelo seu orgulho. Quanto a essas doutrinas, elas se refutam a si mesmas, porque estão em contradição com os fatos mais comprovados; elas não merecem exame sério, pois não têm raízes.

“A razão vos diz que o bem procede de uma fonte boa, e o mal de uma fonte má; por que haveriam de querer que uma boa árvore produzisse maus frutos? Por acaso vocês já colheram uvas de uma macieira? A diversidade das comunicações é a prova mais evidente da variedade de sua origem. Aliás, os Espíritos que pretendem ser os únicos a se comunicar esquecem-se de dizer por que os outros não poderiam se manifestar. A pretensão deles é a negação

do que o espiritismo tem de mais belo e de mais consolador: as relações do mundo visível com o mundo invisível, dos homens com os seres que lhe são caros e que estariam ainda mais perdidos para eles, sem volta. São essas relações que identificam o homem com o seu futuro, que o desprendem do mundo material; suprimir essas relações, significa remergulhá-lo na dúvida que constitui o seu tormento; significa alimentar o seu egoísmo. Ao examinar com cuidado a doutrina desses Espíritos, nela encontramos a cada passo contradições injustificáveis, traços de sua ignorância sobre as coisas mais evidentes e, por conseguinte, sinais certos da sua inferioridade.”

O ESPÍRITO DE VERDADE.

8ª) De todas as contradições que notamos nas comunicações dos Espíritos, uma das mais marcantes é a que se refere à reencarnação. Se a reencarnação é uma necessidade da vida espírita, como se explica que nem todos os Espíritos a ensinem?

“Vocês não sabem que há Espíritos cujas ideias são limitadas ao presente, assim como tantos homens na Terra? Eles creem que aquilo que é para eles deve durar sempre; não enxergam nada além do círculo de suas percepções e não se perguntam nem de onde vêm nem para onde vão, e, portanto, eles devem sofrer a ação da lei da necessidade. A reencarnação é para eles uma necessidade na qual não pensam senão quando ela chega; eles sabem que o Espírito progride, mas de que maneira? Isso para eles é um problema. Então, se vocês os interrogarem a respeito, eles vos falarão dos sete céus superpostos como andares; há alguns que até falarão da esfera do fogo, da esfera das estrelas, depois da cidade das flores, da dos eleitos.”

9ª) Concebemos que os Espíritos pouco adiantados possam não compreender essa questão; mas então como é que os Espíritos de uma inferioridade moral e intelectual notória falam espontaneamente de suas diferentes existências e do desejo que têm de reencarnar para resgatarem o passado?

“Passam-se no mundo dos Espíritos coisas bem difíceis de vocês compreenderem. Não existem entre vocês pessoas tão ignorantes sobre certas coisas e que são esclarecidas sobre outras? E pessoas que têm mais juízo do

que instrução e outras que têm mais inteligência que juízo? Não sabem também que alguns Espíritos gostam de conservar os homens na ignorância ao mesmo tempo em que parecem instruí-los, e que aproveitam da facilidade com que dão crédito às suas palavras? Eles podem seduzir os que não vão até o fundo das coisas, mas quando são levados ao limite pelo raciocínio, não sustentam por muito tempo o seu fingimento.

“É preciso também ter em conta a prudência que geralmente os Espíritos têm na promulgação da verdade: uma luz muito viva e muito súbita ofusca e não ilumina. Então, em certos casos eles podem julgar útil a espalharem gradualmente, conforme os tempos, os lugares e as pessoas. Moisés não ensinou tudo o que o Cristo ensinou, e o próprio Cristo disse muitas coisas cuja compreensão estava reservada às gerações futuras. Vocês falam da reencarnação e ficam admirados que este princípio não tenha sido ensinado em determinados países; lembrem-se, porém, de que num país onde o preconceito da cor reina soberano, onde a escravidão se enraizou nos costumes, o espiritismo teria sido repelido só por proclamar a reencarnação, pois a ideia de que aquele que é patrão pudesse se tornar escravo, e vice-versa, pareceria monstruosa. Não era mais válido semear primeiro o princípio geral e deixar para mais tarde tirar as suas consequências? Oh, homens! Como é curta a vista de vocês para julgar os desígnios de Deus! Saibam bem que nada se faz sem a permissão divina, e sem um objetivo que nem sempre vocês podem entender.⁷² Eu já vos disse que a unidade se faria na crença espírita; fiquem certos de que assim será, e que as dissidências — já menos profundas — se apagarão pouco a pouco na medida em que os homens se esclareçam e que elas acabarão por desaparecer completamente, pois essa é a vontade de Deus, contra a qual o erro não pode prevalecer.”

O ESPÍRITO DE VERDADE.

10^a) As doutrinas errôneas que podem ser ensinadas por determinados Espíritos não teriam por efeito retardar o progresso da verdadeira ciência?

“Vocês desejariam obter tudo sem trabalho; então, saibam que não há

⁷² Referência implícita ao movimento espiritualista americano, que promoveu com bom êxito as manifestações mediúnicas modernas, mas que resistiu ao conceito espírita da reencarnação. N. T.

campo onde não cresçam ervas daninhas que o lavrador precise extirpar. Essas doutrinas errôneas são uma consequência da inferioridade do vosso mundo; se os homens fossem perfeitos, só aceitariam o que é verdadeiro; os erros são como as pedras falsas, que só um olhar experiente pode distinguir. Portanto, falta a vocês um aprendizado para distinguir o verdadeiro do falso. Pois bem! As doutrinas falsas têm como utilidade vos exercitar a distinção entre o erro e a verdade.”

— Os que adotam o erro não estariam atrasados no seu progresso?

“Se eles adotam o erro, é porque não estão bastante avançados para compreender a verdade.”

302. Esperando até que a unidade se faça, cada um acha que tem a verdade do seu lado e defende ser o único certo, ilusão que os Espíritos enganadores não deixam de alimentar; então, para fazer o seu julgamento, em que poderia se basear o homem imparcial e desinteressado?

“A luz mais pura não é obscurecida por nenhuma nuvem; o diamante sem mácula é aquele que tem mais valor; portanto, julguem os Espíritos pela pureza de seus ensinamentos. A unidade se fará do lado onde o bem jamais seja misturado com o mal; é desse lado que os homens se ligarão, pela força das coisas, porque eles julgarão que aí está a verdade. Ademais, notem que os princípios fundamentais por toda parte são os mesmos e devem vos unir numa ideia comum: o amor de Deus e a prática do bem. Logo, qualquer que seja o modo de progressão que se imagine para as almas, o objetivo final e o meio de alcançá-lo é também o mesmo: fazer o bem. Ora, não há duas maneiras de fazê-lo. Se divergências capitais se levantarem quanto ao próprio princípio da doutrina, vocês terão uma regra certa para julgá-las, e a regra é esta: a melhor doutrina é aquela que melhor satisfaz ao coração e à razão, e aquela que tem mais elementos para conduzir os homens ao bem; eu garanto a vocês que essa é a doutrina que prevalecerá.”

O ESPÍRITO DE VERDADE.

Nota – As contradições que se apresentam nas comunicações espíritas podem derivar das seguintes causas: da ignorância de certos Espíritos; da mistificação dos

Espíritos inferiores que, por malícia ou maldade, dizem o contrário daquilo que foi dito noutra lugar pelo Espírito de quem eles usurpam o nome; da vontade do próprio Espírito que fala conforme as épocas, os lugares e as pessoas, e que pode julgar conveniente não dizer tudo a todo mundo; da insuficiência da linguagem humana para expressar as coisas do mundo espiritual; da insuficiência dos meios de comunicação, que nem sempre permitem ao Espírito reproduzir todo o seu pensamento; enfim, da interpretação que cada um pode dar a uma palavra ou a uma explicação, segundo suas ideias, seus preconceitos, ou o ponto de vista do qual encare o assunto. Só o estudo, a observação, a experiência e a abnegação de todo sentimento de vaidade podem ensinar a distinguir essas diversas variações.

Mistificações

303. Se é desagradável ser enganado, ainda mais desagradável é ser mistificado; aliás, esse é um dos inconvenientes mais fáceis de se proteger. Os meios de frustrar as armadilhas dos Espíritos enganadores vêm de todas as instruções precedentes; é por isso que não falaremos senão pouca coisa sobre isso. Aqui estão as respostas que os Espíritos nos deram a respeito:

1ª As mistificações são um dos escolhos mais desagradáveis do espiritismo prático; haverá algum meio de nos preservarmos deles?

“Parece-me que vocês podem encontrar a resposta em tudo o que já vos foi ensinado. Sim, certamente que há um meio simples para isso: o de não pedirem ao espiritismo senão o que ele possa dar a vocês; seu objetivo é o melhoramento moral da humanidade; contanto que não se afastem desse propósito, vocês jamais serão enganados, porque não há duas maneiras de compreender a verdadeira moral, a moral que todo homem de bom senso pode admitir.

“Os Espíritos vêm vos instruir e guiar para o caminho do bem e não para o das honras e da fortuna, nem vêm para servir vossas paixões mesquinhas. Se nunca lhe pedissem nada de fútil ou que estivesse fora de suas atribuições, jamais dariam ensejo aos Espíritos enganadores; disso vocês devem concluir que aquele que é mistificado só tem o que merece.

“O papel dos Espíritos não é vos informar sobre as coisas deste mundo, mas o de vos guiar com segurança no que vos possa ser útil para o outro mundo. Quando eles falam das coisas daqui de baixo é que julgam necessário, mas não porque o peçam. Se vocês acham nos Espíritos os substitutos dos adivinhos e dos feiticeiros, então é certo que serão enganados.

“Se os homens só precisassem se dirigir aos Espíritos para saber de tudo, então eles não teriam mais livre-arbítrio e sairiam do caminho traçado por Deus para humanidade. O homem deve agir por si mesmo; Deus não envia os Espíritos para aplainar a sua estrada material da vida, mas para preparar a estrada do futuro.”

— Mas, não há pessoas que não perguntam nada e que são enganadas indignamente por Espíritos que vêm espontaneamente sem serem chamados?

“Elas não perguntam nada, mas sentem prazer em ouvir, o que dá no mesmo. Se elas acolhessem com reserva e desconfiança tudo o que se afasta do objetivo essencial do espiritismo, os Espíritos levianos não as enganariam tão facilmente.”

2ª) Por que Deus permite que pessoas sinceras e que aceitam o espiritismo de boa vontade sejam mistificadas? Isso não poderia ter por inconveniência abalar a crença delas?

“Se isso abalasse a sua crença, seria porque a fé delas não era bastante sólida; os que renunciassem ao espiritismo por um simples desapontamento, provariam que não o compreenderam e que não se apegaram à parte séria. Deus permite as mistificações para provar a perseverança dos verdadeiros adeptos e para punir os que fazem disso um objeto de divertimento.”

O ESPÍRITO DE VERDADE.

Nota – A esperteza dos Espíritos mistificadores às vezes ultrapassa tudo o que se possa imaginar; a arte com que armam as suas baterias e combinam os meios de persuadir seria uma coisa curiosa se nunca passasse de brincadeiras inocentes, mas essas mistificações podem ter consequências desagradáveis para os que não estejam prevenidos. Estamos bastante felizes por termos podido abrir *a tempo* os olhos de várias pessoas que bem quiseram nos pedir o nosso conselho e por lhes ter poupado

de ações ridículas e comprometedoras. Entre os métodos que esses Espíritos empregam, é necessário colocar na primeira linha, como sendo os mais frequentes, os que têm por fim tentar a cobiça, como a revelação de supostos tesouros escondidos, o anúncio de heranças ou outras fontes de riquezas. Além disso, devemos considerar como suspeitas em primeiro lugar as predições com hora determinada, assim como todas as indicações precisas no tocante a interesses materiais. Devemos também ter cuidado com todo despacho prescrito ou aconselhado pelos Espíritos quando a finalidade não for eminentemente racional; jamais se deixar deslumbrar pelos nomes que os Espíritos adotam para dar uma aparência de veracidade às suas palavras; desconfiar das teorias e sistemas científicos ousados; enfim, desconfiar de tudo o que se afaste do propósito moral das manifestações. Nós preencheríamos um volume dos mais curiosos com a história de todas as mistificações que já chegaram ao nosso conhecimento.

CAPÍTULO XXVIII

CHARLATANISMO E EMBUSTE

Médiuns interesseiros – Fraudes espíritas

Médiuns interesseiros

304. Como tudo pode se tornar objeto de exploração, não há nada de espantoso em que alguém também quisesse explorar os Espíritos; resta saber como eles encarariam a questão, se algum dia tentassem apresentar tal especulação. Nós diremos primeiramente que nada se prestaria melhor ao charlatanismo e ao embuste do que uma profissão como essa. Se temos visto falsos sonâmbulos, veremos ainda muito mais falsos médiuns, e só isso já seria motivo de desconfiança. O desinteresse, ao contrário, é a resposta mais peremptória que podemos oferecer aos que não enxergam nos fatos nada mais do que um truque hábil. Não existe charlatanismo desinteressado; qual seria então a intenção das pessoas que usassem da mistificação sem proveito e ainda mais quando sua reconhecida honestidade os coloca acima de qualquer suspeita?

Se o lucro que um médium retira da sua faculdade pode ser um motivo de suspeita, isso jamais seria uma prova de que tal suspeita fosse fundamentada; logo, ele poderia ter uma verdadeira aptidão e agir de muito boa-fé ao mesmo tempo em que se beneficiasse; neste caso, vejamos se é razoavelmente possível esperar algum resultado satisfatório.

305. Quem compreendeu bem o que dissemos das condições necessárias para sirva de intérprete dos bons Espíritos, das numerosas causas que podem afastá-los, das circunstâncias independentes da sua vontade deles e que muitas

vezes são um obstáculo à sua vinda, enfim, de todas as condições *morais* que podem exercer uma influência sobre a natureza das comunicações, como poderíamos supor que um Espírito — por menos elevado que fosse — estivesse a cada hora do dia às ordens de um empresário de sessões e submisso às suas exigências para satisfazer à curiosidade do primeiro que aparecesse? Sabemos da aversão dos Espíritos por tudo o que cheira a cobiça e egoísmo, o pouco caso que eles fazem das coisas materiais; e ainda querem que eles ajudem a traficar a presença deles! Isso é repugnante ao pensamento, e seria preciso conhecer muito pouco a natureza do mundo espírita para acreditar que pudesse ser assim. Mas como os Espíritos levianos são menos escrupulosos e só procuram ocasião para se divertirem às nossas custas, ocorre que, o resultado é que se não for mistificado por um falso médium, tem-se toda a chance de ser mistificado por alguns de tais Espíritos. Só estas reflexões dão a medida do grau de confiança que devemos depositar nas comunicações desse gênero. De resto, para que serviriam hoje médiuns pagos, já que, se a própria pessoa não possui essa faculdade, ela pode encontrá-la na sua família, entre seus amigos ou entre conhecidos?

306. Médiuns interesseiros não são unicamente aqueles que poderiam exigir uma retribuição fixa; o interesse nem sempre se traduz pela espera de um ganho material, mas também pelas pretensões ambiciosas de qualquer tipo, sobre as quais podem se fundar esperanças particulares; esse também é um defeito que os Espíritos zombeteiros sabem muito bem explorar e do qual eles se aproveitam com habilidade, uma astúcia verdadeiramente marcante, embalando com enganosas ilusões aqueles que assim se colocam sob a dependência deles. Em resumo, a mediunidade é uma faculdade concedida para o bem, e os bons Espíritos se distanciam de todo aquele que pretenda fazer dela um degrau para chegar ao que quer que seja e que não corresponda aos desígnios da Providência. O egoísmo é a chaga da sociedade; os bons Espíritos a combatem, então não podemos supor que eles venham servi-lo. Isso é tão racional que seria inútil insistir mais sobre esse assunto.

307. Os médiuns de efeitos físicos não estão na mesma categoria, pois esses efeitos geralmente são produzidos pelos Espíritos inferiores menos

escrupulosos. Não estamos dizendo que tais Espíritos sejam necessariamente maus por isso: um ignorante pode ser um homem muito honesto; um médium desta categoria, que quisesse explorar a sua faculdade, poderia então ter quem o ajudassem sem grande repugnância; mas ainda nesse caso outro inconveniente se apresenta: o médium de efeitos físicos — não mais do que aquele de comunicações inteligentes — não recebeu sua faculdade para seu prazer; ela lhe foi dada sob a condição de fazer dela um bom uso, e se ele abusar dela, ela pode ser retirada dele ou ser revertida em seu detrimento, porque definitivamente os Espíritos inferiores estão sob às ordens dos Espíritos superiores.

Os Espíritos inferiores gostam muito de mistificar, mas não gostam de ser mistificados; se eles se entregam voluntariamente à brincadeira e às coisas de curiosidade, porque gostam de se divertir, por outro lado eles não gostam — mais do que os outros — de ser explorados, nem servir de comparsas para fazer o lucro aumentar, e a todo instante eles provam que têm vontade própria, que agem quando e como bem lhes parece, o que faz com que o médium de efeitos físicos esteja ainda menos seguro da regularidade das manifestações do que o médium escrevente. Pretender produzi-los em dias e horas determinados seria dar prova da mais profunda ignorância. Que fazer então para ganhar seu dinheiro? Simular os fenômenos; é isso o que pode acontecer não somente aos que fazem disso uma profissão declarada, mas também às pessoas aparentemente simples que acham esse meio mais fácil e mais cômodo do que trabalhar. Se o Espírito não dá, pode-se compensá-lo: como a imaginação é fértil quando se trata de ganhar dinheiro! O interesse sendo um motivo legítimo de suspeita, ele dá direito a um rigoroso exame, com o qual ninguém poderá se ofender sem justificar as suspeitas. Porém, quanto mais a desconfiança for legítima neste caso, tanto mais ofensiva ela será perante pessoas honradas e desinteressadas.

308. A faculdade medianímica — mesmo restrita aos limites das manifestações físicas — não foi dada para desfilhar nos palcos, e quem pretendesse ter os Espíritos às suas ordens para os exhibir em público, com razão, pode estar sob suspeita de charlatanismo ou de prestidigitação mais ou

menos hábil. Que estejamos avisados todas as vezes que virmos anúncios de supostas sessões de *espiritismo* ou de *espiritualismo* a um preço para cada lugar, e que nos lembremos da taxa que se paga ao entrar.

De tudo o que foi dito, concluímos que o mais absoluto desinteresse é a melhor garantia contra o charlatanismo; se ele nem sempre assegura o altruísmo das comunicações inteligentes, ao menos priva os maus Espíritos de um poderoso meio de ação e fecha a boca de certos detratores.

309. Restaria o que poderíamos chamar embuste dos amadores, quer dizer, as fraudes inocentes de alguns brincalhões de mau gosto. Sem dúvida, o embuste pode ser praticado como passatempo nas reuniões levianas e frívolas, mas não nas assembleias sérias onde só são permitidas pessoas sérias. Além disso, é possível que alguém se dê o prazer de uma mistificação momentânea; mas seria preciso ser dotado de uma estranha paciência para representar esse papel por meses e anos, e a cada vez durante várias horas consecutivas. Só um interesse qualquer poderia dar essa perseverança, mas o interesse — repetimos — pode fazer tudo se tornar suspeito.

310. Talvez digam que um médium que dedica todo o seu tempo ao público, no interesse da causa, não pode fazer isso de graça porque ele precisa viver. Mas, é no interesse da causa ou no *seu próprio* que ele se dedica? Não seria antes por que ele vê nisso uma profissão lucrativa? Por esse preço, sempre haverá gente dedicada. Ele só tem essa indústria à sua disposição? Não esqueçamos que os Espíritos — qualquer que seja a sua superioridade ou inferioridade — são as almas dos mortos e que, enquanto a moral e a religião consideram um dever respeitar os restos mortais, a obrigação de respeitar o seu Espírito é maior ainda.

O que diriam daquele que tirasse um corpo do túmulo e o exibisse por dinheiro, já que esse corpo ser de natureza a provocar curiosidade? Seria menos desrespeitoso exhibir o Espírito do que exhibir o corpo sob o pretexto de que é curioso ver como um Espírito age? Notemos bem que o preço dos lugares será proporcional aos truques que ele poderá fazer e da atratividade do espetáculo. Certamente, se ele tivesse sido um ator quando era vivo, não

suspeitaria que depois de morto encontraria um diretor que, em seu proveito particular, o fizesse representar a peça de graça.

Não podemos esquecer que as manifestações físicas — assim como as inteligentes — só são permitidas por Deus para nossa instrução.

311. Considerações morais à parte, não contestamos de nenhum modo que possa haver médiuns interesseiros honrados e conscienciosos, porque há gente honesta em todas as profissões; estamos falando apenas do abuso. Mas, pelos motivos que expusemos, devemos convir que há mais razão para o abuso entre os médiuns remunerados do que entre os que, considerando sua faculdade uma graça, não a empregam a não ser para prestar serviço.

O grau da confiança ou de desconfiança que podemos depositar em um médium pago depende antes de tudo da estima que o seu caráter e a sua moralidade impõem — além das circunstâncias. O médium que, com um objetivo eminentemente sério e útil, fosse impedido de empregar o seu tempo de outra maneira e, por essa razão, fosse **exonerado**, não pode ser confundido com o médium **especulador**, aquele que, com um desígnio premeditado, faz da sua mediunidade uma indústria. Conforme **o motivo e o objetivo**, os Espíritos podem então condenar, absolver e até favorecer; eles julgam mais a intenção do que o fato material.

312. Os sonâmbulos que utilizam sua faculdade de um modo lucrativo não estão no mesmo caso. Embora essa exploração esteja sujeita a abusos, e o desinteresse seja a maior garantia de sinceridade, a situação é diferente, tendo-se em vista que é o seu próprio Espírito que atua; conseqüentemente, ele está sempre à sua disposição, e na realidade eles só exploram a si mesmos, porque eles são livres para dispor de sua pessoa como bem o entendem, ao passo que os médiuns especuladores exploram as almas dos mortos. (Veja o item 172, *Médiuns sonambúlicos*.)

313. Não ignoramos que a nossa severidade com relação aos médiuns interesseiros desperta contra nós todos aqueles que exploram ou seriam tentados a explorar essa nova indústria, e faz deles nossos inimigos ferozes, a

exemplo dos seus amigos, que naturalmente agem em sua defesa; nós nos consolamos ao nos lembrarmos de que os mercadores expulsos do templo por Jesus também não o viam com bons olhos. Assim, temos contra nós pessoas que não consideram a questão com a mesma gravidade; entretanto, acreditamos que temos o direito de ter uma opinião e de emití-la; não obrigamos ninguém a adotá-la. Se uma imensa maioria a apoia é porque aparentemente a acharam justa, pois, de fato, não vemos como poderíamos provar que não há mais chances de encontrarmos fraudes e abusos na especulação do que no desinteresse. Quanto a nós, se os nossos textos têm contribuído para lançar descrédito sobre a mediunidade interesseira, na França e em outros países, cremos que isso não será um dos menores serviços que teremos prestado ao espiritismo *sério*.

Fraudes espíritas

314. Os que não admitem a realidade das manifestações físicas geralmente atribuem os efeitos produzidos à fraude. Eles se baseiam no fato de que os prestidigitadores habilidosos fazem coisas que parecem prodígios, quando não se conhece seus segredos; donde eles concluem que os médiuns não passam de escamoteadores. Nós já rebatemos este argumento, ou melhor, esta opinião, principalmente nos nossos artigos sobre o Sr. Home e nos números da *Revista espírita* de janeiro e fevereiro de 1858. Por isso, não diremos mais do que algumas palavras a respeito, antes de falarmos de uma coisa mais séria.

Aliás, há uma consideração que não escapará a qualquer um que reflita um pouco. Sem dúvidas, existem prestidigitadores de uma prodigiosa habilidade, mas eles são raros. Se todos os médiuns praticassem a escamoteação, seria preciso reconhecer que essa arte teria feito em pouco tempo incríveis progressos, e que teria se tornado subitamente muito comum, já que se encontraria em estado inato em pessoas que nem suspeitavam dela — até mesmo em crianças.

Do fato de haver charlatões que vendem remédio nas praças públicas, e

de haver até mesmo médicos que, sem irem à praça pública, enganam a confiança, será que todos os médicos são charlatães e que a classe médica seja afetada na sua consideração? Do fato de haver gente que vende tintura por vinho, resulta que todos os comerciantes de vinho sejam falsificadores e que não há vinho puro? As pessoas abusam de tudo, até mesmo das coisas mais respeitáveis, e bem se pode dizer que a fraude também tem o seu gênio. Mas a fraude sempre tem uma finalidade, um interesse material qualquer; onde não se tem nada a ganhar, não há interesse em enganar. Então, a propósito dos médiuns mercenários, nós temos dito que a melhor de todas as garantias é o desinteresse absoluto.

315. De todos os fenômenos espíritas, os que mais se prestam à fraude são os fenômenos físicos, pelos motivos que é útil levar em consideração. Primeiro porque eles se dirigem mais aos olhos do que à inteligência, esses são os fenômenos que a prestidigitação pode imitar com mais facilidade. Em segundo lugar porque, despertando a curiosidade mais do que os outros, eles são mais apropriados a atrair as multidões, e por isso são os mais produtivos. Desse duplo ponto de vista, portanto, os charlatães têm todo interesse em simular esses tipos de manifestações; os espectadores, que na sua maioria são estranhos à ciência, geralmente vão buscar nisso muito mais uma distração do que uma instrução séria, e nós sabemos que sempre se paga melhor pelo que diverte do que pelo que instrui. Porém, fora isso, existe outro motivo não menos decisivo: se a prestidigitação pode imitar efeitos materiais para os quais basta apenas destreza, até ao presente não conhecemos nele o dom de improvisação, que requer uma dose de inteligência pouco comum, nem o dom de produzir esses belos e sublimes ditados, frequentemente tão repletos de propósitos que os Espíritos ditam em suas comunicações. Isto nos faz lembrar o fato seguinte:

Um intelectual bastante conhecido veio um dia ter conosco e nos disse que ele era um excelente médium escrevente *intuitivo* e que se colocava à disposição da sociedade espírita⁷³. Como nós temos por hábito só admitir na sociedade aqueles médiuns cujas faculdades nós conhecemos, então o

⁷³ Referência à Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, fundada e presidida por Allan Kardec. — N. T.

rogamos que antes ele tivesse a bondade de nos dar suas provas em uma reunião particular. Ele compareceu à reunião, de fato; na ocasião, vários médiuns experimentados deram dissertações e respostas de notável precisão a respeito das questões propostas e de assuntos desconhecidos para eles. Quando chegou a vez daquele senhor, ele escreveu algumas palavras insignificantes, dizendo que estava indisposto nesse dia, e depois nunca mais o vimos; com certeza ele achou que o papel de médium de efeitos inteligentes fosse mais difícil de representar do que acreditava.

316. Em todas as coisas, as pessoas mais fáceis de se enganar são as que não são do ramo; acontece o mesmo com o espiritismo: aqueles que não o conhecem são mais facilmente iludidas pelas aparências; porém, um estudo preliminar, feito com atenção, não só lhes apresenta a causa dos fenômenos como também apresenta as condições normais em que esses fenômenos podem se produzir, e assim, esse estudo lhe fornece os meios de reconhecer a fraude, se ela existir.

317. Os médiuns enganadores foram estigmatizados — como merecem — na seguinte carta que reproduzimos na *Revista espírita* de agosto de 1861:

Paris, 21 de julho de 1861.

Senhor.

Podemos estar em desacordo sobre alguns pontos, e estar em perfeito acordo sobre outros. Acabo de ler, na página 213 do último número do vosso jornal, as reflexões sobre a fraude em matéria de experiências espiritualistas (ou espíritas), as quais eu tenho a satisfação de me associar com todas as minhas forças. Aqui, toda dissidência em matéria de teorias e de doutrinas desaparecem como que por encanto.

Talvez eu não seja tão severo quanto o senhor, com relação aos médiuns que, de forma digna e conveniente, aceitem uma remuneração como indenização do tempo que dedicam a experiências muitas vezes longas e fatigantes; porém eu sou rigoroso tanto quanto o senhor — e nunca o seríamos o bastante — com relação aos que nessa ocasião suprem a ausência ou a insuficiência dos resultados prometidos e esperados pela trapaça e pela fraude. (Ver o item 311.)

Quando se trata de fenômenos obtidos pela intervenção dos Espíritos,

misturar o falso com o verdadeiro é absurdamente uma infâmia, e haveria obliteração do senso moral no médium que julgasse poder fazer isso sem escrúpulo.

Assim como o senhor perfeitamente observou, *isso significa lançar descrédito sobre a causa na consciência dos indecisos, já que a fraude está reconhecida*. Acrescentarei que isso é comprometer do modo mais deplorável os homens honrados que prestam aos médiuns o apoio desinteressado de seus conhecimentos e de suas luzes, que fazem de si fiadores de sua boa-fé e que de alguma forma os patrocinam; isso é cometer contra eles uma verdadeira traição.

Todo médium que fosse flagrado com truques fraudulentos; que fosse apanhado *com a boca na botija* — para me servir de uma expressão um tanto trivial — mereceria ser banido ao esquecimento por todos os espiritualistas ou espíritas do mundo, para quem seria um rigoroso dever desmascará-los e excluí-los.

Se vos for conveniente, Senhor, inserir estas breves linhas no vosso jornal, elas estão à vossa disposição.

Aceite-as!

MATEUS

318. Nem todos os fenômenos espíritas são igualmente fáceis de imitar e existem alguns deles que evidentemente desafiam toda a habilidade da prestidigitação, são eles principalmente: o movimento dos objetos sem contato, a suspensão dos corpos pesados no ar, as pancadas de diferentes lados, as aparições etc., salvo o emprego de truques e de cumplicidade; é por isso que dizemos que o é que necessário em tal caso é observar atentamente as circunstâncias e sobretudo ter em conta o caráter e a posição das pessoas, o objetivo e o interesse que elas possam ter em enganar: esse é o melhor de todos os controles, pois há circunstâncias que excluem todos os motivos de suspeita. Pensamos então, em princípio, que devemos desconfiar de quem quer que fizesse desses fenômenos um espetáculo ou objeto de curiosidade e de divertimento e que pretendesse produzi-los à sua vontade e quando bem quiser, assim como já explicamos. Nunca será demais repetir que as inteligências ocultas que se manifestam para nós têm suas suscetibilidades, e querem nos provar que elas também têm seu livre-arbítrio e que não se submetem aos nossos caprichos. (Ver item 38.)

Basta-nos assinalar alguns subterfúgios usados, ou que possam ser empregados em certos casos, para prevenirmos os observadores de boa-fé contra as fraudes. Quanto às pessoas que teimam em julgar sem aprofundar, seria tempo perdido procurar desiludi-los.

319. Um dos fenômenos mais comuns é o das pancadas no interior da própria substância da madeira — com ou sem o movimento da mesa ou de outro objeto usado. Esse efeito é um dos mais fáceis de ser imitado, seja pelo contato dos pés, seja provocando-se pequenos estalidos no móvel; mas há uma pequena artimanha especial que é útil desvendarmos. Basta pôr as duas mãos espalmadas sobre a mesa e bastante aproximadas para que as unhas dos polegares se apoiem fortemente uma contra a outra; então, por um movimento muscular inteiramente imperceptível, faz-se produzir nelas um atrito que dá um pequeno ruído seco, tendo uma grande semelhança com o da tiptologia íntima. Esse ruído repercute na madeira e produz uma completa ilusão. Nada mais fácil do que fazer que se ouçam quantas pancadas se queiram, um rufo do tambor etc., responder a certas perguntas com sim ou não, com números, ou até mesmo pela indicação das letras do alfabeto.

Uma vez prevenido, o modo de descobrir a fraude é muito simples. Ela deixa de ser possível se as mãos estiverem afastadas uma da outra e se estivermos seguros de que nenhum outro contato possa produzir o ruído. Além disso, as pancadas verdadeiras apresentam esta característica: elas mudam de lugar e de timbre à vontade, o que não pode ser quando for devido à causa que indicamos ou a qualquer outra causa parecida; essas pancadas também saltam da mesa para se produzirem em outro móvel qualquer em que ninguém esteja tocando, nas paredes, no forro etc., e que enfim respondem a questões não previstas. (Veja o item 41.)

320. A escrita direta é ainda mais facilmente imitável; sem falar dos agentes químicos bem conhecidos para fazer depois de algum tempo a escrita aparecer no papel em branco — o que podemos impedir com as mais simples precauções —, pode acontecer que por uma hábil trapaça se substitua um papel por outro. Poderá ser também que aquele que quisesse fraudar tenha a

arte de desviar as atenções enquanto escreva rapidamente algumas palavras. Já nos foi dito também que viram alguém escrever assim com um pedaço de ponta de lápis escondido debaixo da unha.

321. O fenômeno do movimento de objetos não é menos usado para embuste, e facilmente se pode ser enganado por um escamoteador mais ou menos esperto, sem que ele tenha necessidade de ser um prestidigitador de profissão. No parágrafo especial que publicamos anteriormente (Item 96) os próprios Espíritos determinaram as condições excepcionais nas quais ele se produz, donde podemos concluir que a obtenção *fácil* e *facultativa* deve no mínimo ser considerada suspeita. A escrita direta está no mesmo caso.

322. No capítulo dos *Médiuns especiais*, nós mencionamos, segundo os Espíritos, as aptidões medianímicas comuns e as que são raras. Com isso, convém desconfiar de médiuns que pretendam ter estas últimas com muita facilidade, ou que ambicionem ter uma multiplicidade de faculdades — pretensão que só muito raramente se justifica.

323. Conforme as circunstâncias, as manifestações inteligentes são as que oferecem mais garantias, mas ainda assim elas não estão livres da imitação, pelo menos no que se refere às comunicações banais e vulgares. Alguns acreditam ter mais segurança com os médiuns mecânicos, não só pela independência das ideias como também contra as mistificações; é por essa razão que certas pessoas preferem os intermediários materiais. Pois bem! Isso é um erro. A fraude se infiltra por toda parte, e nós sabemos que, com habilidade, podemos dirigir à vontade até mesmo uma cesta ou uma prancheta que escreve e lhe dar todas as aparências dos movimentos espontâneos. O que pode afastar todas as dúvidas são os pensamentos expressos, que eles venham de um médium mecânico, intuitivo, audiente, falante ou vidente. Há comunicações que são tão além das ideias, dos conhecimentos e até mesmo do alcance intelectual do médium, que seria necessário iludir-se absurdamente para atribuí-las a ele. Reconhecemos no charlatanismo uma grande habilidade e vastos recursos, mas ainda não

conhecemos nele o dom de dar sabedoria a um ignorante, nem inteligência a quem não a tenha.

Em resumo, nós repetimos, a melhor garantia está na moralidade notória dos médiuns e na ausência de todas as causas de interesse material ou de orgulho, que poderia estimular neles o exercício das faculdades medianímicas que ele possua, porque essas mesmas causas poderiam induzi-los a simular aquelas que ele não tem.

CAPÍTULO XXIX

REUNIÕES E SOCIEDADES ESPÍRITAS

**Reuniões em geral – Sociedades propriamente ditas
– Assuntos para estudos – Rivalidades entre as sociedades**

Reuniões em geral

324. As reuniões espíritas podem ter muitíssimas vantagens naquilo que elas permitem esclarecer pela troca de ideias, pelas questões e pelas observações que cada qual pode fazer e das quais todo mundo se beneficia; mas, para colhermos todos os seus frutos desejáveis, elas requerem condições especiais que nós vamos examinar, pois seria errado igualá-las às sociedades comuns. Além do mais, sendo as reuniões um conjunto coletivo, o que lhes diz respeito é a consequência naturalmente das instruções anteriores e elas têm que tomar as mesmas precauções e se proteger dos mesmos perigos que os indivíduos; é por isso que colocamos esse capítulo por último.

As reuniões espíritas têm características muito diferentes, conforme o objetivo que lhes propomos e, por isso mesmo, sua condição de ser também deve ser diferente. Segundo sua natureza, elas podem ser *frívolas*, *experimentais* ou *instrutivas*.

325. As *reuniões frívolas* se compõem de pessoas que só enxergam o lado divertido das manifestações, que se entretêm com as brincadeiras dos Espíritos levianos, que gostam bastante desses tipos de assembleias, onde eles têm toda a liberdade para se exibirem e às quais eles não faltam. É nessas

reuniões que se pergunta banalidades de toda qualidade, que se pede para os Espíritos lerem o futuro, que se põe à prova a perspicácia deles para adivinhar a idade ou o que cada um tem no bolso, para revelar segredinhos e mil outras coisas dessa importância.

Essas reuniões não trazem resultado, mas como às vezes os Espíritos levianos são muito inteligentes e, em geral, têm um humor descontraído e jovial, nelas frequentemente acontecem coisas bem curiosas de que o observador pode tirar proveito; aquele que só tivesse visto isso e julgasse o mundo dos Espíritos por essa amostra faria uma ideia tão falsa do mundo espiritual tanto quanto quem julgasse toda a sociedade de uma grande cidade pela amostra de alguns quarteirões. O simples bom senso diz que os Espíritos elevados não vir em tais reuniões, nas quais os espectadores não são mais sérios do que os atores. Quem queira se ocupar com coisas fúteis deve francamente chamar os Espíritos levianos, assim como chamaria comediantes para divertir um público; mas seria uma profanação convidar nomes venerados para misturar o sagrado com o profano.

326. As *reuniões experimentais* têm mais particularmente por objetivo a produção das manifestações físicas. Para muitas pessoas, elas são um espetáculo mais curioso que instrutivo; os incrédulos saem delas mais intrigados do que convencidos quando não tiverem visto nada excepcional, e todo o seu pensamento estará voltado para a procura de truques, pois, não entendendo nada, eles naturalmente passam a suspeitar de fraudes. De maneira totalmente diferente ocorre com aqueles que estudaram o fenômeno, porque compreendem previamente a possibilidade, e a partir dos fatos positivos eles encaminham sua convicção, ou já a alcançam. Se tivesse havido alguma falcatrua, eles estariam em condições de descobri-la.

Não obstante isso, esses tipos de experiências trazem uma utilidade que ninguém poderia ignorar, pois foram elas que revelaram as leis que regem o mundo invisível — e para muita gente, sem dúvidas elas são um poderoso meio de convicção. Mas, continuamos defendendo que elas por si só não podem iniciar ninguém na ciência espírita, assim como a amostragem de um engenhoso mecanismo não torna conhecida a mecânica para quem não

conheça suas leis; contudo, se essas reuniões fossem dirigidas com metodologia e prudência, então nós obteríamos delas resultados muito melhores. Voltaremos em breve a este assunto.

327. As *reuniões instrutivas* têm um caráter muito diferente, e como são destas que podemos tirar o verdadeiro ensinamento, nós insistiremos mais nas condições que elas devem cumprir.

A primeira de todas é que continuem sérias, na definição integral da palavra. É preciso estar convencido de que os Espíritos a quem queremos nos dirigir sejam de uma natureza toda especial; que, o sublime podendo se aliar ao trivial, nem o bem ao mal, se quisermos obter coisas boas, então precisamos nos dirigir aos bons Espíritos. Mas não basta chamar bons Espíritos; é preciso — como condição expressa — estar em condições propícias para que eles *queiram realmente* vir; ora, Espíritos superiores não virão nas assembleias de homens levianos e superficiais, como não viriam quando eram vivos.

Uma sociedade não é verdadeiramente séria a não ser com a condição de se ocupar com objetivos úteis, com exclusão dos demais; se ela aspira obter fenômenos extraordinários por mera curiosidade ou por passatempo, os Espíritos que os produzam poderão vir, mas os outros se afastarão. Numa palavra, qualquer que seja o caráter de uma reunião, haverá sempre Espíritos dispostos a assistir as suas tendências. Portanto, uma reunião séria se afasta de seu objetivo se ela troca o ensinamento pelo divertimento. Como dissemos, as manifestações físicas têm sua utilidade; quem quiser ver, que vá nas reuniões experimentais; quem quiser compreender, que vá nas reuniões de estudos. É assim que uns e outros poderão completar sua instrução espírita, tal como no estudo de medicina uns vão às aulas e outros vão à clínica.

328. O aprendizado espírita não abrange apenas o ensinamento moral dado pelos Espíritos, mas também o estudo dos fatos; cabe a este a teoria de todos os fenômenos, a pesquisa das causas e conseqüentemente a constatação do que é possível e do que não é; em suma, a observação de tudo o que possa contribuir para o avanço da ciência. Ora, seria um engano acreditarmos que

os fatos estejam limitados aos fenômenos extraordinários; que aqueles que impressionam mais os sentidos sejam os únicos dignos de atenção; nós os encontramos a cada passo nas comunicações inteligentes e que os homens reunidos para estudar não poderiam negligenciar; esses fatos, que seria impossível enumerar, surgem de uma série de circunstâncias casuais; embora menos salientes, nem por isso eles são menos dignos do mais alto interesse para o observador que neles encontra ou a confirmação de um princípio conhecido ou a revelação de um princípio novo que o faz penetrar um pouco mais nos mistérios do mundo invisível; é assim também com a filosofia.

329. Além disso, as reuniões de estudo são de uma imensa utilidade para os médiuns de manifestações inteligentes, principalmente para aqueles que têm um desejo sério de se aperfeiçoar e que não comparecerem a elas com uma tola presunção de infalibilidade. Como já dissemos, um dos grandes desafios da mediunidade está na obsessão e na fascinação, pois os médiuns podem se iludir de muita boa-fé quanto ao mérito daquilo que receberam, e nós entendemos que os Espíritos enganadores têm o caminho aberto quando apenas lidam com um cego; é por isso que eles afastam o seu médium de toda verificação; que se for preciso eles chegam até mesmo a fazê-lo tomar aversão a qualquer pessoa que pudesse esclarecê-lo, e graças ao isolamento e à fascinação eles podem facilmente levá-lo a aceitar tudo o que eles queiram.

Nunca será demais repetir: aí se encontra não somente um desafio, mas também um perigo; sim — nós afirmamos —, um verdadeiro perigo. O único meio de escapar dele é pelo controle de pessoas desinteressadas e benévolas que, julgando as comunicações com sangue frio e imparcialidade, possam lhe abrir os olhos e lhe fazer perceber o que ele não pode ver por si mesmo. Ora, todo médium que teme esse julgamento já está no caminho da obsessão; aquele que acredita que a luz foi feita só para ele está completamente subjugado; se ele leva a mal as observações, se as rejeita, se ele se irrita com elas, então não há dúvida sobre a má natureza do Espírito que o auxilia.

Como nós temos dito, um médium pode carecer dos conhecimentos necessários para perceber os erros; ele pode se deixar iludir por palavras fortes e por uma linguagem pretensiosa, ser seduzido por sofismas, e isso com

a maior boa-fé do mundo; isso é porque, na falta de luzes próprias, ele deve modestamente recorrer à dos outros, segundo aqueles dois ditados, que *quatro olhos enxergam melhor do que dois* e que *ninguém é bom juiz em causa própria*. É desse ponto de vista que as reuniões são de uma grande utilidade para o médium, se ele for bastante sensato para ouvir as opiniões, já que nelas se encontrarão pessoas mais esclarecidas do que ele e que perceberão as nuances — muitas vezes tão delicadas — pelas quais o Espírito trai a sua inferioridade.

Todo médium que sinceramente deseje não ser joguete da mentira deve então procurar participar das reuniões serias, trazendo a elas o que estiver obtendo em particular; deve aceitar com gratidão, e até mesmo solicitar o exame crítico das comunicações que ele recebe. Se estiver no alvo de Espíritos enganadores, essa será a maneira mais segura de se desembaraçar deles, provando-lhes que não podem enganá-lo. Aliás, o médium que se irrita com a crítica está ainda mais sem razão quanto menos seu amor-próprio estiver envolvido, porque o que ele diz não vem dele, e ele não é responsável por isso mais do que se ele lesse os versos de um mau poeta.

Insistimos nesse ponto porque, se isso é um desafio para os médiuns, também é para as reuniões nas quais é importante não dar a menor confiança a todos os intérpretes dos Espíritos. A cooperação de qualquer médium obsidiado ou fascinado seria mais nocivo do que útil; então elas não devem aceitá-lo. Cremos que já relatamos os argumentos suficientes para que lhe seja impossível se equivocar acerca das características da obsessão, se o médium não a puder reconhecer por si mesmo; um dos mais salientes é, sem dúvidas, a pretensão de ser o único a ter razão contra todo mundo. Os médiuns obsidiados que não querem concordar com isso se assemelham a aqueles doentes que se iludem sobre a própria saúde e se perdem por não se submeterem a um regime saudável.

330. O que uma reunião séria deve ter como propósito é afastar os Espíritos mentirosos; ela cairia em erro se acreditasse estar livre do julgo deles só por causa do seu propósito e da qualidade de seus médiuns; ela só conseguirá isso enquanto ela própria estiver em condições favoráveis.

Para compreender bem o que se passa nessas circunstâncias, pedimos que todos confirmem o que dissemos no item 231, sobre a *Influência do meio*. É preciso imaginar cada indivíduo como que cercado de certo número de acólitos invisíveis que se identificam com o seu caráter, com seus gostos e com seus pendores. Assim sendo, toda pessoa que entra numa reunião traz consigo Espíritos que lhe são simpáticos. Dependendo do número e da natureza deles, esses auxiliares podem exercer sobre a assembleia e sobre as comunicações uma influência boa ou má. Uma reunião perfeita seria aquela em que todos os participantes, animados por um igual amor ao bem, trouxessem consigo somente bons Espíritos; na falta da perfeição, a melhor será aquela onde o bem prevalece sobre o mal. Isso é bastante lógico para que seja necessário insistir.

331. Uma reunião é um ser coletivo cujas qualidades e propriedades são a resultante de todas as dos seus membros, formando como que um feixe; ora, esse feixe terá mais força quanto mais ele for homogêneo. Quem entendeu bem o que foi dito (Item 282, pergunta 5) sobre a maneira como os Espíritos são avisados do nosso chamado então compreenderá facilmente a força da associação de pensamentos dos participantes. Se o Espírito é de algum modo afetado pelo pensamento, como nós somos pela voz, vinte pessoas se unindo numa mesma intenção terão necessariamente mais força do que uma só; mas para que todos esses pensamentos contribuam com o mesmo propósito, é preciso que vibrem em uníssono; que eles se confundam, por assim dizer, em um só — o que não pode acontecer sem concentração.

Por outro lado, chegando a um meio completamente simpático, o Espírito aí se sentirá mais à vontade; encontrando só amigos, ele virá mais voluntariamente e estará mais disposto a responder. Quem acompanhar com atenção as manifestações espíritas inteligentes poderá se convencer dessa verdade. Se os pensamentos forem divergentes, o resultado será um choque de ideias desagradável para o Espírito e, por conseguinte, prejudicial à manifestação. É o mesmo que acontece com um homem que deva falar numa assembleia: se ele sentir que todos os pensamentos lhes são simpáticos e benévolos, a impressão que ele receberá vai então reagir sobre as suas

próprias ideias e lhes dar mais vivacidade; a unanimidade dessa assistência exerce sobre ele uma espécie de ação magnética que multiplica seus recursos, ao passo que a indiferença ou a hostilidade o perturba e o paralisa; é assim que os atores ficam eletrizados com os aplausos. Ora, como os Espíritos são muito mais sensíveis que os humanos, eles devem sentir ainda mais a influência do meio.

Desta forma, toda reunião espírita deve tender para a homogeneidade o máximo possível. Está bem entendido aqui que falamos daquelas reuniões que querem chegar a resultados sérios e verdadeiramente úteis; se o que se quer é meramente obter comunicações, sem se preocupar com a qualidade de quem as dita, é evidente que todas essas precauções deixam de ser necessárias; mas então, ninguém poderá se queixar da qualidade do produto.

332. Já que o recolhimento e a comunhão dos pensamentos são as condições essenciais de toda reunião séria, então é compreensível que o número muito grande de participantes é uma das causas mais contrárias para a homogeneidade. Certamente não há nenhum limite absoluto para esse número, e concebemos que cem pessoas suficientemente concentradas e atentas estarão em melhores condições do que dez pessoas que estivessem distraídas e bulhentas; mas também é evidente que, quanto maior for o número, mais essas condições serão difíceis de se cumprir. Aliás, é um fato provado pela experiência que os pequenos círculos íntimos são sempre mais favoráveis para belas comunicações, e isso pelos motivos que expomos.

333. Existe ainda outro ponto que não é menos necessário: a regularidade das reuniões. Em todas elas sempre há aqueles que poderíamos chamar de Espíritos *frequentes*, e não estamos nos referindo aos que se encontram em toda parte e que se metem em tudo; estamos falando tanto de Espíritos protetores quanto daqueles que são interrogados mais assiduamente. Não devemos supor que esses Espíritos não tenham outra coisa a fazer senão nos ouvir; eles têm suas ocupações e, além disso, podem estar em condições desfavoráveis para serem evocados. Quando as reuniões são realizadas em dias e horas certos eles se organizam de acordo e é raro que faltem a elas. Há

até alguns que levam a pontualidade ao excesso; eles ficam ofendidos com um atraso de quinze minutos, e se eles mesmos marcarem o horário do encontro, seria em vão chamá-los alguns minutos antes. Acrescentemos, todavia, que embora os Espíritos prefiram a regularidade, aqueles que são realmente superiores não são meticulosos a tal ponto. A exigência de uma pontualidade rigorosa é sinal de inferioridade, como tudo o que é pueril. Sem dúvidas, eles podem vir fora das horas determinadas, e vêm com muita boa vontade — se o objetivo for útil. Porém, nada é mais prejudicial às boas comunicações do que chamá-los a torto e a direito, quando a fantasia nos domina, e sobretudo sem motivo sério; como eles não são forçados a se submeterem aos nossos caprichos, eles podem muito bem não nos atender, e é principalmente nessa hora que outros podem o seu lugar e seus nomes.

Sociedades propriamente ditas

334. Tudo o que dissemos sobre as reuniões em geral se aplica naturalmente às sociedades regularmente constituídas; estas, entretanto, têm que lutar contra algumas dificuldades especiais que surgem dos próprios vínculos que unem seus membros. Como várias vezes nos foram solicitados alguns conselhos sobre a organização das sociedades, então nós a resumiremos aqui.

O espiritismo — que apenas acaba de nascer — ainda é diversamente apreciado e muito pouco compreendido em sua essência por grande parte dos seus adeptos para oferecer um laço poderoso entre os membros daquilo que poderíamos chamar de associação. Esse vínculo não pode existir a não ser entre aqueles que viram nele o objetivo moral, que o compreendem e **o aplicam a si mesmos**. Entre aqueles que veem nele somente fatos mais ou menos curiosos, não pode existir nenhum laço sério; colocando os fatos acima dos princípios, basta uma simples divergência quanto à maneira de encará-los para dividi-los. O mesmo já não se dá com os primeiros, pois quanto à questão moral, não pode haver duas maneiras de vê-la. Também é notável que onde quer que eles se encontrem, uma confiança mútua os atrai uns para os outros; a gentileza mútua que reina entre eles exclui o acanhamento e o

constrangimento que nascem da suscetibilidade, do orgulho que se irrita com a menor contradição e do egoísmo que reclama tudo para si. Uma Sociedade onde tais sentimentos reinassem completamente, onde as pessoas se reunissem com o propósito de se educarem pelos ensinamentos dos Espíritos e não na expectativa de verem coisas mais ou menos interessantes, ou para fazer prevalecer a sua opinião, então essa sociedade — nós afirmamos — seria não só viável, mas também indissolúvel. A dificuldade de ainda reunir numerosos elementos homogêneos sob esse ponto de vista nos leva a dizer que, no interesse dos estudos e mesmo pelo bem da causa, as reuniões espíritas devem antes visar se multiplicar em pequenos grupos em vez de procurar formar grandes aglomerações. Esses grupos, correspondendo entre si, visitando-se e trocando observações, podem desde já formar o núcleo da grande família espírita, que um dia juntará todas as opiniões e unirá os homens num mesmo sentimento de fraternidade, selado pela caridade cristã.

335. Nós já vimos de quanta importância é a uniformidade de sentimentos para a obtenção de bons resultados; essa unidade é necessariamente tanto mais difícil de se obter quanto maior for o número. Nas pequenas comissões todos se conhecem melhor e estão mais seguros quanto aos elementos que nela são introduzidos; o silêncio e a concentração aí são mais fáceis e tudo se passa como em família. As grandes assembleias excluem a intimidade pela variedade dos elementos que as compõem; elas exigem locais especiais, recursos financeiros e um aparelho administrativo inútil nos pequenos grupos; a divergência de caracteres, de ideias e de opiniões ficam mais bem definidas nelas, e isso oferece aos Espíritos perturbadores mais facilidade para semear a discórdia. Quanto mais a reunião for numerosa, mais será difícil contentar a todos; cada um vai querer que os trabalhos sejam dirigidos ao seu gosto, que sejam tratados preferencialmente os assuntos que mais lhe interessam; alguns creem que o título de sócio lhes dá o direito de impor sua maneira de ver. Daí vem as tensões, a causa de mal-estar que cedo ou tarde traz a desunião e depois a dissolução — destino de todas as associações, qualquer que seja o seu objetivo. Os grupos pequenos não estão sujeitos a essas divergências; a queda de uma grande sociedade seria um fracasso

aparente para a causa do espiritismo, e seus inimigos não deixariam de tirar vantagem disso; já a dissolução de um pequeno grupo passa despercebido e, ademais, quando um se dispersa, vinte outros se formam ao lado. Ora, vinte grupos de quinze a vinte pessoas obterão mais e farão muito mais pela propagação do que uma assembleia de trezentas ou quatrocentas pessoas.

Provavelmente vão falar que os membros de uma associação que agissem como acabamos de dizer não seriam verdadeiros espíritas, já que o primeiro dever que a doutrina impõe é o da caridade e da tolerância. Isso é perfeitamente justo; logo, os que pensam assim são espíritas mais de nome do que de fato; eles seguramente não pertencem à terceira categoria (Veja o item 28). Mas, quem disse que sequer eles são espíritas? Aqui se apresenta uma consideração que não é sem gravidade.

336. Não esqueçamos que o espiritismo tem inimigos interessados em combatê-lo e que assistem aos seus triunfos com desgosto; os mais perigosos não são os que o atacam abertamente, mas sim os que agem na sombra: aqueles que o acariciam com uma mão e o apunham com a outra. Esses seres malvados se enfiam onde quer que possam fazer mal; como eles sabem que a união é uma potência, tratam de destruí-la lançando os princípios da discórdia. Então, quem disse que aqueles que semeiam problemas e cizânia nas reuniões não sejam agentes provocadores interessados na desordem? Com certeza, nem são verdadeiros nem bons espíritas; eles jamais podem fazer o bem, mas podem fazer muito mal. É compreensível que eles tenham infinitamente mais facilidade de se insinuarem nas reuniões numerosas do que nos grupos pequenos, onde todos se conhecem; graças a artimanhas sutis que passam despercebidas, eles disseminam a dúvida, a desconfiança e a desafeição; sob a aparência de um hipócrita interesse pela causa, eles criticam tudo, formam conspirações e panelinhas que logo quebram a harmonia do conjunto: isso é o que eles querem. Em se tratando de gente dessa espécie, apelar para os sentimentos de caridade e fraternidade é falar a surdos voluntários, pois o objetivo deles é exatamente destruir esses sentimentos — que formam o maior obstáculo às suas artimanhas. Esse estado de coisas, desagradável em todas as associações, é ainda mais desagradável nas

sociedades espíritas porque, se não leva a uma ruptura, causa uma preocupação incompatível com o recolhimento e com a concentração.

337. E se a reunião estiver num mau caminho? — eles dirão. Será que as pessoas sensatas e bem-intencionadas não terão o direito de criticá-la e que deverão deixar o mal passar sem dizerem nada e aprová-lo pelo silêncio? Sem nenhuma dúvida, isso é um direito deles: é, além disso, um dever; mas se a intenção for realmente boa, eles emitirão seus conselhos com conveniência e gentileza, francamente e não às escondidas; se ninguém os seguir, eles se retiram, pois não admitiríamos que quem não tenha segundas intenções teime em permanecer numa sociedade onde se façam coisas que ele considere inconvenientes.

Então, podemos estabelecer como regra que, numa reunião espírita, quem provocar de alguma forma qualquer desordem ou desunião — de maneira visível ou disfarçadamente — é ou um agente provocador ou pelo menos um péssimo espírita do qual nunca será cedo demais se livrar. Porém, os próprios vínculos que ligam todos os membros muitas vezes põem obstáculos nisso; eis por que é conveniente evitar os vínculos indissolúveis; os homens de bem sempre estão bastante vinculados: os mal-intencionados sempre estão vinculados demais.

338. Além das pessoas notoriamente malignas que se imiscuem nas reuniões, existem outras que, pelo caráter, levam a perturbação com elas para toda parte onde estejam: portanto, nunca seria demais todo o cuidado com os novos membros introduzidos nas reuniões. Os mais prejudiciais, nesse caso, não são os que desconhecem a doutrina, nem mesmo os que não creem: a convicção só é adquirida pela experiência, e há pessoas que desejam se esclarecer de boa-fé. Aquelas de quem nós devemos nos proteger são principalmente as pessoas de ideias preconcebidas, os incrédulos que duvidam de tudo — até mesmo de uma evidência; os orgulhosos que pretendem ter exclusivamente a luz interior, querendo em tudo impor a sua opinião e olhando com desdém os que não pensam como eles. Não se deixem enganar pelo suposto desejo deles de se instruírem; há muitos deles que

ficariam muito aborrecidos se fossem forçados a admitir que estavam errados. Tenham cuidado sobretudo com esses oradores insípidos que querem sempre dizer a última palavra, e com aqueles que só se deleitam com a contradição; ambos fazem perder tempo, sem nenhum proveito para eles mesmos; os Espíritos não gostam de palavras inúteis.

339. Visto a necessidade de evitar toda causa de perturbação e de distração, uma sociedade espírita que esteja sendo organizada deve dedicar toda a sua atenção às medidas apropriadas para tirar dos causadores de desordem os meios de agirem, e para oferecer as formas mais fáceis de afastá-los. As pequenas reuniões precisam apenas de um regulamento disciplinar muito simples para a boa ordem das sessões; já as sociedades regularmente constituídas exigem uma organização mais complexa; a melhor será aquela que cujo funcionamento seja menos complicado; todas poderão buscar o que lhes for aplicável, ou o que julgarem útil, no regulamento da Sociedade parisiense de estudos espíritas, que apresentamos a seguir.

340. As associações pequenas ou grandes e todas as reuniões — qualquer que seja a sua importância — ainda têm que lutar contra outro obstáculo: os causadores de problemas não estão somente no meio delas, mas também no mundo invisível. Assim como há Espíritos protetores para as sociedades, para as cidades e para os povos, há Espíritos malfeitores que se ligam aos grupos, bem como aos indivíduos; eles atacam primeiramente os mais fracos, os mais acessíveis, procurando fazer deles seus instrumentos, e de pouco em pouco eles tentam envolver as massas, pois seu prazer maligno é proporcional ao número daqueles que eles mantêm sob o jugo deles. Portanto, todas as vezes que num grupo uma pessoa cai na armadilha, é preciso se convencer que há um inimigo em campo, um lobo no redil, e que todos devem se colocar em guarda, pois é mais que provável que ele multiplicará suas ofensivas; se o inimigo não for desencorajado por uma resistência enérgica, a obsessão se tornará um mal contagioso, que se manifestará nos médiuns pela perturbação da mediunidade e nos outros pela hostilidade dos sentimentos, pela perversão do senso moral e pela quebra da harmonia. Como o antídoto mais

forte para esse veneno é a caridade, é a caridade o que eles procuram sufocar. Então, não devemos esperar que o mal tenha se tornado incurável para remediá-lo; não devemos sequer esperar os primeiros sintomas; devemos sobretudo cuidar de preveni-lo; para isso há dois mecanismos eficazes, se forem bem empregados: a prece de coração e o estudo atento dos menores sinais que revelam a presença de Espíritos ludibriadores; o primeiro mecanismo atrai os bons Espíritos, que só ajudam com zelo aqueles que cooperam com eles, pela sua confiança em Deus; o outro prova aos maus que eles estão lidando com gente bastante esclarecida e bastante sensata para não se deixar enganar. Se um dos membros do grupo sofrer a influência da obsessão, todos os esforços devem tender desde os primeiros indícios para lhe abrir os olhos, antes que o mal não se agrave, a fim de levá-lo à convicção de que foi enganado e ao desejo de apoiar aqueles que querem libertá-lo.

341. A influência do ambiente é a consequência da natureza dos Espíritos e do seu modo de ação sobre os seres vivos; dessa influência, cada um pode deduzir por si mesmo as condições mais favoráveis para uma sociedade que aspira se conciliar com a simpatia dos bons Espíritos e a só obter boas comunicações afastando os maus. Estas condições estão todas nas disposições morais dos participantes, e se resumem nos pontos seguintes:

- Perfeita comunhão de opiniões e de sentimentos;
- Benevolência recíproca entre todos os membros;
- Abnegação de todo sentimento contrário à verdadeira caridade cristã;
- Desejo único de se instruir e de se melhorar pelo ensinamento dos bons Espíritos e de aproveitar seus conselhos. Quem estiver persuadido de que os Espíritos superiores se manifestam com o propósito de nos fazer progredir, e não para nos divertir, então compreenderá que deve se afastar dos que se limitam a admirar seu estilo sem colher nenhum proveito disso, e que só são atraídos pelas sessões mediante o maior ou menor interesse que elas lhes oferecem, segundo os gostos particulares;
- Exclusão de tudo o que, nas comunicações solicitadas aos Espíritos, só tivesse por intenção uma mera curiosidade;

- Recolhimento e silêncio respeitoso durante os diálogos com os Espíritos;
- União de todos os participantes, através do pensamento, ao apelo feito aos Espíritos que forem evocados;
- Cooperação dos médiuns da assembleia, com a abnegação de todo sentimento de orgulho, de amor-próprio e de supremacia, e pelo único desejo de serem úteis.

Será que essas condições são tão difíceis que não as possamos cumprir? Nós não pensamos assim; ao contrário, nós esperamos que as reuniões verdadeiramente sérias — como elas já existem em diversas localidades — se multiplicarão, e não hesitamos em dizer que é a elas que o espiritismo deverá a sua mais forte propagação; reunindo os homens honestos e conscienciosos, elas calar a crítica e, quanto mais suas intenções forem puras, mais elas serão respeitadas, até mesmo pelos seus adversários; ***quando a zombaria ataca o bem, ela deixa de provocar o riso, e se torna desprezível.*** É entre as reuniões desse gênero que se estabelecerá uma verdadeira ligação de simpatia, uma solidariedade mútua, pela força das coisas, contribuindo para o progresso geral.

342. Seria um erro acreditar que as reuniões dedicadas mais especialmente às manifestações físicas estejam de fora desse concerto fraternal, e que elas excluam toda ideia séria; se elas não requerem condições tão rigorosas, não será impunemente que alguém participe delas com leviandade, e estaria enganado quem achasse que a cooperação dos participantes dessas reuniões fosse absolutamente nula; temos a prova do contrário no fato de que muitas vezes as manifestações desse tipo — ainda quando provocadas por médiuns poderosos — não podem se produzir em determinados ambientes. Portanto, também nesse caso, há influências contrárias, e essas influências só podem estar na divergência ou na hostilidade dos sentimentos que paralisam os esforços dos Espíritos.

Como foi dito, as manifestações físicas têm uma grande utilidade; elas abrem um vasto campo ao observador, pois é toda uma ordem de fenômenos incomuns que se desdobram aos seus olhos e cujas consequências são

incalculáveis. Então, uma assembleia pode se ocupar com esses fenômenos com intenções muito sérias, mas não alcançaria seu objetivo — seja como estudo, seja como meio de convicção — se ela não for realizada em condições favoráveis; a primeira de todas é, não a fé dos participantes, mas sim o desejo de se esclarecer, sem segundas intenções e sem tendência de rejeitar até mesmo a evidência; a segunda condição é a restrição do número de participantes, para evitar a mistura de elementos heterogêneos. Se as manifestações físicas são produzidas geralmente por Espíritos menos avançados, nem por isso elas deixam de ter uma finalidade providencial, e os bons Espíritos as favorecem sempre que elas possam ter um resultado útil.

Assuntos para estudos

343. Quando evocamos parentes, amigos e alguns personagens famosos, para comparar suas opiniões de além-túmulo com as que eles tinham quando vivos, às vezes ficamos embaraçados em manter as conversas sem cair nas banalidades e futilidades. Muita gente, aliás, pensa que o livro dos Espíritos esgotou a série das questões de moral e de filosofia; isso é um erro; eis por que pode ser útil indicar a fonte de onde podemos tirar assuntos para estudo por assim dizer ilimitados.

344. Se a evocação de homens ilustres, dos Espíritos superiores, é eminentemente útil pelos ensinamentos que eles nos dão, a evocação dos Espíritos comuns não é menos — se bem que eles sejam incapazes de resolver as questões de alto porte. Pela sua inferioridade eles mesmos se revelam, e quanto menor for a distância que os separa de nós, mais reconhecemos neles semelhanças com a nossa própria situação, sem contar que frequentemente eles nos dão traços característicos do mais alto interesse, assim como explicamos no item 281, falando da utilidade das evocações particulares. É, portanto, uma mina inesgotável de observações, mesmo pegando só os homens cuja vida apresente alguma particularidade com relação ao gênero da morte, da idade, das boas e más qualidades, da posição feliz ou infeliz na

Terra, dos hábitos, do estado mental etc.

Com os Espíritos elevados o quadro de estudos se alarga; além das questões psicológicas, que têm um limite, podemos lhes propor uma imensidade de problemas morais que se estendem ao infinito sobre todas as posições da vida, sobre a melhor conduta a seguir nessa ou naquela determinada circunstância, sobre os nossos deveres recíprocos etc. O valor da instrução que se receba acerca de um assunto qualquer (moral, histórico, filosófico ou científico) depende inteiramente do estado do Espírito que interrogamos; cabe a nós julgar.

345. Além das evocações propriamente ditas, os ditados espontâneos oferecem uma infinidade de assuntos para estudos. Tudo consiste em aguardarmos o assunto que os Espíritos gostam de tratar. Nesse caso, vários médiuns podem trabalhar simultaneamente. Algumas vezes, podemos fazer um apelo a um Espírito específico, porém o mais comum é esperarmos aquele que queira se apresentar, e muitas vezes ele vem da maneira mais imprevista. Depois, esses ditados podem proporcionar um monte de questões cujo tema esteja devidamente preparado. Eles devem ser comentados com cuidado, para estudar todas as ideias que contêm, julgando se eles trazem algum cunho da verdade. Esse exame, feito com severidade, é — como temos dito — a melhor garantia contra a intromissão de Espíritos enganadores. Por esse motivo, bem como para a instrução de todos, também poderão ser apresentadas comunicações obtidas fora das sessões. Como se vê, existe aí uma fonte inesgotável de elementos eminentemente sérios e instrutivos.

346. As atividades de cada sessão podem ser organizadas assim:

1º) Leitura das comunicações espíritas obtidas na sessão anterior, depois de passadas a limpo.

2º) **Assuntos diversos:** correspondência, leitura das comunicações obtidas fora das sessões, relatos de fatos que interessem ao espiritismo.

3º) **Trabalho de estudo:** ditados espontâneos, questões diversas e problemas morais propostos aos Espíritos, evocações.

4º) **Conferência:** exame crítico e analítico das diversas comunicações,

debate sobre os diferentes pontos da ciência espírita.

347. Os grupos recentes às vezes ficam parados em seus trabalhos pela falta de médiuns. Certamente os médiuns são um dos elementos essenciais para as reuniões espíritas, mas eles não são indispensáveis e estaria errado quem acreditasse que sem eles não há nada a fazer. Sem dúvida, aqueles que se reúnem apenas com a finalidade de realizar experimentações não podem fazer sem os médiuns mais do que os músicos numa orquestra fariam sem seus instrumentos; mas aqueles que visam o estudo sério têm mil assuntos para ocupação, todos tão úteis e proveitosos quanto se pudessem operar por si mesmos. Além disso, as reuniões que dispõem de médiuns podem a qualquer momento ficar sem eles, e seria lamentável que elas pensassem que nesse caso não haveria nada a fazer senão se retirar. De tempo em tempo, os próprios Espíritos podem levá-los a essa situação, para lhes ensinar a ficar sem eles. Diremos mais: para o proveito dos seus ensinamentos, é necessário dedicar algum tempo para meditar sobre eles. As sociedades científicas nem sempre dispõem dos instrumentos de observação sob seus olhos e, no entanto, elas não deixam de encontrar assuntos para discussão; na ausência de poetas e de oradores, as sociedades literárias leem e comentam as obras dos autores antigos e modernos; as sociedades religiosas meditam sobre as Escrituras; as sociedades espíritas devem fazer o mesmo, e então tirarão um grande proveito para seu progresso estabelecendo conferências em que seja lido e comentado tudo o que possa tratar de espiritismo — a favor ou contra. Dessa discussão em que cada qual dá a contribuição de suas reflexões, brotam traços de luz que passam despercebidos numa leitura individual. Ao lado das obras especiais, os jornais estão repletos de fatos, de relatos, de eventos, de traços de virtudes ou de vícios que levantam graves problemas morais que somente o espiritismo pode resolver, e isso é ainda um meio de provar que ele se conecta a todos os ramos da ordem social. Nós realmente acreditamos que uma sociedade espírita que organizasse seus trabalhos nesse sentido, procurando os materiais necessários, não encontraria tempo bastante para se dedicar às comunicações diretas dos Espíritos; daí porque, sobre esse ponto, chamarmos a atenção das reuniões verdadeiramente sérias, daquelas que

cuidam mais de se instruir do que procurar um passatempo. (Veja o item 207, no capítulo da *Formação dos médiuns*.)

Rivalidades entre as sociedades

348. As reuniões que se ocupam exclusivamente com as manifestações inteligentes e as que se dedicam ao estudo das manifestações físicas têm cada qual a sua missão; nem umas nem outras estariam no sentido verdadeiro do espiritismo se elas se vissem com maus olhos, e aquela que atirasse pedra na outra provaria com isso mesmo a má influência que a domina, pois todas elas — ainda que por vias diferentes — devem contribuir para o objetivo comum, que é a busca e a propagação da verdade; seu antagonismo, que não é mais do que um efeito de orgulho superexcitado, fornecendo armas aos opositores, só poderia prejudicar a causa que eles pretendem defender.

349. Estas últimas reflexões se aplicam igualmente a todos os grupos que poderiam divergir sobre quaisquer pontos da doutrina. Conforme dissemos no capítulo das *Contradições*, na maioria das vezes essas divergências só tratam de detalhes, às vezes só sobre simples palavras; então seria uma infantilidade criar um grupo à parte por todos não pensarem exatamente do mesmo modo. Seria pior ainda do que isso se os diferentes grupos ou associações de uma mesma cidade se olhassem com ciúmes. Compreende-se o ciúme entre pessoas que fazem concorrência umas contra as outras e que podem causar prejuízos materiais entre si; mas quando não há especulação, o ciúme só pode ser uma mesquinha rivalidade do orgulho. Como não há definitivamente nenhuma sociedade que possa reunir no seu meio todos os adeptos, aquelas que estiverem animadas pelo desejo sincero de propagar a verdade — cujo propósito é unicamente moral — devem ver com prazer a multiplicação das reuniões, e se houver alguma concorrência entre elas, essa competição deverá ser sobre quem fará o bem mais vezes. As que pretendam estar com a verdade, excluindo as outras, deverão provar isso tomando como medida: ***Amor e Caridade*** — que é a medida de todo verdadeiro espírita.

Querem prevalecer da superioridade dos Espíritos que auxiliam as reuniões? Então provem pela superioridade dos ensinamentos que recebam e pela aplicação que façam deles a si mesmas: eis aqui um critério infalível para definir as associações que estejam no melhor caminho.

Alguns Espíritos, mais presunçosos do que lógicos, às vezes tentam impor teorias estranhas e impraticáveis, usando veneráveis nomes com que se enfeitam. O bom senso logo faz justiça contra essas ilusões, mas enquanto isso, elas podem semear a dúvida e a incerteza entre os adeptos; daí muitas vezes vem uma causa de desavenças passageiras. Além dos meios que temos indicado para apreciá-las, há outro critério que dá a medida do seu valor: o número dos partidários que tais teorias recrutam. A razão diz que o sistema que encontra maior aceitação nas multidões deve estar mais próximo da verdade do que aquele que é repellido pela maioria e vê suas fileiras se diminuírem. Assim, tenham como certo que, quando os Espíritos recusam a análise do seu próprio ensinamento, é que eles reconhecem a sua fragilidade.

350. Se o espiritismo — como foi anunciado — deve realizar a transformação da humanidade, isso só pode ser feito pelo melhoramento dos povos, o que não acontecerá senão gradualmente, pouco a pouco, pelo melhoramento dos indivíduos. Que importa crer na existência dos Espíritos se essa crença não torna a pessoa melhor, mais benevolente e mais indulgente com os seus semelhantes, mais humilde e mais paciente na adversidade? De que serve ao avarento ser espírita, se continua avarento? Ao orgulhoso, se ele está sempre cheio de si? Ao invejoso, se ele está sempre com inveja? Todos os homens poderiam então crer nas manifestações e a humanidade ficar estacionada; mas não são esses os desígnios de Deus. É para o objetivo providencial que todas as sociedades espíritas sérias devem trabalhar, agrupando no entorno delas todos aqueles que estiverem com os mesmos sentimentos; com isso, haverá entre elas união, simpatia e fraternidade, em vez de um antagonismo inútil e infantil da vaidade, mais de palavras do que de ações; então elas serão fortes e poderosas, porque se apoiarão sobre uma base inabalável: o bem para todos; logo, elas serão respeitadas e silenciarão à zombaria tola, pois falarão em nome da moral evangélica respeitada por todos.

Esse é o caminho no qual nos esforçamos para colocar o espiritismo. A bandeira que hasteamos bem alto é a do ***espiritismo cristão e humanitário***, em torno da qual estamos felizes por ver tantos homens já reunidos em todas as partes do globo, porque eles compreendem que aqui se encontra a âncora de salvação, a salvaguarda da ordem pública, o sinal de uma era nova para a humanidade. Convidamos todas as sociedades espíritas a colaborar com essa grande obra; que de um extremo ao outro do mundo elas se estendam as mãos fraternas, e então elas enredarão o mal em redes inextricáveis.

CAPÍTULO XXX

REGULAMENTO DA SOCIEDADE PARISIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS

Fundada em 1º de abril de 1858

E autorizada por decreto do Sr. Prefeito de Polícia, na data de 13 de abril de 1858, de acordo com o despacho do Exmo. Sr. Ministro do Interior e da Segurança Geral.

Nota – Embora este regulamento seja fruto da experiência, não o apresentamos como uma regra absoluta, mas unicamente para facilitar as sociedades que queiram se formar, e que poderiam nele encontrar as disposições que considerem úteis e aplicáveis às suas circunstâncias específicas. Por mais simplificada que seja a sua organização, ela poderá ser ainda mais quando se tratar não de associações regularmente constituídas, mas de simples reuniões íntimas, que apenas necessitem estabelecer medidas de ordem, de precaução e de regularidade nos trabalhos.

Nós o apresentamos também para a orientação das pessoas que desejarium manter contato com a Sociedade parisiense — seja como correspondentes, seja a título de membros da Sociedade.

CAPÍTULO PRIMEIRO – *Objetivo e formação da Sociedade*

ARTIGO 1º – A Sociedade tem por objetivo o estudo de todos os fenômenos relativos às manifestações espíritas e suas aplicações às ciências morais, físicas, históricas e psicológicas. Nela as questões políticas, de controvérsia religiosa e de economia social estão proibidas.

Ela toma como título: *Sociedade parisiense de Estudos espíritas.*

Art. 2º – A Sociedade se compõe de membros titulados, de associados livres e de membros correspondentes.

Ela pode conferir o título de sócio honorário às pessoas residentes na França ou no estrangeiro que, pela sua posição ou por seus trabalhos, possam lhe prestar serviços significativos.

Os sócios honorários ficam submetidos a uma reeleição todos os anos.

Art. 3º – A Sociedade só admite pessoas que simpatizem com seus princípios e com o objetivo de seus trabalhos, aquelas que já sejam iniciadas nos princípios fundamentais da ciência espírita ou que estejam seriamente animadas com o desejo de se instruírem nesses princípios. Em consequência, ela exclui qualquer um que poderia trazer elementos de perturbação para as suas reuniões — seja por um espírito de hostilidade e de oposição sistemática, seja por qualquer outra causa — e assim faça perder tempo em discussões inúteis.

Todos os associados devem reciprocamente benevolência e bom comportamento; em todas as circunstâncias, eles devem colocar o bem geral acima das questões pessoais e de amor-próprio.

Art. 4º – Para ser admitido como associado livre, é preciso encaminhar ao Presidente um pedido por escrito, apoiado por dois membros titulares que se tornam fiadores das intenções do postulante.

O pedido deve relatar resumidamente: 1) se o postulante já possui conhecimentos em matéria de espiritismo; 2) o estado de suas convicções sobre os pontos fundamentais da ciência; 3) o compromisso de cumprir todo o regulamento.

O pedido é submetido à comissão que examina e propõe — se for o caso — a admissão, o adiamento ou a rejeição.

A rigor, o adiamento é para todo candidato que ainda não tenha nenhum conhecimento da ciência espírita e que não simpatize com os princípios da Sociedade.

Os associados livres têm o direito de assistir a todas as sessões, de participar dos trabalhos e das discussões que tenham por objetivo o estudo;

mas eles não têm — em nenhum caso — voz deliberativa no que concerne aos negócios da Sociedade.

Os associados livres só permanecem ativos durante o ano de sua admissão e sua permanência na Sociedade deve ser ratificada no fim desse primeiro ano.

Art. 5º – Para ser sócio titular, é preciso ter sido um associado livre por pelo menos um ano, ter assistido a mais de metade das sessões e, durante esse tempo, ter dado provas notórias de seus conhecimentos e de suas convicções em matéria de espiritismo, de sua adesão aos princípios da Sociedade e da sua vontade de proceder, em todas as circunstâncias, com relação aos seus colegas, de acordo com os princípios da caridade e da moral espírita.

Os associados livres que tenham assistido regularmente durante seis meses às sessões da Sociedade poderão ser admitidos como membros titulares se, além disso, eles tiverem preenchido as demais condições.

A admissão é proposta por escrito pela comissão, com o consentimento do associado, se ele também for apoiado por três outros sócios titulares. Se assim for, a admissão é então pronunciada pela Sociedade, por votação secreta, após um parecer verbal da comissão.

Somente os membros titulares têm voz deliberativa e desfrutam da prerrogativa conferida pelo art. 25.

Art. 6º – Se a Sociedade julgar conveniente, ela limitará o número dos associados livres e dos membros titulares.

Art. 7º – Os membros correspondentes são aqueles que, não residindo em Paris, estejam em contato com a Sociedade e lhe forneçam informações úteis para seus estudos. Eles podem ser nomeados mediante a apresentação de um único membro titular.

CAPÍTULO II – *Administração*

Art. 8º – A Sociedade é administrada por um Presidente-diretor, auxiliado pelos membros de uma diretoria e de uma comissão.

Art. 9º – A diretoria se compõe de:

1 Presidente, 1 Vice-Presidente, 1 Secretário principal, 2 Secretários adjuntos e 1 Tesoureiro.

Além desses, um ou mais Presidentes honorários poderão ser nomeados.

Na falta do Presidente e do Vice-Presidente, as sessões poderão ser presididas por um dos membros da comissão.

Art. 10º – O Presidente-diretor deve todo o seu cuidado aos interesses da Sociedade e da ciência espírita. A ele cabe a direção geral e a alta supervisão da administração, assim como a conservação dos arquivos.

O Presidente é nomeado por três anos e os outros membros da diretoria por um ano, indefinidamente reelegíveis.

Art. 11º – A comissão é composta dos membros da diretoria e de outros cinco sócios titulares, escolhidos preferencialmente entre aqueles que tiverem trazido uma contribuição ativa nos trabalhos da Sociedade, prestado serviços à causa do espiritismo ou dado provas de seu espírito benevolente e conciliador. Estes cinco membros, assim como os da diretoria, são nomeados por um ano e reelegíveis.

Por direito, a comissão é presidida pelo Presidente-diretor ou, na falta deste, pelo Vice-Presidente, ou ainda por algum dos seus membros que seja designado para tal função.

A comissão fica encarregada do exame prévio de todas as questões e proposições administrativas, e outras que sejam submetidas à Sociedade; ela fiscaliza as receitas e as despesas da Sociedade e as contas do Tesoureiro; ela autoriza as despesas ordinárias e toma todas as medidas de ordem que sejam julgadas necessárias.

Além disso, ela examina os trabalhos e temas de estudo propostos pelos diversos membros; ela mesma, por sua vez, prepara e determina a ordem das sessões, de acordo com o Presidente.

O Presidente sempre pode se opor a que certos assuntos sejam tratados e inscritos na ordem do dia, cabendo-lhe remetê-los à Sociedade, que então decidirá.

A comissão deve se reunir regularmente antes da abertura das sessões para o exame das coisas ocorrentes e ainda sempre que julgar conveniente.

Os membros da diretoria e da comissão que estiverem ausentes durante três meses consecutivos sem apresentar uma justificativa, são considerados como tendo renunciado às suas funções e será providenciada a sua substituição.

Art. 12º – As decisões — seja da Sociedade, seja da comissão — são tomadas pela maioria absoluta dos membros presentes; em caso de empate, o voto do Presidente é preponderante.

A comissão pode deliberar quando quatro de seus membros estiverem presentes.

A votação secreta é obrigatória se reclamada por cinco membros.

Art. 13º — A cada três meses, seis membros escolhidos entre os titulares e os associados livres são designados para desempenhar as funções de *comissários*.

Os comissários são encarregados de velar pela ordem e o bom andamento das sessões, além de verificar o direito de entrada de toda pessoa estranha que se apresenta para assistir às reuniões.

Para tanto, os membros designados combinarão entre si para que um deles esteja presente na abertura das sessões.

Art. 14º — O ano social começa em 1º de abril.

As nomeações da diretoria e da comissão serão feitas na primeira sessão do mês de maio. Os membros em exercício continuarão nas suas funções até essa data.

Art. 15º — Para cobrir as despesas da Sociedade, é cobrada uma cota anual de 24 francos dos titulares e de 20 francos dos associados livres.

Além disso, os membros titulares, quando da sua admissão, pagam uma taxa de adesão de 10 francos, paga uma única vez.

A cota é paga integralmente pelo ano corrente.

Os membros admitidos no decorrer do ano só terão que pagar, nesse primeiro ano, pelos trimestres a decorrer, incluído o trimestre de sua admissão.

Quando marido e mulher são aceitos como associados livres ou titulares, só é exigida uma cota e meia pelos dois.

A cada seis meses, em 1º de abril e 1º de outubro, o Tesoureiro prestará conta à comissão da aplicação e da situação dos recursos.

Uma vez pagas as despesas correntes de aluguéis e outros custos obrigatórios, caso haja um excedente, a Sociedade determinará sua aplicação.

Art. 16º – É emitido a todos os membros aceitos (associados livres ou titulares) um cartão de admissão indicando seu título. Esse cartão fica depositado na Tesouraria, de onde o novo membro pode retirá-lo ao pagar a sua cota e a taxa de adesão. O novo membro não pode assistir às sessões antes de ter retirado o seu cartão. Na falta de ele retirá-lo um mês após a sua nomeação, ele será considerado demissionário.

Será igualmente considerado demissionário todo membro que não tiver quitado sua cota anual no primeiro mês da renovação do ano social, após um aviso do Tesoureiro ficar sem efeito.

CAPÍTULO III — *Das sessões*

Art. 17º – As sessões da Sociedade serão realizadas todas as sextas-feiras, às 8 horas da noite, salvo modificação, caso seja necessário.

As sessões são particulares ou gerais; elas nunca são públicas.

Cada pessoa que faça parte da Sociedade, de qualquer título, deve assinar seu nome numa lista de presença em cada sessão.

Art. 18º – O silêncio e a concentração são rigorosamente exigidos durante as sessões e principalmente durante os estudos. Ninguém pode tomar a palavra sem a ter obtido do Presidente.

Todas as questões endereçadas aos Espíritos devem ser feitas por intermédio do Presidente, que pode recusar colocá-las, conforme as

circunstâncias.

Ficam proibidas principalmente todas as questões fúteis, de interesse pessoal, de pura curiosidade ou feitas com o objetivo de submeter os Espíritos a provações, assim como todas aquelas que não tenham um objetivo de utilidade geral do ponto de vista dos estudos.

São igualmente interditadas todas as discussões que desviariam o objetivo especial do que esteja sendo tratado.

Art. 19º – Todo membro tem o direito de reclamar uma advertência contra qualquer um que se afaste das conveniências nas discussões ou que de alguma maneira perturbe as sessões. A reclamação é imediatamente posta em votação; se for aprovada, ela fica inscrita na ata.

Três advertências no espaço de um ano resultam automaticamente na destituição do membro que as tenha provocado, qualquer que seja seu título.

Art. 20º – Nenhuma comunicação espírita obtida fora da Sociedade pode ser lida antes de ter sido submetida ou ao Presidente ou à comissão, que podem admitir ou recusar a leitura dessa comunicação.

Uma cópia de toda comunicação externa cuja leitura tenha sido autorizada deve permanecer depositada nos arquivos.

Todas as comunicações obtidas durante as sessões pertencem à Sociedade; os médiuns que as escreveram podem ficar com uma cópia delas.

Art. 21º – As sessões particulares são reservadas aos membros da Sociedade; elas são realizadas na 1ª, na 3ª e (quando houver) na 5ª sexta-feira de cada mês.

A Sociedade reserva para as sessões particulares todas as questões relativas aos assuntos administrativos, assim como os temas de estudo que exigem mais tranquilidade e concentração, ou que ela julgue conveniente aprofundar antes de tratá-los diante de pessoas estranhas.

Além dos membros titulares e dos associados livres, têm direito de assistir às sessões particulares os membros correspondentes que estiverem em Paris, assim como os médiuns que prestam sua cooperação à Sociedade.

Nenhuma pessoa estranha à Sociedade é admitida nas sessões particulares, salvo os casos excepcionais e com o consentimento prévio do Presidente.

Art. 22º – As sessões gerais ocorrem na 2ª e na 4ª sexta-feira de cada mês.

Nas sessões gerais, a Sociedade autoriza a admissão de ouvintes estranhos que podem assisti-las temporariamente sem fazer parte delas. A Sociedade pode suspender essa autorização quando bem julgar conveniente.

Ninguém pode assistir às sessões como ouvinte sem ser apresentado ao Presidente por um membro da Sociedade, que fica responsável para que ele não cause nem perturbação nem interrupção.

A Sociedade só admite como ouvintes pessoas que aspirem a se tornar membros ou que simpatizem com suas atividades e que já estejam suficientemente iniciadas na ciência espírita para compreendê-las. A admissão deve ser recusada de uma maneira absoluta a qualquer um que esteja atraído um motivo de mera curiosidade, ou cujas opiniões sejam hostis.

A palavra está interdita aos ouvintes, salvo os casos excepcionais apreciados pelo Presidente. Aquele que perturbasse a ordem de alguma maneira, ou que manifestasse má vontade para com os trabalhos da Sociedade poderá ser convidado a se retirar e, em todos os casos, será feita menção disso na lista de admissão, e a sua entrada será proibida no futuro.

Como o número de ouvintes deve estar limitado ao número de lugares disponíveis, aqueles que puderem assistir às sessões deverão ser inscritos previamente num registro destinado a essa finalidade, com menção do seu endereço e da pessoa que os recomenda. Conseqüentemente, todo pedido de entrada deverá ser dirigido alguns dias antes da sessão ao Presidente, que é o único que entrega os cartões de introdução até o fechamento da lista.

Os cartões de introdução só podem servir para o dia indicado e para as pessoas designadas.

A entrada não pode ser concedida ao mesmo ouvinte para mais de duas sessões, salvo por uma autorização do Presidente e em casos excepcionais. O mesmo membro não pode apresentar mais de duas pessoas por vez. As entradas dadas pelo Presidente são ilimitadas.

Os ouvintes não são mais admitidos após a abertura da sessão.

CAPÍTULO IV – *Disposições diversas*

Art. 23º – Todos os membros da Sociedade lhe devem cooperação. Como consequência disso, eles são convidados a recolher no seu respectivo círculo de observações os fatos antigos ou recentes que possam ter relação com o espiritismo, e a relatar esses fatos à Sociedade. Ao mesmo tempo, eles cuidarão de se informar, tanto quanto possível, da importância desses fatos.

Eles são igualmente convidados a lhe dar conhecimento de todas as publicações que possam ter uma ligação mais ou menos direta com o objeto de suas atividades.

Art. 24º – Quando a Sociedade julga apropriado, ela faz um exame crítico das diversas obras publicadas sobre o espiritismo. Para isso, ela encarregará um de seus membros — associado livre ou titular — de lhe apresentar um relatório que, se for o caso, será impresso na *Revista espírita*.

Art. 25º – A Sociedade criará uma biblioteca especial composta das obras que lhe forem ofertadas e das que ela adquirir.

Os membros titulares poderão vir na sede da Sociedade consultar tanto a biblioteca como os arquivos, nos dias e horas que forem fixados para isso.

Art. 26º – A Sociedade considerando que a sua responsabilidade pode estar moralmente comprometida pelas publicações particulares de seus associados, ninguém poderá usar do título de *membro da Sociedade* em qualquer escrito sem que esteja autorizado a isso por ela e sem que previamente ela tenha tomado conhecimento do manuscrito. A comissão será encarregada de lhe informar a esse respeito. Se a Sociedade julgar que o texto é incompatível com seus princípios, o autor, depois de ouvido, será convidado ou a modificá-lo, ou a renunciar à sua publicação, ou finalmente a não se apresentar como membro da Sociedade. Caso ele não se submeta à decisão que for tomada, seu afastamento poderá ser anunciado.

Todo artigo publicado por um membro da Sociedade em anonimato e sem nenhuma menção que possa revelá-lo como autor se enquadra na categoria de publicações ordinárias para as quais a Sociedade reserva para si a apreciação. Todavia, sem querer entravar a livre emissão de opiniões pessoais, a Sociedade convida aqueles de seus membros que esteja com a intenção de fazer publicações desse gênero a pedir previamente seu parecer oficial, no interesse da ciência.

Art. 27º – Querendo manter no seu seio a unidade de princípios e o espírito de uma benevolência recíproca, a Sociedade poderá pronunciar a expulsão de qualquer membro que seja causa de perturbação ou que se mostre abertamente em hostilidade com ela mediante textos comprometedores para a doutrina, por opiniões subversivas ou por uma maneira de agir que ela não possa aprovar. Porém, a expulsão não será decretada senão depois de um prévio aviso oficial sem efeito e depois de ouvir o membro indiciado, se ele julgar conveniente se explicar. A decisão será tomada por votação secreta e pela maioria de três quartos dos membros presentes.

Art. 28º – Todo membro que voluntariamente se retira no correr do ano não pode reclamar a diferença das cotas pagas por ele; essa diferença será reembolsada no caso de expulsão decretada pela Sociedade.

Art. 29º – O presente regulamento poderá ser modificado, se for necessário. As propostas de modificação só poderão ser feitas à Sociedade pelo órgão de seu Presidente, ao qual elas deverão ser transmitidas e no caso de terem sido admitidas pela comissão.

A Sociedade pode, sem modificar seu regulamento nos pontos essenciais, adotar todas as medidas complementares que ela julgar úteis.

CAPÍTULO XXXI

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS

Reunimos neste capítulo alguns ditados espontâneos que podem completar e confirmar os princípios contidos nesta obra. Poderíamos ter citado um número muito maior deles, mas nos limitamos aos que dizem respeito mais particularmente ao futuro do espiritismo, aos médiuns e às reuniões. Nós os colocamos também como instrução e como modelos do gênero de comunicações verdadeiramente sérias. Terminamos com algumas comunicações apócrifas seguidas de notas apropriadas para o seu reconhecimento.

Sobre o espiritismo

I

Tenham confiança na bondade de Deus e sejam bastante esclarecidos para compreenderem os preparativos da nova vida que ele reserva para vocês. É verdade que não vos será permitido desfrutá-la nesta existência; mas, mesmo se não voltarem a viver neste globo, vocês não ficarão felizes em apreciar do alto a obra que começaram e que se desenvolverá sob os vossos olhos? Cubram-se com uma fé firme e sem hesitação contra os obstáculos que parecem se levantar contra o edifício no qual vocês puseram os fundamentos. As bases sobre as quais ele se assenta são sólidas: o Cristo colocou a primeira pedra nesta base. Então, tenham coragem, arquitetos do divino mestre! Trabalhem, edifiquem e Deus coroará a vossa obra. Mas, lembrem-se bem de que o Cristo nega que seja seu discípulo todo aquele que só tem a caridade

nos lábios. Não basta crer; é preciso sobretudo dar o exemplo da bondade, da gentileza e da abnegação, pois sem isso a vossa fé será infrutífera para vocês.

SANTO AGOSTINHO

II

O próprio Cristo preside aos trabalhos de toda natureza que estão sendo realizados para vos abrir a era de renovação e de aperfeiçoamento que os vossos guias espirituais predizem. Se, de fato, vocês lançarem os olhos sobre os acontecimentos contemporâneos, sem nenhuma hesitação, além das manifestações espíritas vocês reconhecerão os sinais precursores que vos provarão de uma maneira irrefutável que os tempos preditos já chegaram. As comunicações estão se estabelecendo entre todos os povos e, com as barreiras materiais sendo derrubadas, os obstáculos morais que se opõem à sua união, assim como os preconceitos políticos e religiosos desaparecerão rapidamente, e então o reino da fraternidade se estabelecerá afinal, de uma maneira sólida e durável. Observem que hoje os próprios soberanos, motivados por uma mão invisível — que coisa curiosa para vocês —, estão tomando a iniciativa das reformas; e as reformas que partem de cima e espontaneamente são muito mais rápidas e duráveis do que aquelas que partem de baixo e que são arrancadas à força. Eu já tinha previsto a época atual, apesar dos prejuízos da infância e da educação, apesar do culto à lembrança; por isso eu sou feliz e mais feliz ainda por vir vos dizer: Irmãos, coragem! Trabalhem por vocês e pelo futuro dos vossos; trabalhem sobretudo para o vosso melhoramento pessoal, e desfrutarão na vossa próxima existência de uma felicidade de que é tão difícil para vocês imaginarem, tanto quanto é para mim vos explicá-la.

CHATEAUBRIAND

III

Eu penso que o espiritismo é um estudo todo filosófico sobre as causas secretas, os movimentos interiores da alma até agora pouco ou nada definidos. Ele explica, mais ainda do que descobre, novos horizontes. A

reencarnação e as provas sofridas antes de chegar ao objetivo supremo não são revelações, mas sim uma confirmação importante. Fico impressionado com as verdades que esse **meio** esclarece. Digo **meio** intencionalmente pois, a meu ver, o espiritismo é uma alavanca que afasta as barreiras da cegueira. A preocupação com as questões morais está toda por ser criada; discute-se a política, que agita os interesses gerais; discutem-se os interesses particulares; apaixona-se pelo ataque ou pela defesa das personalidades; os sistemas têm seus partidários e seus detratores; mas as verdades morais — aquelas que são o pão da alma, o pão de vida — são abandonadas sob a poeira acumulada pelos séculos. Todos os aperfeiçoamentos são úteis aos olhos das multidões, exceto o da alma; sua educação e sua elevação não passam de quimeras boas quando muito para ocupar os lazes dos padres, dos poetas, das mulheres — seja como forma de moda, seja como forma de ensino.

Se o **espiritismo** ressuscitar o **espiritualismo**, então ele devolverá à sociedade o impulso que dá a uns a dignidade interior, a resignação aos outros e a todos a necessidade de se elevar para o Ser supremo esquecido e desconhecido pelas suas ingratas criaturas.

J.-J. ROUSSEAU

IV

Se Deus envia os Espíritos para instruir os homens, é para lhes esclarecer sobre os seus deveres, para lhes mostrar a rota que pode abreviar suas provações e assim adiantar o seu progresso. Ora, do mesmo modo que o fruto amadurece, também o homem chegará à perfeição. Porém, ao lado dos bons Espíritos que querem o vosso bem, existem igualmente os Espíritos imperfeitos que querem o vosso mal; enquanto uns vos empurram para frente, outros vos puxam para trás; é para distingui-los que vocês devem prestar toda a vossa atenção! O método é fácil: basta somente compreender que o que vem de um bom Espírito não pode prejudicar a quem quer que seja, e que tudo o que seja mal só pode vir de um Espírito mau. Se não escutarem os sábios conselhos dos Espíritos que vos querem bem, se vocês se ofenderem com as verdades que eles possam dizer, então é óbvio que são os maus

Espíritos que vos inspiram; só o orgulho pode impedir que vocês vejam quem realmente vocês são; mas se vocês mesmos não enxergarem isso, outros o enxergarão por vocês; de maneira que serão censurados tanto pelos homens, que riem de vocês por detrás, quanto pelos Espíritos.

UM ESPÍRITO FAMILIAR

V

Vossa doutrina é bela e santa; o primeiro marco está plantado — e solidamente plantado. Agora vocês só precisam caminhar; a estrada que vos é aberta é grande e majestosa. Bem-aventurado aquele que chegar ao porto; quanto mais ele fizer prosélitos, mais lhe será creditado. Mas para isso, não basta abraçar a doutrina friamente; é preciso ser com ardor e esse ardor será duplicado, pois Deus está convosco sempre que vocês fazem o bem. Todos aqueles que vocês atraírem serão outras tantas ovelhas devolvidas ao aprisco; pobres ovelhas quase perdidas! Tenham certeza de que o mais cético, o mais ateu, enfim, o mais incrédulo sempre tem um cantinho no coração que ele desejaria poder esconder de si mesmo. Pois bem! É esse cantinho que precisamos procurar, que precisamos encontrar; esse é o lado vulnerável que devemos atacar; é uma pequena brecha deixada aberta expressamente por Deus para facilitar à sua criatura o meio de voltar ao seu lar.

SÃO BENTO

VI

Não tenham medo de certos obstáculos, de certas controvérsias.

Não atormentem ninguém com qualquer insistência; a convicção só virá aos incrédulos pelo vosso desinteresse, pela vossa tolerância e pela vossa caridade para com todos — sem exceção.

Evitem principalmente violentar a opinião, mesmo por vossas palavras ou por demonstrações públicas. Quanto mais forem modestos, mais vocês serão apreciados. Que nenhum interesse pessoal vos faça agir, então vocês encontrarão na própria consciência uma força de atração que só o bem

proporciona.

Por ordem de Deus, os Espíritos trabalham pelo progresso de todos, sem exceção; vocês, espíritas, façam o mesmo.

SÃO LUÍS

VII

Qual é a instituição humana — mesmo divina — que não teve obstáculos a superar, e cismas contra as quais teve que lutar? Se vocês tivessem só uma existência triste e mórbida, ninguém vos atacaria, sabendo perfeitamente que haveriam de sucumbir de um momento para outro; mas como a vossa vitalidade é forte e ativa, como a árvore espírita tem raízes fortes, presume-se que ela poderá viver longo tempo, e então tentam golpeá-la. O que esses invejosos conseguirão? Eles cortarão no máximo alguns galhos, que renascerão com uma nova seiva e serão mais robustos do que nunca.

CHANNING

VIII

Falarei a vocês sobre a firmeza que devem ter nos vossos trabalhos espíritas. Uma citação sobre este assunto já vos foi feita; eu aconselho que estudem de coração e que apliquem a essência dela em vocês mesmos, porque serão perseguidos, da mesma forma que são Paulo, não em carne e em osso, mas sim em espírito; os incrédulos, os fariseus da atualidade, hão de vos acusar e vos ridicularizar; mas não temam nada: será uma prova que vos fortalecerá se souberem entregá-la a Deus, e vocês verão mais tarde os vossos esforços coroados pelo sucesso; será um grande triunfo para vocês no dia da eternidade, sem esquecer que isso já é um consolo neste mundo, para as pessoas que perderam parentes e amigos; saber que eles estão felizes e que podem se comunicar com eles é uma felicidade. Então, marchem adiante! Cumpram a missão que Deus vos dá e ela vos será creditada no dia em que comparecerem diante do Todo-Poderoso.

CHANNING

IX

Eu venho — eu, o teu Salvador e o teu juiz —, venho, como outrora entre os filhos transviados de Israel; venho trazer a verdade e dissipar as trevas. Escute-me! O espiritismo, como a minha palavra outrora, deve lembrar aos materialistas que acima deles reina a imutável verdade: Deus bom, o Deus grande que faz germinar a planta e que levanta as ondas. Eu revelei a doutrina divina; como o ceifador, juntei em feixes o bem esparso na humanidade e disse: Venham a mim, todos vocês que sofrem!

Mas os homens ingratos se desviaram do caminho reto e largo que conduz ao reino de meu Pai, e se perderam nas ásperas veredas da impiedade. Meu Pai não quer exterminar a raça humana; ele quer, não mais por meio dos profetas, não mais por meio de apóstolos, ele quer que vocês se ajudem, uns aos outros, mortos e vivos — isto é, mortos segundo a carne, pois a morte não existe —, que vocês se socorram, e que a voz dos que já não estão mais vivos continue sendo ouvida, para vos clamar: Orem e creiam! Pois a morte é a ressurreição, e a vida é a prova escolhida durante a qual vossas virtudes cultivadas devem crescer e se desenvolver como o cedro.

Creiam nas vozes que vos respondem: são as próprias almas dos que vocês evocam. Eu não me manifesto senão raramente; meus amigos, aqueles que assistiram à minha vida e à minha morte são os intérpretes divinos das vontades de meu Pai.

Homens fracos que acreditam no erro das vossas obscuras inteligências, não apaguem a chama que a clemência divina vos coloca nas mãos para alumiar a vossa estrada e reconduzi-los, filhos perdidos, ao regaço do Pai.

Em verdade eu vos digo, creiam na diversidade, na **multiplicidade** dos Espíritos que vos cercam. Estou muito tocado de compaixão pelas vossas misérias, pela vossa imensa fraqueza, o bastante para não deixar de estender a mão socorrista aos infelizes transviados que, vendo o céu, tombam no abismo do erro. Acreditem, amem, compreendam as verdades que vos são reveladas; não misturem o joio com o trigo e as teorias com as verdades.

Espíritas, amem-se! — este é o primeiro ensinamento; instruam-se! — eis o segundo. Todas as verdades se encontram no cristianismo; os erros que nele se enraizaram são de origem humana; eis que do além-túmulo, que vocês

achavam ser o nada, vozes vos clamam: Irmãos! Nada perece; Jesus Cristo é o vencedor do mal, sejam os vencedores da impiedade.

Nota – Esta comunicação, obtida por um dos melhores médiuns da sociedade espírita de Paris, foi assinada com um nome que o respeito não nos permite reproduzir senão com todas as precauções, tal seria a insigne graça da sua autenticidade, e porque muitas vezes se tem abusado desse nome em comunicações evidentemente falsas; esse nome é o de Jesus de Nazaré. Nós não duvidamos de modo algum que ele possa se manifestar, mas se os Espíritos verdadeiramente superiores não se manifestam a não ser em circunstâncias excepcionais, a razão nos proíbe de acreditar que o Espírito puro por excelência responda ao chamado do primeiro que apareça. Em todo caso, haveria profanação em lhe atribuir uma linguagem que não fosse digna dele.

É por estas considerações que sempre nos recusamos a publicar tudo o que traga esse nome, e nós acreditamos que ninguém seria demasiado cauteloso em publicações deste gênero, que só têm autenticidade para o amor-próprio, e cujo menor inconveniente é o de fornecer armas aos adversários do espiritismo.

Como temos dito, quanto mais os Espíritos sejam elevados na hierarquia, mais o nome deles deve ser recebido com desconfiança; seria preciso ser dotado de uma dose bem grande de orgulho para se vangloriar de ter o privilégio das comunicações dadas por eles, e para se considerar digno de conversar com eles como conversa com os semelhantes. Nesta última comunicação, notamos apenas uma coisa: a superioridade incontestável da linguagem e das ideias, deixando a cada um o cuidado de julgar por si mesmo se aquele de quem ela traz o nome a renegaria.⁷⁴

Sobre os médiuns

X

Todos os homens são médiuns; todos têm um Espírito que lhes dirige para o bem — quando eles sabem escutá-lo. Ora, que alguns se comuniquem

⁷⁴ Em *O Evangelho segundo o Espiritismo* (1864), também de Allan Kardec, encontramos no capítulo VI, item 5, uma comunicação intitulada “Advento do Espírito de Verdade” semelhante a esta mesma comunicação, salvo algumas pequenas modificações, e desta vez assinada por *O Espírito de Verdade*, então recebida em Paris e datada de 1860. Essa reprodução endossa a ideia de que Kardec continuou acreditando na autenticidade desta mensagem atribuída a *Jesus de Nazaré*, e ainda reforça a tese de que o próprio *Cristo* seja a entidade que normalmente assina como *Espírito de Verdade* (ou simplesmente *Espírito Verdade*), já que a referida mensagem reproduzida recebeu tal assinatura. — N. T.

diretamente com ele por uma mediunidade especial e que outros só o ouçam pela voz do coração e da inteligência, pouco importa: não deixa de ser o seu Espírito familiar quem lhes aconselha. Chamem-lhe espírito, razão ou inteligência; é sempre uma voz que responde à vossa alma e vos dita boas palavras. Só que nem sempre vocês as compreendem. Não são todos que sabem agir de acordo com os conselhos da razão — não daquela razão que antes se arrasta e rasteja em vez de caminhar, nem daquela razão que se perde no meio dos interesses materiais e grosseiros, mas sim desta razão que eleva o homem acima de si mesmo, que o transporta a regiões desconhecidas; chama sagrada que inspira o artista e o poeta, pensamento divino que eleva o filósofo, impulso que arrebatava os indivíduos e os povos, razão que o homem vulgar não pode compreender, mas que eleva o homem e o aproxima de Deus, mais do que qualquer outra criatura, entendimento que sabe conduzi-lo do conhecido ao desconhecido e lhe faz realizar as coisas mais sublimes. Portanto, escutem essa voz interior, esse bom gênio que vos fala sem cessar, e então chegarão progressivamente a ouvir o vosso anjo guardião, que vos estende as mãos do alto de céu; eu repito: a voz íntima que fala ao coração é a dos bons Espíritos, e é deste ponto de vista que todos os homens são médiuns.

CHANNING

XI

O dom da mediunidade é tão antigo quanto o mundo; os profetas eram médiuns; os mistérios de Elêusis⁷⁵ eram fundados na mediunidade; os Caldeus e os Assírios tinham médiuns; Sócrates era dirigido por um Espírito que lhe inspirava os admiráveis princípios da sua filosofia e ele ouvia a sua voz. Todos os povos tiveram seus médiuns, e as inspirações de Joana d’Arc não eram outras senão as vozes de Espíritos benfeitores que a guiavam. Esse dom que se espalha agora tornou-se mais raro nos séculos medievais, porém nunca cessou. Swedenborg⁷⁶ e seus adeptos tiveram uma numerosa escola. A

⁷⁵ Os mistérios de Elêusis, ou mistérios eleusinos: rituais de iniciação ao culto dos deuses agrícolas Demeter e Persêfone, na Antiga Grécia (equivalentes a Ceres e Proserpina, nos mitos Romanos). — N. T.

⁷⁶ Emanuel Swedenborg (1688-1772): polímata espiritualista sueco. — N. T.

França dos últimos séculos — zombadora e ocupada com uma filosofia que, querendo destruir os abusos da intolerância religiosa, extinguiu através do ridículo tudo o que era ideal — tinha que afastar o espiritismo que não parava de progredir no Norte. Deus permitiu essa luta das ideias positivas⁷⁷ contra as ideias espiritualistas, porque o fanatismo havia se transformado em uma arma dos espiritualistas; agora que o progresso da indústria e das ciências desenvolveu a arte do bem-estar a tal ponto que as tendências materiais se tornaram dominantes, Deus quer que os Espíritos sejam reconduzidos aos interesses da alma; ele quer que o aperfeiçoamento do homem moral se torne o que deve ser, quer dizer, a finalidade e o objetivo da vida. O Espírito humano segue em marcha necessária, imagem da graduação sofrida por tudo o que povoa o Universo visível e invisível; todo progresso chega na sua hora: a hora da elevação moral chegou para a humanidade; ela ainda não se completará nos vossos dias, mas agradeçam ao Senhor por assistirem a essa aurora bendita.

PIERRE JOUTY (pai do médium)

XII

Deus me encarregou de desempenhar uma missão junto aos crentes a quem ele favorece com o mediunato. Quanto mais graça eles recebem do Altíssimo mais eles correm perigos, e esses perigos são muito maiores porque partem dos próprios favores que Deus lhes concede. As faculdades de que os médiuns desfrutam atraem para eles os elogios dos homens; felicitações e adulações: eis o perigo para eles. Esses mesmos médiuns que deveriam sempre ter presente na memória a sua incapacidade primitiva a esquecem. E fazem mais: atribuem a seus próprios méritos aquilo que eles só devem a Deus. O que acontece então? Os bons Espíritos os abandonam e eles se tornam joguete dos maus, ficando sem bússola para se guiarem; quanto mais eles se

⁷⁷ O termo *positivo* aqui é um derivado da corrente filosófica materialista chamada de Positivismo, que propunha ordenar todo o conhecimento humana com base exclusivamente nas experiências científicas e, portanto, excluindo toda ideia metafísica, teológica e espiritualista. — N. T.

tornam capazes, mais ficam inclinados a se atribuírem um mérito que não lhes pertence, até que enfim Deus os puna, retirando-lhes uma aptidão que então pode ser fatal para eles.

Nunca será demais vos recomendar que se confiem ao vosso anjo guardião, para que ele vos ajude a estar sempre atentos contra o vosso mais cruel inimigo, que é o orgulho. Lembrem-se bem — vocês que têm a felicidade de ser os intérpretes entre os Espíritos e os homens — de que, sem o apoio do nosso divino mestre, vocês serão punidos mais severamente, porque vocês foram mais favorecidos.

Espero que esta comunicação dê seus frutos, e desejo que ela possa ajudar os médiuns a se manterem vigilantes contra a armadilha em que possam cair; essa armadilha, eu já disse, é o orgulho.

JOANA D'ARC

XIII

Quando quiserem receber comunicações de bons Espíritos, vocês devem se preparar para esse favor através do recolhimento, de saudáveis intenções e do desejo de fazer o bem à vista do progresso geral; então, lembrem-se de que o egoísmo é uma causa de atraso a todo progresso. Lembrem-se de que, se Deus permite que alguns dentre vocês recebam o sopro daqueles de seus filhos que, pela sua conduta, souberam merecer a felicidade de compreender sua infinita bondade, é que ele quer — por nossa solicitação e em vista das vossas boas intenções — vos dar os meios de avançar no seu caminho. Então assim, médiuns, aproveitem essa faculdade que Deus bem vos quis conceder. Tenham fé na mansidão do nosso mestre; tenham a caridade sempre em prática; não deixem jamais de praticar essa sublime virtude, assim como a tolerância. Que vossas ações estejam sempre em harmonia com a própria consciência, pois isso é um meio certo de centuplicar a vossa felicidade nessa vida passageira, assim como de vos preparar uma existência mil vezes ainda mais suave.

Que o médium dentre vós que não sentisse em si mesmo a força para perseverar no ensinamento espírita se abstenha; porque, não aproveitando a

luz que o ilumina, será menos desculpável do que qualquer outro, e deverá expiar a sua cegueira.

PASCAL

XIV

Hoje falarei a vocês sobre o desinteresse, que deve ser uma das qualidades essenciais nos médiuns, tanto quanto a modéstia e o devotamento. Deus lhes concedeu essa faculdade a fim de que eles ajudem a propagar a verdade, e não para fazerem dela um comércio. E, quanto a isso, não me refiro somente aos que pretendessem explorá-la como fariam com um talento qualquer, aos que se fizessem médiuns como outros se fazem dançarinos ou cantores; refiro-me também a todos que pretendessem se servir da faculdade com quaisquer fins interesseiros. Será racional crer que os Espíritos bons — e ainda menos os Espíritos superiores, que condenam a cobiça — consentam em se prestar a espetáculos e, como comparsas, se colocassem à disposição de um empresário de manifestações espíritas? Muito menos racional é supor que os Espíritos bons possam favorecer intenções do orgulho ou da ambição. Deus lhes permite se comunicar com os homens para tirá-los do lamaçal terrestre, e não para servirem de instrumentos às paixões mundanas. Logo, ele não pode ver com prazer aqueles que desviam do seu verdadeiro objetivo o dom que lhes concedeu, e eu vos asseguro que eles serão punidos, neste mundo mesmo, pelas mais amargas decepções.

DELFINA DE GIRARDIN

XV

Todos os médiuns são incontestavelmente chamados a servir à causa do espiritismo na medida de suas capacidades, mas são bem poucos os que não caem na armadilha do amor-próprio; essa é uma prova que raramente fica sem efeito. Assim, de cada cem médiuns, vocês dificilmente encontrarão um — por menor que seja — que, no início de sua mediunidade, não tenha se considerado chamado a obter coisas superiores e predestinado a grandes missões. Os que caem nessa vaidosa esperança — e o número deles é grande

— tornam-se inevitavelmente vítimas de Espíritos obsessores, que não tardam a subjugar-los, inflando o seu orgulho e lhes dominando pelo seu ponto fraco. Quanto mais quiserem se elevar, mais sua queda será ridícula, quando não desastrosa para eles. As grandes missões só são confiadas aos homens de elite, e Deus mesmo as coloca — e sem que eles procurem — no meio e na posição em que a cooperação deles possa ser eficaz. Nunca será demais recomendar aos médiuns inexperientes que desconfiem do que determinados Espíritos possam lhes dizer com relação ao suposto papel que eles são chamados a desempenhar, pois se eles o levarem a sério, só colherão desapontamentos nesse mundo, e um severo castigo no outro. Que fiquem bem convencidos de que, na esfera modesta e obscura onde se achem colocados, eles podem prestar grandes serviços, auxiliando a conversão dos incrédulos ou produzindo consolação aos aflitos; se tiverem que sair daí, eles serão conduzidos por uma mão invisível que preparará os caminhos, e serão colocados em evidência, por assim dizer, sem que eles saibam. Que eles se lembrem destas palavras: “Aquele que se exaltar será humilhado, e aquele que se humilhar será exaltado.”

O ESPÍRITO DE VERDADE

Sobre as sociedades espíritas

Nota – Dentre as comunicações seguintes, algumas foram dadas na *Sociedade parisiense de estudos espíritas* ou em sua intenção; outras, que nos foram transmitidas por diversos médiuns, contêm conselhos gerais sobre as associações, sua formação e os obstáculos que elas podem encontrar.

XVI

Por que não começam vossas sessões com uma evocação geral, um tipo de prece que predisponha ao recolhimento? Pois, fiquem sabendo, sem o recolhimento vocês só terão manifestações levianas; os bons Espíritos só vão aonde são chamados com fervor e sinceridade. Isso é o que não é bastante compreendido. Então, cabe a vocês dar o exemplo, a vocês que, se quiserem, poderão se tornar uma das colunas do edifício novo. Nós observamos os

vossos trabalhos com prazer e vos ajudamos, mas com a condição de que, da parte de vocês, também nos ajudem, e que se mostrem à altura da missão que foram chamados a cumprir. Portanto, formem uma equipe e vocês serão fortes, e os maus Espíritos não prevalecerão contra vocês. Deus ama os simples de espírito — o que não quer dizer os tolos —, mas aqueles que renunciam a si mesmos e que vêm a ele sem orgulho. Vocês podem se tornar um foco de luz para a humanidade; saibam, pois, distinguir o bom grão do joio; não semeiem além do trigo, e evitem espalhar o joio, pois o joio impedirá o trigo de germinar, e serão responsáveis por todo o mal que ele tenha feito; da mesma forma vocês serão responsáveis pelas doutrinas más que poderiam propagar. Lembrem-se de que um dia o mundo poderá ter o olho sobre vocês. Então, façam que nada apague o brilho das boas coisas que saírem do vosso meio; é por isso que nós vos recomendamos rogar a Deus que vos auxilie.

SANTO AGOSTINHO

Santo Agostinho, convidado a ditar uma fórmula de evocação geral, respondeu:

Vocês sabem que não há fórmula absoluta: Deus é grande demais para dar mais importância às palavras do que ao pensamento. Ora, não creiam que basta pronunciar algumas palavras para afastar os maus Espíritos; fujam sobretudo de utilizar uma dessas fórmulas banais que recitados por desengano da consciência; sua eficácia está na sinceridade do sentimento que a dita; ela está principalmente na unanimidade da intenção, pois nenhum daqueles que não se associasse a ela de coração não poderia se beneficiar dela, nem fazer que outros se beneficiassem. Então, escrevam-na vocês mesmos, e a enviem para mim, se quiserem, que eu vos ajudarei.

Nota – O seguinte modelo de evocação geral foi redigido com a assistência do Espírito que o completou em vários pontos:

“Rogamos a Deus Todo-Poderoso que nos envie bons Espíritos para nos ajudar, e para afastar aqueles que possam nos induzir ao erro; dá-nos a luz necessária para distinguir a verdade da impostura.

“Afasta também os Espíritos malvados que possam lançar a desunião entre nós ao suscitar a inveja, o orgulho e o ciúme. Se alguns deles tentarem se infiltrar

aqui, em nome de Deus nós pedimos que eles se retirem.

“Bons Espíritos que presidem nossos trabalhos, dignem-se de vir nos instruir e nos tornem dóceis aos vossos conselhos. Façam com que todo sentimento pessoal desapareça de nós, ante o pensamento do bem de todos.

“Pedimos particularmente a..., nosso protetor especial, que tenha a bondade de nos dar a sua assistência hoje.”

XVII

Meus amigos, deixem-me vos dizer um conselho, pois vocês marcham sobre um terreno novo, e se trilharem a rota que indicamos, vocês não vão se perder. Nós vos temos dito uma coisa muito verdadeira e que desejamos relembrar: que o espiritismo não é outra coisa senão uma moral, e que ele não deve sair nem um pouco dos limites da filosofia, se não quiser cair no domínio da curiosidade. Deixem de lado as questões da ciência: a missão dos Espíritos não é resolvê-las, poupando vossos trabalhos de pesquisas, mas sim procurar vos tornar melhores, porque é assim que vocês realmente progredirão.

SÃO LUÍS

XVIII

Zombaram das mesas girantes, mas nunca zombarão da filosofia, da sabedoria e da caridade que brilham nas comunicações sérias. Esse foi o vestibulo da ciência; é lá que, ao entrar, deve-se deixar os preconceitos, como onde se tira o casaco. Jamais seria demais convencê-los a fazer de vossas reuniões um centro sério. Que em outra parte se façam demonstrações físicas, **que em outra parte se observe, que em outra parte se ouça; mas, entre vocês, que se compreenda e que se ame.** O que vocês pensam ser aos olhos dos Espíritos superiores quando vocês fazem uma mesa girar ou levantar? Alunos! Por acaso o sábio passa o tempo a repetir o **abc** da ciência? Entretanto, vendo-os procurar comunicações sérias, consideram-nos como homens sérios em busca da verdade.

SÃO LUÍS

Tendo perguntado a São Luís se ele pretendia com essas palavras condenar as manifestações físicas, ele respondeu:

“Eu não poderia condenar as manifestações físicas, porque se elas têm o seu lugar, é com a permissão de Deus e para um objetivo útil. Ao dizer que elas foram o vestíbulo da ciência, eu estou atribuindo a elas a sua verdadeira categoria e confirmo a sua utilidade. Eu só condeno aqueles que fazem disso um objeto de divertimento e de curiosidade, sem tirar dessas manifestações o ensinamento que decorrem delas; elas são para a filosofia do espiritismo o que a gramática é para a literatura, e quem chegou a determinado grau numa ciência já não perde tempo repassando os elementos.”

XIX

Meus amigos e fiéis crentes, sinto-me feliz sempre que posso vos guiar pela estrada do bem; é uma doce missão que Deus me deu e da qual me orgulho, porque ser útil sempre é uma recompensa. Que o espírito de caridade vos reúna — tanto a caridade que dá, como a que ama. Mostrem-se pacientes perante as injúrias dos vossos detratores; sejam firmes no bem, e sobretudo sejam humildes diante de Deus, pois somente a humildade eleva: esta é a única grandeza que Deus reconhece. Só então os bons Espíritos virão a vocês, caso contrário os do mal se apossariam de vossa alma. Sejam benditos em nome do Criador e vocês crescerão aos olhos dos homens, ao mesmo tempo em que crescerão aos olhos de Deus.

SÃO LUÍS

XX

A união faz a força; então, estejam unidos, para serem fortes. O espiritismo germinou e plantou raízes profundas; ele vai estender sobre a terra seus ramos benditos. É preciso que se tornem invulneráveis contra os dardos envenenados da calúnia e da tenebrosa falange dos Espíritos ignorantes, egoístas e hipócritas. Para alcançar isso, que uma indulgência e uma benevolência recíprocas presidam as vossas relações; que os vossos defeitos passem despercebidos; que somente vossas qualidades sejam

notórias; que a chama da santa amizade reúna, ilumine e aqueça os vossos, e então vocês resistirão aos ataques impotentes do mal, como o rochedo inabalável à onda furiosa.

SÃO VICENTE DE PAULO

XXI

Meus amigos, vocês querem formar um grupo espírita e eu aprovo, pois os Espíritos não podem ver com satisfação os médiuns que se conservam no isolamento. Deus não lhes concedeu essa sublime faculdade para eles exclusivamente, mas sim para o bem de todos. Ao se comunicar com outros, eles têm mil oportunidades de se esclarecer sobre o mérito das comunicações que eles recebem, ao passo que isolados eles ficam muito mais sob o controle dos Espíritos mentirosos, que ficam contentes por não terem obstáculos. Isto é para vocês, e se não estiverem dominados pelo orgulho, então vocês compreenderão e disto se beneficiarão. Agora, aqui vai para os outros:

Vocês têm uma boa noção do que deve ser uma reunião espírita? Não, porque no vosso zelo vocês acham que o que há de melhor a fazer é reunir o maior número possível de pessoas a fim de convencê-las. Desenganem-se! Quanto menos forem, mais conseguirão. É principalmente pela ascendência moral que vocês conseguem atrair os incrédulos, muito mais do que pelos fenômenos que obtiverem; se atraírem só pelos fenômenos, todos virão vê-los só por curiosidade e vocês encontrarão curiosos que não acreditarão em vocês e que lhes zombarão de vocês. Se houver entre vocês somente pessoas dignas de estima, talvez muitos não acreditem imediatamente, mas lhes respeitarão, e o respeito sempre inspira a confiança. Vocês estão convencidos de que o espiritismo deve produzir uma reforma moral; então, que o vosso grupo seja o primeiro a dar exemplo das virtudes cristãs, pois nesta época de egoísmo, é nas sociedades espíritas que a verdadeira caridade deve encontrar refúgio.⁷⁸ Tal deve ser, meus amigos, uma reunião de verdadeiros espíritas.

⁷⁸ Nós conhecemos um senhor que foi aceito para um emprego de confiança numa casa importante porque ele era um espírita sincero, e porque acreditaram encontrar uma garantia de moralidade nas crenças desse homem.

De outra vez, eu vos darei mais conselhos.

FÉNELON

XXII

Vocês me perguntaram se a multiplicação dos grupos em uma mesma localidade não poderia causar rivalidades prejudiciais para a doutrina. Quanto a isso, responderei que aqueles que estiverem imbuídos dos verdadeiros princípios desta doutrina enxergarão irmãos em todos os espíritas, e não rivais; os que encarassem outros grupos com um olhar ciumento provariam que neles há uma segunda intenção com sentimento do egoísmo, e que não eles são guiados por amor à verdade. Eu vos afirmo que se essas pessoas estivessem entre vocês, elas logo semeariam aí a perturbação e a desunião. O verdadeiro espiritismo tem como emblema ***benevolência e caridade***, excluindo qualquer rivalidade que não seja a do bem que se possa fazer; todos os grupos que inscreverem na sua bandeira esse emblema poderão se estender as mãos como bons vizinhos, que não deixam de ser amigos por não morarem na mesma casa. Os que pretenderem ter os melhores Espíritos como guias deverão provar isso mostrando os melhores sentimentos; então, que haja luta entre eles, mas luta de grandeza de alma, de abnegação, de bondade e de humildade; quem atirasse pedra no outro provaria com isso que é influenciado por maus Espíritos. A natureza dos sentimentos que dois homens manifestem reciprocamente é a medida que revela a natureza dos Espíritos que os auxiliam.

FÉNELON

XXIII

O silêncio e o recolhimento são condições essenciais para todas as comunicações sérias. Vocês jamais obterão isso daqueles que fossem atraídos às vossas reuniões somente pela curiosidade; então, mandem os curiosos irem se divertir noutros lugares, pois a distração deles seria uma causa de problemas.

Vocês não devem tolerar nenhuma conversa enquanto os Espíritos estão sendo interrogados. Às vezes, existem comunicações que exigem de vocês

réplicas sérias, assim como respostas não menos sérias da parte dos Espíritos evocados, que — acreditem — ficam descontentes com cochichos constantes de certos participantes; daí em diante, nada de completo nem de verdadeiramente sério; até o médium que escreve, também ele, experimenta distrações muito prejudiciais ao seu ministério.

SÃO LUÍS

XXIV

Falarei da necessidade de observarem uma maior organização nas vossas sessões, isto é, de evitarem toda confusão e toda divergência de ideias. A divergência favorece a entrada dos Espíritos maus no lugar dos bons, e quase sempre eles são os primeiros que se apoderam das questões propostas. Por outro lado, em uma reunião composta por elementos diversos e desconhecidos uns dos outros, como evitar as ideias contraditórias, a distração, ou — pior ainda — uma indiferença vaga e zombeteira? Quisera eu encontrar esse meio eficaz e certo. Talvez ele esteja na concentração dos fluidos esparsos em torno dos médiuns. Só eles, mas sobretudo os que são estimados, seguram os bons Espíritos na assembleia. Porém, a influência deles mal é suficiente para dissipar a turba dos Espíritos levianos. O trabalho de revisão das comunicações é excelente; nunca será demais aprofundar as questões e principalmente as respostas; o erro é fácil, mesmo para os Espíritos animados das melhores intenções; a lentidão da escrita, durante a qual o Espírito foge do assunto que ele esgota logo que o concebeu, a instabilidade e a indiferença para com certas formas estabelecidas, todas essas razões e muitas outras criam para vocês o dever de só depositar uma limitada confiança, e sempre subordinada à revisão — mesmo quando se trate das comunicações mais autênticas.

JORGE (*Espírito Familiar*)

XXV

Com que propósito na maioria das vezes vocês pedem comunicações aos Espíritos? Para ter belos trechos que vocês exibem aos vossos conhecidos

como amostras do nosso talento; então vocês as conservam preciosamente nos álbuns, mas no vosso coração não há lugar para elas. Por acaso vocês acham que nós ficamos muito lisonjeados por comparecer nas vossas assembleias como se estivéssemos num concurso, e gastar eloquência para que vocês possam dizer que a sessão foi muito interessante? O que lhes resta quando encontram uma comunicação admirável? Acham que nós viemos buscar vossos aplausos? Desenganem-se! Nós não gostamos de diverti-los mais de um modo do que doutro; da parte de vocês, ainda é a curiosidade que dissimulam em vão; nosso propósito é vos tornar melhores. Ora, quando vemos que as nossas palavras não produzem nenhum fruto, e que da parte de vocês tudo se resume numa estéril aprovação, então nós vamos procurar almas mais dóceis; com isso nós deixamos vir no nosso lugar os Espíritos que não querem mais do que falar, e nunca faltam. Vocês se admiram de que nós os deixamos usar nossos nomes; mas, já que ele não vale nem mais nem menos par vocês, que importa? Fiquem sabendo, porém, que não o permitimos em relação a àqueles por quem realmente nos interessamos, ou seja, aqueles que não nos fazem perder tempo; esses são os nossos preferidos, e nós os preservamos da mentira. Portanto, não culpem senão a vocês mesmos se são tão frequentemente enganados. Para nós, o homem sério não é aquele que se abstém de rir, mas aquele cujo coração é afetado por nossas palavras, aquele que as medita e tira proveito delas. (Veja o item 268, questões 19 e 20.)

MASSILLON

XXVI

O espiritismo deverá ser uma égide contra o espírito de discórdia e de dissensão; mas esse Espírito vem desde todos os tempos empunhando sua tocha sobre os humanos, porque ele tem ciúmes da felicidade que a paz e a união proporcionam. Espíritas, esse espírito pode facilmente penetrar nas vossas assembleias e aí, não duvidem, ele procurará semear a desafeição; mas ele será impotente contra os que são motivados pela verdadeira caridade. Pois então, estejam em guarda e vigiem sem cessar à porta do coração, como à das vossas reuniões, para não deixar o inimigo penetrá-la. Se vossos esforços

forem inúteis contra o de fora, sempre dependerá de vocês lhe impedir o acesso em vossa alma. Se surgirem discórdias entre vocês, elas só poderão ter sido inspiradas por maus Espíritos; então, que aqueles que tiverem no mais alto grau o sentimento dos deveres, exigidos pela urbanidade e pelo espiritismo verdadeiro, se mostrem mais pacientes, mais dignos e mais decentes; os bons Espíritos algumas vezes podem permitir essas lutas para fornecer aos bons e aos maus sentimentos a oportunidade de se revelar, a fim de se separar o trigo do joio, e eles estarão sempre do lado onde houver mais humildade e verdadeira caridade.

SÃO VICENTE DE PAULO

XXVII

Repulsem implacavelmente todos esses Espíritos que pretendem ser os únicos a dar conselhos, pregando a divisão e o isolamento. São quase sempre Espíritos vaidosos e medíocres, que tendem a se impor aos homens fracos e crédulos, esbanjando-os elogios exagerados, a fim de lhes fascinar e tê-los sob sua dominação. Geralmente são Espíritos sedentos de poder, que — como eram tiranos, públicos ou particulares, quando eram vivos — ainda querem fazer vítimas para tiranizar depois da morte. Em geral, desconfiem de comunicações que tragam um caráter de misticismo e de estranheza, ou que recomendem cerimônias e atos bizarros; nesses casos, sempre há um motivo legítimo de suspeita.

Por outro lado, acreditem que quando uma verdade deva ser revelada à humanidade, ela é comunicada — por assim dizer — instantaneamente em todos os grupos sérios que disponham de médiuns sérios, e não a estes ou aqueles, com exclusão dos demais. Ninguém é um médium perfeito se estiver obsidiado, e há uma evidente obsessão quando um médium só é apto a receber comunicações de um determinado Espírito, por mais alto que este procure se colocar. Como consequência disso, qualquer médium ou qualquer grupo que se considere privilegiado de comunicações que só ele pode receber, e que, por outro lado, esteja sujeito a práticas que beiram a superstição, sem dúvidas estão sob a influência de uma das obsessões mais bem caracterizadas, sobretudo quando o Espírito dominador se cobre com um nome que todos —

Espíritos e encarnados — devemos honrar e respeitar, e não consentir que seja profanado sob nenhum propósito.

É incontestável que, ao submeter ao crivo da razão e da lógica todos os ditados e todas as comunicações dos Espíritos, será fácil repelir o absurdo e o erro. Um médium pode ser fascinado, um grupo pode ser mistificado; mas o controle severo dos outros grupos, o conhecimento adquirido e a alta autoridade moral dos diretores de grupos, mais as comunicações dos principais médiuns que recebam um cunho de lógica e de autenticidade dos melhores Espíritos, então, rapidamente farão justiça a esses ditados mentirosos e astuciosos emanados de uma turba de Espíritos enganadores e malignos.

ERASTO (discípulo de são Paulo)

Nota - Uma das características marcantes desses Espíritos que querem se impor e fazer que aceitem suas ideias bizarras e sistemáticas é a de afirmar — mesmo que sejam os únicos com tal opinião — ter razão contra todo mundo, A tática deles consiste em evitar a discussão, e quando se veem vitoriosamente combatidos com as armas irresistíveis da lógica, eles se recusam desdenhosamente a responder, e recomendam a seus médiuns que se afastem dos centros onde suas ideias não são aceitas. Esse isolamento é o que há de mais fatal para os médiuns, porque, sem contrapeso, eles sofrem o jugo desses Espíritos obsessores que os conduzem, como cegos, e os levam frequentemente aos caminhos perniciosos.

XXVIII

Os falsos profetas não estão apenas entre os encarnados; eles estão também — e em número muito maior — entre os Espíritos orgulhosos que, sob falsas aparências de amor e de caridade, semeiam a desunião e retardam a obra emancipadora da humanidade, lançando através de sistemas absurdos que fazem aceitar pelos seus médiuns. E, para melhor fascinar os que eles querem enganar, para dar mais peso às suas teorias, eles inescrupulosamente tomam nomes que os homens só pronunciavam com muito respeito, tais como os de santos justamente venerados, o de Jesus, o de Maria e até o de Deus.

São eles que espalham o fermento do antagonismo entre os grupos, que os impõe a se isolarem uns dos outros e a se olharem com antipatia. Só isso

bastaria para desmascará-los, pois agindo assim eles próprios dão o mais formal desmentido ao que pretendem ser. Portanto, cegos são os homens que se deixam cair em uma armadilha tão grosseira.

Mas há muitos outros meios de reconhecê-los. Espíritos da ordem a que eles dizem pertencer devem ser não só bons, mas também eminentemente lógicos e racionais. Pois bem! Submetam suas teorias pela peneira da razão e do bom senso e vocês verão o que restará. Então, convenham comigo em que todas as vezes que um Espírito indica como remédio aos males da humanidade, ou como meio de chegar à sua transformação, coisas utópicas e impraticáveis, providências infantis e ridículas; e formula um sistema contradito pelas mais simples noções da ciência, então esse Espírito não pode ser mais do que um ignorante e mentiroso.

De outra forma, tenham a certeza de que se a verdade nem sempre é apreciada pelos indivíduos, sempre é apreciada pelo bom senso das massas, e isso é mais um critério. Se dois princípios se contradizem, vocês têm a medida do valor intrínseco deles ao procurar aquele que encontra mais aceitação e simpatia; de fato, seria ilógico admitir que uma doutrina que visse diminuir o número de seus partidários fosse mais verdadeira do que aquela outra que vê seus adeptos aumentarem. Deus, querendo que a verdade chegue a todos, não a confina num círculo estreito e restrito: ele a faz surgir em diferentes pontos, a fim de que, em toda parte, a luz esteja ao lado das trevas.

ERASTO

Nota – A melhor garantia de que um princípio é a expressão da verdade é quando ele é ensinado e revelado por diferentes Espíritos, através de médiuns desconhecidos uns dos outros e em lugares vários, e, além disso, quando é confirmado pela razão e sancionado pela adesão da maioria. Só a verdade pode dar raízes a uma doutrina; um sistema errôneo bem pode recrutar alguns aderentes; mas como lhe falta a primeira condição de vitalidade, ele tem uma existência efêmera. É por isso que não há motivo para se inquietar com isso: ele se destrói por seus próprios erros e tombará inevitavelmente diante da arma poderosa da lógica.

Comunicações apócrifas

Há muitas comunicações tão absurdas que, embora assinadas com os mais

respeitáveis nomes, o senso comum mais simples já demonstra a sua falsidade; mas existem algumas delas em que o erro fica dissimulado por baixo de coisas boas que criam a ilusão e às vezes impedem de pegá-lo à primeira vista; no entanto, elas não podem resistir a um exame sério. Vamos citar algumas delas aqui, como amostra.⁷⁹

XXIX

A criação perpétua e incessante dos mundos é para Deus como um prazer perpétuo, porque ele vê incessantemente seus raios se tornarem cada dia mais luminosos em felicidade. Não há número para Deus, também não há tempo. Eis por que centenas ou milhares não são nem mais nem menos para ele. É um pai, cuja felicidade é formada pela felicidade coletiva dos seus filhos, e a cada segundo da criação ele vê uma nova felicidade vir se fundir na felicidade geral. Não há parada nem suspensão nesse movimento perpétuo, nessa grande alegria incessante que fecunda a terra e o céu. Do mundo, não se conhece mais do que uma pequena fração, e vocês têm irmãos que vivem nas latitudes aonde o homem ainda não chegou a penetrar. O que significam esse calor de torrar e esse frio mortal que detêm os esforços dos mais ousados? Vocês acham simplesmente que aí seja o limite do vosso mundo, quando não podem mais avançar com os vossos insignificantes recursos? Poderiam então medir exatamente o vosso planeta? Não creiam isso! Há sobre o vosso planeta mais lugares ignorados do que lugares conhecidos. Porém, como é inútil propagar ainda mais todas as vossas instituições más, todas as vossas leis más, ações e existências, há um limite que vos detém aqui e ali, e que vos deterá até que tenham de transportar as boas sementes que tem feito o vosso livre-arbítrio. Oh, não! Vocês não conhecem esse mundo que chamam de Terra. Vocês verão na vossa existência um grande começo de provas desta comunicação. Eis que vai soar a hora em que haverá outra descoberta além da última que foi feita; eis que se alargará o círculo da vossa Terra conhecida, e quando toda a imprensa cantar esse Hosana em todas as línguas, vocês,

⁷⁹ Destacaremos com uma cor mais avermelhada estas comunicações apócrifas, para diferenciá-las daquelas sancionadas pelo bom senso de Allan Kardec. — N. T.

pobres filhos, que amam a Deus e que procuram a sua voz, vocês saberão antes daqueles mesmos que darão seu nome à nova Terra.

VICENTE DE PAULO

Nota – Do ponto de vista do estilo, esta comunicação não resiste à crítica; as incorreções, os pleonasmos e as voltas viciosas saltando aos olhos de qualquer, por menos letrado que seja; mas isso não provaria nada contra o nome com o qual a mensagem está assinada, visto que essas imperfeições poderiam decorrer da incapacidade do médium — conforme já demonstramos. O que de fato é do Espírito é a ideia; ora, quando ele diz que há sobre o nosso planeta mais lugares ignorados do que lugares conhecidos, que um novo continente vai ser descoberto, isso é — para um Espírito que diz superior — dar prova da mais profunda ignorância. Sem dúvida, podemos descobrir para além das regiões glaciais alguns cantos de terra desconhecidos, mas dizer que essas terras são povoadas e que Deus as escondeu dos homens a fim de que eles não levem para lá suas más instituições, isso é ter fé demais na confiança cega daqueles que recebem semelhantes absurdos.

XXX

Meus filhos, nosso mundo material e o mundo espiritual — que tão poucos ainda conhecem — formam como que dois pratos da balança perpétua. Até aqui, nossas religiões, nossas leis, nossos costumes e as nossas paixões têm feito tanto o prato do mal inclinar para subir o do bem que então vemos o mal reinar soberano sobre a Terra. Desde os séculos, é sempre a mesma queixa que se exala da boca do homem, e a conclusão fatal é a injustiça de Deus. Há mesmo os que vão até a negação da existência de Deus. Vocês veem tudo aqui e nada lá; veem o supérfluo que atinge a necessidade, o ouro que brilha junto da lama; todos os mais chocantes contrastes que deveriam vos provar a dupla natureza de vocês. Donde vem isto? De quem é a culpa? Eis o que é preciso procurar com tranquilidade e com imparcialidade; quando sinceramente desejamos encontrar um bom remédio, nós o encontramos. Pois bem! Malgrado essa dominação do mal sobre o bem — por vossa própria culpa — por que não vocês enxergam o restante seguindo direito pela linha traçada por Deus? Veem as estações se desarranjarem? O calor e o frio se

colidirem inconsideradamente? Por acaso a luz do Sol se esquecer de iluminar a Terra? A terra esquecer em seu seio as sementes que o homem ali depositou? Veem a interrupção dos mil milagres perpétuos que se produzem sob os nossos olhos, desde o nascimento do arbusto até o nascimento da criança, o futuro homem? Mas, como tudo vai bem do lado de Deus, tudo vai mal do lado do homem. Qual é o remédio para isso? É muito simples: aproximarem-se de Deus, amarem-se, unirem-se, entenderem-se e seguirem tranquilamente a rota da qual nós vemos as sinalizações com os olhos da fé e da consciência.

VICENTE DE PAULO

Nota – Esta comunicação foi obtida no mesmo círculo; mas quanta diferença com relação à anterior, não só pelas ideias, mas também pelo estilo! Tudo nela é justo, profundo, sensato e certamente são Vicente de Paulo não a negaria, pelo que nós podemos — sem receio — lhe atribuir esta mensagem.

XXXI

Vamos, filhos, fechem vossas fileiras! Quero dizer, que vossa boa união faça a vossa força. Vocês que trabalham na fundação do grande edifício, vigiem e trabalhem sempre para lhe consolidar a sua base, e então poderão subir bem alto, bem alto! A progressão é imensa sobre todo o nosso globo; uma quantidade inumerável de prosélitos se enfileira sob a nossa bandeira; muitos cépticos e até dos mais incrédulos também estão se aproximando, se aproximando também.

Vão, filhos; marchem com o coração elevado, cheio de fé; a rota que percorrem é bela; não se esmoreçam; sigam sempre a linha reta, sirvam de guias aos que vêm atrás de vocês, eles serão felizes, muito felizes!

Marchem, filhos; vocês não precisam da força das baionetas para sustentar a vossa causa, vocês não precisam de nada além de fé; a crença, a fraternidade e a união, eis as vossas armas; com elas vocês são fortes, mais poderosos do que todos os grandes potentados do Universo reunidos, apesar de suas forças vivas, de suas frotas, de seus canhões e de sua metralha!

Vocês que combatem pela liberdade dos povos e a regeneração da

grande família humana, vão, filhos, coragem e perseverança, Deus vos ajudará. Boa noite; adeus.

NAPOLEÃO

Nota – Durante a sua vida, Napoleão⁸⁰ era um homem grave e sério, como jamais existiu alguém assim; todo mundo conhece seu estilo breve e conciso. Teria ele estranhamente degenerado se, após sua morte, ele tivesse se tornado falador e burlesco. Esta comunicação talvez seja do Espírito de algum soldado que se chamava Napoleão.

XXXII

Não, não se pode mudar de religião quando não se tem uma que possa satisfazer ao mesmo tempo ao senso comum e à inteligência que se tem, e que possa sobretudo dar ao homem consolações presentes. Não, não se muda de religião, cai-se da inépcia e da dominação na sabedoria e na liberdade. Vão, vão, nosso pequeno exército! Vão e não temam as balas inimigas: as que devem lhes matar ainda não foram feitas, se estiverem do fundo do coração sempre na senda de Deus, quer dizer, se quiserem sempre combater pacificamente e vitoriosamente pelo bem-estar e pela liberdade.

VICENTE DE PAULO

Nota – Quem reconheceria são Vicente de Paulo por esta linguagem e por estes pensamentos desconexos e desprovidos de senso? Que significam estas palavras: Não, não se muda de religião, cai-se da inépcia e da dominação na sabedoria e na liberdade? Com as suas balas, que ainda não estão feitas, nós suspeitamos fortemente que esse Espírito é o mesmo que aquele que acima se assinou *Napoleão*.

XXXIII

Filhos da minha fé, cristãos da minha doutrina esquecida pelos interesses das ondas da filosofia dos materialistas, sigam-me no caminho da Judeia, sigam a paixão da minha vida, contemplem meus inimigos agora, vejam os meus sofrimentos, meus tormentos e meu sangue derramado pela

⁸⁰ Referência a Napoleão Bonaparte (1769-1821), célebre imperador francês — N. T.

minha fé.

Filhos, espiritualistas da minha nova doutrina, estejam prontos a suportar, a enfrentar as ondas da adversidade, os sarcasmos dos vossos inimigos. A fé caminhará sem cessar seguindo a vossa estrela, que vos conduzirá ao caminho da felicidade eterna, tal como a estrela conduziu pela fé os magos do Oriente à manjedoura. Quaisquer que sejam vossas adversidades, quaisquer que sejam vossas penas e as lágrimas que tiverem derramado nesta esfera de exílio, tomem coragem, fiquem certos de que a alegria que vos inundará no mundo dos Espíritos estará muito acima dos tormentos da vossa existência passageira. O vale de lágrimas é um vale que há de desaparecer para dar lugar à brilhante morada de alegria, de fraternidade e de união, aonde chegarão pela vossa boa obediência à santa revelação. A vida, meus caros irmãos desta esfera terrestre, toda preparatória, não pode durar senão o tempo necessário para se viver bem-preparado para essa vida que não poderá jamais acabar. Amem-se, amem-se como eu vos amei e como amo ainda; irmãos, coragem, irmãos! Eu lhes abençoo; no céu espero por vocês.

JESUS

Dessas brilhantes e luminosas regiões onde o pensamento humano mal pode chegar, o eco de vossas palavras e das minhas veio tocar o meu coração.

Oh! De que alegria me sinto inundado ao vê-los, vocês, os continuadores da minha doutrina. Não, nada se compara ao testemunho dos vossos bons pensamentos! Vocês veem, filhos, a ideia regeneradora lançada por mim outrora no mundo, perseguida, detida um momento sob a pressão dos tiranos, vai desde agora sem obstáculos, iluminando os caminhos da humanidade por tanto tempo mergulhada nas trevas.

Todo grande e desinteressado sacrifício, meus filhos, cedo ou tarde deu seis frutos. Meu martírio vos provou isso; meu sangue derramado pela minha doutrina salvará a humanidade e apagará as faltas dos grandes culpados!

Sejam benditos, vocês que hoje tomam lugar na família regenerada! Vão, coragem, filhos!

JESUS

Nota – Não há, sem dúvida, nada de mau nestas duas comunicações; porém,

alguma vez o Cristo teve essa linguagem pretensiosa, enfática e grandiloquente? Quem as comparar com aquela que nós citamos lá atrás⁸¹ e que traz o mesmo nome então verá de que lado está a marca da autenticidade.

Todas estas comunicações foram obtidas no mesmo círculo. Nota-se no estilo um ar familiar, de rodeio de frases idêntico, as mesmas expressões repetidas com frequência, como, por exemplo, *vão, vão, filhos* etc., do que podemos concluir que é o mesmo Espírito que ditou todas elas sob nomes diferentes. Entretanto, nesse círculo — muito consciencioso, aliás, mas um tanto crédulo demais — não se fazia nem evocações nem perguntas; esperava-se todas as comunicações espontâneas — e nós vemos que isso certamente não é nenhuma garantia de identidade. Com algumas perguntas um pouco insistentes e carregadas de lógica, facilmente teríamos recolocado esse Espírito no seu lugar; mas ele sabia que não tinha nada a temer, pois não lhe perguntavam nada, e aceitavam sem questionamento, e de olhos fechados, tudo o que ele dizia. (Veja o item 269.)

XXXIV

Como é bela a natureza! Como a Providência é prudente na sua previdência! Mas vossa cegueira e vossas paixões humanas impedem que tirem paciência na prudência e na bondade de Deus. Vocês se lamentam da menor nuvem, do menor atraso nas vossas previsões; saibam bem, impacientes duvidosos, que nada acontece sem um motivo sempre previsto, sempre premeditado em proveito de todos. A razão do que precede é, homens de temores hipócritas, para reduzir a nada todas as vossas previsões de ano mau para as vossas colheitas.

Deus muitas vezes inspira a inquietação do futuro nos homens para lhes induzir à previdência; e vejam como são grandes os meios para aperfeiçoar vossos temores semeados de propósito, e que na maioria das muitas vezes ocultam pensamentos mais gananciosos do que uma ideia de cautelosa provisão inspirada por um sentimento de humanidade em favor dos pequenos. Vejam as relações de nações a nações que resultarão daí; vejam quantas transações deverão surgir; quantos meios virão contribuir para reprimir os vossos temores! Então, como sabem, tudo se encadeia; por isso,

⁸¹ Veja a dissertação IX. — N. T.

grandes e pequenos virão à obra.

Então, vocês não veem já em todo esse movimento uma fonte de um certo bem-estar para a classe mais trabalhadora dos Estados, classe verdadeiramente interessante que vocês, os grandes, vocês, os onipotentes dessa terra, consideram como gente manipulável à vontade, criada para as vossas satisfações?

Pois, o que acontece depois de todo esse vaivém de um polo a outro? É que, uma vez bem providos, muitas vezes esse tempo mudou; o Sol, obedecendo ao pensamento de seu criador, amadureceu em alguns dias as vossas colheitas; Deus pôs a abundância onde a vossa cobiça meditava sobre a escassez e, apesar de vocês, os pequenos poderão viver; e sem suspeitarem disso, vocês foram involuntariamente a causa de uma abundância.

Entretanto, acontece — Deus assim permitir algumas vezes — que os maus consigam êxito em seus projetos traiçoeiros; mas então é um ensinamento que Deus quer dar a todos; é a providência humana que ele quer estimular; é a ordem infinita que reina na natureza, é a coragem contra os eventos que os homens devem imitar, que devem suportar com resignação.

Quanto aos que, por interesse, se aproveitam dos desastres, podem crer, eles serão punidos por isso. Deus quer que todos os seus seres vivam; o homem não deve brincar com a necessidade, nem traficar com o supérfluo. Justo em seus benefícios, grande na sua demência, demasiado bom para com a nossa ingratidão, Deus, em seus desígnios, é impenetrável.

BOSSUET. ALFREDO DE MARIGNAC

Nota – Esta comunicação certamente nada contém de mau; traz até ideias filosóficas profundas e conselhos muito sábios que, quanto à identidade do autor, poderiam confundir as pessoas pouco versadas em literatura. O médium que a obteve então a submeteu ao exame da sociedade espírita de Paris, e a voz unânime foi para declarar que tal comunicação não podia ser de Bossuet. Consultado, são Luís respondeu: “Esta comunicação por si mesma é boa, mas não acreditem que tenha sido Bossuet quem a tenha ditado. Um Espírito a escreveu, talvez um pouco sob a inspiração dele, e assinou em baixo o nome do grande bispo para torná-la mais facilmente aceitável; mas, pela linguagem vocês devem reconhecer a substituição. Ela é do Espírito que colocou o nome após o de Bossuet.” Interrogado sobre o motivo que

o levara a agir assim, esse Espírito disse: Eu desejava escrever alguma coisa a fim de ser lembrado pelos homens; vendo que era fraco, eu quis me valer do prestígio de um grande nome. — Mas não lhe ocorreu que nós reconheceríamos que ela não poderia ser de Bossuet? — Quem sabe lá, ao certo? Vocês poderiam se enganar. Outros menos esclarecidos a teriam aceitado.

Na verdade, a facilidade com a qual algumas pessoas aceitam aquilo que vem do mundo invisível sob o manto de um grande nome é o que encoraja os Espíritos enganadores. É para frustrar as artimanhas destes que devemos prestar toda a nossa atenção, e nós só conseguiremos isso com a ajuda da experiência adquirida através de um estudo sério. Por isso, repetirmos sem cessar: Estudem, antes de praticar, pois este é o único meio de não adquirir experiência às próprias custas.

CAPÍTULO XXXII

VOCABULÁRIO ESPÍRITA

Nota do tradutor: a ordem dos vocábulos aqui segue a sequência alfabética do nosso idioma português e, por conta disso, não corresponde exatamente à sequência original. Colocamos em colchete os termos originais equivalentes ao vocabulário em francês.

Agênere [Agénère] (do grego *a*, privativo, e *géné*, *génomai*, gerar; que não foi gerado): Variedade da aparição tangível; estado de certos Espíritos que podem revestir temporariamente as formas de uma pessoa viva, ao ponto de produzir completamente uma ilusão.

Batedor [Frappeur]: Qualidade de certos Espíritos. Os Espíritos batedores são aqueles que revelam sua presença através de batidas e de ruídos de diversos tipos.

Erraticidade [Erraticité]: Estado dos Espíritos errantes, ou erráticos, quer dizer, não encarnados, durante o intervalo de suas existências corporais.

Espírita [Spirite]: O que se refere ao espiritismo; adepto do espiritismo; aquele que crê nas manifestações dos Espíritos. *Um bom, um mau espírita; a doutrina espírita.*

Espiritismo [Spiritisme]: Doutrina fundada sobre a crença na existência dos Espíritos e em suas manifestações.

Espiritista [Spiritiste]: Esta palavra, empregada a princípio para designar os adeptos do espiritismo, não foi consagrada pelo uso; o termo *espírita* prevaleceu.

Espírito [Esprit]: No sentido especial da doutrina espírita, *os Espíritos são os seres inteligentes da criação, que povoam o Universo fora do mundo material, e que formam o mundo invisível.* Não são seres de uma criação especial, mas as almas daqueles que viveram na Terra ou nas outras esferas, e que deixaram o seu invólucro corporal.

Espiritualismo [Spiritualisme]: Diz-se no sentido oposto ao de materialismo (sentido

acadêmico); crença na existência da alma espiritual e imaterial. ***O espiritualismo é a base de todas as religiões.***

Espiritualista [Spiritualiste]: O que se refere ao espiritualismo; partidário do espiritualismo. Qualquer um que acredite que nem tudo em nós seja matéria é um ***espiritualista***, o que não implica de modo algum na crença nas manifestações dos Espíritos. Todo ***espírita*** é necessariamente um ***espiritualista***, mas é possível ser ***espiritualista*** sem ser ***espírita***; o ***materialista*** não é nem um nem o outro. Diz-se: a filosofia ***espiritualista***. — Uma obra escrita segundo as ideias ***espiritualistas***. — As manifestações ***espíritas*** são produzidas pela ação dos Espíritos sobre a matéria. — A moral ***espírita*** decorre do ensino dado pelos Espíritos. — Há ***espiritualistas*** que zombam das crenças ***espíritas***.

Nestes exemplos, a substituição da palavra ***espiritualista*** pelo termo ***espírita*** produziria uma evidente confusão.

Estereótipo [Stéréotite]: (do grego *stéréos*, sólido) — Qualidade das aparições tangíveis.

Medianímico [Médianimique]: Qualidade da potência dos médiuns. ***Faculdade medianímica.***

Medianimidade [Médianimité]: Faculdade dos médiuns. Sinônimo de ***mediunidade***. Estas duas palavras muitas vezes são empregadas indiferentemente; se quiséssemos fazer uma distinção, poderíamos dizer que ***mediunidade*** tem um sentido mais amplo e ***medianimidade*** um sentido mais restrito. Ele tem o dom de ***mediunidade***. ***A medianimidade mecânica.***

Médium [Médium] (do latim *medium*, meio, intermediário.): Pessoa que pode servir de intermediária entre os Espíritos e os homens.

Mediunato [Médiumat]: Missão providencial dos médiuns. Esta palavra foi criada pelos Espíritos (Veja cap. XXXI, comunicação XII.)

Mediunidade [Médiumnité]: Veja: **Medianimidade**.

Perispírito [Périsprit] (do grego *péri*, entorno): Envoltório semimaterial do Espírito. Nos encarnados, serve de ligação ou de intermediário entre o Espírito e a matéria; nos Espíritos errantes, ele constitui o corpo fluídico do Espírito.

Pneumatofonia [Pneumatophonie] (do grego *pneuma* e *phoné*, som ou voz.): Voz dos Espíritos; comunicação oral dos Espíritos sem o auxílio da voz humana.

Pneumatografia [Pneumatographie] (do grego *pneuma*, ar, sopro, vento, espírito, e *graphó*, escrita): Escrita direta dos Espíritos sem o auxílio da mão de um médium.

Psicofonia [Psychophonie]: Comunicação dos Espíritos pela voz de um médium falante.

Psicografia [Psychographie]: Escrita dos Espíritos pela mão de um médium.

Psicógrafo [Psychographe] (do grego *psiké*, borboleta, alma, e *graphó*, escrita): Aquele que faz psicografia; médium escrevente.

Reencarnação [Réincarnation]: Retorno do Espírito à vida corpórea, pluralidade das existências.

Sematologia [Sématologie] (do grego *sema*, sinal, e *logos*, discurso): Linguagem dos sinais. Comunicação dos Espíritos pelo movimento dos corpos inertes.

Tiptologia [Typtologie] (do grego *tipto*, bater): Linguagem por batidas; modo de comunicação dos Espíritos. **Tiptologia alfabética**.

Tiptólogo [Typteur]: Variedade de médiuns aptos à tiptologia. **Médium tiptólogo**.

Participe do curso online
KLM – Estudo de *O Livro dos Médiuns*
promovido pela
PEADE – Plataforma de Estudos Avançados da Doutrina Espírita



www.luzespirita.org.br/peade

